

The background of the book cover is a photograph of a grand, dimly lit interior space, likely a cathedral or a large hall. A massive, ornate column stands prominently on the left side, its surface covered in intricate carvings. The column is illuminated from below, casting a warm, golden glow. In the background, two figures in historical or religious attire are visible, one standing and one kneeling, adding a sense of scale and historical context to the scene. The overall atmosphere is one of mystery and grandeur.

O NOME
DA ROSA
UMBERTO
ECO





@Snow666_

O NOME DA ROSA
por Humberto Eco

NATURALMENTE, UM MANUSCRITO

No dia 16 de Agosto de 1968 foi-me parar às mãos um livro que se deve à pena de um certo abade Vallet, *Le Manuscript de Dom Adson de Melk*, traduit en français d'après l'édition de Dom J. Mabillon (Aux Presses de l'Abaye de la Source, Paris, 1842). O livro, acompanhado de indicações históricas na verdade bastante pobres, afirmava reproduzir fielmente um manuscrito do século XIV, por sua vez encontrado no mosteiro de Melk pelo grande erudito seiscentista, a quem tanto se deve pela história da ordem beneditina. A douta trouvaille (para mim, portanto a terceira no tempo) alegrava-me enquanto me achava em Praga à espera de uma pessoa querida. Seis dias depois, as tropas soviéticas invadiam a desventurada cidade. Consegui afortunadamente alcançar a fronteira austríaca em Linz, dali dirigi-me para Viena, onde me reuni à pessoa esperada, e juntos seguimos o curso do Danúbio.

Num clima mental de grande excitação, eu lia, fascinado, a terrível história de Adso de Melk, e tanto me deixei absorver que quase de um jato redigi a sua tradução, nuns grandes cadernos da Papelerie Joseph Gibert, em que é tão agradável escrever se a caneta for macia. E assim fazendo chegamos às proximidades de Melk, onde se ergue ainda, a pique sobre um meandro do rio, o belíssimo Stijt, muitas vezes restaurado através dos séculos. Como o leitor terá imaginado, na biblioteca do mosteiro não encontrei vestígios do manuscrito de Adso.

Antes de chegar a Salzburg, numa trágica noite numa pequena estalagem das margens do Mondsee, a minha viagem a dois foi bruscamente interrompida, e a pessoa com quem viajava desapareceu, levando consigo o livro do abade Vallet, não por mal, mas por causa do modo desordenado abrupto como tinha findado a nossa relação. Fiquei assim com uma série de cadernos manuscritos pelo meu punho e um grande vazio no coração.

Alguns meses depois, em Paris, decidi ir ao fundo da minha investigação. Das poucas informações que tinha tirado do livro francês restava-me a referência à fonte, excepcionalmente minuciosa e precisa.

Vetera analecta, sive collectio veterum aliquot operum & opusculorum omnis generis, carminum, epistolarum, diplomaton, epitaphiorum, &, cuín, itinere germánico, adnotationibus aliquot disquisitionibus R. P. D. Joannis Mabillon, Presbiteri ac Monachi Ord. Sancti Benedicti e Congregatione S. Mauri. Nova Editio cui accessere Mabilonii vita & aliquot opuscula, scilicet Dissertatio de Pane Eucharistico, Azymo el Ferméntalo, ad Eminentiss. Cardinalem Bona. Subjungitur opusculum Eldefonsi Hispaniensis Episcopi de

eodem argumento Et Eusebii Romani ad Theophilum Gallum epístola. De cultu sanctorum ignotorum, Parisiis, apud Levesque, ad Pontem S. Michaelis, MDCCXXI, cum privilegio Regis.

Encontrei logo os Vetera Analecta na biblioteca Seguinte Geneviève, mas, com grande surpresa minha, a edição encontrada discordava em dois pormenores. Antes de mais, o editor, que era Montalant, ad Ripam P.P. Augustinianorum (prope Pontem S. Michaelis), e depois a data, de dois anos mais tarde. É inútil dizer que estes analecta não continham nenhum manuscrito de Adso ou Adso Melk, trata-se, pelo contrário, como qualquer um pode verificar, de uma recolha de textos de curta e média extensão, enquanto a história transcrita por Vallet se estendia por algumas centenas de páginas. Consultei nessa altura medievalistas ilustres, como o querido e inesquecível Etienne Gilson, mas foi claro que os únicos Vetera Analecta eram os que tinha visto em Sainte Geneviève. Uma saltada à Abbaye de la Source, que surge nos arredores de Passy, e uma conversa que o amigo Dom Arne Lahnestedt convenceram-me igualmente de que nenhum abade Vallet tinha publicado livros nos prelos (aliás inexistentes) da abadia. É conhecida a negligencia dos eruditos franceses em dar indicações bibliográficas duma certa credibilidade, mas o caso superava qualquer razoável pessimismo. Comecei a pensar que me tinha caído nas mãos um apócrifo; o próprio livro de Vallet era então irrecuperável (ou pelo menos não ousava ir pedi-lo a quem mo tinha subtraído), e não me restava senão as minhas notas, das quais já começava a duvidar.

Há momentos mágicos, de grande cansaço físico e intensa excitação motora, em que se tem visões de pessoas conhecidas no passado («en me retraçant ces détails, j'en suis à me desmander s'ils sont réels, ou bien si je les ai revus»). Como aprendi mais tarde, no belo livrinho de Abbé de Bucquoy há-se igualmente visões de livros ainda não escritos.

Se não tivesse sucedido alguma coisa de novo, estaria ainda aqui a perguntar-me donde viria a história de Adso de Melk, mas em 1970, em Buenos Aires, vasculhando nas bancas de um pequeno alfarrabista em Corrientes, não muito longe do mais insigne Patio del Tango daquela grande avenida, caiu-me nas mãos a versão castelhana de um livrinho de Milo Temesrar, Do Uso dos Espelhos no Jogo do Xadrez, que já tinha tido ocasião de citar (em segunda mão) no meu Apocalípticos e Integrados, fazendo a recensão do seu mais recente Os Vendedores de Apocalipse. Tratava-se da tradução do original, hoje perdido, em língua georgiana (Tibilisi, 1934), com grande surpresa minha, li copiosas citações do manuscrito de Adso, salvo que a fonte não era nem Vallet nem Mahillon, mas sim o padre Athanariur Kircher (mas qual a obra?). Um erudito - que não considero oportuno nomear - assegurou-me depois que (e citava índices decor) o grande jesuíta nunca falou de Adso de Melk. Mas as páginas de Temesvar estavam debaixo dos meus olhos, e os episódios a que se referia eram absolutamente análogos aos do manuscrito traduzido por Vallet (em particular, a descrição do labirinto não deixava lugar para dúvidas). Apesar do que escreveu depois Beniamino Placido¹, o abade Vallet tinha existido e também, certamente, Adso de Melk.

Conclui que as memórias de Adso pareciam juntamente participar da natureza dos eventos que narra. Envoltas em muitos e vagos mistérios, a começar pelo autor e a acabar na localização da abadia sobre a qual Adso se cala com tenaz obstinação, de modo que as conjecturas permitem desenhar uma zona imprecisa entre Pomposa e Conquer, com razoáveis probabilidades de que o lugar se situasse ao longo da cadeia dos Apeninos, entre o Piemonte, a Algúria e a França (como quem diz entre Lerici e Turbia). Quanto à época em que se desenrola os eventos descritos, estamos no fim de Novembro de 1327, é, porém, incerto quando escreve o autor. Calculando que se diz noviço, em 1327 e já está próximo da morte quando redige as suas memórias, podemos conjecturar que o manuscrito foi lavrado nos últimos dez ou vinte anos do século XIV.

Pensando bem, eram bastante escassas as razões que podiam inclinar-se a abafar à estampa a minha versão italiana duma obscura versão neogótica francesa de uma edição latina seiscentista de uma obra escrita em latim, por um monge alemão nos fins do século XIV.

Antes de mais, que estilo adotar. Era rejeitada como de todo injustificada a tentação de imitar modelos italianos da época, não só Adso escreve em latim, mas é claro por todo o desenvolvimento do texto que a sua cultura (ou a cultura da abadia que tão claramente o influencia) é muito mais datada, trata-se claramente de uma soma plurissecular de conhecimentos e de versos estilísticos que se ligam à tradição baixo-medieval latina. Adso pensa e escreve como um monge que permaneceu impermeável à revolução da língua vulgar, apegado às páginas acolhidas na biblioteca de que fala, formado a partir de textos patriótico-escolásticos, e a sua história (para além das referencias e dos acontecimentos do século XVI, que o próprio Adso registra no meio de mil perplexidades, e sempre por ouvir dizer) poderia ter sido escrita, quando à língua e às citações eruditas, no século XII ou XIII.

Por outro lado, é indubitável que ao traduzir no seu francês neogótico o latim de Adso, Vallet introduziu de seu várias licenças, e nem sempre apenas estilísticas. Por exemplo, os personagens falam por vezes das virtudes das ervas, reportando-se claramente ao livro dos segredos atribuído a Alberto Magno, que sofreu infinitas reelaborações através dos séculos. É certo que Adso o conhecia, mas resta o fato que cita trechos que evocam demasiado literalmente quer receitas de Paracelso quer claras interpolações de uma edição de Alberto Magno sem dúvida da época Tudor². Por outro lado, apurei em seguida que nos tempos em que Vallet transcrevia o manuscrito de Adso circulava em Paris uma edição setecentista do Grand e do Petit Albert³; já irremediavelmente corrompida. Todavia, como ter a certeza que o texto a que se reportavam Adso ou os monges cujos discursos ele anotava não continha, entre glosas, escólios e apêndices vários, também anotações que depois iriam alimentar a cultura posterior.

Enfim, devia conservar em latim as passagens que o próprio abade Vallet não considerou oportuno traduzir, talvez para conservar o espírito da época. Não havia justificações precisas para o fazer, a não ser um sentimento, talvez mal-entendido, de fidelidade à minha fonte... Eliminei o excesso, mas alguma coisa deixei. E receio ter feito como os maus romancistas que, ao porem em cena um personagem francês, o fazem dizer «parbleu!» e «la femme, ah, la femme!».

Em conclusão, estou cheio de dúvidas. Ao certo não sei porque decidi encher-me de coragem e apresentar como se fosse autentico o manuscrito de Adso de Melk. Digamos, um gesto de enamorado. Ou, se se quiser, um modo de me libertar de numerosas e antigas obsessões.

Transcrevo sem preocupações de atualidade. Nos anos em que descobri o texto do abade Vallet corria a convicção de que se devia escrever apenas comprometendo-se com o presente e para mudar o mundo. A mais de dez anos de distancia, é agora consolação do homem de letras (restituído à sua altíssima dignidade) poder escrever por puro amor da escrita. E assim, agora, sinto-me livre de contar, por simples gosto efabulatório, a história de Adso de Melk, e sinto conforto e consolação em encontrá-la tão incomensuravelmente distante no tempo (agora que a vigília da razão afugentou todos os monstros que o seu sono tinha gerado), tão gloriosamente privada de relação com os nossos tempos, intemporalmente estranha às nossas esperanças e às nossas certezas.

Porque esta é uma história de livros, não de misérias quotidianas, e a sua leitura pode inclinar-nos a recitar, com o grande imitador de Kempis. «In ómnibus réquiem quaesivi, et nusquam inveni nisi in ángulo cum libro.»

5 de Janeiro de 1980

¹La Repubblica, 22 de septiembre de 1977.

²Líber aggregationis seu liber secretorum Alberti Magni, Londinium, juxta pontem qui vulgariter dicitur Flete brigge. MCCCCLXXXV.

³Les admirables secrets d'Albert le Grand, A Lyon, Chez les Héritiers Beringos, Frates, à l'Enseigne d'Agrippa. MDCCLXXV; Secrets merveilleux de la Magie Naturelle et Cabalistique du Petit Albert, A Lyon. ibidem. MDCCXXIX.

NOTA

O manuscrito de Adso está dividido em sete dias e cada dia em períodos correspondentes às horas litúrgicas. Os subtítulos, na terceira pessoa, foram provavelmente acrescentados por Vallet. Mas como são úteis para orientar o leitor, e

este uso não se aparta do de muita literature em língua vulgar daquele tempo, não considerei oportuno eliminá-los.

As referências de Adso às horas canônicas causaram-me uma certa perplexidade, não só porque a sua determinação varia segundo as localidades e as estações, mas, com toda a probabilidade, no século XIV não se seguiam com absoluta precisão as indicações fixadas por São Bento na regra.

Todavia, para orientação do leitor, deduzindo em parte do texto e em parte confrontando a regra originária com a descrição da vida monástica fornecida por Edouard Schneider em *Les heures bénédictines* (Paris, Grasset, 1925), credo que se pode adotar a avaliação seguinte:

Matinas - (que por vezes Adso designa também com a antiga expressão *Vigiliae*) Entre as 2h30 as 3h da noite.

Laudas -(que na tradição mais antiga se chamavam *Matutini*) Entre as 5h e as 6h da manhã, de modo a terminarem ao romper da alva.

Prima - Cerca das 7h30, pouco antes da aurora.

Terça - Cerca das 9h.

Sexta - Meio-dia (num mosteiro em que os monges não trabalhavam no campo, no Inverno, era também a hora da refeição).

Nona - Entre as 2h e as 3h da tarde.

Vésperas - Cerca das 4h30, ao pôr do Sol (a regra prescreve a ceia quando ainda não desceu a treva).

Completas - Cerca das 6h (antes das 7h os monges vão-se deitar).

O cálculo baseia-se no fato de que na Itália Setentrional, no fim de Novembro, o Sol nasce por volta das 7h30 e põe-se por volta das 4h40 da tarde.

PRÓLOGO

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus, e a tarefa do monge fiel seria repetir cada dia com salmo diante humildade o único imodificável evento cuja incontroversa verdade se pode asseverar. *Mas vivemus num per speculum et in aenigmate* e a verdade, antes de face a face, manifesta-se por traços (ai, quão ilegíveis) no errar do mundo, de modo que devemos decifrar-lhe os sinais fiéis, mesmo onde nos parecem obscuros e quase tecidos de uma vontade de todo tendente ao mal.

Chegado ao fim da minha vida de pecador, enquanto velho encanecido como o mundo, à espera de me perder no abismo sem fundo da divindade silenciosa e deserta, participando da luz incomunicável das inteligências angélicas, retido agora pelo meu corpo pesado e doente nesta cela do querido mosteiro de Melk, disponho-me a deixar neste velo testemunho dos admiráveis e terríveis eventos a que na juventude me foi dado assistir, repetindo verbatim quanto vi e ouvi, sem ousar tirar daí nenhum desígnio, como para deixar àqueles que hão-de vir (se o Anticristo não os preceder) sinais de sinais para que sobre eles se exercise a prece da decifração.

O Senhor me concede a graça de ser testemunha transparente dos acontecimentos que tiveram lugar na abadia de que é bom e piedoso calar agora o próprio nome ao findar o ano do Senhor de 1327, em que o imperador Luís desceu à Itália para reconstituir a dignidade do sacro Império Romano, segundo os desígnios do Altíssimo e para confusão do infame usurpador simoníaco e heresiarca que em Avinhão cobriu de vergonha o santo nome do apóstolo (digo, a alma pecadora de Jacques de Cahors, que os ímpios veneraram como João XXII).

Para melhor compreender os acontecimentos em que me achei envolvido, talvez seja bom recordar quanto estava acontecendo no início daquele século, tal como o compreendi então, vivendo-o, e tal como o rememoro agora, enriquecido com outros relatos que depois ouvi-se acaso a minha memória está em condições de reatar os fios de tantos e tão confusos eventos.

Desde os primeiros anos daquele século que o papa Clemente V tinha transferido a sede apostólica para Avinhão, deixando Roma à mercê das ambições dos senhores locais: e gradualmente a cidade santíssima da cristandade se tinha transformado num circo, ou num lupanar, dilacerada pelas lutas entre os seus maiores; dizia-se república e não o era, batida por bandos armados, sujeita a violências e saques. Eclesiásticos que se esquivavam à jurisdição secular comandavam grupos de facínoras e rapinavam de espada em punho, prevaricavam e organizavam torpes tráfico. Como impedir que o Caput Mundi

voltasse a ser, e justamente, a meta de quem quisesse cingir a coroa do sacro Império Romano e restaurar a dignidade do domínio temporal que já tinha sido dos cézares?

Eis, pois, que em 1314 cinco príncipes alemães tinham eleito em Francoforte Luís da Baviera como supremo regente do império. Mas no mesmo dia, na margem oposta do Reno, o conde palatino do Reno e o arcebispo de Colônia tinham eleito com a mesma dignidade Frederico de Áustria. Dois imperadores para uma única sede e um só papa para duas: situação que se tornou, na verdade, fonte de grande desordem.

Dois anos depois era eleito em Avinhão o novo papa, Jacques de Cahors, de setenta e dois anos, precisamente com o nome de João XXII, e queiram os céus que nunca mais nenhum pontífice adote um nome já tão malvisto pelos homens de bem. Francês e devoto do rei de França (os homens daquela terra corrupta estão sempre inclinados a favorecer os interesses dos seus e são incapazes de olhar o mundo inteiro como a sua pátria espiritual) tinha defendido Filipe, o Belo, contra os cavaleiros templários, que o rei tinha acusado (creio que injustamente) de delitos ignominiosos para se apoderarem dos seus bens, com a cumplicidade daquele eclesiástico renegado. Entretanto, tinha-se inserido em toda aquela trama Roberto de Nápoles, que, para manter o controle da península italiana, tinha convencido o papa a não reconhecer nenhum dos dois imperadores alemães, ficando assim chefe geral do Estado da Igreja.

Em 1322, Luís, o Bávaro, batia o seu rival Frederico. Ainda mais temeroso de um só imperador do que tinha sido de dois, João excomungou o vencedor, e este em resposta denunciou o papa como herético. É necessário dizer que, precisamente naquele ano, tinha tido lugar em Perugia o capítulo dos frades franciscanos, e o seu geral, Miguel de Cesena, acolhendo as instancias dos «espirituais» (de que terei ainda ocasião de falar), tinha proclamado como verdade de fé a pobreza de Cristo, que, se tinha possuído alguma coisa com os seus apóstolos, o tinha tido só como *usus facti*. Digna resolução, destinada a salvaguardar a virtude e a pureza da ordem, mas ela desagradou assaz ao papa, que nela entrevia talvez um princípio que poria em perigo as próprias pretensões que ele, como chefe da Igreja, tinha de contestar ao império o direito de eleger bispos, reservando pelo contrário ao sacro sólio o de investir o imperador. Fossem estas ou outras as razões que o moviam, João condenou em 1323 as propostas dos franciscanos com a decretal *Cum Inter nonnullos*.

Foi naquela altura, imagino, que Luís viu nos franciscanos, então inimigos do papa, poderosos aliados. Ao afirmar a pobreza de Cristo, de certo modo eles revigoravam as idéias dos teólogos imperiais, isto é, de Marsílio de Pádua e João de Gianduno. E finalmente, não muitos meses antes dos eventos que estou narrando, Luís, que tinha chegado a um acordo com o derrotado Frederico, descia à Itália, era coroado em Milão, entrava em conflito com os Visconti, que no entanto o tinham acolhido favoravelmente, punha cerco a Pisa, nomeava vigário imperial Castruccio, duque de Luca e Pistóia (e creio que fez mal porque nunca conheci homem mais cruel, exceto talvez Ugucione

della Faggiola), e preparava-se então a descer para Roma, chamado por Sciarra Colonna, senhor do lugar.

Eis como era a situação quando eu - já noviço beneditino no mosteiro de Melk - fui retirado da tranqüilidade do claustro por meu pai, que se batia no séqüito de Luís, não como o último dos seus barões, e que considerou avisado levar-me consigo para que conhecesse as maravilhas de Itália e estivesse presente quando o imperador fosse coroado em Roma. Mas o assédio de Pisa absorveu-o nos cuidados militares. Eu disso tirei vantagem, vagueando, um pouco por ócio e um pouco por desejo de aprender, pelas cidades da Toscana, mas esta vida livre e sem regra não se adequava, pensaram os meus pais, a um adolescente votado à vida contemplativa. E a conselho de Marsílio, que começara a gostar de mim, decidiram pôr-me junto de um douto franciscano, frade Guilherme de Baskerville, que ia iniciar uma missão que o levaria a visitar cidades famosas e abadias antiqüíssimas. Assim me tornei seu escrivão e discípulo ao mesmo tempo, e não vim a arrependê-lo, porque fui com ele testemunha de acontecimentos dignos de serem confiados, como agora estou fazendo, à memória daqueles que hão-de vir.

Eu não sabia então o que procurava frade Guilherme, e, para dizer a verdade, ainda hoje não o sei, e presumo que nem sequer ele o soubesse, movido como era pelo único desejo da verdade e pela suspeita - que sempre lhe vi nutrir - de que a verdade não era aquela que lhe aparecia no momento presente. E talvez naqueles anos ele estivesse desviado dos seus estudos prediletos por incumbências do século. A missão de que Guilherme estava encarregado ficou para mim incógnita ao longo de toda a viagem, ou melhor, ele não me falou dela. Foi sobretudo ouvindo pedaços de conversas que ele teve com os abades dos mosteiros em que nos íamos detendo que pude fazer uma idéia da natureza da sua tarefa. Mas não o compreendi plenamente enquanto não chegamos à nossa meta, como direi depois. Dirigíamo-nos para norte, mas a nossa viagem não prosseguiu em linha reta, e detivemo-nos em várias abadias. Assim, aconteceu que viramos para ocidente, enquanto a nossa meta última ficava a oriente, quase seguindo a linha de montanhas que vai de Pisa na direção da estrada de Santiago, parando numa terra que os terríveis acontecimentos que depois aí sucederam me desaconselham de identificar melhor, mas cujos senhores eram fiéis ao império e onde os abades da nossa ordem se opunham de comum acordo ao papa herético e corrupto. A viagem durou duas semanas entre vicissitudes várias, e durante esse tempo tive ocasião de conhecer (nunca o bastante, como estou convencido) o meu novo mestre.

Nas páginas que se seguem não quero abandonar-me a descrições de pessoas - a não ser quando a expressão de um rosto ou um gesto apareçam como sinais de muda mas eloqüente linguagem -, porque, como diz Boécio, nada é mais fugaz do que a forma exterior, que fenece e muda como as flores do campo ao surgir o Outono, e que sentido teria hoje dizer do abade Abbone que tinha o olhar severo e as faces pálidas, quando agora ele e os que o rodeavam são pó e do pó o seu corpo tem já o cinzento mortífero

(só o espírito, queira Deus, resplandecendo de uma luz que jamais se extinguirá)? Mas de Guilherme quero falar, e uma vez por todas, porque também me impressionaram as suas singulares feições, e é próprio dos jovens ligar-se a um homem mais velho e mais sábio não só pelo fascínio da palavra e pela agudeza da mente mas também pela forma superficial do corpo, que se torna queridíssima, como acontece com a figura de um pai, a quem se estudam os gestos e as cóleras e se espia o sorriso - sem a menor sombra de luxúria a inquinhar esta forma (talvez a única verdadeiramente pura) de amor corpóreo.

Os homens de outrora eram altos e belos (agora são crianças e anões), mas este fato é apenas um dos muitos que testemunham a desgraça de um mundo que envelhece. A juventude não quer aprender mais nada, a ciência está em decadência, o mundo inteiro caminha de cabeça para baixo, cegos conduzem outros cegos e fazem-nos precipitar nos abismos, os pássaros lançam-se antes de começarem a voar, o burro toca lira, os bois dançam, Maria já não ama a vida contemplativa e Marta já não ama a vida ativa, Lia é estéril, Raquel tem olhos sensuais, Catão frequenta os lupanares, Lucrécio torna-se mulher. Tudo está desviado do seu próprio caminho. Sejam dadas graças a Deus que eu, naquele tempo, adquiri do meu mestre o desejo de aprender e o sentido da reta via, que se conserva mesmo quando o caminho é tortuoso.

Assim, a aparência física de frade Guilherme era tal que chamava a atenção do observador mais distraído. A sua estatura superava a de um homem normal e era tão magro que parecia mais alto. Tinha olhos agudos e penetrantes; o nariz afilado e um pouco adunco conteria ao seu rosto a expressão de alguém que vigia, salvo nos momentos de torpor de que falarei. Também o queixo denunciava nele uma vontade firme, embora o rosto alongado e coberto de sardas - como vi muitas vezes nas pessoas nascidas entre Hibernia e Northumbria - pudesse por vezes exprimir incerteza e perplexidade. Com o tempo apercebi-me de que aquilo que parecia insegurança era ao invés e somente curiosidade, mas no início pouco sabia desta virtude, que julgava sobretudo uma paixão do espírito concupiscente, pensando que o espírito racional não devia nutrir-se dela, alimentando-se só do verdadeiro, que (pensava) já se sabe desde o início.

Jovem como eu era, aquilo que nele logo me tinha impressionado eram uns tufo de pêlos amarelados que lhe saíam das orelhas e das sobancelhas espessas e louras. Podia ele ter cinquenta primaveras, e portanto era já muito velho, mas movia o corpo incansável com uma agilidade que a mim muitas vezes faltava. A sua energia parecia inexaurível quando o tomava um excesso de atividade. Mas, de vez em quando, como se o seu espírito vital participasse do caranguejo, caía em momentos de inércia, e vi-o estar durante horas no catre da sua cela pronunciando a custo um ou outro monossílabo sem contrair um único músculo do rosto. Nessas ocasiões aparecia nos seus olhos uma expressão vaga e ausente, e eu teria suspeitado que estivesse sob o efeito de alguma substância vegetal capaz de provocar visões se a evidente temperança que regulava a sua vida não me tivesse induzido a afastar este pensamento. Não escondo todavia que,

no decurso da viagem, tinha parado por vezes à beira de um prado, na orla de uma floresta, para colher uma erva (creio que era sempre a mesma): e punha-se a mastigá-la com ar absorto. Uma parte guardava-a consigo e comia-a nos momentos de maior tensão (e muitas vezes os tivemos na abadia!). Quando uma vez lhe perguntei de que se tratava, disse-me, sorrindo, que um bom cristão pode aprender às vezes até com os infiéis; e, quando lhe pedi para provar, respondeu-me que, tal como para os discursos, também para os simples há os paidikoi, os ephebikoi e os gynaikoioi e assim sucessivamente, de modo que as ervas que são boas para um velho franciscano não são boas para um jovem beneditino.

No tempo que estivemos juntos não tivemos ocasião de fazer uma vida muito regular: mesmo na abadia velávamos de noite e caíamos de cansaço durante o dia, e nem sequer participávamos regularmente nos ofícios sacros. Raramente, no entanto, em viagem, ele velava depois de completas, e tinha hábitos sóbrios. Por vezes, como sucedeu na abadia, passava todo o dia movendo-se pelo horto, examinando as plantas como se fossem crisoprássios ou esmeraldas, e vi-o vaguear pela cripta do tesouro olhando para um escrínio ornado de esmeraldas e crisoprássios como se fosse um ramo de estramônio. Outras vezes ficava um dia inteiro na sala grande da biblioteca folheando manuscritos como se não procurasse outra coisa senão o seu próprio prazer (quando à nossa volta se multiplicavam os cadáveres de monges horrorosamente assassinados). Um dia encontrei-o a passear no jardim sem qualquer fim aparente, como se não devesse dar contas a Deus das suas obras. Na ordem tinham-me ensinado um outro modo de dividir o meu tempo, e eu disse-lho. E ele respondeu que a beleza do cosmo é dada não só pela unidade na variedade mas também pela variedade, na unidade. Pareceu-me uma resposta ditada por um empirismo grosseiro, mas aprendi em seguida que os homens da sua terra definem muitas vezes as coisas de modo tal que a força iluminante da razão não parece ter grande papel.

Durante o período que passamos na abadia vi-lhe sempre as mãos cobertas pelo pó dos livros, pelo ouro das iluminuras ainda frescas, por substâncias amareladas em que tinha tocado no hospital de Severino. Parecia que não podia pensar senão com as mãos, coisa que então me parecia mais digna de um mecânico (e tinham-me ensinado que o mecânico é moechus, e comete adultério em relação à vida intelectual a que deveria estar unido em castíssimos esponsais): mas, mesmo quando as suas mãos tocavam em coisas extremamente frágeis, como certos códices de iluminuras ainda frescas, ou páginas corroídas pelo tempo e friáveis como pão ázimo, ele possuía, pareceu-me, uma extraordinária delicadeza de tato, a mesma que usava ao tocar nas suas máquinas. Direi com efeito que este homem curioso trazia consigo, na sua saca de viagem, instrumentos que eu nunca tinha visto até então, e que ele definia como as suas maravilhosas máquinas. As máquinas, dizia ele, são produto da arte, que imita a natureza, e dela reproduzem não as formas mas a própria operação. Explicou-me assim os prodígios do relógio, do astrolábio e do magneto. Mas a princípio temi que se tratasse de bruxaria, e fingi dormir em certas noites serenas em que ele se punha (com um estranho triângulo na

mão) a observar as estrelas. Os franciscanos que tinha conhecido em Itália e na minha terra eram homens simples, muitas vezes iletrados, e com ele admirei-me da sua sapiência. Mas ele disse-me sorrindo que os franciscanos das suas ilhas eram de molde diverso: «Roger Bacon, que eu venero como mestre, ensinou-nos que o plano divino passará um dia para a ciência das máquinas, que é magia natural e santa. E um dia pela força da natureza poder-se-ão fazer instrumentos de navegação com os quais os navios irão com um único homem regente, e bem mais rápidos do que impelidos por velas ou remos; e haverá carros sem “animale moveantur cum impetu inaestimabili, et instrumenta volandi et homo sedens in medio instrumentis revolvens aliquod ingenium per quod alae artificialiter composita aerem verberent, ad modum avis volantis”. E pequeníssimos instrumentos que levistem pesos enormes e veículos que permitam viajar pelo fundo do mar.

Quando lhe perguntei onde estavam essas máquinas, disse-me que já tinham sido feitas na Antiguidade, e algumas até nos nossos tempos: «Exceto o instrumento para voar, que não vi, nem conheci quem o tivesse visto, mas conheço um sábio que o imaginou. E podem fazer-se pontes que transpõem os rios sem colunas ou outro meio de sustentação e outras máquinas inauditas. Mas não debes preocupar-te se ainda não existem, porque isso não quer dizer que não venham a existir. E eu digo-te que Deus quer que existam, e decerto estão já na sua mente, embora o meu amigo de Occam negue que as idéias existam desse modo, e não porque possamos decidir da natureza divina, mas precisamente porque não podemos pôr-lhe limite algum.» Não foi esta a única proposição contraditória que lhe ouvi enunciar: mas mesmo agora, que sou velho e mais sábio do que então, não consegui compreender como podia ele ter tanta confiança no seu amigo de Occam e jurar ao mesmo tempo pelas palavras de Bacon, como era costume fazer. É porém verdade que aqueles eram tempos obscuros em que um homem sábio tinha de pensar coisas contraditórias entre si.

Eis que disse sobre frade Guilherme coisas talvez insensatas, como para recolher desde o início as impressões desconexas que então tive. Quem ele foi e o que fazia, meu bom leitor, poderás talvez deduzi-lo melhor das ações que operou nos dias que passamos na abadia. Não te prometi um desenho completo, mas sim um elenco de fatos (isso sim admiráveis e terríveis).

Assim, conhecendo dia a dia o meu mestre, e passando as longas horas de marcha em infindáveis conversas de que, se for o caso, falarei pouco a pouco, chegamos às faldas do monte sobre o qual se erguia a abadia. E é tempo, como nós então fizemos, que dela se aproxime o meu relato, e Oxalá que a minha mão não trema ao preparar-me para dizer quanto depois aconteceu.

PRIMEIRO DIA

PRIMA

Onde se chega aos pés da abadessa e Guilherme dá prova de grande agudeza

Era uma bela manhã de fim de Novembro. De noite tinha nevado um pouco, mas a fresca camada que cobria o terreno não era superior a três dedos. Às escuras, logo depois de laudas, tínhamos ouvido missa numa aldeia do vale. Depois tínhamo-nos posto a caminho para as montanhas, ao despontar o Sol.

Como trepávamos pelo carreiro íngreme que serpenteava em torno do monte, vi a abadia. Não me espantaram as muralhas que a cingiam por todos os lados, semelhantes a outras que vi em todo o mundo cristão, mas a mole daquilo que depois soube que era o Edifício. Esta era uma construção octogonal que à distância parecia um tetrágono (figura perfeitíssima que exprime a solidez e a inexpugnabilidade da Cidade de Deus), cujos lados meridionais se erguiam no planalto da abadia, enquanto os setentrionais pareciam crescer das próprias faldas do monte, nas quads se encaixavam a pique. Digo que em certos pontos, de baixo, parecia que a rocha se prolongava para o céu, sem solução de tons nem de matéria, e se tornava a certa altura um maciço torreão (obra de gigantes que tivessem grande familiaridade com a terra e com o céu). Três ordens de janelas diziam o ritmo ternário da sua elevação, de modo que aquilo que era fisicamente quadrado sobre a terra era espiritualmente triangular no céu. Ao aproximarmo-nos mais, percebia-se que a forma quadrangular gerava, em cada um dos seus ângulos, um torreão heptagonal, cujos cinco lados se adiantavam para o exterior - quatro portanto dos oito lados do octógono maior, gerando quatro heptágonos menores, que do exterior se manifestavam como pentágonos. E não há quem não veja a admirável concórdia de tantos números santos, revelando cada um, um sutilíssimo sentido espiritual. Oito o número da perfeição de todo o tetrágono, quatro o número dos evangelhos, cinco o número das zonas do mundo, sete o número dos dons do Espírito Santo. Pela mole e pela forma, o Edifício apareceu-me como mais tarde havia de ver no Sul da península italiana Castel Urbino ou Castel dal Monte, mas pela sua posição inacessível era mais terrível do que aqueles e capaz de produzir temor no viajante que dele se aproximasse pouco a pouco. E por sorte que, sendo uma límpida manhã de inverno, a construção não me apareceu tal como se vê nos dias de tempestade.

Então direi no entanto que ela sugeria sentimentos de jovialidade. Eu senti medo e uma vaga inquietação. Deus sabe que não eram fantasmas do meu espírito imaturo e que retamente interpretava indubitáveis presságios inscritos na pedra, desde o dia em que os

gigantes aí puseram a mão e antes que a ingênua vontade dos monges ousasse consagrá-la à custódia da palavra divina.

Enquanto os nossos machos trepavam pela última curva da montanha, lá onde o caminho principal se ramificava em trívio, gerando dois carreiros laterais, o meu mestre parou por algum tempo, olhando em torno os lados da estrada, a estrada, e acima da estrada, onde uma série de pinheiros sempre-verdes formava por um breve espaço um teto natural, alvo de neve.

- Rica abadia - disse. - O Abade gosta de parecer bem nas ocasiões públicas.

Habitado como estava a ouvi-lo fazer as mais singulares afirmações, não o interroguei. Até porque, depois de outro troço de estrada, ouvimos ruídos, e numa curva apareceu um grupo agitado de monges e de servos. Um deles, quando nos viu, veio ao nosso encontro com grande urbanidade:

- Bem-vindo, senhor - disse -, e não vos admireis se imagino quem sois, porque fomos advertidos da vossa visita. Eu sou Remígio de Varagine, o despenseiro do mosteiro. E se vós sois, como creio, frade Guilherme de Bascavilla, o Abade deve ser avisado. Tu - ordenou voltando-se para uma da comitiva-, sobe a avisar que o nosso visitante está prestes a entrar na cerca.

- Agradeço-vos, senhor despenseiro - respondeu cordialmente o meu mestre -, e tanto mais aprecio a vossa cortesia quanto para me saudar haveis interrompido a perseguição. Mas não temais, o cavalo passou por aqui e dirigiu-se para o carreiro da direita. Não poderá ir muito longe, porque chegando ao depósito do estrume tem de parar. É demasiado inteligente para se lançar pelo terreno íngreme...

- Quando o haveis visto? - perguntou o despenseiro.

- Não o vimos de modo nenhum, não é verdade, Adso? - disse Guilherme, voltando-se para mim com ar divertido. - Mas se procurais Brunello, o animal não pode estar senão além onde eu disse.

O despenseiro hesitou. Fitou Guilherme, depois o caminho e por fim perguntou:

- Brunello? Como sabeis?

- Vamos - disse Guilherme -, é evidente que andais à procura de Brunello, o cavalo preferido do Abade, o melhor galopador da vossa estrebaria, de pêlo negro, cinco pés de altura, cauda majestosa, casco pequeno e redondo mas de galope bastante regular; cabeça miúda, orelhas finas mas olhos grandes. Foi para a direita, digo-vos, e apressai-vos, em todo o caso.

O despenseiro teve um momento de hesitação, depois fez um sinal aos seus e lançou-se pelo caminho da direita, enquanto os nossos machos voltavam a subir. Quando estava para interrogar Guilherme, porque me roia a curiosidade, ele fez-me sinal para esperar: e, de fato, poucos minutos depois ouvimos gritos de júbilo, e na curva do caminho reapareceram monges e servos trazendo o cavalo pelo freio. Passaram ao nosso lado, continuando a olhar-nos algo, atônitos, e precederam-nos em direção à abadia. Creio mesmo que Guilherme afrouxava o passo à sua cavalgadura para lhes permitir contar quanto tinha acontecido. De fato tinha tido ocasião de me aperceber que o meu mestre, em tudo e por tudo homem de altíssima virtude, cedia ao vício da vaidade quando se tratava de dar prova da sua agudeza, e, tendo já apreciado os seus dotes de fino diplomata, compreendi que queria chegar à mera precedido por uma sólida fama de homem sábio.

- E agora disse-me - por fim não soube conter-me -, como fizeste para saber?

- Meu bom Adso - disse o mestre. - Em toda a viagem te tenho ensinado a reconhecer os traços com que o mundo nos fala como um grande livro. Alano das Ilhas dizia que *omnis mundi creatura quasi liber et pictura nobis est in speculum* e pensava na inexausta reserva de símbolos com que Deus, através das suas criaturas, nos fala da vida eterna. Mas o universo é ainda mais loquaz do que pensava Alano e não só fala das coisas últimas (caso em que o faz sempre de modo obscuro) mas também das próximas, e nisto é muito claro. Quase me envergonho de repetir-te aquilo que deverias saber. No trívio, sobre a neve ainda fresca, desenhavam-se com muita clareza as pegadas dos cascos de um cavalo que apontavam para o carreiro à nossa esquerda. A bela e igual distancia um do outro, aqueles sinais diziam que o casco era pequeno e redondo e o galope de grande regularidade... de modo que daí deduzi a natureza do cavalo e o fato de ele não correr desordenadamente como faz um animal irritado. Ali, onde os pinheiros formavam como que um teto natural, alguns ramos tinham sido quebrados de fresco justamente à altura de cinco pés. Um dos silvados de amoras, por onde o animal deve ter andado para meter pelo caminho à sua direita, enquanto altivamente sacudia a sua bela cauda, conservava ainda entre os espinhos longas crinas muito negras... Não me digas enfim que não sabes que aquele caminho conduz ao depósito do estrume, porque subindo pela curva inferior vimos a baba dos detritos descer a pique aos pés do torreão meridional, sujando a neve; e, tal como o trívio estava disposto, o caminho não podia senão conduzir naquela direção.

- Sim - disse -, mas a cabeça pequena, as orelhas aguçadas, os olhos grandes...

- Não sei se os tem, mas decerto os monges o crêem firmemente. Dizia Isidoro de Sevilha que a beleza de um cavalo exige «*ut sit exiguum caput, et siccum prope pelle ossibus adhaerente, aures breves et argutae, oculi magni, nares patulae, erecta cervix, coma densa et cauda, unguarum soliditate fixa rotunditas*». Se o cavalo cuja passagem

inferi não fosse na verdade o melhor da estrebria, não se explicava porque a perseguiu-lo não foram só os moços, mas se incomodou o próprio despenseiro. E um monge que considera um cavalo excelente, para além das formas naturais, não pode deixar de o ver como as autoridades lho descreveram, especialmente se - e aqui sorriu com malícia dirigindo-se a mim - é um douto beneditino...

- Está bem - disse -, mas porquê Brunello?

-Que o Espírito Santo te ponha mais miolos na cabeça do que aqueles que tens, meu filho! - exclamou o mestre. - Que outro nome lhe terias dado se o grande Buridano, que vai ser reitor em Paris, tendo que falar de um belo cavalo, não encontrou nome mais natural?

Assim era o meu mestre. Não só sabia ler no grande livro da natureza mas também do modo como os monges liam os livros da Escritura e pensavam através deles. Dote que, como veremos, havia de ser-lhe bastante útil nos dias que se seguiram. A sua explicação pareceu-me, além disso, naquele ponto tão óbvia que a humilhação de a não ter encontrado sozinho foi dominada pelo orgulho de dela participar a partir de então, e quase me congratulei comigo mesmo pela minha agudeza. Tal é a força da verdade que, como o bem, se difunde por si. E se já louvado o santo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo por esta bela revelação que tive.

Mas retoma o fio, ó meu conto, que este monge senescente demora-se demasiado nos marginalia. Diz, antes, que chegamos ao grande portal da abadia, e no limiar estava o Abade, a quem dois noviços seguravam uma pequena bacia de ouro cheia de água. E, como descemos dos nossos animais, ele lavou as mãos a Guilherme, depois abraçou-o, beijando-o na boca e dando-lhe as suas santas boas-vindas, enquanto o despenseiro se ocupava de mim.

- Obrigado, Abbone - disse Guilherme -, é para mim uma grande alegria pôr o pé no mosteiro de Vossa Magnificência, cuja fama transpôs estas montanhas. Eu venho como peregrino em nome de Nosso Senhor, e como tal vós me prestastes homenagem. Mas venho também em nome do nosso senhor sobre esta terra, como vos dirá a carta que vos entrego, e também em seu nome vos agradeço pelo vosso acolhimento.

O Abade pegou na carta com os selos imperiais e disse que, em todo o caso, a vinda de Guilherme tinha sido precedida por outras missivas de confrades seus (pois que, disse para comigo com um certo orgulho, é difícil colher um abade beneditino de surpresa), depois pediu ao despenseiro que nos conduzisse aos nossos alojamentos, enquanto os moços levavam os nossos cavalos. O Abade prometeu visitar-nos mais tarde, quando estivéssemos recompostos, e entramos no grande pátio, onde os edifícios da abadia se estendiam ao longo do suave planalto que arredondava numa ligeira concha - ou alpe - o cume do monte.

Da disposição da abadia terei ocasião de falar mais vezes e mais minuciosamente. Depois do portal (que era a única abertura nas muralhas da cerca) abria-se uma alameda arborizada que conduzia à igreja abacial. À esquerda da alameda estendia-se uma vasta zona de hortas e, como soube depois, o jardim botânico, em torno dos dois edifícios dos balneários e do hospital e loja do ervanário, que ladeavam a curva das muralhas. Ao fundo, à esquerda da igreja, erguia-se o Edifício, separado da igreja por uma esplanada coberta de túmulos. O portal norte da igreja dava para o torreão sul do Edifício, que oferecia frontalmente aos olhos do visitante o torreão ocidental, depois à esquerda ligava-se às muralhas e afundava-se com as suas torres no abismo, sobre o qual se debruçava o torreão setentrional, que se via de lado. À direita da igreja estendiam-se algumas construções que estavam encostadas a ela e à volta do claustro: decerto o dormitório, a casa do Abade e a casa dos peregrinos, a que nos dirigíamos e onde chegamos atravessando um belo jardim. Do lado direito, para além de uma vasta esplanada, ao longo das muralhas meridionais e continuando a oriente por trás da igreja, uma série de quarteirões de colonos, estábulos, moinhos, lagares, celeiros e adegas e a que me pareceu ser a casa dos noviços. A regularidade do terreno, apenas ondulado, tinha permitido aos antigos construtores daquele lugar sagrado respeitar os ditames da orientação melhor de quanto poderiam pretender Honório Augusto duniense ou Guilherme Durando. Pela posição do Sol àquela hora do dia. Apercebi-me que o portal se abria perfeitamente a ocidente, de modo que o coro e o altar estivessem voltados a oriente; e o Sol de manhã cedo podia surgir, acordando diretamente os monges no dormitório e os animais nos estábulos. Não vi abadia mais bela e admiravelmente orientada, mesmo se em seguida conheci San Gallo, e Cluny, e Fontenay, e outras ainda, talvez maiores mas menos têm proporcionadas. Diversamente das outras, esta distinguia-se, porém, pela mole incomensurável do Edifício. Não tinha a experiência dum mestre-pedreiro, mas apercebi-me logo que ele era muito mais antigo do que as construções que o rodeavam, nascido talvez para outros fins, e que o conjunto abacial se dispusera à sua volta em tempos posteriores, mas de modo que a orientação da grande construção se adequasse à da igreja, ou esta àquela. Porque a arquitetura é entre todas as artes aquela que mais ousadamente procure reproduzir no seu ritmo a ordem do universo, que os amigos chamavam kosmos, isto é, ornado, na medida em que é como um grande animal sobre o qual refulge a perfeição e a proporção de todos os seus membros. E louvado seja o Nosso Criador que, como diz Agostinho, estabeleceu todas as coisas em número, peso e medida.

PRIMEIRO DIA TERÇA

Onde Guilherme tem uma instrutiva conversa com o Abade.

O despenseiro era um homem gordo e de aspecto vulgar mas jovial, encanecido mas ainda robusto, pequeno mas veloz. Conduziu-nos às nossas celas na casa dos peregrinos.

Ou melhor, conduziu-nos à cela destinada ao meu mestre, prometendo que no dia seguinte desocuparia uma também para mim, na medida em que, embora noviço, eu era seu hóspede, e portanto devia ser tratado com toda a honra. Por aquela noite podia dormir num grande e comprido nicho que se abria na parede da cela, onde tinha mandado pôr boa palha fresca. Coisa que, acrescentou, se fazia às vezes para os servos de algum senhor que desejava ser velado durante o sono.

Depois, os monges trouxeram-nos vinho, queijo, azeitonas, pão e boa uva passa, e deixaram-nos para nos recompormos. Comemos e bebemos com muito gosto. O meu mestre não tinha os hábitos austeros dos beneditinos e não gostava de comer em silêncio. Por outro lado, falava sempre de coisas tão boas e sábias que era como se um monge nos lesse as vidas dos santos.

Naquele dia não me contive sem o interrogar de novo sobre o caso do cavalo.

- Porém - disse -, quando vós lestes as marcas sobre a neve e nos ramos, não conheciéis ainda Brunello. De certo modo, aquelas marcas falavam-nos de todos os cavalos, ou pelo menos de todos os cavalos daquela espécie. Não devemos então dizer que o livro da natureza nos fala só por essências, como ensinam muitos teólogos insígnies?

- Não inteiramente, caro Adso - respondeu-me o mestre. - É certo que aquele tipo de pegadas me exprimia, se quiseses, o cavalo como verbum mentis, e ter-mo-ia expresso onde quer que o tivesse encontrado. Mas a pegada naquele lugar e àquela hora do dia dizia-me que pelo menos um entre todos os cavalos possíveis tinha passado por ali. De modo que eu me achava a meio caminho entre a apreensão do conceito de cavalo e o conhecimento de um cavalo individual. E em todo o caso aquilo que eu conhecia do cavalo universal era-me dado pela marca, que era singular. Posso dizer que naquele momento eu estava prisioneiro entre a singularidade da marca e a minha ignorância, que assumia a forma bastante diáfana de uma idéia universal. Se vês qualquer coisa de longe e não percebes o que é, contentar-te-ás em defini-lo como um corpo extenso. Quando se aproximar de ti, defini-lo-ás então como um animal, mesmo que não saibas ainda se é um cavalo ou um burro. E finalmente, quando ele estiver mais perto, poderás dizer que é um cavalo, mesmo que não saibas ainda se é Brunello ou Favello. E só quando estiveres à distancia justa verás que é Brunello (ou seja, aquele cavalo e não outro, seja como for que decidas chamar-lhe). E este será o conhecimento pleno, a intuição do singular. Assim, há uma hora, eu estava pronto para esperar todos os cavalos, não pela vastidão do meu intelecto, mas sim pela estreiteza da minha intuição. E a fome do meu intelecto foi saciada apenas quando vi o cavalo singular que os monges levavam pelo freio. Só então soube verdadeiramente que o meu primeiro raciocínio me tinha conduzido perto da verdade. Assim, as idéias, que eu usava antes para imaginar um cavalo que ainda não tinha visto, eram puros sinais, como eram sinais da idéia de cavalo as pegadas sobre a neve: e usam-se sinais e sinais de sinais apenas quando nos faltam as coisas.

Outras vezes tinha-o ouvido falar com muito cepticismo das idéias universais e com grande respeito pelas coisas individuais: e também em seguida me pareceu que esta tendência lhe provinha tanto do fato de ser britânico como de ser franciscano. Mas naquele dia não tinha forças suficientes para afrontar disputas teológicas: e assim me aninhei no espaço que me tinha sido concedido, envolvi-me num cobertor e caí num sono profundo.

Quem entrasse poderia ter-me confundido com um embrulho. E assim fez certamente o Abade quando veio visitar Guilherme pela hora terça. Foi assim que eu pude escutar sem ser observado o seu primeiro colóquio. E sem malícia, porque apresentar-me de repente ao visitante teria sido mais descortês do que ocultar-me, como fiz, com humildade.

Chegou portanto Abbone. Desculpou-se pela intrusão, renovou as suas boas-vindas e disse que devia falar a Guilherme, em particular, de coisa bastante grave.

Começou por felicitá-lo pela habilidade com que se tinha conduzido na história do cavalo, e perguntou como é que tinha sabido dar informações tão seguras de um animal que nunca tinha visto. Guilherme explicou sucintamente e com ar distante a via que tinha seguido, e o Abade alegrou-se muito pela sua agudeza. Disse que não teria esperado menos de um homem que tinha sido precedido por uma fama de grande sagacidade. Disse-lhe que tinha recebido uma carta do Abade de Farfa que não só lhe falava da missão confiada a Guilherme pelo imperador (sobre a qual discutiriam depois nos dias seguintes), mas também lhe dizia que na Inglaterra e na Itália o meu mestre fora inquisidor em alguns processos, onde se tinha distinguido pela sua perspicácia, não isenta de grande humanidade.

- Muito me agradou saber - acrescentou o Abade - que em numerosos casos vós haveis decidido pela inocência do acusado. Creio, e mais do que nunca nestes dias tristíssimos, na presença constante do maligno nas coisas humanas - e olhou em torno, imperceptivelmente, como se o inimigo vagueasse entre aquelas paredes -, mas creio também que muitas vezes o maligno opera por causas segundas. E sei que pode impelir as suas vítimas a fazer o mal de tal modo que a culpa recaia sobre um justo, gozando com o fato que o justo seja queimado em lugar do seu súcubo. Frequentemente, os inquisidores, para darem prova de diligência, arrancam a todo o custo uma confissão ao acusado, pensando que só é bom inquisidor aquele que conclui o processo encontrando um bode-expiatório...

- Até um inquisidor pode ser movido pelo diabo - disse Guilherme.

- É possível - admitiu o Abade com muita cautela -, porque os desígnios do Altíssimo são imperscrutáveis, mas não serei eu a lançar a sombra da suspeita sobre homens tão beneméritos. É mesmo de vós, como um deles, que eu hoje tenho necessidade.

Aconteceu nesta abadia alguma coisa que requer a atenção e o conselho de um homem sutil e prudente como vós. Sutil para descobrir e prudente (se for o caso) para encobrir. Frequentemente, de fato, é indispensável provar a culpa de homens que deveriam exceder pela sua santidade, mas de modo a poder eliminar a causa do mal sem que o culpado seja exposto ao desprezo público. Se um pastor falha deve ser isolado dos outros pastores, mas aí de nós se as ovelhas comesçassem a duvidar dos pastores.

- Compreendo - disse Guilherme.

Já tinha tido ocasião de notar que, quando se exprimia daquele modo tão solícito e educado, geralmente escondia, de modo honesto, o seu desacordo ou a sua perplexidade.

- Por isso - continuou o Abade -, considero que todo o caso que diga respeito à falta de um pastor não pode ser confiado senão a homens como vós, que não só sabem distinguir o bem do mal, mas também aquilo que é oportuno daquilo que o não é. Apraz-me pensar que vós tendes condenado apenas quando...

- ... os acusados eram culpados de atos delituosos, de envenenamentos, de corrupção de crianças inocentes e de outros atos nefandos que a minha boca não ousa pronunciar...

- ... que tendes condenado apenas quando - continuou o Abade sem ter em conta a interrupção - a presença do demônio era tão evidente aos olhos de todos que não se podia proceder diversamente sem que a indulgência fosse mais escandalosa do que o próprio delito.

- Quando reconheci alguém culpado - precisou Guilherme -, este tinha realmente cometido crimes de tal sorte que podia entregá-lo com boa consciência ao braço secular.

O Abade teve um momento de hesitação:

- Porque - perguntou - insistis em falar de ações delituosas sem vos pronunciardes sobre a sua causa diabólica!

- Porque refletir sobre as causas e sobre os efeitos é coisa assaz difícil, de que, creio, o único juiz só pode ser Deus. A nós já nos custa muito supor uma relação entre um efeito tão evidente como uma árvore queimada e o raio que a incendiou que remontar a cadeias por vezes longuíssimas de causas e efeitos parece-me tão louco como tentar construir uma torre que chegue ao céu.

- O doutor de Aquino - sugeriu o Abade - não temeu demonstrar unicamente com a força da razão a existência do Altíssimo, remontando de causa em causa à causa primeira não causada.

- Quem sou eu - disse com humildade Guilherme - para me opor ao doutor de Aquino? Até porque a sua prova da existência de Deus é sufragada por tantos outros testemunhos que as suas vias resultam fortificadas. Deus fala-nos no interior da nossa alma, como já o sabia Agostinho, e vós, Abbone, teríeis cantado os louvores do Senhor e a evidência da sua presença ainda que Tomás não tivesse... - Deteve-se e acrescentou - Imagino.

- Oh, decerto - apressou-se a assegurar o Abade.

E o meu mestre truncou deste modo belíssimo uma discussão de escola que evidentemente lhe agradava pouco. Depois recomeçou a falar.

- Voltemos aos processos. Vede: um homem, suponhamos, foi morto por envenenamento. Este é um dado da experiência. É possível que imagine, diante de certos sinais irrefutáveis, que o autor do envenenamento foi outro homem. Em cadeias de causas tão simples, a minha mente pode intervir com uma certa confiança no seu poder. Mas como posso complicar a cadeia imaginando que, a causar a ação malvada, haja uma outra intervenção, desta vez não humana mas diabólica? Não digo que não seja possível, também o diabo denuncia a sua passagem com claros sinais, como o vosso cavalo Brunello. Mas porque devo procurar essas provas? Não é já suficiente que eu saiba que o culpado é aquele homem e o entregue ao braço secular? Em qualquer caso, a sua pena será a morte, que Deus lhe perdoe.

- Mas consta-me que um processo que se desenrolou em Kilkenny, há três anos, em que algumas pessoas foram acusadas de ter cometido torpes delitos, vós não negastes a intervenção diabólica, uma vez descobertos os culpados.

- Mas também nunca o afirmei abertamente. Também não o neguei, é verdade. Quem sou eu para exprimir juízos sobre as tramas do maligno, especialmente - acrescentou, e pareceu querer insistir nesta razão -, em casos em que aqueles que tinham dado início à inquisição, o bispo, os cidadãos magistrados e o povo todo, talvez os próprios acusados, desejavam verdadeiramente descobrir a presença do demônio? Ai está, talvez a única verdadeira prova da presença do diabo seja a intensidade com que todos naquele momento aspiram sabê-lo na obra...

- Então vós - disse o Abade em tom preocupado - dizeis-me que em muitos processos o diabo não age só no culpado mas talvez e sobretudo nos juízes?

- Poderia acaso fazer uma afirmação desse gênero? - perguntou Guilherme, e percebi que a pergunta era formulada de modo que o Abade não pudesse afirmar que ele podia; assim, Guilherme aproveitou o seu silêncio para desviar o curso do diálogo. - Mas no fundo trata-se de coisas distantes. Abandonei aquela nobre atividade, e se o fiz foi porque o Senhor assim o quis...

- Sem dúvida - admitiu o Abade.

- ... e agora - continuou Guilherme - ocupo-me de outras delicadas questões. E queria ocupar-me daquela que vos atormenta, se vós dela me falardes.

Pareceu-me que o Abade ficou satisfeito por poder terminar aquela conversa, tornando ao seu problema. Pôs-se então a contar, com muita prudência na escolha das palavras e longas perífrases, um fato singular que tinha acontecido poucos dias antes e que tinha deixado muita perturbação entre os monges. E disse que falava disso a Guilherme porque, sabendo-o grande conhecedor não só do espírito humano mas também das tramas do maligno, esperava que pudesse dedicar parte do seu tempo precioso a lançar luz sobre um doloridíssimo enigma. Tinha-se dado então o caso que Adelmo Otranto, um monge ainda jovem e todavia já famoso como grande mestre iluminista e que estava adornando os manuscritos da biblioteca com imagens belíssimas, tinha sido encontrado uma manhã por um cabreiro no fundo da escarpa dominada pelo torreão este do Edifício. Pois que tinha sido visto pelos outros monges no coro durante completas mas não tinha reaparecido a matinas, tinha-se provavelmente precipitado durante as horas mais escuras da noite. Noite de grande tempestade de neve, em que caíam flocos cortantes como lâminas, que quase pareciam granizo, impelidos por um austro que soprava impetuoso. Amolecido pela neve que primeiro se tinha derretido e depois endurecido em lamina de gelo, o seu corpo tinha sido encontrado aos pés do despenhadeiro, dilacerado pelas rochas contra as quais tinha feito ricochete. Pobre e frágil coisa morta, que Deus tivesse misericórdia dele. Por causa dos numerosos ricochetes que o corpo tinha sofrido ao precipitar-se, não era fácil dizer de que ponto exato tinha caído: certamente duma das janelas que se abriam em três ordens de andares nos quatro lados do torreão expostos ao abismo.

- Onde haveis sepultado o pobre corpo? - perguntou Guilherme.

- No cemitério, naturalmente - respondeu o Abade. - Talvez o tenhais notado, estende-se entre o lado setentrional da igreja, o Edifício e o horto.

- Vejo - disse Guilherme -, e vejo que o vosso problema é o seguinte. Se aquele infeliz se tivesse, Deus não queira, suicidado (pois que não se podia pensar que tivesse caído acidentalmente), no dia seguinte teríeis encontrado aberta uma daquelas janelas, enquanto as haveis encontrado todas fechadas e sem que aos pés de nenhuma aparecessem marcas de água.

O Abade era homem, já o disse, de grande e diplomática compostura, mas desta vez teve um movimento de surpresa que lhe tirou qualquer traço daquele decoro que condiz com a pessoa grave e magnânima como diz Aristóteles:

- Quem vo-lo disse?

- Haveis-mo dito vós - disse Guilherme. - Se a janela tivesse sido aberta, teríeis logo pensado que ele se tinha atirado. Pelo que pude julgar do exterior, trata-se de grandes janelas de vidraças opacas, e janelas daquele tipo não se abrem geralmente, em edifícios destas dimensões, à altura de uma pessoa. Portanto, se tivesse sido aberta, dado que é impossível que o desgraçado se tivesse debruçado e tivesse perdido o equilíbrio, não restaria senão pensar num suicídio. Nesse caso, não o teríeis deixado sepultar em terra consagrada. Mas visto que o haveis sepultado cristãmente, as janelas deviam estar fechadas. Porque, se estavam fechadas, como eu não encontrei nem sequer os processos de bruxaria um morto impenitente a quem Deus ou o Diabo tenham concedido voltar a subir do abismo para apagar as marcas do seu delito, é evidente que o presumível suicida foi mesmo empurrado, quer por mão humana quer por força diabólica. E vós perguntai-vos quem poderá tê-lo não digo empurrado para o abismo mas içado voluntariamente até ao peitoril, e estais perturbado porque uma força maléfica, natural ou sobrenatural, vagueia agora pela abadia.

- Assim é... - disse o Abade, e não era claro se confirmava as palavras de Guilherme ou dava razão a si próprio com as razões que Guilherme tinha tão admiravelmente produzido. - Mas como conseguis saber que não havia água aos pés de nenhuma vidraça?

- Pois que me haveis dito que soprava o austro, e a água não podia ser impelida contra janelas que se abrem a oriente.

- Não me tinham dito o bastante das vossas virtudes - disse o Abade. - E tendes razão, não havia água, e agora sei porquê. As coisas passaram-se como dizeis. E agora compreendeis a minha angústia. Já teria sido grave se um dos meus monges se tivesse manchado com o abominável pecado do suicídio. Mas tenho razões para pensar que outro se manchou com um pecado igualmente terrível. E se fosse só esse...

- E antes de mais, porquê um dos monges? Na abadia há muitas outras pessoas, estribeiros, cabreiros, servos...

- Claro, é uma abadia pequena mas rica - admitiu com orgulho o Abade. - Cento e cinquenta servos para sessenta monges. Mas tudo aconteceu no Edifício. Ali, como decerto já sabeis, embora no primeiro andar sejam as cozinhas e o refeitório, nos dois andares superiores ficam o scriptorium e a biblioteca. Depois da ceia, o Edifício é fechado, e há uma regra rigidíssima que proíbe seja quem for de ali aceder - adivinhou a pergunta de Guilherme e acrescentou logo, mas claramente contrariado -, incluindo os monges naturalmente, mas...

- Mas?

- Mas excluo absolutamente, absolutamente, entendeis, que um servo tenha tido a coragem de ali penetrar de noite. - Nos seus olhos passou como que um sorriso de desafio, mas foi rápido como o relâmpago ou uma estrela cadente. - Digamos que teriam medo, sabeis... por vezes as ordens dadas aos simples são reforçadas por alguma ameaça, como o presságio que pode acontecer alguma coisa de terrível, e por força sobrenatural, a quem desobedecer. Um monge, ao invés...

- Compreendo.

- Não só, mas um monge podia ter outras razões para se aventurar num lugar interdito, quero dizer, razões... como dizer? Razoáveis, ainda que contrárias à regra...

Guilherme apercebeu-se do mal-estar do Abade e fez uma pergunta que talvez tivesse em mira desviar o discurso mas que produziu um mal-estar não menos grande.

- Falando de um possível homicídio, haveis dito «e se fosse só esse». Que querieis dizer?

- Disse isso? Pois bem, não se mata sem uma razão, por mais perversa que seja. E tremo à idéia da perversidade das razões que podem ter levado um monge a matar um confrade. Aqui está. É assim.

- Não há mais nada?

- Não há mais nada que eu vos possa dizer.

- Quereis dizer que não há mais nada que vós tenhais poder para dizer?

- Por favor, frade Guilherme, irmão Guilherme.

E o Abade acentuou tanto frade como irmão. Guilherme corou vivamente e comentou:

- Eris sacerdos in aeternum.

- Obrigado - disse o Abade.

Ó Senhor Deus, que mistério terrível afloraram naquele momento os meus imprudentes superiores, impelido um pela angústia e outro pela curiosidade. Porque, noviço que se iniciava nos mistérios do santo sacerdócio de Deus, também eu, humilde criança, compreendi que o Abade sabia alguma coisa, mas tinha-o ouvido sob o segredo da confissão. Ele devia ter sabido dos lábios de alguém qualquer pormenor pecaminoso que podia ter relação com o trágico fim de Adelmo. Por isso, pedia talvez a frade Guilherme que descobrisse um segredo de que ele suspeitava sem poder revelá-lo a ninguém, e

esperava que o meu mestre fizesse luz com as forças do intelecto sobre tudo quanto ele devia envolver em sombra por força do sublime império da caridade.

- Bem - disse então Guilherme -, posso fazer perguntas aos monges?

- Podeis.

- Posso andar livremente pela abadia?

- Confiro-vos essa faculdade.

- Investir-me-eis desta missão coram monachis?

- Esta noite mesmo.

- Começarei hoje porém, antes que os monges saibam do que me haveis encarregado. E além disso desejava muito, e não é a menor razão da minha passagem por aqui, visitar a vossa biblioteca, de que se fala com admiração em todas as abadias da cristandade.

O Abade levantou-se quase de um salto, com o rosto muito tenso.

- Podeis andar por toda a abadia, disse-vos. Não certamente pelo último andar do Edifício, na biblioteca.

- Porquê?

- Devia ter-vo-lo explicado primeiro, e pensava que o soubésseis. Vós sabeis que a nossa biblioteca não é como as outras...

- Sei que tem mais livros do que qualquer outra biblioteca cristã. Sei que ao lado dos vossos armaria os de Bobbio ou de Pomposa, de Cluny ou de Fleury parecem o quarto de uma criança que mal se tenha iniciado no ábaco. Sei que os seis mil códices de que se orgulhava Novalesa há mais de cem anos são pouco ao lado dos vossos, e talvez muitos deles estejam agora aqui. Sei que a vossa abadia é a única luz que a cristandade pode opor às trinta e seis bibliotecas de Bagdad, aos dez mil códices do vizir Ibn al-Alkami, que o número das vossas bíblias iguala os dois mil e quatrocentos corões de que se orgulha o Cairo, e que a realidade dos vossos armaria é luminosa evidência contra a soberba lenda dos infieis que há anos afirmavam (íntimos como são do príncipe da mentira) que a biblioteca de Trípoli era rica de seis milhões de volumes e habitada por oitenta mil comentadores e duzentos escribas.

- Assim é, sejam dados louvores ao céu.

- Sei que dos monges que vivem entre vós muitos vêm de outras abadias dispersas por todo mundo: uns por pouco tempo, para copiarem manuscritos impossíveis de encontrar noutros lugares e para os levarem depois para as próprias sedes, não sem vos terem trazido em troca algum outro manuscrito que vós copiareis e inserireis no vosso tesouro; e outros por longo tempo, para aqui ficarem por vezes até à morte, porque só aqui podem encontrar as obras que iluminam a sua pesquisa. E portanto tendes entre vós germanos, dácios, hispanos, franceses e gregos. Sei que o imperador Frederico, há muitos e muitos anos, vos pediu que lhe compilásseis um livro sobre as profecias de Merlim e depois o traduzísseis em árabe, para o enviar como presente ao sultão do Egito. Sei enfim que uma abadia gloriosa como Murbach, nestes tempos tão tristes, já não tem um único escriba, que em San Gallo ficaram poucos monges que sabem escrever, que agora é nas cidades que surgem corporações e gildas compostas por seculares que trabalham para as universidades, e que só a vossa abadia renova dia a dia. Que digo? Eleva a fastígios sempre mais altos as glórias da vossa ordem...

- Monasterium sine libris - citou absorto o Abade - est sicut civitas sine opibus, castrum sine numeris, coquina sine supellectili, mensa sine cibis, hortus sine herbis, pratum sine floribus, arbor sine foliis... E a nossa ordem, crescendo em torno ao duplo mandamento do trabalho e da oração, foi luz para todo o mundo conhecido, reserva de saber, salvação de uma doutrina antiga que ameaçava desaparecer em incêndios, saques e terremotos, forja de nova escrita e incremento da antiga... Oh, vós bem sabeis, vivemos agora em tempos muitos obscuros, e coro ao dizer-vos que não há muitos anos o concílio de Viena teve de recordar que todo o monge tem o dever de tomar ordens... Quantas das nossas abadias, que há duzentos anos eram centros resplandecentes de grandeza e santidade, são agora refúgio de mandriões. A ordem é ainda poderosa, mas o fedor das cidades cinge de perto os nossos lugares santos, o povo de Deus inclina-se agora para o comércio e para as guerras de facções, lá em baixo, nos grandes centros habitados, onde não pode ter abrigo o espírito da santidade, não só se fala (que aos leigos não se poderia pedir outra coisa) mas já se escreve em língua vulgar, e Oxalá que nenhum destes volumes jamais possa entrar nas nossas muralhas... fonte de heresia como se torna fatalmente pelos pecados dos homens o mundo está suspenso à beira do abismo, penetrado pelo mesmo abismo que o abismo invoca. E amanhã, como afirmava Honório, os corpos dos homens serão mais pequenos que os nossos, tal como os nossos são mais pequenos que os dos antigos. Mundus senescit. Ora se Deus confiou à nossa ordem uma missão, ela é a de se opor a esta corrida para o abismo, conservando, repetindo e defendendo o tesouro de sabedoria que os nossos pais nos confiaram. A divina Providência ordenou que o governo universal, que no princípio do mundo era no oriente, à medida que o tempo se avizinha se deslocasse para ocidente, para nos avisar que o fim do mundo se aproxima, porque o curso dos acontecimentos já atingiu o limite do universo. Mas enquanto não acabar definitivamente o milênio, enquanto não triunfar, embora por pouco, a besta imunda que é o Anticristo, cabe-nos a nós defender o tesouro do mundo cristão, e a própria palavra de Deus, tal como ele a ditou aos profetas e aos apóstolos, tal como os padres a repetiram sem lhe mudar o verbo, tal como as escolas

procuraram glosar, embora hoje nas próprias escolas se aninhe a serpente da soberba, da inveja, da insensatez. Neste ocaso nós somos ainda fachos e luz alta no horizonte. E enquanto estas muralhas resistirem, nós seremos a custódia da Palavra divina.

- Assim seja - disse Guilherme em tom devoto. - Mas que tem a ver isso com o fato de não se poder visitar a biblioteca?

- Vede, frade Guilherme - disse o Abade -, para poder realizar a obra imensa e santa que enriquece aquelas muralhas - e apontou para a mole do Edifício, que se entrevia das janelas da cela, pontificando acima da própria igreja abacial -, homens devotos trabalharam durante séculos, seguindo regras de ferro. A biblioteca nasceu segundo um desígnio que permaneceu obscuro para todos através dos séculos e que nenhum dos monges é chamado a conhecer. Só o bibliotecário recebeu o seu segredo do bibliotecário que o precedeu, e comunica-o, ainda em vida, ao bibliotecário ajudante, de modo que a morte não o surpreenda privando a comunidade daquele saber. E os lábios de ambos estão selados pelo segredo. Só o bibliotecário, além de saber, tem o direito de se mover no labirinto dos livros, só ele sabe onde encontrá-los e onde repô-los, só ele é responsável pela sua conservação. Os outros monges trabalham no scriptorium e podem conhecer o elenco dos volumes que a biblioteca encerra. Mas um elenco de títulos freqüentemente diz muito pouco, só o bibliotecário sabe, pela colocação do volume, pelo grau da sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdades ou de mentiras o volume encerra. Só ele decide como, quando e se o fornece ao monge que faz a sua requisição, por vezes depois de me ter consultado. Porque nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais por um espírito piedoso, e os monges, enfim, estão no scriptorium para levar a cabo uma obra precisa, para a qual devem ler certos volumes e não outros, e não para seguir qualquer insensata curiosidade que os colha, quer por debilidade da mente, quer por soberba, quer por sugestão diabólica.

- Portanto, também há na biblioteca livros que contêm mentiras...

- Os monstros existem porque fazem parte dos desígnios divinos, e até nas horríveis façanhas dos monstros se revela a potência do Criador. Assim, por desígnio divino, existem também os livros dos magos, as cabalas dos judeus, as fábulas dos poetas pagãos, as mentiras dos infieis. Foi firme e santa convicção daqueles que quiseram e sustentaram esta abadia através dos séculos que até nos livros mentirosos pode transparecer, aos olhos do leitor sagaz, uma pálida luz da sapiência divina. E por isso também desses a biblioteca é escrínio. Mas precisamente por isso, compreendeis, não pode penetrar nela qualquer um. E além disso - acrescentou o Abade, quase a desculpar-se da insuficiência deste último argumento -, o livro é criatura frágil, sofre a usura do tempo, teme os roedores, as intempéries, as mãos inábeis. Se durante centenas de anos qualquer um tivesse podido livremente tocar nos nossos códices, a maior parte deles já não existiria. O bibliotecário defende-os portanto não só dos homens mas também da

natureza, e dedica a sua vida a esta guerra contra as forças do esquecimento, inimigo da verdade.

- Assim, ninguém, salvo duas pessoas, entra no último andar do Edifício...

O Abade sorriu:

- Ninguém deve. Ninguém pode. Ninguém, querendo, o conseguiria. A biblioteca defende-se por si, insondável como a verdade que acolhe, enganosa como a mentira que encerra. Labirinto espiritual, é também labirinto terreno. Poderíeis entrar e poderíeis não sair. E, dito isto, queria que vos adequásseis às regras da abadia.

- Mas vós não excluístes que Adelmo pode ter-se precipitado por uma das janelas da biblioteca. E como posso raciocinar sobre a sua morte se não vir o lugar em que podia ter início a história da sua morte?

- Frade Guilherme - disse o Abade em tom conciliador -, um homem que descreveu o meu cavalo Brunello sem o ver e a morte de Adelmo sem dela saber quase nada não terá dificuldade em raciocinar sobre lugares a que não tem acesso.

Guilherme inclinou-se numa reverência:

- Sois sábio mesmo quando sois severo. Como quiserdes.

- Se acaso fosse sábio, sê-lo-ia porque sei ser severo - respondeu o Abade.

- Uma última coisa - pediu Guilherme. - Ubertino?

- Está aqui. Espera-vos. Encontrá-lo-eis na igreja.

- Quando?

- Sempre - sorriu o Abade. - Sabeis que, embora muito douto, não é homem para apreciar a biblioteca. Considera-a uma tentação do século... Está quase sempre na igreja a meditar, a rezar...

- Está velho? - perguntou Guilherme, hesitando.

- Há quanto tempo não o vedes?

- Há muitos anos.

- Está cansado. Muito desligado das coisas deste mundo. Tem sessenta e oito anos. Mas

creio que tem ainda o espírito da sua juventude.

- Vou já procurá-lo, agradeço-vos.

O Abade perguntou-lhe se não queria unir-se à comunidade para almoçar, depois de sexta. Guilherme disse que tinha acabado de comer, e muito confortavelmente, e que preferia ver imediatamente Ubertino. O Abade despediu-se.

La a sair da cela quando se elevou do pátio um uivo lancinante, como de pessoa ferida de morte, a que se seguiram outros lamentos igualmente atrozes.

- O que é?! - perguntou Guilherme, desconcertado.

- Nada - respondeu o Abade, sorrindo. - Nesta época estão a matar os porcos. Um trabalho para os porqueiros. Não é deste sangue que deveis ocupar-vos.

Saiu, e não deu razão à sua fama de homem avisado. Porque na manhã seguinte... Mas refreia a tua impaciência, minha língua petulante. Porque no dia de que falo, e antes da noite, aconteceram ainda muitas coisas que será bom referir.

PRIMEIRO DIA SEXTA

Onde Adso admira o portal da igreja e Guilherme reencontra Ubertino de Casale.

A igreja não era majestosa como outras que vi em seguida em Estrasburgo, em Chartres, em Bamberg e em Paris. Assemelhava-se mais àquelas que já tinha visto na Itália, pouco propensas a elevar-se vertiginosamente para o céu e solidamente pousadas em terra, freqüentemente mais largas que altas; a não ser que, a um primeiro nível, ela era coroada, como uma fortaleza, por uma série de ameias quadradas, e acima deste andar elevava-se uma segunda construção, mais do que uma torre, uma sólida segunda igreja, encimada por um telhado em forma de ponta e perfurada de severas janelas. Robusta igreja abacial como as que construíam os nossos antigos na Provença e Languedoc, longe das ousadias e do excesso de ornatos próprios do estilo moderno, que só em tempos mais recentes, creio, se tinha enriquecido sobre o coro, com uma agulha ousadamente apontada para a abóbada celeste.

Duas colunas direitas e polidas enquadravam a entrada, que aparecia à primeira vista como um único grande arco: mas das colunas partiam dois contrafortes que, coroados por outros e múltiplos arcos, conduziam o olhar, como no coração de um abismo, para o verdadeiro e autêntico portal, que se entrevia na sombra, encimado por um grande tímpano, sustentado aos lados por dois pés-direitos e ao centro por um pilar esculpido, que subdividia a entrada em duas aberturas, defendidas por portas de carvalho

reforçadas de metal. Àquela hora do dia, o sol pálido batia quase a pique sobre o telhado e a luz caía obliquamente sobre a fachada sem iluminar o tímpano: de modo que, passadas as duas colunas, nos achamos logo debaixo da abóbada quase silvestre das arcadas que partiam da seqüência de colunas menores que proporcionalmente reforçavam os contrafortes. Habitados finalmente os olhos à penumbra, logo o mudo discurso da pedra historiada, acessível como era imediatamente à vista e à fantasia de qualquer um (porque picture est laicorum literature), fulminou o meu olhar e mergulhou-me numa visão de que ainda hoje a custo a minha língua consegue falar.

Vi um bono colocado no céu e alguém sentado no bono. O rosto do Sentado era severo e impassível, os olhos arregalados e dardejantes sobre uma humanidade terrestre que chegara ao fim da sua aventura, os cabelos e a barba majestosos que lhe caíam sobre o rosto e o peito como as águas de um rio, em ribeiros todos iguais e simetricamente bipartidos. A coroa que usava na cabeça era rica de esmaltes e de gemas, a túnica imperial cor de púrpura dispunha-se-lhe em amplas volutas sobre os joelhos, tecida de bordados e rendas em fios de ouro e de prata. A mão esquerda, pousada sobre os joelhos, segurava um livro selado, a direita elevava-se em atitude não sei se de bênção ou de ameaça. O rosto era iluminado pela tremenda beleza de um nimbo cruciforme e florido, e vi brilhar em torno do bono e sobre a cabeça do Sentado um arco-íris de esmeralda. Diante do bono, sob os pés do Sentado, corria um mar de cristal, e em torno do Sentado, em torno do bono e sobre o bono quatro animais terríveis - vi -, terríveis pare mim que os olhava extasiado, mas dóceis e dulcíssimos pare o Sentado, a quem cantavam louvores sem descanso.

Ou melhor, nem todos se podiam dizer terríveis, porque me pareceu belo e gentil o homem que à minha esquerda (e à direita do Sentado) estendia um livro. Mas, do lado oposto, pareceu-me horrenda uma águia, de bico dilatado, plumas hirtas dispostas em loriga, garras possantes, grandes asas abertas. E aos pés do Sentado, por baixo das duas primeiras figuras, outras duas, um touro e um leão, cada um dos dois monstros apertando entre as garras e os cascos um livro, com o corpo voltado para o exterior mas a cabeça para o bono, como torcendo o dorso e o pescoço num ímpeto feroz, flancos palpitantes, as patas de animal que agonize, as faces escancaradas, as caudas enroladas e retorcidas como serpentes e terminando na ponta em línguas de fogo. Ambos alados, ambos coroados por um nimbo, apesar da sua aparência formidável não eram criaturas do inferno, mas do céu, e se pareciam tremendas era porque rugiam em adoração do Vindouro que julgaria os vivos e os mortos.

Em torno do bono, ao lado dos quatro animais e sob os pés do Sentado, como vistos à transparência sob as águas do mar de cristal, enchendo quase todo o espaço da visão, compostos segundo a estrutura triangular do tímpano, elevando-se de uma base de sete mais sete, depois a três mais três e depois a dois mais dois, ao lado do bono, estavam vinte e quatro velhos, em vinte e quatro pequenos tronos, revestidos de vestes brancas e coroados de ouro. Um tinha na mão uma viola, outro uma taça de perfumes, e só um

tocava, todos os outros arrebatados em êxtase, com o rosto voltado para o Sentado, a quem cantavam louvores, os membros também eles contorcidos como os dos animais, de modo que pudessem todos ver o Sentado, não de modo bestial mas sim com movimentos de dança extática - como deve ter dançado David em torno da arca -, de modo que, onde quer que estivessem as suas pupilas, contra a lei que governava a estatura dos corpos, convergissem para o mesmo ponto fulgurante. Oh, que concerto de abandonos e de impulsos, de posições antinaturais e no entanto graciosas naquela mística linguagem de membros miraculosamente libertados do peso da matéria corpórea, signata quantidade infundida de nova forma substancial, como se o sagrado tropel fosse batido por um vento impetuoso, sopro de vida, frenesi de deleite, júbilo de aleluia transformado prodigiosamente, de som que era, em imagem.

Corpos e membros habitados pelo Espírito, iluminados pela revelação, perturbados os rostos pelo espanto, exaltados os olhares pelo entusiasmo, inflamadas as faces pelo amor, dilatadas as pupilas pela beatitude, fulminado um por uma deleitosa consternação, transido outro por um consternado deleite, um transfigurado pela admiração, outro rejuvenescido pelo gáudio, ei-los todos a cantar com a expressão dos rostos, com o panejamento das túnicas, com o aspecto e a tensão dos membros, um cântico novo, os lábios entreabertos num sorriso de louvor perene. E sob os pés dos velhos, arqueados sobre eles e sobre o trono e sobre o grupo tetramorfo, dispostos em grupos simétricos, a custo distinguíveis um do outro, tanto a sapiência da arte os tinha tornado todos mutuamente proporcionais, iguais na variedade e variados na unidade, únicos na diversidade e diversos na sua própria coadunação, em admirável congruência das partes com deleitável suavidade de tintas, milagre de consonância e concórdia de vozes dissemelhantes entre si, conjunto disposto como as cordas da cítara, consenciente e conspirante continuada cognação por profunda e interna força própria para operar o unívoco no próprio jogo alternado dos equívocos, ornato e cotejo de criaturas irredutíveis umas às outras e umas às outras reduzidas, obra de amorosa conexão regida por uma regra celeste e mundana a um tempo (vínculo e estável nexos de paz, amor, virtude, regime, potestade, ordem, origem, vida, luz, esplendor, espécie e figura), equidade numerosa resplandecente pelo reluzir da forma sobre as partes proporcionadas da matéria - eis que se entrelaçavam todas as flores e as folhas e as gavinhas e os ramos e os corimbos de todas as ervas com que se adornam os jardins da terra e do céu, a violeta, o cítiso, o serpil, o lírio, o ligustro, o narciso, a colocásia, o acanto, o malobatro, a mirra e os hopobálsamos.

Mas enquanto a minha alma, arrebatada por aquele concerto de belezas terrenas e de majestosos sinais sobrenaturais, estava prestes a explodir num cântico de alegria, o olhar, acompanhando o ritmo proporcionado das rosáceas floridas aos pés dos velhos, caiu sobre as figuras que, entrelaçadas, formavam uma só com o pilar central que sustinha o tímpano. O que eram e que simbólica mensagem comunicavam aqueles três pares de leões entrelaçados em cruz transversalmente disposta, rompantes como arcos, fincando as patas posteriores no terreno e apoiando as anteriores no dorso do próprio

companheiro, com a juba eriçada em volutas anguitormes, a boca aberta num rosnar ameaçador, ligados ao próprio corpo do pilar por um molho, ou um ninho, de gavinhas? Para acalmar o meu espírito, como estavam postos talvez para amestrar a natureza diabólica dos leões e transformá-la em simbólica alusão às coisas superiores, dos lados dos pilares estavam duas figuras humanas, tão desnaturadamente longas como a própria coluna e gêmeas de outras duas que simetricamente, de ambos os lados, lhes ficavam de frente nos pés-direitos historiados dos lados externos, onde cada uma das portas de carvalho tinha os seus estípites: eram pois quatro figuras de velhos, por cujos parafernais reconheci Pedro e Paulo, Jeremias e Isaías, contorcidos também eles como num passo de dança, as longas mãos ossudas levantadas de dedos tensos como asas, e como asas as barbas e os cabelos movidos por um vento profético, as pregas das vestes longuíssimas agitadas pelas longuíssimas pernas dando vida a ondas e voltas, opostos aos leões mas da mesma matéria dos leões. E, enquanto desviava o olhar fascinado por aquela enigmática polifonia de membros santos e de músculos internos, vi ao lado do portal, e debaixo das profundas arcadas, por vezes historiados nos contra-fortes do espaço entre as delicadas colunas que as sustinham e adornavam, e ainda sobre a densa vegetação dos capitéis de cada coluna, e dali ramificando-se para a abóbada silvestre das múltiplas arcadas, outras visões horríveis de ver, e justificadas naquele lugar só pela sua força parabólica e alegórica ou pelo ensinamento moral que transmitiam: vi uma mulher luxuriosa nua e descarnada, roída por sapos imundos, sugada por serpentes, acasalada com um sátiro de ventre inchado e pernas de grifo cobertas de pêlos hirsutos, a goela obscena, que gritava a sua própria danação, e vi um avaro, rígido da rigidez da morte, sobre o seu leito de suntuosas colunas, agora presa débil de uma corte de demônios, um dos quais lhe arrancava da boca agonizante a alma em forma de infante (ai, jamais nascituro para a vida eterna), e vi um orgulhoso a cujos ombros trepava um demônio fincando-lhe as garras nos olhos, enquanto outros dois gulosos se despedaçavam num corpo a corpo repugnante, e outras criaturas ainda, com cabeça de bode, pêlo de leão, faces de pantera, prisioneiros numa selva de chamas cujo hálito ardente quase se podia sentir. E em torno deles, misturados com eles, sobre eles e debaixo dos seus pés, outros rostos e outros membros, um homem e uma mulher que se agarravam pelos cabelos, duas áspides que sugavam os olhos de um danado, um homem de riso maligno que dilatava com as mãos aduncas as faces de uma hidra, e todos os animais do bestiário de Satanás, reunidos em consistório e postos em guarda e coroa do bono que lhes ficava defronte, pare lhe cantarem a glória com a sue derrota, faunos, seres de duplo sexo, brutos de mãos com seis dedos, sereias, hipocentauros, górgonas, harpias, incubos, dragontopóides, minotauros, linceas, leopardos, quimeras, cenóperos de focinho de cão que lançavam fogo pelas narinas, dentotiranos, policaudados, serpentes peludas, salamandras, cerastas, quelidros, cobras, bicípites de dorso armado de dentes, hienas, lontras, gralhas, crocodilos, hidropos de cornos em forma de serra, rãs, grifos, símios, cinocéfalos, leucrotos, mantícoras, abutres, parandros, doninhas, dragões, poupas, corujas, basiliscos, hipnális, prestérios, spectafigos, escorpiões, sáurios, cetáceos, cítalos, anfisbenas, jáculos, dipsádios, sardões, rémoras, polvos, moreias e tartarugas. Toda a população dos infernos parecia ter marcado encontro para fazer de vestibulo,

selva obscura, charneca desesperada da exclusão, à aparição do Sentado do tímpano, ao seu rosto promitente e ameaçador, eles, os vencidos do Armagedão, defronte a quem virá separar definitivamente os vivos dos mortos. E desfalecido (quase) por aquela visão, já sem saber se me encontrava num lugar amigo ou no vale do juízo final, aterrorizei-me, e a custo contive o pranto, e pareceu-me ouvir (ou ouvi deveras?) a voz e vi as visões que tinham acompanhado a minha infância de noviço, as minhas primeiras leituras dos livros sagrados e as noites de meditação no coro de Melk, e no delíquio dos meus sentidos debilíssimos e debilitados ouvi uma voz potente como de tromba que dizia «aquilo que vês escreve-o num livro» (o que agora estou fazendo), e vi sete lâmpadas de ouro e no meio das lâmpadas uma semelhante ao filho de homem, cingido no peito com uma faixa de ouro, alvos a cabeça e os cabelos com alva lã, os olhos como chama de fogo, os pés como bronze ardente na fornalha, a voz como o fragor de muitas águas, e segurava na direita sete estrelas e da boca saía-lhe uma espada de dois gumes. E vi uma porta aberta no céu, e Aquele que estava sentado pareceu-me como de jaspe e sardônio, e uma íris envolvia o bono e do bono saíam relâmpagos e trovões. E o Sentado tomou nas mãos uma foice afiada e gritou: «Vibra a tua foice e ceifa, chegou a hora de ceifar porque está madura a messa da terra»; e Aquele que estava sentado vibrou a sua foice e a terra foi ceifada.

Foi então que compreendi que de outra coisa não falava a visão senão de quanto estava a acontecer na abadia e tínhamos colhido dos lábios reticentes do Abade - e quantas vezes nos dias seguintes não voltei a contemplar o portal, seguro de viver a própria história que ele contava. E compreendi que tínhamos subido até ali para ser testemunhas de uma grande e celeste carnificina.

Tremi, como se estivesse molhado pela chuva gélida do inverno. E ouvi ainda uma outra voz, mas desta vez ela vinha das minhas costas e era uma voz diferente, porque partia da terra e não do centro fulgurante da minha visão; ou melhor, despedaçava a visão, porque também Guilherme (naquele momento apercebi-me da sua presença), até então perdido também ele na contemplação, se voltava como eu.

O ser que estava atrás de nós parecia um monge, embora a túnica suja e rasgada o fizesse assemelhar antes a um vagabundo, e o seu rosto não era diferente do dos monstros que tinha acabado de ver nos capitéis. Nunca me aconteceu na vida, como ao invés aconteceu a muitos dos meus confrades, ser visitado pelo diabo, mas creio que se ele me aparecesse um dia, incapaz por decreto divino de ocultar plenamente a sua natureza, mesmo quando quisesse fazer-se semelhante ao homem, ele não teria feições diferentes das que me apresentava naquele instante o nosso interlocutor. A cabeça raspada, não por penitência mas sim pela ação remota de algum viscoso eczema, a testa tão baixa que se ele tivesse cabelos na cabeça estes se teriam confundido com as sobrancelhas (que tinha espessas e revoltas), os olhos eram redondos, de pupilas pequenas e movediças, e o olhar não sei se inocente ou maligno, e talvez ambas as coisas, a espaços e em momentos diversos. Não se podia falar de nariz a não ser porque

um osso partia do meio dos olhos, mas, como se destacava do rosto, logo reentrava, não se tornando mais do que duas escuras cavernas, narinas dilatadas e cheias de pêlos. A boca, unida às narinas por uma cicatriz, era larga e desajeitada, mais esticada à direita do que à esquerda, e entre o lábio superior, inexistente, e o inferior, proeminente e carnudo, emergiam com ritmo irregular dentes negros e aguçados como os de um cão.

O homem sorriu (ou pelo menos assim julguei) e, levantando o dedo como para admoestar, disse:

- Penitenciagite! Vide quando draco venturus est para roê-la a tua alma! A mortz est super nos! Reza que vem o papa santo para livrar nos a malo de todas as peccata! Ah, ah, gostais d'ista necromancia de Domini Nostri Iesu Christi! Et mesmo jois m'es dols e prazer m'es dolores... Cave el diablo! Semper m'espreita em qualquer canto para me ferrar os calcanhares. Mas Salvador non est insipiens! Bonum monasterium, e aqui se manja e se roga dominum nostrum. Et el resto valet um figo seco. Et amen. No?

Devo, no prosseguimento desta história, falar ainda, e muito, desta criatura e referir os seus discursos. Confesso que me é muito difícil fazê-lo, porque não saberei dizer agora, como nunca compreendi então, que gênero de língua ele falava. Não era latim, língua em que nos exprimíamos entre homens de letras na abadia, não era a língua vulgar daquelas terras, nem outra vulgar que jamais tivesse ouvido. Creio ter dado uma pálida idéia do seu modo de falar referindo acima (tal como as recordo) as primeiras palavras que lhe ouvi. Quando mais tarde soube da sua vida aventureira e dos vários lugares onde tinha vivido, sem encontrar raízes em nenhum, dei-me conta que Salvador falava todas as línguas e nenhuma. Ou melhor, tinha inventado uma língua própria usando os pedaços das línguas com que tinha entrado em contato - e uma vez pensei que a sua era não a língua adâmica que a humanidade feliz tinha falado, todos unidos por um só falar, desde as origens do mundo até à Torre de Babel, e nem sequer uma das línguas surgidas depois do funesto evento da sua divisão, mas precisamente a língua babélica do primeiro dia depois do castigo divino, a língua da confusão primeva. Nem por outro lado poderia chamar língua ao falar de Salvador, porque em todas as línguas humanas há regras e cada termo significa ad placitum uma coisa, segundo uma lei que não muda, porque o homem não pode chamar ao cão uma vez cão e outra gato nem pronunciar sons aos quais o consenso das pessoas não tenha atribuído um sentido definido, como aconteceria a quem dissesse a palavra «blitiri». E todavia, bem ou mal, eu compreendia o que Salvador queria dizer, e os outros também. Sinal de que ele falava não uma mas todas as línguas, nenhuma de modo justo, tirando as suas palavras ora duma ora doutra. Apercebi-me porém em seguida que ele podia nomear uma coisa ora em latim ora em provençal, e dei conta que, mais do que inventar as suas próprias frases, ele usava disiecta membra de outras frases, ouvidas um dia, segundo as situações e as coisas que queria dizer, como se só conseguisse falar de um alimento, creio, com as palavras das gentes junto das quais tinha comido esse alimento, e exprimir a sua alegria só com sentenças que tinha ouvido emitir a gente alegre, no dia em que ele tinha sentido igual alegria. Era como se o seu

falar fosse a imagem da sua cara, feita com pedaços de caras alheias, ou como vi por vezes preciosos relicários (silicet magnis componere parva, ou às coisas divinas as diabólicas) que nasciam dos detritos de outros objetos sacros. No momento em que o encontrei pela primeira vez, Salvador apareceu-me, não só pelo seu rosto mas também pelo seu modo de falar, um ser não dissemelhante dos cruzamentos pelosos e ungulados que tinha acabado de ver sob o pórtico. Mais tarde compreendi que era talvez um homem de bom coração e humor faceto. Mais tarde ainda... Mas vamos por ordem. Até porque, mal ele tinha acabado de falar, o meu mestre interrogou-o com muita curiosidade.

- Porque disseste penitenciagite? - perguntou.

- Domine frate magnificentissimo - respondeu Salvador com uma espécie de vênia - Jesus venturus est et os homini debent facere penitentia. No?

Guilherme olhou-o fixamente:

- Vieste para aqui de algum convento de menorigitas?

- No entendo.

- Pergunto se viveste com os frades de São Francisco, pergunto se conheceste os chamados apóstolos...

Salvador empalideceu, ou melhor, o seu rosto bronzeado e beluíno tornou-se cinzento. Fez uma profunda vênia, pronunciou a meia voz um «vade retro», persignou-se devotamente e fugiu voltando-se para trás de quando em quando.

- Que lhe haveis perguntado? - perguntei a Guilherme.

Ele ficou um pouco pensativo.

- Não importa, digo-to depois. Agora entremos. Quero ver Ubertino.

Pouco passava da hora sexta. O sol, pálido, penetrava de ocidente, e assim por poucas e estreitas janelas, no interior da igreja. Uma tênue faixa de luz tocava ainda o altar-mor, cujo frontal me pareceu reluzir com um fulgor áureo. As naves laterais estavam imersas na penumbra.

Junto da última capela antes do altar, na nave da esquerda, erguia-se uma delicada coluna, sobre a qual estava uma Virgem de pedra, esculpida no estilo dos modernos, de sorriso inefável, ventre proeminente, o menino nos braços, vestida de um traje gracioso, com um fino colete. Aos pés da Virgem, em oração, quase prostrado, estava um homem,

vestido com o hábito da ordem clunicense.

Aproximamo-nos. O homem, ouvindo o ruído dos nossos passos, levantou o rosto. Era um velho, de rosto glabro, crânio sem cabelos, grandes olhos azuis, uma boca fina e vermelha, a pele alva, o crânio ossudo a que a pele aderiu como se fosse uma múmia conservada em leite. As mãos eram brancas, de dedos longos e finos. Parecia uma menina emurchecida por uma morte precoce. Pousou sobre nós um olhar primeiro perdido, como se o tivéssemos perturbado numa visão extática, depois o rosto iluminou-se-lhe de alegria.

- Guilherme! - exclamou. - Meu caríssimo irmão! - Levantou-se com dificuldade e foi ao encontro do meu mestre, abraçando-o e beijando-o na boca. - Guilherme! - repetiu, e os olhos umedeceram-se-lhe de pranto. - Quanto tempo! Mas ainda te reconheço! Quanto tempo quantas vicissitudes! Quantas provas que o Senhor nos impôs!

Chorou. Guilherme retribuiu-lhe o abraço, visivelmente comovido. Encontrávamo-nos diante de Ubertino de Casale.

Já tinha ouvido falar dele e longamente, ainda antes de vir para a Itália, e mais ainda quando freqüentava os franciscanos da corte imperial. Alguém me tinha até dito que o maior poeta daqueles tempos, Dante Alighieri de Florença, morto há poucos anos, tinha composto um poema (que eu não pude ler porque estava escrito em língua vulgar toscana) em que tinham posto a mão, o céu e a terra, e muitos dos seus versos não eram mais do que uma paráfrase de textos escritos por Ubertino no seu *Arbor vitae crucifixae*. E não era este o único título de mérito daquele homem famoso. Mas para permitir ao meu leitor compreender melhor a importância daquele encontro terei de procurar reconstituir as vicissitudes daqueles anos, tal como as tinha compreendido durante a minha breve estada na Itália Central por palavras dispersas do meu mestre e ouvindo os muitos colóquios que Guilherme tivera com abades e monges no decurso da nossa viagem.

Procurarei dizer o que tinha compreendido, ainda que não tenha a certeza de dizer bem estas coisas. Os meus mestres de Melk tinham-me dito freqüentemente que é muito difícil para um nórdico ter idéias claras sobre as vicissitudes religiosas e políticas da Itália.

A península, onde o poder do clero era mais evidente do que em qualquer outro país e onde, mais do que em qualquer outro país, o clero ostentava poder e riqueza, tinha gerado há pelo menos dois séculos movimentos de homens tendentes a uma vida mais pobre, em polémica com os padres corruptos, de quem recusavam até os sacramentos reunindo-se em comunidades autônomas malvistas, ao mesmo tempo pelos senhores, pelo império e pelas magistraturas citadinas.

Por fim tinha vindo São Francisco e tinha difundido um amor pela pobreza que não contradizia os preceitos da Igreja, e por obra sua a Igreja tinha acolhido o apelo à severidade de costumes daqueles antigos movimentos e tinha-os purificado dos elementos de desordem que neles se aninhavam. Deveria ter-se seguido uma época de brandura e de santidade, mas, como a ordem franciscana crescia e atraía a si os homens melhores, tornava-se demasiado poderosa e ligada a assuntos terrenos, e muitos franciscanos quiseram reconduzi-la à pureza do passado. Coisa bastante difícil para uma ordem que, nos tempos em que eu estava na abadia, já contava mais de trinta mil membros espalhados por todo o mundo. Mas assim é, e muitos destes frades de São Francisco opunham-se à regra que a ordem se tinha dado, dizendo que a ordem já tinha assumido as formas das instituições eclesiásticas para cuja reforma tinha nascido, e que isto já tinha acontecido no tempo em que Francisco era vivo, e que as suas palavras e os seus propósitos tinham sido traídos. Muitos deles descobriram então o livro dum monge cisterciense que tinha escrito no início do século XII da nossa era, chamado Joaquim e a quem se atribuía espírito de profecia. De fato, ele tinha previsto o advento de uma nova era, em que o espírito de Cristo, há algum tempo corrompido por obra dos seus falsos apóstolos, se realizaria de novo sobre a terra. E tinha anunciado tais prazos que a todos parecera claro que ele falava sem o saber da ordem franciscana. E muitos franciscanos tinham-se alegrado bastante com isto, parece que até de mais, tanto que a meio do século em Paris os doutores da Sorbonne condenaram as proposições daquele abade Joaquim, mas parece que o fizeram porque os franciscanos (e os dominicanos) estavam a tornar-se demasiado poderosos e sapientes, na universidade de França, e queriam eliminá-los como hereges. O que depois não se fez, e foi um grande bem para a Igreja, porque isto permitiu que fossem divulgadas as obras de Tomás de Aquino e de Boaventura de Bagnoregio, que certamente não eram hereges. Por isto se vê que também em Paris as idéias estavam confusas, ou alguém queria confundi-las com fins pessoais. E este é o mal que a heresia faz ao povo cristão, que torna obscuras as idéias e leva todos a tornarem-se inquisidores pelo próprio bem pessoal. E tudo quanto vi mais tarde na abadia e de que falarei depois) fez-me pensar que muitas vezes são os inquisidores que criam os hereges. E não só no sentido de que os imaginam quando não existem, mas porque reprimem com tanta veemência a corrupção herética que muitos são levados a nela participar por ódio contra eles. Na verdade, um círculo imaginado pelo demônio, que Deus nos salve.

Mas falava da heresia (se acaso o foi) joaquimita. E viu-se na Toscana um franciscano, Gerardo de Borgo San Donnino, tornar-se o porta-voz das predições de Joaquim e impressionar muito o ambiente dos frades menores. Surgiu assim entre eles uma ala de defensores da regra antiga, contra a reorganização tentada pelo grande Boaventura, que depois se tinha tornado geral da ordem. Nos últimos trinta anos do século passado, quando o concílio de Lião, salvando a ordem franciscana contra quem a queria abolir, lhe concedeu a propriedade de todos os bens que tinha em uso, como já era de lei para as ordens mais antigas, alguns frades nas Marche rebelaram-se, porque consideravam que o espírito da regra tinha sido definitivamente traído, na medida em que um franciscano

não deve possuir nada, nem pessoalmente, nem como convento, nem como ordem. Meteram-nos na prisão para toda a vida. Não me parece que pregassem coisas contrárias ao evangelho, mas quando entra em jogo a posse das coisas terrenas é difícil que os homens raciocinem segundo a justiça. Disseram-me que, anos depois, o novo geral da ordem, Raimundo Gaufredi, encontrou estes prisioneiros em Ancona e, libertando-os, disse: «Quisesse Deus que todos nós e toda a ordem estivéssemos manchados com essa culpa.» Sinal de que não é verdade aquilo que dizem os hereges e de que na Igreja habitam ainda homens de grande virtude.

Estava entre estes prisioneiros libertados Angelo Clareno que se encontrou depois com um frade da Provença, Pedro de João Olivi, que pregava as profecias de Joaquim, e depois com Ubertino de Casale, e daí nasceu o movimento dos espirituais. Ascendia naqueles anos ao trono pontifício um eremita santíssimo, Pedro de Morrone, que reinou como Celestino V, e este foi acolhido com alívio pelos espirituais: «Aparecerá um santo», tinha-se dito, «e observará os ensinamentos de Cristo, terá uma vida angélica, tremei prelados corruptos.» Talvez Celestino tivesse uma vida demasiado angélica, ou os prelados à sua volta fossem demasiado corruptos, ou ele não conseguisse suportar a tensão de uma guerra já demasiado longa com o imperador e com os outros reis da Europa; o fato é que Celestino renunciou à sua dignidade e retirou-se num eremitério. Mas no breve período do seu reinado, menos de um ano, as esperanças dos espirituais foram todas satisfeitas: foram junto de Celestino, que fundou com eles a comunidade dita dos *fratres et pauperes heremitae domini Celestini*. Por outro lado, enquanto o papa tinha de fazer de mediador entre os mais poderosos cardeais de Roma, houve alguns como um Colonna ou um Orsini, que secretamente apoiavam as novas tendências de pobreza: escolha na verdade bastante curiosa para homens tão poderosos que viviam no meio de comodidades e riquezas desmedidas, e nunca compreendi se simplesmente se serviam dos espirituais para os seus fins de governo ou de algum modo se consideravam justificados na sua vida carnal por apoiarem as tendências espirituais, e talvez fossem verdade ambas as coisas, pelo pouco que eu compreendo das coisas italianas. Mas, precisamente para dar um exemplo, Ubertino tinha sido acolhido como capelão pelo cardeal Orsini quando, tendo-se tornado o mais escutado dos espirituais, corria o risco de ser acusado como herege. E o próprio cardeal lhe tinha servido de escudo em Avinhão.

Como acontece porém em tais casos, por um lado Angelo e Ubertino pregavam segundo a doutrina, por outro grandes massas de simples aceitavam esta sua pregação e espalhavam-se pelo país, fora de qualquer controle. Assim a Itália foi invadida por estes fraticelli, ou frades de vida pobre, que muitos consideravam perigosos. Então era difícil distinguir os mestres espirituais, que mantinham contato com as autoridades eclesiásticas, e os seus seguidores mais simples, que simplesmente viviam já fora da ordem, pedindo esmola e vivendo dia a dia do trabalho das suas mãos, sem deter propriedade alguma. Era a estes que a opinião pública então chamava fraticelli, pouco diferentes dos beguinos franceses, que se inspiravam em Pedro de João Olivi.

Celestino V foi substituído por Bonifácio VIII, e este papa apressou-se em demonstrar muito pouca indulgência para com os espirituais e fraticelli em geral: precisamente nos últimos anos do século que findava assinou uma bula, *Firma cautela*, com a qual condenava de um só golpe beatos, vagabundos mendicantes que erravam no limite extremo da ordem franciscana e os próprios espirituais, ou melhor, aqueles que se subtraíam à vida da ordem para se entregarem ao ermo.

Os espirituais tentaram depois obter o consenso de outros pontífices, como Clemente V, para se poderem separar da ordem de modo não violento. Creio que o teriam conseguido, mas o advento de João XXII tirou-lhes toda a esperança. Logo que foi eleito, em 1316, ele escreveu ao rei da Sicília para que expulsasse estes frades das suas terras, porque muitos ali se tinham refugiado, e mandou pôr a ferros Angelo Clareno e os espirituais da Provença.

Não deve ter sido uma empresa fácil, e muitos na cúria lhe resistiram. O fato é que Ubertino e Clareno conseguiram ser autorizados a abandonar a ordem e foram acolhidos um pelos beneditinos e o outro pelos celestinos. Mas, para aqueles que continuaram a seguir uma vida livre, João foi impiedoso e mandou-os perseguir pela inquisição, e muitos foram queimados.

Ele tinha compreendido porém que para destruir a planta má dos fraticelli, que minavam a base da autoridade da Igreja, era preciso condenar as proposições sobre as quais eles baseavam a sua fé. Eles defendiam que Cristo e os apóstolos não tinham tido propriedade alguma, nem individual nem comum, e o papa condenou como herética esta idéia. Coisa surpreendente, porque não se vê por que razão um papa deve considerar perversa a idéia de que Cristo era pobre: mas é que precisamente um ano antes se tinha reunido o capítulo geral dos franciscanos, em Perugia, que tinha defendido esta opinião, e, condenando uns, o papa condenava também o outro. Como já disse, o capítulo causava grande prejuízo à sua luta contra o imperador, este é o fato. Assim, desde então, muitos fraticelli, que nada sabiam nem do imperador nem de Perugia, morreram queimados.

Pensava eu nestas coisas ao olhar para um personagem lendário como Ubertino. O meu mestre tinha-me apresentado, e o velho tinha-me acariciado a face, com uma mão quente, quase ardente. Ao toque daquela mão, eu tinha compreendido muitas das coisas que tinha ouvido sobre aquele santo homem e outras que tinha lido nas páginas de *Arbor Vitae*; compreendia o fogo místico que o tinha devorado desde a juventude, quando, ainda estudante em Paris, se tinha retirado das especulações teológicas e tinha imaginado que se transformara na Madalena penitente; e as relações tão intensas que tinha mantido com Santa Angela de Foligno, que o tinha iniciado nos tesouros da vida mística e na adoração da cruz; e porque os seus superiores um dia, preocupados com o ardor da sua pregação, o tinham mandado retirar para Verna.

Perscrutava aquele rosto de traços suavíssimos como os da santa com quem tinha estado em fraterno comércio de espiritualíssimos sentidos. Intuíu que devia ter sabido adotar traços bem mais duros quando, em 1311, o concílio de Viena, com a decretal *Exivi di paradiso*, tinha eliminado os superiores franciscanos *hostis* aos espirituais, mas tinha imposto a estes últimos que vivessem em paz no seio da ordem, e este campeão da renúncia não tinha aceitado aquele prudente compromisso e tinha-se batido para que fosse constituída uma ordem independente, inspirada no máximo rigor. Este grande combatente tinha então perdido a sua batalha, porque naqueles anos João XXII propugnava uma cruzada contra os seguidores de Pedro de João Olivi (entre os quais ele próprio se contava) e condenava os frades de Narbona e Béziers. Mas Ubertino não tinha hesitado em defender diante do papa a memória do amigo, e o papa, subjugado pela sua santidade, não tinha ousado condená-lo (embora depois tenha condenado os outros). Mais, naquela ocasião tinha-lhe oferecido uma via de salvação, primeiro aconselhando-o e depois ordenando-lhe que entrasse na ordem clunicense. Ubertino, que devia ser igualmente hábil (ele aparentemente tão desarmado e frágil) a conquistar proteções e alianças na corte pontifícia, tinha sim aceitado entrar no mosteiro de Gemblach, na Flandres, mas creio que nunca tinha lá ido, e tinha ficado em Avinhão, sob a proteção do cardeal Orsini, para defender a causa dos franciscanos.

Só nos últimos tempos (e os rumores que tinha ouvido eram confusos) a sua fortuna na corte tinha declinado, e ele tivera de se afastar de Avinhão enquanto o papa mandava perseguir este homem indomável como herege que per mundus discurrit vagabundus. Dele dizia-se que se tinha perdido o rasto. Durante a tarde soubera, pelo diálogo entre Guilherme e o Abade, que ele estava agora escondido nesta abadia. E agora via-o diante de mim.

- Guilherme - ia ele dizendo -, estavam a ponto de me matar, sabes, tive de fugir pela calada da noite.

- Quem te queria ver morto? João?

- Não. João nunca me amou, mas respeitou-me sempre. No fundo, foi ele que me ofereceu um modo de fugir ao processo, há dez anos, obrigando-me a entrar nos beneditinos, e com isto fazia calar os meus inimigos. Murmuraram por muito tempo, ironizavam sobre o fato de um defensor da pobreza entrar numa ordem tão rica e viver na corte do cardeal Orsini... Guilherme, tu sabes quanto me importam as coisas desta terra! Mas era o único modo de ficar em Avinhão e defender os meus irmãos. O papa tem medo de Orsini, jamais me tocara num cabelo. Ainda há três anos me mandou como mensageiro junto do rei de Aragão.

- Então quem te queria mal?

- Todos. A cúria. Tentaram assassinar-me duas vezes. Tentaram fazer-me calar. Tu

sabes o que aconteceu há cinco anos. Tinham sido condenados há dois anos os beguinos de Narbona, e Berengário Talloni, que até era um dos juizes, apelou para o papa. Eram momentos difíceis, João tinha já emitido duas bulas contra os espirituais, e o próprio Miguel de Cesena tinha cedido... a propósito, quando chega ele?

- Estará aqui dentro de dois dias.

- Miguel... Há tanto tempo que não o vejo. Agora arrependeu-se, compreende o que queríamos, o capítulo de Perugia deu-nos razão. Mas então, ainda em 1318, cedeu ao papa e pôs-lhe nas mãos cinco espirituais da Provença que resistiam à submissão. Queimados, Guilherme... Oh, é horrível!

Escondeu a cabeça entre as mãos.

- Mas que aconteceu exatamente depois do apelo de Talloni? - perguntou Guilherme.

- João devia reabrir o debate, compreendes? Devia, porque mesmo na cúria havia homens que duvidavam, até os franciscanos da cúria... fariseus, sepulcros caiados, prontos a vender-se por uma prebenda, mas duvidavam. Foi então que João me pediu para apresentar uma memória sobre a pobreza. Foi uma coisa bela, Guilherme, Deus me perdoe o orgulho...

- Li-a, Miguel mostrou-ma.

- Havia titubeantes, mesmo entre os nossos, o provincial de Aquitania, o cardeal de San Vitale, o bispo de Caffa...

- Um imbecil - disse Guilherme.

- Descanse em paz, voou para junto de Deus há dois anos.

- Deus não foi tão misericordioso. Foi uma falsa notícia chegada de Constantinopla. Está ainda entre nós, dizem-me que fará parte da legação. Deus nos proteja!

- Mas é favorável ao capítulo de Perugia - disse Ubertino.

- Exatamente. Pertence àquela raça de homens que são sempre os melhores defensores do seu adversário.

- Para falar verdade - disse Ubertino -, também então não ajudou muito a causa. E depois tudo acabou em nada, de fato, mas pelo menos não se estabeleceu que a idéia era herética, e isto foi importante. Por isso os outros nunca me perdoaram. Procuraram prejudicar-me de todas as maneiras, disseram que estive em Sachsenhausen quando Luís

há três anos proclamou João herético. E no entanto todos sabiam que em Julho eu estava em Avinhão com Orsini... Acharam que partes da declaração do imperador refletiam as minhas idéias, que loucura.

- Não tanto como isso - disse Guilherme. - As idéias tinha-lhas dado eu, tirando-as da tua declaração de Avinhão e de algumas páginas de Olivi.

- Tu? - exclamou, entre estupefato e alegre, Ubertino. - Mas então dás-me razão!

Guilherme pareceu embaraçado:

- Eram boas idéias para o imperador, naquele momento - disse evasivamente.

Ubertino olhou-o com desconfiança.

- Ah, mas tu não crês verdadeiramente nelas, não é verdade?

- Conta outra vez - disse Guilherme -, conta como te salvaste daqueles cães.

- Oh sim, cães, Guilherme. Cães raivosos. Achei-me a combater com o próprio Bonagrazia, sabes?

- Mas Bonagrazia de Bérgamo está conosco!

- Agora, depois de eu ter falado longamente com ele. Só naquela altura se convenceu e protestou contra a Ad conditorem canonum. E o papa aprisionou-o por um ano.

- Ouvi dizer que agora está próximo de um amigo meu que está na cúria, Guilherme de Occam.

- Conheci-o pouco. Não me agrada. Um homem sem fervor, só cabeça, sem coração.

- Mas é uma bela cabeça.

- Pode ser, e levá-lo-á ao inferno.

- Então voltarei a vê-lo lá embaixo, e discutiremos com lógica.

- Cala-te, Guilherme - disse Ubertino, sorrindo com intenso afeto -, tu és melhor que os teus filósofos. Se apenas tivesses querido...

- O quê?

- Quando nos vimos a última vez na Umbria? Lembras-te? Acabava de ser curado dos meus males pela intercessão daquela mulher maravilhosa... Clara de Montefalco... - murmurou com o rosto radioso. - Clara... Quando a natureza feminina, naturalmente tão perversa, se sublima na santidade, então sabe tornar-se o mais alto veículo da graça. Sabes como a minha vida se inspirou na castidade mais pura, Guilherme - tinha-o agarrado por um braço, convulsivamente -, sabes com que... feroz (sim, é a palavra exata), com que feroz sede de penitência tentei mortificar em mim as palpitações da carne, para me tornar totalmente transparente ao amor de Jesus Crucificado... E no entanto três mulheres na minha vida foram para mim três mensageiros celestes. Angela de Foligno, Margarida de Città di Castello (que me antecipou o fim do meu livro quando eu só tinha escrito um terço) e finalmente Clara de Montefalco. Foi um prêmio do céu que eu, precisamente eu, tivesse de indagar sobre os seus milagres e proclamar a sua santidade às multidões, antes que a santa madre Igreja se movesse. E tu estavas lá, Guilherme, e podias ajudar-me naquela santa empresa, e não quiseste...

- Mas a santa empresa para que me convidava era mandar para a fogueira Bentivenga, Jacomo e Giovannuccio - disse lentamente Guilherme.

- Estavam a ofuscar a memória dela com as suas perversões. E tu eras inquisidor!

- E foi precisamente então que pedi para me libertarem daquele encargo. A história não me agradava. Serei franco: também não me agradou o modo como induziste Bentivenga a confessar os seus erros. Fingiste querer entrar na sua seita, se é que era uma seita, extorquistes-lhe os segredos e mandaste-o prender.

- Mas é assim que se procede contra os inimigos de Cristo! Eram hereges, eram pseudo-apóstolos, tresandavam ao enxofre de frei Dolcino!

- Eram os amigos de Clara.

- Não, Guilherme, não toques nem sequer com uma sombra na memória de Clara!

- Mas circulavam no seu grupo...

- Eram menoritas, diziam-se espirituais, e afinal eram frades da comunidade! Mas tu sabes que foi claro, no inquérito, que Bentivenga de Gubbio se proclamava apóstolo, e depois com Giovannuccio de Bevagna seduzia as monjas dizendo-lhes que o inferno não existia, que se podem satisfazer desejos carnavais sem ofender a Deus, que se pode receber o corpo de Cristo (perdoa-me, Senhor!) depois de ter estado deitado com uma monja, que o Senhor preferiu Madalena à Virgem Inês, que aquilo que o vulgo chama demônio é o próprio Deus, porque o demônio é a sabedoria e Deus é precisamente sabedoria! E foi a beata Clara que, depois de lhes ter ouvido dizer estas coisas teve aquela visão em que o próprio Deus lhe disse que aqueles homens eram malvados

sequazes do Spiritus Libertatis!

- Eram menoritas com a mente inflamada pelas mesmas visões de Clara, e muitas vezes vai apenas um passo entre visão extática e frenesim de pecado - disse Guilherme.

Ubertino apertou-lhe as mãos e os olhos velaram-se-lhe outra vez de lágrimas:

- Não digas isso, Guilherme. Como podes confundir o momento do amor extático, que te queima as vísceras com o perfume do incenso, e o desregramento dos sentidos que sabe a enxofre? Bentivenga instigava a tocar os membros de um corpo nu, afirmava que só assim se obtém a libertação do império dos sentidos, homo nudus cum nuda iacebat...

- Et non commiscebantur ad invicem...

- Mentiras! Procuravam o prazer, se o estímulo carnal se fazia sentir, eles não reputavam pecado que para o aquietar homem e mulher fizessem juntos, e um tocasse e beijasse o outro em todas as partes, e aquele juntasse o seu ventre nu ao ventre nu desta!

Confesso que o modo como Ubertino estigmatizava o vício alheio não me induzia a pensamentos virtuosos. O meu mestre deve ter-se apercebido que eu estava perturbado e interrompeu o santo homem.

- És um espírito ardente, Ubertino, no amor de Deus como no ódio contra o mal. Aquilo que queria dizer é que há pouca diferença entre o ardor dos Serafins e o ardor de Lúcifer, porque nascem ambos de uma inflamação extrema da vontade.

- Oh, a diferença existe, e eu conheço-a! - disse inspirado Ubertino. - Tu queres dizer que entre querer o bem e querer o mal vai um pequeno passo, porque se trata sempre de dirigir a mesma vontade. Isso é verdade. Mas a diferença está no objeto, e o objeto é limpidamente reconhecível. Dum lado Deus, do outro o diabo.

- E eu temo já não saber distinguir, Ubertino. Não foi a tua Angela de Foligno que contou que um dia, arrebatada em espírito, esteve no sepulcro de Cristo? Não disse que primeiro lhe beijou o peito e o viu jazer com os olhos fechados, depois lhe beijou a boca e sentiu subir daqueles lábios um inenarrável odor de doçuras, e depois de uma breve pausa pousou a sua face sobre a face de Cristo e Cristo aproximou a sua mão da face dela e estreitou-a contra si e (assim disse ela) o seu regozijo foi altíssimo?...

- Que tem a ver isso com o ímpeto dos sentidos? - perguntou Ubertino. - Foi uma experiência mística, e o corpo era o de Nosso Senhor.

- Talvez me tenha habituado a Oxford - disse Guilherme -, onde até a experiência

mística era de outro gênero...

- Toda na cabeça - sorriu Ubertino.

- Ou nos olhos. Deus sentido como luz, nos raios do Sol, nas imagens dos espelhos, na difusão das cores sobre as partes da matéria ordenada, nos reflexos do dia sobre as folhas molhadas... Não está este amor mais próximo do de Francisco quando louva Deus nas suas criaturas, flores, ervas, água, ar? Não creio que deste tipo de amor possa vir insídia alguma. Porém, não me agrada um amor que transfere para o colóquio com o Altíssimo os arrepios que se sentem nos contatos da carne...

- Tu blasfemas, Guilherme! Não é a mesma coisa. Há um salto, imenso, para baixo, entre o êxtase do coração amante de Jesus Crucificado e o êxtase corrupto dos pseudo-apóstolos de Montefalco...

- Não eram pseudo-apóstolos, eram irmãos do Livre Espírito, tu próprio o disseste.

- E que diferença faz? Tu não soubeste tudo daquele processo, eu próprio não me atrevi a pôr nas atas certas confissões, para não aflorar sequer por um instante com a sombra do demônio a atmosfera de santidade que Clara tinha criado naquele lugar. Mas soube de certas coisas, de certas coisas, Guilherme! Reuniam-se pela calada da noite numa cave, pegavam num menino recém-nascido, atiravam-no uns aos outros, até que ele morria, de pancadas... ou de outra coisa... E quem o recebia vivo pela última vez, para morrer nas suas mãos, tornava-se o chefe da seita... E o corpo do menino era dilacerado e misturado com farinha, para fazer hóstias blasfemas.

- Ubertino - disse firmemente Guilherme -, essas coisas foram ditas, há muitos séculos, pelos bispos armênios, da seita dos paulicianos, e dos bogomilos.

- E que importa? O demônio é obtuso, segue um ritmo nas suas insídias e nas suas seduições, repete os próprios ritos à distancia de milênios, ele é sempre o mesmo, precisamente por isso se reconhece como o inimigo! Juro-te, acendiam velas, na noite de Páscoa, e levavam meninas para a cave. Depois apagavam as velas e atiravam-se a elas, mesmo que estivessem ligadas a eles por laços de sangue... E se deste amplexo nascia um menino, recomeçava o rito infernal, todos em torno de um vaso cheio de vinho, a que chamavam barrilete, a embriagarem-se, e cortavam em pedaços o menino, e deitavam-lhe o sangue numa taça, e atiravam meninos ainda vivos para o fogo, e misturavam as cinzas do menino, o seu sangue, e bebiam-no!

- Mas isso escrevia-o Miguel Psello no livro sobre as operações dos demônios, há trezentos anos! Quem te contou essas coisas!

- Eles, Bentivenga e os outros, e sob tortura!

- Há só uma coisa que excita os animais mais do que o prazer, é a dor. Sob tortura vives como sob o efeito de ervas que provocam visões. Tudo o que ouviste contar, tudo o que leste, volta à tua mente como se fosses arrebatado não para o céu mas para o inferno. Sob tortura dizes não só aquilo que o inquisidor quer mas também aquilo que imaginas que lhe pode dar prazer, porque se estabelece uma ligação (esta sim, verdadeiramente diabólica) entre ti e ele... São coisas que conheço, Ubertino, também eu fiz parte daqueles grupos de homens que crêem produzir a verdade com o ferro incandescente. Pois bem, fica sabendo que a incandescência da verdade é de outra chama. Sob tortura, Bentivenga pode ter dito as mentiras mais absurdas, porque já não era ele que falava mas a sua luxúria, os demônios da sua alma.

- Luxúria!

- Sim, há uma luxúria da dor, como há uma luxúria da adoração e até uma luxúria da humildade. Se bastou tão pouco aos anjos rebeldes para mudarem o seu ardor de adoração e humildade em ardor de soberba e de revolta, que dizer de um ser humano? Pronto, agora já sabes, foi este pensamento que me atingiu no decurso das minhas inquisições. E foi por isto que renunciei àquela atividade. Faltou-me a coragem de inquirir sobre as fraquezas dos malvados, porque descobri que são as mesmas fraquezas dos santos.

Ubertino tinha escutado as últimas palavras de Guilherme como se não compreendesse aquilo que ele dizia. Pela expressão do seu rosto, cada vez mais inspirado de afetuosa comiseração, compreendi que ele considerava Guilherme presa de sentimentos muito culpáveis, que ele perdoava porque muito o amava. Interrompeu-o e disse em tom bastante amargo:

- Não importa. Se sentias isso, fizeste bem em parar. É preciso combater as tentações. Porém, faltou-me o teu apoio, e podíamos ter desbaratado aquele bando de malvados. E, pelo contrário, sabes o que aconteceu, eu próprio fui acusado de ser demasiado fraco com eles, e fui suspeito de heresia. Também tu foste demasiado fraco no combate ao mal. O mal, Guilherme: não cessará nunca esta condenação, esta sombra, esta lama que nos impede de tocar a fonte? - Aproximou-se ainda mais de Guilherme, como se tivesse receio que alguém o ouvisse - Também aqui, também entre estas paredes consagradas à oração, sabes?

- Sei, o Abade falou-me, pediu-me até que o ajudasse a fazer luz sobre isso.

- Então espia, escava, olha com olho de lince em duas direções, a luxúria e a soberba...

- A luxúria?

- Sim, a luxúria. Havia qualquer coisa de... de feminino, e portanto de diabólico, naquele jovem que morreu. Tinha olhos de rapariga que busca o comércio com um incubo. Mas disse-te também a soberba, a soberba da mente, neste mosteiro consagrado ao orgulho da palavra, à ilusão da sabedoria...

- Se sabes alguma coisa, ajuda-me.

- Não sei nada. Não há nada que eu saiba. Mas certas coisas sentem-se com o coração. Deixa falar o teu coração, interroga os rostos, não escutes as línguas... Mas, vamos lá, porque havemos de falar destas tristezas e atemorizar este nosso jovem amigo? - Olhou-me com os seus olhos azuis, aflorando a minha face com os seus dedos longos e brancos, e quase tive o instinto de me retrair; contive-me, e fiz bem, porque o teria ofendido, e a sua intenção era pura. - Fala-me antes de ti - disse, dirigindo-se de novo a Guilherme. - Que fizeste desde então? Passaram-se...

- Dezoito anos. Voltei para as minhas terras. Estudei ainda em Oxford. Estudei a natureza.

- A natureza é boa, porque é filha de Deus - disse Ubertino.

- E Deus deve ser bom, se gerou a natureza - sorriu Guilherme. - Estudei, encontrei amigos muito sábios. Depois conheci Marsílio, atraíram-me as suas idéias sobre o império, sobre o povo, sobre uma nova lei para os reinos da terra, e assim acabei naquele grupo dos nossos confrades que estão aconselhando o imperador. Mas estas coisas sabe-las, tinha-te escrito. Exultei quando em Bobbio me disseram que estavas aqui. Julgávamos-te perdido. Mas agora que estás conosco poderás ser-nos de grande auxílio dentro de alguns dias, quando chegar Miguel. Será um duro embate.

- Não terei a dizer muito mais do que já disse há cinco anos em Avinhão. Quem vem com Miguel?

- Alguns que foram ao capítulo de Perugia, Arnaldo de Aquitania, Hugo de Newcastle...

- Quem? - perguntou Ubertino.

- Hugo de Novocastro, desculpa-me, uso a minha língua mesmo quando falo em bom latim. E depois Guilherme Alowick. E por parte dos franciscanos avinhonenses podemos contar com Jeronimo, o tolo de Caffa, e talvez venham Berengário Talloni e Bonagrazia de Bérgamo.

- Esperemos em Deus - disse Ubertino -, estes últimos não quererão inimizar-se

demasiado com o papa. E quem estará para defender as posições da cúria, quero dizer, entre os duros de coração?

- Pelas cartas que recebi, imagino que virão Lourenço Decoalcone...
- Um homem maligno...
- João d'Anneaux...
- Esse é sutil em teologia, livra-te dele.
- Dele nos livraremos. E finalmente João de Baune.
- Haver-se-á com Berengário Talloni.
- Sim, creio mesmo que nos divertiremos - disse o meu mestre de ótimo humor.

Ubertino olhou-o com um sorriso duvidoso.

- Nunca percebo quando vós, ingleses, falais seriamente. Não há nada de divertido numa questão tão grave. Está em jogo a sobrevivência da ordem, que é a tua e que no fundo do coração é ainda a minha. Mas eu hei-de esconjurar Miguel para que não vá a Avinhão. João quer-o, procura-o, convida-o com demasiada insistência. Desconfiai daquele velho francês. Oh, Senhor, em que mãos caiu a tua Igreja! - Voltou a cabeça para o altar. - Transformada em meretriz, amolecida pelo luxo, revolve-se na luxúria como uma serpente no cio! Da pureza nua do estábulo de Belém, lenho como foi lenho o lignum vitae da cruz, às bacanais de ouro e de pedra, olha, nem aqui, viste o portal, nos subtraímos ao orgulho das imagens! Então enfim próximos os dias do Anticristo, e eu tenho medo, Guilherme! - Olhou em torno, fixando o olhar desvairado entre as naves obscuras, como se o Anticristo fosse aparecer de um momento para o outro, e eu na verdade esperava avistá-lo. - Os seus lugares-tenentes já aqui estão, mandados como Cristo mandou os apóstolos pelo mundo! Estão calcando aos pés a Cidade de Deus, seduzem com o engano, a hipocrisia e a violência. Será então que Deus deverá mandar os seus servos, Elias e Enoch, que ele conservou ainda em vida no paraíso terrestre para que um dia confundam o Anticristo, e virão profetizar vestidos de burel, e pregarão a penitência com o exemplo e com a palavra...

- Já vieram, Ubertino - disse Guilherme, mostrando o seu saio de franciscano.

- Mas ainda não venceram; é o momento em que o Anticristo, cheio de furor, mandará matar Enoch e Elias e os seus corpos para que todos os possam ver e tenham medo de querer imitá-los. Tal como queriam matar-me a mim...

Naquele momento, aterrado, eu pensava que Ubertino era vítima de uma espécie de divina mania, e temi pela sua razão. Agora, à distancia no tempo, sabendo aquilo que sei, isto é, que alguns anos depois foi misteriosamente morto numa cidade alemã, e nunca se soube por quem, fico mais aterrado ainda, porque evidentemente naquela noite Ubertino profetizava.

- Sabes, o abade Joaquim tinha dito a verdade. Chegamos à sexta era da história humana, em que aparecerão dois Anticristos, o Anticristo místico e o Anticristo propriamente dito; isto é o que acontece agora na sexta época, desde que apareceu Francisco a configurar na sua própria carne as cinco chagas de Jesus Crucificado. Bonifácio foi o Anticristo místico, e a abdicação de Celestino não foi válida, Bonifácio foi a besta que veio do mar cujas sete cabeças representam as ofensas aos pecados capitais e os dez cornos as ofensas aos mandamentos, e os cardeais que o rodeavam eram os gafanhotos cujo corpo é Appolyon! Mas o número da besta, se lheres o nome em letras gregas, é Benedicti! - Fixou-me para ver se eu tinha compreendido e levantou um dedo admoestando-me. - Bento XI foi o Anticristo propriamente dito, a besta que ascende da terra! Deus permitiu que tal monstro de vício e de iniquidade governasse a sua Igreja para que as virtudes do seu sucessor resplandessem de glória!

- Mas, padre santo - objetei com um fio de voz, enchendo-me de coragem -, o seu sucessor é João!

Ubertino pôs a mão na fronte como para afastar um sonho molesto. Respirava com dificuldade, estava cansado.

- Pois. Os cálculos estavam errados, estamos ainda esperando o papa angélico... Mas entretanto apareceram Francisco e Domingos. - Levantou os olhos ao céu e disse como rezando (mas tive a certeza que estava recitando uma página do seu grande livro sobre a árvore da vida): - Quorum primus seraphico calculo purgatus et ardore celico inflammatus totum incendere videbatur. Secundus vero verbo predicationis fecundus super mundi tenebras clarius radiavit... Sim, se estas foram as promessas, o papa angélico terá de vir.

- E assim seja, Ubertino - disse Guilherme. - Entretanto, eu estou aqui para impedir que seja expulso o imperador humano. Do teu papa angélico falava também frei Dolcino...

- Não voltes a pronunciar o nome dessa serpente! - gritou Ubertino, e pela primeira vez o vi transformar-se, de amargurado que estava, em irritado. - Ele sujou a palavra de Joaquim de Calábria e fez dela fonte de morte e imundície! Mensageiro do Anticristo, se por acaso os houve. Mas tu, Guilherme, falas assim porque na verdade não crês no advento do Anticristo e os teus mestres de Oxford ensinaram-te a idolatrar a razão endurecendo as capacidades proféticas do teu coração!

- Enganas-te, Ubertino - respondeu com muita seriedade Guilherme. - Tu sabes que venero, mais do que qualquer outro entre os meus mestres, Roger Bacon...

- Que devaneava sobre máquinas voadoras - motejou amargamente Ubertino.

- Que falou clara e limpidamente sobre o Anticristo, descobriu-lhe os sinais na corrupção do mundo e no enfraquecimento da sabedoria. Mas ensinou que há só um modo de nos prepararmos para a sua vinda: estudar os segredos da natureza, usar o saber para melhorar o gênero humano. Podes preparar-te para combater o Anticristo estudando as virtudes curativas das ervas, a natureza das pedras, e até projetando as máquinas voadoras de que sorris.

- O Anticristo do teu Bacon era um pretexto para cultivar o orgulho da razão.

- Santo pretexto.

- Nada que sirva de pretexto é santo. Guilherme, sabes que te amo. Sabes que confio muito em ti. Castiga a tua inteligência, aprende a chorar sobre as chagas do Senhor, deita fora os teus livros.

- Ficarei só com o teu - sorriu Guilherme.

Ubertino sorriu também e ameaçou-o com o dedo:

- Inglês tonto. E não te rias demasiado dos teus semelhantes. Ou melhor, aqueles que não podes amar, teme-os. E tem cuidado com a abadia. Este lugar não me agrada.

- Quero justamente conhecê-lo melhor - disse Guilherme, despedindo-se. - Vamos, Adso.

- Eu digo-te que não é bom, e tu dizes que queres conhecê-lo. Ah! - disse Ubertino, abanando a cabeça.

- A propósito - disse ainda Guilherme já a meio da nave -, quem é aquele monge que parece um animal e fala a língua de Babel?

- Salvador? - voltou-se Ubertino, que já se tinha ajoelhado. - Creio que fui eu a doá-lo a esta abadia... Juntamente com o despenseiro. Quando deixei o saio franciscano voltei por algum tempo ao meu velho convento de Casale, e ali encontrei outros frades em angústias, porque a comunidade os acusava de serem espirituais da minha seita... assim se exprimiam. Empenhei-me em seu favor, obtendo que pudessem seguir o meu exemplo. E dois, Salvador e Remígio, encontrei-os precisamente aqui, quando cá cheguei

o ano passado. Salvador... Na verdade, parece um bicho. Mas é serviçal.

Guilherme hesitou um instante.

- Ouvi-o dizer penitenciagite.

Ubertino calou-se. Moveu uma mão como para afastar um pensamento molesto.

- Não, não creio. Sabes como são estes irmãos laicos. Gente do campo, que ouviu talvez algum pregador ambulante, e não sabe o que diz. A Salvador terei outra coisa a censurar: é um bicho guloso e luxurioso. Mas nada, nada contra a ortodoxia. Não, o mal da abadia é outro, procura-o em quem sabe de mais, não em quem não sabe nada. Não construas um castelo de suspeitas sobre uma palavra.

- Jamais o farei - respondeu Guilherme. - Deixei de ser inquisidor precisamente para não fazer isso. Porém, agrada-me escutar também as palavras, e depois penso nelas.

- Tu pensas de mais. Rapaz - disse, dirigindo-se a mim -, não tires demasiados maus exemplos do teu mestre. A única coisa em que se deve pensar, e dou-me conta disso no fim da minha vida, é na morte. Mors est quies viatoris, finis est omnis laboris. Deixai-me rezar.

PRIMEIRO DIA CERCA DE NONA

Onde Guilherme tem um diálogo doutíssimo com Severino, o ervanário.

Voltamos a percorrer a nave central e saímos pelo portal que nos dera entrada. Tinha ainda as palavras de Ubertino, todas, a zumbir na minha cabeça.

- É um homem... estranho - ousei dizer a Guilherme.

- É, ou foi, em muitos aspectos, um grande homem. Mas precisamente por isso é estranho. Só os homens pequenos é que parecem normais. Ubertino podia ter-se tornado um dos hereges que contribuiu para mandar queimar ou um cardeal da santa igreja romana. Andou muito perto de ambas as perversões. Quando falo com Ubertino tenho a impressão que o inferno é o paraíso visto do outro lado.

Não compreendi o que queria dizer:

- De que lado? - perguntei.

- Pois é - admitiu Guilherme -, trata-se de saber se existem partes e se existe um

todo. Mas não me dê ouvidos. E não olhes mais para aquele portal - disse, batendo-me levemente na nuca enquanto eu me voltava atraído pelas esculturas que tinha visto à entrada. - Por hoje já te assustaram bastante. Todos.

Enquanto me voltava para a saída, vi diante de mim outro monge. Podia ter a mesma idade de Guilherme. Sorriu-nos e saudou-nos com urbanidade. Disse que era Severino de Sant Emmerano, e que era o padre ervanário, que cuidava dos balnea, do hospital e dos hortos, e que estava à nossa disposição se quiséssemos orientar-nos melhor no recinto da abadia.

Guilherme agradeceu-lhe e disse que já tinha notado, ao entrar, o belíssimo horto que lhe parecia conter não só ervas comestíveis mas também plantas medicinais, pelo que se podia ver através da neve.

-No verão ou na primavera, com a variedade das suas ervas, e cada uma adornada das suas flores, este horto canta melhor os louvores do Criador - disse Severino à maneira de desculpa. - Mas também nessa estação o olho do ervanário vê através dos ramos secos as plantas que virão e pode dizer-te que este horto é mais rico do que qualquer herbário, e mais variegado, por mais belas que sejam as miniaturas deste. E depois também no Inverno crescem as ervas boas, e outras tenho-as recolhidas e prontas nos vasos que tenho no laboratório. Assim, com as raízes da azedinha curam-se os catarrhos, e com o decocto de raízes de altéia fazem-se compressas para as doenças da pele, com a bardana cicatrizam-se os eczemas, triturando e moendo o rizoma da bistorta curam-se as diarreias e alguns males das mulheres, a pimenta é um bom digestivo, a tussilagem faz bem à tosse, e temos uma boa genciana para digerir, e o regoliz, e o zimbro para fazer uma boa infusão, o sabugo cuja casca serve para fazer um decocto para o fígado, a saponária para macerar as raízes em água fria, para o catarro, e a valeriana cujas virtudes certamente conheceis.

- Tendes ervas diversas e que se dão em climas diversos. Como assim?

- Por um lado, devo-o à misericórdia do Senhor, que colocou o nosso planalto a cavalo de uma cadeia que vê o mar ao sul, e dele recebe os ventos quentes, e a setentrião a montanha, mais alta, donde recebe os bálsamos silvestres. E, por outro lado, devo-o ao hábito da arte, que indignamente adquiri por vontade dos meus mestres. Certas plantas crescem mesmo em clima adverso se lhe cuidares o terreno circunstante, a nutrição e o crescimento.

- Mas também tendes plantas boas só para comer? - perguntei.

- Meu jovem potro esfomeado, não há plantas boas para comer que não sejam boas também para curar, desde que tomadas na justa medida. Só o excesso as torna causa de doença. Por exemplo, a abóbora. É de natureza fria e úmida, e mitiga a sede, mas comê-

la estragada provoca diarreia, e debes apertar as vísceras com uma mistura de salmoura e mostarda. E as cebolas? Quentes e úmidas, poucas, aumentam a potência do coito, naturalmente para aqueles que não pronunciaram os nossos votos, demasiadas provocam peso na cabeça e são combatidas com leite e vinagre. Boa razão - acrescentou com malícia - para que um jovem monge as coma sempre com parcimônia. Come antes alho. Quente e seco, é bom contra os venenos. Mas não exagere, faz expelir demasiados humores do cérebro. Os feijões, pelo contrário, produzem urina e engordam, duas coisas muito boas. Mas provocam sonhos maus. Muito menos porém do que certas outras ervas, porque também as há que provocam visões más.

- Quais? - perguntei.

- Eh, eh, o nosso noviço quer saber de mais. São coisas que só o ervanário deve saber, senão qualquer inconsciente poderia andar por aí a ministrar visões, isto é, a mentir com as ervas.

- Mas basta um pouco de urtiga - disse então Guilherme -, ou de roybra, ou de olieribus, e está-se protegido contra as visões. Espero que vos tenhais destas boas ervas.

Severino olhou o mestre de soslaio:

- Interessas-te por ervanário?

- Muito pouco - disse modestamente Guilherme. - uma vez tive nas mãos o Theatrum Sanitatis de Ububchasy de Baldach...

- Abdul Asan al Muchtar ibn Botlan.

- Ou Ellucasim Elimittar, como queiras. Pergunto-me se se poderá encontrar um exemplar aqui.

- Um dos mais belos, com muitas imagens de preciosa leitura.

-O céu seja louvado. E o De De virtutibus herbarum de Pla-tearius?

- Também esse, e o De plantis de Aristóteles, traduzido por Alfredo de Sareshel.

- Mas devo dizer que não é verdadeiramente de Aristóteles - observou Guilherme. como se descobriu que não era de Aristóteles o De causis.

- E de qualquer modo, é um grande livro - observou Severino, e o meu mestre concordou com muito fervor sem perguntar se o ervanário falava do De plantis ou o De causis, duas obras que eu não conhecia mas que, por aquela conversa, concluí que eram

ambas de primeira grandeza. - Ficarei contente - concluiu Severino - se tiver contigo alguma honesta conversa sobre as ervas.

- Eu ainda mais do que tu - disse Guilherme -, mas não violaremos a regra do silêncio, que me parece vigorar na vossa ordem!

- A regra - disse Severino - adaptou-se através dos séculos às exigências das diversas comunidades. A regra previa a lectio divina mas não o estudo: e no entanto sabes até que ponto a nossa ordem desenvolveu a pesquisa das coisas divinas e das coisas humanas. A regra prevê ainda o dormitório comum, mas por vezes é justo, como entre nós, que os monges tenham a possibilidade de reflexão mesmo durante a noite, e assim cada um deles tem a sua própria cela. A regra é muito severa quanto ao silêncio, e, mesmo entre nós, não deve conversar com os seus Irmãos não só o monge que faz trabalhos manuais mas também aquele que escreve ou que lê. Mas a abadia é antes de mais uma comunidade de estudiosos, e muitas vezes é útil que os monges comuniquem entre si os tesouros de doutrina que acumulam. Qualquer conversa que diga respeito aos nossos estudos é considerada legítima e proveitosa, contanto que não se desenrole no refeitório ou durante as horas dos ofícios sagrados.

- Tiveste ocasião de falar muito com Adelmo de Otranto? - perguntou bruscamente Guilherme.

Severino não pareceu surpreendido:

- Vejo que o Abade já te falou - disse. - Não. Com ele não conversava muito. Passava o tempo a fazer iluminuras. Ouvi-o algumas vezes discutir com outros monges, Venancio de Salvemec, ou Jorge de Burgos, sobre a natureza do seu trabalho. E depois eu não passo o dia no scriptorium, mas no meu laboratório - e apontou para o edifício do hospital.

- Compreendo - disse Guilherme. - Portanto, não sabes se Adelmo tinha tido visões.

- Visões?!

- Como as que provocam as tuas ervas, por exemplo.

Severino pôs-se rígido:

- Disse-te que guardo com muito cuidado as ervas perigosas.

- Não digo isso - apressou-se a precisar Guilherme. - Eu falava de visões em geral.

- Não compreendo - insistiu Severino.

- Pensava que um monge que anda de noite pelo Edifício, onde, segundo admitiu o Abade, podem acontecer coisas... tremendas a quem ali entre a horas proibidas, bem, dizia eu, pensava que pudesse ter tido visões diabólicas que o tivessem empurrado para o precipício.

- Eu disse que não freqüento o scriptorium, salvo quando preciso de algum livro, mas habitualmente tenho os meus herbários, que conservo no hospital. Já te disse: Adelmo era muito íntimo de Jorge, de Venancio e... naturalmente, de Berengário.

Também eu notei uma leve hesitação na voz de Severino. E não escapou ao meu mestre:

- Berengário? E porquê naturalmente?

- Berengário de Anundel, o ajudante-bibliotecário. Eram coetâneos, foram noviços juntos, era normal que tivessem coisas de que falar. Era isto o que eu queria dizer.

- Então era isso o que querias dizer - comentou Guilherme. - E admirei-me que não insistisse naquele ponto. De fato, mudou logo de conversa. - Mas talvez sejam horas de entrarmos no Edifício. Fazes-nos de guia?

- Com prazer - disse Severino com um alívio mais que evidente. Fez-nos contornar o horto e levou-nos diante da fachada ocidental do Edifício. - Do lado do horto esta o portal que dá acesso à cozinha - disse -, mas a cozinha ocupa só a metade ocidental do primeiro andar, na segunda metade fica o refeitório. E do lado da porta meridional, a que se chega passando por detrás do coro da igreja, há dois outros portais que conduzem à cozinha e ao refeitório. Mas entremos mesmo por aqui, porque da cozinha podemos depois passar, pelo interior, ao refeitório.

Quando entrei na vasta cozinha apercebi-me que o Edifício gerava no seu interior, e a toda a sua altura, um pátio octogonal; como compreendi depois, tratava-se de uma espécie de grande poço, privado de acessos, sobre o qual se abriam em cada andar amplas janelas, como as que davam para o exterior.

A cozinha era um imenso átrio cheio de fumo, onde já muitos servos se apressavam a dispor os alimentos para a ceia. Sobre uma grande mesa, dois deles preparavam uma empada de verdura, cevada, aveia e centeio, cortando em pedacinhos nabos, agriões, rabanetes e cenouras. Ao lado, um outro cozinheiro tinha acabado de cozer alguns peixes numa mistura de vinho e água, e estava-os cobrindo com um molho composto de sálvia, salsa, tomilho, alho, pimenta e sal.

Na parede que correspondia ao torreão ocidental abria-se um enorme forno para o

pão, onde já relampejavam chamas avermelhadas. No torreão meridional, uma imensa chaminé, sobre a qual ferviam panelões e giravam espetos. Pela porta que dava para a eira atrás da igreja entravam naquele momento os porquinhos trazendo as carnes dos porcos degolados. Saímos antes por aquela porta e encontramos-nos na eira, na extremidade oriental do planalto, ao abrigo das muralhas, onde se erguiam muitas construções. Severino explicou-me que a primeira era o conjunto das estrumeiras, depois ficavam as estrebarias dos cavalos, depois os estábulos dos bois, e as capoeiras, e o recinto coberto das ovelhas. Diante das estrumeiras, os porquinhos remexiam numa grande jarra o sangue dos porcos acabados de degolar, a fim de que não coagulasse. Se fosse remexido bem e depressa, resistiria depois durante os dias seguintes, graças ao clima rigoroso, e finalmente fariam com ele chouriços de sangue.

Voltamos a entrar no Edifício e deitamos apenas uma olhadela ao refeitório, que atravessamos para nos dirigirmos para o torreão oriental. Dos dois torreões, entre os quais se estendia o refeitório, o setentrional albergava uma chaminé, o outro uma escada em forma de caracol que levava ao scriptorium, isto é, ao segundo andar. Dali os monges dirigiam-se todos os dias ao trabalho, ou então por duas escadas, menos acessíveis mas bem aquecidas, que subiam em espiral por trás da chaminé e do forno da cozinha.

Guilherme perguntou se encontraríamos alguém no scriptorium mesmo sendo domingo. Severino sorriu e disse que o trabalho, para o monge beneditino, é oração. Ao domingo, os ofícios duravam mais tempo, mas os monges afetos aos livros passavam igualmente algumas horas lá em cima, habitualmente empregadas em frutuosas trocas de observações douras, conselhos, reflexões sobre as sagradas escrituras.

PRIMEIRO DIA DEPOIS DE NONA

Onde se visita o scriptorium e se conhecem muitos estudiosos, copistas e rubricadores, assim como um velho cego que espera o Anticristo.

Enquanto subíamos, vi que o meu mestre observava as janelas que davam luz à escada. Estava provavelmente a tornar-me tão hábil como ele, porque me apercebi logo que a sua disposição dificilmente teria consentido a alguém chegar até elas. Por outro lado, as janelas que se abriam no refeitório (as únicas que do primeiro andar davam para o precipício) também não pareciam de fácil acesso, dado que por baixo delas não havia qualquer espécie de móveis.

Chegados ao cimo da escada, entramos, pelo torreão setentrional, no scriptorium, e ali não pude conter um grito de admiração. O segundo andar não estava dividido em dois como o inferior e oferecia-se portanto ao meu olhar em toda a sua espaçosa imensidão. As abóbadas, curvas e não demasiado altas (menos do que numa igreja, mais todavia do

que em qualquer outra sala capitular que tinha visto), sustentadas por robustas pilastras, encerravam um espaço inundado de belíssima luz, porque três enormes janelas se abriam de cada um dos lados maiores, enquanto cinco janelas mais pequenas perfuravam cada um dos cinco lados externos de cada torreão; oito janelas altas e estreitas, enfim, deixavam que a luz entrasse também pelo poço octogonal interior.

A abundância de janelas fazia com que a grande sala fosse alegrada por uma luz contínua e difusa, embora fosse uma tarde de Inverno. As vidraças não eram coloridas como as das igrejas, e os caixilhos de chumbo fixavam quadrados de vidro incolor, para que a luz entrasse do modo mais puro possível, não modulada pela arte humana, e servisse o seu objetivo, que era iluminar o trabalho da leitura e da escrita. Vi outras vezes e em outros lugares muitos scriptoria, mas nenhum em que tão luminosamente refulgisse, nas colunas de luz física que faziam resplandecer o ambiente, o próprio princípio espiritual que a luz encarna, a clarista: fonte de toda a beleza e sapiência, atributo inseparável da proporção que a sala manifestava. Porque três coisas concorrem para criar a beleza: antes de mais, a integridade ou perfeição, e por isto reputamos feias as coisas incompletas; depois, a devida proporção, isto é, a consonância; e, finalmente, a claridade e a luz, e de fato chamamos belas às coisas de cor nítida. E como a visão do belo comporta a paz, e para o nosso apetite é a mesma coisa aquietar-se na paz, no bem ou no belo, senti-me invadido de grande consolação e pensei como devia ser agradável trabalhar naquele lugar.

Tal como apareceu a meus olhos, àquela hora da tarde, pareceu-me uma alegre oficina de sapiência. Vi em seguida em San Gallo um scriptorium de proporções semelhantes, separado da biblioteca (noutros lugares os monges trabalhavam no próprio lugar onde eram guardados os livros), mas não tão bem disposto como este. Antiquários, livreiros, rubricadores e estudiosos estavam sentados, cada um à sua própria mesa, uma mesa sob cada uma das janelas. E como as janelas eram quarenta (número verdadeiramente perfeito devido à decuplicação do quadrilátero, como se os dez mandamentos tivessem sido magnificados pelas quatro virtudes cardeais), quarenta monges poderiam trabalhar em uníssono, embora naquele momento fossem apenas uns trinta. Severino explicou-nos que os monges que trabalhavam no scriptorium estavam dispensados dos ofícios de terça, sexta e nona para não terem de interromper o seu trabalho nas horas de luz, e terminavam as suas atividades só ao pôr do Sol, para vésperas.

Os lugares mais luminosos eram reservados aos antiquários, aos iluminadores mais expertos, aos rubricadores e aos copistas. Cada mesa tinha tudo quanto servia para iluminar e copiar: chifres de tinta, penas finas que alguns monges estavam afiando com uma lamina delgada, pedra-pomes para tornar liso o pergaminho, régua para traçar as linhas sobre as quais se iria estender a escrita. Ao lado de cada escriba, ou no topo do plano inclinado de cada mesa, estava uma estante, sobre a qual estava pousado o códice a copiar, a página coberta de marginadores que enquadravam a linha que naquele

momento era transcrita. E alguns tinham tintas de ouro e de outras cores. Outros, por sua vez, estavam apenas lendo livros e transcreviam notas nos seus cadernos ou tabuinhas pessoais.

Não tive, aliás, tempo de observar o seu trabalho, porque veio ao nosso encontro o bibliotecário, que já sabíamos que era Malaquias de Hildesheim. O seu rosto procurava adquirir uma expressão de boas-vindas, mas não pude deixar de estremecer diante duma fisionomia tão singular. A sua figura era alta e, embora extremamente magra, os seus membros eram grandes e desajeitados. Como caminhava com grandes passadas, envolto nas negras vestes da ordem, havia qualquer coisa de inquietante no seu aspecto. O capuz, que, vindo de fora, tinha ainda levantado, lançava uma sombra sobre a palidez do seu rosto e conteria um não se quê de doloroso aos seus grandes olhos melancólicos. Havia na sua fisionomia como que os traços de muitas paixões que a vontade tinha disciplinado mas que pareciam ter fixado os lineamentos que agora tinham deixado de animar. Melancolia e severidade predominavam nas linhas do seu rosto, e os seus olhos eram tão intensos que com um só olhar podiam penetrar o coração de quem lhe falava e ler-lhe os pensamentos secretos, de modo que dificilmente se podia tolerar a sua indignação, e era-se tentado a não os encontrar uma segunda vez.

O bibliotecário apresentou-nos a muitos dos monges que estavam naquele momento a trabalhar. De cada um deles, Malaquias disse-nos ainda o trabalho que estava executando, e admirei a profunda devoção de todos ao saber e ao estudo da palavra divina. Conheci assim Venancio de Salvemec, tradutor de grego e de árabe, devoto de Aristóteles, que foi certamente o mais sábio de todos os homens; Bêncio de Upsala, um jovem monge escandinavo que se ocupava de retórica; Berengário de Arundel, o ajudante do bibliotecário; Aymaro de Alexandria, que estava a copiar obras que só por alguns meses estariam emprestadas à biblioteca; e depois um grupo de miniaturistas de vários países, Patricio de Clonmacnois, Rábano de Toledo, Magnus de Iona, Waldo de Hereford.

A enumeração poderia decerto continuar, e nada é mais maravilhoso do que a enumeração, instrumento de admiráveis hipotiposes. Mas devo voltar ao assunto das nossas discussões, do qual emergiram muitas indicações úteis para compreender a sutil inquietação que pairava entre os monges e um não sei quê de inexpresso que pesava sobre todos os seus discursos.

O meu mestre principiou a conversar com Malaquias louvando a beleza e a operosidade do scriptorium e pedindo-lhe informações sobre o andamento do trabalho que ali se executava, porque, disse com muita sagacidade, tinha ouvido por toda a parte falar daquela biblioteca e gostaria de examinar muitos dos livros. Malaquias explicou-lhe aquilo que o Abade já tinha dito, que o monge pedia ao bibliotecário a obra a consultar, e este iria buscá-la à biblioteca superior, se o pedido fosse justo e pio. Guilherme perguntou como podia conhecer os nomes dos livros conservados nos armários de cima, e

Malaquias mostrou-lhe, fixado por uma cadeia de ouro à sua mesa, um volumoso códice coberto de listas cerradíssimas.

Guilherme enfiou as mãos no saio, onde este se abria no peito formando uma bolsa, e tirou de lá um objeto que já lhe tinha visto nas mãos, e no rosto, no decurso da viagem. Era uma forquilha, construída de modo a poder estar sobre o nariz de um homem (e melhor ainda sobre o seu, tão proeminente e aquilino) como um cavaleiro está à garupa do seu cavalo ou como um pássaro num cavalete. E dos dois lados da forquilha, de modo a corresponder aos olhos, arredondavam-se dois círculos ovais de metal, que encerravam duas amêndoas de vidro espessas como fundos de copo. Guilherme lia de preferência com aquilo sobre os olhos e dizia que via melhor do que a natureza o tinha dotado ou do que a sua idade avançada, especialmente quando declinava a luz do dia, lhe permitiria. Não lhe serviam para ver ao longe, que pelo contrário tinha a vista agudíssima, mas para ver ao perto. Com aquilo ele podia ler manuscritos em letras finíssimas que eu próprio quase não conseguia decifrar. Tinha-me explicado que, passando o homem a metade da vida, mesmo que a sua vista tenha sido sempre ótima, o olho endurecia e se recusava a adaptar a pupila, de modo que muitos sábios ficavam como mortos para a leitura e para a escrita depois da sua quinquagésima primavera. Grave infortúnio para homens que teriam podido dar o melhor da sua inteligência por muitos anos ainda. Por isso se devia louvar o Senhor por alguém ter descoberto e fabricado aquele instrumento. E dizia-mo para defender as idéias do seu Roger Bacon, quando dizia que o escopo do saber era também prolongar a vida humana.

Os outros monges olharam para Guilherme com muita curiosidade mas não ousaram fazer-lhe perguntas. E eu apercebi-me que, mesmo num lugar tão zeloso e orgulhosamente dedicado à leitura e à escrita, aquele admirável instrumento não tinha ainda penetrado. E senti-me orgulhoso por estar junto de um homem que tinha alguma coisa com que espantar outros homens famosos no mundo pela sua sabedoria.

Com aqueles objetos diante dos olhos, Guilherme inclinou-se sobre as listas lavradas no códice. Olhei eu também, e descobrimos títulos de livros jamais ouvidos, e outros celebérrimos, que a biblioteca possuía.

-De pentágono Salomonis, Ars loquendi et intelHgendi in língua hebraica, De rebus metallicis, de Rogério de Heretord, Algebra, de Al Kuwarizmi, traduzida em latim por Roberto Anglico, as Púnicas, de Sílio Itálico, as Gesta francorum, De laudibus sanctae cru-cis, de Rábano Mauro, e Flavii Claudii Giordani de aetate mundi et hominis reservatis singulis litteris per singulos libros ab A usque ad Z - leu o meu mestre. - Esplêndidas obras. Mas em que ordem estão registradas? - Citou dum texto que eu não conhecia mas que era decerto familiar a Malaquias: - « Habeat Librarius et registrum omnium librorum ordinatum secundum facúltates et auctores, reponeatque eos separatim et ordinate cum signaturis per scripturam applicatis.» Como fazeis para conhecer o lugar de cada livro?

Malaquias mostrou-lhe umas anotações que acompanhavam cada título. Li: iii, IV gradus, V in prima graecorum; ii, V gradus, VII in tertia anglorum, e assim sucessivamente. Compreendi que o primeiro número indicava a posição do livro na estante ou gradus, indicado pelo segundo número, sendo o armário indicado pelo terceiro número, e compreendi também que as outras expressões designavam uma sala ou corredor da biblioteca, e ousei pedir mais informações sobre estas últimas distinctiones. Malaquias olhou-me severamente:

- Talvez não saibais, ou tenhais esquecido, que o acesso à biblioteca é consentido só ao bibliotecário. E portanto é justo e suficiente que só o bibliotecário saiba decifrar estas coisas.

- Mas em que ordem são referidos os livros nesta lista? - perguntou Guilherme. - Não por assuntos, parece-me.

Não indicou uma ordem por autores que seguisse a mesma seqüência das letras do alfabeto, porque é sutileza que vi posta em prática só nos últimos anos, e então usava-se pouco.

- A biblioteca afunda a sua origem no fundo dos tempos - disse Malaquias -, e os livros são registrados segundo a ordem das aquisições, das doações, do seu ingresso nestas paredes.

- Difíceis de encontrar - observou Guilherme.

- Basta que o bibliotecário os conheça de cor e saiba para cada livro a época em que chegou. Quanto aos outros monges, podem confiar na sua memória.

E parecia que falava de outro, que não fosse ele próprio; e compreendi que ele falava da função que naquele momento indignamente desempenhava, mas que tinha sido desempenhada por outros cem, já desaparecidos, que tinham transmitido uns aos outros o seu saber.

- Compreendi - disse Guilherme. - Se eu então procurasse alguma coisa, sem saber o quê, sobre o pentágono de Salomão, vós saberíeis indicar-me que existe o livro cujo título acabo de ler, e poderíeis determinar a sua posição no andar superior.

- Se vós devêsseis verdadeiramente aprender alguma coisa sobre o pentágono de Salomão - disse Malaquias. - Mas para vos dar um livro desses, preferia pedir antes o conselho do Abade.

- Soube que um dos vossos miniaturistas mais hábeis - disse então Guilherme - desapareceu recentemente. O Abade falou-me muito da sua arte. Posso ver os códices

que iluminava?

- Adelmo de Otranto - disse Malaquias, olhando para Guilherme com desconfiança - só trabalhava, por causa da sua jovem idade, sobre os marginalia. Tinha uma imaginação muito viva, e de coisas conhecidas sabia compor coisas desconhecidas e surpreendentes, como quem une um corpo humano a uma cerviz eqüina. Mas estão ali os seus livros. Ninguém tocou ainda na sua mesa.

Aproximamo-nos daquilo que tinha sido o local de trabalho de Adelmo, onde jaziam ainda as folhas de um saltério ricamente iluminadas. Eram folha de velum finíssimo - o rei dos pergaminhos -, e o último estava ainda fixado à mesa. Apenas esfregado com pedra-pomes e amaciado com gesso, tinha sido alisado com a plaina, e, dos minúsculos furos produzidos aos lados com um fino estilete, tinham sido traçadas todas as linhas que deviam guiar a mão do artista. A primeira metade já tinha sido coberta de escrita, e o monge tinha começado aí a esboçar as figuras nas margens. Pelo contrário, as outras folhas já estavam acabadas, e, olhando-as, nem eu nem Guilherme conseguimos conter um grito de admiração. Tratava-se de um saltério em cujas margens se delineava um mundo invertido em relação àquele a que nos habituaram os nossos sentidos. Como se no limiar de um discurso que por definição é o discurso da verdade se desenrolasse, profundamente ligado àquele, por admiráveis alusões in aenigmate, um discurso mentiroso sobre um universo posto de cabeça para baixo, onde os cães fogem diante da lebre e os veados caçam o leão. Pequenas cabeças com pata de ave, animais com mãos humanas nas costas, cabeças cabeludas de onde saíam pés, dragões zebrados, quadrúpedes com pescoço de serpente que se enlaçava em mil nós inextricáveis, macacos de cornos de veado, sereias com forma de voláteis com asas membranosas no dorso, homens sem braços com outros corpos humanos que lhes nasciam na coluna a modo de costa e figuras com a boca dentada no ventre, humanos com cabeça eqüina e eqüinos com pernas humanas, peixes com asas de pássaro e pássaros com cauda de peixe, monstros de corpo único e dupla cabeça ou cabeça única e corpo duplo, vacas com cauda de galo de asas de borboleta, mulheres de cabeça escamada como o dorso de um peixe, quimeras bicéfalas entrelaçadas com libélulas de focinho de lagarto, centauros, dragões, elefantes, mantícoras, sciápodos estendidos em ramos de árvores, grifos em cuja cauda se gerava um arqueiro em posição de guerra, criaturas diabólicas de pescoço sem fim, seqüências de animais antropomorfos e de anões zoomorfos associavam-se, por vezes na mesma página, a cenas de vida campestre onde se via representada, com uma vivacidade tão impressionante que se teria pensado que as figuras estavam vivas, toda a vida dos campos, lavradores, coletores de frutos, ceifeiros, fiandeiras, semeadores ao lado de raposas e fuinhas armadas de bestas que escalavam as torres duma cidade defendida por macacos. Aqui uma letra inicial dobrava-se em L, e na parte interior gerava um dragão, ali um grande V que dava início à palavra «verba» produzia como natural gavinha do seu tronco uma serpente de mil volutas, por sua vez gerando outras serpentes como pâmpanos e corimbos.

Ao lado do saltério estava, evidentemente terminado há pouco, um delicado livro de horas, de dimensões tão incrivelmente pequenas que se poderia tê-lo na palma da mão. Exígua a escrita, as miniaturas marginais mal se viam à primeira vista e pediam que os olhos as examinassem de perto para aparecerem em toda a sua beleza (e perguntava-se com que instrumento sobre-humano o miniaturista as teria traçado para obter eleitos de tanta vivacidade num espaço tão reduzido). As margens inteiras do livro eram invadidas por minúsculas figuras que se geravam, quase por natural expansão, das volutas terminais das letras esplendidamente traçadas: sereias marinhas, veados em fuga, quimeras, torsos humanos sem braços que saíam como lombrigas do próprio corpo dos versículos. Num ponto, quase na continuação dos três «Sanctus, Sanctus, Sanctus» repetidos em três linhas diversas, viam-se três figuras beluínas de cabeças humanas, duas das quais se dobravam, uma para baixo e outra para cima, para se unirem num beijo que não se teria hesitado em definir impudico se não se estivesse persuadido que, embora não perspicuo, um profundo significado espiritual devia certamente justificar aquela representação naquele ponto.

Eu seguia aquelas paginas dividido entre a admiração muda e o riso porque as figuras predispunham necessariamente à hilaridade, embora comentassem páginas santas. E frade Guilherme examinava-as sorrindo, e comentou:

- Babewyn, assim lhes chamam nas minhas ilhas.

- Babouins, como lhes chamam nas Galias - disse Malaquias. - E de fato Adelmo aprendeu a sua arte no vosso país, embora depois tenha estudado também em França. Babuínos, ou seja, macacos de África. Figuras de um mundo invertido, onde as casas surgem na ponta de uma agulha e a terra esta acima do céu.

Eu recordei-me de alguns versos que tinha ouvido no versículo da minha terra e não pude conter-me sem os pronunciar:

Aller Wunder si geswigen, das herde himel hast überstigen, daz sult ir vür ein Wunder wigen

E Malaquias continuou, citando do mesmo texto:

Erd ob un himel unter das sult ir han besunder Vur aller Wunder ein Wunder.

- Bravo, Adso - continuou o bibliotecário -, efetivamente estas imagens falam-nos daquela região onde se chega cavalgando um ganso azul, onde se encontram gaviões que pescam peixes num riacho, ursos que perseguem falcões no céu, lagostins que voam com as pombas e três gigantes apanhados na armadilha e mordidos por um galo.

E um pálido sorriso iluminou os seus lábios. Então os outros monges, que tinham

seguido a conversa com uma certa timidez, puseram-se a rir com vontade, como se tivessem esperado o consenso do bibliotecário. O qual se toldou, enquanto os outros continuavam a rir, louvando a habilidade do pobre Adelmo e mostrando uns aos outros as figuras mais inverossímeis. E foi enquanto todos ainda riam que ouvimos atrás de nós uma voz, solene e severa.

- Verba vana aur risui apta non loqui.

Voltamo-nos. Quem tinha falado era um monge curvado pelo peso dos anos, branco como a neve, não digo só o cabelo, mas também o rosto, as pupilas. Reparei que era cego. A voz era ainda majestosa e os membros potentes, embora o corpo tivesse encolhido ao peso da idade. Fixava-nos como se nos visse, e sempre também em seguida o vi mover-se e falar como se possuísse ainda o dom da vista. Mas o tom da voz era, pelo contrário, de quem possui só o dom da profecia.

- O homem venerando em idade e sapiência que vedes - disse Malaquias a Guilherme, indicando-lhe o recém-chegado - é Jorge de Burgos. Mais velho do que quem quer que viva no mosteiro, salvo Alinardo de Grottaferrata, ele é aquele a quem muitíssimos dos monges confiam a carga dos seus pecados no segredo da confissão. - Depois, dirigindo-se ao velho - Aquele que está diante de vós é frade Guilherme de Baskerville, nosso hóspede.

- Espero que não vos tenhais zangado pelas minhas palavras - disse o velho em tom brusco. - Ouvi pessoas que riam de coisas risíveis e recordei-lhes um dos princípios da nossa regra. E como diz o salmista, se o monge se deve abster dos discursos bons pelo voto do silêncio, com muito maior razão deve subtrair-se aos discursos maus. E tal como existem discursos maus existem imagens más. E são aquelas que mentem acerca da forma da criação e mostram o mundo ao contrário daquilo que deve ser. sempre foi e sempre será nos séculos dos séculos até à consumação dos tempos. Mas vós vindes de outra ordem, onde me dizem que é vista com indulgência até a jovialidade mais inoportuna.

Aludia àquilo que entre os beneditinos se dizia das extravagâncias atribuídas a São Francisco de Assis e talvez também das extravagâncias atribuídas a fraticelli e espirituais de toda a espécie, que, da ordem franciscana, eram os mais recentes e embaraçosos rebentos. Mas frade Guilherme deu mostras de não perceber a insinuação.

- As imagens marginais induzem muitas vezes a sorrir, mas com fins de edificação - respondeu. - Como nos sermões para tocar a imaginação das piedosas multidões é preciso inserir exempla, não raro facetos assim também o discurso das imagens deve permitir estas nugae. Para cada virtude e para cada pecado há um exemplo tirado dos bestiários, e os animais fazem-se figura do mundo humano.

- Oh, sim - motejou o velho, mas sem sorrir -, toda a imagem é boa

para estimular a virtude, para que a obra-prima da criação, posta de cabeça para baixo, se torne matéria de riso. E assim a palavra de Deus manifesta-se através do burro que toca lira, do tolo que lavra com o escudo, dos bois que se atrelam sozinhos ao arado, dos rios que correm ao contrário, do mar que se incendeia, do lobo que se faz eremita! Caçai a lebre com o boi, mandai-vos ensinar gramática pelas corujas, que os cães mordam as pulgas, os cegos olhem para os mudos e os mudos peçam pão a formiga dê à luz um vitelo, voem os frangos assados, as fogaças cresçam nos telhados, os papagaios dêem lições de retórica, as galinhas fecundem os galos, meteí o carro adiante dos bois, ponde o cão a dormir na cama e que todos caminhem de pernas para o ar! Que querem todas estas nугae? Um mundo invertido e oposto ao estabelecido por Deus, sob o pretexto de ensinar os preceitos divinos!

- Mas o Areopagita ensina - disse humildemente Guilherme - que Deus só pode ser nomeado através das coisas mais disformes. E Hugo de São Vítor recorda-nos que, quanto mais a similitude se faz dissímil, tanto mais a verdade nos é revelada sob o véu de figuras horríveis e indecorosas, tanto menos a imaginação se aplaca no gozo carnal e é obrigada a colher os mistérios que se ocultam sob a curpitude das imagens...

- Conheço o argumento! E admito com vergonha que foi o argumento principal da nossa ordem, quando os abades clunícenses se batiam contra os cistercienses. Mas São Bernardo tinha razão: pouco a pouco o homem que representa monstros e portentos da natureza para revelar as coisas de Deus per speculum et in aenigmate toma gosto na própria natureza das monstruosidades que cria e deleita-se com elas, e por elas, e já não vê senão através delas. Basta que olheis, vós que ainda tendes vista, para os capitéis do vosso claustro - e apontou com a mão para fora das janelas, na direção da igreja -, sob os olhos dos frades absorvidos na meditação, que significam aquelas ridículas monstruosidades, aquelas disformes formosuras e formosas deformidades. Àqueles sórdidos macacos? Àqueles leões, aqueles centauros, aqueles seres semi-humanos, com a boca no ventre, com um só pé, com orelhas de abano? Àqueles tigres malhados, aqueles guerreiros em luta, aqueles caçadores que sopram o corno, e aqueles múltiplos corpos numa só cabeça e muitas cabeças num só corpo? Quadrúpedes com cauda de serpente, e peixes com cabeça de quadrúpede, e aqui um animal que pela frente parece um cavalo e por trás um bode, e além um eqüino com cornos e assim sucessivamente, agora é mais agradável para um monge ler os mármores do que os manuscritos, e admirar as obras do homem em vez de meditar sobre a lei de Deus. Tende vergonha pelo desejo dos vossos olhos e pelos vossos sorrisos!

O grande velho parou arquejando. E eu admirei a viva memória com que, talvez cego há tantos anos, ainda recordava as imagens de cuja turpitude nos falava. Tanto que suspeitei que elas o tinham seduzido muito quando as tinha visto, se sabia descrevê-las ainda com tanta paixão. Mas muitas vezes me aconteceu encontrar as representações mais sedutoras do pecado precisamente nas páginas dos homens de incorruptível virtude

que condenavam o seu fascínio e os seus efeitos. Sinal de que estes homens são movidos por tal ardor no testemunho da verdade, que não hesitam, por amor de Deus, em conferir ao mal todas as seduções de que se reveste, para melhor instruir os homens sobre os modos com que o maligno os encanta. E de fato as palavras de Jorge despertaram-me uma grande vontade de ver os tigres e os macacos do claustro, que ainda não tinha admirado. Mas Jorge interrompeu o curso dos meus pensamentos porque recomeçou, em tom menos excitado, a falar.

- Nosso Senhor não teve necessidade de tantas estultícias para nos indicar o reto caminho. Nada nas suas parábolas move ao riso ou ao temor. Adelmo, pelo contrário, que morto agora chorais, gozava de tal maneira com as monstruosidades que iluminava que tinha perdido de vista as coisas últimas de que deviam ser a figura material. E percorreu todas, digo todas - e a sua voz fez-se solene e ameaçadora - as veredas da monstruosidade. Por onde Deus sabe punir.

Desceu um pesado silêncio sobre os presentes. Ousou rompê-lo Venancio de Salvamec.

- Venerável Jorge -disse -, a vossa virtude torna-vos injusto. Dois dias antes de Adelmo morrer, vós estáveis presente num douto debate que teve lugar precisamente aqui no scriptorium. Adelmo preocupava-se com que a sua arte, cedendo a representações bizarras e fantásticas, tendesse todavia à glória de Deus, instrumento de conhecimento das coisas celestes. Frade Guilherme citava há pouco o Areopagita, sobre o conhecimento pela deformidade. E Adelmo citou naquele dia uma outra autoridade altíssima, a do doutor de Aquino, quando disse que convém que as coisas divinas sejam expostas mais na figura de corpos vis do que na figura de corpos nobres. Primeiro porque o espírito humano é mais facilmente libertado do erro; é claro, de fato, que certas propriedades não podem ser atribuídas às coisas divinas, o que seria duvidoso se estas fossem indicadas com figuras de nobres coisas corpóreas. Em segundo lugar porque este modo de representação convém mais ao conhecimento de Deus que remos sobre esta terra: ele manifesta-se-nos, de fato, mais naquilo que não é do que naquilo que é, e por isso as semelhanças das coisas que mais se afastam de Deus levam-nos a uma mais exata opinião dele, porque assim sabemos que ele está acima daquilo que dizemos e pensamos. E em terceiro lugar porque assim são melhor ocultadas as coisas de Deus às pessoas indignas. Em suma, tratava-se naquele dia de compreender de que modo se pode descobrir a verdade através de expressões surpreendentes, e argutas, e enigmáticas. E eu recordei-lhe que na obra do grande Aristóteles tinha encontrado palavras bastante claras a este respeito...

- Não me recordo - interrompeu secamente Jorge -, sou muito velho. Não me recordo. Posso ter exagerado em severidade. Agora tarde, tenho de ir.

- É estranho que não vos recordeis - insistiu Venancio -, foi uma douda e belíssima discussão, em que também intervieram Bêncio e Berengário. Tratava-se de saber de fato

se as metáforas, e os jogos de palavras, e os enigmas, que embora pareçam imaginados pelos poetas por puro deleite, não induzem a especular sobre as coisas de modo novo e surpreendente, e eu dizia que também esta é uma virtude que se exige ao sábio... E também estava Malaquias...

- Se o venerável Jorge não se recorda, tem respeito pela sua idade e pelo cansaço da sua mente... aliás sempre tão viva - interveio um dos monges que seguiam a discussão.

A frase tinha sido pronunciada de modo agitado, pelo menos no início, porque quem tinha falado, apercebendo-se que para convidar ao respeito do velho de fato lhe punha em relevo uma fraqueza, tinha depois abandonado o ímpeto da sua própria intervenção, acabando quase num sussurro de desculpa. O que tinha estado a falar era Berengário de Arundel, o ajudante-bibliotecário. Era um jovem de rosto pálido, e observando-o recordei-me da definição que Ubertino tinha dado de Adelmo: os seus olhos pareciam os de uma mulher lasciva. Intimidado pelos olhares de todos que agora se pousavam sobre ele, tinha os dedos das mãos enlaçados como quem quer reprimir uma tensão interior.

Singular foi a reação de Venancio. Olhou para Berengário de modo tal que aquele baixou os olhos:

- Está bem, irmão - disse -, se a memória é um dom de Deus também a capacidade de esquecer pode ser muito boa, e é respeitada. Mas respeito-a no irmão ancião a quem falava. De ti esperava uma recordação mais viva sobre o que aconteceu quando estávamos aqui, justamente com um teu caríssimo amigo...

Não poderia dizer se Venancio tinha acentuado o tom sobre a palavra «caríssimo». O fato é que percebi uma atmosfera de embaraço entre os assistentes. Cada um voltava o olhar para outro lado e ninguém o dirigia para Berengário, que tinha corado violentamente. Interveio de súbito Malaquias, com autoridade:

- Vinde, frade Guilherme - disse -, mostrar-vos-ei outros livros interessantes.

O grupo desfez-se. Notei Berengário a lançar a Venancio um olhar carregado de rancor, e Venancio responder-lhe da mesma maneira, num mudo desafio. Eu, vendo que o velho Jorge se estava afastando, movido por um sentido de respeitosa reverência, inclinei-me para lhe beijar a mão. O velho recebeu o beijo, pousou a mão sobre a minha cabeça e perguntou quem era. Quando lhe disse o meu nome, o seu rosto iluminou-se.

- Tens um nome grande e belíssimo - disse. - Sabes quem foi Adso de Monter-en-Der? - perguntou. Eu, confesso, não sabia. Então Jorge acrescentou: - Foi o autor de um livro grande e terrível, o Lvoellus de Antichristo, em que ele viu coisas que haviam de acontecer, e não foi escutado o bastante.

- O livro foi escrito antes do milênio - disse Guilherme -, e essas coisas não se verificaram...

- Para quem não tem olhos para ver - disse o cego. - As vias do Anticristo são lentas e tortuosas. Ele chega quando não o prevemos, e não porque o cálculo sugerido pelo apóstolo estivesse errado, mas porque nós não lhe aprendemos a arte. - Depois gritou, em voz altíssima, o rosto voltado para a sala, fazendo ribombar as abóbadas do scriptorium: - Ele está a chegar! Não percais os últimos dias rindo de monstrosinhos de pele malhada e cauda retorcida. Não dissipeis os últimos sete dias!

PRIMEIRO DIA VÉSPERAS

Onde se visita o resto da abadia, Guilherme tira algumas Conclusões sobre a morte de Adelmo, e fala com o irmão vidreiro sobre os vidros para ler e de fantasmas para quem quer ler demasiado.

Naquele momento tocaram para vésperas, e os monges dispuseram-se a deixar as suas mesas. Malaquias deu-nos a entender que também nós nos devíamos ir embora. Ele ficaria com o seu ajudante, Berengário a pôr de novo as coisas em ordem e (assim se exprimiu) a preparar a biblioteca para a noite. Guilherme perguntou-lhe se depois fechava as portas.

- Não há portas que impeçam o acesso ao scriptorium pela cozinha e pelo refeitório, nem à biblioteca pelo scriptorium. Mais forte do que qualquer porta deve ser o interdito do Abade. E os monges têm de servir-se não só da cozinha como do refeitório até completas. Nessa altura, para impedir que estranhos ou animais, para os quais o interdito não vale, possam entrar no Edifício, eu próprio fecho os portais de baixo, que conduzem às cozinhas e ao refeitório, e depois daquela hora o Edifício fica isolado.

Descemos. Enquanto os monges se dirigiam para o coro, o meu mestre decidiu que o Senhor nos perdoaria se não assistíssemos ao ofício divino (o Senhor teve muito que nos perdoar nos dias seguintes) e propôs-me que caminhasse um pouco com ele pelo planalto, a fim de nos familiarizarmos com o lugar.

Saímos pelas cozinhas, atravessamos o cemitério: havia pedras tumulares mais recentes, e outras que apresentavam os sinais do tempo, contando vidas de monges, que tinham vivido nos séculos passados. As tumbas não tinham nome, encimadas por cruzes de pedra.

O tempo estava a pôr-se feio. Tinha-se levantado um vento frio, e o céu tornava-se caliginoso. Adivinhava-se um sol que se punha por trás dos hortos, e já se fazia escuro para oriente, para onde nos dirigimos, ladeando o coro da igreja e atingindo a parte

posterior do planalto. Ali, quase encostados ao muro da cerca, onde ele se soldava ao torreão oriental do Edifício, ficavam as estrumeiras, e os porqueiros estavam a tapar a jarra com o sangue dos porcos. Notamos que, por trás das estrumeiras o muro da cerca era mais baixo, de modo que se podia debruçar-se. Para além do precipício dos muros, o terreno, que descia vertiginosamente por baixo, estava coberto por um barro que a neve não conseguia esconder completamente. Dei conta que se tratava do depósito de estrume, que era atirado daquele lugar, e descia até à curva onde se bifurcava o caminho ao longo do qual se tinha aventurado o fugitivo Brunello. Digo estrume porque se tratava de um grande despejo de matéria fedorenta, cujo odor chegava até ao parapeito em que me debruçava; evidentemente os camponeses iam buscá-lo, de baixo, para o usarem nos campos. Mas às dejecções dos animais e dos homens misturavam-se outros detritos sólidos, todo o refluir de matérias mortas que a abadia expelia do seu próprio corpo, para se manter límpida e pura na sua relação com o cimo do monte e com o céu.

Nas cavaliças ao lado, os guardadores de cavalos reconduziam os animais à manjedoura. Percorremos o caminho ao longo do qual se sucediam, do lado do muro, os vários estábulos, e à esquerda, encostado ao coro, o dormitório dos monges, e depois as latrinas. Onde o muro oriental dobrava para sul, no angulo do muro da cerca, era o edifício das forjas. Os últimos terreiros estavam depondo os seus instrumentos e apagando os foles, para se encaminharem para o ofício divino. Guilherme dirigiu-se com curiosidade para uma parte das forjas, quase separada do resto do laboratório, onde um monge estava arrumando as suas coisas. Na sua mesa estava uma belíssima

coleção de vidros multicolores, de pequenas dimensões, mas vidros mais largos estavam encostados à parede. Diante dele estava um relicário ainda incompleto, de que só existia a carcaça de prata, mas sobre a qual ele estava evidentemente a encastear vidros e outras pedras, que com os seus instrumentos tinha reduzido às dimensões de uma gema.

Conhecemos assim Nicolau de Morimondo, mestre vidreiro da abadia. Explicou-nos que na parte posterior da forja também se soprava vidro, enquanto na anterior, onde estavam os ferreiros, se lixavam os vidros aos caixilhos de chumbo para fazer vitrais. Mas, acrescentou, a grande obra vidreira, que embelezava a igreja e o Edifício, já tinha sido concluída pelo menos dois séculos antes. Agora limitavam-se a trabalhos menores, ou à reparação dos estragos do tempo.

- E com grande dificuldade - acrescentou -, porque já não se conseguem encontrar as cores de outros tempos, especialmente o azul que ainda podeis admirar no coro, de uma qualidade tão límpida que, com o sol alto, derrama na nave uma luz paradisíaca. Os vidros da parte ocidental da nave, refeitos ainda não há muito tempo, não são da mesma qualidade, e vê-se nos dias de Verão. É inútil - acrescentou -, já não temos a sabedoria dos antigos, acabou-se a época dos gigantes!

- Somos anões - admitiu Guilherme -, mas anões que estão às costas daqueles gigantes, e na nossa pequenez conseguimos por vezes ver mais longe do que eles no horizonte.

- Diz-me que coisas fazemos melhor do que eles tenham sabido fazer! - exclamou Nicolau. - Se desceres à cripta da igreja onde está guardado o tesouro da abadia, encontrarás relicários de tão delicada feitura que o monstrozinho que eu estou agora miseramente construindo - e apontou para a sua obra sobre a mesa - parecer-te-á imitação daqueles!

- Não está escrito que os mestres vidreiros tenham de continuar a construir janelas e os ourives relicários, se os mestres do passado souberam produzi-los tão belos e destinados a durar através dos séculos. Senão, a terra encher-se-ia de relicários, numa época em que os santos de que tirar relíquias são tão raros - motejou Guilherme. - E também não se deverão soldar janelas até ao infinito. Mas vi em vários países obras novas feitas de vidro que nos fazem pensar num mundo de amanhã em que o vidro esteja não só ao serviço dos ofícios divinos mas também ajude a fraqueza do homem. Quero mostrar-te uma obra dos nossos dias, de que me honro de possuir um utilíssimo exemplar.

Meteu as mãos no saio e tirou de lá as suas lentes, que deixaram estupefato o nosso interlocutor.

Nicolau pegou na forquilha que Guilherme lhe estendia com grande interesse:

- Oculi de vitro cum capsula! - exclamou. - Já tinha ouvido falar disso a um certo frei Giordano que conheci em Pisa! Dizia que não havia ainda vinte anos que tinham sido inventados. Mas falei com ele há mais de vinte anos.

- Creio que foram inventados muito antes - disse Guilherme -, mas são difíceis de fabricar e requerem-se mestres vidreiros muito experientes. Custam tempo e trabalho. Ha dez anos um par desses vitrei ab oculis ad legendum foram vendidos em Bolonha por seis soldos. Eu recebi um par como presente de um grande mestre, Salvino degli Armati, há mais de dez anos, e tenho-os conservado ciosamente por todo este tempo, como se fossem (como já são) parte do meu próprio corpo.

- Espero que mos deixes examinar um destes dias, não me desagradaria produzir uns semelhantes - disse emocionado Nicolau.

- Certamente - concordou Guilherme -, mas repara que a espessura do vidro deve mudar segundo o olho a que se deve adaptar, e é preciso tentar muitas destas lentes, para as experimentar no paciente, enquanto não se encontra a espessura boa.

- Que maravilha! - continuava Nicolau. - E no entanto muitos falariam de bruxaria e de manipulação diabólica...

- É certo que por estas coisas podes falar de magia - concordou Guilherme. - Mas há duas formas de magia. Há uma magia que é obra do diabo e que visa a ruína do homem através de artifícios de que não é bom falar. Mas há uma magia que é obra divina, onde a ciência de Deus se manifesta através da ciência do homem, que serve para transformar a natureza, sendo um dos seus fins prolongar a própria vida do homem. E esta é magia santa, a que os sábios deverão dedicar-se cada vez mais, não só para descobrir coisas novas mas para redescobrir tantos segredos da natureza que a sapiência divina tinha revelado aos hebreus, aos gregos, a outros povos antigos e até hoje aos infiéis (e não te digo quantas coisas maravilhosas de óptica e ciência da visão existem nos livros dos infiéis!). E uma ciência cristã deve reapossar-se de todos estes conhecimentos e retomá-la aos pagãos e aos infiéis tanquam ab iniustus possessoribus.

- Mas porque é que aqueles que possuem esta ciência não a comunicam a todo o povo de Deus?

- Porque nem todo o povo de Deus está pronto a aceitar tantos segredos, e muitas vezes aconteceu que os depositários desta ciência foram confundidos com magos ligados por pacto com o demônio, pagando com a sua vida o desejo que tinham tido de tornar os outros participantes do seu tesouro de conhecimento. Eu próprio, durante processos em que se suspeitava que alguém tinha comércio com o demônio, tive de me abster de usar estas lentes, recorrendo a secretários cheios de boa vontade que me lessem as escrituras de que precisava, porque senão, num momento em que a presença do diabo era tão invadente e todos respiravam, por assim dizer, o seu poder de enxofre, eu próprio teria sido visto como amigo dos inquiridos. E enfim, advertia o grande Roger Bacon, nem sempre os segredos da ciência devem andar nas mãos de todos, que alguns poderiam usá-los para maus propósitos. Frequentemente o sábio deve fazer aparecer como mágicos livros que mágicos não são, mas precisamente de boa ciência, para os proteger de olhos indiscretos.

- Tu temes portanto que os simples possam fazer mau uso destes segredos? - perguntou Nicolau.

- Pelo que respeita aos simples, temo apenas que possam ser aterrorizados, confundindo-os com as obras do diabo, de que demasiadas vezes lhes falam os pregadores. Vê, aconteceu-me conhecer médicos habilíssimos que tinham instilado medicamentos capazes de curar imediatamente uma doença. Mas estes davam o seu unguento ou infusão aos simples acompanhando-o com palavras sacras e salmodiando frases que pareciam orações. Não porque estas orações tivessem o poder de curar, mas para que, acreditando que a cura vinha das orações, os simples engolissem a infusão ou se untassem com o unguento, e assim se curassem, sem prestar demasiada atenção à sua

força efetiva. E depois também para que o espírito, bem excitado pela fé na fórmula devora, se dispusesse melhor à ação corporal do medicamento. Mas freqüentemente os tesouros da ciência são defendidos não contra os simples mas sim contra outros sábios. Fazem-se hoje máquinas prodigiosas, de que um dia te falarei, com que verdadeiramente se pode dirigir o curso da natureza. Mas aí de nós se elas caíssem nas mãos de homens que as usassem para estender o seu poder terreno e saciar a sua ambição de posse. Dizem-me que em Catay um sábio misturou um pó que pode produzir, em contato com o fogo, um grande estrondo e uma grande chama, destruindo todas as coisas braças e braças em redor. Admirável artifício, se fosse usado para desviar o curso dos rios ou fragmentar as rochas onde haja que assorear o terreno. Mas se alguém o usasse para causar prejuízo aos seus próprios inimigos?

- Talvez fosse bem, se fossem inimigos do povo de Deus - disse devotamente Nicolau.

- Talvez - admitiu Guilherme. - Mas quem é hoje o inimigo do povo de Deus? Luís, imperador, ou João, o papa?

- Oh, meu Senhor - disse Nicolau todo assustado -, não queria de fato decidir sozinho uma coisa tão dolorosa!

- Vês? - disse Guilherme. - Por vezes é bem que certos segredos ainda permaneçam cobertos por discursos ocultos. Os segredos da natureza não se transportam em peles de cabra ou de ovelha. Aristóteles diz no livro dos segredos que ao comunicar-se demasiados arcanos da natureza e da arte se quebra um sigilo celeste e que muitos males poderiam seguir-se. O que não quer dizer que os segredos não devam ser revelados, mas que compete aos sábios decidir quando e como.

- Por isso é bom que em lugares como este - disse Nicolau - nem todos os livros estejam ao alcance de todos.

- Essa é outra história - disse Guilherme. - Pode-se pecar por excesso de loquacidade e por excesso de reticência. Eu não queria dizer que é preciso esconder as fontes da ciência. Isto parece-me antes um grande mal. Queria dizer que, tratando-se de arcanos de que pode nascer tanto o bem como o mal, o sábio tem o direito e o dever de usar uma linguagem obscura, compreensível só para seus iguais. A via da ciência é difícil, e é difícil distinguir aí o bem do mal. E freqüentemente os sábios dos tempos novos são só anões aos ombros de anões.

A amável conversa com o meu mestre devia ter posto Nicolau em via de confidências. Por isso piscou o olho a Guilherme (como a dizer: eu e tu entendemo-nos porque falamos das mesmas coisas) e aludiu:

- Porém lá em baixo - e apontou para o Edifício - os segredos da ciência estão bem

defendidos por obras de magia...

- Sim? - disse Guilherme, ostentando indiferença. - Portas trancadas, proibições severas, ameaças, imagino.

- Oh, não, mais...

- O quê, por exemplo?

- Olha, eu não sei com exatidão, eu ocupo-me de vidros e não de livros, mas na abadia circulam histórias... estranhas...

- De que gênero?

- Estranhas. Digamos, a de um monge que pela calada da noite quis aventurar-se na biblioteca, para procurar qualquer coisa que Malaquias não tinha querido dar-lhe, e viu serpentes, homens sem cabeça e homens com duas cabeças. Por pouco não saía louco do labirinto...

- Porque falas de magia e não de aparições diabólicas?

- Porque embora seja um pobre mestre vidreiro não sou assim tão ingênuo. O diabo (Deus nos salve!) não tenta um monge com serpentes e homens bicéfalos. Quando muito com visões lascivas, como com os padres do deserto. E depois, se é mal pôr a mão em certos livros, porque é que o diabo havia de dissuadir um monge de cometer o mal?

- Parece-me um bom entimema - admitiu o meu mestre.

- E enfim, quando colocava as vidraças no hospital, diverti-me a folhear alguns livros de Severino. Havia um livro de segredos escrito, creio, por Alberto Magno; fui atraído por algumas iluminuras curiosas, e li umas páginas sobre o modo como se pode untar o pavio de uma lâmpada de azeite e com os sufumígios que dela provêm provocam visões. Deves ter notado, ou melhor, não deves ter ainda notado porque ainda não passaste uma noite na abadia, que durante as horas noturnas o andar superior do Edifício está iluminado. Pelas vidraças, nalguns sítios, transparece uma luz débil. Muitos se têm perguntado o que será, e falou-se de fogos-fátuos, ou das almas dos bibliotecários monges defuntos que voltam para visitar o seu reino. Muitos aqui acreditam nisso. Eu penso que são lâmpadas preparadas para as visões. Sabes, se pegares na gordura da orelha de um cão e com ela untares um pavio, quem respirar o fumo daquela lâmpada acreditará que tem uma cabeça de cão, e se estiver alguém a seu lado vê-lo-á com cabeça de cão. E há um outro unguento que faz com que aqueles que giram à volta da lâmpada se sintam grandes como elefantes. E com os olhos de um morcego e de dois peixes cujo nome não recordo e o fel de um lobo fazes um pavio que ao arder te fará ver os animais donde tiraste a gordura. E

com a cauda de lagarto fazes ver todas as coisas em torno como de prata, e com a gordura de uma serpente negra e um fragmento de lençol fúnebre a sala aparecerá cheia de serpentes. Eu sei disso. Na biblioteca há alguém muito astuto...

- Mas não poderiam ser as almas dos bibliotecários defuntos que fazem estas magias?

Nicolau deteve-se perplexo e inquieto:

- Não tinha pensado nisso. Pode ser. Deus nos proteja... É tarde, as vésperas já começaram. Adeus.

E dirigiu-se para a igreja.

Prosseguimos ao longo do lado sul: à direita o albergue dos peregrinos e a sala capitular com o jardim, à esquerda os lagares, o moinho, os celeiros, as caves, a casa dos noviços. E todos se apressavam para a igreja.

- Que pensais daquilo que disse Nicolau? - perguntei.

- Não sei. Na biblioteca acontece quaisquer coisa, e não creio que sejam as almas dos bibliotecários defuntos...

- Porquê?

- Porque imagino que terão sido tão virtuosos que hoje estarão no reino dos céus a contemplar o rosto da divindade, se esta resposta te pode satisfazer. Quanto, as lâmpadas, se as houver vê-las-emos. E quanto aos unguentos de que nos falava o nosso vidreira há modos mais fáceis de provocar visões, e Severino conhece-os muito bem, tu apercebeste-te disso hoje. É certo que na abadia não querem que se penetre de noite na biblioteca e que muitos, pelo contrário, tentaram ou tentam fazê-lo.

- E o nosso delito tem alguma coisa a ver com esta história?

- Delito? Quanto mais penso nisso mais me convenço que Adelmo se matou.

- E porquê?

- Recordas-te desta manhã quando notei o depósito do estrume? Enquanto subíamos a curva dominada pelo torreão oriental tinha notado naquele ponto os sinais deixados por um desmoronamento; ou melhor, uma porção de terreno, mais ou menos onde se amontoa o estrume, tinha desabado rolando até debaixo do torreão. E eis porque esta tarde, quando olhamos do alto, o estrume nos apareceu pouco coberto de neve, ou melhor, coberto apenas pela última de ontem, não pela dos dias passados. Quanto ao

cadáver de Adelmo, o Abade disse-nos que estava dilacerado pelas rochas, e sob o torreão oriental, exatamente onde a construção acaba a pique, crescem pinheiros. As rochas estão, pelo contrário, precisamente no ponto em que a muralha acaba, formando como que uma espécie de degrau, e depois começa a queda do estrume.

- E então?

- E então pensa se não será mais... como dizer?... menos dispendioso para a nossa mente pensar que Adelmo, por razões ainda a apurar, se atirou sponte sua do parapeito da muralha, saltou sobre as rochas e, morto ou ferido que estivesse, precipitou-se no estrume. Depois, o desmoronamento, devido ao furacão daquela noite, fez deslizar o estrume e parte do terreno e também o corpo do infeliz para debaixo do torreão oriental.

- Porque dizeis que é uma solução menos dispendiosa para a nossa mente?

- Querido Adso, não é preciso multiplicar as explicações e as causas sem ter estrita necessidade disso. Se Adelmo caiu do torreão oriental é preciso que tenha penetrado na biblioteca, que alguém o tenha atingido primeiro para que não opusesse resistência, que tenha encontrado modo de subir com um corpo exânime às costas até à janela, que a tenha aberto e tenha precipitado o desgraçado no abismo. Com a minha hipótese bastam-nos ao invés Adelmo, a sua vontade e um desmoronamento. Tudo se explica utilizando um menor número de causas.

- Mas porque é que se teria matado?

- Mas porque é que o teriam matado? Em todo o caso, é preciso encontrar as razões. E que as há parece-me indubitável. No Edifício respira-se ar de reticência, todos nos calam qualquer coisa. Entretanto já recolhemos algumas insinuações, bastante vagas na verdade, sobre uma certa relação que existia entre Adelmo e Berengário. Quer dizer que teremos debaixo de olho o ajudante-bibliotecário.

Enquanto assim se falava, o ofício de vésperas tinha terminado. Os servos voltavam às suas funções antes de se retirarem para a ceia, os monges encaminhavam-se para o refeitório. Agora, o céu estava escuro e principiava a nevar. Uma neve ligeira, em pequenos flocos macios, que continuaria, creio, por grande parte da noite, porque na manhã seguinte todo o planalto estava coberto por um alvo manto, como direi.

Eu tinha fome e acolhi com alívio a idéia de ir para a mesa.

PRIMEIRO DIA
COMPLETAS

Onde Guilherme e Adro gozam da alegre hospitalidade do Abade e da irritada conversação de Jorge.

O refeitório era iluminado por grandes tochas. Os monges sentavam-se ao longo de uma fila de mesas, dominada pela mesa do Abade, posta perpendicularmente a eles sobre um vasto estrado. Do lado oposto um púlpito, sobre o qual já tinha tomado lugar o monge que faria a leitura durante a ceia. O Abade esperava-nos junto de uma pequena fonte com um pano branco para nos enxugar as mãos depois do lavabo, segundo os conselhos antiqüíssimos de São Pacómio.

O Abade convidou Guilherme para a sua mesa e disse que por aquela noite, dado que também eu era hóspede fresco, gozaria do mesmo privilégio, embora fosse um noviço beneditino. Nos dias seguintes, disse-me paternalmente, poderia sentar-me à mesa com os monges, ou, se o meu mestre me tivesse confiado alguma tarefa, passar antes ou depois das refeições pela cozinha, onde os cozinheiros se ocupariam de mim.

Os monges estavam agora de pé diante das mesas, imóveis, com o capucho caído sobre o rosto e as mãos debaixo do escapulário. O Abade aproximou-se da sua mesa e pronunciou o Benedicite. Do púlpito, o cantor entoou Edení pauperes. O Abade deu a sua bênção, e todos se sentaram.

A regra do nosso fundador prevê um almoço bastante parco, mas deixa decidir o Abade a quantidade de alimento de que efetivamente têm necessidade os monges. Por outro lado, agora nas nossas abadias cede-se mais aos prazeres da mesa. Não falo daquelas que, infelizmente, se tornaram em covis de glutões; mas mesmo as que se inspiram em critérios penitenciais e de virtude fornecem aos monges, absorvidos quase sempre em gravosos trabalhos do intelecto, uma nutrição não mole mas robusta. Por outro lado, a mesa do Abade é sempre privilegiada, até porque não raro a ela se sentam hóspedes de respeito, e as abadias são orgulhosas dos produtos dos seus cozinheiros.

A refeição dos monges decorreu em silêncio, como de costume, comunicando uns com os outros com o nosso habitual alfabeto dos dedos. Os noviços e os monges mais jovens eram servidos primeiro, logo depois dos pratos destinados a todos terem passado pela mesa do Abade.

À mesa do Abade sentavam-se conosco Malaquias, o despenseiro e os dois monges mais idosos. Jorge de Burgos, o velho cego que já tinha conhecido no scriptorium, e o velhíssimo Alinardo de Grottaferrata: quase centenário, claudicante e de aspecto frágil, e -pareceu-me- de espírito ausente. O Abade disse-nos dele que, tendo entrado como noviço naquela abadia, sempre ali tinha vivido e recordava pelo menos oitenta anos das suas vicissitudes. O Abade disse-nos estas coisas no princípio, em voz baixa, porque em seguida ateve-se ao uso da nossa ordem e seguiu-se em silêncio a leitura. Mas, como disse, à mesa do Abade tomavam-se algumas liberdades, e sucedeu-nos elogiar os pratos

que nos foram oferecidos, enquanto o Abade celebrava as qualidades do seu azeite ou do seu vinho. Até uma vez, servindo-nos de beber, recordou-nos aqueles passos da regra em que o santo fundador tinha observado que certamente o vinho não convém aos monges, mas, pois que não se podem persuadir os monges do nosso tempo a não beber, que ao menos não bebam até à saciedade, porque o vinho leva à apostasia até os sábios, como recorda o Eclesiastes. Bento dizia «no nosso tempo» e referia-se ao seu, já muito distante: imaginemos no tempo em que ceávamos na abadia, depois de tanta decadência de costumes (e não falo do meu tempo, em que agora escrevo, com a diferença que aqui em Melk cede-se mais à cerveja!): em suma, bebeu-se sem exagerar mas não sem gosto.

Comemos carne no espeto, dos porcos acabados de matar, e reparei que para outros alimentos não se usava gordura de animais nem óleo de colza, mas um bom azeite de oliveira, que vinha de terrenos que a abadia possuía aos pés do monte para o lado do mar. O Abade fez-nos provar (reservado para a sua mesa) aquele frango que tinha visto preparar na cozinha. Notei que, coisa bastante rara, ele dispunha também de um garfo de metal, que, pela forma, me recordava as lentes do meu mestre: homem de nobre extração, o nosso hospedeiro não queria sujar as mãos com a comida, e até nos ofereceu o seu instrumento ao menos para tirar as carnes do prato grande e pô-las nas nossas escudelas. Eu recusei, mas vi que Guilherme aceitou de bom grado e se serviu com desenvoltura daquele utensílio de senhores, talvez para provar ao Abade que os franciscanos não eram pessoas de escassa educação e de extração humilíssima.

Entusiasta como era por todas aquelas boas comidas (depois de alguns dias de viagem em que nos tínhamos alimentado como podíamos), tinha-me distraído do curso da leitura que entretanto prosseguia devotamente. Fui chamado a ela por um vigoroso grunhido de assentimento de Jorge, e reparei que se tinha chegado ao ponto em que se lia sempre um capítulo da regra. Dei conta da razão por que Jorge estava tão satisfeito, depois de o ter escutado naquela tarde. De fato, dizia o leitor: «Imitemos o exemplo do profeta que diz: decidi, vigiarei sobre o meu caminho para não pecar com a minha língua, pus uma mordaça à minha boca, emudeci humilhando-me, abster-me de tudo, até de coisas honestas. E se neste passo o profeta nos ensina que, por vezes, por amor do silêncio, nos deveríamos abster até dos discursos lícitos, quanto mais devemos abster-nos dos discursos ilícitos para evitar a pena deste pecado!» E depois prosseguia: «Mas as vulgaridades, as palermices e as fanfarronices nós condenamo-las a reclusão perpétua, em qualquer lugar, e não permitimos que o discípulo abra a boca para fazer discursos de tal sorte.»

- E que isto valha para os marginalia de que se falava hoje - não se conteve de comentar Jorge em voz baixa João Boccadoro disse que Cristo nunca riu.

- Nada na sua natureza humana o impedia - observou Guilherme -, porque o riso, como ensinam os teólogos, é próprio do homem.

- Forte potuit sed non legitur eo usus fuisse - disse incisivamente Jorge, citando Pedro Cantore.

- Manduca, jam coctum est - sussurrou Guilherme.

- O quê? - perguntou Jorge, que pensava que ele aludia a algum alimento que lhe era apresentado.

- São as palavras que, segundo Ambrósio, foram pronunciadas por São Lourenço na grelha, quando convidou os carrascos a voltá-lo do outro lado, como também recorda Prudêncio no Perirtephanon - disse Guilherme com o ar de um santo. - São Lourenço sabia portanto rir e dizer coisas ridículas embora fosse para humilhar os próprios inimigos.

- O que demonstra que o riso é coisa bastante próxima da morte e da corrupção do corpo - rebateu Jorge, com um grunhido, e devo admitir que se comportou como bom lógico.

Naquele momento, o Abade convidou-nos amavelmente ao silêncio. A ceia, aliás, estava a terminar. O Abade levantou-se e apresentou Guilherme aos monges. Louvou-lhe a sabedoria, proclamou-lhe a fama, e advertiu que lhe tinha sido pedido para investigar sobre a morte de Adelmo, convidando os monges a responder às suas perguntas e a advertir os seus subordinados, por toda a abadia, a fazerem outro tanto. E a facilitar-lhe as investigações, contanto que, acrescentou, os seus pedidos não transgredissem as regras do mosteiro. Nesse caso, dever-se-ia recorrer à sua autorização.

Acabada a ceia, os monges dispuseram-se a dirigir-se para o coro, para o ofício de completas. Baixaram de novo o capucho sobre o rosto e alinharam-se diante da porta, parados. Depois moveram-se numa longa fila, atravessando o cemitério e entrando no coro pelo portal setentrional.

Encaminhamo-nos com o Abade.

- A esta hora fecham-se as portas do Edifício? - perguntou Guilherme.

- Logo que os servos tenham limpo o refeitório e as cozinhas, o próprio bibliotecário fechara todas as portas, trancando-as por dentro.

- Por dentro? E ele por onde sai?

O Abade fixou Guilherme por um instante de rosto sério:

- Decerto não dorme na cozinha - disse bruscamente.

E apressou o passo.

- Muito bem - sussurrou Guilherme -, portanto existe uma outra entrada, mas nós não a devemos conhecer. - Eu sorri todo orgulhoso da sua dedução, e ele ralhou-me: - E não te rias. Bem viste que dentro destas muralhas o riso não goza de boa reputação.

Entramos no coro. Ardia uma única lâmpada, sobre um robusto tripé de bronze, da altura de dois homens. Os monges colocaram-se nas estalas em silêncio, enquanto o leitor lia uma passagem de uma homilia de São Gregório.

Depois o Abade fez um sinal e o cantor entoou Tu autem Domine miserere nobis. O Abade respondeu Adjutorium nostrum in nomine Domini, e todos fizeram coro com Qui fecit coelum et terram. Então iniciou-se o canto dos salmos: Quando te invoco responde-me, ó Deus da minha justiça! Dar-te-ei graças, Senhor, com todo o meu coração, bendizei o Senhor, servos todos do Senhor. Nós não nos tínhamos colocado nas estalas, mas tínhamo-nos retirado para a nave principal. Foi dali que distinguimos de repente Malaquias, que emergia do escuro de uma capela lateral.

- Não percas de vista aquele ponto - disse-me Guilherme. - Pode haver uma passagem que leve ao Edifício.

- Por baixo do cemitério?

- E porque não? Melhor, pensando bem nisso, deve haver em qualquer parte um ossário ; é impossível que há séculos sepultem todos os monges naquela nesga de terra.

- Mas quereis verdadeiramente entrar de noite na biblioteca? - perguntei, aterrado.

- Onde estão os monges defuntos e as serpentes e as luzes misteriosas, meu bom Adso? Não, rapaz. Pensava nisso hoje, e não por curiosidade mas porque me punha o problema de como teria morrido Adelmo. Agora, como te disse, inclino-me para uma explicação mais lógica, e no fim de contas quero respeitar os usos deste lugar.

- Então porque quereis saber?

- Porque a ciência não consiste apenas em saber aquilo que se deve ou se pode fazer, mas também em saber aquilo que se poderia fazer e que talvez não se deva fazer. Eis porque dizia hoje ao mestre vidreiro que o sábio deve de certo modo ocultar os segredos que descobre, para que outros não façam mau uso deles, mas é preciso descobri-los, e esta biblioteca parece-me sobretudo um lugar onde os segredos permanecem encobertos.

Com estas palavras encaminhou-se para fora da igreja, porque o ofício tinha terminado. Estávamos ambos muito cansados, e fomos para a nossa cela. Eu aninhei-me naquilo a que Guilherme chamou gracejando o meu «nicho» e adormeci imediatamente.

SEGUNDO DIA MATINAS

Onde poucas horas de mística felicidade são interrompidas por um ato sumamente sangrento.

Símbolo ora do demônio ora de Cristo ressuscitado, nenhum animal é mais falso que o galo. A nossa ordem conheceu-os preguiçosos, que não cantavam ao nascer do Sol. E por outro lado, especialmente nos dias de Inverno, o ofício de matinas tem lugar quando é ainda noite plena e a natureza está toda adormecida, pelo que o monge deve levantar-se na obscuridade e longamente na obscuridade rezar, esperando o dia e iluminando as trevas com a chama da devoção. Por isso, sabiamente, o costume predispôs vigilantes que não se deitam com os seus irmãos, mas passam a noite recitando ritmicamente um número exato de salmos que lhes dá a medida do tempo decorrido, de modo que, ao fim das horas votadas ao sono dos outros, aos outros dão o sinal da vigília.

Portanto, naquela noite fomos acordados por aqueles que percorriam o dormitório e a casa dos peregrinos tocando uma campainha, enquanto um ia de cela em cela gritando o *Benedicamus Domino*, a que cada um respondia *Deo gratias*.

Guilherme e eu ativemo-nos ao uso beneditino: em menos de meia hora preparamo-nos para afrontar o novo dia. a seguir descemos ao coro, onde os monges esperavam prostrados por terra, recitando os primeiros quinze salmos, até que entraram os noviços conduzidos pelo seu mestre. Em seguida cada um se sentou na sua própria estala e o coro entoou *Domine labia mea aperies et os meum annuntiabit laudem tuam*. O grito subiu até às abóbadas da igreja como a súplica de uma criança. Dois monges subiram ao púlpito e deram voz ao salmo noventa e quatro, *Venite exultemus*, a que se seguiram os outros prescritos. E eu senti o ardor de uma fé renovada.

Os monges estavam nas estalas, sessenta figuras igualadas pelo saio e pelo capucho, sessenta sombras mal iluminadas pelo fogo do grande tripé, sessenta vozes unidas em louvor do Altíssimo. E ouvindo este comovente concerto, vestibulo das delícias do paraíso, perguntei-me se na verdade a abadia era lugar de mistérios ocultos, de ilícitas tentativas de os revelar e de obscuras ameaças. Porque agora, pelo contrário, ela aparecia-me como refúgio de santos, cenáculo de virtudes, relicário de sapiência, arca de prudência, torre de sabedoria, recinto de mansidão, bastião de fortaleza, turíbulo de santidade.

Depois de seis salmos começou a leitura da sagrada escritura. Alguns monges

cabeceavam de sono, e um dos vigilantes da noite girava por entre as estalas com uma pequena lâmpada para despertar quem tivesse adormecido. Se alguém era surpreendido em plena modorra, como penitência pegava na lâmpada e continuava a ronda de controle. Em seguida recomeçou o canto de mais seis salmos. Depois, o Abade deu a sua bênção, o hebdomadário disse as orações, todos se inclinaram para o altar num minuto de recolhimento, de que ninguém que não tenha vivido estas horas de místico ardor e de intensíssima paz interior pode compreender a doçura. Finalmente, de capucho de novo sobre o rosto, todos se sentaram e entoaram solenemente o de Deum. Também eu louvei o Senhor, porque me tinha libertado das minhas dúvidas livrando-me da sensação de mal-estar em que o primeiro dia na abadia me tinha lançado. Somos seres frágeis, disse para comigo, também entre estes monges doutos e devotos o maligno faz circular pequenas invejas, sutis inimizades, mas trata-se de fumo que se dissipa ao vento impetuoso da fé, logo que todos se reúnem em nome do Pai, Cristo desce ainda entre eles.

Entre matinas e laudas, o monge não volta à cela, mesmo que a noite seja ainda profunda. Os noviços seguiram o seu mestre para a sala capitular para estudarem os salmos, alguns dos monges ficaram na igreja a arrumar os utensílios sagrados, a maioria passeava meditando em silêncio no claustro, e assim fizemos Guilherme e eu. Os servos dormiam ainda e continuavam a dormir quando, com o céu ainda escuro, voltamos ao coro para laudas.

Recomeçou o canto dos salmos, e um em particular, entre os previstos para segunda-feira, mergulhou-me de novo nos meus primitivos temores: «A culpa apoderou-se do ímpio, do íntimo do seu coração - não há temor de Deus nos seus olhos - age em fraude na sua presença - de modo que a sua língua se torne odiosa.» Esclareceu-me de mau presságio que a regra tivesse prescrito precisamente para aquele dia uma advertência tão terrível. Também não acalmou as minhas palpitações de inquietação, depois dos salmos de louvor a habitual leitura do apocalipse, e voltaram-me à mente as figuras do portal que tanto me tinham subjugado o coração e o olhar no dia anterior. Mas depois do responsório, o hino e o versículo, quando estava a começar o cântico do evangelho, surgiu por detrás das janelas do coro, precisamente sobre o altar, um clarão pálido que já fazia resplandecer os vitrais nas suas diversas cores, até então mortificadas pela treva. Não era ainda a aurora, que triunfaria durante prima, precisamente enquanto cantávamos *Deus qui est sanctorum splendor mirabilis et iam lucis orto sidere*. Era apenas o primeiro débil anúncio da alba invernal, mas foi o bastante, e foi bastante para me sossegar o coração a leve penumbra que na nave ia agora substituindo a obscuridade noturna.

Cantávamos as palavras do livro divino e, enquanto testemunhávamos o Verbo que tinha vindo iluminar as gentes, pareceu-me que o astro diurno em todo o seu fulgor estava invadindo o templo. A luz, ainda ausente, pareceu-me resplandecer nas palavras do cântico, lírio místico que se entreabria odoroso entre os cruzeiros das abóbadas. «Graças, ó Senhor, por este momento de gáudio inenarrável», rezei silenciosamente, e

disse ao meu coração «e tu, estúpido, que temes?»

De repente, levantaram-se alguns clamores do lado do portal setentrional. Perguntei-me como é que os servos, preparando-se para o trabalho, perturbavam assim as sagradas funções. Naquele instante entraram três porqueiros, com o terror no rosto, e aproximaram-se do Abade, sussurrando-lhe qualquer coisa. O Abade primeiro acalmou-os com um gesto, como se não quisesse interromper o ofício: mas outros servos entraram, os gritos tornaram-se mais fortes: «E um homem, um homem morto!», dizia alguém; e outros: «Um monge, não viste o calçado?»

Os que oravam calaram-se, o Abade saiu precipitadamente, fazendo sinal ao despenseiro que o seguisse. Guilherme foi atrás deles, mas então também os outros monges abandonavam as suas estalas e se precipitavam para fora.

O céu estava agora claro, e a neve no chão tornava ainda mais luminoso o planalto. Por detrás do coro, diante dos estábulos, onde desde o dia anterior dominava o grande recipiente com o sangue dos porcos, um estranho objeto de forma quase cruciforme saía do bordo da talha, como se fossem dois paus espetados no solo para cobrir de trapos para espantar os pássaros.

Eram ao invés duas pernas humanas, as pernas de um homem enfiado de cabeça para baixo no vaso de sangue.

O Abade ordenou que se retirasse o cadáver do líquido infame (porque infelizmente nenhuma pessoa viva poderia ficar naquela posição obscena). Os porqueiros, hesitantes, aproximaram-se do bordo e, sujando-se de sangue, retiraram de lá a pobre coisa sanguinolenta. Como me tinha sido dito, remexido devidamente logo depois de ter sido vertido e deixado ao frio, o sangue não tinha coagulado, mas a camada que recobria o cadáver tendia agora a solidificar-se, ensopava-lhe as vestes, tornava-lhe o rosto irreconhecível. Aproximou-se um servo com um balde de água e atirou-a sobre o rosto daquele mísero despojo. Um outro inclinou-se com um pano para lhe limpar as feições. E apareceu aos nossos olhos o rosto branco de Venancio de Salvamec, o sabedor de coisas gregas com quem tínhamos discorrido de tarde diante dos códices de Adelmo.

- Talvez Adelmo se tenha suicidado - disse Guilherme, fixando aquele rosto -, mas este não, decerto, nem se pode pensar que se tenha içado por acidente até ao bordo da talha e tenha caído por engano.

O Abade aproximou-se dele:

- Frade Guilherme, como vedes alguma coisa acontece na abadia, alguma coisa que requer toda a vossa sabedoria. Mas, esconjuro-vos, agi depressa!

- Estava presente no coro durante o ofício? - perguntou Guilherme, indicando o cadáver.

- Não - disse o Abade. - Notei que a sua estala estava vazia.

- Nenhum outro estava ausente?

- Não me parece. Não notei nada.

Guilherme hesitou antes de formular a nova pergunta, e fê-la num sussurro, atento a que os outros não ouvissem:

- Berengário estava no seu lugar?

O Abade olhou-o com inquieta admiração, como a significar que tinha ficado impressionado ao ver o meu mestre nutrir uma suspeita que ele próprio tinha por um instante nutrido, mas por mais compreensíveis razões. Depois disse, rápido:

- Estava, está na primeira fila, quase à minha direita.

- Naturalmente - disse Guilherme -, tudo isto não significa nada. Não creio que ninguém para entrar no coro tenha passado por trás da abside, e por isso o cadáver podia já estar aqui há várias horas, pelo menos desde que todos tinham ido dormir.

- Decerto, os primeiros servos levantam-se com a alba, e por isso o descobriram só agora.

Guilherme inclinou-se sobre o cadáver, como se estivesse habituado a tratar corpos mortos. Molhou o pano que estava ao lado na água do balde e limpou melhor o rosto de Venancio. Entretanto, os outros monges apinhavam-se assustados, formando um círculo vozeante a que o Abade estava impondo silêncio. Entre eles abriu caminho Severino, a quem estava confiado cuidar dos corpos da abadia, e inclinou-se perto do meu mestre. Eu, para ouvir o seu diálogo e para ajudar Guilherme, que tinha necessidade de ter um novo pano limpo molhado na água, uni-me a eles, superando o meu terror e a minha repugnância.

- Nunca viste um afogado? - perguntou Guilherme.

- Muitas vezes - disse Severino. - E, se adivinho o que queres dizer, não tem este aspecto, e as suas feições ficam inchadas.

- Então o homem já estava morto quando alguém o atirou para a jarra.

- Porque é que havia de fazer isso?

- Porque é que havia de o matar? Estamos diante da obra de uma mente perversa. Mas agora é preciso ver se há feridas ou contusões pelo corpo. Proponho levá-lo para os banhos, despi-lo, lavá-lo e examiná-lo. Vou já ter contigo.

E enquanto Severino, recebida licença do Abade, mandava transportar o corpo pelos porteiros, o meu mestre pediu que mandassem entrar os monges de novo no coro seguindo o caminho por onde tinham vindo, e que os servos se retirassem da mesma maneira, de modo que o espaço ficasse deserto. O Abade não lhe perguntou o porquê deste seu desejo e satisfez-lho. Ficamos assim sozinhos, ao lado da tumba donde o sangue tinha transbordado durante a macabra operação de retirar o corpo, a neve em torno toda vermelha, derretida em vários pontos pela água que tinha sido espalhada, e uma grande mancha escura onde o cadáver tinha sido estendido.

- Um belo sarilho - disse Guilherme, referindo-se ao jogo complexo de marcas deixado em volta pelos monges e pelos servos. - A neve, querido Adso, é um admirável pergaminho sobre o qual os corpos dos homens deixam escritas fáceis de ler. Mas este é um palimpsesto mal raspado, e talvez não leiamos nele nada de interessante. Daqui à igreja, foi uma grande corrida de monges apressados, daqui à cozinha e aos estábulos vieram os servos em tropel. O único espaço intacto é aquele que vai das cozinhas ao Edifício. Vejamos se encontramos alguma coisa de interessante.

- Mas que coisa quereis encontrar? - perguntei.

- Se não se lançou sozinho no recipiente, alguém o levou para lá, já morto, imagino. E quem transporta o corpo de outro deixa pegadas profundas na neve. E agora procura encontrar aqui em redor pegadas que te pareçam diferentes das que deixaram estes monges vociferadores que nos estragaram o nosso pergaminho.

Assim fizemos. E digo já que fui eu, Deus me salve da vaidade, que descobri qualquer coisa entre o recipiente e o Edifício. Eram marcas de pés humanos, bastante profundas, numa zona em que ninguém tinha ainda passado e, como logo notou o meu mestre, mais ligeiras do que as deixadas pelos monges e pelos servos, sinal de que mais neve ali tinha caído, e portanto tinham sido deixadas há mais tempo. Mas aquilo que nos pareceu mais digno de interesse era que entre aquelas marcas se mesclava uma pegada mais contínua, como de qualquer coisa arrastada por quem tinha deixado as marcas. Em resumo, um sulco que ia da jarra à porta do refeitório, do lado do Edifício que ficava entre a torre meridional e a oriental.

- Refeitório, scriptorium, biblioteca - disse Guilherme. - Mais uma vez a biblioteca. Venancio morreu no Edifício, e mais provavelmente na biblioteca.

- E porquê precisamente na biblioteca?

- Procuro meter-me na pele do assassino. Se Venancio morreu, foi morto, no refeitório, na cozinha ou no scriptorium, porque não deixá-lo lá? Mas se morreu na biblioteca era preciso transportá-lo para outro lugar, seja porque na biblioteca jamais seria descoberto (e talvez ao assassino interessasse precisamente que fosse descoberto) seja porque o assassino provavelmente não quer que a atenção se concentre sobre a biblioteca.

- E porque é que ao assassino podia interessar que fosse descoberto?

- Não sei, ponho hipóteses. Quem te diz que o assassino matou Venancio porque odiava Venâncio? Podia tê-lo morto, no lugar de qualquer outro, para deixar um sinal, para significar alguma outra coisa.

- Omnis mundi creatura, quasi liber et scriptura... - murmurei. - Mas de que sinal se trataria?

- É isso que eu não sei. Mas não esqueçamos que existem sinais que o parecem e, pelo contrário, são desprovidos de sentido, como blitiri ou bu-ba-baff...

- Seria atroz - disse - matar um homem por dizer bu-ba-baff!

- Seria atroz - comentou Guilherme - matar um homem até por dizer Credo in unum Deum...

Naquele momento chegou junto de nós Severino. O cadáver tinha sido lavado e examinado com cuidado. Nenhuma ferida, nenhuma contusão na cabeça. Morto como por encanto.

- Como por castigo divino? - perguntou Guilherme.

- Talvez - disse Severino.

- Ou por veneno?

Severino hesitou.

- Talvez, também.

- Tens venenos no laboratório? - perguntou Guilherme enquanto nos encaminhávamos para o hospital.

- Também. Mais depende do que entendes por veneno. Há substâncias que em pequenas doses são salutares e em doses excessivas provocam morte. Como todo o bom ervanário, conservo-as, e uso-as com discrição. No meu horto cultivo, por exemplo, a valeriana. Poucas gotas numa infusão de outras ervas acalmam o coração que bate desordenadamente. Uma dose exagerada provoca torpor e morte.

- E não notaste no cadáver sinais de um veneno particular?

- Nenhum. Mas muitos venenos não deixam marcas.

Tínhamos chegado ao hospital. O corpo de Venancio, lavado nos balnea, tinha sido para ali transportado e jazia na grande mesa do laboratório de Severino: alambiques e outros instrumentos de vidro e barro fizeram-me pensar mas sabia disso só por relatos indiretos) na botica de um alquimista. Sobre uma grande estante ao longo da parede externa, espalhava-se uma vasta série de ampolas, jarros, vasos, cheios de substâncias de diversas cores.

- Uma bela coleção de simples - disse Guilherme. - Todos os produtos vem do vosso jardim?

- Não - disse Severino -, muitas substâncias, raras e que não crescem nestas zonas, foram-me trazidas ao longo dos anos por monges provenientes de todas as partes do mundo. Tenho ainda coisas preciosas e raríssimas, misturadas com substâncias que é fácil obter da vegetação destes lugares. Olha... aghalingho pisado, provém de Catay, e deu-me um sábio árabe. Aloés suco-trino, vem das Índias, ótimo cicatrizante. Mercúrio, ressuscita os mortos, ou, para melhor dizer, acorda aqueles que perderam os sentidos. Arsênico, perigosíssimo, veneno mortal para quem o ingerir. Boracie, planta boa para os pulmões doentes. Betônica, boa para as faturas do crânio. Mastigue, refreia os fluxos pulmonares e os catarros molestos. Mirra...

- A dos magos? - perguntei.

- A dos magos, mas aqui boa para prevenir os abortos, colhida duma árvore que se chama Balsamodendron myrra. E esta é múmia, raríssima, produzida pela decomposição dos cadáveres mumificados, serve para preparar muitos medicamentos quase milagrosos. Mandrágora officinalis, boa para o sono...

- E para suscitar o desejo da carne - comentou o meu mestre.

- Dizem, mas aqui não se usa nesse sentido, como podeis imaginar - sorriu Severino. - E olhai esta - disse, pegando numa ampola - tutia, milagrosa para os olhos.

- E o que é esta? - perguntou vivamente Guilherme, tocando numa pedra que estava sobre uma estante.

- Esta? Foi-me doada há tempos. Creio que é lopris amatiti ou lapis ematitis. Parece que tem várias virtudes terapêuticas, mas ainda não descobri quais. Conhece-la?

- Sim - disse Guilherme -, mas não como medicamento.

Tirou do saio um canivete e aproximou-o lentamente da pedra. Quando o canivete, movido pela sua mão com extrema delicadeza, chegou a pouca distância da pedra, vi que a lamina executava um movimento brusco, como se Guilherme tivesse movido o pulso, que pelo contrário tinha completamente imóvel. E a lamina aderiu à pedra com um leve ruído de metal.

- Olha - disse-me Guilherme -, é um magnete.

- E para que serve? - perguntei.

- Para várias coisas, que te direi. Mas por agora queria saber, Severino, se não há aqui nada que possa matar um homem.

Severino refletiu um instante, demasiado diria, dada a limpidez da sua resposta:

- Muitas coisas. Já te disse, o limite entre o veneno e o medicamento é bastante tênue, os Gregos chamavam a ambos pharmacon.

- E não há nada que vos tenha sido tirado recentemente?

Severino refletiu ainda; depois, quase pesando as palavras:

- Nada, recentemente.

- E no passado?

- Quem sabe. Não me recordo. Estou nesta abadia há trinta anos, e estou no hospital há vinte e cinco.

- Demasiado para uma memória humana - admitiu Guilherme. Depois, de repente: - Falávamos ontem de plantas que podem provocar visões. Quais são?

Severino manifestou com os gestos e com a expressão do rosto o seu vivo desejo de evitar aquele assunto:

- Tenho de pensar nisso, sabes, tenho tantas substancias milagrosas aqui. Mas falemos antes de Venancio. Que dizes?

- Tenho de pensar nisso - respondeu Guilherme.

SEGUNDO DIA

PRIMA

Onde Bêncio de Upsala confia algumas coisas, outras confia-as a Berengário de Arundel, e Adro aprende o que é a verdadeira penitencia.

O desgraçado acidente tinha transtornado a vida da comunidade. O tumulto devido a descoberta do cadáver tinha interrompido o ofício sacro. O Abade tinha imediatamente impellido de novo os monges para o coro, para que rezassem pela alma do seu irmão.

As vozes dos monges eram entrecortadas. Pusemo-nos numa situação adequada para estudar a sua fisionomia quando, segundo a liturgia, o capucho não estava posto. Vimos logo o rosto de Berengário. Pálido, contraído, luzidio de suor. No dia anterior tínhamos ouvido por duas vezes murmurar a seu respeito como duma pessoa que tivesse que ver de modo particular com Adelmo; e não era o fato que os dois, coetâneos, fossem amigos, mas o tom evasivo daqueles que tinham aludido a essa amizade.

Notamos, a seu lado, Malaquias. Sombrio, crispado, impenetrável. Ao lado de Malaquias, igualmente impenetrável, o rosto do cego Jorge. Observamos, pelo contrário, os movimentos nervosos de Bêncio de Upsala, o estudioso de retórica conhecido no dia anterior no scriptorium, e surpreendemos um rápido olhar que este lançava na direção de Malaquias.

- Bêncio está nervoso, Berengário está assustado - observou Guilherme. - É preciso interrogá-los imediatamente.

- Porquê? - perguntei ingenuamente.

- O nosso é um duro ofício - disse Guilherme. - Duro ofício o do inquisidor, é preciso bater nos mais fracos e no momento da sua maior fraqueza.

De fato, mal acabou o ofício, alcançamos Bêncio, que se dirigia para a biblioteca. O jovem pareceu contrariado por se sentir chamado por Guilherme, e alegou qualquer débil pretexto de trabalho. Parecia ter pressa de se dirigir ao scriptorium. Mas o meu mestre recordou-lhe que estava fazendo um inquérito por mandado do Abade e conduziu-o para o claustro. Sentamo-nos no parapeito interno, entre duas colunas. Bêncio esperava que Guilherme falasse, olhando a espaços para o Edifício.

- Então - perguntou Guilherme -, que se disse naquele dia em que estiveste a discutir sobre os marginalia de Adelmo, tu, Berengário, Venancio, Malaquias e Jorge?

- Ouviste-lho ontem. Jorge observava que não é lícito ornar de imagens ridículas os livros que contêm a verdade. E Venancio observou que o próprio Aristóteles tinha falado de argúcias e jogos de palavras, como instrumentos para melhor descobrir a verdade, e que, portanto, o riso não devia ser coisa má, se podia fazer-se um veículo de verdade. Jorge observou que, pelo que recordava, Aristóteles tinha falado destas coisas no livro da Poética e a propósito das metáforas. Que já se tratava de duas circunstancias inquietantes, primeiro porque o livro da Poética, tendo permanecido ignorado do mundo cristão por tanto tempo e talvez por decreto divino, nos chegou através dos mouros infiéis...

- Mas foi traduzido em latim por um amigo do angélico doutor de Aquino - observou Guilherme.

- Foi o que eu lhe disse - disse Bêncio de súbito reanimado. - Eu...amo grego e pude anotar aquele grande livro precisamente através da tradução de Guilherme de Moerbeke. Aí está, foi o que eu lhe disse. Mas Jorge acrescentou que o segundo motivo de inquietação é que o Estagirita falava aí da poesia, que é ínfima doutrina e que vive de figmenta. E Venancio disse que também os salmos são obra de poesia e usam metáforas, e Jorge irou-se porque disse que os salmos são obra de inspiração divina e usam metáforas para transmitir a verdade enquanto as obras dos poetas pagãos usam metáforas para transmitir a mentira e com fins de mero deleite, coisa que muito me ofendeu...

- Porquê?

- Porque eu ocupo-me de retórica, e leio muitos poetas pagãos, e sei... ou melhor, creio que através da sua palavra também foram transmitidas verdades naturaliter cristãs... Em suma, naquele ponto, se me recordo bem, Venancio falou de outros livros, e Jorge zangou-se muito.

- Que livros?

Bêncio hesitou:

- Não me recordo. Que importa de que livros se falou?

- Importa muito, porque aqui estamos procurando compreender o que terá acontecido entre homens que vivem entre os livros, com os livros, dos livros, e portanto também as suas palavras sobre os livros são importantes.

- É verdade - disse Bêncio, sorrindo pela primeira vez e quase com o rosto iluminado. - Nós vivemos para os livros. Doce missão neste mundo dominado pela desordem e pela decadência. Então talvez compreendais o que aconteceu naquele dia. Venancio, que sabe... que sabia muito bem o grego, disse que Aristóteles tinha dedicado especialmente ao riso o segundo livro da Poética e que, se um filósofo daquela grandeza tinha consagrado um livro inteiro ao riso, o riso devia ser uma coisa importante. Jorge disse que muitos padres tinham dedicado livros inteiros ao pecado, que é uma coisa importante mas má, e Venancio disse que, pelo que ele sabia, Aristóteles tinha falado do riso como coisa boa e instrumento de verdade, e então Jorge perguntou-lhe com escárnio se por acaso ele tinha lido esse livro de Aristóteles, e Venancio disse ainda que ninguém podia tê-lo lido, porque jamais se tinha encontrado e talvez se tivesse perdido. E de fato nunca ninguém pôde ler o segundo livro da Poética, Guilherme de Moerbeke nunca o teve nas mãos. Então Jorge disse que se não se tinha encontrado era porque nunca tinha sido escrito, porque a Providência não queria que fossem glorificadas as coisas fúteis. Eu queria acalmar os ânimos, porque Jorge facilmente se irrita e Venancio falava de modo a provocá-lo, e disse que na parte da Poética que conhecemos, e na Retórica, se encontram muitas observações sábias sobre os enigmas argutos, e Venancio esteve de acordo comigo. Ora estava conosco Pacífico de Tivoli, que conhece bastante bem os poetas pagãos, e disse que quanto a enigmas argutos ninguém supera os poetas africanos. Citou mesmo o enigma do peixe, o de Sinfósio:

Est domus in terris, clara quae voce resultat. Ipsa domus resonat, tacitus sed non sonat hospes. Ambo lamen currunt, hospes simul et domus una.

Nessa altura, Jorge disse que Jesus tinha recomendado que o nosso falar fosse sim ou não e que o mais vinha do maligno; e que bastava dizer peixe para nomear o peixe, sem lhe ocultar o conceito sob sons mentirosos. E acrescentou que não lhe parecia sábio tomar como modelo os africanos... E então...

- Então?

- Então aconteceu uma coisa que não compreendi. Berengário pôs-se a rir, Jorge repreendeu-o, e ele disse que ria porque lhe tinha vindo à mente que procurando bem entre os africanos se encontrariam enigmas bem diversos e não tão fáceis como o do peixe. Malaquias, que estava presente, ficou furibundo, quase agarrou Berengário pelo capucho, mandando-o ocupar-se dos seus assuntos... Berengário, como sabeis, é o seu ajudante...

- E depois?

- Depois Jorge pôs fim à discussão afastando-se. Todos nos fomos embora tratar das nossas coisas, mas enquanto trabalhava vi que primeiro Venancio e depois Adelmo se aproximaram de Berengário para lhe pedir qualquer coisa. Vi de longe que se esquivava,

mas eles durante o dia voltaram ambos junto dele. E depois, naquela tarde, vi Berengário e Adelmo a confabular no claustro, antes de irem para o refeitório. Pronto, é tudo o que sei.

- Isto é, sabes que as duas pessoas que recentemente morreram em circunstâncias misteriosas tinham pedido qualquer coisa a Berengário - disse Guilherme.

Bêncio respondeu embaraçado:

- Não disse isso! Disse aquilo que aconteceu naquele dia e como vós me haveis perguntado... - Refletiu um pouco, depois acrescentou à pressa: - Mas se quereis saber a minha opinião, Berengário falou-lhes de qualquer coisa que está na biblioteca, e é lá que deveis procurar.

- Porque pensas na biblioteca? Que queria dizer Berengário com as palavras «procurar entre os africanos»? Não queria dizer que era preciso ler melhor os poetas africanos?

- Talvez, assim parecia, mas então porque é que Malaquias havia de se enfurecer? No fundo, depende dele decidir se deve dar para leitura um livro de poetas africanos ou não. Mas eu sei uma coisa: quem folhear o catálogo dos livros encontrará, entre as indicações que só o bibliotecário conhece, uma que diz freqüentemente «África», e até encontrei uma que dizia «finis Africae». Uma vez pedi um livro que trazia aquele sinal, não me recordo qual, o título tinha-me despertado a curiosidade; e Malaquias disse-me que os livros com aquele sinal se tinham perdido. Eis aquilo que sei. Por isso vos digo: é certo, vigiai Berengário, e vigiai-o quando sobe à biblioteca. Nunca se sabe.

- Nunca se sabe - concluiu Guilherme, despedindo-o.

Depois pôs-se a passear comigo no claustro e observou que: em primeiro lugar, uma vez mais, Berengário era alvo das murmurações pelos seus irmãos; em segundo lugar, Bêncio parecia ansioso por nos impelir para a biblioteca. Observei que talvez quisesse que nós descobríssemos ali coisas que ele também queria saber, e Guilherme disse que provavelmente era assim, mas que podia também dar-se que, impelindo-nos para a biblioteca, quisesse afastar-nos de algum outro lugar. Qual?, perguntei. E Guilherme disse que não sabia, talvez o scriptorium, talvez a cozinha, ou o coro, ou o dormitório, ou o hospital. Observei que no dia anterior era ele, Guilherme, a ser fascinado pela biblioteca, e ele respondeu que queria ser fascinado pelas coisas que lhe agradavam e não por aquelas que os outros lhe aconselhavam. Que, porém, a biblioteca estava debaixo de olho, e que, nesse caso, também não seria mal procurar penetrar lá de qualquer modo. As circunstâncias já o autorizavam a ser curioso nos limites da cortesia e do respeito pelos usos e pelas leis da abadia.

Estávamos a afastar-nos do claustro. Servos e noviços saíam da igreja depois da missa.

E, ao dobrarmos o lado ocidental do templo, avistamos Berengário, que saía do portal do transepto e atravessava o cemitério em direção ao Edifício. Guilherme chamou-o, ele parou e alcançamo-lo. Estava ainda mais perturbado do que quando o tínhamos visto no coro, e Guilherme decidiu evidentemente aproveitar, como tinha feito com Bêncio, do seu estado de animo.

- Então parece que foste tu o último a ver Adelmo vivo - disse-lhe.

Berengário vacilou, como se estivesse para cair desmaiado:

- Eu? - perguntou num fio de voz.

Guilherme tinha lançado a sua pergunta quase ao acaso, provavelmente porque Bêncio lhe tinha dito que tinha visto os dois a confabular no claustro depois de vésperas. Mas devia ter acertado em cheio, e Berengário estava, claramente, pensando num outro e verdadeiramente último encontro, porque começou a falar com voz entrecortada.

- Como podeis dizer isso, eu vi-o antes de ir repousar, como todos os outros.

Então Guilherme decidiu que valia a pena não o deixar respirar:

- Não, tu voltaste a vê-lo, e sabes mais coisas do que queres crer. Mas aqui estão agora em jogo dois mortos e já não podes calar-te. Sabes muito bem que há muitos modos para fazer falar uma pessoa!

Guilherme tinha-me dito várias vezes que, mesmo como inquisidor, sempre lhe tinha repugnado a tortura, mas Berengário interpretou-o mal (ou Guilherme queria ser mal interpretado); de qualquer maneira, o seu jogo resultou eficaz.

- Sim, sim - disse Berengário, rompendo num pranto copioso -, eu vi Adelmo naquela noite, mas vi-o já morto!

- Como? - interrogou Guilherme -, aos pés da escarpa?

- Não, não, vi-o aqui no cemitério, avançava entre os túmulos, espectro entre os espectros. Encontrei-o, e súbito me apercebi que não tinha diante de mim um vivo, o seu rosto era o de um cadáver, os seus olhos olhavam já para as penas eternas. Naturalmente, só na manhã seguinte, sabendo da sua morte, eu compreendi que tinha encontrado o seu fantasma, mas já naquele momento me dei conta que estava a ter uma visão e que diante de mim estava uma alma danada, um lêmure... Oh, Senhor, com que voz de túmulo me falou!

- E que disse?

«Estou condenado!», assim me disse. «Tal como me vês, tens diante de ti um retornado do inferno, que ao inferno deve tornar», assim me disse. E eu gritei-lhe: «Adelmo, vens na verdade do inferno? Como são as penas do inferno?» E tremia, porque há pouco tinha saído do ofício de completas, onde tinha ouvido ler páginas tremendas sobre a ira do Senhor. E ele disse-me: «As penas do inferno são infinitamente maiores do que a nossa língua pode dizer. Vês tu», disse, «esta capa de sofismas com a qual tenho estado vestido até hoje. Ela me pesa e esmaga, como se tivesse a maior torre de Paris ou a maior montanha do mundo sobre os ombros, e jamais a poderei tirar. E esta pena foi-me dada pela divina justiça pela minha vanglória, por ter considerado o meu corpo um lugar de delicias, e por ter suposto que sabia mais do que os outros, e por me ter deleitado com coisas monstruosas, que, acalentadas na minha imaginação, produziram coisas bem mais monstruosas no interior da minha alma - e agora com elas terei de viver eternamente. Vês tu? O forro desta capa é como se fosse todo de brasas e fogo ardente, e é o jogo em que arde o meu corpo, e esta pena é-me dada pelo pecado desonesto da carne, na qual me víciei, e este fogo agora sem cessar me inflama e me queima! Estende-me a tua mão, meu belo mestre», disse-me ainda, «ainda que o meu encontro te sirva de útil ensinamento, dando-te em troca muitos dos ensinamentos que me deste, estende-me a tua mão, meu belo mestre!» E sacudiu o dedo da sua mão, que ardia, e caiu-me sobre a mão uma pequena gota do seu suor, e pareceu-me que me furava a mão, que por muitos dias fiquei com a marca só que a escondi de todos. Depois desapareceu entre os túmulos, e na manhã seguinte soube que aquele corpo, que tanto me tinha aterrado, estava já morto aos pés da rocha.

Berengário arquejava e chorava. Guilherme perguntou-lhe:

- E porque é que te chamava seu belo mestre? Tínheis a mesma idade. Tinhas-lhe acaso ensinado alguma coisa?

Berengário escondeu a cabeça, puxando o capucho sobre o rosto, e caiu de joelhos, abraçando as pernas de Guilherme:

- Não sei, não sei porque me chamava assim, eu não lhe ensinei nada! - e rebentou em soluços. - Tenho medo, padre, quero confessar -me a vós! Misericórdia, um diabo come-me as entranhas!

Guilherme afastou-o de si e estendeu-lhe a mão para o levantar.

- Não, Berengário - disse-lhe -, não me peças que te confesse! Não feches os meus lábios abrindo os teus. Aquilo que quero saber de ti dir-mo-ás de outro modo. E, se não mo disseres, descobri-lo-ei por minha conta. Pede-me misericórdia, se queres, não me peças o silêncio. São demasiados os que se calam nesta abadia. Diz-me, antes, como viste o seu rosto pálido se era noite cerrada, e como pudeste queimar a mão se era uma

noite de chuva e de granizo e de neve ligeira? Que fazias no cemitério? Vamos - sacudiu-o com brutalidade pelos ombros -, diz-me ao menos isto!

Berengário tremia por todos os lados:

- Não sei o que fazia no cemitério, não me recordo. Não sei porque vi o seu rosto... talvez eu tivesse uma luz, não, ele tinha uma luz, trazia uma candeia... talvez tenha visto o seu rosto à luz da chama...

- Como podia trazer uma luz se chovia e nevava?

- Era depois de completas, logo depois de completas não nevava ainda, começou depois... Recordo que começavam a descer as primeiras rajadas enquanto fugia para o dormitório. Fugi para o dormitório, na direção oposta àquela em que ia o fantasma... E depois não sei mais nada, peço-vos, não me interrogueis mais se não quereis confessar-me.

- Está bem - disse Guilherme -, agora vai, vai para o coro, vai falar com o Senhor, visto que não queres falar com os homens, ou vai procurar um monge que queira escutar a tua confissão, porque se desde então não confessas os teus pecados aproximaste-te como sacrílego dos sacramentos. Vai. Voltaremos a ver-nos.

Berengário desapareceu a correr. E Guilherme esfregou as mãos, como o tinha visto fazer em muitos outros casos em que estava satisfeito com alguma coisa.

- Bem - disse -, agora muitas coisas se tornam claras.

- Claras, mestre? - perguntei-lhe. - Claras agora que temos também o fantasma de Adelmo?

- Caro Adso - disse Guilherme -, aquele fantasma parece-me muito pouco fantasma, e de qualquer modo recitava uma página que já li em algum livro para uso dos pregadores. Estes monges lêem talvez demasiado, e quando estão excitados revivem as visões que tiveram nos livros. Não sei se Adelmo terá dito na verdade aquelas coisas ou se Berengário as terá ouvido porque tinha necessidade de as ouvir. É um fato que esta história confirma uma série de suposições minhas. Por exemplo: Adelmo morreu suicida, e a história de Berengário diz-nos que, antes de morrer, ele vagueava presa de uma grande excitação e um grande remorso por alguma coisa que tinha cometido. Estava excitado e amedrontado pelo seu pecado porque alguém o tinha amedrontado, e talvez lhe tenha contado precisamente o episódio da aparição infernal que ele recitou a Berengário com tanta e tão alucinada mestria. E passava pelo cemitério porque vinha do coro, onde se tinha confiado (ou confessado) a alguém que lhe tinha incutido terror e remorso. E do cemitério encaminhava-se, como nos fez compreender Berengário, na

direção oposta ao dormitório, para o Edifício, portanto, mas também (é possível) para o muro da cerca por trás das estrumeiras, de onde eu deduzi que se deve ter atirado no precipício. E atirou-se antes que sobreviesse a tempestade, morreu aos pés do muro, e só depois o desmoronamento arrastou o seu cadáver entre a torre setentrional e a oriental.

- Mas e a gota de suor inflamado?

- Já estava na história que ele ouviu e repetiu ou que Berengário imaginou na sua excitação e no seu remorso. Porque há, em antístrofe ao remorso de Adelmo, um remorso de Berengário, tu ouviste-o. E se Adelmo vinha do coro trazia talvez um círio, e a gota sobre a mão do amigo era apenas uma gota de cera. Mas Berengário sentiu-se arder muito mais porque Adelmo certamente lhe chamou seu mestre. Sinal, portanto, de que Adelmo o reprovava por ele lhe ter ensinado qualquer coisa pela qual ele sentia então um desespero de morte. E Berengário sabe-o, ele sofre porque sabe que impeliu Adelmo para a morte levando-o a fazer algo que não devia. E não é difícil imaginar o quê, meu pobre Adso, depois daquilo que ouvimos sobre o nosso ajudante-bibliotecário.

- Creio ter compreendido o que sucedeu entre os dois - disse, envergonhando-me da minha sagacidade -, mas não acreditamos todos num Deus de misericórdia? Adelmo, dizeis, provavelmente tinha-se confessado: porque procurou punir o seu primeiro pecado com um pecado decerto maior ainda, ou pelo menos de igual gravidade?

- Porque alguém lhe disse palavras de desespero. Eu disse que certa página de pregador dos nossos dias deve ter sugerido a alguém as palavras que amedrontaram Adelmo e com que Adelmo amedrontou Berengário. Nunca como nestes últimos anos os pregadores ofereceram ao povo, para lhe estimular a piedade e o terror (e o fervor, e o respeito pela lei humana e divina), palavras tão truculentas, perturbadoras e macabras. Nunca como nos nossos dias, no meio de procissões de flagelantes, se ouviram laudes sacras inspiradoras nas dores de Cristo e da Virgem, nunca como hoje se insistiu tanto em estimular a fé dos simples através da evocação dos tormentos infernais.

- Talvez seja necessidade de penitência - disse.

- Adso, nunca ouvi tantos apelos à penitência como hoje, num período em que já nem pregadores nem bispos e nem sequer os meus irmãos espirituais estão em condições de promover uma verdadeira penitência...

- Mas a terceira idade, o papa angélico, o capítulo de Perugia... - disse, confundido.

- Nostalgias. A grande época da penitência acabou, e por isso até o capítulo geral da ordem pode falar de penitência. Houve, há cem, duzentos anos, uma grande vaga de renovação. Era ainda quando quem falava dela era queimado, fosse santo ou herege.

Agora todos falam dela. Num certo sentido, discute sobre ela até o papa. Não te fies nas renovações do gênero humano quando delas falam as cúrias e as cortes.

- Mas frei Dolcino - ousei, curioso por saber mais sobre aquele nome que tinha ouvido pronunciar várias vezes no dia anterior.

- Morreu, e mal, tal como viveu, porque também ele veio demasiado tarde. E depois que sabes tu dele?

- Nada, por isso vos pergunto...

- Prefiro nunca falar dele. Deram-me que fazer alguns dos chamados apóstolos, e observei-os de perto. Uma história triste. Perturbar-te-ia. De qualquer modo, perturbou-me a mim, e ainda mais te perturbaria a minha própria incapacidade de julgar. É a história de um homem que fez coisas insensatas porque tinha posto em prática aquilo que lhe tinham pregado muitos santos. A certa altura eu já não compreendia de quem era a culpa, fiquei como... como obnubilado por um ar de família que soprava nos dois campos adversos, santos que pregavam a penitência e pecadores que a punham em prática, freqüentemente à custa dos outros... Mas estava a falar de outra coisa. Ou talvez não, falava ainda disto finda a época da penitência para os penitentes, a necessidade de penitência tornou-se necessidade de morte. E aqueles que mataram os penitentes enlouquecidos, restituindo morte à morte, para derrotar a verdadeira penitência, que provocava morte, substituíram à penitência da alma uma penitência da imaginação, um apelo a visões sobrenaturais de sofrimento e de sangue, chamando-lhes «espelho» da verdadeira penitência. Um espelho que faz viver em vida, à imaginação dos simples, e por vezes também dos doutos, os tormentos do interno. A fim de que, diz-se, ninguém peque. Esperando apartar as almas do pecado por meio do medo e confiando em substituir à rebelião o medo.

- Mas na verdade depois não pecarão? - perguntei ansiosamente.

- Depende do que entendas por pecar, Adso - disse-me o mestre. - Eu não quero ser injusto para com a gente deste país, em que vivo há alguns anos, mas parece-me que é típico da pouca virtude das populações italianas não pecar por medo de algum ídolo, por mais que lhe chamem santo. Têm mais medo de São Sebastião ou Santo Antônio do que de Cristo. Se uma pessoa aqui quer conservar limpo um sítio, para que não mijem aí, como fazem os italianos à maneira dos cães, pinta-se-lhe em cima uma imagem de Santo Antônio com a ponta de madeira, e esta enxotará aqueles que estão para mijar. Assim, os italianos, e por obra dos seus pregadores, arriscam-se a voltar às antigas superstições e já não crêem na ressurreição da carne; têm só um grande medo das feridas corporais e das desgraças, e por isso têm mais medo de Santo Antônio do que de Cristo.

- Mas Berengário não é italiano - observei.

- Não importa, estou falando do clima que a Igreja e as ordens pregadoras difundiram nesta península e que daqui se difunde por toda a parte. E atinge até uma venerável abadia de monges doutos, como estes.

- Mas ao menos que não pecassem - insisti, porque estava disposto a contentar-me só com isto.

- Se esta abadia fosse um speculum mundi, terias já a resposta.

- Mas é-o? - perguntei.

- Para que haja espelho do mundo é preciso que o mundo tenha uma forma - concluiu Guilherme, que era demasiado filósofo para a minha mente adolescente.

SEGUNDO DIA TERÇA

Onde se assiste a uma rixa entre pessoas vulgares, Amaro de Alexandria faz algumas alusões e Adso medita sobre a santidade e sobre o esterco do demônio. Depois, Guilherme e Adso voltam ao scriptorium, Guilherme vê qualquer coisa de interessante, tem a terceira conversa sobre a legitimidade do riso, mas em definitivo, não pode olhar para onde queria.

Antes de subir ao scriptorium passamos pela cozinha para nos restaurarmos, porque não tínhamos ainda tomado nada desde que nos tínhamos levantado. Revigorei-me logo bebendo uma tigela de leite quente. A grande chaminé meridional já ardia como uma forja, enquanto no forno se estava preparando o pão do dia. Dois cabreiros estavam depositando os restos de uma ovelha que acabavam de matar. Entre os cozinheiros vi Salvador, que me sorriu com a sua boca de lobo. E vi que tirava de uma mesa um resto do frango da noite anterior e o passava às escondidas aos cabreiros, que o ocultavam nas suas jaquetas de pele com um risinho de satisfação. Mas o cozinheiro-chefe apercebeu-se disso e repreendeu Salvador:

- Despenseiro, despenseiro - disse -, tu deves administrar os bens da abadia, não dissipá-los!

- Filii Dei son - disse Salvador. - Jesus disse que facite por ele aquilo que facite a um destes pueri!

- Fraticello das minhas bragas, piedoso menorita! - gritou-lhe então o cozinheiro. - Já não estas entre os teus frades pedintes! Em dar aos filhos de Deus pensará a misericórdia do Abade!

O rosto de Salvador escureceu, e ele voltou-se irritadíssimo:

- Não sou um fraticello menorita! Sou um monge Sancti Benedicti! Merdre á toy, bogomilo de merda!

- Bogomila é a rameira que tu fodes à noite, com a tua verga herética, porquê gritou o cozinheiro.

Salvador mandou sair à pressa os cabreiros e ao passar perto de nós olhou-nos com preocupação:

- Frade - disse a Guilherme -, defende tu a tua ordem, que não é a minha, diz-lhe que os filios Francisci não heréticos esse! - Depois sussurrou-me ao ouvido: - Ule menteur, puff - e cuspiu para o chão.

O cozinheiro veio empurrá-lo para fora com mau modo e fechou-lhe a porta nas costas.

- Frade - disse a Guilherme com respeito -, eu não falava mal da vossa ordem e dos homens santíssimos que nela estão. Falava com aquele falso menorita e falso beneditino que não é carne nem peixe.

- Sei donde vem - disse Guilherme conciliador. - Mas agora monges como tu, e deves-lhe respeito fraterno.

- Mas ele mete o nariz onde não deve metê-lo, porque é protegido pelo despenseiro, e julga-se ele o despenseiro. Usa da abadia como se fosse coisa sua, de dia e de noite!

- Porquê de noite? - perguntou Guilherme.

O cozinheiro fez um gesto como para dizer que não queria falar de coisas pouco virtuosas. Guilherme não lhe perguntou mais nada e acabou de beber o seu leite.

A minha curiosidade estava cada vez mais excitada. O encontro com Ubertino, as murmurações sobre o passado de Salvador e do despenseiro, as alusões cada vez mais freqüentes aos fraticelli e aos menoritas heréticos que ouvia fazer naqueles dias, a reticência do mestre em falar-me de frei Dolcino... Uma série de imagens começava a recompor-se na minha mente. Por exemplo, enquanto cumpríamos a nossa viagem tínhamos encontrado pelo menos duas vezes uma procissão de flagelantes. Duma vez a população do lugar olhava-os como santos, doutra vez começava a murmurar que eram hereges. E no entanto tratava-se sempre da mesma gente. Iam em procissão dois a dois, pelas estradas da cidade, cobrindo só as pudenta, tendo superado qualquer sentimento

de vergonha. Cada um tinha na mão um açoite de couro, e feriam-se nas costas até fazerem sangue, derramavam abundantes lágrimas como se vissem com os seus olhos a paixão do Salvador, imploravam com um canto lamentoso a misericórdia do Senhor e a ajuda da Mãe de Deus. Não só de dia, mas também de noite, com os círios acesos, no rigor do Inverno, iam em grande multidão pelas igrejas em redor, prostravam-se humildemente diante dos altares, precedidos por sacerdotes com círios e estandartes, e não só homens e mulheres do povo mas também nobres matronas e mercadores... E então assistia-se a grandes atos de penitência, aqueles que tinham roubado restituíam o produto do roubo, outros confessavam os seus crimes...

Mas Guilherme tinha-os olhado com frieza e tinha-me dito que aquela não era verdadeira penitência... Melhor, tinha falado como ainda há pouco o fizera, naquela mesma manhã: o período da grande lavagem penitencial tinha findado, e aqueles eram os modos como os próprios pregadores organizavam as devoções das multidões, precisamente para que não caíssem na pena de um outro desejo de penitência que - esse - era herético e fazia medo a todos. Mas não conseguia compreender a diferença, se acaso a havia. Parecia-me que a diferença não vinha dos gestos de um ou de outro, mas do olhar com que a Igreja julgava um e outro gesto.

Recordava-me da discussão com Ubertino. Guilherme tinha sido indubitavelmente insinuante, tinha procurado dizer-lhe que havia pouca diferença entre a sua fé mística (e ortodoxa) e a fé distorcida dos hereges. Ubertino tinha-se melindrado, como quem visse bem a diferença. A impressão com que tinha ficado foi que ele era diverso precisamente porque era aquele que sabia ver a diversidade. Guilherme subtraiu-se aos deveres da Inquisição porque já não sabia vê-la. Por isso não conseguia falar-me daquele misterioso frei Dolcino. Mas então, evidentemente (dizia para comigo), Guilherme perdeu a assistência do Senhor, que não só ensina a ver a diferença mas, por assim dizer, investe os seus diletos desta capacidade de discernimento. Ubertino e Clara de Montefalco (que no entanto escava rodeada de pecadores) tinham permanecido santos precisamente porque sabiam discriminar. A santidade é isto, e nada mais.

Mas porque é que Guilherme não sabia discriminar? No entanto, era um homem muito arguto, e pelo que respeitava aos fatos da natureza sabia distinguir a menor desigualdade e o menor parentesco entre as coisas...

Estava imerso nestes pensamentos, e Guilherme acabava de beber o seu leite, quando ouvimos alguém que nos cumprimentava. Era Aymaro de Alexandria, que já tínhamos conhecido no scriptorium e de quem me tinha impressionado a expressão do rosto, inspirada num perpétuo riso de escárnio, como se jamais conseguisse capacitar-se da fatuidade de todos os seres humanos e todavia não atribuísse grande importância a esta tragédia cósmica.

- Então, frade Guilherme, já vos habituastes a esta espelunca de dementes?

- Parece-me um lugar de homens admiráveis de santidade e doutrina - disse cautamente Guilherme.

- Era. Quando os abades faziam de abades e os bibliotecários de bibliotecários. Agora, como vistes, lá em cima - e apontava para o andar superior -, aquele alemão meio morto com olhos de cego está a ouvir devotamente os devaneios daquele espanhol cego com olhos de morto; parece que está para chegar o Anticristo todas as manhãs, raspam-se os pergaminhos, mas livros novos entram pouquíssimos... Nós estamos aqui, e lá em baixo, nas cidades, age-se... Outrora, das nossas abadias governava-se o mundo. Hoje, bem vedes, o imperador usa-nos para enviar aqui os seus amigos ao encontro dos seus inimigos (sei alguma coisa da vossa missão, os monges falam, falam, nada mais têm a fazer), mas se queres controlar as coisas deste país fica nas cidades. Nós estamos a colher trigo e a criar galinhas, e lá em baixo trocam braças de seda por peças de linho, e peças de linho por sacos de especiarias, e tudo isso por bom dinheiro. Nós conservamos o nosso tesouro, mas lá em baixo acumulam-se tesouros. E livros também. E mais belos que os nossos.

- No mundo acontecem decerto muitas coisas novas. Mas porque pensais que a culpa é do Abade?

- Porque passou a biblioteca para as mãos dos estrangeiros e conduz a abadia como uma cidadela erguida em defesa da biblioteca. Uma abadia beneditina nesta plaga italiana deveria ser um lugar onde italianos decidissem por coisas italianas. Que fazem os italianos, hoje que já nem sequer têm um papa? Comerciam, fabricam, são mais ricos que o rei de França. E então, façamos também nós o mesmo; se sabemos fazer belos livros, fabriquemo-los para as universidades; e ocupemo-nos de quanto acontece lá em baixo, nos vales, não digo do imperador, com todo o respeito pela vossa missão, frade Guilherme, mas do que fazem os bolonheses ou os florentinos. Podemos controlar daqui a passagem dos peregrinos e dos mercadores que vão da Itália à Provença e vice-versa. Abramos a biblioteca aos textos em língua vulgar, e subirão cá acima também aqueles que já não escrevem em latim. Mas, ao invés, somos controlados por um grupo de estrangeiros que continuam a conduzir a biblioteca como se em Cluny fosse ainda abade o bom Odillone...

- Mas o Abade é italiano - disse Guilherme.

- O Abade aqui não conta nada - disse Aymaro, sempre escarnecendo. - No lugar da cabeça tem um armário da biblioteca. Está carunchoso. Para fazer arrelhar o papa, deixa que a abadia seja invadida por fraticelli... quero dizer, os heréticos, frade, os transtugas da vossa ordem santíssima... e para fazer o que agrada ao imperador chama aqui monges de todos os mosteiros do Norte, como se entre nós não houvesse excelentes copistas e homens que sabem grego e árabe, e não houvesse em Florença ou em Pisa filhos de mercadores, ricos e generosos, que entrariam voluntariamente na ordem se a ordem

oferecesse a possibilidade de incrementar a potência e o prestígio do pai. Mas aqui, a indulgência pelas coisas do século reconhece-se apenas quando se trata de permitir aos alemães... Oh, bom Senhor, fulminai a minha língua, que estou para dizer coisas pouco convenientes!

- Na abadia acontecem coisas pouco convenientes? - perguntou distraidamente Guilherme, servindo-se de um pouco mais de leite.

- Também o monge é um homem - sentenciou Aymaro. Depois acrescentou: - Mas aqui são menos homens que noutros lugares. E aquilo que disse fique claro que não o disse.

- Muito interessante - disse Guilherme. - E essas são opiniões vossas ou de muitos que pensam como vós?

- De muitos, de muitos. De muitos que agora se lamentam pela desventura do pobre Adelmo, mas se no precipício tivesse caído qualquer outro, que anda pela biblioteca mais do que devia, não ficariam descontentes.

-Que quereis dizer?

- Falei de mais. Aqui falamos de mais, já o tereis notado. Aqui o silêncio já ninguém o respeita, por um lado. Por outro lado, respeita-se demasiado. Aqui, em vez de se falar ou de se ficar calado, dever-se-ia agir. Na época de ouro da nossa ordem, se um abade não tivesse uma têmpera de abade, uma bela taça de vinho envenenado e estava aberta a sucessão. Disse-vos estas coisas, entenda-se, frade Guilherme, não para murmurar acerca do Abade ou de outros irmãos. Deus me livre disso, felizmente não tenho o feio vício da murmuração. Mas não queria que o Abade vos tivesse pedido para investigardes sobre mim ou sobre qualquer outro como Pacífico de Tivoli ou Pedro de Sant'Albano. Nós não temos nada a ver com as histórias da biblioteca. Mas queríamos ter a ver um pouco mais. Então agora destapai este ninho de serpentes, vós que haveis queimado tantos hereges.

- Eu nunca queimei ninguém - respondeu secamente Guilherme.

- Dizia isso por dizer - admitiu Aymaro com um grande sorriso. - Boa caça, frade Guilherme, mas prestai atenção de noite.

- Porque não de dia?

- Porque de dia aqui trata-se o corpo com as ervas boas e de noite adoce-se a mente com as ervas más. Não acrediteis que Adelmo tenha sido precipitado no abismo pelas mãos de alguém ou que as mãos de alguém tenham metido Veneno no sangue. Aqui alguém não quer que os monges decidam sozinhos onde ir, que fazer e que coisa ler. E

usam-se forças do inferno, ou dos necromantes amigos do inferno, para transtornar as mentes dos curiosos...

- Falais do padre ervanário?

- Severino de Sant'Emmerano é boa pessoa. Naturalmente, alemão ele, alemão Malaquias...

E depois de ter demonstrado uma vez mais que não estava disposto à murmuração, Aymaro saiu para trabalhar.

- Que terá querido dizer-nos? - perguntei.

- Tudo e nada. Uma abadia é sempre um lugar onde os monges estão em luta entre si para conseguirem o governo da comunidade. Também em Melk, mas talvez como noviço não tenhas tido ocasião de dar conta disso. Mas, no teu país, conquistar o governo de uma abadia significa conquistar um lugar de onde se trata diretamente com o imperador. Neste país, pelo contrário, a situação é diversa, o imperador está longe, mesmo quando desce até Roma. Não há uma corte, nem sequer a papal, hoje em dia. Há as cidades, tê-lo-ás percebido.

- Decerto, e fiquei impressionado. A cidade em Itália é diversa da dos meus lados... Não é só um lugar para habitar: é um lugar para decidir, estão sempre todos na praça, contam mais os magistrados citadinos que o imperador ou o papa. São... como tantos reinos...

- E os reis são os mercadores. E a sua arma é o dinheiro. O dinheiro tem, na Itália, uma função diversa da do teu país, ou do meu. Por toda a parte circula dinheiro, mas grande parte da vida é ainda dominada e regulada pela troca de bens, frangos ou gabelas de trigo, ou uma podoa, ou um carro, e o dinheiro serve para arranjar estes bens. Terás notado que na cidade italiana, pelo contrário, os bens servem para arranjar dinheiro. E mesmo os padres e os bispos, e até as ordens religiosas, devem fazer as contas com dinheiro. É por isso, naturalmente, que a rebelião contra o poder se manifesta como apelo à pobreza, e se rebelam contra o poder aqueles que são excluídos da relação com o dinheiro, e qualquer apelo à pobreza suscita tanta tensão e tantos debates, e a cidade inteira, do bispo ao magistrado, sente como seu inimigo quem prega demasiado a pobreza. Os inquisidores sentem fedor do demônio onde alguém reagiu ao fedor do esterco do demônio. E então compreenderás também em que está pensando Aymaro. Uma abadia beneditina, nos tempos áureos da ordem, era o lugar de onde os pastores controlavam o rebanho dos fiéis. Aymaro quer que se volte à tradição. Só que a vida do rebanho mudou, e a abadia só pode voltar à tradição (à sua glória, ao seu poder de outros tempos) se aceitar os novos costumes do rebanho, tornando-se diversa. E como hoje aqui se domina o rebanho não com as armas ou com o esplendor dos ritos mas com o

controle do dinheiro, Aymaro quer que toda a fábrica da abadia, e a própria biblioteca, se tornem oficina e fábrica de dinheiro.

- E que tem isso a ver com os delitos, ou com o delito?

- Ainda não sei. Mas agora queria subir. Vem.

Os monges já estavam a trabalhar. No scriptorium reinava o silêncio, mas não era o silêncio que se segue à paz operosa dos corações. Berengário, que nos tinha precedido havia pouco, acolheu-nos com embaraço. Os outros monges levantaram a cabeça do seu trabalho. Sabiam que estávamos ali para descobrir alguma coisa acerca de Venancio, e a própria direção dos seus olhares fixou a nossa atenção sobre um lugar vazio, sob uma janela que se abria para o interior do octógono central.

Embora fosse um dia muito frio, a temperatura no scriptorium era bastante suave. Não fora por acaso que tinha sido disposto sobre as cozinhas, de onde provinha bastante calor, ainda porque os canos das chaminés dos dois tornos situados por baixo passavam por dentro das pilastras que sustentavam as duas escadas de caracol postas nos torreões ocidental e meridional. Quanto ao torreão setentrional, do lado oposto da grande sala, não tinha escada, mas uma grande lareira que ardia difundindo um agradável calor. Além disso, o pavimento tinha sido coberto de palha, o que tornava os nossos passos silenciosos. Em suma, o angulo menos aquecido era o do torreão oriental, e de fato notei, pois permaneciam lugares vagos em relação ao número de monges no trabalho, que todos tendiam a evitar as mesas colocadas naquela direção. Quando mais tarde me dei conta de que a escada de caracol do torreão oriental era a única que conduzia não só para baixo, ao refeitório, mas também para cima, à biblioteca, perguntei-me se um cálculo sapiente não teria regulado o aquecimento da sala de modo que os monges fossem dissuadidos de espreitar para aquele lado e fosse mais fácil ao bibliotecário controlar o acesso à biblioteca. Mas talvez exagerasse nas minhas suspeitas, tornando-me uma pobre imitação do meu mestre, porque logo pensei que este cálculo não teria dado grandes frutos de Verão - a não ser (disse para comigo) que de Verão aquele não fosse precisamente o lado mais assoalhado, e por isso, outra vez, o mais evitado.

A mesa do pobre Venancio ficava de costas para a grande chaminé, e era provavelmente uma das mais cobiçadas. Eu tinha passado então uma pequena parte da minha vida num scriptorium, mas muitas aí passei em seguida, e sei quanto sofrimento custa ao escriba, ao rubricador e ao estudioso passar à sua mesa as longas horas invernais, com os dedos que se entorpecem sobre o estilete (quando até com uma temperatura normal, depois de seis horas de escrita, prende os dedos a terrível câibra do monge e o polegar dói como se tivesse sido pisado). E isto explica porque freqüentemente encontramos à margem dos manuscritos frases deixadas pelo escriba como testemunho de sofrimento (e de insoirimento), tais como «Graças a Deus cedo escurece», ou «Oh, se tivesse um bom copo de vinho!», ou ainda «Hoje está frio, a luz é

tênue, este velo tem pêlos, algo não está certo.» Como diz um antigo provérbio, três dedos seguram a pena, mas o corpo inteiro labora. E adolora.

Mas falava da mesa de Venancio. Mais pequena do que outras, como de resto as que estavam colocadas à volta do pátio octogonal, destinadas a estudiosos, enquanto eram mais amplas as que ficavam sob as janelas das paredes externas, destinadas a miniaturistas e copistas. Por outro lado, também Venancio trabalhava com uma estante, porque provavelmente consultava manuscritos emprestados à abadia, dos quais fazia a cópia. Por baixo da mesa estava disposta uma prateleira baixa, onde estavam amontoadas folhas não encadernadas, e como eram todas em latim deduzi que eram as suas traduções mais recentes. Estavam escritas de modo apressado, não constituíam páginas de livro e deveriam ser confiadas depois a um copista e a um miniaturista. Por isso, dificilmente se podiam ler. Entre as folhas, alguns livros, em grego. Um outro livro grego estava aberto sobre a estante, a obra sobre a qual Venancio estava executando nos últimos dias o seu trabalho de tradutor. Eu então não conhecia ainda o grego, mas o meu mestre disse que era de um tal Luciano e narrava a história de um homem transformado em burro. Recordei então uma fábula análoga de Apuleio, que de costume era severamente desaconselhada aos noviços.

- Porque é que Venancio fazia esta tradução - perguntou Guilherme a Berengário, que eslava ao nosso lado.

- Foi pedida à abadia pelo senhor de Milão, e a abadia ganhará um direito de preleção sobre a produção de vinho de algumas propriedades que ficam a oriente. - Berengário apontou para longe com a mão, mas logo acrescentou: - Não é que a abadia se preste a trabalhos venais para os leigos. Mas a comitente empenhou-se em que este precioso manuscrito grego nos fosse emprestado pelo doge de Veneza, a quem o deu o imperador de Bizâncio, e quando Venancio tivesse terminado o seu trabalho teríamos feito duas cópias, uma para o comitente e outra para a nossa biblioteca.

- Que portanto não desdenha recolher também fábulas pagãs - disse Guilherme.

-A biblioteca é testemunho da verdade e do erro - disse então uma voz atrás de nós.

Era Jorge. Uma vez mais me espantei (mas muito havia ainda de me espantar nos dias seguintes) pelo modo inopinado como aquele velho aparecia de improviso, como se nós não o víssemos e ele nos visse a nós. Perguntei-me ainda que coisa andaria a fazer um cego no scriptorium, mas dei-me conta em seguida que Jorge era onipresente em todos os lugares da abadia. E freqüentemente estava no scriptorium, sentado num escano junto à lareira, e parecia que seguia tudo aquilo que acontecia na sala. Uma vez ouvi-o do seu lugar perguntar em voz alta: «Quem sobe?», e dirigia-se a Malaquias, que, em passos abafados pela palha, se encaminhava para a biblioteca. Todos os monges o tinham em grande estima e dirigiam-se freqüentemente a ele lendo-lhe textos de difícil

compreensão, consultando-o para um escólio ou pedindo-lhe luzes sobre o modo de representar um animal ou um santo. E ele olhava para o vácuo com os seus olhos extintos, como se fixasse páginas que tinha vívidas na memória, e respondia que os falsos profetas estão vestidos como bispos e que da sua boca saem rãs, ou quais eram as pedras que deviam adornar os muros da Jerusalém celeste, ou que os arimaspos devem ser representados nos mapas junto da terra do Preste João - recomendando que não exagerassem ao torná-los sedutores na sua monstruosidade, que bastava que fossem representados de modo emblemático, reconhecíveis mas não concupiscíveis ou repelentes até ao riso.

Uma vez ouvi-o aconselhar um escoliasta sobre o modo de interpretar a recapitulatio nos textos de Ticónio segundo o espírito de Santo Agostinho, para que se evitasse a heresia donatista. Doutra vez ouvi-o dar conselhos sobre o modo de, comentando, distinguir os hereges dos cismáticos. Ou ainda dizer a um estudioso perplexo que livro deveria procurar no catálogo da biblioteca, e quase em que folha encontraria a referência, assegurando-lhe que o bibliotecário decerto lho entregaria, porque se tratava de obra inspirada por Deus. Enfim, uma outra vez ouvi-o dizer que um certo livro não era procurado, porque existia, é verdade, no catálogo, mas tinha sido arruinado pelos ratos cinquenta anos antes e pulverizava-se sob os dedos de quem agora lhe tocasse. Ele era, em suma, a própria memória da biblioteca e a alma do scriptorium. Às vezes repreendia os monges que ouvia conversar entre si: «Apressai-vos em deixar testemunho da verdade, que o tempo está próximo!», e aludia à vinda do Anticristo.

- A biblioteca é testemunho da verdade e do erro - disse portanto Jorge.

- Decerto, Apuleio e Luciano eram culpados de muitos erros - disse Guilherme. - Mas esta fábula contém sob o véu das suas próprias ficções também uma boa moral, porque ensina como se pagam caro os próprios erros, e além disso creio que a história do homem transformado em burro alude à metamorfose da alma que cai no pecado.

- Pode ser - disse Jorge.

- Porém, agora compreendo porque é que Venancio, durante aquela conversa de que me falou ontem, estava tão interessado nos problemas da comédia; de fato também as fábulas deste tipo podem ser comparadas às comédias dos antigos. Nenhuma delas narra a história de homens que tenham existido verdadeiramente, como as tragédias, mas, diz Isidoro, são ficções: «Fabulae poetae a fando nominaverunt quia non sunt res factae sed tantum loquendo factae...»

À primeira não compreendi porque é que Guilherme se tinha entranhado naquela douda discussão, e precisamente com um homem que parecia não amar semelhantes assuntos, mas a resposta de Jorge disse-me como o meu mestre tinha sido subtil.

- Naquele dia não se discutia de comédias, mas apenas da legitimidade do riso - disse Jorge, sombrio.

E eu recordava-me muito bem que quando Venancio se tinha referido àquela discussão, precisamente no dia anterior, Jorge tinha afirmado que não se recordava.

- Ah - disse Guilherme com negligência -, julgava que tivésseis falado das mentiras dos poetas e dos enigmas argutos...

- Falava-se do riso - disse secamente Jorge. - As comédias eram escritas pelos pagãos para mover os espectadores ao riso, e faziam mal. Jesus Nosso Senhor nunca contou comédias nem fábulas, mas apenas límpidas parábolas que alegoricamente nos instruem sobre o modo de ganhar o paraíso, e assim seja.

- Pergunto-me - disse Guilherme - porque sois tão contrário à idéia de que Jesus tenha porventura rido. Eu creio que o riso é um bom remédio, como os banhos, para curar os humores e as outras afecções do corpo, em particular a melancolia.

- Os banhos são uma coisa boa - disse Jorge -, e o próprio Aquinate os aconselha para remover a tristeza, que pode ser paixão nociva quando não se dirige a um mal que possa ser removido através da audácia. Os banhos restituem o equilíbrio dos humores. O riso sacode o corpo, deforma as linhas do rosto, torna o homem semelhante ao macaco.

- Os macacos não riem, o riso é próprio do homem, é sinal da sua racionalidade - disse Guilherme.

- Também a palavra é sinal da racionalidade humana e com a palavra pode-se blasfemar contra Deus. Nem tudo o que é próprio do homem é necessariamente bom. O riso é sinal de estultícia. Quem ri não crê naquilo de que se ri, mas também não o odeia. E portanto rir do mal significa não se dispor a combatê-lo, e rir do bem significa desconhecer a força pela qual o bem se difunde por si. Por isto a regra diz: «Decimus humilitatis gradus est si non sit facilis ac promptus in risu, quia scriptum est: stultus in risu exaltat vocem suam.»

- Quintiliano - interrompeu o meu mestre - diz que o riso é de reprimir no panegírico, por dignidade, mas é de encorajar em muitos outros casos. Tácito louva a ironia de Calpúrnio Pisão, Plínio o jovem escreveu: «Aliquando praeterea rideo, jocos, ludo, homo sum.»

- Eram pagãos - replicou Jorge. - A regra diz: «Scurrilitates vero vel verba otiosa et risum moventia aeterna clausura in omnibus locis damnamus, et ad talia eloquia discipulum aperire os non permittimus.»

- Porém, quando o verbo de Cristo já tinha triunfado sobre a terra, Sinésio de Cirene diz que a divindade soube combinar harmoniosamente cômico e trágico, e Élio Spaziano diz do imperador Adriano, homem de elevados costumes e de animo naturaliter cristão, que ele soube misturar momentos de alegria e momentos de gravidade. E, enfim, Ausônio recomenda que se deve dosear com moderação o sério e o jocoso.

- Mas Paulino de Nola e Clemente de Alexandria puseram-nos em guarda contra estas estultícias, e Sulpicio Severo diz que São Martinho nunca foi visto por ninguém nem presa da ira nem presa da hilaridade.

- Porém recorda o santo algumas respostas spiritualiter salsa - disse Guilherme.

- Eram prontas e sapientes, não ridículas. São Efraim escreveu um parêntese contra o riso dos monges, e no *De habitu et conversatione monachorum* recomenda-se que se evitem obscenidades e facécias como se fossem o veneno das áspides!

- Mas Hildeberto disse: « Admittenda tibi joca sunt post seria quaedam, sed tamen et dignis ipsa gerenda modis. » E João de Salisbury autorizou uma modesta hilaridade. E, enfim, o *Eclesiastes*, de onde citastes o passo a que se refere a vossa regra, onde se diz que o riso é próprio do estulto, admite pelo menos um riso silencioso, o do animo sereno.

- O animo é sereno apenas quando contempla a verdade e quando se deleita com o bem cumprido, e da verdade e do bem não se ri. Eis porque Cristo não ria. O riso é fonte de dúvida.

- Mas às vezes é justo duvidar.

- Não vejo a razão. Quando se duvida é preciso dirigir-se a uma autoridade, às palavras de um padre ou de um doutor, e cessa qualquer razão de dúvida. Pareceis-me embebido de doutrinas discutíveis, como as dos lógicos de Paris. Mas São Bernardo soube intervir bem contra o castrado Abelardo, que queria submeter todos os problemas ao exame frio e sem vida de uma razão não iluminada pelas escrituras, pronunciando o seu é assim e não é assim. Decerto que aquele que aceitar estas idéias perigosíssimas pode também apreciar o jogo do insipiente que ri daquilo de que só se deve saber a única verdade, que já foi dita uma vez por todas. Assim, rindo, o insipiente diz implicitamente: «Deus non est.»

- Venerável Jorge, pareceis-me injusto quando tratais Abelardo de castrado, porque sabeis que incorreu em tão triste condição pela iniquidade de outrem...

- Pelos seus pecados. Pela altivez da sua confiança na razão do homem. Assim, a fé dos simples foi escarnecida, os mistérios de Deus foram desentranhados (ou tentou-se, estultos aqueles que o tentaram), questões que se relacionavam com as coisas altíssimas

foram tratadas temerariamente, escarneceu-se dos padres porque tinham considerado que tais questões estavam mais sopitas do que expostas.

- Não estou de acordo, venerável Jorge. Deus quer de nós que exercitemos a nossa razão sobre muitas coisas obscuras sobre as quais a escritura nos deixou livres de decidir. E, quando alguém vos propõe acreditar numa proposição, vós deveis primeiro examinar se ela é aceitável, porque a nossa razão foi criada por Deus, e aquilo que agrada à nossa razão não pode deixar de agradar à razão divina, sobre a qual, por outro lado, sabemos só aquilo que, por analogia e freqüentemente por negação, inferimos dos procedimentos da nossa razão. E então vedes que, por vezes, para minar a falsa autoridade de uma proposição absurda que repugna à razão, também o riso pode ser um instrumento justo. Freqüentemente, o riso serve também para confundir os malvados e para fazer refulgir a sua estultícia. Conta-se de São Mauro que os pagãos o puseram em água a ferver e ele se lamentou que o banho estava demasiado frio; o governador pagão meteu estupidamente a mão na água, para verificar, e queimou-se. Bela ação daquele santo mártir que ridicularizou os inimigos da fé.

Jorge escarneceu:

- Mesmo nos episódios que contam os pregadores se encontram muitas petas. Um santo imerso em água a ferver sofre por Cristo e retém os seus gritos, não prega partidas de crianças aos pagãos!

- Vedes? - disse Guilherme -, esta história parece-vos que repugna à razão, e acusai-la de ser ridícula! Seja embora tacitamente e controlando os vossos lábios, vós estais rindo de alguma coisa e quereis que eu também não a tome a sério. Rides do riso, mas rides.

Jorge teve um gesto de enfado:

- Jogando com o riso arrastais-me para discursos vãos. Mas vós sabeis que Cristo não ria.

- Não tenho a certeza disso. Quando convida os fariseus a atirar a primeira pedra, quando pergunta de quem é a efígie da moeda a pagar em tributo, quando joga com as palavras e diz: «Tu es petrus», eu creio que Ele dizia coisas argutas, para confundir os pecadores, para sustentar o animo dos seus. Também fala com argúcia quando diz a Caifás: «Tu o disseste.» E Jeronimo quando comenta Jeremias, onde Deus diz a Jerusalém: «nudavi femora contra fa-ciem tuam», explica: «Sive nudabo et relevabo femora et posteriora tua.» Até Deus se exprime portanto por argúcias para confundir aqueles que quer punir. E sabeis muito bem que no momento mais aceso da luta entre clunícenses e cistercenses os primeiros acusaram os segundos, para os tornar ridículos, de não usarem bragas. E no Speculum stultorum conta-se do burro Brunello que se pergunta o que aconteceria se de noite o vento levantasse os cobertores e o monge visse

as suas pudenta...

Os monges em volta riram, e Jorge enfureceu-se:

- Estais-me arrastando estes irmãos para uma festa de doidos. Sei que é uso entre os franciscanos cativar as simpatias do povo com estultícias deste gênero, mas destes jogos vos direi aquilo que diz um verso que ouvi a um dos vossos pregadores: «Tum podex carmen extulit horridulum.»

A reprimenda era um pouco forte de mais, Guilherme tinha sido impertinente, mas agora Jorge acusava-o de emitir peidos pela boca. Perguntei-me se esta resposta severa não devia significar um convite, por parte do monge ancião, a sair do scriptorium. Mas vi Guilherme, tão combativo pouco antes, tornar-se manso como um cordeiro.

- Peço-vos perdão, venerável Jorge - disse. - A minha boca traiu os meus pensamentos, não queria faltar-vos ao respeito. Talvez aquilo que dizeis seja justo e eu me enganasse.

Jorge, diante deste ato de delicada humildade, emitiu um grunhido que tanto podia exprimir satisfação como perdão, e não pôde fazer outra coisa senão voltar ao seu lugar, enquanto os monges, que durante a discussão se tinham próxima do pouco a pouco, refluíam às suas mesas de trabalho. Guilherme voltou-se de novo diante da mesa de Venancio e recomeçou a buscar entre os papéis. Com a sua resposta humilíssima, Guilherme tinha ganho alguns segundos de tranquilidade. E aquilo que viu naqueles poucos segundos inspirou as suas investigações da noite que estava para vir.

Foram porém verdadeiramente, poucos segundos. Bêncio aproximou-se de súbito, fingindo ter esquecido o seu estilete sobre a mesa, quando se aproximara para ouvir a conversa com Jorge, e sussurrou a Guilherme que tinha urgência em falar-lhe, marcando-lhe encontro por trás dos balnea. Disse-lhe ainda que se afastasse primeiro, que ele o alcançaria dali a pouco.

Guilherme hesitou alguns instantes, depois chamou Malaquias, que da sua mesa de bibliotecário, junto do catálogo, tinha seguido tudo quanto tinha acontecido, e pediu-lhe, em virtude do mandato recebido do Abade (e frisou muito este seu privilégio), que pusesse alguém de guarda à mesa de Venancio, porque reputava útil ao seu inquérito que ninguém se aproximasse dela durante todo o dia, até que ele pudesse voltar. Disse-o em voz alta, porque nesse sentido empenhava não só Malaquias em vigiar os monges, mas os próprios monges em vigiar Malaquias. O bibliotecário não pôde senão consentir, e Guilherme afastou-se comigo.

Enquanto atravessávamos o horto e nos púnhamos mais perto dos balnea, que ficavam encostados à construção do hospital, Guilherme observou:

- Parece que a muitos desagrada que eu ponha as mãos sobre alguma coisa que está por cima ou por baixo da mesa de Venancio.

- E que será?

- Tenho a impressão que aqueles a quem desagrada também não o sabem.

- Então Bêncio não tem nada a dizer-nos e está somente a atrair-nos para longe do scriptorium?

- Isso vamos já sabê-lo - disse Guilherme.

De fato, pouco depois, Bêncio veio ter conosco.

SEGUNDO DIA

SEXTA

Onde Bêncio conta uma estranha história, por onde se ficam a saber coisas pouco edificantes sobre a vida da abadia.

Aquilo que Bêncio nos disse foi um tanto confuso. Parecia verdadeiramente que ele nos tinha atraído ali só para nos afastar do scriptorium, mas também parecia que, incapaz de inventar um pretexto convincente, dizia-nos também fragmentos de uma verdade mais vasta que ele conhecia.

Ele disse-nos que de manhã tinha sido reticente, mas que agora, depois de madura reflexão, achava que Guilherme devia saber toda a verdade. Durante a famosa conversa sobre o riso, Berengário tinha-se referido ao «finis Africae». O que era? A biblioteca estava cheia de segredos, e especialmente de livros que nunca tinham sido dados a ler aos monges. Bêncio tinha sido atingido pelas palavras de Guilherme sobre o exame racional das proposições. Ele achava que um monge estudioso tinha o direito de conhecer tudo aquilo que a biblioteca encerrava, disse palavras inflamadas contra o concílio de Soissons que tinha condenado Abelardo, e, enquanto falava, demo-nos conta que este monge ainda jovem, que se deleitava com a retórica, era agitado por frêmitos de independência e que lhe custava a aceitar os vínculos que a disciplina da abadia punha à curiosidade do seu intelecto. Eu aprendi sempre a desconfiar de tal curiosidade, mas sei bem que esta atitude não desagradava ao meu mestre, e apercebi-me que ele simpatizava com Bêncio e que lhe dava crédito. Em resumo, Bêncio disse-nos que não sabia de que segredos Adelmo, Venancio e Berengário tinham falado, mas que não lhe desagradaria que daquela triste história adviesse um pouco de luz sobre o modo como a biblioteca era administrada, e que não desesperava que o meu mestre, fosse qual fosse o modo como deslindasse a meada do inquérito, retirasse daí elementos para estimular o Abade a abrandar a disciplina intelectual que pesava sobre os monges - vindos de tão

longe, como ele, acrescentou, precisamente para nutrir a sua mente com as maravilhas ocultas no amplo ventre da biblioteca.

Eu creio que Bêncio era sincero ao esperar do inquérito aquilo que dizia. Provavelmente, porém, queria ao mesmo tempo, como Guilherme tinha previsto, reservar-se o direito de ser o primeiro a revistar a mesa de Venancio, devorado como era pela curiosidade, e, para nos manter afastados dela, estava disposto a dar-nos em troca outras informações. E eis quais elas foram.

Berengário era consumido, já muitos entre os monges o sabiam, por uma insana paixão por Adelmo, a mesma paixão cujos efeitos nefastos a cólera divina tinha castigado em Sodoma e Gomorra. Assim se exprimiu Bêncio, talvez por respeito à minha jovem idade. Mas quem viveu a sua adolescência num mosteiro sabe que, ainda que se tenha mantido casto, de tais paixões decerto ouviu falar, e por vezes teve de se guardar das insídias de quem era escravo delas. Jovem monge como era, não tinha já recebido eu próprio, em Melk, da parte de um monge idoso, cartelas com versos que de costume um leigo dedica a uma mulher. Os votos monacais mantêm-nos longe daquele antro de vícios que é o corpo da fêmea mas freqüentemente conduzem-nos à beira de outros erros. Posso enfim esconder-me que a minha própria velhice é ainda hoje agitada pelo demônio meridiano, quando me acontece demorar o meu olhar, no coro, sobre o rosto imberbe de um noviço, puro e fresco como uma menina?

Digo estas coisas não para pôr em dúvida a escolha que fiz de me dedicar à vida monástica, mas para justificar o erro de muitos para quem este santo fardo se revela pesado. Talvez para justificar o delito horrível de Berengário. Mas parece-me, segundo Bêncio, que este monge cultivava o seu vício de modo ainda mais ignóbil, isto é, usando as armas da chantagem para obter de outros aquilo que a virtude e o decore lhes deveriam desaconselhar de doar.

Portanto, há algum tempo que os monges ironizavam sobre os olhares ternos que Berengário lançava a Adelmo, que parece que eram de uma grande beleza. Enquanto Adelmo, totalmente enamorado do seu trabalho, do qual somente parecia tirar deleite, pouco cuidava da paixão de Berengário. Mas talvez, quem sabe, ele ignorasse que o seu animo, no fundo, o inclinava à mesma ignomínia. O fato é que Bêncio disse que tinha surpreendido um diálogo entre Adelmo e Berengário em que este, aludindo a um segredo que Adelmo pedia que lhe revelasse, lhe propunha o torpe mercado que até o leitor mais inocente pode imaginar. E parece que Bêncio ouviu dos lábios de Adelmo palavras de consenso, quase ditas com alívio. Como se, aventurava Bêncio, Adelmo no fundo não desejasse outra coisa e lhe tivesse bastado encontrar uma razão diversa do desejo carnal para consentir. Sinal, argumentava Bêncio, de que o segredo de Berengário devia dizer respeito a arcanos da sapiência, de modo que Adelmo pudesse nutrir a ilusão de ceder a um pecado da carne para contentar um apetite do intelecto. E, acrescentou Bêncio com um sorriso, quantas vezes ele próprio não era agitado por apetites do intelecto tão

violentos que, para contentá-los, teria consentido em secundar apetites carnis não seus, mesmo contra a sua própria vontade carnal.

- Não há momentos - perguntou a Guilherme - em que vós faríeis até coisas reprováveis para ter nas mãos um livro que procurais há anos?

- O sábio e virtuosíssimo Silvestre II, há séculos, deu como oferta uma esfera armilar preciosíssima por um manuscrito, creio, de Estácio ou Lucano - disse Guilherme. Acrescentou depois, prudentemente: - Mas tratava-se de uma esfera armilar, não da sua própria virtude.

Bêncio admitiu que o seu entusiasmo o tinha arrastado longe e retomou a narrativa. Na noite antes de Adelmo morrer, ele tinha seguido os dois, movido pela curiosidade. E tinha-os visto, depois de completas, encaminharem-se juntos para o dormitório. Tinha esperado longo tempo, conservando entreaberta a porta da sua cela, não longe da deles, e tinha visto claramente Adelmo deslizar, quando o silêncio tinha descido sobre o sono dos monges, para a cela de Berengário. Tinha continuado a velar, sem poder conciliar o sono, até que ouvira a porta da cela de Berengário que se abria e Adelmo que fugia de lá quase a correr, com o amigo procurando retê-lo. Berengário tinha-o seguido enquanto Adelmo descia ao andar inferior. Bêncio tinha-os seguido cautamente, e à entrada do corredor inferior tinha visto Berengário, quase a tremer, que, esmagado num canto, fixava a porta da cela de Jorge. Bêncio tinha intuído que Adelmo se tinha lançado aos pés do velho irmão para lhe confessar o seu pecado. E Berengário tremia, sabendo que o seu segredo era revelado, fosse embora sob o sigilo do sacramento.

Depois Adelmo tinha saído, de rosto extremamente pálido, tinha afastado de si Berengário, que procurava falar-lhe, e tinha-se precipitado para fora do dormitório, girando em torno da abside da igreja e entrando no coro pelo portal setentrional (que de noite fica sempre aberto). Provavelmente queria rezar. Berengário tinha-o seguido, mas sem entrar na igreja, e vagueava entre os túmulos do cemitério torcendo as mãos.

Bêncio não sabia que fazer quando se apercebera que uma quarta pessoa se movia ali perto. Também ela tinha seguido os dois e decerto não tinha reparado na presença de Bêncio, que se mantinha rígido contra o tronco de um carvalho plantado nos limites do cemitério. Era Venancio. Ao vê-lo, Berengário tinha-se agachado entre os túmulos, e Venancio tinha entrado também ele no coro. Nessa altura, Bêncio, temendo ser descoberto, tinha regressado ao dormitório. Na manhã seguinte, o cadáver de Adelmo tinha sido encontrado aos pés da escharpa. E mais Bêncio não sabia.

Aproximava-se então a hora de almoçar. Bêncio deixou-nos, e o meu mestre não lhe perguntou mais nada. Nós ficamos por algum tempo atrás dos balnea, depois passeamos por alguns minutos no horto, meditando sobre aquelas singulares revelações.

- Frangula - disse de repente Guilherme, inclinando-se a observar uma planta que naquele dia de Inverno reconheceu no arbusto. - A infusão da casca é boa para as hemorróidas. E aquilo é *arctium lappa*; uma boa cataplasma de raízes frescas cicatriza os eczemas da pele.

- Sois mais esperto do que Severino - disse-lhe -, mas agora disse-me o que pensais daquilo que ouvimos!

- Caro Adso, devias aprender a raciocinar com a tua cabeça. Provavelmente, Bêncio disse-nos a verdade. A sua narrativa coincide com a que fez Berengário, aliás tão mesclada de alucinações, hoje de manhã cedo. Tenta reconstruir. Berengário e Adelmo fazem juntos uma coisa muito feia, já o tínhamos intuído. E Berengário deve ter revelado a Adelmo aquele segredo que permanece, aí de mim, um segredo. Adelmo, depois de ter cometido o seu delito contra a castidade e as regras da natureza, pensa apenas em confiar-se a alguém que possa absolvê-lo, e corre junto de Jorge. Este tem um caráter muito austero, tivemos provas disso, e decerto acomete Adelmo com angustiantes reprimendas. Talvez não lhe dê a absolvição, talvez lhe imponha uma penitência impossível, não sabemos, nem Jorge no-lo dirá jamais. O fato é que Adelmo corre à igreja a prostrar-se diante do altar, mas não aplaca o seu remorso. Neste ponto é abordado por Venancio. Não sabemos o que dizem um ao outro. Provavelmente, Adelmo confia a Venancio o segredo recebido como presente (ou em paga) de Berengário, e que agora já nada lhe importa, pois que ele tem agora um segredo seu bem mais terrível e escaldante. Que acontece a Venancio? Provavelmente, tomado pela mesma curiosidade ardente que hoje também movia o nosso Bêncio, pago por aquilo que soube, deixa Adelmo entregue aos seus remorsos. Adelmo vê-se abandonado, projeta matar-se, sai desesperado para o cemitério e aí encontra Berengário. Diz-lhe palavras tremendas, lança-lhe à cara a sua responsabilidade, chama-lhe seu mestre de turpitude. Creio mesmo que a narrativa de Berengário, despojada de toda a alucinação, era exata. Adelmo repete-lhe as mesmas palavras de desespero que deve ter ouvido a Jorge. E eis que Berengário se vai transtornado, por um lado, e Adelmo vai matar-se pelo outro. Depois vem o resto, de que fomos quase testemunhas. Todos crêem que Adelmo foi morto. Venancio fica com a impressão que o segredo da biblioteca é ainda mais importante do que julgava e continua a busca por sua conta. Até que alguém o faz parar, antes ou depois de ele ter descoberto aquilo que queria.

- Quem o mata? Berengário?

- Pode ser ou Malaquias, que deve guardar o Edifício. Ou um outro. Berengário é suspeito precisamente porque está assustado, e sabia que agora Venancio possuía o seu segredo. Malaquias é suspeito: guarda da integridade da biblioteca, descobre que alguém a violou e mata. Jorge sabe tudo de todos, possui o segredo de Adelmo, não quer que eu descubra o que Venancio poderia ter encontrado... Muitos fatos aconselhariam a suspeitar dele. Mas diz-me tu como é que um homem cego pode matar outro na

plenitude das forças, e como é que um velho, embora robusto, terá podido transportar o cadáver para a jarra. Mas enfim, porque é que o assassino não poderia ser o próprio Bêncio? Poderia ter-nos mentido, ser movido por fins inconfessáveis. E porquê limitar os suspeitos apenas aos que participaram na conversa sobre o riso? Provavelmente, o delito teve outros móveis que nada têm a ver com a biblioteca. Em todo o caso, são precisas duas coisas: saber como se entra na biblioteca de noite e ter uma candeia. Na candeia pensa tu. Passa pela cozinha à hora do almoço, pega uma...

- Um furto?

- Um empréstimo, para maior glória do Senhor.

- Se é assim, conta comigo.

- Ótimo. Quanto a entrar no Edifício, vimos de onde apareceu Malaquias ontem à noite. Hoje farei uma visita à igreja e àquela capela em particular. Dentro de uma hora iremos para a mesa. Depois temos uma reunião com o Abade. Serás admitido nela, porque pedi para ter um secretário que tome nota de quanto dissermos.

SEGUNDO DIA

NONA

Onde o Abade se mostra orgulhoso das riquezas da sua abadia e temeroso dos hereges e no fim Adso receia ter feito mal em andar pelo mundo.

Encontramos o Abade na igreja, diante do altar-mor. Estava seguindo o trabalho de alguns noviços que tinham tirado de alguns penetrais uma série de vasos sagrados, cálices, patenas, ostensórios, e um crucifixo que não tinha visto durante a função da manhã. Não pude conter uma exclamação de admiração diante da fulgurante beleza daquelas alfaias sagradas. Era em pleno meio-dia, e a luz entrava a jorros pelas janelas do coro e mais ainda pelas das fachadas, formando brancas cascatas que, como místicas torrentes de divina substancia, iam cruzar-se em vários pontos da igreja, inundando o próprio altar.

Os vasos, os cálices, tudo revelava a sua matéria preciosa: entre o amarelo do ouro, a brancura imaculada dos marfins e a transparência do cristal, vi reluzir gemas de todas as cores e dimensões, e reconheci o jacinto, o topázio, o rubi, a safira, a esmeralda, o crisólito, o ônix, o carbúnculo e o jaspe e a ágata. E ao mesmo tempo apercebi-me de tudo quanto, de manhã, arrebatado primeiro na oração e depois perturbado pelo terror, não tinha notado: o frontal do altar e mais três painéis que lhe faziam de coroa eram inteiramente de ouro, e enfim o altar parecia de ouro de qualquer parte que se olhasse para ele.

O abade sorriu ao meu espanto.

- Estas riquezas que vedes - disse, voltando-se para mim e para o meu mestre - e outras que ainda vereis são a herança de séculos de piedade e devoção e testemunho do poder e santidade desta abadia. Príncipes e poderosos da terra, arcebispos e bispos sacrificaram a este altar e aos objetos que lhe são destinados os anéis das suas investiduras, os ouros e as pedras que eram sinal da sua grandeza, e quiseram refundi-los aqui para a maior glória do Senhor e deste seu lugar. Mau grado a abadia tenha sido hoje fustigada por um outro evento lutuoso, não podemos esquecer diante da nossa fragilidade a força e a potência do Altíssimo. Aproximam-se as festividades do Santo Natal, e estamos começando a limpar as alfaias sagradas, de modo que o nascimento do Salvador seja pois festejado com todo o fasto e a magnificência que merece e requer. Tudo deverá aparecer no seu pleno fulgor... - acrescentou, olhando fixamente para Guilherme, e compreendi depois porque insistia tão orgulhosamente em justificar o seu comportamento - porque pensamos que é útil e conveniente não esconder mas, pelo contrário, proclamar as divinas liberalidades.

- Decerto - disse Guilherme com cortesia -, se a vossa sublimidade acha que o Senhor deve ser assim glorificado, a vossa abadia atingiu a maior excelência nesse contributo de louvores.

- E assim é devido - disse o Abade. - Se ânforas e frascos de ouro e pequenos almofarizes áureos era uso que servissem, por vontade de Deus ou ordem dos profetas, para recolher o sangue de cabras ou de vitelos ou da novilha no templo de Salomão, tantos mais vasos de ouro e pedras preciosas, e tudo aquilo que tem mais valor entre as coisas criadas, devem ser usados com contínua reverência e plena devoção para acolher o sangue de Cristo! Se por uma segunda criação a nossa substância viesse a ser a mesma dos querubins e dos serafins, seria ainda indigno o serviço que ela poderia prestar a uma vítima tão inefável...

- Assim seja - disse.

- Muitos objetam que uma mente santamente inspirada, um coração puro, uma intenção cheia de fé deveriam bastar para esta sagrada função. Nós somos os primeiros a afirmar explicita e resolutamente que esta é a coisa essencial: mas estamos convencidos que também se deve render a homenagem através do ornamento exterior da sagrada alfaia, porque é sumamente justo e conveniente que nós sirvamos o nosso Salvador em todas as coisas, integralmente, Ele que não se recusou a prover-nos a nós em todas as coisas integralmente e sem exceções.

- Essa sempre foi a opinião dos grandes da vossa ordem - assentiu Guilherme -, e recordo coisas belíssimas escritas sobre os ornamentos das igrejas pelo grandíssimo e venerável abade Sugero.

- Assim é - disse o Abade. - Vede este crucifixo. Não está ainda completo... - Tomou-o nas mãos com infinito amor e considerou-o com o rosto iluminado de beatitude. - Faltam aqui algumas pérolas, e ainda não as encontrei da medida justa. Em tempos, Santo André dirigiu-se à cruz da Gólgota dizendo que era adornada pelos membros de Cristo como de pérolas. E de pérolas deve ser adornado este humilde simulacro daquele grande prodígio. Mesmo se considerei oportuno mandar-lhe encastoar, neste ponto, sobre a própria cabeça do Salvador, o mais belo diamante que jamais vistes. - Acariciou com mãos devotas, com os seus longos dedos brancos, as partes mais preciosas do sagrado lenho, ou melhor do sagrado marfim, que desta esplêndida matéria eram feitos os braços da cruz. - Quando, enquanto me deleito com todas as belezas desta casa de Deus, o encanto das pedras multicores me arrancou aos cuidados externos, e uma digna meditação me levou a refletir, transferindo aquilo que é material para aquilo que é imaterial, sobre a diversidade das sagradas virtudes, então parece-me que me encontro, por assim dizer, numa estranha região do universo que já não está de todo fechada na lama da terra nem de todo liberta na pureza do céu. E parece-me que, pela graça de Deus, eu posso ser transportado deste mundo inferior ao superior por via anagógica...

Falava, e tinha voltado o rosto para a nave. Um jorro de luz que penetrava do alto estava, por uma particular benevolência do astro diurno, iluminando o seu rosto e as mãos, que tinha abertas em forma de cruz, arrebatado como estava pelo seu próprio fervor.

- Toda a criatura - disse -, seja ela visível ou invisível, é uma luz, levada ao ser pelo pai das luzes. Este marfim, este ônix, mas também a pedra que nos circunda são uma luz, porque eu percebo que são bons e belos, que existem segundo as próprias regras de proporção, que diferem em gênero e espécie de todos os outros gêneros e espécies, que são definidos pelo seu próprio número, que não se afastam da sua ordem, que procuram o seu lugar específico conformemente à sua gravidade. E estas coisas são-me reveladas tanto melhor quanto mais a matéria que eu olho for preciosa por natureza e quanto melhor ela se fizer luz da potência criadora divina, na medida em que devo remontar à sublimidade da causa, inacessível na sua plenitude, a partir da sublimidade do efeito; quanto melhor não me falará da divina causalidade um efeito admirável como o ouro ou o diamante, se já conseguem falar-me dela até mesmo o esterco e o inseto! E então, quando nestas pedras percebo essas coisas superiores, a alma chora comovida de alegria, e não por vaidade terrena ou amor das riquezas, mas por amor puríssimo da causa primeira não causada.

- Na verdade, esta é a mais doce das teologias - disse Guilherme com perfeita humildade.

E pensei que usava aquela insidiosa figura de pensamento a que os retóricos chamam ironia; a qual se deve usar fazendo-a preceder sempre da pronunciação, que constitui o

seu sinal e a sua justificação; coisa que Guilherme nunca fazia. Razão pela qual o Abade, mais propenso ao uso das figuras do discurso, tomou Guilherme à letra e acrescentou, ainda presa do seu místico arrebatamento:

- E a mais imediata das vias que nos põem em contato com o Altíssimo, teofania material.

Guilherme tossiu educadamente:

- Eh... oh... - disse.

Assim fazia quando queria introduzir um outro argumento. Conseguiu fazê-lo com boa graça, porque era seu costume - e creio que é típico dos homens da sua terra - iniciar cada uma das suas intervenções com longos gemidos preliminares, como se encaminhar a exposição de um pensamento completo lhe custasse um grande esforço da mente. Então, já me tinha convencido, quantos mais gemidos antepunha à sua asserção tanto mais estava seguro da bondade da proposição que ela exprimia.

- Eh... oh... - disse pois Guilherme. - Devemos falar do encontro e do debate sobre a pobreza...

- A pobreza... - disse ainda absorto o Abade, como se lhe custasse a descer daquela região do universo para onde o tinham arrebatado as suas gemas. - É verdade, o encontro...

E começaram a discutir afincadamente sobre coisas que eu, em parte, já sabia e em parte consegui compreender escutando o seu colóquio. Tratava-se, como já disse desde o início desta minha crônica fiel, da dupla querela que opunha, por um lado, o imperador ao papa, e, por outro, o papa aos franciscanos que, no capítulo da Perugia, embora com muitos anos de atraso, tinham feito suas as teses dos espirituais sobre a pobreza de Cristo; e do enredo que se tinha formado unindo os franciscanos ao império, enredo que - de triângulo de oposições e de alianças - agora se tinha transformado num quadrado pela intervenção, ainda muito obscura para mim, dos abades da ordem de São Bento.

Eu nunca atingi com clareza a razão por que os abades beneditinos tinham dado proteção e refúgio aos franciscanos espirituais, ainda antes que a sua própria ordem partilhasse de certo modo as suas opiniões. Porque, se os espirituais pregavam a renúncia a todos os bens terrenos, os abades da minha ordem - tinha dito naquele mesmo dia a luminosa confirmação disso - seguiam uma via não menos virtuosa mas de todo oposta. Mas creio que os abades consideravam que um excessivo poder do papa significava um poder dos bispos e das cidades, enquanto a minha ordem tinha conservado intacto o seu poder através dos séculos, precisamente em luta com o clero secular e os mercadores citadinos, colocando-se como direta medianeira entre o céu e a terra e

conselheira dos soberanos.

Tinha ouvido repetir muitas vezes a frase segundo a qual o povo de Deus se dividia em pastores (ou seja, os clérigos), cães (ou seja, os guerreiros) e ovelhas do povo. Mas aprendi em seguida que essa frase pode ser repetida de vários modos. Os beneditinos haviam freqüentemente falado não de três ordens, mas de duas grandes divisões, uma que dizia respeito à administração das coisas terrenas e outra que dizia respeito à administração das coisas celestes. Pelo que dizia respeito às coisas terrenas, valia a divisão entre clero, senhores laicos e povo, mas sobre esta tripartição dominava a presença da *ordo monachorum*, ligação direta entre o povo de Deus e o céu, e os monges não tinham nada que ver com os pastores seculares, que eram os padres e os bispos, ignorantes e corruptos, propensos então aos interesses das cidades, onde as ovelhas agora já não eram tanto os bons e fiéis camponeses mas sim os mercadores e os artesãos. À ordem beneditina não desagradava que o governo dos simples fosse confiado aos clérigos seculares, contando que o estabelecimento da regra definitiva desta relação coubesse aos monges, em contato direto com a fonte de todo o poder terrestre, o império, tal como estavam com a fonte de todo o poder celeste. Eis porque, creio, muitos abades beneditinos, para restituir dignidade ao império contra o governo das cidades (bispos e mercadores unidos), aceitaram também proteger os franciscanos espirituais, cujas idéias não partilhavam, mas cuja presença lhes era cômoda, na medida em que oferecia ao império bons silogismos contra o poder excessivo do papa.

Eram estas as razões, argüi, pelas quais Abone se dispunha agora a colaborar com Guilherme, enviado do imperador, para servir de medianeiro entre a ordem franciscana e a sede pontifícia. De fato, mesmo na violência da disputa que fazia periclitar tanto a unidade da Igreja, Miguel de Cesena, várias vezes chamado a Avinhão pelo papa João, tinha-se finalmente disposto a aceitar o convite, porque não queria que a sua ordem ficasse definitivamente de relações cortadas com o pontífice. Como geral dos franciscanos, queria ao mesmo tempo fazer triunfar as suas posições e obter o consenso papal, também porque intuía que sem o consenso do papa não poderia permanecer muito tempo à testa da ordem.

Mas muitos tinham-lhe feito observar que o papa o esperaria em França para lhe armar uma cilada, acusá-lo de heresia e processá-lo. E por isso aconselhavam que a ida de Miguel a Avinhão fosse precedida de algumas negociações. Marsílio tinha tido uma idéia melhor: enviar com Miguel também um legado imperial que apresentasse ao papa o ponto de vista dos detensores do imperador. Não tanto para convencer o velho Cahors mas para reforçar a posição de Miguel, que, fazendo parte de uma delegação imperial, não poderia cair tão facilmente como presa da vingança pontifícia.

Também esta idéia apresentava todavia numerosos inconvenientes e não era realizável imediatamente. Daí viera a idéia de um encontro preliminar entre os membros da delegação imperial e alguns enviados do papa, para provar as respectivas posições e

redigir os acordos para um encontro em que a segurança dos visitantes italianos fosse garantida. Da organização deste primeiro encontro tinha sido encarregado precisamente Guilherme de Baskerville, o qual deveria depois representar o ponto de vista dos teólogos imperiais em Avinhão, se considerasse que a viagem era possível sem perigo. Empresa pouco fácil, porque se supunha que o papa, que queria Miguel sozinho para o poder reduzir mais facilmente à obediência, enviaria à Itália uma delegação instruída de modo a fazer fracassar, na medida do possível, a viagem dos enviados imperiais à sua corte. Guilherme tinha-se movimentado até então com grande habilidade. Depois de longas consultas com vários abades beneditinos (eis a razão das muitas etapas da nossa viagem), tinha escolhido a abadia onde estávamos, precisamente porque sabia que o Abade era devotadíssimo ao império e todavia, pela sua grande habilidade diplomática, nada malvisto na corte pontifícia. Território neutro, portanto, a abadia, onde os dois grupos poderiam encontrar-se.

Mas as resistências do pontífice não acabavam ali. Ele sabia que, uma vez no terreno da abadia, a sua delegação ficaria submetida à jurisdição do Abade: e, como dela também fariam parte membros do clero secular, não aceitava esta cláusula, alegando temores de uma cilada imperial. Assim, tinha posto a condição de que a incolumidade dos seus enviados fosse confiada a uma companhia de archeiros do rei de França às ordens de pessoa da sua confiança. Tinha ouvido vagamente Guilherme discorrer acerca disto com um embaixador do papa em Bobbio: tinha-se tratado de definir a fórmula com a qual designar os deveres desta companhia, ou seja, que coisa se entendia pela salvaguarda da incolumidade dos legados pontifícios. Tinha-se finalmente aceitado uma fórmula proposta pelos avinhonenses e que tinha parecido razoável: os homens armados e quem os comandava teriam jurisdição «sobre todos aqueles que de qualquer modo procurassem atentar contra a vida dos membros da delegação pontifícia e influenciar o seu comportamento e juízo com atos violentos». Então, o pacto parecera inspirado por puras preocupações formais. Agora, depois dos fatos recentes acontecidos na abadia, o Abade estava inquieto e manifestou as suas dúvidas a Guilherme. Se a delegação chegasse à abadia enquanto era ainda desconhecido o autor de dois delitos (no dia seguinte as preocupações do Abade deveriam aumentar, porque os delitos seriam três), dever-se-ia admitir que circulava dentro daquelas muralhas alguém capaz de influenciar com atos violentos o juízo e o comportamento dos legados pontifícios.

De nada valia procurar ocultar os crimes que tinham sido cometidos, porque se ainda acontecesse mais alguma coisa os legados pontifícios pensariam num conluio contra eles. E portanto as soluções eram apenas duas. Ou Guilherme descobria o assassino antes da chegada da delegação (e aqui o Abade olhou-o fixamente como a repreendê-lo tacitamente por ainda não ter chegado a nenhuma conclusão sobre o assunto), ou então era necessário avisar lealmente o representante do papa sobre aquilo que estava acontecendo e pedir a sua colaboração para que a abadia fosse posta sob atenta vigilância durante o curso dos trabalhos. Coisa que desagradava ao Abade, porque significava renunciar a parte da sua soberania e pôr os seus próprios monges sob o

controle dos franceses. Mas não se podia arriscar. Guilherme e o Abade estavam ambos contrariados pelo rumo que as coisas levavam, mas tinham poucas alternativas. Voltaram a prometer, por isso, que tomariam uma decisão definitiva até ao dia seguinte. Entretanto, não restava senão confiar na misericórdia divina e na sagacidade de Guilherme.

- Farei o possível, Vossa Sublimidade - disse Guilherme. - Mas, por outro lado, não vejo como a coisa possa comprometer deveras o encontro. Mesmo o representante pontifício terá de compreender que há diferença entre a obra de um louco, ou de um sanguinário, ou talvez apenas de uma alma perdida, e os graves problemas que homens probos virão discutir.

- Acreditais? - perguntou o Abade, olhando fixamente para Guilherme. - Não esqueçais que os avinhonenses sabem que vêm encontrar-se com menoritas, e portanto com pessoas perigosamente próximas dos fraticelli e de outros ainda mais desvairados que os fraticelli, de hereges perigosos que se mancharam com delitos - e aqui o Abade baixou a voz - em confronto com os quais os fatos, aliás horríveis, que aqui aconteceram empalidecem como névoa ao sol.

- Não se trata da mesma coisa! - exclamou Guilherme com vivacidade. - Não podeis colocar no mesmo plano os menoritas do capítulo de Perugia e alguns bandos de hereges que interpretaram mal a mensagem do Evangelho, transformando a luta contra as riquezas numa série de vinganças privadas ou de loucuras sanguinárias...

- Ainda não há muitos anos que, a poucas milhas daqui, um desses bandos, como vós lhe chamais, pôs a ferro e fogo as terras do bispo de Vercelli e as montanhas da província de Novara - disse secamente o Abade.

- Falais de frei Dolcino e dos apostólicos...

- Dos pseudo-apóstolos - corrigiu o Abade.

E mais uma vez ouvia citar frei Dolcino e os pseudo-apóstolos, e mais uma vez em tom circunspecto e quase com um leve aceno de terror.

- Dos pseudo-apóstolos - admitiu de boa vontade Guilherme. - Mas esses não tinham nada a ver com os menoritas...

- Professavam a mesma reverência que eles por Joaquim de Calábria - instou o Abade - , e podeis perguntá-lo ao vosso irmão Ubertino.

- Faço notar a Vossa Sublimidade que agora é irmão vosso - disse Guilherme com um sorriso e uma espécie de reverência, como para cumprimentar o Abade pela aquisição

que a sua ordem tinha feito acolhendo um homem de tal reputação.

- Eu sei, eu sei - sorriu o Abade. - E vós sabeis com que fraterna solicitude a nossa ordem acolheu os espirituais quando incorreram na ira do papa. Não falo só de Ubertino mas também de muitos outros frades mais humildes, dos quais pouco se sabe, e dos quais talvez se devesse saber mais. Porque aconteceu que nós acolhemos trânsfugas que se apresentaram com o saio dos menoritas, e depois vim a saber que as várias vicissitudes da sua vida os tinham levado, por um certo tempo, bastante perto dos dolcinianos...

- Mesmo aqui? - perguntou Guilherme.

- Mesmo aqui. Estou a revelar-vos alguma coisa de que na verdade sei muito pouco, e, em todo o caso, não o bastante para formular acusações. Mas, visto que estais indagando sobre a vida desta abadia, é bom que também vós conheçais estas coisas. Dir-vos-ei então que suspeito, reparai, suspeito, com base em coisas que tenho ouvido ou adivinhado, que houve um momento muito obscuro na vida do nosso despenseiro, que precisamente chegou aqui há anos seguindo o êxodo dos menoritas.

- O despenseiro? Remígio de Varagine um dolciano? Parece-me o ser mais manso e em todo o caso menos preocupado com a dona pobreza que eu jamais vi... - disse Guilherme.

- E de fato não posso dizer nada dele, e valho-me dos seus bons serviços, pelos quais toda a comunidade lhe está reconhecida. Mas digo isto para vos fazer compreender como é fácil encontrar conexões entre um frade e um fraticello.

- Mais uma vez a vossa magnitude é injusta, se assim posso dizer - interveio Guilherme. - Estávamos a falar dos dolcinianos, não dos fraticelli. Dos quais muito se poderá dizer, sem sequer saber de quem se fala, porque deles há muitas espécies, mas não que sejam sanguinários. Poder-se-á no máximo censurar-lhes que ponham em prática sem demasiado bom senso coisas que os espirituais pregaram com maior medida e animados de verdadeiro amor de Deus, e nisto concordo que existam fronteiras bastante tênues entre uns e outros...

- Mas os fraticelli são hereges! - interrompeu secamente o Abade. - Não se limitam a defender a pobreza de Cristo e dos apóstolos, doutrina que, mesmo que não possa compartilhá-la, pode ser oposta utilmente à arrogância avinhonense. Os fraticelli extraem dessa doutrina um silogismo prático, inferem um direito à revolta, ao saque, à perversão dos costumes.

- Mas que fraticelli?

- Todos em geral. Sabeis que se mancharam com delitos abomináveis, que não

reconhecem o matrimônio, que negam o inferno, que cometem sodomia, que abraçam a heresia bogomila do ordo Bulgarie e do ordo Drygonthie...

- Por favor - disse Guilherme -, não confundais coisas diversas! Vós falais como se fraticelli, patarinos, valdenses, cátaros e esses bogomilos da Bulgária e hereges da Dragovitsa fossem todos a mesma coisa!

- São - disse secamente o Abade -, são porque são hereges e são porque põem em risco a própria ordem do mundo civil, até a ordem do império que vós me pareceis auspiciar. Há mais de cem anos os sequazes de Arnaldo de Brescia incendiaram as casas dos nobres e dos cardeais, e foram estes os frutos da heresia lombarda dos patarinos. Sei de histórias terríveis sobre estes hereges, e li-as em Cesário de Eisterbach. Em Verona, o canônico de São Gedeão, Everardo, notou uma vez que aquele que o hospedava todas as noites saía de casa com a mulher e a filha. Interrogou não sei qual dos três para saber onde iam e que faziam. «Vem e verás», foi a resposta, e ele seguiu-os até uma casa subterrânea, muito ampla, onde estavam reunidas pessoas de ambos os sexos. Um heresiarca, enquanto todos estavam em silêncio, fez um discurso cheio de blasfêmias, com o propósito de corromper a sua vida e os seus costumes. Depois, apagada a vela, cada um se lançou sobre a sua vizinha, sem fazer diferença entre a esposa legítima e a mulher solteira, entre viúva e virgem, entre senhora e serva, nem (o que era pior, o Senhor me perdoe enquanto digo coisas tão horríveis) entre filha e irmã. Everardo, vendo tudo isto, como jovem leviano e luxurioso que era, fingindo-se um discípulo, aproximou-se não sei se da filha do seu hospedeiro ou de uma outra rapariga e, logo que apagaram a vela, pecou com ela. Infelizmente fez isto, por mais de um ano, e no fim o mestre disse que aquele jovem freqüentava com tanto proveito as suas sessões que em breve estaria em condições de instruir os neófitos. Nessa altura, Everardo compreendeu o abismo em que tinha caído e conseguiu fugir à sua sedução, dizendo que tinha freqüentado aquela casa não porque fosse atraído pela heresia mas porque era atraído pelas raparigas. Aqueles expulsaram-no. Mas esta, bem vedes, é a lei e a vida dos hereges, patarinos, cátaros, joaquimitas, espirituais de qualquer seita. Nem há de que se admirar: não crêem na ressurreição da carne, nem no inferno como castigo dos malvados, e consideram que podem fazer impunemente seja o que for. Eles, de fato, dizem-se catharoi, isto é, puros.

- Abbone - disse Guilherme -, vós viveis isolado nesta esplêndida e santa abadia, longe das malícias do mundo. A vida nas cidades é muito mais complexa do que julgais, e existem gradações, bem sabeis, também no erro e no mal. Lot foi muito menos pecador que os seus concidadãos, que conceberam pensamentos imundos até sobre os anjos enviados por Deus, e a traição de Pedro não foi nada comparada com a traição de Judas; de fato, um foi perdoado e o outro não. Não podeis considerar patarinos e cátaros a mesma coisa. Os patarinos são um movimento de reforma dos costumes no interior das leis de Santa Madre Igreja. Eles sempre quiseram melhorar o modo de vida dos eclesiásticos.

- Defendendo que não se deviam receber os sacramentos dos sacerdotes impuros...

- E erraram, mas foi o seu único erro de doutrina. Nunca se propuseram alterar a lei de Deus...

- Mas a pregação patarina de Arnaldo de Brescia, em Roma, há mais de duzentos anos, impeliu a turba dos rústicos a incendiar as casas dos nobres e dos cardeais.

- Arnaldo procurou arrastar para o seu movimento de reforma os magistrados da cidade. Aqueles não o seguiram, mas encontrou consenso entre as turbas dos pobres e dos deserdados. Não foi responsável pela energia e pela raiva com que aqueles responderam aos seus apelos por uma cidade menos corrupta.

- A cidade é sempre corrupta.

- A cidade é o lugar onde hoje vive o povo de Deus, de que vós, de que nós somos os pastores. É o lugar do escândalo, onde o prelado rico prega a virtude ao povo pobre e esfomeado. As desordens dos patarinos nascem desta situação. São tristes, não são incompreensíveis. Os cátaros são outra coisa. É uma heresia oriental, fora da doutrina da Igreja. Eu não sei se verdadeiramente cometem ou cometeram os delitos que lhes são imputados. Sei que recusam o matrimônio, que negam o inferno. Pergunto-me se muitos dos atos que não cometeram não lhes foram atribuídos apenas em virtude das idéias (decerto nefandas) que defenderam.

- E vós dizeis-me que os cátaros não se misturaram aos patarinos, e que ambos não são mais que duas das faces, inumeráveis, da mesma manifestação demoníaca?

- Digo que muitas destas heresias, independentemente das doutrinas que defendem, obtêm sucesso entre os simples, porque lhes sugerem a possibilidade de uma vida diversa. Digo que, freqüentemente, os simples não sabem muito de doutrina. Digo que aconteceu muitas vezes que turbas de simples confundiram a pregação cátara com a dos patarinos, e esta em geral com a dos espirituais. A vida dos simples, Abbone, não é iluminada pela sapiência e pelo sentido vigilante das distinções que nos faz sábios. É obcecada pela doença, pela pobreza, feita balbuciante pela ignorância. Freqüentemente, para muitos deles, a adesão a um grupo herético é apenas um modo como qualquer outro de gritar o seu desespero. Pode-se queimar a casa de um cardeal seja porque se quer aperfeiçoar a vida do clero seja porque se considera que o inferno, que ele prega, não existe. Isso faz-se sempre porque existe o inferno terreno, em que vive o rebanho de que nós somos pastores. Mas vós sabeis muito bem que, como eles não distinguem entre igreja búlgara e sequazes do padre Liprando, freqüentemente cambem as autoridades imperiais e os seus defensores não distinguiram entre espirituais e hereges. Não raro, grupos gibelinos, para baterem o seu adversário, defenderam entre o

povo tendências cátaras. Na minha opinião fizeram mal. Mas aquilo que agora sei é que os mesmos grupos, muitas vezes, para se desembaraçarem destes inquietos e perigosos adversários demasiado «simples», atribuíram a uns as heresias dos outros e empurraram-nos todos para a fogueira. Eu vi juro-vos Abbone, vi com os meus olhos, homens de vida virtuosa, sinceramente partidários da pobreza e da castidade, mas inimigos dos bispos, que os bispos entregaram ao braço secular, quer ele estivesse ao serviço do império ou das cidades livres, acusando-os de promiscuidade sexual, sodomia, práticas nefandas... de que talvez outros, mas não eles, se tinham tornado culpados. Os simples são carne para o talho, para usar quando servem para pôr em crise o poder adverso e para sacrificar quando já não servem.

- Então - disse o Abade com evidente malícia -, frei Dolcino e os seus desatinados, e Gerardo Segalelli e aqueles torpes assassinos foram cátaros malvados ou fraticelli virtuosos, bogomilos sodomitas ou patarinos reformadores? Quereis dizer-me então, Guilherme, vós que sabeis tudo dos hereges, a ponto de parecerdes um deles onde está a verdade?

- Em parte nenhuma, por vezes - disse com tristeza Guilherme.

- Vedes que até vós já não sabeis distinguir entre herege e herege? Eu tenho pelo menos uma regra. Sei que hereges são aqueles que põem em risco a ordem com que se rege o povo de Deus. E defendo o império porque ele me garante esta ordem. Combato o papa porque está entregando o poder espiritual aos bispos das cidades, que se aliam aos mercadores e às corporações e não saberão manter esta ordem. Nós mantivemo-la durante séculos. E, quanto aos hereges, também tenho uma regra, e ela resume-se na resposta que deu Arnaldo Amalrico, abade de Citeaux, a quem lhe perguntava que fazer dos cidadãos de Béziers, cidade suspeita de heresia: «Matai-os todos, Deus reconhecerá os seus.»

Guilherme baixou os olhos e ficou um certo tempo em silêncio. Depois disse:

- A cidade de Béziers foi tomada, e os nossos não olharam nem à dignidade nem ao sexo nem à idade, e quase vinte mil homens morreram ao fio da espada. Feito assim o massacre, a cidade foi saqueada e queimada.

- Mesmo uma guerra santa é uma guerra.

- Mesmo uma guerra santa é uma guerra. Por isso talvez não devesse haver guerras santas. Mas que digo, estou aqui a defender os direitos de Luís, que no entanto está pondo a ferro e fogo a Itália. Também eu me encontro preso num jogo de estranhas alianças. Estranha a aliança dos espirituais com o império; estranha a do império com Marsílio, que pede a soberania para o povo; e estranha a de nós os dois, tão diversos por propósitos e tradição. Mas temos duas tarefas em comum. O êxito do encontro e a

descoberta de um assassino. Esforcemo-nos por proceder em paz.

O Abade abriu os braços.

- Dai-me o beijo da paz, frade Guilherme. Com um homem do vosso saber podemos discutir longamente sobre sutis questões de teologia e de moral. Mas não devemos ceder ao gosto da disputa como fazem os mestres de Paris. E verdade, temos uma tarefa importante que nos espera, e devemos proceder de comum acordo. Mas falei destas coisas porque creio que há uma relação, compreendeis?, uma relação possível, ou seja, que outros podem encontrar uma ligação entre os delitos que aqui aconteceram e as teses dos vossos irmãos. Por isso vos avisei, por isso devemos prevenir qualquer suspeita ou insinuação por parte dos avinhonenses.

- Não deverei supor que a vossa Sublimidade me sugeriu também uma pista para a minha investigação? Considerais que na origem dos eventos recentes possa existir alguma obscura história que remonta ao passado herético de algum monge?

O Abade calou-se por alguns instantes, olhando para Guilherme sem que nenhuma expressão transparecesse do seu rosto. Depois disse:

- Neste triste caso, o inquisidor sois vós. A vós compete ser suspeitoso e até arriscar uma suspeita injusta. Eu sou aqui apenas o pai comum. E, acrescento, se soubesse que o passado de um dos meus monges se presta a suspeitas verídicas, procederia eu já para arrancar a planta má. Aquilo que sei, sabe-lo. Aquilo que não sei, é justo que venha à luz graças à vossa sagacidade. Mas, em todo o caso, informai-vos sempre, e em primeiro lugar a mim.

Saudou e saiu da igreja.

- A história torna-se mais complicada, caro Adso - disse Guilherme de rosto sombrio. - Nós corremos atrás de um manuscrito, interessamo-nos pelas diatribes de alguns monges demasiado curiosos e pelo caso de outros monges demasiado luxuriosos, e eis que se perfila cada vez com mais insistência também uma outra pista, totalmente diversa. O despenseiro, portanto... E com o despenseiro veio para aqui aquele estranho animal do Salvador... Mas agora temos de ir repousar, porque projetamos ficar acordados durante a noite.

- Mas então projetais ainda penetrar na biblioteca esta noite? Não abandonais essa primeira pista?

- De modo nenhum. E, depois, quem disse que se trata de duas pistas diversas? Enfim, esta história do despenseiro poderia ser apenas uma suspeita do Abade.

Dirigiu-se para o albergue dos peregrinos, chegando à soleira parou e falou como se continuasse o discurso anterior.

- No fundo, o Abade pediu-me que indagasse sobre a morte de Adelmo quando pensava que acontecia algo de suspeito entre os seus jovens monges. Mas agora a morte de Venancio faz nascer outras suspeitas, talvez o Abade tenha intuído que a chave do mistério está na biblioteca, e sobre isso não quer que eu indague. E eis que agora me oferece a pista do despenseiro para desviar a minha atenção do Edifício...

- Mas porque é que não havia de querer que...

- Não faças demasiadas perguntas. O Abade disse-me desde o início que na biblioteca não se toca. Lá terá as suas razões. Pode ser que também ele esteja envolvido nalgum caso que ele não pensava que pudesse ter relação com a morte de Adelmo, e agora dá-se conta que o escândalo se alarga e pode envolvê-lo também a ele. E não quer que se descubra a verdade, ou pelo menos não quer que a descubra eu...

- Mas então vivemos num lugar abandonado por Deus - disse desconsolado.

- Encontrei-os, esses lugares onde Deus se sentiria à vontade? - perguntou-me Guilherme, olhando-me do alto da sua estatura.

Depois mandou-me repousar. Enquanto me deitava concluí que meu pai não deveria ter-me mandado pelo mundo, que era mais complicado do que eu pensava. Estava a aprender coisas de mais.

- Salva me ab ore leonis - rezei, adormecendo.

SEGUNDO DIA

DEPOIS DE VÉSPERAS

Onde, apesar do capítulo ser breve, o velho Alinardo diz coisas bastante interessantes sobre o labirinto e sobre o modo de lá entrar.

Acordei pouco antes de soar a hora da refeição da noite. Sentia-me entorpecido pelo sono, porque o sono diurno é como o pecado da carne: quanto mais se teve mais se queria ter, e no entanto sentimo-nos infelizes, saciados e insaciados ao mesmo tempo. Guilherme não estava na sua cela, evidentemente tinha-se levantado muito antes. Encontrei-o, depois de uma breve deambulação, quando saía do Edifício. Disse-me que tinha estado no scriptorium, folheando o catálogo e observando o trabalho dos monges, na tentativa de se aproximar da mesa de Venancio para retomar a inspeção. Mas que, por um motivo ou por outro, todos pareciam apostados em não o deixar remexer naqueles papéis. Primeiro aproximara-se dele Malaquias, para lhe mostrar algumas

miniaturas de valor. Depois Bêncio tinha-o mantido ocupado com pretextos de nenhum valor. Depois ainda, quando se tinha inclinado para retomar a sua inspeção, Berengário tinha-se posto a andar à sua volta, oferecendo a sua colaboração.

Enfim Malaquias, vendo que o meu mestre parecia seriamente apostado em ocupar-se das coisas de Venancio, tinha-lhe dito clara e nitidamente que talvez, antes de rebuscar entre os papéis do morto, fosse melhor obter a autorização do Abade; que ele próprio, apesar de ser o bibliotecário, se tinha absterido disso, por respeito e disciplina; e que, em todo o caso, ninguém se tinha aproximado daquela mesa, como Guilherme lhe tinha pedido, e que ninguém se aproximaria dela enquanto o Abade não interviesse. Guilherme tinha-lhe feito notar que o Abade lhe tinha dado licença para indagar por toda a abadia; Malaquias tinha perguntado, não sem malícia, se o Abade também lhe tinha dado licença para se mover livremente pelo scriptorium ou, não o quisesse Deus, pela biblioteca. Guilherme tinha compreendido que não era o caso de se empenhar numa prova de força com Malaquias, embora todos aqueles movimentos e aqueles temores em torno dos papéis de Venancio lhe tivessem naturalmente fortificado o desejo de tomar conhecimento deles. Mas a sua determinação de voltar lá de noite, ainda não sabia como, era tal que tinha decidido não criar incidentes. Alimentava, porém, evidentes pensamentos de desforra que, se não fossem inspirados, como eram, pela sede de verdade, teriam parecido muito obstinados e talvez reprováveis.

Antes de entrar no refeitório, demos ainda um pequeno passeio no claustro, para dissipar os fumos do sono ao ar frio da noite. Por ali giravam ainda alguns monges em meditação. No jardim que dava para o claustro distinguimos o velhíssimo Alinardo de Grottaferrata, que agora, imbecil de corpo, passava grande parte do seu dia entre as plantas, quando não estava a rezar na igreja. Parecia não sentir frio e estava sentado ao longo da parte externa das arcadas.

Guilherme dirigiu-lhe algumas palavras de saudação, e o velho pareceu alegre por alguém conversar com ele.

- Dia sereno - disse Guilherme.

- Pela graça de Deus - respondeu o velho.

- Sereno no céu, mas escuro na terra. Conheceis bem Venancio?

- Que Venancio? - disse o velho. Depois uma luz se acendeu nos seus olhos. - Ah, o rapaz morto. A besta gira pela abadia...

- Qual besta?

- A grande besta que vem do mar... Sete cabeças e dez cornos, e nos cornos dez

diademas, e nas cabeças três nomes de blasfêmia. A besta que parece um leopardo, com pés como os do urso e a boca como a do leão... Eu vi-a.

- Onde a viste? Na biblioteca?

- Biblioteca? Porquê? Há anos que já não vou ao scriptorium e nunca vi a biblioteca. Ninguém vai à biblioteca. Eu conheci aqueles que subiam à biblioteca...

- Quem, Malaquias, Berengário?

- Oh, não... - O velho riu com voz rouca. - Antes. O bibliotecário que veio antes de Malaquias, há muitos anos...

- Quem era?

- Não me recordo, morreu quando Malaquias era ainda jovem. E aquele que veio antes do mestre de Malaquias e era ajudante-bibliotecário jovem quando eu era jovem... Mas na biblioteca eu nunca pus os pés. Labirinto...

- A biblioteca é um labirinto?

- Hunc mundum tipice laberinthus denotat Ule - recitou absorto o velho. - Intransi largus, redeunti sed nimis artus. A biblioteca é um grande labirinto, sinal do labirinto do mundo. Entras e não sabes se sairás. Não se devem violar as colunas de Hércules...

- Então não sabeis como se entra na biblioteca quando as portas do Edifício estão fechadas?

- Oh, sim - riu o velho -, muitos o sabem. Passas pelo ossário. Podes passar pelo ossário, mas não queres passar pelo ossário. Os monges mortos velam.

- São esses, os monges mortos, que velam, não aqueles que giram de noite com uma candeia pela biblioteca?

- Com uma candeia? - O velho pareceu espantado. - Nunca ouvi essa história. Os monges mortos estão no ossário, os ossos descem pouco a pouco do cemitério e juntam-se ali a guardar a passagem. Nunca viste o altar da capela que leva ao ossário?

- E a terceira à esquerda depois do transepto, não é?

- A terceira? Talvez. É a da pedra do altar esculpida com mil esqueletos. O quarto crânio à direita, carregas nos olhos... e estás no ossário. Mas não vais lá, eu nunca lá fui. O Abade não quer.

- E a besta, onde a viste a besta?

- A besta? Ah, o Anticristo... Ele está para vir, o milênio foi cumprido, esperamo-lo...

- Mas o milênio foi cumprido há trezentos anos, e então não veio...

- O Anticristo não vem depois de se terem cumprido os mil anos. Cumpridos os mil anos, inicia-se o reino dos justos, depois vem o Anticristo para confundir os justos, e depois será a batalha final...

- Mas os justos reinarão por mil anos - disse Guilherme - Ou reinaram desde a morte de Cristo até ao fim do primeiro milênio, e portanto é então que devia vir o Anticristo, ou ainda não reinaram, e o Anticristo está longe.

- O milênio não se calcula a partir da morte de Cristo mas a partir da doação de Constantino. Cumprem-se agora os mil anos...

- E então acaba o reino dos justos?

- Não sei, já não sei... Estou cansado. O cálculo é difícil. Beato de Liébana fê-lo, pergunta a Jorge, ele é jovem, recorda-se bem... Mas os tempos estão maduros. Não ouviste as sete trombetas?

- Porquê as sete trombetas?

- Não ouviste como morreu o outro rapaz, o miniaturista? O primeiro anjo soprou a primeira trombeta e dela veio granizo e fogo misturado com sangue. E o segundo anjo soprou a segunda trombeta e a terça parte do mar tornou-se sangue... Não morreu no mar de sangue o segundo rapaz? Atenção à terceira trombeta! Morrerá a terça parte das criaturas vivendo no mar. Deus castiga-nos. O mundo todo em torno da abadia está infestado pela heresia, disseram-me que está no trono de Roma um papa perverso que usa hóstias para práticas de necromancia e com elas nutre as suas moréias... E entre nós alguém violou o interdito, quebrou os selos do labirinto...

- Quem vo-lo disse?

- Ouvi-o, todos murmuram que o pecado entrou na abadia. Tens grãos-de-bico?

A pergunta, dirigida a mim, surpreendeu-me.

- Não, não tenho grãos-de-bico - disse confuso.

- Para a próxima traz-me grãos-de-bico. Mantenho-os na boca, vês a minha pobre boca sem dentes, até que amoleçam todos. Estimulam a saliva, aqua fons vitae. Amanhã trazes-me grãos-de-bico?

- Amanhã trago-vos grãos-de-bico - disse-lhe.

Mas ele tinha adormecido. Deixamo-lo para ir para o refeitório.

- Que pensais do que disse? - perguntei ao meu mestre.

- Ele goza da divina loucura dos centenários. Difícil distinguir o verdadeiro do falso nas suas palavras. Mas creio que nos disse alguma coisa sobre o modo de penetrar no Edifício. Vi a capela de onde saiu Malaquias a noite passada. Ali há na verdade um altar de pedra, e na base estão esculpidos crânios, esta noite tentaremos.

SEGUNDO DIA COMPLETAS

Onde se entra no Edifício, se descobre um visitante misterioso, se encontra uma mensagem secreta com sinais de necromante, e desaparece, mal é encontrado, um livro que depois será procurado por muitos outros capítulos sem olvidar o furto das preciosas lentes de Guilherme.

A ceia foi triste e silenciosa. Tinham passado pouco mais de doze horas desde que se tinha descoberto o cadáver de Venancio. Todos olhavam de soslaio para o seu lugar vazio à mesa. Quando foi a hora de completas, o cortejo que se dirigiu ao coro parecia um desfile fúnebre. Participamos no ofício ficando na nave e não perdendo de vista a terceira capela. A luz era pouca, e quando vimos Malaquias emergir do escuro para atingir a sua estala não pudemos compreender de onde saía exatamente. Pelo sim pelo não deslizamos para a sombra, escondendo-nos na nave lateral, para que ninguém visse que ficávamos ali, terminado o ofício. Eu tinha no meu escapulário a candeia que tinha subtraído na cozinha durante a ceia. Acendê-la-íamos depois na grande trípode de bronze que ficava acesa toda a noite. Tinha um pavio novo, e muito azeite. Teríamos luz para muito tempo.

Estava demasiado excitado pelo que nos aprestamos a fazer para prestar atenção ao rito, que acabou sem que quase me apercebesse. Os monges baixaram os capuchos sobre o rosto e saíram em lenta fila para se dirigirem às suas celas. A igreja ficou deserta, iluminada pelo clarão da trípode.

- Vamos - disse Guilherme. - Ao trabalho.

Aproximamo-nos da terceira capela. A base do altar era verdadeiramente semelhante

a um ossário ; uma série de crânios de órbitas vazias e profundas incutiam temor aos que olhavam para eles, pousados como apareciam no admirável relevo sobre um amontoado de tíbias. Guilherme repetiu em voz baixa as palavras que ouvira a Alinardo (o quarto crânio à direita, carregas nos olhos). Introduziu os dedos nas órbitas daquele rosto descarnado, e de súbito ouvimos como um rangido rouco. O altar moveu-se, girando sobre um eixo oculto, deixando entrever uma abertura escura. Iluminando-a com a minha candeia levantada, distinguimos uns degraus úmidos. Decidimos descê-los, depois de termos discutido se devíamos voltar a fechar a passagem atrás de nós. Era melhor não, disse Guilherme, não sabíamos se depois poderíamos reabri-la. E, quanto ao risco de sermos descobertos, se alguém chegasse àquela hora a manobrar o mesmo mecanismo era porque sabia como entrar e não ficaria preso por uma passagem fechada.

Descemos mais de uma dezena de degraus e penetramos num corredor em cujos lados se abriam nichos horizontais, como mais tarde me aconteceu ver em muitas catacumbas. Mas era a primeira vez que penetrava num ossário , e tive muito medo. Os ossos dos monges tinham sido recolhidos ali no curso dos séculos, exumados da terra e amontoados nos nichos sem tentarem recompor a figura dos seus corpos. Porém, alguns nichos tinham apenas ossos miúdos outros apenas crânios, bem dispostos quase em pirâmide, de modo a não se precipitarem uns sobre os outros, e era espetáculo deveras aterrorizador, especialmente com o jogo de sombras e de luzes que a candeia criava ao longo do nosso caminho. Num nicho vi apenas mãos, muitas mãos, agora irremediavelmente entrelaçadas umas nas outras, num emaranhado de dedos mortos. Soltei um grito, naquele lugar de mortos, sentindo por um momento a impressão que ali houvesse alguma coisa de vivo, um chio, e um rápido movimento na sombra.

- Ratos - tranqüilizou-me Guilherme.

- Que fazem os ratos aqui?

- Passam, como nós, porque o ossário conduz ao Edifício, e portanto à cozinha. E aos bons livros da biblioteca. E agora compreendes porque é que Malaquias tem um rosto tão austero. O seu ofício obriga-o a passar por aqui duas vezes por dia, à noite e de manhã. Ele, sim, não tem de que se rir.

- Mas porque é que o Evangelho nunca diz que Cristo ria? - perguntei sem uma boa razão. - É deveras como diz Jorge?

- Foram legiões os que se perguntaram se Cristo riu. A coisa não me interessa grandemente. Creio que nunca riu, porque, onisciente como devia ser o filho de Deus, sabia que coisa fariamos nós, os cristãos. Mas eis que chegamos.

E de fato, graças a Deus, o corredor tinha acabado; começava uma nova série de degraus e, depois de percorridos estes, não tivemos senão que empurrar uma porta de

madeira rija reforçada de ferro e encontramos-nos por trás da chaminé da cozinha, precisamente debaixo da escada de caracol que levava ao scriptorium.

Enquanto subíamos, pareceu-nos ouvir um ruído que vinha de cima.

Ficamos um instante em silêncio, depois disse.

- E impossível. Não entrou ninguém antes de nós...

- Admitindo que esta fosse a única via de acesso ao Edifício. Nos séculos passados, isto era uma fortaleza, e deve ter mais acessos secretos do que nós imaginamos. Vamos subir devagar. Mas temos pouco por onde escolher. Se apagamos a candeia não sabemos por onde vamos, se a mantemos acesa damos o alarme a quem se encontra em cima. A única esperança é que, se está lá alguém, tenha mais medo do que nós.

Chegamos ao scriptorium, emergindo do torreão meridional. A mesa de Venancio estava precisamente do lado oposto. Movendo-nos, não iluminávamos mais que algumas braças de parede de cada vez, porque a sala era demasiado ampla. Esperamos que ninguém estivesse no pátio e visse a luz transparecer pelas janelas. A mesa parecia em ordem, mas Guilherme inclinou-se logo a examinar as folhas da estante por baixo e teve uma exclamação de desapontamento.

- Falta alguma coisa? - perguntei.

- Hoje vi aqui dois livros, e um era em grego. E é este último que falta. Alguém o tirou, e a toda a pressa, porque um pergaminho caiu aqui ao chão.

- Mas a mesa estava guardada...

- Decerto. Talvez alguém lhe tenha posto as mãos só há pouco. Talvez esteja ainda aqui. - Voltou-se para as sombras, e a sua voz ressoou entre as colunas: - Se estás aqui, tem cuidado!

Pareceu-me uma boa idéia: como Guilherme já tinha dito, é sempre melhor que quem nos incute medo tenha mais medo que nós.

Guilherme pousou a folha que tinha encontrado aos pés da mesa e aproximou o rosto. Pediu-me que lhe desse luz. Aproximei a candeia e distingui uma página em branco na primeira metade, e na segunda coberta de caracteres pequeníssimos cuja origem a custo reconheci.

- É grego? - perguntei.

- Sim, mas não percebo bem. - Tirou do saio as suas lentes e pô-las solidamente em cima do nariz, depois aproximou ainda mais o rosto. - É grego, escrito muito pequeno, e todavia desordenadamente. Mesmo com as lentes me custa a ler, seria precisa mais luz. Aproxima-te...

Tinha pegado na folha segurando-a diante do rosto, e eu, estupidamente, em vez de lhe passar por trás, mantendo a candeia alta sobre a sua cabeça, pus-me precisamente diante dele. Ele pediu-me para me desviar para o lado, e, ao fazê-lo, rocei com a chama o verso da folha. Guilherme afastou-me com um empurrão, perguntando-me se lhe queria queimar o manuscrito, depois soltou uma exclamação. Vi claramente que na parte superior da página tinham aparecido alguns sinais imprecisos de cor amarelo-escura. Guilherme mandou-me dar-lhe a candeia, e moveu-a por trás da folha, mantendo a chama bastante próxima da superfície do pergaminho, de modo a aquecê-lo sem lhe tocar. Lentamente, como se uma mão invisível estivesse traçando «Mane, Tekel, Fares», vi desenhar-se, sobre o verso branco da folha, um a um, à medida que Guilherme movia a candeia e enquanto o fumo que provinha da ponta da chama enegrecia o resto, traços que não se assemelhavam aos de nenhum alfabeto, a não ser ao dos necromantes.

- Fantástico! - disse Guilherme. - Cada vez mais interessante! - Olhou em seu redor: - Mas será melhor não expor esta descoberta às insídias do nosso hóspede misterioso, se ainda está aqui... - Tirou as lentes e pousou-as sobre a mesa, depois enrolou com cuidado o pergaminho e escondeu-o no saio. Ainda aturdido por aquela seqüência de eventos pelo menos miraculosos, estava para lhe pedir outras explicações, quando um ruído imprevisto e seco nos distraiu. Provinha dos pés da escada oriental que levava à biblioteca. - O nosso homem está ali, apanha-o! - gritou Guilherme, e lançamo-nos naquela direção, ele mais rápido, eu mais lento, porque levava a candeia. Ouvi um estrondo de pessoa que tropeça e cai, acorri, encontrei Guilherme aos pés da escada observando um pesado volume de capa reforçada por brochas metálicas. No mesmo instante, ouvimos um outro barulho da direção de onde tínhamos vindo. - Estúpido que eu sou! - gritou Guilherme. - Depressa, à mesa de Venancio!

Compreendi: alguém que estava na sombra, por trás de nós, tinha atirado o volume para nos atrair para longe.

Uma vez mais Guilherme foi mais rápido que eu e alcançou a mesa. Eu, ao segui-lo, entrevi entre as colunas uma sombra que fugia, enfiando pela escada do torreão ocidental.

Possuído de ardor guerreiro, meti a candeia na mão de Guilherme e atirei-me às cegas pela escada por onde tinha descido o fugitivo. Naquele momento sentia-me como um soldado de Cristo em luta com todas as legiões infernais e ardia com o desejo de pôr as mãos sobre o desconhecido para o entregar ao meu mestre. Quase rolei pela escada de caracol abaixo, tropecei nas abas do meu hábito (foi aquele o único momento da minha

vida, juro, que lamentei ter entrado numa ordem monástica!), mas naquele mesmo instante, e foi pensamento de um relâmpago, consolei-me à idéia de que também o meu adversário devia sofrer do mesmo embaraço. E, além disso, se tinha tirado o livro, devia ter as mãos ocupadas. Precipitei-me quase na cozinha por trás do forno do pão e, à luz da noite estrelada que iluminava palidamente o vasto átrio, vi a sombra que perseguia e que enfiava pela porta do refeitório, puxando-a atrás de si. Precipitei-me para ela, custou-me uns segundos a abri-la, entrei, olhei em redor e já não vi ninguém. A porta que dava para o exterior estava ainda trancada. Voltei-me. Sombra e silêncio. Distingui um clarão que vinha da cozinha e encostei-me a uma parede. Na soleira da passagem entre as duas salas apareceu uma figura iluminada por uma candeia. Gritei. Era Guilherme.

- Já não está ninguém, como eu previa. Aquele não saiu por uma porta. Não enfiou pela passagem do ossário ?

- Não, saiu daqui. Mas não sei por onde!

- Eu disse-to, há outras passagens, e é inútil procurá-las. Provavelmente, o nosso homem está emergindo de novo nalgum sítio longe daqui. E, com ele, as minhas lentes.

- As vossas lentes?

- Precisamente. O nosso amigo não pôde tirar-me a folha mas, com grande presença de espírito, ao passar pela mesa agarrou as minhas lentes.

- E porquê?

- Porque não é parvo. Ouviu-lhe falar destas notas, compreendeu que eram importantes, pensou que sem as lentes não sou capaz de as decifrar e tem como certo que não me fiarei em ninguém a ninguém. De fato, agora é como se as não tivesse.

- Mas como sabia da existência das vossas lentes?

- Vamos! À parte o fato de ontem termos falado delas com o mestre vidreiro, esta manhã no scriptorium pousei-as para rebuscar entre os papéis de Venancio. Por isso, há muitas pessoas que poderiam saber como aqueles objetos eram preciosos. E de fato poderia mesmo ler um manuscrito normal, mas este não - e ia desenrolando de novo o misterioso pergaminho -, onde a parte em grego é demasiado pequena e a parte superior demasiado incerta... - Mostrou-me os sinais misteriosos que tinham aparecido como por encanto ao calor da chama: - Venancio queria ocultar um segredo importante e usou uma daquelas tintas que escrevem sem deixar marcas e reaparecem com o calor. Ou então usou sumo de limão. Mas, como não sei que substância terá usado e os sinais podem voltar a desaparecer, depressa, tu que tens bons olhos, copia-os já do modo mais fiel que

puderes e talvez um pouco maiores.

E assim fiz, sem saber que coisa copiava. Tratava-se de uma série de quatro ou cinco linhas deveras parecidas com bruxaria, e agora reproduzo apenas os primeiros sinais, para dar ao leitor uma idéia do enigma que tínhamos diante dos olhos:

Quando acabei de copiar, Guilherme pegou o papel e, apesar de estar sem as lentes, as manteve perto de seus olhos para examinar.

- Sim, sem dúvida se trata de um alfabeto secreto, que teremos que decifrar - disse. - Os traços não são muito firmes, e é provável que a sua cópia não os tenha melhorado, mas é evidente que os sinais pertencem a um alfabeto zodiacal. Vês? Na primeira linha temos... - trouxe o papel para mais perto, entrecerrou os olhos em um esforço de concentração e disse: - Sagitário, Sol, Mercúrio, Escorpião...

- Que significam?

- Se Venancio tivesse sido ingênuo, teria usado o alfabeto zodiacal mas conhecido: A igual a Sol, B igual a Júpiter... Então a primeira linha se leria assim... tente transcrevê-la: RAIOSVAL... - Interrompeu-se. - Não. Não quer dizer nada, e Venancio não era ingênuo. Se valeu de outra chave para transformar o alfabeto. Temos que descobri-la.

- E podemos? - perguntei admirado.

— Sim, quando se conhece um pouco a sabedoria árabe. Os melhores tratados de criptografia são obra de sábios infiéis, e em Oxford pude me inteirar de alguns deles. Bacon tinha razão quando dizia que a conquista do saber para pelo conhecimento das línguas. Há séculos Abu Bakr Ahmad ben Ali ben Washiyya an-Nabati escreveu um Livro do frenético desejo do devoto em aprender os enigmas das escrituras antigas, donde expus muitas regras para compor e decifrar alfabetos misteriosos, úteis para práticas mágicas, mas também para a correspondência entre os exércitos ou entre um rei e seus embaixadores. E vi outros livros árabes onde se enumera uma série de artifícios bastante engenhosos. Por exemplo, podes reencobrir uma letra por outra, podes escrever uma palavra ao contrário, podes inverte a ordem das letras, mas colocando uma sim e outra não, e voltando a empregar logo desde o princípio, podes, como neste caso, reencobrir as letras por signos zodiacais, mas atribuindo as letras ocultas seu valor numérico, para depois, seguir um outro alfabeto, transformar os números em outras letras...

- E qual desses sistemas terá utilizado Venancio?

- Teríamos que provar todos estes, e também outros. Mas a primeira regra para decifrar uma mensagem consiste em adivinhar o que se quer dizer.

- Mas então não é preciso decifrá-lo! Exclamei rindo.

- Não quis dizer isso. O que se pode fazer é formular hipóteses sobre quais poderiam ser as primeiras palavras da mensagem, e depois ver se a regra que ali se infere vale para o resto do texto. Por exemplo, Venancio anotou aqui certamente a chave para penetrar no finis Africae. Se eu tento pensar que a mensagem fala disto, eis que sou iluminado de repente por um ritmo... Tenta olhar para as primeiras três palavras, não consideres as letras, considera só o número dos sinais... IIIIIIII IIIII IIIIIII... Agora tenta dividir os grupos em sílabas de pelo menos dois sinais cada uma e recita em voz alta: ta-ta-ta, ta-ta, ta-ta-ta... Não te vem nada em mente?

- A mim não.

- E a mim sim. *Secretum finis Africae*... Mas, se assim fosse, a última palavra devia ter a primeira e a sexta letras iguais, e fato assim é, eis duas vezes o símbolo da Terra. E a primeira letra da primeira palavra, o S devia ser igual à última da segunda, e de fato eis repetido o signo da Virgem. Talvez seja o bom caminho. Porém, poderia tratar-se apenas de uma série de coincidências. É preciso encontrar uma regra de correspondência...

- Encontrá-la onde?

- Na cabeça. Inventá-la. E depois ver se é a verdadeira. Mas entre uma prova e outra o jogo poderia levar-me um dia inteiro. Não mais, porque (recorda-te) não há escritura secreta que não possa ser decifrada com um pouco de paciência. Mas agora arriscamos a atrasar-nos e queremos visitar a biblioteca. Tanto mais que sem as lentes nunca conseguirei ler a segunda parte da mensagem, e tu não me podes ajudar, porque estes sinais para os teus olhos...

- Graecum est, non legitur - completei humilhado.

- Exatamente, e vês que Bacon tinha razão. Estuda! Mas não desanimemos. Deixemos o pergaminho e as tuas notas e subamos à biblioteca. Porque esta noite nem dez legiões internas conseguirão deter-nos.

Persignei-me.

- Mas quem pode ter-nos precedido aqui? Bêncio?

- Bêncio ardia com desejo de saber que coisa havia entre os papéis de Venancio, mas não me parecia na disposição de nos pregar partidas tão maliciosas. No fundo, tinha-nos proposto uma aliança, e depois tinha ar de quem não tem coragem de entrar de noite no

Edifício.

- Então, Berengário? Ou Malaquias?

- Berengário parece-me que tem animo para lazer coisas deste gênero. No fundo, e co-responsável pela biblioteca, é roído pelo remorso de ter traído algum dos seus segredos, julgava que Venancio tinha tirado aquele livro e queria talvez repô-lo no lugar de onde veio. Não conseguiu subir, agora está escondendo o volume em qualquer parte, e poderemos apanhá-lo em flagrante, se Deus nos assistir, quando tentar repô-lo no seu lugar.

- Mas também poderia ser Malaquias, movido pelas mesmas intenções.

- Diria que não. Malaquias tinha tido todo o tempo que queria para rebuscar na mesa de Venancio quando ficou sozinho para fechar o Edifício. Eu sabia-o muito bem e não tinha meios de o evitar. Agora sabemos que não o fez. E, se refletires bem, não temos motivo para suspeitar que Malaquias soubesse que Venancio tinha entrado na biblioteca tirando de lá alguma coisa. Isto, sabem-no Berengário e Bêncio e sabemo-lo tu e eu. A seguir à confissão de Adelmo poderia sabê-lo Jorge, mas não era ele decerto o homem que se precipitava com tanto ímpeto pela escada de caracol...

- Então, ou Berengário ou Bêncio...

- E porque não Pacífico de Tivoli ou outro dos monges que aqui vimos hoje? Ou Nicolau, o vidreiro, que sabe dos meus óculos? Ou aquela bizarra personagem que é Salvador, que nos disseram que anda de noite sabe-se lá por que afazeres? Devemos prestar atenção em não restringir o campo dos suspeitos simplesmente porque as revelações de Bêncio nos orientaram numa única direção. Bêncio talvez quisesse contundir-nos.

- Mas pareceu-vos sincero.

- Decerto. Mas recorda-te que o primeiro dever de um bom inquisidor é o de suspeitar em primeiro lugar daqueles que te parecem sinceros.

- Péssimo trabalho o do inquisidor - disse eu.

- Por isso o abandonei. E, como vês, cabe-me retomá-lo. Mas vamos à biblioteca.

SEGUNDO DIA
NOITE

Onde se penetra finalmente no labirinto, se tem estranhas visões e, como acontece

nos labirinto, aí a gente se perde.

Voltamos ao scriptorium, desta vez pela escada oriental, que também subia ao andar proibido, com a candeia ao alto diante de nós. Eu pensava nas palavras de Alinardo sobre o labirinto e esperava coisas pavorosas.

Fiquei surpreso, quando emergimos no lugar onde não deveríamos ter entrado, ao encontrar-me numa sala de sete lados, não muito ampla, privada de janelas, em que reinava, como de resto em todo o andar, um forte odor a fechado ou a mofo. Nada de terrífico.

A sala, como disse, tinha sete paredes, mas só em quatro delas se abria entre duas colunazinhas encaixadas na parede, uma abertura, uma passagem bastante ampla encimada por um arco de volta inteira. Ao longo das paredes fechadas encostavam-se enormes armários, carregados de livros dispostos com regularidade. Os armários tinham uma etiqueta numerada, assim como cada uma das prateleiras: claramente, os mesmos números que tínhamos visto no catálogo. No meio da sala uma mesa, também ela repleta de livros. Sobre todos os volumes um véu bastante fino de poeira sinal de que os livros eram limpos com uma certa frequência. Pelo chão também havia qualquer sujeira. Por cima do arco de uma das portas, uma grande inscrição, pintada na parede, apresentava as palavras: *Apocalypsis Iesu Christi*. Não parecia esbatida, embora os caracteres fossem antigos. Aparentamos depois que, também nas outras salas, estas inscrições eram na verdade gravadas na pedra, e bastante profundamente e depois as cavidades tinham sido preenchidas com tinta, como se usa para pintar a fresco as igrejas.

Passamos por uma das aberturas. Encontramos-nos numa outra sala onde se abria uma janela, que no lugar dos vidros apresentava placas de alabastro, com duas paredes plenas e uma abertura, do mesmo tipo daquela por onde tínhamos acabado de passar, que dava para outra sala, a qual tinha, também ela, duas paredes plenas com uma janela, e uma outra porta que se abria diante de nós. Nas suas salas duas inscrições semelhantes na forma à primeira que tínhamos visto, mas com outras palavras. A inscrição da primeira dizia: *Super thronos viginti quatuor*, e a da segunda: *Nomen illi mors*. Quanto ao resto, embora as suas salas fossem mais pequenas do que aquela por onde tínhamos entrado na biblioteca (de fato, aquela era heptagonal e estas duas retangulares), o mobiliário era o mesmo: armários com livros e mesa central.

Acedemos à terceira sala. Esta não tinha livros nem inscrição. Sob a janela, um altar de pedra. Havia três portas, uma por onde tínhamos entrado, outra que dava para a sala heptagonal já visitada, uma terceira que nos introduziu numa nova sala, não diferente das outras, salvo pela inscrição, que dizia: *Obscuratus est sol et aer*. Daqui passava-se a uma nova sala, cuja inscrição dizia: *Facia est grandis et ignis*: era privada de outras portas, ou melhor, chegados àquela sala não se podia avançar e era preciso voltar para trás.

- Raciocinemos - disse Guilherme. - Cinco salas quadrangulares ou vagamente trapezoidais, com uma janela cada uma, que giram em torno de uma sala heptagonal sem janelas, a que é servida pela

escada. Parece-me elementar. Estamos no torreão oriental: cada torreão do exterior apresenta cinco janelas e cinco lados. A conta está certa. A sala vazia é precisamente a que está voltada a oriente, na mesma direção do coro da igreja; a luz do Sol ao amanhecer ilumina o altar, o que me parece justo e piedoso. A única idéia astuta parece-me a das placas de alabastro. De dia filtram uma bela luz, de noite não deixam transparecer sequer os raios lunares. Não é pois um grande labirinto. Agora vejamos onde levam as outras duas portas da sala heptagonal. Creio que nos orientaremos facilmente.

O meu mestre enganava-se, e os construtores da biblioteca tinham sido mais hábeis do que julgávamos. Não sei bem explicar o que aconteceu, mas ao abandonarmos o torreão a ordem das salas tornou-se mais confusa. Umas tinham duas portas, outras três. Todas tinham uma janela, mesmo aquelas por onde entrávamos partindo de uma sala com janela e pensando que íamos para o interior do Edifício. Cada uma delas tinha sempre o mesmo tipo de armários e de mesas, os volumes empilhados em boa ordem pareciam todos iguais e não nos ajudavam decerto a reconhecer o lugar num golpe de vista. Tentamos orientar-nos com as inscrições. Uma vez tínhamos atravessado uma sala em que estava escrito *In diebus illis* e depois de algumas voltas pareceu-nos que tínhamos ali voltado. Mas recordávamos que a porta em frente à janela introduzia uma sala em que estava escrito *Primogeni-tus mortuorum*, enquanto encontrávamos agora uma outra que dizia de novo *Apocalypsis Iesu Christi*, e não era a sala heptagonal de onde tínhamos partido. Este fato convenceu-nos que, por vezes, as inscrições se repetiam, eram iguais em salas diferentes. Encontramos duas salas com inscrição *Apocalypsis* uma a seguir à outra, e logo depois uma com *Cecidit de coelo stella magna*.

De onde provinham as frases das inscrições era evidente, tratava-se de versículos do Apocalipse de João, mas não era nada claro nem por que razão estavam pintadas nas paredes nem qual a lógica por que estavam dispostas. Para aumentar a nossa confusão, reparamos que algumas inscrições, não muitas, eram de cor vermelha em vez de negra.

A certa altura encontramos-nos de novo na sala heptagonal do ponto de partida (aquela era reconhecível, porque aí se abria a entrada da escada) e recomeçamos a mover-nos para a nossa direita, procurando seguir em frente de sala em sala. Passamos por três salas e depois achamo-nos diante de uma parede fechada. A única passagem introduzia numa única sala que só tinha uma outra porta, pela qual saímos, percorrendo mais quatro salas, e achamo-nos de novo diante de uma parede. Voltamos à sala precedente que tinha duas saídas, metemos por aquela que ainda não tínhamos tentado, passamos a uma nova sala e encontramos-nos na sala heptagonal do ponto de partida.

- Como se chamava a última sala onde voltamos para trás? - perguntou Guilherme.

Fiz um esforço de memória:

- Equus albus.

- Bem, é preciso encontrá-la de novo.

E foi fácil. Dali, se não se queria andar para trás, não havia senão que passar à sala dita Gratia vobis et pax, e dali, à direita, pareceu-nos encontrar uma nova passagem que não nos fizesse voltar para trás. Com efeito, encontramos outra vez In diebus illis y Primogenitus mortuorum (porém não eram as mesmas salas de pouco antes?), mas finalmente chegamos a uma sala que nos parecia que ainda não tínhamos visitado: Tenia pars terrae combusta est. Mas, naquele momento, já não sabíamos onde estávamos em relação ao torreão oriental.

Estendendo a candeia para a frente, aventurei-me até às salas seguintes, um gigante de proporções ameaçadoras, de corpo ondulado e flutuante como o de um fantasma, veio ao meu encontro.

- Um diabo! - gritei, e pouco faltou para me cair a candeia enquanto me voltava de repente e me refugiava nos braços de Guilherme.

Este tirou-me a candeia das mãos e, afastando-me, avançou com uma decisão que me pareceu sublime. Também ele viu qualquer coisa, porque recuou bruscamente. Depois avançou de novo e levantou a candeia. Desatou a rir.

- Verdadeiramente engenhoso. Um espelho!

- Um espelho?

- Sim, meu valente guerreiro. Lançaste-te com tanta coragem sobre um inimigo verdadeiro, a pouco no scriptorium, e agora assustas-te diante da tua imagem. Um espelho que te devolve a tua imagem aumentada e deformada.

Tomou-me pela mão e conduziu-me diante da parede fronteira à entrada da sala. Numa placa de vidro ondulado, agora que a candeia a iluminava mais de perto, vi as nossas duas imagens, grotescamente deformadas, que mudava nossa forma e altura conforme nos aproximávamos ou nos afastávamos dele.

- Deves ler algum tratado de óptica - disse Guilherme divertido -, como decerto leram os fundadores da biblioteca. Os melhores são os dos árabes. Alhazen compôs um tratado De aspectibus que com demonstrações geométricas precisas, falou da força dos espelhos.

Alguns deles, segundo o modo como é modulada a sua superfície, podemos aumentar as coisas mais minúsculas (e que outra coisa faz as minhas lentes?), outros fazem aparecer as imagens invertidas ou oblíquas. Ou mostram dois objetos em vez de um, e quatro em vez de dois. Outros ainda, como este, fazem de um anão um gigante ou de um gigante num anão.

- Jesus Senhor! - disse. - Então são estas as visões que alguém diz ter tido na biblioteca?

- Talvez. Uma idéia deveras engenhosa. - Leu as inscrições na parede, por cima do espelho: Super thronos viginti quator. - ali a encontramos, mas era uma sala sem espelho. E esta além do mais, não tem janelas nem é heptagonal. Onde estamos? - Olhou em seu redor e aproximou-se de um armário: - Adso, sem aqueles benditos oculi ad legendum não consigo compreender o que está escrito nestes livros. Lê-me alguns títulos.

Peguei num livro ao acaso:

- Mestre, não está escrito!

- Como? Veja o que está escrito, que lê?

- Não leio. Não são letras do alfabeto e não é grego, reconhecê-lo-ia. Parecem vermes, serpentezinhas, caganitas de moscas...

- Ah, é árabe. Há mais desses?

- Sim, alguns. Mas cá está um em latim, se Deus quiser. Al... Al Kuwarizmi, Tabúlete.

- As tábuas astronômicas de Al Kuwarizmi, traduzidas por Abelardo de Bath! Obra raríssima! Continua.

- Isa ibn Ali, De oculis, Alkindi, De radiis stellatis...

- Olha agora sobre a mesa.

Abri um grande volume que estava sobre a mesa, um De bes-tiis. Calhou-me uma página finamente iluminada, onde estava representado um belíssimo unicórnio.

- Bela obra - comentou Guilherme, que conseguia ver bem as imagens. - E aquilo?

- Liber monstruorum de diversis generibus. Também este com belas imagens, mas parecem-me mais antigas.

Guilherme inclinou o rosto sobre o texto:

- Iluminado por monges irlandeses, há pelo menos cinco séculos. O livro do unicórnio é, pelo contrário, mais recente, parece-me feito à maneira dos franceses.

Mais uma vez admirei a sabedoria do meu mestre. Entramos na sala a seguir e percorremos as quatro salas seguintes, todas com janelas e todas cheias de volumes em línguas desconhecidas e mais alguns textos de ciências ocultas, e chegamos a uma parede que nos obrigou a voltar para trás, porque as últimas cinco salas penetravam umas nas outras sem consentir outras saídas.

- Pela inclinação das paredes, devemos estar no pentágono de outro torreão - disse Guilherme - talvez nos enganemos.

- Mas as janelas? - disse. - Como podem existir tantas janelas? Impossível que todas as salas dêem para o exterior.

- Esqueces o poço central, muitas daquelas que vimos são janelas que dão para o octógono do poço. Se fosse de dia, a diferença da luz dir-nos-ia quais são as janelas exteriores e quais as interiores, e talvez até nos revelasse a posição da sala em relação ao Sol. Mas de noite não se percebe nenhuma diferença. Voltemos para trás.

Voltamos de novo à sala do espelho e viramos para a terceira porta, pela qual nos parecia que ainda não tínhamos passado. Vimos diante de nós uma fileira de três ou quatro salas, e perto da última avistamos um clarão.

- Está aqui alguém! - exclamei com voz sufocada.

- Se está, já se apercebeu da nossa candeia - disse Guilherme cobrindo todavia a chama com a mão.

Detivemo-nos por um ou dois minutos. O clarão continuava a oscilar levemente, mas sem se tornar mais forte ou mais fraco.

- Talvez seja apenas uma lâmpada - disse Guilherme -, daquelas que se põem para convencer os monges de que a biblioteca é habitada -, mas não há a sala heptagonal central, pelas almas dos defuntos. Mas é preciso saber. Tu fica aqui cobrindo a candeia, eu vou à frente com cautela.

Ainda envergonhado pela triste figura que fizera diante do espelho, quis redimir-me aos olhos de Guilherme:

- Não vou eu - disse - e vós ficais aqui. Avançarei com cautela, sou mais pequeno e mais leve. Mal dê conta que não há perigo, chamo-vos.

Eu disse. Avancei através de três salas caminhando rente às paredes ágil como um gato (ou como um noviço que desce à cozinha a roubar queijo na despensa, empresa em que era perito em Melk). Cheguei à soleira da sala de onde provinha o clarão, bastante fraco, rastejando ao longo da parede atrás da coluna que servia de pé direito e espreitei para a sala. Não havia ninguém. Uma espécie de lâmpada estava pousada sobre a mesa acesa, e fumegava quase apagada. Não era uma candeia como a nossa parecia antes um turíbulo destapado, não tinha chama, mas uma cinza ligeira ardia queimando alguma coisa. Enchi-me de coragem e entrei. Sobre a mesa ao lado do turíbulo estava aberto um livro de cores vivas. Aproximei-me e distingui sobre a página quatro riscas de diversas cores, amarelo, vermelho, azul-turquesa e terra-queimada. Apresentava um animal, horrível de ver, um grande dragão de dez cabeças que arrastava com a causa as estrelas do céu e as fazia precipitar sobre a terra. E repentinamente vi que o dragão se multiplicava, e as escamas da sua pele se tornavam como uma selva de estilhaços rutilantes que se soltaram da folha e vieram rodopiar à solta da minha cabeça. Inclinei-me para trás e vi o teto da sala que se inclinava e descia sobre mim, depois ouvi como um sibilo de mil serpentes, mas não medonho, quase sedutor, e apareceu uma mulher circundada de luz que aproximou o seu rosto do meu respirando-me para a cara. Afastei-a com as mãos estendidas, e pareceu-me que as minhas mãos tocavam os livros do armário em frente, ou que eles cresciam desmesuradamente. Já não me dava conta do lugar onde estava, e onde estava a terra e onde o céu. Vi no centro da sala Berengário, que me fixava com um sorriso odioso, transpirando luxúria. Cobri o rosto com as mãos, e as minhas mãos pareceram-me os membros de um sapo, viscosas e espalmadas. Gritei, creio, senti um sabor acidulado na boca, depois afundei-me numa escuridão infinita, que parecia abrir-se cada vez mais debaixo de mim, e não soube mais nada.

Acordei após um período que me pareceu de séculos, sentindo pancadas que me ressoavam na cabeça. Estava estendido no chão, e Guilherme dava-me bofetadas nas faces. Já não estava naquela sala, e os meus olhos distinguiram uma inscrição que dizia: Requiescant a laboribus suis.

- Vá, vá, Adso - sussurrava-me Guilherme. - Não é nada...

- As coisas... - disse ainda delirando. - Além, a besta...

- Não há besta nenhuma. Encontrei-te a delirar aos pés de uma mesa onde se encontrava uma belo apocalipse moçárabe, aberto na página da mulier amicta sole que enfrenta o dragão. Mas apercebi-me, pelo cheiro, que tu tinhas respirado alguma coisa de nocivo e tirei-te logo dali. Também a mim me dói a cabeça.

- Mas o que é que eu vi?

- Não viste nada. É que, ali, ardiam substancias capazes de provocar visões, reconheci o cheiro, é uma coisa dos árabes, talvez a mesma que o velho da montanha dava a cheirar aos seus assassinos antes de os impelir para as suas empresas. E assim explicamos o mistério das visões. Alguém põe ervas mágicas durante a noite para convencer os visitantes importunos que a biblioteca está protegida por presenças diabólicas. Que sentiste, afinal?

Confusamente, por aquilo que recordava, contei-lhe a minha visão e Guilherme riu:

- Metade era a ampliação daquilo que tinhas distinguido no livro e na outra metade deixavas falar os teus desejos e os teus receios. Esses são os efeitos que ativam tais ervas. Amanhã é preciso falar disso com Severino, creio que sabe mais do que quer fazer-nos crer. São ervas, apenas ervas, sem necessidade daquelas preparações necromanticas de que nos falava o vidreiro. Ervas, espelhos... Este lugar da sapiência interdita é defendido por muitas e sapientíssimas invenções. A ciência usada para ocultar em vez de iluminar. Não me agrada. Uma mente perversa preside à Santa defesa da biblioteca. Mas foi uma noite pesada, temos de sair, por agora. Tu estás atordoado e tens necessidade de água e de ar fresco. Inútil tentar abrir estas janelas, demasiado altas e fechadas talvez há dezenas de anos. Como puderam pensar que Adelmo se tenha atirado daqui?

Sair, disse Guilherme. Como se fosse fácil. Sabíamos que a biblioteca era acessível de um único torreão, o oriental. Mas onde estávamos naquele momento? Tínhamos perdido completamente a orientação. A volta que demos, errando com o temor de nunca mais sairmos daquele lugar, eu sempre vacilante e acometido por acessos de vômitos, Guilherme bastante preocupado comigo e despeitado com a pequenez da sua ciência, deu-nos, ou melhor, deu-lhe a ele, uma idéia para o dia seguinte. Deveríamos voltar à biblioteca, admitindo que alguma vez dela saíssemos, com um tição de madeira queimada, ou outra substancia capaz de deixar sinais nas paredes.

- Para encontrar a saída de um labirinto - recitou de fato Guilherme - não há senão um meio. Ao chegar a cada novo nó, ou seja, nunca visitado antes, o percurso de chegada será distinguido com três sinais. Se se observar sinais em algum dos caminhos do nó, sele indicará que o mesmo já foi visitado, e então só marcará um único sinal no percurso de chegada. Se todas as passagens já tiverem sido marcadas então será preciso refazer o caminho, voltando para trás. Mas, se uma ou duas passagens do nó ainda não tiverem sinais, escolher-se-á uma qualquer, aplicando-lhe dois sinais. Encaminhando-se por uma passagem que tem um único sinal, aplicar-lhe-emos outros dois, de modo que, agora, aquela passagem tenha três. Todas as partes do labirinto deveriam ter sido percorridas se, chegando a um nó, nunca se seguir a passagem com três sinais, a menos que já nenhuma das outras passagens esteja privada de sinais...

- Como sabeis? Sois perito em labirintos?

- Não, recito de um texto antigo que uma vez li.

- E, segundo essa regra, sai-se?

- Quase nunca, que eu saiba. Mas tentaremos na mesma. E depois, nos próximos dias, terei lentes e terei tempo para me deter melhor sobre os livros. Pode ser que lá onde o percurso das inscrições nos confunde, o dos livros nos dê uma regra.

- Tereis as lentes? Como fareis para as encontrar?

- Eu disse que terei lentes. Farei outras. Creio que o vidreiro não espera senão uma ocasião desse gênero para fazer uma nova experiência. Se tiver os utensílios adequados para lapidar cacos. Quanto aos cacos, naquela oficina há muitos.

Enquanto vagueávamos procurando caminho, de repente, no centro de uma sala, senti acariciarem-me o rosto com uma mão invisível, enquanto um gemido, que não era humano nem era

animal, ecoava naquele espaço e no seguinte, como se um espectro vagueasse de sala em sala. Devia estar preparado para as surpresas da biblioteca, mas, uma vez mais, aterrorizei-me e dei um salto para trás. Também Guilherme devia ter tido uma experiência semelhante à minha, porque tocava a face, levantando a candeia e olhando em seu redor.

Ele ergueu uma mão, depois examinou a chama que parecia agora mais viva, depois umedeceu um dedo e manteve-o direito diante de si.

- É claro - disse depois, e mostrou-me dois pontos, em duas paredes opostas, à altura de um homem. Abriam-se aí duas seteiras estreitas, e, aproximando delas a mão, podia sentir-se o ar frio que provinha do exterior. Aproximando depois o ouvido sentia-se um zumbido, como se de fora agora soprasse vento. - A biblioteca devia ter também um sistema de ventilação - disse Guilherme -, de contrário a atmosfera seria irrespirável, especialmente no Verão. Além disso, estas seteiras também fornecem uma justa dose de umidade, a fim de que os pergaminhos não sequem. Mas a habilidade dos fundadores não ficou por aqui. Dispondo as seteiras segundo certos ângulos, asseguraram que, nas noites de vento, a aragem que penetra por estas aberturas se cruze com outra aragem e se adense pela fileira das salas, produzindo os sons que ouvimos. Os quais, unidos aos espelhos e às ervas, aumentam o temor dos incautos que aqui penetram, como nós sem conhecer bem o lugar. E nós próprios pensamos por um momento que eram fantasmas que respiravam para a cara. Só nos demos conta agora, porque só agora se levantou o vento. E também este mistério está resolvido. Mas com tudo isto não sabemos ainda como sair!

Assim falando vagueávamos no vazio, já perdidos, sem o cuidado de ler as inscrições que apareciam todas iguais. Caímos numa nova sala heptagonal, giramos pelas salas vizinhas, não encontramos qualquer saída. Voltamos para trás, caminhamos durante quase uma hora, renunciando a saber onde estávamos. A certa altura, Guilherme decidiu que estávamos derrotados, não nos restava senão pormo-nos a dormir nalguma sala e esperar que no dia seguinte Malaquias nos encontrasse. Enquanto nos lamentávamos pelo miserável fim da nossa bela empresa, encontramos inopinadamente a sala de onde partia a escada. Agradecemos com fervor ao céu e descemos com grande alegria.

Uma vez na cozinha, lançamo-nos para a chaminé, entramos no corredor do ossário, e juro que o esgar mortífero daquelas cabeças nuas me pareceu o sorriso de pessoas queridas. Reentramos na igreja e saímos pelo portal setentrional, sentando-nos enfim felizes sobre as lajes de pedra dos túmulos. O ar belíssimo da noite pareceu-me um bálsamo divino. As estrelas brilhavam à nossa volta, e as visões da biblioteca pareceram-me bastante longínquas.

- Como é belo o mundo e como são feios os labirintos! - disse aliviado.

- Como seria belo o mundo se houvesse uma regra para andar nos labirintos - respondeu o meu mestre.

- Que horas serão? - perguntei.

- Perdi a noção do tempo. Mas será bom encontrarmo-nos nas nossas celas antes que toquem a matinas.

Costeamos o lado esquerdo da igreja, passamos diante do portal (voltei-me para o outro lado para não ver os velhos do Apocalipse, super thronos viginti quatuor!) e atravessamos o claustro para chegar ao albergue dos peregrinos.

Na soleira da construção estava o Abade, que nos olhou com severidade.

- Procurei-vos toda a noite - disse a Guilherme. - Não vos encontrei na cela, não vos encontrei na igreja...

- Seguíamos uma pista... - disse vagamente Guilherme, com visível embaraço.

O Abade fixou-o longamente, depois disse com voz lenta e severa:

- Procurei-vos logo depois de completas. Berengário não estava no coro.

- Que coisa me estais dizendo? - fez Guilherme com ar hilário. De fato tornava-se-lhe agora claro quem se tinha aninhado no scriptorium.

- Não estava no coro a completas - repetiu o Abade -, e não voltou para a sua cela. Vão tocar a matinal, e veremos agora se reaparece. De contrário, temo alguma nova desgraça.

A matinal, Berengário não estava.

TERCEIRO DIA DE LAUDAS A PRIMA

Onde se encontra um pano sujo de sangue na cela de Berengário, desaparecido, e é tudo.

Enquanto escrevo sinto-me cansado, como me sentia naquela noite, ou melhor, naquela manhã. Que dizer? Depois do ofício, o Abade incitou a maior parte dos monges, já em alarme, a procurar por toda a parte, sem resultado.

Quando estavam para chamar as laudas, procurando na cela de Berengário, um monge encontrou debaixo do enxergão um pano branco sujo de sangue. Mostraram-no ao Abade, que viu nele tenebrosos auspícios. Estava presente Jorge, que, ao ser informado, disse: «Sangue!», como se a coisa lhe parecesse inverossímil. Disseram-no a Alinardo, que abanou a cabeça e disse:

- Não, não, à terceira trombeta a morte vem pela água...

Guilherme observou o pano e depois disse:

- Agora tudo é claro.

- Então, onde está Berengário? - perguntaram-lhe.

- Não sei - respondeu.

Ouviu-o Aymaro, que elevou os olhos ao céu e sussurrou a Pedro de Sant Albano:

- Os ingleses são assim.

Cerca de prima, quando já não havia sol, foram enviados servos a explorar os pés da escarpa, a toda a volta das muralhas. Voltaram a terça, não tendo encontrado nada.

Guilherme disse-me que não podíamos ter feito melhor. Era preciso esperar os eventos. E dirigiu-se à forja entretendo-se em cerrada conversa com Nicolau, o mestre vidreiro.

Eu sentei-me na igreja, junto ao portal central, enquanto se celebravam as missas. Assim devotamente adormeci, e longo tempo, porque parece que nós, jovens, temos mais necessidade de sono que os velhos, que já dormiram tanto e se preparam para dormir pela eternidade.

TERCEIRO DIA TERÇA

Onde Adso reflete no scriptorium sobre a história da sua ordem e sobre o destino dos livros.

Saí da igreja menos cansado mas com a mente confusa, porque o corpo não goza um repouso tranqüilo senão nas horas noturnas. Subi ao scriptorium, pedi licença a Malaquias e comecei a folhear o catálogo. E enquanto lançava olhares distraídos às folhas que me passavam debaixo dos olhos, observava na realidade os monges.

Fiquei impressionado com a calma e com a serenidade com que eles estavam absorvidos pelo seu trabalho, como se um seu irmão não fosse afanosamente procurado por todo o recinto e outros dois não tivessem já desaparecido em circunstâncias pavorosas. Aqui se vê disse para comigo, a grandeza da nossa ordem: durante séculos e séculos homens como estes viram irromper as turbas dos bárbaros, saquear as suas abadias, precipitar os reinos em vértices de fogo, e todavia continuaram a ler a meia voz palavras que se transmitiam há séculos e que eles transmitiam aos séculos vindouros. Continuaram a ler e a copiar quando, se aproximava o milênio, porque não haviam de continuar a fazê-lo agora?

No dia anterior, Bêncio tinha dito que estaria disposto a cometer um pecado para ter um livro raro. Não mentia nem gracejava. Um monge deveria decerto amar os seus livros com humildade, querendo o seu bem e não a glória da sua própria curiosidade: mas aquilo que é para os leigos a tentação do adultério e para os eclesiásticos seculares a ambição de riquezas é, para os monges, a sedução do conhecimento.

Folhee o catálogo e dançou diante dos meus olhos uma festa de títulos misteriosos: *Quinti Serení de medicamentis*, *Phaenomena*, *Líber Aesopi de natura animalium*. *Líber Aethici peronymi de cosmographia*, *Libri tres quos Arculphus episcopus Adamnano excipiente de loas sanctis ul-tramarínis designavit conscribendos*, *Libellus Q. Iulii Hilaríonis de origine mundi*, *Solini Polyhisíor de situ orbis terrarum et mirabili-bus*, *Almagestus*..... Não me espantava que o mistério dos delitos girasse à volta da biblioteca. Para estes homens votados à escrita, a biblioteca era ao mesmo tempo a Jerusalém celeste e um mundo subterrâneo nos confins entre a terra incógnita e os infernos. Eles eram dominados pela biblioteca, pelas suas promessas e pelos seus interditos. Viviam com ela, por ela e talvez contra ela, na esperança culpável de violar

um dia todos os seus segredos. Porque não haviam de se arriscar à morte para satisfazer uma curiosidade da sua mente, ou matar para impedir que alguém se apropriasse de um seu segredo cuidadosamente guardado?

Tentações, decerto, soberba da mente. Bem diverso era o monge escrivão imaginado pelo nosso santo fundador, capaz de copiar sem compreender, abandonado à vontade de Deus, escrevente porque orante e orante enquanto escrevente. Porque já não era assim? Oh, não eram decerto apenas aquelas as degenerescências da nossa ordem! Tinha-se tornado demasiado poderosa, os seus abades rivalizavam com os reis, não tinha acaso em Abbone o exemplo de um monarca que com ar de monarca procurava resolver controvérsias entre monarcas? O próprio saber que as abadias tinham acumulado era agora usado como moeda de troca, razão de soberba, motivo de ostentação e prestígio; tal como os cavaleiros ostentavam armaduras e estandartes, os nossos abades ostentavam códices iluminados... E tanto mais (loucura!) quanto agora os nossos mosteiros tinham perdido até a palma da sabedoria: agora as escolas catedrais, as corporações urbanas, as universidades copiavam livros, talvez mais e melhor do que nós, e produziam-nos novos - e talvez fosse esta a causa de tantas desventuras.

A abadia em que me encontrava talvez fosse ainda a última a ostentar uma certa excelência na produção e reprodução da sabedoria. Mas, talvez precisamente por isso, os seus monges já não se satisfaziam com a obra santa da cópia, queriam também eles produzir novos complementos da natureza, impelidos pela cobiça de coisas novas. E não se apercebiam, intuí confusamente naquele momento (e sei-o bem hoje, já encanecido pelos anos e pela experiência), que, assim fazendo, eles sancionavam a ruína da sua excelência. Porque, se aquele novo saber que eles queriam produzir refluísse livremente para fora daquelas muralhas, nada mais distinguiria aquele sagrado lugar de uma escola catedral ou de uma universidade citadina. Permanecendo oculto, pelo contrário, mantinha intactos o seu prestígio e a sua força, não era corrompido pela disputa, pela arrogância quodlibetal que quer submeter ao exame do sic et non todo o mistério e toda a grandeza. Eis, disse para comigo, as razões do silêncio e da obscuridade que circundam a biblioteca, ela é reserva de saber mas só pode manter esse saber intacto se impedir que chegue a qualquer um, até aos próprios monges. O saber não é como a moeda, que permanece fisicamente íntegra mesmo através das trocas mais infames: ele é antes, como um fato belíssimo, que se consome através do uso e da ostentação. Não é assim de fato o próprio livro, cujas páginas se esfurelam, cujas tintas e ouros se tornam opacos se demasiadas mãos lhe tocam? Aí está, via a pouca distância de mim Pacífico de Tivoli, que folheava um volume antigo cujas folhas se tinham como que colado umas às outras devido à umidade. Molhava o indicador e o polegar com a língua para folhear o seu livro, e a cada toque da sua saliva aquelas páginas perdiam vigor, abri-las queria dizer dobrá-las, oferecê-las à severa ação do ar e do pó, que roeriam as finas veias em que o pergaminho se encrespava no esforço e produziriam novos mofos lá onde a saliva tinha amolecido mas enfraquecido o canto da folha. Como um excesso de doçura torna mole e inábil o guerreiro, este excesso de amor possessivo e curioso predisporia o livro à doença

destinada a matá-lo.

Que se deveria fazer? Cessar de ler, somente conservar? Eram justos os meus temores? Que diria o meu mestre?

Vi, não muito longe, um rubricador, Magnus de Iona, que tinha acabado de esfregar o seu velo com a pedra-pomes e o amolecia com o gesso, para depois lhe alisar a superfície com a plaina. Um outro a seu lado, Rábano de Toledo, tinha fixado o pergaminho à mesa, marcando-lhe as margens com pequenos furos laterais de ambos os lados, entre os quais agora riscava com um estilete metálico linhas horizontais finíssimas. Dentro em pouco as duas folhas encher-se-iam de cores e de formas, a página tornar-se-ia como um relicário, fúlgida de gemas encastoadas naquele que seria depois o tecido devoto da escritura. Aqueles dois irmãos disse para comigo, estão vivendo as suas horas de paraíso na terra. Estavam produzindo novos livros, iguais àqueles que o tempo havia depois de destruir inexoravelmente... Portanto, a biblioteca não podia ser ameaçada por nenhuma força terrena, era portanto uma coisa viva... Mas, se era viva, porque não devia abrir-se ao risco do conhecimento? Era isto o que queria Bêncio e, provavelmente, o que tinha querido Venancio?

Senti-me confuso e temeroso com os meus pensamentos. Talvez eles não conviessem a um noviço que devia apenas seguir com escrúpulo e humildade a regra durante os anos futuros - o que depois fiz, sem me pôr outras perguntas, enquanto à minha volta o mundo se afundava numa tempestade de sangue e de loucura.

Era a hora da refeição matinal, e dirigi-me à cozinha, onde já me tinha tornado amigo dos cozinheiros, que me deram alguns dos melhores bocados.

TERCEIRO DIA SEXTA

Onde Adso recebe as confidências de Salvador, que não se podem resumir em poucas palavras, mas que lhe inspiram muitas e preocupantes meditações.

Enquanto comia vi, evidentemente reconciliado com o cozinheiro, Salvador, que a um canto devorava com satisfação um pastel de carne de ovelha. Comia como se nunca tivesse comido na sua vida, sem deixar cair sequer uma migalha, e parecia dar graças a Deus por aquele fato extraordinário.

Piscou-me o olho e disse-me, na sua linguagem bizarra, que comia por todos aqueles anos em que tinha jejuado. Interroguei-o. Contou-me a sua infância penosa numa aldeia em que os ares eram maus, as chuvas muito freqüentes e os campos apodreciam enquanto tudo era viciado por mortíferos miasmas. Houve, assim o entendi, aluviões durante estações e estações, a ponto de os campos já não terem regos e com um moio

de semente se fazer um sesteiro, e depois o sesteiro ainda se reduzia a quase nada. Até os senhores tinham rostos brancos como os pobres, embora, observou Salvador, os pobres morressem mais do que os senhores, talvez (observou com um sorriso) porque eram em maior número... Um sesteiro custava quinze soldos, um moio sessenta soldos, os pregadores anunciavam o fim dos tempos, mas os pais e os avós de Salvador recordavam-se que também tinha sido assim de outras vezes, de modo que daí tinham tirado a conclusão que os tempos estavam sempre para acabar. E assim, quando haviam comido todas as carcaças das aves e todos os animais imundos que se podiam encontrar, correu voz que alguém na aldeia começava a desenterrar os mortos. Salvador explicava com muita habilidade, como se fosse um histrião, como costumavam fazer aqueles «homeni malissimi», que escavavam com os dedos debaixo da terra, nos cemitérios, no dia seguinte às exéquias de alguém. «Gnam!», dizia, e cravava os dentes no seu pastel de ovelha, mas eu via no seu rosto o trejeito do desesperado que comia o cadáver. E depois, não contentes com escavar em terra consagrada, uns piores do que os outros, como ladrões de estrada, agachavam-se na floresta e surpreendiam os viandantes. «Zás!», dizia Salvador, a faca na garganta, e «Gnam!» E os piores de todos atraíam as crianças com um ovo ou uma maçã e davam cabo delas, mas, como Salvador me precisou com muita seriedade, cozendo-as primeiro. Contou o caso de um homem que foi à aldeia vender carne cozida por pouco dinheiro, e ninguém conseguia capacitar-se de tamanha sorte; depois o padre disse que se tratava de carne humana, e o homem foi desfeito em pedaços pela multidão enfurecida. Mas, nessa mesma noite, um qualquer da aldeia foi escavar a fossa do morto e comeu das carnes do canibal, de modo que, quando foi descoberto, a aldeia condenou-o também à morte.

Mas Salvador não me contou só esta história. Com palavras truncadas, empenhando-me eu em recordar o pouco que sabia de provençal e de dialetos italianos, contou-me a história da sua fuga da aldeia natal e o seu vagabundear pelo mundo. E no seu relato reconheci muitos que já tinha conhecido ou encontrado ao longo do caminho, e muitos outros que conheci depois reconheço-os agora, de modo que não tenho a certeza de não lhes atribuir, à distância no tempo, aventuras e delitos que foram de outros, antes dele e depois dele, e que, agora, na minha mente cansada, se aplanam para desenhar uma única imagem precisamente pela força da imaginação que, unindo a recordação do ouro à do monte, sabe compor a idéia de uma montanha de ouro.

Freqüentemente durante a viagem tinha ouvido Guilherme nomear os simples, termo com que alguns dos seus irmãos designavam não só o povo mas ao mesmo tempo os iletrados. Expressão que me pareceu sempre genérica, porque nas cidades italianas tinha encontrado homens de comércio e artesãos que não eram clérigos mas que não eram iletrados, embora os seus conhecimentos se manifestassem através do uso da língua vulgar. E, devo dizer, alguns dos tiranos que governavam naquele tempo a península eram ignorantes em ciência teológica, e médica, e lógica, e em latim, mas não eram decerto simples ou ingênuos. Por isso, creio que também o meu mestre, quando falava dos simples, usava um conceito bastante simples. Mas, indubitavelmente, Salvador era

um simples, vinha de uma terra castigada, durante séculos, pela penúria e pelas prepotências dos senhores feudais. Era um simples mas não era um tolo. Aspirava a um mundo diverso, que, no tempo em que fugiu de casa dos seus, pelo que me disse, assumia o aspecto do país de Cocanha, onde, das árvores que transpiram mel, crescem formas de queijo e salpicões perfumados.

Impelido por esta esperança, como se se recusasse a reconhecer este mundo como um vale de lágrimas, em que (como me ensinaram) até a injustiça foi predisposta pela providência para manter o equilíbrio das coisas, cujos desígnios freqüentemente nos escapam, Salvador viajou por várias terras, do seu Monferrate natal até à Ligúria, e subindo depois da Provença às terras do rei de França.

Salvador vagueou pelo mundo, mendigando, roubando aqui e ali, fingindo-se doente, pondo-se ao serviço transitório de algum senhor, seguindo de novo a via da floresta, da estrada principal. Pelo relato que me fez, vi-o associado àqueles bandos de vadios que depois, nos anos que se seguiram, vi cada vez mais vaguear pela Europa: falsos monges, charlatões, embusteiros, corcundas, pedintes e maltrapilhos, leprosos e estropiados, andarilhos, vagabundos, cantores ambulantes, clérigos sem pátria, estudantes itinerantes, batoteiros, malabaristas, mercenários inválidos, judeus errantes, escapados aos infiéis com o espírito incapacitado, loucos, fugitivos do degredo, malfeitores de orelhas cortadas, sodomitas, e entre eles artesãos ambulantes, tecelões, caldeireiros, cadeireiros, amoladores, empalhadores, pedreiros, e ainda canalhas de toda a espécie, batoteiros, malandros, malandrões, patifes, velhacos, guiões, burlões, zés-ninguém, pedintes, e canônicos e padres simomacos, e aldrabões e gente que então vivia à custa da credulidade alheia, falsários de bulas e selos papais, vendedores de indulgências, falsos paralíticos que se deitavam à porta das igrejas, vadios em fuga dos conventos, vendedores de relíquias, perdoadores, adivinhos e quiromantes, necromantes, curandeiros, falsos mendigos, e fornicadores de toda a espécie, corruptores de monjas e de raparigas com enganos e violências, simuladores de hidropisia, epilepsia, hemorróidas, gota e chagas, e até de loucura melancólica. Havia-os que aplicavam emplastros pelo corpo para fingirem úlceras incuráveis, outros que enchiam a boca com uma substância cor de sangue para simularem escarros de tísica, patifes que fingiam ser débeis de um dos membros, usando bengalas sem necessidade e imitando a epilepsia, sarnas, bubões, inchaços, aplicando vendas, tinturas de açafraão, usando ferros nas mãos, faixas na cabeça, enfiando-se fedorentos nas igrejas e deixando-se cair de repente nas praças, cuspidos baba e revirando os olhos, deitando pelas narinas sangue feito de sumo de amoras e vermelhão, para arrancar comida ou dinheiro às gentes atemorizadas que recordavam os convices dos santos padres à esmola: divide com o esfomeado o teu pão, leva para casa quem não tem teto, visitemos Cristo, acolhamos Cristo, vistamos Cristo, porque como a água purga o fogo assim a esmola purga os nossos pecados.

Mesmo depois dos fatos que narro, ao longo do curso do Danúbio, vi e ainda vejo muitos destes charlatões, que tinham os seus nomes e as suas subdivisões em legiões,

como os demônios: capões, lotori, protomédicos, pauperes verecundi, cangalheiros, esfomeados, cruzeiros, chagados, relicários, enfatinhados, apalpadores, incchi specrini, cochini, esfarrapados e atarantados, acconi e admiracti, muruadores, tremelicantes, vira-latas, falsos-bordões, desdentados, lacrimějantes e farsantes.

Era como um lodo que escorria pelas veredas do nosso mundo, e entre eles insinuavam-se pregadores de boa-fé, hereges à procura de novas presas, agitadores de discórdia. Tinha sido precisamente o papa João, sempre temeroso dos movimentos dos simples que pregassem e praticassem a pobreza, que se tinha lançado contra os pregadores mendicantes, que, segundo ele, atraíam os curiosos arvorando estandartes pintados com figuras, pregavam e extorquiam dinheiro. Estaria o papa simoniaco e corrupto, na verdade, quando equiparava frades mendicantes, que pregavam a pobreza, a estes bandos de deserdados e de rapinadores? Eu, naqueles dias, depois de ter viajado um pouco pela península italiana, já não tinha as idéias claras: tinha ouvido frades de Altopascio que, pregando, ameaçavam excomunhões e prometiam indulgências, absolviam de roubos e fratricídios, de homicídios e perjúrios contra o desembolso de dinheiro, davam a entender que no seu hospital se celebravam por dia até cem missas, para as quais recolhiam doações, e que, com os seus bens, dotavam duzentas raparigas pobres. E tinha ouvido falar de frade Paulo Coxo, que na floresta de Rieri vivia como eremita e se gabava de ter tido diretamente do Espírito Santo a revelação de que o ato carnal não era pecado: assim, seduzia as suas vítimas, que chamava suas irmãs, obrigando-as a entregar ao açoite a carne nua, fazendo em terra cinco genuflexões em forma de cruz, antes de apresentar as suas vítimas a Deus e de pretender delas aquilo a que chamava o beijo da paz. Mas seria verdade? E que coisa ligava estes eremitas, que se diziam iluminados, aos frades da vida pobre que percorriam as estradas da península fazendo verdadeiramente penitência, malvistas pelo clero e pelos bispos cujos vícios e roubos fustigavam?

Pelo relato de Salvador, tal como se misturava com as coisas que eu já sabia por mim, estas distinções não apareciam à luz do dia: tudo parecia igual a tudo. Por vezes parecia-me um daqueles pedintes aleijados de Turena de que fala a fábula, os quais, ao aproximarem-se dos despojos milagrosos de São Martinho, se puseram em fuga temendo que o santo os curasse, tirando-lhes assim a fonte dos seus lucros, e o santo, sem piedade, agraciou-os antes de chegarem à fronteira, punindo-os da sua malvadez ao restituir-lhes o uso dos membros. Outras vezes, pelo contrário, o rosto ferido do monge iluminava-se de luz dulcíssima quando me contava como, vivendo entre aqueles bandos, tinha escutado a palavra dos pregadores franciscanos, como ele clandestinos, e tinha compreendido que a vida pobre e errante que levava não devia ser tomada como uma sombria necessidade mas como um gesto alegre de dedicação, e tinha começado a fazer parte de seitas e grupos penitenciais cujos nomes estropiava e cuja doutrina definia de modo bastante impróprio. Dai deduzi que tinha encontrado patarinos e valdenses, e talvez cátaros, arnaldistas e humilhados, e que, vagueando pelo mundo, tinha passado de grupo em grupo, assumindo gradualmente como missão a sua condição de errante e

fazendo pelo Senhor aquilo que antes fazia pelo seu ventre.

Mas como e até quando? Pelo que compreendi, uns trinta anos antes, ele tinha-se agregado a um convento de menoritas na Toscana e aí tinha endossado o saio de São Francisco, sem tomar ordens. Ali, creio, tinha aprendido o pouco latim que falava, misturando-o com os falares de todos os lugares em que, pobre sem pátria, tinha estado e de todos os companheiros de vagabundagem que tinha encontrado, desde os mercenários das minhas terras aos bogomilos dálmatas. Ali se tinha entregue a uma vida de penitência, dizia (penitenciagite, citava-me com olhos inspirados, e de novo ouvi a fórmula que tinha intrigado Guilherme), mas, segundo parece, também os frades menores junto de quem estava tinham idéias confusas, porque, irados contra o canônico da igreja vizinha, acusado de roubos e outras ações nefandas, invadiram-lhe um dia a casa e fizeram-no rolar pelas escadas, de maneira que o pecador morreu, e depois saquearam a igreja. Por isto, o bispo enviou homens armados, os frades dispersaram-se, e Salvador vagueou longo tempo pela alta Itália com um bando de fraticelli, ou melhor, de menoritas mendicantes sem outra lei ou disciplina.

Refugiou-se então na região de Toulouse, onde lhe aconteceu uma estranha história, enquanto se inflamava ao ouvir o relato das grandes empresas dos cruzados. Uma massa de pastores e de gente humilde, em grande procissão, reuniu-se um dia para atravessar o mar e combater contra os inimigos da fé. Chamaram-lhes pastorelli. De fato, o que eles queriam era fugir da sua terra maldita. Havia dois chefes, que lhes inculcaram falsas teorias, um sacerdote, que tinha sido privado da sua igreja devido à sua conduta, e um monge apóstata da ordem de São Bento. Estes tinham feito perder a cabeça àqueles ingênuos a tal ponto que, correndo em bandos atrás deles, até rapazes de dezesseis anos, contra a vontade dos pais, levando consigo apenas uma sacola e um bordão, sem dinheiro, abandonando os campos, os seguiam como um rebanho e formavam uma grande multidão. Então, já não seguiam nem a razão nem a justiça, mas apenas a força e a sua vontade. Encontraram-se todos juntos, finalmente livres e com uma obscura esperança de terras prometidas, como que os embriagou. Percorriam as aldeias e as cidades apoderando-se de tudo, e se um deles era preso assaltavam as prisões e libertavam-no. Quando entraram na fortaleza de Paris para fazer sair alguns dos seus companheiros que os senhores tinham mandado prender, pois que o preboste de Paris tentava opor resistência, feriram-no e atiraram-no pelos degraus da fortaleza e quebraram as portas do cárcere. Depois alinharam-se em posição de batalha no prado de Saint-Germain. Mas ninguém ousou fazer-lhes frente, e saíram de Paris dirigindo-se para a Aquitania. E matavam todos os judeus que iam encontrando e despojavam-nos dos seus bens...

- Porquê os judeus? - perguntei a Salvador.

E ele respondeu-me:

- E porque não?

E explicou-me que toda a vida tinham ouvido os pregadores que os judeus eram os inimigos da cristandade e acumulavam os bens que a eles lhes eram negados. Perguntei-lhe se não era porém verdade que os bens eram acumulados pelos senhores e pelos bispos, através das décimas, e que, portanto, os pastorelli não combatiam os seus verdadeiros inimigos. Respondeu-me que, quando os verdadeiros inimigos são demasiado fortes, é preciso então escolher inimigos mais fracos. Refleti que, por esse motivo, os simples são assim chamados. Só os poderosos sabem sempre com grande clareza quem são os seus verdadeiros inimigos. Os senhores não queriam que os pastorelli pusessem em perigo os seus bens, e foi portanto uma grande sorte para eles que os chefes dos pastorelli insinuassem a idéia de que muitas das riquezas estavam entre os judeus.

Perguntei quem tinha metido na cabeça à multidão que era preciso atacar os judeus. Salvador não se recordava. Creio que, quando se reúnem tais multidões seguindo uma promessa e pedindo de imediato alguma coisa, nunca se sabe quem fala no meio deles. Pensei que os seus chefes tinham sido educados nos conventos e nas escolas episcopais, e falavam a linguagem dos senhores, embora a traduzissem em termos compreensíveis a pastores. E os pastores não sabiam onde estava o papa, mas sabiam onde estavam os judeus. Em suma, tomaram de assalto uma alta e sólida torre do rei de França, onde os judeus, assustados, tinham acorrido a refugiar-se em massa. E os judeus que saíam por baixo das muralhas da torre defendiam-se corajosa e tenazmente, lançando lenha e pedras. Mas os pastorelli pegaram fogo à porta da torre, torturando os judeus barricados com o fumo e o fogo. Os judeus, não podendo salvar-se, preferindo matar-se a morrer às mãos dos não circuncisos, pediram a um deles, que parecia o mais corajoso, que os matasse com a espada. Ele consentiu, e matou quase quinhentos. Depois saiu da torre com os filhos dos judeus, e pediu aos pastorelli para ser batizado. Mas os pastorelli disseram-lhe: «Tu fizeste um tal massacre entre a tua gente e agora pretendes livrar-te da morte?», e fizeram-no em pedaços, poupando as crianças, que mandaram batizar. Depois dirigiram-se para Carcassonne, perpetrando muitas e sangrentas rapinas pelo caminho. Então o rei de França apercebeu-se que eles tinham passado os limites e ordenou que se lhes opusesse resistência em todas as cidades por onde passassem e se defendessem inclusivamente os judeus como se fossem homens do rei...

Porque é que o rei se tornou tão solícito para com os judeus naquela altura? Talvez por ter receio daquilo que os pastorelli poderiam fazer em todo o reino e que o seu número crescesse demasiado. Então sentiu ternura até pelos judeus, quer porque os judeus eram úteis ao comércio do reino quer porque agora era preciso destruir os pastorelli, e era necessário que todos os bons cristãos achassem razão para chorarem sobre os seus delitos. Mas muitos cristãos não obedeceram ao rei, pensando que não era justo defender os judeus, que sempre tinham sido inimigos da fé cristã. E em muitas cidades a gente do povo, que tivera de pagar usura aos judeus, sentia-se feliz, porque os pastorelli os puniam pela sua riqueza. Então, o rei ordenou sob pena de morte que não se desse ajuda aos pastorelli. Reuniu um numeroso exército e atacou-os, e muitos deles

foram mortos, outros escaparam pela fuga e refugiaram-se nas florestas, onde pereceram à mingua. Em pouco tempo foram todos aniquilados. E o representante do rei capturou-os e enforcou-os aos vinte e trinta de cada vez nas árvores mais altas, para que a vista dos seus cadáveres servisse de exemplo eterno e mais ninguém ousasse perturbar a paz do reino.

O fato singular é que Salvador me contou esta história como se se tratasse de uma virtuosíssima empresa. E, de fato, continuava convencido que a multidão dos pastorelli se tinha agitado para conquistar o sepulcro de Cristo e libertá-lo dos infiéis, e não me foi possível fazer-lhe crer que esta belíssima conquista já tinha sido feita, no tempo de Pedro, o Eremita e de São Bernardo e sob o reinado de Luís, o Santo, de França. De qualquer modo, Salvador não foi para a terra dos infiéis, porque teve de se afastar o mais depressa possível das terras francesas. Passou pela província de Novara, disse-me, mas sobre o que então aconteceu foi muito vago. E finalmente chegou a Casale, onde conseguiu que o acolhessem no convento dos menoritais (e creio que aqui tinha encontrado Remígio), precisamente no tempo em que muitos deles, perseguidos pelo papa, mudavam de saio e procuravam refúgio em mosteiros de outra ordem, para não acabarem por ser queimados. Como de fato nos tinha contado Ubertino. Por causa das suas longas experiências em muitos trabalhos manuais (que tinha feito com fins desonestos quando errava livremente e com fins santos quando errava por amor de Cristo), Salvador foi logo escolhido pelo despenseiro como seu ajudante. Eis porque há muitos anos estava naquele sitio, pouco interessado nos fatos da ordem, muito na administração da cave e da despensa, livre de comer sem roubar e de louvar o Senhor sem ser queimado.

Esta foi a história que dele ouvi, entre duas dentadas, e perguntei-me o que teria ele inventado e o que teria calado.

Olhei-o com curiosidade, não pela singularidade da sua experiência mas antes precisamente porque o que lhe tinha acontecido me parecia um epítome esplêndido de tantos eventos e movimentos que tornavam fascinante e incompreensível a Itália daquele tempo.

Que tinha emergido daquela conversa? A imagem de um homem de vida aventureira, capaz até de matar um seu semelhante sem dar conta do seu próprio delito. Mas, embora naquele tempo uma ofensa à lei divina me parecesse igual a qualquer outra, começava já a compreender alguns dos fenômenos de que ouvia falar, e compreendia que uma coisa é o massacre que uma multidão, arrebatada quase ao êxtase e trocando as leis do diabo pelas do Senhor, podia cometer, e outra coisa é o delito individual perpetrado a sangue-frio, no silêncio e na astúcia. E não me parecia que Salvador pudesse ter-se manchado com um crime semelhante.

Por outro lado, queria descobrir alguma coisa sobre as insinuações feitas pelo Abade,

e estava obcecado pela idéia de frei Dolcino, de quem não sabia quase nada. E no entanto o seu fantasma parecia adejar sobre muitas conversas que tinha ouvido naqueles dois dias.

Assim, perguntei-lhe à queima-roupa:

- Nas tuas viagens nunca conhecestes frei Dolcino?

A reação de Salvador foi singular. Arregalou os olhos, se acaso pudesse tê-los ainda mais arregalados, benzeu-se repetidas vezes, murmurou algumas frases entrecortadas, numa linguagem que daquela vez, verdadeiramente não entendi. Mas pareceram-me frases de negação. Até então tinha-me olhado com simpatia e confiança, diria com amizade. Naquele instante olhou-me quase com rancor. Depois, com um pretexto qualquer, foi-se embora.

A partir de agora não podia resistir mais. Quem era este frade que incutia terror a quem o ouvia nomear? Decidi que não podia ficar mais tempo subjugado pelo meu desejo de saber. Uma idéia me atravessou a mente. Ubertino! Ele próprio tinha pronunciado aquele nome, na primeira noite em que o encontramos, ele sabia tudo das vicissitudes claras e obscuras dos frades, fraticelli e outras raças daqueles últimos anos. Onde podia encontrá-lo aquela flora? Certamente na igreja, mergulhado na oração. E foi ali, visto que gozava de um momento de liberdade, que me dirigi.

Não o encontrei, e não o encontrei mesmo até à noite. E assim fiquei com a minha curiosidade, enquanto aconteciam os outros fatos que devo agora narrar.

TERCEIRO DIA NONA

Onde Guilherme fala a Adso do grande rio herético, da Junção dos simples na igreja, das suas dúvidas sobre a cognoscivilidade das leis gerais, e quase por acaso conta como decifrou os sinais necromânticos deixados por Venancio.

Encontrei Guilherme na forja, trabalhando com Nicolau, ambos bastante absorvidos pelo seu trabalho. Tinham disposto sobre o balcão muitos minúsculos discos de vidro, talvez já prontos para serem inseridos nas juntas de um vitral, e tinham reduzido alguns, com os instrumentos adequados, à espessura desejada. Guilherme experimentava-os, pondo-os diante dos olhos. Nicolau, por seu lado, estava dando instruções aos ferreiros para que construíssem a forquilha em que os vidros melhores deveriam ser depois encastoados.

Guilherme resmungava irritado, porque, até àquele momento, a lente que mais o satisfazia era cor de esmeralda, e ele, dizia, não queria ver os pergaminhos como se

fossem prados. Nicolau afastou-se para vigiar os ferreiros. Enquanto se atarefava com os seus pequenos discos, contei-lhe o meu diálogo com Salvador.

- O homem teve várias experiências - disse -, talvez tenha estado realmente com os dolcinianos. Esta abadia é um verdadeiro microcosmo; quando tivermos cá os legados do papa João e frei Miguel o quadro estará realmente completo.

- Mestre - disse-lhe -, eu já não compreendo nada.

- A propósito de quê, Adso?

- Primeiro, acerca das diferenças entre grupos heréticos. Mas isso pergunto-vos depois. Agora estou preocupado com o próprio problema da diferença. Tive a impressão de que, falando com Ubertino, vós tentastes demonstrar-lhe que são todos iguais, santos e hereges. E, ao invés, falando com o Abade, vós esforçáveis-vos por lhe explicar a diferença entre herege e herege, e entre herege e ortodoxo. Isto é, vos censuráveis a Ubertino que considerasse diferentes aqueles que no fundo eram iguais, e ao Abade que considerasse iguais aqueles que no fundo eram diferentes.

Guilherme pousou por um instante as lentes sobre a mesa.

- Meu bom Adso - disse -, procuremos fazer distinções, e distingamos então nos termos das escolas de Paris. Então, dizem por lá, todos os homens têm a mesma forma substancial, ou engano-me?

- Decerto - disse, orgulhoso do meu saber - são animais racionais e se distinguem por serem capazes de rir.

- Muito bem. Porém, Tomás é diferente de Boaventura, e Tomás é gordo enquanto Boaventura é magro, e até pode acontecer que Ugaccione seja mau enquanto Francisco é bom, e Aldemaro é fleumático enquanto Agilulfo é bilioso. Ou não?

- Sem dúvida, é assim.

- Então isso significa que há identidade, em homens diferentes, quanto à sua forma substancial e diferença quanto aos acidente, ou melhor, quanto às suas terminações superficiais.

- É, sem dúvida alguma, assim.

- E então, quando digo a Ubertino que a mesma natureza humana, na complexidade das suas operações, preside tanto ao amor do bem como ao amor do mal, procuro convencer Ubertino da identidade da natureza humana. Quando depois digo ao Abade

que há diferença entre um cátaro e um valdense, insisto na variedade dos seus acidentes. E insisto nisso porque acontece que se queima um valdense atribuindo-lhe os acidentes de um cátaro e vice-versa. E quando se queima um homem queima-se a sua substancia individual e reduz-se a puro nada aquilo que era um concreto ato de existir, bom em si pelo mesmo, pelo menos aos olhos de Deus, que o mantinha no ser. Parece-te uma boa razão para insistir sobre as diferenças?

- Sim, mestre - respondi com entusiasmo. - Agora compreendi porque falais assim, e aprecio a vossa boa filosofia!

- Não é a minha - disse Guilherme -, e nem sequer sei se é a boa. Mas o importante é que tu tenhas compreendido. Vamos agora à tua segunda pergunta.

- É que - disse - creio que não sirvo para nada. Já não consigo distinguir a diferença accidental entre valdenses, cátaros, pobres de Lião, humilhados, beguinos, santanários, lombardos, joaquimitas, patarinos, apostólicos, pobres lombardos, arnaldistas, guilhermistas, seguidores do livre espírito e luciferinos. Que hei-de fazer?

- Oh, pobre Adso - riu Guilherme, dando-me uma afetuosa palmadinha na nuca -, não estás errado de todo! Vês, é como se nos últimos dois séculos, e ainda antes, este nosso mundo tivesse sido percorrido por ventos de intolerância, esperança e desespero, todos juntos... Ou então não, não é uma boa analogia. Pensa num rio, denso e majestoso, que corre por milhas e milhas entre robustos diques, e tu sabes onde está o rio, onde o dique, onde a terra firme. A certa altura, o rio, de cansaço, porque correu por demasiado tempo e demasiado espaço, porque se aproxima o mar, que anula em si todos os rios, já não sabe o que é. Torna-se o seu próprio delta. Permanece talvez um braço maior, mas muitos outros se ramificam, em todas as direções, e alguns confluem uns nos outros, e já não sabes o que está na origem do que é, e por vezes não sabes o que ainda é rio e o que é já mar...

- Se bem compreendo a vossa alegoria, o rio é a cidade de Deus, ou o reino dos justos, que se aproxima do milênio, e nesta incerteza ele já não se contém, nascem falsos e verdadeiros profetas, e tudo conflui na grande planície onde terá lugar o Armagedon...

- Não pensava exatamente nisso. Mas também é verdade que entre nós, franciscanos, continua viva a idéia de uma terceira idade e do advento do reino do Espírito Santo. Não, procurava antes fazer-te compreender como o corpo da Igreja, que também foi durante séculos o corpo de toda a sociedade, o povo de Deus, se tornou demasiado rico, e denso, e arrasta consigo as escórias de todos os países que atravessou, e perdeu a sua pureza própria. Os braços do delta são, se quiseses, outras tantas tentativas do rio para correr o mais depressa possível para o mar, ou seja, para o momento da purificação. Mas a minha alegoria era imperfeita, servia apenas para te dizer como os ramos da heresia e dos movimentos de renovação, quando o rio já não se contém, são numerosos e se

confundem. Podes ainda acrescentar à minha péssima alegoria a imagem de alguém que tenta à viva força reconstruir os diques do rio, mas não consegue. E alguns braços do delta são enterrados, outros reconduzidos ao rio por canais artificiais, outros ainda deixam-nos correr, porque não se pode conter tudo, e é bom que o rio perca parte da sua água se quer manter-se íntegro no seu curso, se quer ser um curso reconhecível.

- Cada vez compreendo menos.

- Também eu. Não sou forte a falar de modo parabólico. Esquece esta história do rio. Procura antes compreender como nasceram muitos dos movimentos que nomeaste, há pelo menos duzentos anos, e já morreram, outros são recentes...

- Mas quando se fala de hereges nomeiam-se todos em conjunto.

- É verdade, mas este é um dos modos pelos quais a heresia se difunde e um dos modos pelos quais é destruída.

- Não compreendo novamente.

- Meu Deus, como é difícil. Bem. Imagina que és um reformador dos costumes e reúnes alguns companheiros no cimo de um monte, para viver na pobreza. E, algum tempo depois, vês que muitos vêm a ti, mesmo de terras distantes, e te consideram um profeta, ou um novo apóstolo, e te seguem. Vêm verdadeiramente por ti ou por aquilo que dizes?

- Não sei, espero. Porquê de outro modo?

- Porque ouviram aos seus pais histórias de outros reformadores lendas de comunidades mais ou menos perfeitas, e pensam que esta aquela e aquela é esta.

- Assim, qualquer movimento herda os filhos dos outros.

- Decerto, porque a ele acorrem na sua maior parte os simples, que não têm sutileza doutrinal. E no entanto os movimentos de reforma dos costumes nascem em lugares e de modos diversos e com diversas doutrinas. Por exemplo, confundem-se frequentemente os cátaros e os valdenses. Mas existe entre eles uma grande diferença. Os valdenses pregavam uma reforma dos costumes no interior da Igreja, os cátaros pregavam uma Igreja diversa, uma diversa visão de Deus e da moral. Os cátaros pensavam que o mundo estava dividido entre as forças opostas do bem e do mal, e tinham constituído uma Igreja em que se distinguiam os crentes perfeitos dos simples, e tinham os seus sacramentos e os seus ritos; tinham constituído uma hierarquia muito rígida, quase tanto como a da nossa Santa Madre Igreja, e não pensavam de forma nenhuma em destruir qualquer forma de poder. O que te explica porque aderiram aos cátaros mesmo homens de comando, proprietários, feudatários. Também não pensavam em reformar o mundo,

porque a oposição entre bem e mal para eles não poderá jamais ser desfeita. Os valdenses, pelo contrário (e com eles os arnaldistas ou os pobres lombardos), queriam construir um mundo diverso a partir de um ideal de pobreza, por isso acolhiam os deserdados e viviam em comunidade do trabalho das suas próprias mãos. Os cátaros negavam os sacramentos da Igreja, os valdenses não, negavam só a confissão auricular.

- Mas porque é que então são confundidos e se fala deles como da mesma planta má?

- Já to disse, aquilo que os faz viver é também aquilo que os faz morrer. Enriquecem com os simples que foram estimulados por outros movimentos e que crêem que se trata do mesmo movimento de revolta e de esperança; e são destruídos pelos inquisidores, que atribuem a uns os erros dos outros, e se os seguidores de um movimento cometeram um delito, este delito será atribuído a cada seguidor de cada um dos movimentos. Os inquisidores estão errados segundo a razão, porque juntam doutrinas contrastantes; têm razão segundo o erro dos outros, porque quando nasce um movimento, verbigratia, de arnaldistas, numa cidade, para aí convergem também aqueles que seriam ou foram cátaros ou valdenses algures. Os apóstolos de frei Dolcino pregavam a destruição física dos clérigos e dos senhores, e cometeram muitas violências; os valdenses são contrários à violência, e os fraticelli também. Mas tenho a certeza de que nos tempos de frei Dolcino convergiram no seu grupo muitos que já tinham seguido a pregação dos fraticelli ou dos valdenses. Os simples não podem escolher a sua heresia, Adso, agarram-se a quem prega na sua terra, a quem passa pela aldeia ou pela praça. É com isto que jogam os seus inimigos. Apresentar aos olhos do povo uma única heresia, que possa aconselhar ao mesmo tempo não só a recusa do prazer sexual mas também a comunhão dos corpos, é boa arte de pregador: porque mostra os hereges como um único enredo de diabólicas contradições que ofendem o senso comum.

- Portanto não há relação entre eles e é por engano do demônio que um simples que quereria ser joaquimita ou espiritual cai nas mãos dos cátaros ou vice-versa?

- E, no entanto, não é assim. Procuremos recomeçar do princípio, Adso, e asseguro-te que procuro explicar-te uma coisa sobre a qual nem eu sequer creio possuir a verdade. Penso que o erro é crer que primeiro vem a heresia, depois os simples que a ela se dão (e se condenam). Na verdade, primeiro vem a condição dos simples, depois a heresia.

- E como?

- Tu tens uma visão clara da constituição do povo de Deus. Um grande rebanho, ovelhas boas e ovelhas más, refreadas por cães mastins, os guerreiros, ou melhor, o poder temporal, o imperador e os senhores guiados pelos pastores, os clérigos, os intérpretes da palavra divina. A imagem é clara.

- Mas não é verdadeira. Os pastores combatem com os cães, porque cada um deles

quer os direitos do outro.

- É verdade, e é exatamente isso que torna imprecisa a natureza do rebanho. Perdidos como são para se dilacerarem mutuamente, cães e pastores já não cuidam do rebanho. Uma parte dele fica de fora.

- Como de fora?

- Nas margens. Camponeses não são camponeses, porque não têm terra, ou aquela que têm não os alimenta. Cidadãos não são cidadãos, porque não pertencem nem a uma arte nem a outra corporação, são a arraia-miúda, presa de qualquer um. Viste alguma vez nos campos grupos de leprosos?

- Sim, uma vez vi cem juntos. Disformes, com a carne a desfazer-se e toda esbranquiçada, de muletas, pálpebras inchadas, os olhos ensangüentados, não falavam nem gritavam: chiavam como ratos.

- Eles são para o povo cristão os outros, os que se encontram nas margens do rebanho. O rebanho odeia-os, eles odeiam o rebanho. Quereriam ver-nos todos mortos, todos leprosos como eles.

- Sim, recordo uma história do rei Tristão, que devia condenar Isolda, a Bela, e a fazia subir à fogueira e vieram os leprosos e disseram ao rei que a fogueira era castigo leve e que havia um pior. E gritaram-lhe: dá-nos Isolda, que pertença a todos nós, o mal acende os nossos desejos, dá-a aos teus leprosos, olha, os nossos farrapos estão colados às chagas que gemem, ela, que a teu lado se comprazia com os ricos tecidos forrados de baio e com as jóias, quando vir a corte dos leprosos, quando tiver de entrar nos nossos tugúrios e deitar-se conosco, então reconhecerá deveras o seu pecado e terá saudades deste belo fogo de sarças!

- Vejo que, sendo um noviço de São Bento, tens leituras bastante curiosas - gracejou Guilherme, e eu corei, porque sabia que um noviço não devia ler romances de amor, mas entre nós, rapazinhos, circulavam no mosteiro de Melk, e liamo-los de noite à luz da vela. - Mas não importa - continuou Guilherme -, compreendeste o que queria dizer. Os leprosos excluídos quereriam arrastar todos na sua ruma. E tornar-se-ão tanto piores quanto mais os excluídos, e quanto mais os representares como uma corte de lêmures que querem a tua ruína tanto mais eles serão excluídos. São Francisco compreendeu isto, e a sua primeira escolha foi ir viver entre os leprosos. Não se muda o povo de Deus se não se integrarem no seu corpo os marginais.

- Mas vós faláveis de outros excluídos, não são os leprosos que compõem os movimentos heréticos.

- O rebanho é como uma série de círculos concêntricos, das mais amplas distâncias do rebanho à sua periferia imediata. Os leprosos são sinal da exclusão em geral. São Francisco tinha-o compreendido. Não queria ajudar apenas os leprosos, que a sua ação Ter-se-ia reduzido a um bem pobre e impotente ato de caridade. Queria significar outra coisa. Contaram-te as prédicas aos pássaros?

- Oh, sim, ouvi essa historia belíssima e admirei o santo que gozava da companhia daquelas ternas criaturas de Deus - disse com grande fervor.

- Pois bem, contaram-te uma história falsa, ou melhor, a história que a ordem está hoje a reconstruir. Quando Francisco falou ao povo da cidade e aos seus magistrados e viu que estes não o compreendiam saiu para o cemitério e pôs-se a pregar a corvos e pegas, a gaviões, a aves de rapina que se alimentavam de cadáveres.

- Que coisa horrenda - disse -, não eram então pássaros bons!

- Eram aves de rapina, aves excluídas, como os leprosos. Francisco pensava decerto naquele verso do Apocalipse que diz: «Vi um anjo, levantado no Sol, gritar com voz forte e dizer a todas as aves que voavam ao sol, vinde e reuni-vos todas no grande banquete de Deus, comei a carne de reis, a carne de tribunos e de soberbos, a carne de cavalos e de cavaleiros, a carne de livres e de escravos, de pequenos e de grandes!»

- Então, Francisco queria incitar os excluídos à revolta?

- Não, isso fizeram-no quando muito Dolcino e os seus. Francisco queria chamar os excluídos, prontos para a revolta, a fazer parte do povo de Deus. Para recompor o rebanho era preciso reencontrar os excluídos. Francisco não conseguiu, e digo-te com muita amargura. Para reintegrar os excluídos devia agir no interior da Igreja, para agir no interior da Igreja devia obter o reconhecimento da sua regra, da qual sairia uma ordem, e uma ordem, como daí resultou, recomporia a imagem de um círculo, à margem do qual estão os excluídos. Então compreendes, agora, porque existem os bandos dos fraticelli e dos joaquimitas, que reúnem à sua volta os excluídos, uma vez mais.

-Mas não estávamos a falar de Francisco, mas de como a heresia é o produto dos simples e dos excluídos.

- De fato. Falávamos dos excluídos do rebanho das ovelhas. Durante séculos, enquanto o papa e o imperador se digladiavam nas suas diatribes de poder, estes continuaram a viver nas margens, eles, os verdadeiros leprosos, dos quais os leprosos são apenas a imagem disposta por Deus para que nós compreendêssemos esta admirável parábola e dizendo «leprosos» compreendêssemos «excluídos, pobres, simples, deserdados, desenraizados dos campos, humilhados nas cidades». Não compreendemos, o mistério da lepra continuou a obcecar-nos porque não reconhecemos a sua natureza de sinal.

Excluídos como eram do rebanho, todos eles estavam prontos a escutar, ou a produzir, qualquer pregação que, reclamando-se da palavra de Cristo, pusesse com eleito sob acusação o comportamento dos cães e dos pastores e promettesse que um dia eles seriam punidos. Isto, os poderosos sempre o compreenderam. A reintegração dos excluídos impunha a redução dos seus privilégios, por isso os excluídos que assumiam consciência da sua exclusão eram rotulados de hereges, independentemente da sua doutrina. E estes, por seu lado, cegos pela sua exclusão, não estavam verdadeiramente interessados em nenhuma doutrina. A ilusão da heresia é esta. Qualquer um é herege, qualquer um é ortodoxo, não conta a fé que um movimento oferece, conta a esperança que propõe. Todas as heresias são a bandeira de uma realidade da exclusão. Raspa a heresia, encontrarás o leproso. Qualquer batalha contra a heresia quer somente isto: que o leproso permaneça tal como é. Quanto aos leprosos, que lhes queres pedir? Que distingam no dogma trinitário ou na definição da eucaristia o que é justo e o que é errado? Vamos, Adso, estes são jogos para nós, homens de doutrina. Os simples têm outros problemas. E, repara, resolvem-nos todos da pior maneira. Por isso se tornam hereges.

- Mas porque é que alguns os apóiam?

- Porque servem o seu jogo, que raramente diz respeito à fé e mais frequentemente à conquista do poder.

- É por isso que a Igreja de Roma acusa de heresia todos os seus adversários?

- É por isso, e é por isso que reconhece como ortodoxia a heresia que pode reconduzir sob o seu próprio controle ou que tem de aceitar, porque se tornou demasiado forte e não seria bom tê-la como adversária. Mas não há uma regra precisa, depende dos homens, das circunstâncias. E isto é válido também para os senhores laicos. Há cinquenta anos, a comuna de Pádua emitiu uma ordem pela qual quem matava um clérigo era condenado à multa de um denário grande...

- Nada!

- Exato. Era um modo de encorajar o ódio popular contra os clérigos, a cidade estava em luta contra o bispo. Agora compreendes porque, há tempos, em Cremona, os fiéis do império ajudaram os cátaros, não por razões de fé, mas para colocar em embaraço a Igreja de Roma. Por vezes, as magistraturas citadinas encorajam os hereges porque traduzem em língua vulgar o Evangelho: o vulgar é hoje em dia a língua das cidades, o latim é a língua de Roma e dos mosteiros. Ou então apóiam os valdenses porque afirmam que todos, homens e mulheres, pequenos e grandes, podem ensinar e pregar, e o operário que é discípulo dez dias depois procura outro para se tornar seu mestre...

- E assim eliminam a diferença que torna insubstituíveis os clérigos! Mas então porque

acontece depois que as próprias magistraturas citadinas se revoltam contra os hereges e dão mão forte à Igreja para os mandar queimar?

- Porque se apercebem que a sua expansão também porá em crise os privilégios dos leigos que falam em língua vulgar. Já no concílio de Latrão de mil cento e setenta e nove (vê que são histórias que remontam a quase a duzentos anos atrás), Walter Map punha em guarda contra aquilo que aconteceria dando crédito àqueles homens idiotas e iletrados que eram os valdenses. Disse, se bem recordo, que eles não têm morada fixa, caminham descalços sem nada possuírem, mantendo tudo em comum, seguindo nus o Cristo nu; ora começam deste modo humildíssimo porque são excluídos, mas, se se lhes deixa demasiado espaço, expulsá-los-ão a todos. Por isto, depois as cidades favoreceram as ordens medicantes e a nós franciscanos em particular: porque permitíamos estabelecer uma relação harmoniosa entre necessidade de penitência e vida citadina, entre a Igreja e os burgueses que se interessavam pelos seus mercados...

- Atingiu-se, então, a harmonia entre amor de Deus e amor dos negócios?

- Não, bloquearam-se os movimentos de renovação espiritual, canalizaram-se nos limites de uma ordem reconhecida pelo papa. Mas aquilo que serpenteava por baixo não foi canalizado. Acabou, por um lado, nos movimentos dos flagelantes, que não fazem mal a ninguém, nos bandos armados como os de frei Dolcino, nos ritos de bruxaria como os dos frades de Montefalco de que falava Ubertino...

- Mas quem tinha razão, quem tem razão, quem está errado? - perguntei perdido.

- Todos tinham as suas razões, todos erraram.

- Mas vós - gritei quase num ímpeto de rebelião -, porque não tomais posição, porque não me dizeis onde está a verdade?

Guilherme ficou algum tempo em silêncio, levantando para a luz a lente sobre a qual estava a trabalhar. Depois baixou-a sobre a mesa e mostrou-me, através da lente, um ferro de trabalho:

- Olha - disse-me -, que vês?

- O ferro, um pouco maior.

- Aí está, o máximo que se pode fazer é ver melhor.

- Mas é sempre o mesmo ferro!

- Também o manuscrito de Venancio será sempre o mesmo manuscrito quando puder

lê-lo graças a esta lente. Mas quando ler o manuscrito talvez conheça melhor uma parte da verdade. E talvez possamos tornar melhor a vida da abadia.

- Mas não basta!

- Estou a dizer mais do que parece, Adso. Talvez que te falo de Roger Bacon. Provavelmente não foi o homem mais sábio de todos os tempos, mas sempre me fascinou a esperança que animava o seu amor pela sabedoria. Bacon acreditava na força, nas necessidades, nas invenções espirituais dos simples. Não teria sido um bom franciscano se não tivesse pensado que os pobres, os deserdados, os idiotas e os iletrados falam muitas vezes com a boca de Nosso Senhor. Se tivesse podido conhecê-los de perto, teria prestado mais atenção aos fraticelli que aos provinciais da ordem. Os simples têm qualquer coisa mais que os doutores, que muitas vezes se perdem à procura das leis mais gerais. Eles têm a intuição do individual. Mas esta intuição, só por si, não basta. Os simples captam uma verdade sua, talvez mais verdadeira que a dos doutores da Igreja, mas depois consomem-na em gestos irrefletidos. Que é preciso fazer? Dar a ciência aos simples? Demasiado fácil ou demasiado difícil. E depois, que ciência? A da biblioteca de Abbone? Os mestres franciscanos puseram-se este problema. O grande Boaventura dizia que os sábios devem levar a uma clareza conceptual a verdade implícita nos gestos dos simples...

- Como o capítulo de Perugia e as doudas memórias de Ubertino que transformam em decisões teológicas o apelo dos simples à pobreza - disse.

- Sim, mas viste-o, chega tarde e, quando chega, a verdade dos simples já se transformou na verdade dos poderosos, mais adequada para o Imperador Luís que para um frade de vida pobre. Como ficar próximo da experiência dos simples mantendo-lhe, por assim dizer, a virtude operativa, a capacidade de operar para a transformação e para o melhoramento do seu mundo? Este era o problema de Bacon: «Quod enim laicali ruditate turgescit non habet effectum nisi fortuito», dizia. A experiência dos simples tem saídas selvagens e incontroláveis. «Sed opera sapientiae certa lege vallantur et in finem debitum efficaciter diriguntur.» Que é como dizer que mesmo na condução das coisas práticas, sejam elas a mecânica, a agricultura ou o governo de uma cidade, é preciso uma espécie de teologia. Ele pensava que a nova ciência da natureza devia ser a nova grande empresa dos doutos para coordenar, através de um conhecimento diverso dos processos naturais, as necessidades elementares que constituíam também o acervo desordenado, mas a seu modo verdadeiro e justo, das expectativas dos simples. A nova ciência, a nova magia natural. Só que para Bacon esta empresa devia ser dirigida pela Igreja, e creio que dizia isso porque, no seu tempo, a comunidade dos clérigos identificava-se com a comunidade dos sábios. Hoje já não é assim, nascem sábios fora dos mosteiros, e das catedrais, e até das universidades. Vê por exemplo neste país, o maior filósofo do nosso século não foi um monge, mas um boticário. Falo daquele florentino cujo poema terás ouvido nomear, que eu nunca li porque não compreendo o

seu vulgar, e pelo que sei me agradaria muito pouco, porque divaga sobre coisas muito distantes da nossa experiência. Mas escreveu, creio, as coisas mais sábias que nos é dado compreender sobre a natureza dos elementos e de todo o cosmo, e sobre a condução dos estados. Assim, penso que, como eu e os meus amigos consideramos hoje que para a condução das coisas humanas não compete à Igreja legislar mas à assembléia do povo, do mesmo modo, no futuro, competirá à comunidade dos doutos propor esta novíssima e humana teologia, que é filosofia natural e magia positiva.

- Uma belíssima empresa - disse -, mas é possível?

- Bacon acreditava nisso.

- E vos?

- Também eu acreditava nisso. Mas para acreditar nisso será preciso estar certo de que os simples têm razão porque possuem a intuição do individual, a única que é boa. Porém, se a intuição do individual é a única que é boa como poderá a ciência chegar a recompor as leis universais através das quais, e pela interpretação das quais, a boa magia se torna operante?

- Pois - disse -, como poderá?

- Já não sei. Tive muitas discussões em Oxford com o meu amigo Guilherme de Oscan, que está agora em Avinhão. Semeou de dúvidas o meu espírito. Porque, se só a intuição do individual é justa, o fato que causas do mesmo gênero tenham efeitos do mesmo gênero é proposição difícil de provar. Um mesmo corpo pode ser frio ou quente, doce ou amargo, úmido ou seco, num lugar... e num outro lugar não. Como posso descobrir a relação universal que torna ordenadas as coisas se não posso mover um dedo sem criar uma infinidade de novos seres, pois que, com tal movimento, mudam todas as relações de posição entre o meu dedo e todos os outros objetos? As relações são os modos pelos quais a minha mente capta a relação entre seres singulares, mas qual é a garantia de que este modo é universal e estável?

- Mas vós sabeis que a uma certa espessura de um vidro corresponde um certo poder de visão, e é porque o sabeis que podeis agora construir lentes iguais àquelas que perdestes, senão como poderíeis?

- Sutil resposta, Adso. Com efeito, eu elaborei esta proposição, que a espessura igual deve corresponder igual poder de visão. Emiti-a porque de outras vezes tive intuições individuais do mesmo tipo. Decerto é conhecido de quem experimenta a propriedade curativa das ervas que todos os indivíduos herbáceos da mesma natureza têm no paciente igualmente disposto, efeitos da mesma natureza, e por isso o experimentador formula a proposição que toda a erva desse tipo ajuda o doente febril, ou que toda a

lente de tal tipo aumenta em igual medida a visão do olho. A ciência de que falava Bacon versa indubitavelmente sobre estas proposições. Repara, falo de proposições sobre as coisas, não de coisas. A ciência tem a ver com as proposições e os seus termos, e os termos indicam coisas singulares. Compreendes, Adso, eu tenho de acreditar que a minha proposição funciona, porque o aprendi com base na experiência, mas para o acreditar tenho de supor que há leis universais, e no entanto não posso falar delas, porque o próprio conceito de que existem leis universais e uma dada ordem das coisas implicaria que Deus fosse prisioneiro delas, enquanto Deus é coisa tão absolutamente livre que, se quisesse, e com um só ato da sua vontade, o mundo seria de outra maneira.

- Portanto, se bem compreendo, fazeis, e sabeis porque fazeis, mas não sabeis porque sabeis que sabeis aquilo que fazeis?

Devo dizer com orgulho que Guilherme me olhou com admiração.

- Talvez seja assim. De qualquer modo, isso diz-te porque me sinto tão inseguro da minha verdade, mesmo se creio nela.

- Sois mais místico que Ubertino! - disse maliciosamente.

- Talvez. Mas, como vês, trabalho sobre as coisas da natureza. E também na investigação que estamos desenvolvendo não quero saber quem é bom ou quem é mau, mas quem esteve no scriptorium ontem à noite, quem pegou nos óculos, quem deixou sobre a neve as pegadas de um corpo que arrasta outro corpo, e onde está Berengário. Isto são fatos depois tentarei ligá-los entre si, se acaso for possível, porque é difícil dizer qual o efeito que é produzido por uma certa causa; bastaria a intervenção de um anjo para tudo mudar, por isso não é de admirar se não se pode demonstrar que uma coisa é a causa de outra coisa. Mesmo que seja preciso tentar sempre, como estou fazendo.

- É uma vida difícil, a vossa - disse.

- Mas encontrei Brunello - exclamou Guilherme, aludindo ao cavalo de dois dias antes.

- Então há uma ordem do mundo! - gritei triunfante.

- Então há um pouco de ordem nesta minha pobre cabeça - respondeu Guilherme. Naquele momento entrou Nicolau, trazendo uma forquilha quase pronta e mostrando-a triunfante. - E quando esta forquilha estiver sobre o meu pobre nariz - disse Guilherme - talvez a minha pobre cabeça esteja ainda mais condenada.

Veio um noviço informar-nos que o Abade queria ver Guilherme e o esperava no jardim. O meu mestre foi obrigado a adiar as suas experiências para mais tarde, e apressamo-nos para o lugar do encontro. Enquanto nos encaminhávamos para lá,

Guilherme deu uma palmada na testa, como se só naquele momento se recordasse de alguma coisa que tinha esquecido.

- A propósito - disse -, decifrei os sinais cabalísticos de Venancio.

- Todos?! Quando?

- Quando dormias. E depende daquilo que estenderes por todos. Decifrei os sinais que apareceram à chama, aqueles que tu copiaste. Os apontamentos em grego têm de esperar que eu tenha umas novas lentes.

- Então? Tratava-se do segredo do finis Africae?

- Sim, e a chave era bastante fácil. Venancio dispunha dos doze signos zodiacais e de oito signos para os cinco planetas, os dois luminares e a Terra. Vinte signos ao todo. O bastante para lhes associar as letras do alfabeto latino, dado que podes usar a mesma letra para exprimir o som das duas iniciais de unum y velut. A ordem das letras, sabemos-la. Qual podia ser a ordem dos signos? Pensei na ordem dos céus, quando o quadrante zodiacal na última periferia. Portanto, Terra, Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, etcétera, e depois, em seguida, os signos zodiacais na sua sequência tradicional, tal como também os classifica Isidoro de Sevilha, a começar pelo Carneiro e pelo solstício da Primavera, acabando com os Peixes. Ora, se experimentares aplicar esta chave, eis que a mensagem de Venancio adquire um sentido.

Mostrou-me o pergaminho, sobre o qual tinha transcrito a mensagem em grandes letras latinas: Secretum finis Africae manus supra idolum age primum et septimum de quatuor.

- É claro? - perguntou.

- A mão sobre o ídolo opera sobre o primeiro e sobre o sétimo dos quatro... - repeti, abanando a cabeça. - Não é mesmo nada claro!

- Eu sei. Seria preciso antes de mais nada saber o que entendia Venancio por idolum. Uma imagem, um fantasma, uma figura? E depois, que serão estes quatro que têm um primeiro e um sétimo? E que é preciso fazer deles? Movê-los, empurrá-los, puxá-los?

- Então não sabemos nada e estamos no ponto de partida - disse com grande desapontamento.

Guilherme parou e olhou para mim com um ar nada benévolo.

- Meu rapaz - disse -, tens diante de ti um pobre franciscano que, com os seus

modestos conhecimentos e um pouco de habilidade, que deve ao infinito poder do Senhor, conseguiu, em poucas horas, decifrar uma escrita secreta que o seu autor tinha a certeza de que permaneceria hermética para todos menos para ele... e tu, miserável malandro iletrado, permites-te dizer que estamos no ponto de partida?

Desculpei-me com muita atrapalhão. Tinha ferido a vaidade do meu mestre, sabendo quanto ele era orgulhoso da rapidez e segurança das suas deduções. Guilherme tinha na verdade concluído uma obra digna de admiração, e não era culpa sua se o astutíssimo Venancio não só tinha ocultado quanto tinha descoberto sob as aparências de um obscuro alfabeto zodiacal, mas tinha ainda elaborado um indecifrável enigma.

- Não importa, não importa, não te desculpes - interrompeu-me Guilherme. - No fundo tens razão, sabemos ainda muito pouco. Vamos.

TERCEIRO DIA VÉSPERAS

Onde se fala ainda com o Abade, Guilherme tem algumas idéias mirabolantes para decifrar o enigma do labirinto, e o consegue de modo mais razoável. Depois ele e Adso comem queijo em pasteizinhos.

O Abade esperava-nos com ar sombrio e preocupado. Tinha na mão um papel.

- Recebi agora uma carta do Abade de Conques - disse. - Comunica-me o nome daquele a quem João confiou o comando dos soldados franceses, e o cuidado da incolumidade da delegação. Não é um homem de armas, não é um homem de corte, e será ao mesmo tempo um membro da delegação.

- Raro conúbio de diferentes virtudes - disse Guilherme inquieto. - Quem será?

- Bernardo Gui, ou Bernardo Guidoni, como queirais chamar-lhe.

Guilherme explodiu com uma exclamação na sua própria língua, que eu não compreendi, nem o Abade, e talvez fosse melhor para todos, porque a palavra que Guilherme disse sibilava de modo obsceno.

- A coisa não me agrada - acrescentou logo. - Bernardo foi durante anos martelo dos hereges na região de Toulouse e escreveu uma Practica officii inquisitionis heretice pravi-tatis para uso de todos aqueles que tenham de perseguir e destruir valdenses, beguinos, santanários fraticelli e dolcinianos.

- Eu sei. Conheço o livro, admirável de doutrina.

- Admirável de doutrina - admitiu Guilherme. - É dedicado a João, que em anos passados lhe confiou muitas missões na Flandres e aqui na Alta Itália. E, mesmo quando foi nomeado bispo da Galiza, nunca o viram na sua diocese e continuou a atividade inquisitorial. Agora julgava que se tivesse retirado no bispado de Lodève, mas, ao que parece, João repõe-no em ação e precisamente aqui na Itália Setentrional. Porquê precisamente Bernardo e porquê com a responsabilidade dos homens armados?

- A resposta existe - disse o Abade - e confirma todos os temores que vos exprimia ontem. Sabeis bem, mesmo que não queirais admiti-lo comigo, que as posições sobre a pobreza de Cristo e da Igreja defendidas pelo capítulo de Perugia, embora com abundância de argumentos teológicos, são as mesmas que, de modo muito menos prudente e com um comportamento menos ortodoxo, defendem muitos movimentos heréticos. Não é preciso muito para demonstrar que as posições de Miguel de Cesena, feitas suas pelo imperador, são as mesmas de Ubertino e de Angelo Clareno. E até aqui as duas delegações estarão de acordo. Mas Gui poderia fazer mais, e tem habilidade para isso: procurará defender que as teses de Perugia são as mesmas dos fraticelli, ou dos pseudo-apóstolos. Estais de acordo?

- Dizeis que as coisas estão assim ou que Bernardo Gui dirá que estão assim?

- Digamos que digo que ele o dirá - concedeu prudentemente o Abade.

- Concordo também eu. Mas isso estava previsto. Quero dizer, sabia-se que se chegaria a isso mesmo sem a presença de Bernardo. No máximo, Bernardo fá-lo-á com mais eficiência do que muitos curiais de pouco valor, e tratar-se-á de discutir contra ele com maior sutileza.

- Sim - disse o Abade -, mas nesse caso estamos diante da questão suscitada ontem. Se não encontramos até amanhã o culpado de dois ou talvez três delitos, terei de conceder a Bernardo que exerça uma vigilância sobre as coisas da abadia. Não posso ocultar a um homem investido com o poder de Bernardo (e por nosso mútuo acordo, recordemo-lo) que aqui na abadia aconteceram, estão ainda a acontecer, fatos inexplicáveis. Senão, no momento em que ele o descobrisse, no momento em que (Deus não queira) acontecesse um novo fato misterioso, ele teria todo o direito de gritar que tinha havido traição...

- É verdade - murmurou Guilherme preocupado. - Não há nada a fazer. É preciso estarmos atentos e vigiar Bernardo, que vigiará o misterioso assassino. Talvez seja um bem, porque Bernardo, ocupado a cuidar do assassino, estará menos disponível para intervir na discussão.

- Bernardo ocupado em descobrir o assassino será um espinho no flanco da minha autoridade, recordai-vos disso. Esta obscura história impõe-me pela primeira vez a cedência de parte do meu poder dentro destas muralhas, e é um fato novo não só na

história desta abadia mas da própria ordem clunicense. Faria fosse o que fosse para o evitar. E a primeira coisa a fazer seria negar hospitalidade às delegações.

- Rogo ardentemente a Vossa Sublimidade que reflita sobre essa grave decisão - disse Guilherme. - Vós tendes nas mãos uma carta do imperador que vos convida calorosamente a...

- Sei aquilo que me liga ao imperador - disse bruscamente o Abade -, e sabe-lo também vós. E portanto sabeis que infelizmente não posso retroceder. Mas tudo isto está muito feio. Onde está Berengário?, que lhe aconteceu?, que estais fazendo?

- Sou apenas um frade que conduziu há muito tempo eficazes investigações inquisitoriais. Vós sabeis que não se encontra a verdade em dois dias. E, afinal, que poder me haveis concedido? Posso entrar na biblioteca? Posso fazer todas as perguntas que quiser, defendido sempre pela vossa autoridade?

- Não vejo a relação entre os delitos e a biblioteca - disse carrancudo o Abade.

- Adelmo era miniaturista, Venancio tradutor, Berengário ajudante-bibliotecário... - explicou pacientemente Guilherme.

- Nesse sentido, os sessenta monges têm que ver com a biblioteca, tal como têm a ver com a igreja. Porque é que então não procurais na igreja? Frade Guilherme, vós estais conduzindo um inquérito por meu mandado e nos limites em que vos pedi para o conduzirdes. Quanto ao resto, dentro deste recinto, eu sou o único senhor depois de Deus, e por sua graça. E isto valerá também para Bernardo. Por outro lado - acrescentou em tom mais manso -, nem sequer é dito que Bernardo esteja aqui para o encontro. O abade de Conques escreve-me também que desce à Itália para prosseguir para o sul. Diz-me também que o papa pediu ao cardeal Bertrando do Poggetto para vir de Bolonha e se dirigir para aqui para tomar o comando da delegação pontifícia. Bernardo vem aqui talvez para se encontrar com o cardeal.

- O que, numa perspectiva mais ampla, seria pior. Bertrando é o martelo dos hereges na Itália Central. Este encontro entre dois campeões da luta anti-herética pode anunciar uma ofensiva mais vasta no país, para envolver no fim todo o movimento franciscano...

- E disto informaremos imediatamente o imperador - disse o Abade -, mas neste caso o perigo não seria imediato. Vigiamos. Adeus.

Guilherme ficou um momento silencioso enquanto o Abade se afastava. Depois disse-me:

- Sobretudo, Adso, procuremos não nos deixar dominar pela pressa. As coisas não se

resolvem rapidamente quando têm de se acumular tantas pequenas experiências individuais. Eu volto ao laboratório, porque sem as lentes não só não poderei ler o manuscrito mas também não convirá sequer que se volte esta noite à biblioteca. Tu vai informar-te se se sabe alguma coisa de Berengário.

Naquele momento correu ao nosso encontro Nicolau de Morimondo, portador de péssimas notícias. Quando procurava lapidar melhor a melhor lente, aquela em que Guilherme depositava tantas esperanças, esta quebrara-se. E uma outra, que talvez pudesse substituí-la, tinha-se rachado quando tentava encaixá-la na forquilha. Nicolau mostrou-nos desconsoladamente, o céu. Era já a hora de vésperas, e a obscuridade estava descendo. Naquele dia já não se poderia trabalhar. Mais um dia perdido, reconheceu amargamente Guilherme, reprimindo (como me confessou depois) a tentação de agarrar pelo pescoço o vidreiro desajeitado, que, aliás, já estava bastante humilhado.

Deixamo-lo com a sua humilhação e fomos informar-nos acerca de Berengário. Naturalmente, ninguém o tinha encontrado.

Sentíamo-nos num ponto morto. Passeamos um pouco pelo claustro, sem saber que fazer. Mas, pouco depois, vi que Guilherme estava absorto, com o olhar perdido no ar, como se não visse nada. Havia pouco tinha tirado do saio um raminho daquelas ervas que o tinha visto colher semanas antes, e estava-o mastigando como se dele retirasse uma espécie de calma excitação. De fato parecia ausente, mas de vez em quando os seus olhos iluminavam-se, como se no vazio da sua mente se tivesse acendido um idéia nova; depois recaía naquele seu singular e ativo hebetismo. De repente disse:

- Decerto, poder-se-ia...

- O quê? - perguntei.

- Pensava num modo de nos orientarmos no labirinto. Não é simples de realizar, mas seria eficaz... No fundo, a saída é no torreão oriental, e isso sabemos-lo. Ora supõe que tínhamos uma máquina que nos diz de que lado está o setentrião. Que aconteceria?

- Que naturalmente bastaria girar para a direita e dirigir-nos-íamos para oriente. Ou então bastaria ir em sentido contrário, e saberíamos que íamos para o torreão meridional. Mas, mesmo admitindo que existisse semelhante magia, o labirinto é precisamente um labirinto, e mal nos dirigíssemos para oriente encontraríamos uma parede que nos impediria de ir a direito e perderíamos de novo o caminho... - observei.

- Sim, mas a máquina de que falo indicaria sempre a direção do setentrião, mesmo que nós tivéssemos mudado o caminho, e a cada momento dir-nos-ia para que lado voltar.

- Seria maravilhoso. Mas seria preciso ter essa máquina, e ela deveria ser capaz de reconhecer setentrião de noite e em local fechado, sem poder ver nem o Sol nem as estrelas... E não creio que mesmo o vosso Bacon possuísse uma máquina semelhante! - ri.

- E no entanto enganas-te - disse Guilherme -, porque uma máquina do gênero foi construída e alguns navegadores usaram-na. Ela não tem necessidade das estrelas nem do Sol, porque desfruta a força de uma pedra maravilhosa, igual àquela que vimos no hospital de Severino, aquela que atrai o ferro. E foi estudada por Bacon e por um mago picardo, Pedro de Maricourt, que descreveu os seus múltiplos usos.

- E vós saberíeis construí-la?

- Em si não seria difícil. A pedra pode ser usada para produzir muitas mirabilia, entre elas uma máquina que se move perpetuamente sem nenhuma força externa, mas o achado mais simples foi também descrito por um árabe, Baylek al Qabayaki. Pegas num vaso cheio de água e pões-lhe a flutuar uma rolha de cortiça em que enfiaste uma agulha de ferro. Depois passas a pedra magnética sobre a superfície da água, com um movimento circular, até que a agulha adquira as mesmas propriedades da pedra. E então a agulha, mas fá-lo-ia também a pedra se tivesse tido a possibilidade de se mover em torno de um eixo, coloca-se com a ponta na direção de setentrião, e se tu te moveres com o vaso, ele volta-se sempre para o lado da tramontana. É inútil que te diga que se tiveres marcado no bordo do vaso, em relação a transmontana, também as posições de austro, aquilão e assim sucessivamente, saberás sempre para que lado te hás-de mover na biblioteca para chegar ao torreão oriental.

- Que coisa maravilhosa! - exclamei. - Mas porque é que a agulha aponta sempre para setentrião? A pedra atrai o ferro, eu vi, e imagino que uma imensa quantidade de ferro atraia a pedra. Mas então... então na direção da Estrela Polar, nos limites extremos do globo, existem grandes minas de ferro!

- Alguém sugeriu de fato que é assim. Salvo que a agulha não aponta exatamente na direção da estrela náutica, mas para o ponto de encontro dos meridianos celestes. Sinal que, como foi dito, «hic lapis gerit in se similitudinem coeli», e os pólos do magnete recebem a sua inclinação dos pólos do céu e não dos da terra. O que é um belo exemplo de movimento impresso a distância e não por direta causalidade material: um problema de que se está ocupando o meu amigo João de Gianduno, quando o imperador não lhe pede que faça afundar Avinhão nas vísceras da terra...

- Então vamos buscar a pedra de Severino, e um vaso, e água, e uma rolha de cortiça - disse excitado.

- Devagar, devagar - disse Guilherme. - Não sei porquê, mas nunca vi uma máquina que, perfeita na descrição dos filósofos, seja perfeita depois no seu funcionamento

mecânico. Enquanto a pôdoa de um camponês, que nenhum filósofo jamais descreveu, funciona como deve ser... Tenho receio de que girando pelo labirinto com uma candeia numa mão e um vaso cheio de água na outra... Espera, ocorre-me outra idéia. A máquina indicaria setentrião mesmo se estivéssemos fora do labirinto, não é?

- Sim, mas nesse caso não nos serviria porque teríamos o Sol e as estrelas... - disse.

- Eu sei, eu sei. Mas, se a máquina funciona tanto fora como dentro, porque não havia de ser assim também para a nossa cabeça?

- A nossa cabeça? Decerto que ela funciona também fora, e, efetivamente, de fora sabemos muito bem qual é a orientação do Edifício! Mas é quando estamos dentro que já não compreendemos nada!

- Exatamente. Mas esquece agora a máquina. Pensar na máquina induziu-me a pensar nas leis naturais e nas leis do nosso pensamento. Eis a questão: temos de encontrar de fora um modo de descrever o Edifício como é por dentro...

- E como?

- Deixa-me pensar. Não deve ser assim tão difícil...

- E o método que mencionavas fazer? Não querieis percorrer o labirinto fazendo sinais com um carvão?

- Não - disse -, quanto mais penso nisso, menos me convence. Talvez consiga recordar bem a regra, ou talvez para andar num labirinto seja preciso ter uma boa Ariana que te espere à porta segurando a ponta de um fio. Mas não existem fios assim tão longos. E ainda que existissem, isso significaria (muitas vezes as tabulas dizem a verdade) que só se sai dum labirinto com uma ajuda externa. Onde as leis do exterior sejam iguais às do interior. Pronto, Adso, usaremos as ciências matemáticas. Só nas ciências matemáticas, como diz Averroes, se identificam as coisas conhecidas por nós com as conhecidas de modo absoluto.

- Então vedes que admitis conhecimentos universais.

- Os conhecimentos matemáticos são proposições construídas pelo nosso intelecto de modo a funcionarem sempre como verdadeiras, ou porque são inatas ou porque a matemática foi inventada antes das outras ciências. E a biblioteca foi construída por uma mente humana que pensava de modo matemático, porque sem matemática não se fazem labirintos. E, portanto, trata-se de confrontar as nossas proposições matemáticas com as proposições do construtor, e deste confronto pode surgir ciência, porque é ciência de termos sobre termos. E, em todo o caso, pára de me arrastar para discussões

metafísicas. Que bicho te mordeu hoje? Melhor, tu que tens bons olhos pegar num pergaminho, numa tabuinha, alguma coisa em que fazer sinais, e um estilete... bem, tens tudo, ótimo, Adso. Vamos dar uma volta em torno do Edifício, enquanto temos ainda um pouco de luz.

Andamos portanto longamente em torno do Edifício. Isto é, examinamos de longe os torreões oriental meridional e ocidental com as paredes que os ligavam. Porque, quanto ao resto, dava para o despenhadeiro, mas, por razões de simetria, não devia ser diferente daquilo que víamos.

E aquilo que víamos, observou Guilherme enquanto me fazia tomar notas precisas na minha tabuinha, era que cada muro tinha duas janelas, e cada torreão cinco.

- Ora raciocina - disse-me o meu mestre. - Cada uma das salas que vimos tinha uma janela...

- Menos as de sete lados - disse.

- E é natural, são as do centro de cada torre.

- E menos algumas que encontramos sem janelas e não eram heptagonais.

- Esquece-as. Primeiro encontremos a regra, depois procuremos justificar as exceções. Portanto, teremos no exterior cinco salas por cada torre e duas salas por cada muro, cada uma com uma janela. Mas se de uma sala com janela se prossegue para o interior do edifício encontra-se uma outra sala com janela. Sinal de que se trata das janelas interiores. Ora que forma tem o poço interior, tal como se vê na cozinha e no scriptorium?

- Octogonal - disse.

- Ótimo. E de cada lado do octógono, no scriptorium, abrem-se duas janelas. Isto quer dizer que por cada lado do octógono há duas salas interiores? Exato?

- Sim, mas e as salas sem janela?

- São oito ao todo. De fato, a sala interna de cada torreão, de sete lados, tem cinco paredes que dão para cada uma das cinco salas de cada torreão. Com que confinam as outras duas paredes? Não com uma sala situada ao longo das paredes exteriores, porque haveria janelas, nem com uma disposta ao longo do octógono, pelas mesmas razões, e porque seriam então salas exageradamente compridas. Tenta efetivamente traçar um desenho de como poderá aparecer a biblioteca vista do alto. Vês que correspondendo a cada torre deve haver duas salas que confinam com a sala heptagonal e dão para duas

salas que confinam com o poço octogonal interior.

Tentei traçar o desenho que o meu mestre me sugeria e lancei um grito de triunfo.

- Mas então sabemos tudo! Deixai-me contar... A biblioteca tem cinquenta e seis salas, das quais quatro heptagonais e cinquenta e duas mais ou menos quadradas, e, destas, quatro não têm janelas, enquanto vinte e oito dão para o exterior e dezesseis para o interior!

- E os quatro torreões têm cada um cinco salas de quatro lados e uma de sete... A biblioteca está construída segundo uma harmonia celeste a que se podem atribuir vários e miríficos significados...

- Esplêndida descoberta - disse -, mas então porque é tão difícil orientarmo-nos nela?

- Porque aquilo que não corresponde a nenhuma lei matemática é a disposição das passagens. Algumas salas permitem a passagem a muitas outras, algumas outras a uma só, e há que perguntar se não haverá salas que não permitem a passagem a nenhuma. Se considerares este elemento, mais a falta de luz e a ausência de indício fornecido pela posição do Sol (e acrescenta-lhes as visões e os espelhos), compreenderás como o labirinto é capaz de confundir quem quer que o percorra, já agitado por um sentimento de culpa. Por outro lado, pensa como nós estávamos desesperados ontem a noite quando não conseguíamos encontrar o caminho. O máximo de confusão conseguido com o máximo de ordem: parece-me um cálculo sublime. Os construtores da biblioteca eram grandes mestres.

- Como faremos então para nos orientarmos?

- No ponto em que estamos não é difícil. Com o mapa que tu traçaste, e que bem ou mal deve corresponder ao traçado da biblioteca, logo que estejamos na primeira sala heptagonal, mover-nos-emos de modo a encontrar imediatamente uma das duas salas cegas. Depois voltando sempre à direita, depois de três ou quatro salas, deveremos estar de novo num torreão, que não poderá ser senão o torreão setentrional, até voltar a uma outra sala cega, que à esquerda confinará com a sala heptagonal e à direita deverá permitir-nos encontrar um trajeto análogo àquele que te acabo de dizer, até chegar ao torreão ocidental.

- Sim, se todas as salas dessem para todas as salas...

- De fato. E para isso precisamos do teu mapa, para marcar as paredes inteiras, de modo a saber que desvios vamos fazendo. Mas não será difícil.

- Mas temos a certeza de que funcionará? - perguntei perplexo, porque me parecia

tudo demasiado simples.

- Funcionará - respondeu Guilherme. - «Omnes enim causae effectuum naturalium dantur per lineas, ângulos et figuras. Aliter enim impossibile est scire propter quid in illis.» - citou. - São palavras de um dos grandes mestres de Oxford. Mas infelizmente não sabemos ainda tudo. Aprendemos a maneira de não nos perdermos. Agora trata-se de saber se há uma regra que governa a distribuição dos livros nas salas. E os versículos do Apocalipse dizem-nos muito pouco, até porque muitos se repetem igualmente em salas diferentes...

- E no entanto o livro do apóstolo permitiria encontrar bem mais de cinqüenta e seis versículos!

- Sem dúvida. Portanto, só alguns versículos são bons. Estranho. Como se tivessem tido menos de cinqüenta, trinta, vinte... Oh, pela barba de Merlim!

- De quem?

- Não tem importância, é... um mago da minha terra... Usaram tantos versículos quantas as letras do alfabeto! Claro que é assim! O texto dos versículos não conta, contam as letras iniciais. Cada sala é assinalada por uma letra do alfabeto, e todas juntas compõem um texto que temos de descobrir!

- Como um carme figurado, em forma de cruz ou de peixe!

- Mais ou menos, e provavelmente no tempo em que a biblioteca foi constituída este tipo de carmes estava muito em voga.

- Mas de onde se inicia o texto?

- Duma inscrição maior que as outras, da sala heptagonal do torreão da entrada... ou então... mas é claro, das frases a vermelho!

- Mas são tantas!

- E portanto haverá muitos textos, ou muitas palavras. Agora tu vais copiar melhor e em ponto maior o teu mapa, depois, ao visitar a biblioteca, não só marcarás com o teu estilete, e ao de leve, as salas por onde passarmos, e a posição das portas e das paredes (não falando das janelas), mas também a letra inicial do versículo que aí aparece, e, de qualquer modo, como um bom miniaturista, farás maiores as letras a vermelho.

- Mas como é que - disse admirado - fostes capaz de resolver o mistério da biblioteca olhando-a de fora e não o resolvestes quando estáveis lá dentro?

- Assim Deus conhece o mundo, porque o concebeu na sua mente, como do exterior, antes que fosse criado, enquanto nós não lhe conhecemos a regra, porque vivemos dentro dele encontrando-o já feito.

- Assim podem conhecer-se as coisas observando-as do exterior!

- As coisas da arte, porque voltamos a percorrer na nossa mente as operações do artífice. Não as coisas da natureza, porque não são obra da nossa mente.

- Mas para a biblioteca isso basta-nos, não é verdade?

- Sim - disse Guilherme. - Mas só para a biblioteca. Agora vamos descansar. Eu não posso fazer nada até amanhã de manhã quando tiver... espero... as minhas lentes. Mais vale dormir e levantarmo-nos cedo. Procurarei refletir.

- E a ceia?

- Ah, sim, a ceia. Passou a hora entretanto. Os monges já estão em completas. Mas talvez a cozinha ainda esteja aberta. Vai buscar alguma coisa.

- Roubar?

- Pedir. A Salvador, que agora é teu amigo.

- Mas roubará ele.

- És por acaso o guarda do teu irmão? - perguntou Guilherme com as palavras de Caim.

Mas apercebi-me que gracejava e queria dizer que Deus é grande e misericordioso. Por isso pus-me à procura de Salvador, e encontrei-o perto das cavalariças.

- Belo - disse apontando para Brunello, e como para puxar conversa. - Gostava de o montar.

- No se puede. Abbonis est. Mas não é preciso um bom cavalo para correr muito. - Indicou-me um cavalo robusto mas desajeitado - Mesmo aquele sufficit... Vide illuc, tertius equi...

Queria indicar-me o terceiro cavalo. Ri-me do seu engraçadíssimo latim.

- E que farás com aquele? - perguntei-lhe.

E contou-me uma história estranha. Disse que se podia tornar qualquer cavalo, mesmo o animal mais velho e fraco, tão veloz como Brunello. É preciso misturar na sua aveia uma erva que se chama satirião, bem moída, e depois untar-lhe as coxas com gordura de veado. Depois sobe-se para o cavalo e antes de o esporear volta-se-lhe o focinho para levantar e pronunciam-se-lhe ao ouvido, três vezes em voz baixa, as palavras «Gaspar, Melchior, Melquisardo». O cavalo partirá à desfilada e fará numa hora o caminho que Brunello faria em oito horas. E se se lhe tivesse suspenso ao pescoço os dentes de um lobo que o próprio cavalo, correndo, tivesse morto, o animal não sentiria sequer o cansaço.

Perguntei-lhe se alguma vez tinha experimentado. Disse-me, aproximando-se circunspecto e sussurrando-me ao ouvido, com o seu hálito deveras desagradável, que era muito difícil, porque o satirião agora só era cultivado pelos bispos e pelos cavaleiros seus amigos, que se serviam dele para aumentarem o seu poder. Pus fim ao seu discurso e disse-lhe que naquela noite o meu mestre queria ler uns livros na cela e desejava comer lá em cima.

- É cá comigo - disse -, faço um pastelzinho de queijo.

- Como é?

- Facilis. Pegas no queijo que não seja demasiado velho, nem demasiado salgado, e cortado em fatias, em bocados quadrados ou sicut te agradar. Et postea porás um pouco de manteiga, ou melhor, de banha fresca à rechauffer sobre a brasia. E dentro vamos a pôr duas fatias de queijo, e quando te parecer que está quente, zucharum et canela supra positurum du bis. E manda-o imediatamente in tabula, que se que comido quente.

- Vai pelo pastelzinho de queijo - disse-lhe.

E ele desapareceu em direção às cozinhas, dizendo-me que o esperasse. Chegou meia hora depois com um prato coberto com um pano. O cheiro era bom.

- Toma - disse-me, e estendeu-me também uma grande candeia cheia de azeite.

- Para fazer o quê? - perguntei.

- Sais pas, moi - disse com ar manhoso. - Fileisch o teu magiste quer ir ao lugar escuro esta noite.

Salvador sabia evidentemente mais do que eu suspeitava. Não investiguei o quê, e levei a comida a Guilherme. Comemos, e eu retirei-me para minha cela. Ou, pelo menos, fingi. Queria ainda encontrar Ubertino, e as escondidas entrei na Igreja.

TERCEIRO DIA
DEPOIS DE COMPLETAS

Onde Ubertino conta a Adso a História de frei Dolcino, Adso evoca ou lê outras histórias na biblioteca por sua conta e depois sucede que tem um encontro com uma rapariga bela e terrível como um exército alinhado para a batalha.

De fato encontrei Ubertino ao pé da estátua da Virgem. Uni-me silenciosamente a ele e, por um momento, fingi (confesso-o) que rezava. Depois atrevi-me a falar-lhe.

- Padre santo - disse-lhe -, posso pedir-lhe luz e conselho?

Ubertino olhou para mim, tomou-me pela mão e levantou-me, conduzindo-me a sentar-me com ele numa cadeira. Estreitou-me nos seus braços, e pude sentir o seu hálito no meu rosto.

- Filho caríssimo - disse -, tudo aquilo que este pobre velho pecador puder fazer pela tua alma, será feito com alegria. Que te perturba? As ânsias, não é verdade? - perguntou quase com ânsia ele também. - As ânsias da carne?

- Não - respondi corando -, quando muito as ânsias da mente, que quer conhecer demasiadas coisas...

- E é mal. O Senhor conhece as coisas, a nós cabe apenas adorar a sua sapiência.

- Mas a nós cabe também distinguir o bem do mal e compreender as paixões humanas. Sou noviço, mas serei monge e sacerdote, e tenho de aprender onde está o mal e que aspecto tem, para um dia o reconhecer e para ensinar os outros a reconhecê-lo.

- Isso é justo, rapaz. E então que queres conhecer?

- A planta má da heresia, padre - disse com convicção. E depois, tudo de uma vez: - Ouvi falar de um homem malvado que seduziu outros, frei Dolcino.

Ubertino ficou em silêncio. Depois disse:

- É justo, ouviste-nos fazer-lhe referência uma noite destas com frade Guilherme. Mas é uma história muito triste, de que me faz mal falar, porque ensina (sim, neste sentido deverás sabê-la, para tirar dela um útil ensinamento), porque ensina, dizia, como do amor de penitência e do desejo de purificar o mundo pode nascer sangue e extermínio.

Sentou-se melhor, alargando o seu abraço em volta dos meus ombros, mas mantendo sempre uma mão no meu pescoço, como para me comunicar não sei se a sua sapiência ou

o seu ardor.

- A história começa antes de frei Dolcino - disse -, há mais de sessenta anos, e eu era uma criança. Foi em Parma. Ali começou a pregar um certo Gerardo Segalelli, que convidava todos à vida de penitência e percorria as estradas gritando «penitenciagite!», que era o seu modo de homem inculto para dizer: «Penitentiam agite, appropinquabit enim regnum coelorum.» Convidava os seus discípulos a tornarem-se semelhantes aos apóstolos, e quis que a sua seita fosse denominada na ordem dos apóstolos e que os seus percorressem o mundo como pobres mendicantes vivendo só de esmolas...

- Como os fraticelli - disse. - Não era este o mandato de Nosso Senhor e do vosso Francisco?

- Sim - admitiu Ubertino com uma ligeira hesitação na voz e com um suspiro. - Mas provavelmente Gerardo exagerou. Ele e os seus foram acusados de já não reconhecerem a autoridade dos sacerdotes, a celebração da missa, a confissão, e de vagabundear em ócio.

- Mas também foram acusados disso os franciscanos espirituais. E não dizem hoje os menoritas que não se deve reconhecer a autoridade do papa?

- Sim, mas não a dos sacerdotes. Nós próprios somos sacerdotes. Meu rapaz, é difícil distinguir nestas coisas. A linha que divide o bem do mal é tão sutil... De qualquer modo, Gerardo errou e manchou-se de heresia... Pediu para ser admitido na ordem dos menores, mas os nossos irmãos não o aceitaram. Passava os dias na igreja dos nossos frades, e ali viu pintados os apóstolos com sandálias nos pés e capas em volta dos ombros, e assim deixou crescer os cabelos e a barba, pôs sandálias nos pés e a corda dos frades menores, porque seja quem for que queira fundar uma nova congregação vai sempre buscar alguma coisa à ordem do beato Francisco.

- Mas então estava na verdade...

- Mas errou nalguma coisa... Vestido com um manto branco sobre uma túnica branca e com os cabelos compridos conquistou entre os simples fama de santidade. Vendeu uma casita que tinha e, recebido o pagamento, subiu a uma pedra de onde, em tempos antigos, as autoridades costumavam pregar, e, com o saquinho das moedas na mão, não as espalhou nem as deu aos pobres, mas, tendo chamado uns malandros que jogavam ali perto, espalhou-as entre eles dizendo: «Que as leve quem quiser», e aqueles malandros pegaram no dinheiro e foram jogá-lo aos dados, e blasfemavam contra Deus vivo, e ele, que tinha dado, ouvia e não corava.

- Mas Francisco também se despojou de tudo, e ouvi hoje a Guilherme que foi pregar a gralhas e gaviões, e também aos leprosos, isto é, à ralé, que o povo dos que se diziam

virtuosos mantinha à margem...

- Sim, mas Gerardo nalguma coisa errou, Francisco nunca entrou em choque com a Santa Igreja, e o Evangelho manda dar aos pobres, não aos malandros. Gerardo deu e não recebeu nada em troca, porque tinha dado a gente má, e teve mau princípio, mau prosseguimento e mau fim, porque a sua congregação foi condenada pelo papa Gregório X.

- Provavelmente - disse - era um papa menos clarividente que aquele que aprovou a regra de Francisco...

- Sim, mas nalguma coisa Gerardo errou, e Francisco, pelo contrário, sabia bem o que fazia. E enfim, rapaz, estes guardadores de porcos e de vacas que de um dia para o outro se tornam pseudo-apóstolos queriam, beatamente e sem suor, viver das esmolas daqueles que os frades menores tinham educado com tanta fadiga e com tão heróico exemplo de pobreza! Mas não se trata disso - acrescentou logo -, é que para se assemelhar aos apóstolos, que ainda eram judeus, Gerardo Segalelli fez-se circuncidar, o que vai contra as palavras de Paulo aos Gálatas, e tu sabes que muitas e santas pessoas anunciam que o Anticristo futuro virá do povo dos circuncisos... Mas Gerardo fez pior, andava reunindo os simples e dizia: «Vinde comigo à vinha», e aqueles que não o conheciam entravam com ele na vinha alheia, julgando-a sua, e comiam as uvas dos outros...

- Não devem ter sido os frades menores a defender a propriedade dos outros - disse impudentemente.

Ubertino fixou-me com olhar severo:

- Os frades menores pedem para ser pobres, mas nunca pediram aos outros que fossem pobres. Não se pode impunemente atentar contra a propriedade dos bons cristãos, os bons cristãos apontar-te-ão como um bandido. E assim aconteceu a Gerardo. De quem disseram, enfim (repara eu não sei se é verdade, e confio nas palavras de frade Salimbene, que conheceu aquela gente), que, para pôr à prova a sua força de vontade e a sua continência, dormiu com algumas mulheres sem ter relações sexuais; mas, quando os seus discípulos tentaram imitá-lo, os resultados foram bem diversos... Oh, não são coisas que deva saber um rapaz, a fêmea é baixel do demônio... Gerardo continuava a gritar «penitenciagite», mas um seu discípulo, um certo Guido Putagio, procurou tomar a direção do grupo, e andava com grande pompa com muitas cavalgaduras e fazia grandes despesas e banquetes como os cardeais da Igreja de Roma. E depois houve rixas entre eles pelo comando da seita, e aconteceram coisas de grande torpeza. E no entanto muitos vieram junto de Gerardo, não só camponeses, mas também gente das cidades, inscritos nas artes, e Gerardo mandava-os despir a fim de que nus seguissem Cristo nu, e mandava-os pelo mundo a pregar, mas ele, para si, mandou fazer uma veste sem

mangas, branca, de tecido grosso, e assim vestido mais parecia um bufão que um religioso! Viviam ao ar livre, mas por vezes subiam aos púlpitos das igrejas interrompendo a assembléia do povo devoto e expulsando os pregadores, e uma vez puseram um menino no trono episcopal da igreja de Sant Orso, em Ravena. E diziam-se herdeiros da doutrina de Joaquim de Fiore...

- Mas também os franciscanos - disse -, também Gerardo de Borgo San Donnino, também vós o dissestei! - exclamei.

- Acalma-te, rapaz. Joaquim de Fiore foi um grande profeta e foi o primeiro a compreender que Francisco havia de marcar a renovação da Igreja. Mas os pseudo-apóstolos usaram a sua doutrina para justificar as suas loucuras, Segalelli trazia consigo uma «apóstola», uma certa Tripia ou Ripia, que tinha a pretensão de ter o dom da profecia. Uma mulher, compreendes?

- Mas, padre - tentei objetar -, vós mesmo faláveis há dias da santidade de Clara de Montefalco e de Angela de Foligno...

- Essas eram santas! Viviam na humildade reconhecendo o poder da Igreja, nunca se arrogaram o dom da profecia! Pelo contrário, os pseudo-apóstolos asseveravam que as mulheres também podiam andar de cidade em cidade a pregar, como fizeram muitos outros hereges. E já não conheciam diferença alguma entre solteiros e casados, nem voto algum voltou a ser considerado perpétuo. Em resumo, para não te aborrecer demasiado com histórias tristíssimas cujos pormenores não podes compreender bem, o bispo Obizzo de Parma decidiu finalmente pôr Gerardo a ferros. Mas aqui aconteceu uma coisa estranha, que te diz como é fraca a natureza humana e insidiosa a planta da heresia. Porque, finalmente, o bispo libertou Gerardo e acolheu-o junto de si, à sua mesa, e ria com as suas piadas, e conservava-o como seu bufão.

- Mas porquê?

- Não sei, ou receio sabê-lo. O bispo era nobre e não gostava dos mercadores e dos artesãos da cidade. Talvez não lhe desagradasse que Gerardo, com as suas prédicas de pobreza, falasse contra eles e passasse do pedido de esmola à rapina. Mas finalmente interveio o papa, e o bispo voltou à sua justa severidade, e Gerardo acabou na fogueira como herege impenitente. Era o início deste século.

- E que tem a ver com estas coisas frei Dolcino?

- Tem, e isto diz-te como a heresia sobrevive à própria destruição dos hereges. Este Dolcino era bastardo de um sacerdote que vivia na diocese de Novara, nesta parte da Itália, um pouco mais a setentrião. Alguém disse que nasceu noutro lugar, no vale do Ossola, ou em Romagnano. Mas pouco importa. Era um jovem de agudíssimo engenho e

foi educado nas letras, mas roubou o sacerdote que se ocupava dele e fugiu para oriente, para a cidade de Trento. E ali retomou as pregações de Gerardo, de modo ainda mais herético, afirmando ser o único verdadeiro apóstolo de Deus, e que todas as coisas deviam ser comuns no amor, e que era lícito andar indiferentemente com todas as mulheres, pelo que ninguém podia ser acusado de concubinato, mesmo que andasse com a mulher e com a filha...

- Pregava verdadeiramente essas coisas ou foi acusado disso? Porque ouvi dizer que os espirituais também foram acusados de crimes como aqueles frades de Montefalco...

- De hoc satis - interrompeu bruscamente Ubertino. - Esses já não eram frades. Eram hereges. E precisamente conspurcados por Dolcino. E por outro lado, escuta, basta saber aquilo que Dolcino fez depois para o definir como malvado. Como chegou ao conhecimento das teorias dos pseudo-apóstolos não faço a menor idéia. Provavelmente passou por Parma, quando jovem, e ouviu Gerardo. Sabe-se que manteve contato na província de Bolonha com aqueles hereges depois da morte de Segalelli. Mas ao certo sabe-se que iniciou a sua pregação em Trento. Ali, seduziu uma rapariga lindíssima e de família nobre, Margarida, ou ela seduziu-o a ele, como Heloísa seduziu Abelardo, porque, recorda-te, é através da mulher que o diabo penetra no coração dos homens! Nessa altura, o bispo de Trento expulsou-o da sua diocese, mas Dolcino já tinha reunido mais de mil sequazes, e iniciou a sua marcha que o reconduziu às terras onde tinha nascido. E ao longo do caminho juntavam-se-lhe outros ingênuos, seduzidos pelas suas palavras, e provavelmente juntaram-se-lhe muitos hereges valdenses que habitavam as montanhas por onde passava, ou ele queria reunir-se aos valdenses dessas terras a setentrião. Chegando à província de Novara, Dolcino encontrou um ambiente favorável à sua revolta, porque os vassalos que governavam o país de Gattinara em nome do bispo de Vercelli tinham sido expulsos pela população, que acolheu portanto os bandidos de Dolcino como bons aliados.

- Que tinham feito os vassalos do bispo?

- Não sei, e não me compete a mim julgá-lo. Mas, como vês, a heresia casa-se com a revolta contra os senhores, em muitos casos, e por isso o herege começa a pregar a dona pobreza e depois cai presa de todas as tentações do poder, da guerra, da violência. Havia uma luta entre famílias na cidade de Vercelli, os pseudo-apóstolos aproveitaram-se disso, e estas famílias valeram-se da desordem trazida pelos pseudo-apóstolos. Os senhores feudais recrutavam aventureiros para roubar os cidadãos, e os cidadãos pediam a proteção do bispo de Novara.

- Que história complicada. Mas Dolcino com quem estava?

- Não sei, participava por si próprio, tinha-se inserido em todas estas disputas e daí tirava ocasião para pregar a luta contra a propriedade alheia em nome da pobreza.

Dolcino acampou com os seus, que eram então três mil, num monte próximo de Novara, chamado da Parede Calva, e construíram pequenos castelos e habitáculos, e Dolcino dominava sobre toda aquela multidão de homens e mulheres que viviam na promiscuidade mais vergonhosa. Dali enviava cartas aos seus fiéis, em que expunha a sua doutrina herética. Dizia e escrevia que o seu ideal era a pobreza, e que não estavam ligados por nenhum vínculo de obediência exterior, e que ele, Dolcino, tinha sido mandado por Deus para desselar as profecias e compreender as escrituras do Antigo e do Novo Testamento. E chamava ministros do diabo aos clérigos seculares, pregadores e frades menores, e desobrigava qualquer um do dever de lhes obedecer. E distinguia quatro idades da vida do povo de Deus: a primeira do Antigo Testamento, dos patriarcas e dos profetas, antes da vinda de Cristo, em que o matrimônio era bom porque a gente se devia multiplicar; a segunda a idade de Cristo e dos apóstolos, e foi a época da santidade e da castidade; depois veio a terceira, em que os pontífices tiveram a principio de aceitar as riquezas terrenas para poder governar o povo, mas quando os homens começaram a afastar-se do amor de Deus veio Bento, que falou contra toda a possessão temporal; quando depois os monges de Bento voltaram também a acumular riquezas, vieram os frades de São Francisco e de São Domingos, ainda mais severos do que Bento na pregação contra o domínio e a riqueza terrena. Mas, enfim, agora, que a vida de tantos prelados de novo contradizia todos aqueles bons preceitos, tinha-se chegado ao fim da terceira idade e era necessário converter-se aos ensinamentos dos apóstolos.

- Mas então Dolcino pregava aquelas coisas que tinham pregado os franciscanos, e entre os franciscanos precisamente os espirituais, e vós mesmo, padre!

- Oh, sim, mas tirava daí um pérfido silogismo! Dizia que para pôr fim a esta terceira idade da corrupção era necessário que todos os clérigos, os monges e os frades morressem de morte cruelíssima; dizia que todos os prelados da Igreja, os clérigos, as monjas, os religiosos e as religiosas e todos aqueles que fazem parte das ordens dos pregadores e dos frades menores, dos eremitas, e do próprio papa Bonifácio deveriam ser exterminados pelo imperador escolhido por ele, Dolcino, e este seria Frederico da Sicília.

- Mas não foi precisamente Frederico que acolheu na Sicília com favor os espirituais expulsos da Umbria, e não são os menoritas que pedem precisamente que o imperador, ainda que agora seja Luís, destrua o poder temporal do papa e dos cardeais?

- É próprio da heresia, ou da loucura, transtornar os pensamentos mais retos e levá-los a conseqüências contrárias à lei de Deus e dos homens. Os menoritas nunca pediram ao imperador que matasse os outros sacerdotes.

Enganava-se, sei-o agora. Porque, quando alguns meses depois, o Bávaro instaurou a sua própria ordem em Roma, Marsílio e outros menoritas fizeram aos religiosos fiéis ao papa precisamente aquilo que Dolcino pedia que se fizesse. Com isto não quero dizer que

Dolcino estivesse na verdade sendo justo, mas em todo o caso, diria que Marsílio estava equivocado. Mas eu começava a perguntar-me, especialmente depois do colóquio daquela tarde com Guilherme, como era possível aos simples que seguiam Dolcino distinguir entre as promessas dos espirituais e a aplicação que lhes dava Dolcino. Acaso não era ele culpado de pôr em prática aquilo que homens reputados como ortodoxos tinham pregado por via puramente mística? Ou, talvez ali estivesse a diferença, a santidade consistia em esperar que Deus nos desse aquilo que os seus santos tinham prometido, sem procurar obtê-lo por meios terrenos? Agora sei que é assim e sei porque Dolcino estava em erro não se deve transformar a ordem das coisas, ainda que se deva esperar fervorosamente na sua transformação. Mas naquela noite era dominado por pensamentos contraditórios.

- Enfim - dizia-me Ubertino -, a marca da heresia encontrá-la-á sempre na soberba. Numa segunda carta, Dolcino, no ano de mil trezentos e três, nomeava-se chefe supremo da congregação apostólica, nomeava como seus lugares-tenentes a pérfida Margarida (uma mulher) e Longino de Bérgamo, Frederico de Novara, Alberto Carentino e Valderico de Brescia. E começava a divagar sobre uma seqüência de papas futuros, dois bons, o primeiro e o último, dois maus, o segundo e o terceiro. O primeiro é Celestino, o segundo é Bonifácio VIII, de quem os profetas dizem: «A soberba do teu coração te infamou, ó tu que habitas nas fendas das rochas.» O terceiro papa não é nomeado, mas Jeremias dele teria dito: «Ei-lo, qual leão.» E, infâmia, Dolcino reconhecia o leão em Frederico da Sicília. O quarto papa para Dolcino era ainda desconhecido, e deveria ser o papa santo, o papa angélico de que falava o abade Joaquim. Deveria ser eleito por Deus, e então Dolcino e todos os seus (que naquela altura eram já quatro mil) receberiam em conjunto a graça do Espírito Santo, e a Igreja seria assim renovada até ao fim do mundo. Mas nos três anos que precediam a sua vinda todo o mal deveria ser consumado. E foi isso o que procurou fazer Dolcino, levando a guerra a toda a parte. E o quarto papa, e aqui se vê como o demônio joga com os seus súcubos, foi precisamente Clemente V, que proclamou a cruzada contra Dolcino. E foi justo, porque, naquelas cartas, Dolcino já defendia teorias inconciliáveis com a ortodoxia. Ele afirmou que a Igreja Romana é uma meretriz, que não deve obediência aos sacerdotes, que todo o poder espiritual tinha doravante passado para a seita dos apóstolos, que só os apóstolos formam a nova Igreja, que os apóstolos podem anular o matrimônio, que ninguém, poderá ser salvo se não fizer parte da seita, que nenhum papa pode absolver do pecado, que não se devem pagar as décimas, que é vida mais perfeita viver sem votos do que com votos, que uma igreja consagrada não vale nada para a oração, não mais do que um estábulo, e que se pode adorar Cristo nos bosques e nas igrejas.

- Disse verdadeiramente essas coisas?

- Decerto, isto é seguro, escreveu-as. Mas fez infelizmente pior. Logo que tomou posição na Parede Calva, começou a saquear as aldeias do vale, a fazer incursões para arranjar abastecimentos, conduzindo em suma uma autêntica guerra contra os sítios

vizinhos.

- Todos contra ele?

- Não se sabe. Provavelmente recebeu apoios de alguns, disse-te que se tinha inserido num nó inextricável de discórdias locais. Tinha caído entretanto o Inverno de mil trezentos e cinco, um dos mais rigorosos dos últimos decênios, e havia por toda a parte uma grande penúria. Dolcino enviava uma terceira carta aos seus sequazes, e muitos ainda se lhe juntavam, mas lá em cima a vida tinha-se tornado impossível e chegaram a uma fome tal que comiam a carne dos cavalos e de outros animais e feno cozido. E muitos morreram por isso.

- Mas contra quem se batiam agora?

- O bispo de Vercelli tinha apelado para Clemente V, e tinha sido proclamada uma cruzada contra os hereges. Foi estabelecida uma indulgência plenária para quem quer que nela participasse, foram solicitados Luis de Sabóia, os inquisidores da Lombardia, o arcebispo de Milão. Muitos pegaram na cruz para ajudarem os vercelenses e os novarenses, mesmo da Sabóia, da Provença, da França, e o bispo de Vercelli teve o comando supremo. Eram contínuos os reencontros entre as vanguardas dos dois exércitos, mas as fortificações de Dolcino eram inexpugnáveis, e, de uma maneira ou de outra, os ímpios recebiam socorros.

- De quem?

- De outros ímpios, creio, que tiravam satisfação daquela fonte de desordem. Ao findar o ano de mil trezentos e cinco, o heresiarca foi obrigado porém a abandonar a Parede Calva deixando os feridos e os doentes, e transferiu-se para o território de Trivero, onde se entrincheirou num monte que então se chamava Zubello e que dali em diante passou a dizer-se Rubello ou Rebello, porque se tinha tornado a fortaleza dos rebeldes à Igreja. Em suma, não te posso contar tudo aquilo que aconteceu, e foram massacres terríveis. Mas no fim os rebeldes foram obrigados a render-se, Dolcino e os seus foram capturados e acabaram com justiça na fogueira.

- A bela Margarida também?

Ubertino olhou para mim:

- Recordaste-te que era bela, não é verdade? Era bela, dizem, muitos senhores do lugar pensaram fazer dela sua esposa para a salvarem da fogueira. Mas ela não quis, morreu impenitentemente com o impenitente do seu amante. E que isto te sirva de lição, livra-te da meretriz da Babilônia, mesmo quando assume a forma da criatura mais delicada.

- Mas agora disse-me padre. Sei que o despenseiro do convento, e talvez também Salvador, encontraram Dolcino e estiveram com ele de alguma maneira...

- Cala-te, e não pronuncies juízos temerários. Conheci o despenseiro num convento de menoritas. Depois dos fatos que se relacionam com a história de Dolcino, é verdade. Muitos espirituais naqueles anos, antes de decidirmos encontrar refúgio na ordem de São Bento, tiveram uma vida agitada, e tiveram de deixar os seus conventos. Não sei onde terá estado Remígio antes de eu o encontrar. Sei que foi sempre um bom frade, ao menos do ponto de vista da ortodoxia. Quanto ao resto, aí de mim, a carne é fraca...

- Que pretendeis dizer?

- Não são coisas que devas saber. Pois bem, em suma, já que falamos disso, e tens de poder distinguir o bem do mal... - hesitou ainda - dir-te-ei que ouvi murmurar aqui, na abadia, que o despenseiro não sabe resistir a certas tentações... Mas são murmurações. Porém deves aprender a nem sequer pensar nestas coisas. - Puxou-me de novo para si, abraçando-me com força, e indicou-me a estátua da Virgem: - Tu deves iniciar-te no amor sem mácula. Eis aquela em que a feminilidade foi sublimada. Por isso, dela podes dizer que é bela, como a amada do cântico dos Cânticos. Nela - disse com o rosto arrebatado por um gáudio interior, precisamente como o Abade no dia em que falou das gemas e do ouro dos seus vasos -, nela até a graça do corpo se faz sinal das belezas celestes e por isso o escultor a representou com todas as graças de que a mulher deve ser adornada. - Indicou-me o busto delicado da Virgem, erguido e apertado por um corpete atado ao centro com cordões, com que brincavam as pequenas mãos do Menino. - Vês? Pulchra enim sunt ubera quae paululum supereminet et tument modice, nec fluitantia licenter, sed leniter restricta, repressa sed non depresso... Que sentes diante desta dulcíssima visão?

Corei violentamente, sentindo-me agitado como por um fogo interior. Ubertino deve tê-lo percebido, ou talvez reparasse no ardor das minhas faces, porque logo acrescentou:

- Mas deves aprender a distinguir o fogo do amor sobrenatural do deliquo dos sentidos. É difícil até para os santos.

- Mas como se reconhece o amor bom? - perguntei, tremendo.

- Que é o amor? Não há nada no mundo, nem homem nem diabo, nem coisa alguma, que eu considere tão suspeito como o amor, que este penetra na alma mais que qualquer outra coisa. Não existe nada que tanto ocupe e ligue o coração como o amor. Por isso, a menos que tenha as armas que a governam, a alma precipita-se por amor numa imensa ruína. E eu creio que, sem as seduições de Margarida, Dolcino não se teria condenado, e sem a vida proterva e promíscua da Parede Calva muitos não teriam sentido o fascínio da

sua rebelião. Repara, eu não te digo estas coisas apenas do amor nocivo, que naturalmente deve ser evitado por todos como coisa diabólica, eu digo isto, e com grande medo, mesmo do amor bom que corre entre Deus e o homem, entre o homem e o seu próximo. Frequentemente acontece que dois ou três, homens ou mulheres, se amem muito cordialmente e nutram uns pelos outros uma singular afeição, e desejem viver sempre juntos, e quando uma parte deseja a outra quer. Aí confesso-te que um sentimento deste gênero experimentei-o eu por mulheres virtuosas como Angela e Clara. Pois bem, também isto é bastante reprovável, ainda que se faça espiritualmente e por Deus... Porque mesmo o amor sentido pela alma, se não está armado mas é acolhido com calor, vem depois a cair, ou então opera desordenadamente. Oh, o amor tem diversas propriedades, a princípio por ele a alma se entenece, depois cai enferma... Mas depois pressente o calor verdadeiro do amor divino e grita, e lamenta-se, faz-se pedra metida na fornalha para se desfazer em cal, e crepita lambida pela chama...

- E esse é o amor bom?

Ubertino acariciou-me a cabeça, e quando o olhei vi que tinha os olhos enternecidos de lágrimas:

- Sim, este é enfim amor bom. - Retirou a mão dos meus ombros. - Mas como é difícil - acrescentou -, como é difícil distingui-lo do outro. E, por vezes, quando a tua alma é tentada pelos demônios sentes-te como o homem enforcado pela garganta que, de mãos atadas atrás das costas e olhos vendados, permanece suspenso da forca e no entanto vive, sem nenhum auxílio, sem nenhum apoio, sem nenhum remédio, a girar no vazio... - O seu rosto já não estava banhado apenas pelo pranto, mas por uma camada de suor. - Agora vai-te embora - disse-me à pressa -, disse-te aquilo que querias saber. Por aqui o coro dos anjos, por ali a garganta do inferno. Vai, e seja louvado o Senhor.

Prostrou-se de novo diante da Virgem, e ouvi-o soluçar baixinho. Rezava.

Não saí da igreja. O colóquio com Ubertino tinha-me introduzido no espírito e nas vísceras um estranho fogo e uma indizível inquietação. Talvez por isso me achei inclinado à desobediência e decidi voltar sozinho à biblioteca. Nem eu sequer sabia o que procurava. Queria explorar sozinho um lugar ignoto, fascinava-me a idéia de me poder orientar sem a ajuda do meu mestre. Ali subi como Dolcino tinha subido ao monte Rubello.

Tinha comigo a candeia (porque a tinha levado?, já nutria talvez esse desígnio secreto?), e penetrei no ossário quase de olhos fechados. Em pouco tempo cheguei ao scriptorium.

Era uma noite fatal, creio, porque, enquanto revistava as mesas, descobri uma sobre a qual estava aberto um manuscrito que um monge copiava naqueles dias. O título atraíu-

me logo: Historia fratris Dulcini Heresiarche. Creio que era a mesa de Pedro de Sant Albano, de quem me tinham dito que estava a escrever uma monumental história da heresia (depois do que aconteceu na abadia naturalmente que já não a escreveu... mas não antecipemos os eventos). Não era pois anormal que ali estivesse aquele texto, e outros havia de assunto afim, sobre os patarinos e sobre os flagelantes. Mas tomei como um sinal sobrenatural, não sei ainda se celeste ou diabólico, aquela circunstância, e pus-me a ler avidamente o escrito. Não era muito longo, e na primeira parte dizia, com muitos outros pormenores que esqueci, o que me tinha dito Ubertino. Ai se falava também dos numerosos delitos cometidos pelos dolcinianos durante a guerra e o assédio. E da batalha final, que foi das mais cruentas. Mas aí encontrei também aquilo que Ubertino não me tinha contado, e dito por quem evidentemente tinha visto tudo e com isso tinha ainda a imaginação inflamada.

Soube portanto como em Março de 1307, em sábado santo, Dolcino, Margarida e Longino, finalmente presos, foram conduzidos à cidade de Biella e entregues ao bispo, que esperava a decisão do papa. O papa, logo que soube a notícia, transmitiu-a ao rei de França, Filipe, escrevendo: «Chegaram-nos notícias muitíssimo agradáveis, fecundas de alegria e exultação, porque aquele demônio pestífero, filho de Belial, e horrendíssimo heresiarca Dolcino, depois de longos perigos, fadigas, massacres e freqüentes incursões com os seus sequazes, está finalmente prisioneiro nos nossos cárceres, por obra do nosso venerável irmão Raniero, bispo de Vercelli, capturado no dia da santa ceia do Senhor, e a numerosa gente que estava com ele, infectada pelo contágio, foi morta naquele mesmo dia.» O papa foi impiedoso em relação aos prisioneiros e ordenou ao bispo que lhes desse a morte. Então, em Julho do mesmo ano, no primeiro dia do mês, os hereges foram entregues ao braço secular. Enquanto os sinos da cidade tocavam a rebate, foram postos em cima de um carro, circundados pelos carrascos e seguidos pela milícia, que percorreu toda a cidade, enquanto, a cada esquina, com tenazes em brasa, rasgavam as carnes aos réus. Margarida foi a primeira a ser queimada diante de Dolcino, que não moveu um único músculo do rosto, tal como não tinha soltado um lamento quando as tenazes lhe mordiam os membros. Depois o carro continuou o seu caminho, enquanto os carrascos enfiavam os seus ferros em vasos cheios de fachos ardentes. Dolcino sofreu outros tormentos, e ficou sempre mudo, salvo quando lhe amputaram o nariz, porque encolheu um pouco os ombros, e quando lhe arrancaram o membro viril, pois nessa altura lançou um longo suspiro, como um gemido. As últimas coisas que disse soaram a impenitência, e advertiu que ressuscitaria ao terceiro dia. Depois foi queimado, e as cinzas foram dispersas ao vento.

Fechei o manuscrito com as mãos a tremer. Dolcino tinha cometido muitos delitos, tinham-me dito, mas tinha sido horrorosamente queimado. E tinha-se comportado na fogueira... como?, com a firmeza dos mártires ou com a arrogância dos danados? Enquanto subia vacilando as escadas que levavam à biblioteca, compreendi porque estava tão perturbado. Lembrei-me de repente de uma cena que tinha visto não muitos meses antes, pouco depois da minha chegada à Toscana. Perguntava-me mesmo como é

que a tinha quase esquecido até então, como se a minha alma doente tivesse querido apagar uma recordação que lhe pesava como um pesadelo. Ou melhor, não a tinha esquecido, porque cada vez que ouvia falar dos fraticelli revia imagens daquele acontecimento, mas logo as rechaçava para os recantos do meu espírito, como se fosse um pecado ter sido testemunha daquele horror.

Tinha ouvido falar pela primeira vez de fraticelli nos dias em que, em Florença, tinha visto queimar um na fogueira. Tinha sido pouco antes de encontrar em Pisa frade Guilherme. Ele estava demorando a sua chegada àquela cidade, e meu pai tinha-me dado licença para visitar Florença, cujas belíssimas igrejas tínhamos ouvido elogiar. Tinha vagueado pela Toscana, para aprender melhor a língua vulgar italiana, e tinha finalmente ficado uma semana em Florença, porque tinha ouvido falar muito daquela cidade e desejava conhecê-la.

Foi assim que, mal ali cheguei, ouvi falar de um grande caso que estava agitando toda a cidade. Um fraticello herético, acusado de delitos contra a religião, e levado à presença do bispo e outros eclesiásticos, era naqueles dias submetido a severa inquisição. E, seguindo aqueles que me falavam disso, encaminhei-me até ao lugar onde se desenrolava o evento, enquanto ouvia a gente dizer que aquele fraticello, de nome Miguel, era em verdade um homem muito piedoso, que tinha pregado penitência e pobreza, repetindo as palavras de São Francisco, e tinha sido arrastado diante dos juízes pela malícia de certas mulheres que, fingindo confessar-se a ele, lhe tinham depois atribuído propostas heréticas; e, mais, tinha sido apanhado pelos homens do bispo precisamente em casa daquelas mulheres, fato esse que me espantava, porque um homem da Igreja não deveria ir administrar os sacramentos em lugares tão pouco adequados, mas esta parecia ser a fraqueza dos fraticelli, não terem na devida consideração as conveniências, e talvez houvesse algo de verdadeiro na voz do povo, que os achava, além de hereges, de costumes duvidosos (tal como se continuava a dizer que os cátaros eram búlgaros e sodomitas).

Cheguei à igreja de São Salvador, onde se desenrolava o processo, mas não pude entrar por causa da grande multidão que estava em frente. Porém, alguns tinham-se içado e agarrado às grades das janelas, e viam e ouviam quando ali se passava, e contavam-no aos outros que se encontravam em baixo. Estavam então relendo a frade Miguel a confissão que tinha feito no dia anterior, em que dizia que Cristo e os seus apóstolos «não tiveram nenhuma coisa nem em particular nem em comum por razão de propriedade», mas Miguel protestava que o tabelião lhe tinha acrescentado agora «muitas falsas conseqüências» e gritava (e isto ouvi-o de fora): «Haveis de prestar contas disto no dia do Juízo!» Mas os inquisidores leram a confissão como a tinham redigido e no fim perguntaram-lhe se queria humildemente conformar-se com as opiniões da Igreja e de todo o povo da cidade. E ouvi Miguel que gritava em voz alta que queria era conformar-se com aquilo em que acreditava, isto é, que «queria manter Cristo como pobre crucificado e o papa João XXII como herege, pois que dizia o contrário». Seguiu-se

uma grande discussão, em que os inquisidores, entre os quais muitos franciscanos, queriam fazer-lhe compreender que as escrituras não tinham dito aquilo que ele dizia, e ele acusava-os de negarem a regra da sua própria ordem, e aqueles caíam-lhe em cima perguntando-lhe se porventura julgava entender as escrituras melhor do que eles, que eram mestres na matéria. E frei Miguel, deveras muito pertinaz, contestava-os, tanto que aqueles punham-se a atacá-lo com provocações como: «E agora queremos que tu mantinhas Cristo como se fosse proprietário e o Papa João como católico e santo.» E Miguel, não desistindo: «Não, herético.» E aqueles diziam que nunca tinham visto ninguém tão duro na própria iniquidade. Mas entre a multidão fora do palácio ouvi muitos que diziam que ele era como Cristo entre os fariseus, e apercebi-me que entre o povo muitos acreditavam na santidade de frade Miguel.

Finalmente, os homens do bispo levaram-no de novo para a prisão e puseram-no a ferros. E à noite disseram-me que muitos dos frades amigos do bispo tinham ido insultá-lo e pedir-lhe que se retratasse, mas ele respondia como alguém que estivesse seguro da sua própria verdade. E repetia a todos que Cristo era pobre, e que o mesmo tinham dito também São Francisco e São Domingos, e que, se por professar esta reta opinião devia ser condenado ao suplício, tanto melhor, porque em breve poderia ver o que diziam as escrituras, e os vinte e quatro velhos do Apocalipse, e Jesus Cristo e São Francisco, e os gloriosos mártires. E disseram-me que disse: «Se lemos com tanto fervor a doutrina de certos santos abades com tanto mais fervor e alegria devemos desejar estar no meio deles.» E a palavras deste gênero os inquisidores saíam do cárcere de rosto sombrio gritando indignados (e eu ouvi-os): «Tem o diabo no corpo!»

No dia seguinte soubemos que a condenação tinha sido pronunciada, e dirigindo-me ao episcopado pude ver o pergaminho, e uma parte copiei-a na minha tabuinha.

Começava «In nomine Domini amen. Hec est quedam condemnatio corporalis et sententia condemnationis corporalis lata, data et in hiis criptis sententialiter prumptiata et promulgata...», etcétera, e prosseguia com uma severa descrição dos pecados e das culpas do dito Miguel, que aqui em parte reproduzo para que o leitor julgue com prudência:

Johannem vocatum fratrem Micchaelem Iacobi, de comitatu Sancti Fre-diani, hominem male conditionis, et pessime conversationis, vite et fame, hereticum et herética labe pollutum et contra fidem cactolicam credentem et affirmantem... Deum pre oculis non habendo sed potius humani generis inimicum, scienter, studiose, appensate, nequiter et animo et intentione, exer-cendi hereticam pravitatem stetit et conversatus fuit cum Fraticellis, vocatis fraticellis della povera vita hereticis et scismaticis et eorum pravam sectam et heresim secutus fuit et sequitur contra fidem cactolicam... et accessit ad dictam civitatem Florentie et in locis publicis dicte civitatis in dicta inquisi-tione contentis, credidit, tenuit et pertinaciter affirmavit ore eí corde... quod Christus redentor noster non habuit rem aliquam in proprio vel comuni sed habuit a

quibuscumque rebus quas sacra scriptura eum habuisse testatur, tantum simplicem facti usum.

Mas não eram apenas estes os delitos de que era acusado, e um, entre outros, pareceu-me dos mais torpes, embora eu não saiba (tal como se desenrolou o processo) se ele terá na verdade afirmado tal coisa, mas dizia-se, em suma, que o dito menorita tinha defendido que São Tomás de Aquino não era santo nem gozava da eterna salvação, mas, pelo contrário, era condenado e em estado de perdição! E a sentença concluía cominando a pena, pois que o acusado não tinha querido emendar-se:

Costal nobis etiam ex predictis et ex dicta sententia lata per dictum do-minum episcopum florentinum, dictum Johannem fore hereticum, nolle se tantis horroribus et heresi corrigere et emendare, et se ad rectam viam fidei dirigere, habentes dictum Johannem pro irreducibili, pertinace et hostinato in dictis suis perversis horroribus, ne ipse Johannes de dictis suis sceleribus et horroribus perversis valeat gloriari, et ut eius pena alus transeat in exemplum; idcirco, dictum Johannem vocatum fratrem Micchaelem hereticum et scismaticum quod ducatur ad locum iustitiae consuetum, et ibidem igne et flammis igneis accensis concremetur et comburatur, ita quod penitus moria-tur et anima a corpore separetur.

E, depois que a sentença foi tornada pública, foram ainda homens da Igreja à prisão e advertiram Miguel daquilo que iria acontecer, e ouvi-os até dizer: «Frei Miguel, já estão feitas as mitras com as capas, e têm pintados fraticelli acompanhados por diabos.» Para o amedrontar e obrigá-lo enfim a retratar-se. Mas frade Miguel pôs-se de joelhos e disse: «Eu penso que à volta da fogueira estará o nosso padre Francisco e, digo mais, creio que aí estarão Jesus e os apóstolos, e os gloriosos mártires Bartolomeu e Antônio.» O que era um modo de recusar pela última vez as ofertas dos inquisidores.

Na manhã seguinte também eu estive na ponte do episcopado onde se tinham reunido os inquisidores, à presença dos quais foi levado, sempre acorrentado, frade Miguel. Um dos fiéis ajoelhou-se diante dele, para receber a bênção, e foi preso pelos homens de armas e conduzido imediatamente para a prisão. Depois, os inquisidores voltaram a ler a sentença ao condenado e perguntaram de novo se queria arrepender-se. Cada vez que a sentença dizia que ele era um herege, Miguel respondia «herege não sou, pecador, sim, mas católico», e quando o texto nomeava «o venerabilíssimo e santíssimo papa João XXII» Miguel respondia «não, mas herege». Então o bispo ordenou que Miguel fosse ajoelhar-se diante dele, e Miguel disse que não se ajoelhava diante dos hereges. Obrigaram-no a ajoelhar-se à força, e ele murmurou: «Sou desculpado diante de Deus.» E, como tinha sido levado para ali com todos os seus paramentos sacerdotais, iniciou-se um rito em que peça a peça os paramentos lhe eram tirados, até que ficou apenas com aquele saiote que em Florença chamam cioppa. E como manda o uso para o padre que se desconsagra, com um ferro cortante raspavam-lhe as pontas dos dedos e raparam-lhe o cabelo. Depois foi confiado ao capitão e aos seus homens, que o trataram muito

duramente e o puseram a ferros, levando-o de novo para o cárcere enquanto ele dizia à multidão: «Per Dominum moriemur.» Devia ser queimado, assim ouvi, só no dia seguinte. E nesse mesmo dia foram perguntar-lhe se queria confessar-se e comungar. E recusou cometer pecado aceitando os sacramentos de quem estava em pecado. E nisto, creio, fez mal, e mostrou-se corrompido pela heresia dos patarinos.

E chegou enfim a manhã do suplício, e foi buscá-lo um porta-bandeira que me pareceu pessoa amiga, porque lhe perguntou que espécie de homem era e porque se obstinava quando bastava afirmar aquilo que todo o povo afirmava e aceitar a opinião da Santa Madre Igreja. Mas Miguel duríssimo: «Eu creio em Cristo pobre crucificado.» E o porta-bandeira foi-se embora abrindo os braços. Chegaram então o capitão e os seus homens e levaram Miguel para o pátio onde estava o vigário do bispo, que lhe voltou a ler a confissão e a condenação. Miguel interveio ainda para contestar opiniões falsas que lhe eram atribuídas: e eram na verdade de tão grande sutileza que eu não as recordo e então não as compreendi bem. Mas sobre elas se decidia a morte de Miguel, decerto, e a perseguição dos fraticelli. De tal modo que eu não compreendia por que motivo homens da Igreja e do braço secular se encarniçavam tanto contra pessoas que queriam viver na pobreza e consideravam que Cristo não tinham tido bens terrenos. Porque, dizia para comigo, quando muito, deviam temer homens que querem, viver na riqueza e subtrair dinheiro aos outros, e levar a Igreja para o pecado e introduzir nela práticas de simonia. E falei disto a um que estava perto de mim, porque não resistia a ficar calado. E aquele sorriu trocista e disse-me que um frade que pratica a pobreza torna-se mau exemplo para o povo, que depois já não se habitua aos frades que não a praticam. E que, acrescentou, aquela pregação de pobreza metia idéias nocivas na cabeça do povo, que da sua pobreza retiraria razões de orgulho, e o orgulho pode levar a muitos atos orgulhosos. E enfim, que eu devia saber que nem sequer para ele era claro por meio de que silogismo, ao pregar a pobreza para os frades, se estava do lado do imperador, e isso não agradava ao papa. Pareceram-me todas ótimas razões, ainda que ditas por um homem de pouca doutrina. Salvo que, sendo assim, não compreendia por que motivo frei Miguel queria morrer tão horrendamente para satisfazer o imperador, ou resolver uma questão entre ordens religiosas. E, de fato, alguém entre os presentes dizia: «Não é um santo, foi enviado por Luís para semear a discórdia entre os cidadãos, e os fraticelli são toscanos mas por trás deles estão os enviados do Império.» E outros: «Mas é um louco, esta possuído pelo demônio cheio de orgulho, e goza do martírio por danada soberba; obrigam estes frades a ler demasiadas vidas de santos, melhor seria que tomassem mulher!» E outros ainda: «Não, teríamos necessidade que todos os cristãos fossem assim, prontos a testemunhar a sua fé como no tempo dos pagãos.» E ao escutar aquelas vozes, quando já não sabia que pensar, aconteceu-me que pude ver de frente o condenado, que a espaços a multidão diante de mim escondia. E vi o rosto de alguém que olha alguma coisa que não é desta terra, como algumas vezes vi nas estátuas dos santos arrebatados em visões. E compreendi que, fosse louco ou vidente, ele, lucidamente, queria morrer, porque acreditava que, morrendo havia de, derrotar o seu inimigo, fosse ele qual fosse. E compreendo que o seu exemplo levaria outros à morte. E apenas fiquei assombrado por

tanta firmeza porque ainda hoje não sei se neles prevalece um amor orgulhoso pela verdade em que crêem, que os leva à morte, ou um orgulhoso desejo de morte, que os leva a testemunhar a sua verdade, qualquer que ela seja. E por isso me sinto arrebatado de admiração e temor.

Mas voltemos ao suplício, que já se estavam todos encaminhando para o lugar da condenação à morte.

O capitão e os seus levaram-no para fora da porta, com o saiote vestido, e parte dos botões desapertados, e ele andava com passo largo e a cabeça inclinada, recitando o seu ofício, que parecia um dos mártires. E a multidão era tanta que não se acreditava, e muitos gritavam: «Não morras!», e ele respondia: «Quero morrer por Cristo.» «Mas tu não morres por Cristo», diziam-lhe, e ele: «Mas pela verdade.» Chegando a um lugar chamado o canto do Proconsolo, um gritou-lhe que pedisse a Deus por todos eles, e ele abençoou a multidão. E nos Fondamenti de Santa Liperata um disse-lhe: «Que tolo que és, crê no papa!», e ele respondeu: «Fizestes um deus deste vosso papa», e acrescentou: «Estes vossos papados bem vos amanharam» (que era um jogo de palavras, ou chiste, que tornava os papas como animais, no dialeto toscano, como me explicaram): e todos se espantaram que fosse para a morte dizendo piadas.

Em San Giovanni gritaram-lhe: «Salva a vida!», e ele respondeu: «Salvai-vos dos pecados!»; no Mercaro Vecchio gritaram-lhe: «Salva-te, salva-te!», e ele respondeu: «Salvai-vos do inferno»; no Mercaro Nuovo bradaram-lhe: «Arrepende-te, arrepende-te!», e ele respondeu: «Arrependei-vos das usuras.» E chegando a Santa Croce viu os frades da sua ordem que estavam na escadaria e censurou-os porque não seguiam a regra de São Francisco. E alguns deles encolhiam os ombros, mas outros, envergonhados cobriam o rosto com o capucho.

E andando em direção à porta da Giustizia muitos diziam-lhe: «Nega, nega, não queiras morrer!», e ele: «Cristo morreu por nós.» E eles: «Mas tu não és Cristo, não deves morrer por nós!», e ele: «Mas eu quero morrer por Ele.» No Prado da Giustizia, um disse-lhe se não podia fazer um certo frade seu superior que tinha negado, mas Miguel respondeu que não tinha negado, e vi muitos entre a multidão que concordavam e incitavam Miguel a ser forte assim, eu e muitos outros compreendemos que aqueles eram dos seus e apartamo-nos.

Chegou-se enfim fora da porta e diante de nós apareceu a pira, ou choupana, como ali lhe chamavam, porque a lenha era disposta em forma de cabana, e aí se fez um círculo de cavaleiros armados para que a gente não se aproximasse demasiado. E foi então que ataram frade Miguel à coluna. E ouvi ainda um gritar-lhe «Mas o que é isto, por quem queres morrer?», e ele respondeu «Esta é uma verdade que habita dentro de mim, da qual não se pode dar testemunho senão pela morte.» Acenderam o fogo. E frade Miguel, que já tinha entoado o Credo, entoou depois o Te Deum. Cantou talvez oito versos,

depois dobrou-se, como se fosse espirrar, e caiu por terra, porque tinha ardido as cordas. E já estava morto, porque antes que o corpo arda de todo já se morre pelo grande calor, que faz rebentar o coração, e pelo fumo, que invade o peito.

Depois a cabana ardeu completamente como uma tocha e fez-se um grande clarão, e se não fosse pelo pobre corpo carbonizado de Miguel que ainda se via entre os paus incandescentes teria dito que estava diante da sarça ardente. E estive tão perto de ter uma visão que (recordei enquanto subia as escadas da biblioteca) me tinham subido espontaneamente aos lábios algumas palavras sobre o arrebatamento extático que tinha lido nos livros de Santa Hildegarda: «A chama consiste numa esplêndida claridade, num inato vigor e num ígneo ardor, mas a esplêndida claridade possui-a para reluzir e o ígneo ardor a fim de queimar.»

Recordei-me de algumas frases de Ubertino sobre o amor. A imagem de Miguel na fogueira confundiu-se com a de Dolcino, e a de Dolcino com a de Margarida, a Bela. Senti de novo aquela inquietação que me tinha invadido na igreja.

Tentei não pensar nisso e prossegui decididamente para o labirinto. Penetrava ali sozinho pela primeira vez, as longas sombras projetadas pela candeia no pavimento aterrorizavam-me como as visões das noites anteriores. Temia a cada instante encontrar-me diante de outro espelho, porque a magia dos espelhos é tal que, mesmo sabendo que são espelhos, não deixam de te inquietar.

Além disso não procurava orientar-me nem evitar a sala dos perfumes que provocam visões. Prosseguia como possuído pela febre e não sabia onde queria ir. De fato não me afastei muito do ponto de partida, porque pouco depois achei-me de novo na sala heptagonal por onde tinha entrado. Aqui, sobre uma mesa, estavam dispostos alguns livros que não me parecia ter visto na noite anterior. Adivinhei que eram obras que Malaquias tinha retirado do scriptorium e que não tinha ainda recolocado nos lugares a elas destinadas. Não compreendia se estava muito distante da sala dos perfumes, porque me sentia como aturdido, e podia ser por algum eflúvio que chegava até aquele lugar ou pelas coisas que tinha fantasiado até então. Abri um volume ricamente iluminado, que, pelo estilo, me parecia que provinha dos mosteiros da última Thule.

Fiquei impressionado, numa página em que começava o santo evangelho do apóstolo Marco, com a imagem de um leão. Era certamente um leão, ainda que nunca os tivesse visto em carne e osso, e o miniaturista tinha-lhe reproduzido com fidelidade as feições, inspirando-se talvez ao ver leões de Hibernia, terra de criaturas monstruosas, e convenci-me de que este animal, como aliás diz o Fisiólogo, concentra em si todos os caracteres das coisas mais horrendas e majestosas ao mesmo tempo. Assim aquela imagem me evocava simultaneamente a imagem do inimigo e a de Cristo Nosso Senhor, e nem sabia em que chave simbólica devia lê-la, e tremia todo, quer pelo temor quer pelo vento que penetrava pelas fendas das paredes.

O leão que vi tinha uma boca eriçada de dentes, e uma cabeça finamente coberta por escamas como a das serpentes, o corpo enorme, que se segurava em quatro patas de unhas pontiagudas e ferozes, assemelhava-se pelo velo a um daqueles tapetes que mais tarde vi trazer do Oriente, de escamas vermelhas e esmaragdinas, onde se desenhavam, amarelos como a peste, horríveis e robustos entablamentos de ossos. Amarela era também a cauda, que se retorcia do dorso subindo até à cabeça, terminando com uma última voluta de tufo branco e negro.

Já estava muito impressionado com o leão (e mais de uma vez me tinha voltado para trás como se esperasse ver aparecer de repente um animal com aquele aspecto), quando decidi ver outras folhas, e o meu olhar caiu, no início do evangelho de Mateus, sobre a imagem de um homem. Não sei porquê, assustou-me mais ele do que o leão: o rosto era de homem, mas este homem estava couraçado numa espécie de casula rígida que o cobria até aos pés, e esta casula ou couraça estava incrustada de pedras vermelhas e amarelas. Aquela cabeça, que sobressaía, enigmática, de um castelo de rubis e topázios, surgiu-me (quanto o terror me fez blasfemo!) como o assassino misterioso cujo impalpável rasto seguíamos. E depois compreendi porque ligava tão estreitamente a fera e a couraça ao labirinto: porque ambas, como todas as figuras daquele livro, emergiam de um tecido figurado de labirintos entrelaçados, onde linhas de ônix e esmeralda, fios de crisoprásio, fitas de berilo pareciam aludir todos ao novelo de salas e corredores em que me encontrava. O meu olhar perdia-se, sobre a página, por caminhos resplandecentes, como os meus pés se iam perdendo na teoria inquietante das salas da biblioteca, e ver representado naqueles pergaminhos o meu errar encheu-me de inquietação e convenceu-me de que cada um daqueles livros contava por misteriosas gargalhadas a minha história daquele momento. «De te fabula narratur», disse para comigo, e perguntei-me se aquelas páginas não conteriam já a história dos instantes futuros que me esperavam.

Abri outro livro, e este pareceu-me de escola hispânica. As cores eram violentas, os vermelhos pareciam sangue ou fogo. Era o livro da revelação do apóstolo, e caí uma vez mais, como na noite anterior, sobre a página da mulier amicta sole. Mas não era o mesmo livro, a iluminura era diferente, aqui o artista tinha insistido mais longamente sobre as feições da mulher. Comparei-lhe o rosto, o seio, as ancas flexuosas à estátua da Virgem que tinha visto com libertino. O traço era diferente, mas esta mulier também me pareceu belíssima. Pensei que não devia insistir nestes pensamentos, e voltei algumas páginas. Encontrei outra mulher, mas desta vez era a meretriz da Babilônia. As suas feições não me impressionaram tanto como o pensamento que também ela era uma mulher como a outra, e, no entanto, esta era baixel de todo o vício, aquela era receptáculo de toda a virtude. Mas as feições eram femininas em ambos os casos, e a certa altura já não fui capaz de compreender o que as distinguia. De novo senti uma agitação interior, a imagem da Virgem da igreja sobrepôs-se à da bela Margarida. «Estou condenado!», disse para comigo. Ou «Estou louco.» E decidi que não podia ficar mais

tempo na biblioteca.

Por sorte estava próximo da escada. Precipitei-me por ela abaixo com risco de tropeçar e apagar a candeia. Achei-me de novo sob as amplas abóbadas do scriptorium, mas nem ali me detive, e lancei-me pela escada que levava ao refeitório.

Ali parei ofegante. Pelas vidraças penetrava a luz da Lua, naquela noite resplandecente, e quase já não tinha necessidade da candeia, indispensável, porém, pelas células e cubículos da biblioteca. Todavia, mantive-a acesa, como a procurar conforto. Mas ainda ofegava, e pensei que devia beber água para acalmar a tensão. Pois que a cozinha era ao lado, atravessei o refeitório e abri lentamente uma das portas que dava para a segunda metade do rés-do-chão do Edifício.

E, nesse instante, o meu terror, em vez de diminuir, aumentou. Porque me apercebi imediatamente que alguém estava na cozinha, junto ao forno do pão; ou pelo menos, apercebi-me de que naquele canto brilhava uma candeia e, cheio de medo, apaguei a minha. Assustado como estava, incuti medo, e, de fato, o outro (ou os outros) apagaram rapidamente a sua. Mas em vão, porque a luz da noite iluminava o bastante a cozinha para desenhar diante de mim, no pavimento, uma ou mais sombras confusas.

Eu, enregelado, já não ousava nem retroceder nem avançar. Ouvi um balbucio e pareceu-me ouvir, submissa, uma voz de mulher. Depois, do grupo informe que se desenhava obscuramente junto do forno, uma sombra escura e tosca destacou-se e fugiu para a porta exterior, que evidentemente estava entreaberta, voltando a fechá-la atrás de si.

Fiquei eu, no limiar entre refeitório e cozinha, e qualquer coisa de impreciso junto ao forno. Qualquer coisa de impreciso e - como dizer? - de gemebundo. De fato provinha da sombra um gemido, quase um pranto submisso, um soluçar rítmico, de medo.

Nada infunde mais coragem ao medroso que o medo alheio. Mas não me movi para a sombra impelido pela coragem; antes, diria, impelido por uma embriaguez não diferente daquela que me tinha dominado quando tinha tido as visões. Havia na cozinha qualquer coisa de afim dos sufumígios que me tinham surpreendido na biblioteca no dia anterior. Ou talvez não se tratasse das mesmas substancias, mas aos meus sentidos superexcitados elas fizeram o mesmo efeito. Sentia um odor de traganta, alúmen e tártaro, que os cozinheiros usavam para aromatizar o vinho. Ou talvez, como soube depois, se estivesse naqueles dias preparando a cerveja (que naquela plaga a norte da península era tida num certo apreço), e produzia-se segundo a moda do meu país, com urze, mirto dos pauis e rosmaninho de pântano selvagem. Todos eles aromas que, mais do que as minhas narinas, inebriaram a minha mente.

E, enquanto o meu instinto racional era gritar «vade retro!» e afastar-me da coisa

gemente que certamente era um súcubo que me fora evocado pelo maligno, qualquer coisa na minha vis apetitiva me impeliu para a frente, como se quisesse participar de um prodígio.

Assim, aproximei-me da sombra, até que, à luz da noite, que caía das altas janelas, me apercebi que era uma mulher, a tremer, que com uma mão apertava contra o peito um embrulho e que se retraía chorando para a boca do forno.

Deus, a Santíssima Virgem e todos os santos do paraíso me assistam agora ao dizer o que me aconteceu. O pudor, a dignidade do meu estado (agora velho monge neste belo mosteiro de Melk, lugar de paz e serena meditação) aconselhar-me-iam as mais piedosas cautelas. Deveria dizer simplesmente que qualquer coisa de mal aconteceu, mas que não é honesto repetir o que foi e não me perturbaria a mim próprio nem ao meu leitor.

Mas propus-me contar, sobre aqueles fatos remotos, toda a verdade, e a verdade é indivisível, brilha pela sua própria evidência, e não consente ser diminuída pelos nossos interesses e pela nossa vergonha. O problema é, sobretudo, dizer que aconteceu não como agora o vejo e o recordo (mesmo se agora recordo tudo com impiedosa vivacidade, e nem sei se é o arrependimento que se seguiu a fixar de modo tão vivo casos e pensamentos da minha memória ou a insuficiência daquele mesmo arrependimento que ainda me atormenta dando vida, na minha mente angustiada, a cada um dos mais pequenos pormenores da minha vergonha), mas como o vi e o senti então. E posso fazê-lo, com fidelidade de cronista, porque, se fechar os olhos posso repetir não só tudo quanto fiz como quanto pensei naqueles instantes, como se copiasse um pergaminho escrito então. Devo portanto prosseguir deste modo, e São Miguel Arcanjo me proteja: porque, para edificação dos leitores futuros e para flagelação da minha culpa, quero agora contar como um jovem pode incorrer nas tramas do demônio, a fim de que elas possam ser conhecidas e evidentes, e quem ainda nelas incorrer possa vencê-las.

Era, pois uma mulher. Que digo, uma rapariga. Tendo tido até então (e a partir de então, sejam dadas graças a Deus) pouca familiaridade com os seres daquele sexo, não sei dizer que idade podia ter. Sei que era jovem, quase adolescente, talvez tivesse dezesseis ou dezoito primaveras, ou talvez vinte, e fui atingido pela impressão de humana realidade que emanava daquela figura. Não era uma visão, e pareceu-me em todo o caso valde bona. Talvez porque tremia como um passarinho no Inverno, e chorava, e tinha medo de mim.

Assim, pensando que o dever de todo o bom cristão é socorrer o seu próximo, aproximei-me dela com grande doçura e em bom latim disse-lhe que não devia ter medo, porque era um amigo, em todo o caso não um inimigo, certamente não o inimigo como ela, talvez, receava.

Talvez devido à suavidade que emanava do meu olhar, a criatura acalmou-se e

aproximou-se de mim. Apercebi-me que não compreendia o meu latim e, por instinto, dirigi-me a ela na minha língua vulgar alemã, e isto assustou-a muitíssimo, não sei se por causa dos sons ásperos, insólitos para a gente daquela plaga, ou porque estes sons lhe recordavam alguma outra experiência com soldados da minha terra. Então sorri, considerando que a linguagem dos gestos e do rosto é mais universal que a das palavras, e ela aquietou-se. Sorriu-me também e disse-me algumas palavras.

Conhecia pouquíssimo a sua língua vulgar, e em todo o caso era diferente da que em parte tinha aprendido em Pisa, mas apercebi-me pelo tom que ela me dizia palavras doces, e pareceu-me que dizia qualquer coisa como: «Tu és jovem, tu és belo...» Raramente acontece a um noviço, que tenha passado toda a sua infância num mosteiro, ouvir afirmações acerca da sua própria beleza, e, pelo contrário, é costume avisarem-nos que a beleza corporal é fugaz e é de ter em bastante vil conta: mas as tramas do inimigo são infinitas, e confesso que aquela alusão à minha venustidade, por mais enganadora que fosse, desceu docemente aos meus ouvidos e deu-me uma irreprimível emoção. Tanto mais que a rapariga, ao dizer isto, tinha estendido a mão e com as pontas dos dedos tinha aflorado a minha face, então completamente imberbe. Senti como uma impressão de desfalecimento, mas naquele momento não conseguia divisar sombra de pecado no meu coração. Tanto pode o demônio quando quer pôr-nos à prova e apagar do nosso espírito as marcas da graça.

Que senti? Que vi? Eu recordo apenas que as emoções do primeiro instante foram privadas de toda a expressão, porque a minha língua e a minha mente não tinham sido educadas para nomearem sensações daquele tipo. Enquanto não me lembraram outras palavras interiores, ouvidas noutro tempo e noutros lugares, certamente ditas com outros fins, mas que me pareceram harmonizar-se admiravelmente com o meu gáudio daquele momento, como se tivessem nascido consubstancialmente para o exprimir. Palavras que se tinham recalcado nas cavernas da minha memória subiram à superfície (muda) dos meus lábios, e esqueci que elas tinham servido nas escrituras ou nas páginas dos santos para exprimir bem mais fúlgidas realidades. Mas havia pois verdadeira diferença entre as delícias de que tinham falado os santos e as que o meu espírito exagitado experimentava naquele instante? Naquele instante anulou-se em mim o sentido vigilante da diferença. Que é precisamente, parece-me, o sinal do arrebatamento nos abismos da identidade.

De repente, a rapariga surgiu-me como a virgem negra mas bela de que fala o Cântico. Ela trazia um pobre vestido coçado de tecido cru que se abria de modo bastante impudico sobre o peito, e tinha ao pescoço um colar feito de pedrinhas coloridas e, creio, de nenhum valor. Mas a cabeça erguia-se altivamente sobre um pescoço branco como torre de marfim, os seus olhos eram claros como as piscinas de Hesebon, o seu nariz era uma torre do Líbano, as madeiras da sua cabeça como púrpura. Sim, a sua cabeleira surgiu-me como um rebanho de cabras, os seus dentes como rebanhos de ovelhas que saem do banho, todas aos pares, de modo que nenhuma delas estava antes

da companheira. «Como és bela, minha amada, como és bela», pus-me a murmurar, «a tua cabeleira é como um rebanho de cabras que desce das montanhas de Galaad, como fitas de púrpura são os teus lábios, gomo de romã é a tua face, o teu pescoço é como a torre de David a que estão suspensos mil broqueis.» E perguntava-me, deslumbrado e aturdido, quem era aquela que se elevava diante de mim como a aurora, bela como a Lua, fúlgida como o Sol, *terribilis ut castrorum acies ordinata*.

Então a criatura aproximou-se de mim ainda mais, atirando para um canto o embrulho escuro que até aí tinha mantido apertado contra o peito, e levantou outra vez a mão para me acariciar o rosto, e repetiu mais uma vez as palavras que eu já tinha ouvido. E enquanto não sabia se fugir dela ou aproximar-me ainda mais, enquanto a minha cabeça pulsava como se as trombetas de Josué estivessem para fazer derrubar as muralhas de Jericó, e ao mesmo tempo desejava e receava tocar-lhe, ela teve um sorriso de grande alegria, emitiu um gemido submisso de cabra enternecida, e desfez os laços que lhe apertavam o vestido sobre o peito, e fez deslizar o vestido do corpo como uma túnica, e ficou diante de mim como Eva devia ter aparecido a Adão no jardim do Éden. «*Pulchra sunt ubera quae paululum supere-minent et tument modice*», murmurei, repetindo a frase que tinha ouvido a Ubertino, porque os seus seios me surgiram como dois veados, gêmeos de uma gazela que pastavam entre os lírios, o seu umbigo foi uma taça redonda onde nunca falta vinho drogado, o seu ventre um montão de trigo contornado de flores dos vales.

«*O sidus clarum puellarum*», gritei-lhe, «o porta clausa, fons hortorum, celia cusios unguentorum, celia pigmentaria!», e achei-me sem querer encostado ao seu corpo, sentindo-lhe o calor e o perfume acre de ungüentos jamais conhecidos. Lembrei-me: «Filhos, quando vem o amor louco, nada pode o homem!», e compreendi que, fosse quanto sentia trama do inimigo ou dom celeste, já nada podia fazer para contrariar o impulso que me movia, e: «*Oh, langueo*», gritei, e: «*Causam languoris video nec caveo!*», também porque um odor róseo emanava dos seus lábios e eram belos os seus pés nas sandálias, e as pernas eram como colunas e como colunas as curvas dos seus flancos, obra de mão de artista. Ó amor, filha de delícias, um rei ficou preso à tua trança, murmurava dentro de mim, e fiquei entre os seus braços, e caímos juntos sobre o pavimento nu da cozinha e, não sei se por minha iniciativa ou por artes dela, achei-me livre do meu saio de noviço, e não tivemos vergonha dos nossos corpos et *cuneta erant bona*.

E ela beijou-me com os beijos da sua boca, e os seus amores foram mais deliciosos que o vinho e ao odor eram deliciosos os seus perfumes, e era belo o seu pescoço entre as pérolas e as suas faces entre os brincos, como és bela, minha amada, como és bela, os teus olhos são pombas (dizia), e deixa-me ver a tua face, deixa-me sentir a tua voz, que a tua voz é harmoniosa e a tua face encantadora, fiquei louco de amor, minha irmã, fiquei louco com um só olhar teu, com uma só gema do teu pescoço, favo que goteja são os teus lábios, mel e leite sob a tua língua, o perfume da tua respiração é como o dos

pomos, os teus seios em cachos, os teus seios como cachos de uva, o teu palato um vinho delicioso que vai direito ao meu amor e flui sobre os lábios e sobre os dentes. Fonte de jardim, nardo e açafraão, canela e cinamomo, mirra e aloés, eu comia o meu favo e o meu mel, bebia o meu vinho e o meu leite, quem era, quem era afinal esta que se elevava como a aurora, bela como a Lua, fúlgida como o Sol, terrível como tropas em fileiras?

Oh, Senhor, quando a alma é arrebatada, então a única virtude está em amar aquilo que vês (não é verdade?), a suma felicidade em ter aquilo que tens, então a vida bem-aventurada bebe-se na sua fonte (não foi dito?) então saboreia-se a verdadeira vida que depois desta morte nos tocará viver junto dos anjos na eternidade... Isto pensava, e parecia-me que as profecias se verificavam, enfim, enquanto a rapariga me acumulava de doçuras indescritíveis, e era como se o meu corpo fosse todo ele um olho de frente e de trás e visse as coisas circundantes num relance. E compreendia que disso, que é o amor, se produzem a um tempo a unidade e a suavidade e o bem e o beijo e o amplexo, como já tinha ouvido dizer julgando que me falassem de outra coisa. E só por um instante, enquanto a minha alegria estava prestes a tocar o zênite, lembrei-me que estava talvez experimentando, e de noite, a possessão do demônio meridiano condenado enfim a mostrar-se na sua mesma natureza de demônio à alma que no êxtase pergunta «quem és?», ele que sabe arrebatá-la e iludir o corpo. Mas súbito me convenci que diabólicas eram decerto as minhas hesitações, porque nada podia ser mais justo, mais delicioso, mais santo que aquilo que estava sentindo e cuja doçura crescia momento a momento. Como uma pequena gota de água infusa numa certa quantidade de vinho toda se dispersa para tomar cor e sabor de vinho, como o ferro incandescente e inflamado se torna quase igual ao fogo perdendo a sua forma primitiva, como o ar inundado pela luz do Sol é transformado no máximo esplendor e na mesma claridade, a ponto de já não parecer iluminado mas de ser ele mesmo luz, assim eu me sentia morrer de terna liquefação, de modo que me restou apenas força para murmurar as palavras do salmo: «Eis que o meu peito é como o vinho novo, sem abertura, que rompe odres novos», e de súbito vi uma fulgidíssima luz e nela uma forma cor de safira que se abrasava toda num fogo rutilante e suavíssimo, e aquela luz esplêndida difundiu-se por todo o fogo resplendente e aquela luz fulgidíssima e aquele fogo rutilante pela forma inteira.

Enquanto, quase esvaído, caía sobre o corpo a que me tinha unido, compreendi, num último sopro de vitalidade, que a chama consiste numa esplêndida claridade, num inato vigor e num ígneo ardor, mas a esplêndida claridade possui-a para reluzir e o ígneo ardor a fim de queimar. Depois compreendi o abismo, e os abismos ulteriores que ele invocava.

Agora que, com a mão trêmula (e não sei se pelo horror do pecado de que falo ou pela culpável nostalgia do fato que rememoro), escrevo estas linhas, apercebo-me de ter usado para descrever o meu hediondo êxtase daquele instante as mesmas palavras que usei, não muitas páginas atrás, para descrever o fogo que queimava o corpo mártir do fraticello Miguel. E não foi por acaso que a minha mão, submissa executora da alma,

traçou as mesmas expressões pare duas experiências tão diferentes, porque provavelmente as vivi do mesmo modo, então, quando as apreendi, e há pouco, quando procurava fazê-las reviver a ambas no pergaminho.

Há uma misteriosa sabedoria pela qual fenômenos dispares entre si podem ser nomeados com palavras análogas, a mesma pela qual as coisas divinas podem ser designadas com nomes terrenos, e por símbolos equívocos Deus pode ser dito leão ou leopardo, e a morte, ferida, e a alegria, chama, e a chama, morte, e a morte, abismo, e o abismo, perdição, e a perdição, delíquio, e o delíquio, paixão.

Porque é que eu, jovem, nomeava o êxtase de morte que me tinha impressionado no mártir Miguel com as palavras com que a santa tinha nomeado o êxtase de vida (divine) mas com as mesmas palavras não podia nomear o êxtase (culpável e passageiro) de gozo terreno, que, por seu lado, logo depois me tinha parecido sensação de morte e anulamento? Eu procuro agora raciocinar sobre o modo como apreendi, a poucos meses de distância, duas experiências igualmente exaltantes e dolorosas, e sobre o modo como naquela noite na abadia rememorei uma e apreendi sensivelmente a outra, a poucas horas de distância e ainda o modo como ao mesmo tempo as revivi agora, traçando estas linhas, e como nos três caves as recitei a mim mesmo com as palavras da diversa experiência de uma alma santa que se anulava na visão da divindade. Acaso terei blasfemado (então, agora)? Que havia de símile no desejo de morte de Miguel, no arrebatamento que senti à vista da chama que o consumia, no desejo de conjunção carnal que senti com a rapariga, no místico pudor com que o traduzia alegoricamente, e no mesmo desejo de anulamento jubiloso que movia a santa a morrer do seu próprio amor pare viver mais e eternamente? É possível que coisas tão equivocal possam dizer-se de modo tão unívoco? E, no entanto, é isto, parece, o ensinamento que nos deixaram os maiores entre os doutores: *omnes ergo figura tanto evidentius veritatem demonstrat quanto apertius per dissimilem similitudinem figuram se esse et nom veritatem probat*. Mas, se o amor da chama e do abismo são figura do amor de Deus, podem ser figura do amor da morte e do amor do pecado? Sim, tal como o leão e a serpente são a um tempo figura de Cristo e do demônio. É que a justeza da interpretação não pode ser fixada senão pela autoridade dos padres, e no cave que me aflige não tenho auctoritas a que a minha mente obediente possa referir-se, e ardo na dúvida (e de novo a figura do povo intervém para definir o vazio de verdade e a plenitude de erro que me anulam!). Que se passa, ó Senhor, na minha alma, agora que me deixo prender pelo vórtice das recordações e suscito a conflagração de tempos diversos, como se estivesse para alterar a ordem dos astros e a seqüência dos seus movimentos celestes? Certamente supero os limites da minha inteligência pecadora e doente. Vamos, voltemos à tarefa que humildemente me tinha proposto. Estava falando daquele dia e do total esmorecimento dos sentidos em que abismei. Eis que disse aquilo de que me recordei naquela ocasião, e que a isto se limite a minha débil pena de fiel e verídico cronista.

Fiquei estendido, não sei por quanto tempo, com a rapariga a meu lado. Com um

movimento leve, apenas a sua mão continuava a tocar o meu corpo, agora úmido de suor. Sentia uma exaltação interior, que não era paz, mas como o último ardor abafado de um fogo tardasse a extinguir-se sob a cinza quando a chama é já morta. Não hesitaria em chamar bem-aventurado àquele a quem fosse concedido sentir algo de semelhante (murmurava como no sono), ainda que raramente, nesta vida (e de fato só o senti aquela vez, e apenas rapidamente, e pelo espaço de um só instante). Como se já não se existisse, não se sentir por completo a si mesmo, ser abatido, quase aniquilado, e se algum dos mortais (dizia para comigo) pudesse por um só instante e rapidamente saborear o que eu saboreei logo veria com maus olhos este mundo perverso, seria perturbado pela malícia do viver quotidiano, sentiria o peso do seu corpo de morte... Não era isto o que me tinham ensinado? Aquele convite de todo o meu espírito a perder a memória na beatitude era decerto (agora o compreendia) a irradiação do sol eterno, e a alegria que ele produz abre, distende, engrandece o homem, e a garganta completamente aberta que o homem traz em si mesmo já não se fecha com tanta facilidade, é a ferida aberta pelo golpe de espada do amor, e não há aqui em baixo nada que seja mais doce e mais terrível. Mas tal é o direito do Sol, ele seteia o ferido com os seus raios e todas as pregas se alargam, o homem abre-se e dilata-se, as suas próprias veias são completamente abertas, as suas forças já não são capazes de executar as ordens que recebem mas são unicamente movidas pelo desejo, o espírito arde abismado no abismo do que agora toca, vendo o seu próprio desejo e a sua própria verdade superados pela realidade que viveu e que vive. E assiste-se estupefato ao seu próprio delíquio.

Foi imerso em tais sensações de inenarrável júbilo interior que adormeci.

Reabri os olhos algum tempo depois, e a luz da noite, talvez por causa de uma nuvem, era muito mais débil. Estendi a mão de lado e já não senti o corpo da rapariga. Voltei a cabeça: já não estava.

A ausência do objeto que tinha desencadeado o meu desejo e saciado a minha sede fez-me apreender de repente a sanidade daquele desejo e a perversidade daquela sede. Omne animal triste post coitum. Tomei consciência do fato de ter pecado. Agora, a anos e anos de distância, quando ainda choro amargamente a minha falta, não posso esquecer que naquela noite eu tinha sentido um grande júbilo, e ofenderia o Altíssimo, que criou todas as coisas em bondade e beleza, se não admitisse que naquela história de dois pecadores sucedeu alguma coisa que em si, naturaliter, era bom e belo. Mas, provavelmente, é a minha velhice atual que me faz sentir culpavelmente como belo e bom tudo o que foi da minha juventude. Agora que deveria voltar o meu pensamento para a morte, que se aproxima. Então, jovem, não pensei na morte, mas sentida e sinceramente chorei pelo meu pecado.

Levantei-me tremendo, também porque tinha estado longo tempo sobre as pedras gélidas da cozinha e tinha o corpo entorpecido. Voltei a vestir-me, quase febrilmente.

Então distingui num canto o embrulho que a rapariga tinha abandonado ao fugir. Inclinei-me para examinar o objeto: era uma espécie de pacote feito de tecido enrolado, que parecia provir das cozinhas. Desdobrei-o, e no momento não compreendo o que tinha dentro, tanto por causa da pouca luz como da forma informe do seu conteúdo. Depois compreendi: entre coágulos de sangue e bocados de carne mais flácida e esbranquiçada, estava diante dos meus olhos, morto mas ainda palpitante da vida gelatinosa das vísceras mortas, sulcado de nervos ávidos, um coração, de grandes dimensões.

Um véu escuro desceu-me sobre os olhos, uma saliva acídula subiu-me à boca. Lancei um urro e caí como cai um corpo morto.

TERCEIRO DIA NOITE

Onde Adso, transtornado, se confessa a Guilherme e medita sobre a função da mulher no plano da criação, porém, descobre depois o cadáver de um homem.

Voltei a mim quando alguém me banhava o rosto. Era frade Guilherme, que trazia uma candeia e me tinha posto alguma coisa debaixo da cabeça.

- Que sucedeu, Adso - perguntou-me -, que andas de noite a roubar fressuras pela cozinha?

Em resumo, Guilherme tinha acordado, tinha-me procurado já não sei por que razão, e, não me encontrando, tinha suspeitado que tivesse ido fazer alguma bravata à biblioteca. Aproximando-se do Edifício pelo lado da cozinha, tinha visto uma sobra que saía pela porta para o horto (era a rapariga que se afastava, talvez por ter ouvido alguém que se aproximava). Tinha procurado compreender quem era e segui-la, mas ela (ou melhor, aquilo que para ele era uma sombra) tinha-se afastado para o muro da cerca e depois tinha desaparecido. Então, Guilherme - depois de uma exploração nos arredores - tinha entrado na cozinha e, ali, tinha-me encontrado desmaiado.

Quando lhe apontei, ainda aterrorizado, para o embrulho com o coração, balbuciando qualquer coisa sobre um novo delito, pôs-se a rir:

- Adso, mas que homem poderia ter um coração tão grande? É um coração de vaca, ou de boi, mataram justamente hoje um animal! Melhor, como se encontra nas tuas mãos?

Naquela altura, oprimido pelos remorsos, além de aturdido pelo terror, desatei num pranto violento e pedi que me administrasse o sacramento da confissão. O que ele fez, e eu contei-lhe tudo sem lhe ocultar nada.

Frade Guilherme escutou-me com grande seriedade, mas com uma sombra de

indulgência. Quando acabei, tomou um ar sério e disse-me:

- Adso, tu pecaste, é certo, e contra o mandamento que te impõe não fornicar, e contra os teus deveres de noviço. Para tua desculpa, conta o fato que te encontraste numa daquelas situações em que se teria condenado até um padre no deserto. E sobre a mulher como fonte de tentação já falaram o bastante as escrituras. Da mulher diz o Eclesiastes que a sua conversação é como fogo ardente, e os Provérbios dizem que ela se apodera da alma preciosa do homem e que os mais fortes foram arruinados por ela. E diz ainda o Eclesiastes: descobri que mais amarga que a morte é a mulher, que é como o laço dos caçadores, o seu coração é como uma rede, as suas mãos são cadeias. E outros disseram que ela é baixel do demônio. Apurado isto, querido Adso, eu não consigo convencer-me que Deus tenha querido introduzir na criação um ser tão imundo sem o dotar de alguma virtude. E não posso deixar de refletir sobre o fato que Ele lhe concedeu muitos privilégios e motivos de apreço, dos quais pelo menos três, muito grandes. De fato, criou o homem neste mundo vil, e da lama, e a mulher num segundo tempo, no paraíso e da nobre matéria humana. E não a formou dos pés ou das entranhas do corpo de Adão, mas da costela. Em segundo lugar, o Senhor, que pode tudo, poderia ter encarnado diretamente num homem de algum modo miraculoso, e escolheu, pelo contrário, habitar no ventre de uma mulher, sinal de que não era tão imunda como isso. E, quando apareceu depois da ressurreição, apareceu a uma mulher. E, enfim, na glória celeste nenhum homem será rei naquela pátria, pelo contrário, aí será rainha uma mulher que nunca pecou. Se portanto o Senhor teve tantas atenções para com a própria Eva e para com as suas filhas, é assim tão anormal que também nós nos sintamos atraídos pelas graças e pela nobreza daquele sexo? Aquilo que quero dizer-te, Adso, é que de certeza não deves voltar a fazê-lo, mas que não é assim tão monstruoso que tu tenhas sido tentado a fazê-lo. E, por outro lado, que um monge, ao menos uma vez na vida, tenha tido experiência da paixão carnal, de modo a um dia poder ser indulgente e compreensivo com os pecadores a quem dará conselho e conforto... Pois bem, querido Adso, é coisa para não auspicar antes que aconteça, mas nem sequer para vituperar demasiado depois de ter acontecido. E portanto vai com Deus e não falemos mais nisso. Mas, em vez disso, para não estar a medicar demasiado sobre alguma coisa que será melhor esquecer, se o conseguires - e pareceu-me que nesta altura a sua voz enfraqueceu como por alguma comoção interior -, perguntemo-nos antes o sentido de quanto aconteceu esta noite. Quem era essa rapariga e com quem tinha encontro?

- Isso é que eu não sei, e não vi o homem que estava com ela - disse.

- Bem, mas podemos deduzir quem era por muitos indícios absolutamente seguros. Antes de mais nada, era um homem feio e velho, com quem uma rapariga não vai de boa vontade, especialmente se é bela como tu dizes, mesmo que me pareça, meu querido lobato, que estavas Dronenso a achar delicado qualquer alimento.

- Porquê feio e velho?

- Porque a rapariga não ia ter com ele por amor, mas por um pacote de rojões. Certamente era uma

rapariga da aldeia que, talvez não pela primeira vez, se entrega por fome a algum monge luxurioso e obtém como recompensa alguma coisa para meter à boca, ela e a sua família.

- Uma meretriz! - exclamei horrorizado.

- Uma camponesa pobre, Adso. Talvez com os irmãozinhos para sustentar. E que, podendo, se daria

por amor e não por lucro. Como fez esta noite. De fato, dizes-me que te achou jovem e belo e te deu grátis e por amor tudo o que a outros daria, ao invés, por um coração de boi e algum pedaço de pulmão. E sentiu-se tão virtuosa pelo dom gratuito que fez de si, e consolada, que fugiu sem levar nada em troca. Eis porque penso que o outro, ao qual te comparou, não era nem jovem nem belo.

Confesso que, embora o meu arrependimento fosse vivíssimo, aquela explicação me encheu de dulcíssimo orgulho, mas calei-me e deixei continuar o meu mestre.

- Esse velhote feio devia ter a possibilidade de descer à aldeia e ter contatos com os camponeses, por algum motivo ligado ao seu ofício. Devia conhecer o modo de fazer entrar e sair gente da cerca, e saber que na cozinha havia aquelas fressuras (e talvez amanhã se dissesse que, ficando a porta aberta, um cão tinha entrado e as tinha comido). E, enfim, devia ter um certo sentido da economia, e um certo interesse em que a cozinha não fosse privada de virtualhas mais preciosas, senão ter-lhe-ia dado um bife ou outra parte mais saborosa. E vês agora que a imagem do nosso desconhecido se desenha com muita clareza e que todas estas propriedades, ou acidentes, bem convêm a uma substancia que não teria receio em definir como o nosso despenseiro, Remígio de Varagine. Ou, se me enganasse, como o nosso misterioso Salvador. O qual, entre outras coisas, sendo destas paragens sabe falar bastante bem com as gentes do lugar e sabe como convencer uma rapariga a fazer aquilo que queria fazê-la fazer, se tu não tivesses chegado.

- É decerto assim - disse convencido - mas que nos serve agora?

- Nada. E tudo - disse Guilherme. - A história pode estar relacionada ou não com os delitos de que nos ocupamos. Por outro lado, se o despenseiro foi dolciniano, isto explica aquilo e vice-versa. E sabemos agora enfim que esta abadia, de noite, é lugar de muitas e errantes vicissitudes. E quem sabe se o nosso despenseiro, ou Salvador, que a percorrem no escuro com tanta desenvoltura, não sabem em todo o caso mais do que aquilo que dizem.

- Mas di-lo-ão a nós?

- Não, se nos comportarmos de modo compassivo, ignorando os seus pecados. Mas, se tivéssemos mesmo de saber alguma coisa, teríamos na mão um modo de os persuadir a falar. Por outras palavras, se houver necessidade disso, o despenseiro ou Salvador são nossos, e Deus nos perdoará esta prevaricação, visto que perdoa tantas outras coisas - disse, olhando-me com malícia, e eu não tive animo para fazer observações sobre o caráter lícito dos seus propósitos. - E agora deveríamos ir para a cama, porque daqui a uma hora são matinas. Mas vejo-te ainda agitado, meu pobre Adso, ainda temeroso do teu pecado... Não há nada como uma boa pausa na igreja para nos distender o animo. Eu absolvi-te, mas nunca se sabe. Vai pedir confirmação ao Senhor.

E deu-me uma palmada bastante enérgica na cabeça, talvez como prova de paternal e viril afeto, talvez como indulgente penitência. Ou talvez (como culpavelmente pensei naquele momento) por uma espécie de benigna inveja, de homem sedento de experiências novas e ardentes como era.

Encaminhamo-nos para a igreja, saindo pela nossa via habitual, que percorri depressa fechando os olhos, porque todos aqueles ossos me recordavam com demasiada evidência, naquela noite, como também eu era pó e quão insensato tinha sido o orgulho da minha carne.

Ao chegar à nave vimos uma sombra diante do altar-mor. Julgava que era ainda Ubertino. Mas era Alinardo, que à primeira vista não nos reconheceu. Disse que já era incapaz de dormir, e tinha decidido passar a noite a rezar por aquele jovem monge desaparecido (não recordava sequer o seu nome). Rezava pela sua alma se estivesse morto, pelo seu corpo se jazesse enfermo e só em qualquer sítio.

- Demasiados mortos - disse -, demasiados mortos... Mas estava escrito no livro do apóstolo. Com a primeira trombeta veio o granizo, com a segunda, a terça parte do mar tornou-se sangue, e um encontrei-lo no granizo, o outro no sangue... A terceira trombeta adverte que uma estrela ardente cairá na terça parte dos rios e das fontes. Assim, digo-vos, desapareceu o nosso terceiro irmão. E temei pelo quarto, porque será atingida a terça parte do Sol, e da Lua e das estrelas, de modo que a obscuridade será quase completa...

Enquanto saíamos pelo transepto, Guilherme perguntou-se se nas palavras do velho não haveria algo de verdadeiro.

- Mas - fi-lo observar - isso pressuporia que uma única mente diabólica, usando o Apocalipse como guia, tivesse predisposto os três desaparecimentos, admitindo que Berengário também esteja morto. Pelo contrário, sabemos que o de Adelmo foi devido à sua vontade...

- É verdade - disse Guilherme -, mas a mesma mente diabólica, ou doente, poderia ter tirado inspiração da morte de Adelmo para organizar de modo simbólico as outras duas. E, se assim fosse, Berengário deveria encontrar-se num rio ou numa fonte. E não há rios e fontes na abadia, pelo menos não tais que alguém se possa afogar ou aí possa ser afogado...

- Há apenas os banhos - observei quase por acaso.

- Adso! - disse Guilherme -, sabes que essa pode ser uma idéia? Os balnea!

- Mas aí já devem ter olhado...

- Vi os servos esta manhã quando faziam as suas buscas, abriram a porta da construção dos balnea e deram uma olhadela em torno, sem revistar, não esperavam ainda ter de procurar algo de bem escondido, esperavam um cadáver que jazesse teatralmente em qualquer parte, como o cadáver de Venancio na talha... Vamos dar uma olhadela, entretanto ainda está escuro e parece-me que a nossa candeia arde ainda com gosto.

Assim fizemos, e abrimos sem dificuldade a porta da construção dos balnea, encostada ao hospital.

Resguardadas umas das outras mediante amplas cortinas, estavam as banheiras, não recordei quantas. Os monges usavam-nas para a sua higiene, quando a regra lhes fixava o dia, e Severino usava-as por razões terapêuticas, porque nada melhor que um banho para acalmar o corpo e a mente. Uma chaminé num canto permitia facilmente aquecer a água. Encontramo-la suja de cinza fresca, e diante dela estava um grande caldeirão entornado. A água tirava-se de uma fonte num canto.

Olhamos nas primeiras banheiras, que estavam vazias. Só a última, dissimulada por uma cortina estendida, estava cheia, e a seu lado jazia, um monte, uma veste. À primeira vista, à luz da nossa lâmpada, a superfície do líquido pareceu-nos calma: mas, como a luz lhe bateu de cima, entrevimos no fundo, inanimado, um corpo humano, nu. Tiramo-lo lentamente para fora: era Berengário. «E este», disse Guilherme, «tinha verdadeiramente o aspecto de um afogado.» As feições do rosto estavam inchadas. O corpo, branco e mole, privado de pêlos, parecia o de uma mulher, salvo o espetáculo obsceno das flácidas pudenda. Corei, depois tive um arrepio. Benzi-me, enquanto Guilherme abençoava o cadáver.

QUARTO DIA LAUDAS

Onde Guilherme e Severino examinam o cadáver de Berengário e descobrem que tem

a língua negra, coisa singular para um afogado. Depois discutem sobre venenos dolorosíssimos e sobre um furto remoto.

Não me demorarei a dizer como informamos o Abade, como toda a abadia acordou antes da hora canônica, os gritos de horror, o espanto e a dor que se viam nos rostos de todos, como a notícia se propagou a todo o povo do planalto, com os servos que se benziavam e pronunciavam esconjuros. E não sei se naquela manhã o primeiro ofício se desenrolou segundo as regras, e quem nele tomou parte. Eu segui Guilherme e Severino, que mandaram envolver o corpo de Berengário e ordenaram que o estendessem sobre uma mesa no hospital.

Mal o Abade e os outros monges se afastaram, o ervanário e o meu mestre observaram longamente o cadáver com a frieza dos homens da medicina.

- Morreu afogado - disse Severino -, não há dúvida. A cara está inchada, o ventre está raso...

- Mas não foi afogado por outros - observou Guilherme -, senão ter-se-ia rebelado contra a violência do homicida, e teríamos encontrado marcas de água espalhada em torno da banheira. Pelo contrário, estava tudo arrumado e limpo, como se Berengário tivesse aquecido a água, enchido a banheira, e nela se tivesse acomodado de livre vontade.

- Isso não me admira - disse Severino. - Berengário sofria de convulsões, e eu próprio lhe tinha dito várias vezes que os banhos tépidos servem para acalmar a excitação do corpo e do espírito. Várias vezes me tinha pedido licença para ter acesso aos balnea. Assim poderia ter feito esta noite...

- A noite passada - observou Guilherme -, porque este corpo, como vês, ficou na água pelo menos um dia...

- É possível que tenha sido a noite passada - concordou Severino.

Guilherme pô-lo parcialmente ao corrente dos acontecimentos da noite anterior. Não lhe disse que tínhamos estado furtivamente no scriptorium mas, ocultando-lhe várias circunstâncias, disse-lhe que tínhamos perseguido uma figura misteriosa que nos tinha tirado um livro. Severino compreendeu que Guilherme lhe dizia apenas uma parte da verdade mas não fez mais perguntas. Observou que a agitação de Berengário, se era ele o ladrão misterioso, podia tê-lo levado a procurar a tranquilidade num banho restaurador. Berengário, observou, era de natureza muito sensível, por vezes uma contrariedade ou uma emoção provocavam-lhe tremores, suores frios, arregalava os olhos e caía por terra cuspidando uma baba esbranquiçada.

- Em todo o caso - disse Guilherme -, antes de vir para aqui estive em qualquer outro sítio, porque não vi nos balnea o livro que roubou.

- Sim - confirmei com um certo orgulho -, levantei a sua veste, que jazia ao lado da banheira, e não encontrei marcas de nenhum objeto volumoso.

- Muito bem - sorriu-me Guilherme. - Portanto estive em qualquer outro sítio, depois admitamos ainda que, para acalmar a sua própria agitação, e talvez para se subtrair às nossas buscas, se tenha enfiado nos balnea e tenha mergulhado na água. Severino, julgas que o mal de que sofria era suficiente para lhe fazer perder os sentidos e fazê-lo afogar?

- Podia ser - observou Severino duvidando. - Por outro lado, se tudo aconteceu há duas noites, podia ter havido água em torno da banheira, que depois secou. Assim, não podemos concluir que tenha sido afogado à viva força.

- Não - disse Guilherme. - Alguma vez viste um assassinado que, antes de se deixar afogar, despe a roupa?

Severino abanou a cabeça, como se aquele argumento já não tivesse grande valor. Há alguns instantes que estava examinando as mãos do cadáver:

- Eis uma coisa curiosa... - disse.

- O quê?

- No outro dia observei as mãos de Venancio, quando o corpo foi limpo do sangue, e notei um pormenor a que não tinha dado muita importância. As pontas de dois dedos da mão direita de Venancio estavam escuras, como enegrecidas por uma substância escura. Exatamente, vês? Como agora as pontas de dois dedos de Berengário. Mais, aqui temos mesmo algumas marcas no terceiro dedo. Então pensei que Venancio tinha tocado nas tintas do scriptorium...

- Muito interessante - observou Guilherme pensativo, aproximando os olhos dos dedos de Berengário. A Alba estava surgindo, a luz no interior era ainda fraca, o meu mestre sofria evidentemente pela falta das suas lentes. - Muito interessante - repetiu. - O indicador e o polegar estão escuros nas pontas, o médio só na parte interna, e levemente. Mas também há marcas mais leves na mão esquerda, pelo menos no indicador e no polegar.

- Se fosse só a mão direita, seriam os dedos de quem agarra alguma coisa pequena, ou comprida e delgada...

- Como um estilete. Ou um alimento. Ou um inseto. Ou uma serpente. Ou um

ostensório. Ou um pau. Demasiadas coisas. Mas se tinham um sinal na outra mão também podia ser uma faca, a direita segura bem e a esquerda colabora com menor força...

Severino esfregava agora ligeiramente os dedos do morto, nelas a cor escura não desaparecia. Notei que tinha posto um par de luvas, que provavelmente usava quando manuseava substancias venenosas. Cheirava, mas sem tirar dai sensação alguma.

- Poderia citar-te muitas substancias vegetais (e até minerais) que provocam marcas deste tipo. Algumas letais, outras não. Os miniaturistas têm por vezes os dedos sujos de pó de ouro...

- Adelmo era miniaturista - disse Guilherme. - Suponho que diante do seu corpo esfacelado tu não

pensaste em examinar-lhe os dedos. Mas estes podiam ter tocado nalguma coisa que tenha pertencido a Adelmo.

- Verdadeiramente não sei - disse Severino. - Dois mortos, ambos com os dedos negros. Que deduzes?

- Não deduzo nada, nihil sequitur geminis ex particularibus unquam. Seria preciso reconduzir ambos os casos a uma regra. Por exemplo: existe uma substancia que enegrece os dedos dos que tocam...

Terminei triunfante o silogismo:

- ... Venancio e Berengário têm os dedos enegrecidos, cargo tenham tocado essa substancia!

- Muito bem, Adso - disse Guilherme -, pena que o teu silogismo não seja válido, porque aut semel aut iterum médium genera-liter esto, e neste silogismo o termo médio nunca aparece como geral. Sinal de que escolhemos mal a premissa maior. Não devia dizer: todos aqueles que todos os que tocam certa substancia tem os dedos negros, pois também podia haver pessoas com os dedos negros e que não tivessem tocado a substancia. Devia dizer: todos aqueles e só todos aqueles que têm os dedos negros tocaram certamente uma dada substancia. Venancio e Berengário etcétera. Com o que teríamos um Darii, um ótimo terceiro silogismo de primeira figura.

- Então teremos a resposta! -disse todo contente.

- Ai, Adso, como te fias em silogismos! Temos apenas e de novo a pergunta. Isto é, pusemos a hipótese que Venancio e Berengário tocaram a mesma coisa, hipótese sem dúvida razoável. Mas, uma vez que imaginamos uma substancia que, única entre todas, provoca este resultado (o que é ainda para apurar), não sabemos qual é nem onde eles a

terão encontrado, e porque a terão tocado. E, repara bem, não sabemos sequer se é afinal a substancia que tocaram aquela que os conduziu à morte. Imagina que um louco queria matar todos aqueles que tocam no pó de ouro. Diríamos que é o pó de ouro que mata?

Fiquei perturbado. Sempre tinha acreditado que a lógica era uma arma universal, e apercebia-me agora como a sua validade dependia do modo como se usava. Por outro lado, freqüentando o meu mestre, tinha-me dado conta, e dei-me conta cada vez mais dos dias que se seguiram, que a lógica podia servir de muito com a condição de entrar dentro dela e depois sair.

Severino, que não era decerto um bom lógico, refletia entretanto segundo a sua própria experiência:

- O universo dos venenos é vário, como vários são os mistérios da natureza - disse. Indicou uma série de frascos e ampolas que já uma vez tínhamos admirado, dispostos em boa ordem nas estantes ao longo das paredes, junto de muitos volumes. - Como já te disse, muitas destas ervas, devidamente compostas e dosadas, poderiam dar lugar a bebidas e ungüentos mortais. Eis ali datura stramonium, beladona, cicuta: podem dar sonolência, excitação, ou ambas; administradas com cautela são ótimos medicamentos, em doses excessivas levam à morte. Ali está a fava de Santo Inácio, a angustura pseudo-ferrugínea, a nux vômica, que poderiam tirar a respiração...

- Mas nenhuma destas substancias deixaria sinais nos dedos?

- Nenhuma, creio. Depois, existem substancias que só se tornam perigosas se ingeridas, e outras que, pelo contrário, atuam sobre a pele. O heléboro branco pode provocar vômitos em quem o agarra para o arrancar da terra. Existem begônias que quando estão em flor provocam embriaguez nos jardineiros que as tocam, como se tivessem bebido vinho. O heléboro negro, só de o tocar provoca diarreia. Outras plantas provocam palpitações de coração, outras na cabeça, outras ainda fazem perder a voz. Pelo contrário, o veneno da víbora, aplicado na pele sem penetrar no sangue, produz apenas uma ligeira irritação... Mas uma vez mostraram-me um composto que, aplicado na parte interna das coxas de um cão, perto dos órgãos genitais, leva o animal a morrer em pouco tempo, no meio de convulsões atrozes, com os membros que pouco a pouco se tornam rígidos...

- Sabes muitas coisas sobre os venenos - observou Guilherme com um tom de voz que parecia de admiração.

Severino fixou-o e suportou o seu olhar por alguns instantes:

- Sei aquilo que um médico, um ervanário, uma pessoa que cultiva a ciência e a saúde

humana deve saber.

Guilherme ficou longo tempo distraído. Depois pediu a Severino que abrisse a boca do cadáver e que lhe observasse a língua. Severino, intrigado, usou uma espátula delgada, um dos instrumentos da sua arte médica, e executou. Deu um grito de estupefação:

- A língua está negra!

- Então é isso - murmurou Guilherme. - Agarrou alguma coisa com os dedos e ingeriu-a... Isto elimina os venenos que citaste antes, que matam penetrando através da pele. Mas não torna mais fáceis as nossas induções. Porque agora temos de pensar, para ele e para Venancio, num gesto voluntário, não casual, não devido a distração ou a imprudência, nem induzido pela violência. Agarraram alguma coisa e introduziram-na na boca conscientes do que faziam.

- Um alimento? Uma bebida?

- Talvez! Talvez! O que seria? Um instrumento musical, por exemplo uma flauta.

- Absurdo! - disse Severino.

- Decerto que é absurdo. Mas não devemos transcutar nenhuma hipótese, por extraordinária que seja. Mas agora procuremos remontar à matéria venenosa. Se alguém que conhece os venenos como tu se tivesse introduzido aqui e tivesse usado algumas destas tuas ervas teria podido compor um unguento mortal capaz de produzir aqueles sinais nos dedos e na língua? Capaz de ser posto num alimento, numa bebida, numa colher, nalguma coisa que se mete à boca?

- Sim - admitiu Severino -, mas quem? E depois, mesmo adquirindo essa hipótese, como teria sido administrado o veneno aos nossos pobres irmãos?

Francamente também eu não conseguia imaginar Venancio ou Berengário deixando-se abordar por alguém que lhes estendia uma substância misteriosa que alguém o oferecera. Mas Guilherme não pareceu perturbado por esta extravagância.

- Nisso pensaremos depois - disse -, porque agora queria que tu procurasses recordar algum fato que talvez não te tenha ainda voltado à mente, não sei, alguém que tenha feito perguntas sobre as suas ervas. alguém que tenha acesso fácil ao hospital....

- Um momento - disse Severino -, há muito tempo, falo de anos, conservava numa daquelas estantes uma substância muito forte, que me tinha dado um irmão que tinha viajado por países distantes. Não sabia dizer-me de que era feita, certamente de ervas, e nem todas conhecidas. Era, na aparência, viscosa e amarelada, mas aconselharam-me

que não lhe tocasse, porque se ficasse mesmo só em contato com os lábios ter-me-ia morto em pouco tempo. O irmão disse-me que, mesmo ingerida em doses mínimas, provocava no espaço de meia hora uma sensação de prostração, depois uma lenta paralisia de todos os membros, e por fim a morte. Não queria levá-la consigo, e fez-me presente dela. Conservei-a por longo tempo, porque me propunha examiná-la de alguma maneira. Depois, um dia, houve no planalto uma grande tempestade. Um dos meus ajudantes, um noviço, tinha deixado a porta do hospital aberta, e o furacão tinha devastado toda a sala em que agora estamos. Ampolas quebradas, líquidos espalhados pelo pavimento, ervas e pós dispersos. Trabalhei um dia a pôr de novo em ordem as minhas coisas, e pedi ajuda apenas para varrer os cacos e as ervas já irrecuperáveis. No fim apercebi-me que faltava precisamente a ampola de que te falava. Primeiro preocupei-me, depois convenci-me que se tinha quebrado e confundido com outros detritos. Mande lavar bem o pavimento do hospital e as estantes.

- E tinhas visto a ampola poucas horas antes do furacão?

- Sim... Ou melhor, não, agora que penso nisso. Estava atrás de uma fila de frascos, bem escondida, e não a fiscalizava todos os dias...

- Então, pelo que sabes, podiam ter-te tirado mesmo muito tempo antes do furacão, sem tu saberes?

- Agora que me fazes refletir, sim, sem dúvida nenhuma.

- E esse teu noviço podia ter-te tirado e depois podia ter aproveitado o ensejo do furacão para deixar de propósito a porta aberta e criar a confusão entre as tuas coisas...

Severino pareceu muito excitado:

- Decerto, sim. Não só, mas recordando quanto aconteceu, admirei-me muito que o furacão, por muito violento que fosse, tivesse derrubado tantas coisas. Poderia perfeitamente dizer que alguém aproveitou o furacão para devastar a sala e produzir mais danos que o vento poderia ter feito!

- Quem era o noviço?

- Chamava-se Agostinho. Mas morreu o ano passado, ao cair de um andaime quando, com outros monges e servos, limpava as esculturas da fachada da igreja. E depois, pensando bem, ele tinha jurado e tresjurado que não tinha deixado a porta aberta antes do furacão. Fui eu, enfurecido, que o considerei responsável pelo incidente. Talvez estivesse verdadeiramente inocente.

- E assim temos uma terceira pessoa, talvez bem mais esperta que um noviço, que

tinha conhecimento do teu veneno. A quem tinhas falado nisso?

- Disso, precisamente, não me recordo. Ao Abade, claro, pedindo-lhe licença para conservar uma substancia tão perigosa. E a mais alguém, talvez precisamente na biblioteca, porque procurava herbários que pudessem revelar-me alguma coisa.

- Mas não me disseste que conservas junto de ti os livros mais úteis à tua arte?

- Sim, e muitos - disse, indicando num angulo da sala algumas estantes carregadas de dezenas de volumes. - Mas na altura procurava certos livros que não poderia conservar e que até Malaquias era reticente em me deixar ver, de tal modo que tive de pedir autorização ao Abade. - A sua voz tornou-se mais baixa, como se tivesse escrúpulo em que eu a ouvisse. - Sabes, num lugar desconhecido da biblioteca conservam-se mesmo obras de necromancia, de magia negra, receitas de filtros diabólicos. Pude consultar algumas destas obras, por dever científico, e esperava encontrar uma descrição daquele veneno e das suas funções. Em vão.

- Então, falaste nisso a Malaquias.

- Decerto, sem dúvida a ele, e talvez também ao próprio Berengário, que lhe assistia. Mas não tires conclusões apressadas: não me recordo, talvez enquanto falava estivessem presentes outros monges, sabes, por vezes no scriptorium há bastante gente...

-Não suspeito de ninguém. Procuo apenas compreender o que pode ter acontecido. Em todo o caso dizes-me que o fato aconteceu há alguns anos, e é curioso que alguém tenha tirado com tanta antecipação um veneno que havia de vir a usar tanto tempo depois. Seria indício de uma vontade maligna que incubou longamente na sombra um propósito homicida.

Severino benzeu-se com uma expressão de horror no rosto.

- Deus nos perdoe a todos! - disse.

Não havia mais comentários a fazer. Voltamos a cobrir o corpo de Berengário, que devia ser preparado para as exéquias.

QUARTO DIA
PRIMA

Onde Guilherme induz primeiro Salvador e depois o despenseiro a confessar o seu passado, Severino encontra as lentes roubadas, Nicolau traz as novas e Guilherme, com seis olhos, vai decifrar o manuscrito de Venancio.

Íamos a sair quando entrou Malaquias. Pareceu contrariado com a nossa presença, e fez menção de se retirar. Do interior, Severino viu-o e disse:

- Procuravas-me? É por...

Interrompeu-se, olhando para nós. Malaquias fez-lhe um sinal, imperceptível, como para dizer «Falaremos depois...» Nós íamos a sair, ele vinha a entrar, encontramo-nos todos três no vão da porta. Malaquias disse, de modo bastante redundante:

- Procurava o irmão ervanário... Tenho... tenho dores de cabeça.

- Deve ser o ar fechado da biblioteca - disse-lhe Guilherme com um tom de pressurosa compreensão. - Devias fazer sufumígios.

Malaquias moveu os lábios como se ainda quisesse falar, depois, desistiu, baixou a cabeça e entrou, enquanto nós nos afastávamos.

- Que vai fazer junto de Severino? - perguntei.

- Adso - disse-me com impaciência o mestre -, aprende a raciocinar com a sua cabeça. - Depois mudou de conversa: - Temos de interrogar algumas pessoas, agora. Pelo menos - acrescentou, ao mesmo tempo que, com o olhar, explorava o planalto -, enquanto ainda estão vivas. A propósito: doravante prestemos atenção àquilo que comemos e bebemos. Tira sempre os teus alimentos do prato comum e as tuas bebidas da caneca de onde já se tenham servido os outros. Depois de Berengário, somos aqueles que sabem mais coisas. Além, naturalmente, do assassino.

- Mas quem quereis interrogar agora?

- Adso - disse Guilherme -, terás observado que aqui as coisas mais interessantes acontecem de noite. De noite se morre, de noite se anda pelo scriptorium, de noite se introduzem mulheres na cerca... Temos uma abadia diurna e uma abadia noturna, e a noturna parece desgraçadamente mais interessante que a diurna. Portanto, toda a pessoa que ande de noite nos interessa, incluindo por exemplo o homem que viste ontem à noite com a rapariga. Talvez a história da rapariga não tenha nada a ver com a dos venenos, ou talvez sim. Em todo o caso tenho cá a minha idéia sobre o homem de ontem à noite, que deve ser pessoa que sabe também outras coisas sobre a vida noturna deste santo lugar. E, fala-se do lobo, ei-lo que justamente vai a passar lá em baixo.

Apontou-me Salvador, o qual, por sua vez, nos tinha visto. Notei uma leve hesitação no seu passo, como se, desejando evitar-nos, tivesse parado para voltar atrás. Foi um instante. Evidentemente tinha dado conta de que não podia furtar-se ao encontro, e retomou a marcha. Dirigiu-se a nós com um largo sorriso e um «benedicite» um tanto

untuoso. O meu mestre quase não o deixou acabar e falou-lhe em tom brusco.

- Sabes que amanhã chega aqui a inquisição? - perguntou-lhe.

Salvador não pareceu contente. Com um fio de voz perguntou.

- E eu?

- E tu farás bem em dizer-me a verdade a mim, que sou teu amigo, e sou frade menor como tu foste, em vez de a dizeres amanhã aos outros que conheces muito bem.

Assaltado assim bruscamente, Salvador pareceu abandonar qualquer resistência. Olhou com ar submisso para Guilherme como para lhe fazer compreender que estava pronto a dizer-lhe aquilo que lhe perguntasse.

- Esta noite estava na cozinha uma mulher. Quem estava com ela?

- Oh, femena que véndese come mercandía non puede num-quam ser bona ni tener cortesía! - recitou Salvador.

- Não quero saber se era boa rapariga. Quero saber quem estava com ela!

- Deus, como são as femenas malvadas e espertas! Pensam dia e noite como o homem enganar...

Guilherme agarrou-o bruscamente pelo peito:

- Quem estava com ela, tu ou o despenseiro?

Salvador compreendeu que não podia mentir durante mais tempo. Começou a contar uma estranha história, pela qual fadigosamente ficamos a saber que ele para agradar ao despenseiro, lhe arranjava raparigas na aldeia, fazendo-as entrar durante a noite na cerca por vias que não nos quis dizer. Mas tresjurou que agia por puro bom coração, deixando transparecer um cômico remorso pelo fato de não encontrar modo de também tirar daí o seu prazer, de modo que a rapariga, depois de ter contentado o despenseiro, lhe desse qualquer coisa também a ele. Disse tudo isto com viscosos e lubriscos sorrisos, e piscadelas de olhos, como para dar a entender que falava com homens feitos de carne, acostumados às mesmas práticas. E olhava para mim de soslaio, e eu não podia retorquir-lhe como queria, porque me sentia ligado a ele por um segredo comum, seu cúmplice e companheiro de pedaço.

Guilherme decidiu naquela altura tentar tudo por tudo. Perguntou-lhe de chofre:

- Conheceste Remígio antes ou depois de teres estado com Dolcino?

Salvador ajoelhou-se a seus pés, suplicando-lhe entre lágrimas que não quisesse perdê-lo e que o salvasse da inquisição, Guilherme jurou-lhe solenemente que não dizia a ninguém quanto viesse a saber, e Salvador não hesitou em entregar o despenseiro à nossa mercê. Tinham-se conhecido na Parede Calva, ambos do bando de Dolcino, com o despenseiro tinha fugido e entrado no convento de Casale, com ele se tinha transferido entre os clunícenses. Mastigava implorando perdão, e claro que dele não se poderia saber mais. Guilherme decidiu que valia a pena apanhar Remígio de surpresa, e deixou Salvador, que correu a refugiar-se na igreja.

O despenseiro estava na parte oposta da abadia, diante dos celeiros, e estava a negociar com alguns aldeões do vale. Olhou-nos com apreensão, e procurou mostrar-se muito atarefado, mas Guilherme insistiu para falar com ele. Até então tínhamos tido com aquele homem poucos contatos; ele tinha sido cortês conosco, nós com ele. Naquela manhã, Guilherme dirigiu-se-lhe como teria feito com um irmão da sua ordem. O despenseiro pareceu embaraçado com aquela confiança e respondeu a princípio com muita prudência.

- Pelas razões do teu ofício, tu és obrigado a vaguear pela abadia mesmo quando os outros dormem, imagino - disse Guilherme.

- Depende - respondeu Remígio -, por vezes há pequenos serviços a despachar e tenho de lhes dedicar algumas horas de sono.

- Não te aconteceu nada, nestes casos, que possa indicar-nos quem terá vagueado, sem ter as tuas justificações, entre a cozinha e a biblioteca?

- Se tivesse visto alguma coisa, teria dito ao Abade.

- Certo - concordou Guilherme, e mudou bruscamente de conversa: - A aldeia do vale não é muito rica, pois não?

- Sim e não - respondeu Remígio -, habitam aí alguns prebendários que dependem da abadia, e estes partilham da nossa riqueza nos anos de abundância. Por exemplo, no dia de São João receberam doze moios de malte, um cavalo, sete bois, um touro, quatro novilhas, cinco vitelos, vinte ovelhas, quinze porcos, cinquenta frangos e dezessete colméias. E, depois, vinte porcos fumados, vinte e sete formas de banha, meia medida de mel, três medidas de sabão, uma rede de pesca...

- Já compreendi, já compreendi - interrompeu Guilherme -, mas tens de admitir que isso ainda não me diz qual é a situação da aldeia, quais os habitantes que são prebendários da abadia, e quanta terra tem de cultivar por sua conta quem não é

prebendário...

- Oh, para isso - disse Remígio -, uma família normal lá em baixo chega a possuir até cinquenta tábuas de terreno.

- Quanto é uma tábua?

- Naturalmente, quatro trabucos quadrados.

- Trabucos quadrados? quantos são?

- Trinta e seis pés quadrados por trabuco. Ou, se quiseses, oitocentos trabucos lineares fazem uma milha piemontesa. E calcula que uma família, nas terras para norte, pode cultivar oliveiras para ao menos meio saco de azeite.

- Meio saco?

- Sim, um saco tem cinco heminas, e uma hemina tem oito taças.

- Já compreendi - disse o meu mestre desanimado. - Cada região tem as suas medidas. Vós por exemplo, o vinho medi-lo em canadas?

- Ou em almudes. Seis almudes, um barril, e oito barris uma pipa. Se quiseses, um almude tem seis pintas de duas canadas.

- Creio que tenho as idéias claras - disse Guilherme resignado.

- Desejas saber mais alguma coisa? - perguntou Remígio, com um tom que me pareceu um desafio.

- Sim! Perguntava-te sobre o modo como viviam no vale porque meditava hoje na biblioteca sobre as prédicas de Humberto de Romans às mulheres, e em particular sobre o capítulo *Ad mulieres pauperes in villulis*. Onde diz que estas, mais que outras, são tentadas aos pecados da carne, por causa da sua miséria, e sabiamente diz que elas *peccant enim mortaliter, cum peccant cum quocumque laico, mortalius vero quando cum Clerico in sacris ordinibus constituto, máxime vero quando cum Religioso mundo mortuo*. Tu sabes melhor que eu que, mesmo em lugares santos como as abadias, as tentações do demônio meridiano nunca faltam. Perguntava-me se, nos teus contatos com a gente da aldeia, terás vindo a saber que alguns monges, Deus não queira, tenham induzido algumas raparigas a fornicação.

Embora o meu mestre dissesse estas coisas com tom quase distraído, o meu leitor terá compreendido como aquelas palavras perturbavam o pobre despenseiro. Não sei dizer se

empalideceu, mas direi que tanto esperava que empalidecesse que o vi empalidecer.

- Perguntas-me coisas que, se as soubesse, já teria dito ao Abade - respondeu humildemente. - Em todo o caso, se, como imagino, essas notícias servem à tua investigação, não te calarei nada que possa vir a saber. Melhor, agora que me fazes pensar, a propósito da tua primeira pergunta... Na noite em que morreu o pobre Adelmo, eu circulava pelo pátio... sabes, uma história de galinhas... rumores que tinha captado sobre um certo ferrador que de noite andava a roubar na capoeira... Pois bem, naquela noite aconteceu-me ver... de longe, não poderia jurar... Berengário, que reentrava no dormitório ladeando o coro, como se proviesse do Edifício... Não me admirei, porque, entre os monges, murmurava-se há algum tempo sobre Berengário, talvez tenhas sabido...

- Não, diz-me.

- Bem, como dizer? Suspeitava-se que Berengário nutria paixões que... não convêm a um monge...

- Queres talvez sugerir-me que tinha relações com raparigas da aldeia, como te estava a perguntar?

O despenseiro tossiu, embaraçado, e teve um sorriso bastante imundo:

- Oh, não... paixões ainda mais inconvenientes...

- Porque um monge que se deleite carnalmente com raparigas da aldeia pratica, pelo contrário, paixões de algum modo convenientes?

- Não disse isso, mas tu ensinas-me que há uma hierarquia na depravação como na virtude. A carne poder ser tentada segundo a natureza e... contra a natureza.

- Tu estás a dizer-me que Berengário era movido por desejos carnavais por homens do seu sexo?

- Eu digo que isso se murmurava dele... Comunicava-te estas coisas como prova da minha sinceridade e da minha boa vontade...

- E eu agradeço-te. E concordo contigo que o pecado de sodomia é bem pior que outras formas de luxúria, sobre as quais francamente não me sinto inclinado a investigar...

- Misérias, misérias, se acaso se verificassem - disse com filosofia o despenseiro.

- Misérias, Remígio. Somos todos pecadores. Jamais procuraria o argueiro no olho do irmão, tanto temo ter uma grande trave no meu. Mas ficar-te-ei grato por todas as traves de que me quiseses falar no futuro. Assim, conversaremos sobre grandes e robustos troncos de madeira e deixaremos que os argueiros volteiem no ar. Quanto dizias que é um trabuco?

- Trinta e seis pés quadrados. Mas não te preocupes. Quando quiseses saber alguma coisa com precisão vem ter comigo. Conta que tens em mim um amigo fiel.

- Como tal eu te considero - disse Guilherme com calor. - Ubertino disse-me que, em tempos, pertenceste à mesma ordem que eu. Jamais trairia um antigo irmão, especialmente nestes dias em que se espera a chegada de uma delegação pontifícia conduzida por um grande inquisidor, famoso por ter queimado tantos dolcinianos. Dizias que um trabuco tem trinta e seis pés quadrados?

O despenseiro não era tolo. Decidiu que já não valia a pena jogar ao gato e ao rato, tanto mais que se apercebia de ser o rato.

- Frade Guilherme - disse -, vejo que tu sabes muito mais coisas do que eu imaginava. Não me traias e eu não te trairei. É verdade, sou um pobre homem carnal, e cedo aos engodos da carne. Salvador disse-me que tu ou o teu noviço o tínheis surpreendido ontem à noite na cozinha. Tu tens viajado muito, Guilherme, sabes que nem sequer os cardeais de Avinhão são modelos de virtude. Sei que não é por estes pequenos e miseráveis pecados que me estás a interrogar. Mas compreendo também que soubeste alguma coisa sobre a minha história de outros tempos. Tive uma vida bizarra, como aconteceu a muitos de nós, menoritas. Há anos acreditei no ideal de pobreza, abandonei a comunidade para me entregar à vida errante. Acreditei na pregação de Dolcino, como muitos outros como eu. Não sou um homem culto, recebo ordens mas mal sei dizer missa. Sei pouco de teologia. E talvez não consiga sequer afeiçoar-me às idéias. Vês, em tempos tentei rebelar-me contra os senhores, agora sirvo-os, e pelo senhor destas terras comando outros como eu. Ou rebelar-se ou trair, dão-nos pouca escolha, a nós simples.

- Por vezes, os simples compreendem as coisas melhor que os doutos - disse Guilherme.

- Talvez - respondeu o despenseiro com um encolher de ombros. - Mas nem sequer sei porque fiz aquilo que fiz, então. Vês, para Salvador era compreensível, vinha dos servos da gleba, de uma infância de penúria e de doenças... Dolcino representava a rebelião e a destruição dos senhores. Para mim foi diferente, era de família cidadina, não fugia da fome. Foi... não sei como dizer, uma festa de loucos, um belo carnaval... Nos montes com Dolcino, antes de sermos reduzidos a comer a carne dos nossos companheiros mortos em combate, antes de morrerem tantos de privações que não se podia comê-los a todos, e atiravam-se como pasto às aves e às feras nas encostas do Rebello... ou talvez mesmo

nesses momentos... respirássemos um ar... posso dizer de liberdade? Não sabia antes o que era a liberdade, os pregadores diziam-nos. «A verdade vos fará livres.» Sentíamo-nos livres, pensávamos que era a verdade. Pensávamos que tudo aquilo que fazíamos era justo...

- E aí começaste... a unir-vos livremente com uma mulher? - perguntei, e nem sequer sei porquê, mas obcecavam-me desde a noite anterior as palavras de Ubertino, e aquilo que tinha lido no scriptorium, e os próprios casos que me tinham acontecido.

Guilherme olhou para mim intrigado, provavelmente não esperava que eu fosse tão audacioso e impudente. O despenseiro fixou-me como se eu fosse um estranho animal.

- No Rebello - disse - havia gente que durante toda a infância tinha dormido, aos dez e mais, em poucos côvados de terra batida, irmãos e irmãs, pais e filhas. Que queres que fosse para eles aceitar esta nova situação? Faziam por eleição aquilo que antes tinham feito por necessidade. E depois, de noite, quando temes a chegada das esquadras inimigas e te aconchegas ao teu companheiro, sobre a terra, para não sentir frio... Os hereges: vós, mongezinhos que vindes de um castelo e acabais numa abadia, credes que é um modo de pensar, inspirado pelo demônio. Pelo contrário; é um modo de viver, e é... e foi... uma experiência nova... Já não havia patrões, e Deus, diziam-nos, estava conosco. Não digo que tivéssemos razão, Guilherme, e de fato vê-me aqui porque os abandonei bem depressa. Mas é que nunca compreendi as vossas disputas doudas sobre a pobreza de Cristo e o uso e o fato e o direito... Já to disse, foi um grande carnaval, e no carnaval fazem-se as coisas ao contrário. Depois tornas-te velho, não te tornas sábio, mas tornas-te glutão. E aqui faço de glutão... Podes condenar um herege, mas queres condenar um glutão?

- Já chega Remígio - disse Guilherme. - Não te interrogo por aquilo que sucedeu então, mas por aquilo que aconteceu recentemente. Ajuda-me, e eu não procurarei decerto a tua ruína. Não posso e não quero julgar-te. Mas tens de me dizer o que sabes sobre os fatos da abadia. Andas demasiado, de noite e de dia, para não saberes alguma coisa. Quem matou Venancio?

- Não sei, juro-te. Sei quando morreu e onde.

- Quando? Onde?

- Deixa-me contar. Naquela noite, uma hora depois de completas, entrei na cozinha...

- Por onde, e por que razões?

- Pela porta que dá para o horto. Tenho uma chave que há algum tempo mandei fazer aos ferreiros. A porta da cozinha é a única que não é trancada por dentro. E as razões...

não contam, disseste tu mesmo que não queres acusar-me pelas fraquezas da minha carne... - Sorriu embaraçado. - Mas não queria tão-pouco que julgasses que passo os meus dias na fornicção... Naquela noite procurava comida para oferecer à rapariga que Salvador devia fazer entrar na cerca...

- Por onde?

- Oh, a cerca das muralhas tem outras entradas, além do portal. Conhece-as o Abade, conheço-as eu... Mas naquela noite a rapariga não veio, mandei-a voltar para trás precisamente por causa daquilo que descobri e que vou contar. Eis porque tentei fazê-la voltar ontem à noite. Se vós tivésseis chegado pouco depois, ter-me-íeis encontrado a mim em vez de Salvador, foi ele que me avisou que havia gente no Edifício, e eu voltei para a minha cela...

- Voltemos à noite entre domingo e segunda.

- Pois bem: eu entrei na cozinha e vi por terra Venancio, morto.

- Na cozinha?

- Sim, perto da pia. Acabava talvez de descer do scriptorium.

- Nenhuma marca de luta?

- Nenhuma. Ou melhor, perto do corpo estava uma chávena quebrada, e havia sinais de água no chão.

- Porque sabes que era água?

- Não sei. Pensei que fosse água. Que podia ser?

Como Guilherme me fez observar depois, aquela chávena podia significar duas coisas diversas. Ou precisamente ali na cozinha alguém tinha dado de beber a Venancio uma poção venenosa, ou o desgraçado já tinha ingerido o veneno (mas onde?, e quando) e tinha descido a beber para acalmar um imprevisto ardor, um espasmo, uma dor que lhe queimava as vísceras, ou a língua (que, certamente, a sua devia estar negra como a de Berengário).

Em todo o caso, de momento não se podia saber mais nada. Descoberto o cadáver, e aterrorizado, Remígio tinha-se perguntado o que fazer, e tinha decidido não fazer nada. Se pedisse socorro, devia admitir que tinha vagueado durante a noite pelo Edifício, e isso não teria valido de nada ao irmão já perdido. Portanto, tinha decidido deixar as coisas como estavam, esperando que alguém descobrisse o corpo na manhã seguinte, ao abrir

as portas. Tinha corrido a deter Salvador, que já estava a fazer entrar a rapariga na abadia, depois - ele e o seu cúmplice - tinham voltado a dormir, se acaso se podia chamar sono à vigília agitada que tiveram até matinas. E a matinas, quando os porqueiros foram avisar o Abade, Remígio julgava que o cadáver tinha sido descoberto onde ele o tinha deixado, e tinha ficado interdito ao descobri-lo na talha. Quem tinha feito desaparecer o cadáver da cozinha? Sobre isto, Remígio não tinha nenhuma idéia.

- O único que pode mover-se livremente pelo edifício é Malaquias - disse Guilherme.

O despenseiro reagiu com energia:

- Não! Malaquias não. Isto é, não creio... Em todo o caso, não fui eu que te disse algo contra Malaquias...

- Está tranqüilo, qualquer que seja a dívida que te liga a Malaquias. Sabe alguma coisa de ti?

- Sim - corou o despenseiro -, e comportou-se como homem discreto. Se estivesse no teu lugar eu vigiaria Bêncio. Tinha estranhas ligações com Berengário e Venancio... Mas, juro-te, não vi mais nada. Se souber alguma coisa, dir-te-ei.

- Por agora pode chegar. Voltarei junto de ti, se tiver necessidade.

O despenseiro, evidentemente aliviado, voltou aos seus negócios, repreendendo asperamente os aldeões, que tinham deslocado não sei que sacos de sementes.

Naquele entretanto chegou junto de nós Severino. Trazia na mão as lentes de Guilherme, as que lhe tinham tirado duas noites antes.

- Encontrei-as no saio de Berengário - disse. - Vi-as no nariz, no outro dia na biblioteca. São as tuas, não são?

- Deus seja louvado - exclamou alegremente Guilherme. - Resolvemos dois problemas! Tenho as minhas lentes e sei finalmente que era Berengário o homem que nos derrubou a noite passada no scriptorium!

Mal tínhamos acabado de falar quando chegou a correr Nicolau de Morimondo, ainda mais triunfante que Guilherme. Tinha nas mãos um par de lentes acabadas, montadas na sua forquilha:

- Guilherme - gritava -, consegui-o sozinho, acabei-as, creio que funcionam!

Depois viu que Guilherme tinha outras lentes no rosto e ficou petrificado. Guilherme

não quis humilhá-lo, tirou as suas velhas lentes e mediu as novas:

- São melhores que as outras - disse. - Quer dizer que terei as velhas de reserva e usarei sempre as tuas. - Depois voltou-se para mim: - Adso, agora retiro-me para a minha cela para ler aqueles papéis que sabes. Finalmente! Espera-me em qualquer sítio. E obrigado, obrigado a todos vós, caríssimos irmãos.

Soava a hora terça e dirigi-me para o coro, para recitar com os outros o hino, os salmos, os versículos e o Kyrre. Os outros rezavam pela alma do morto Berengário. Eu agradecia a Deus por nos ter feito encontrar não um mas dois pares de lentes.

Devido à grande serenidade, esquecidas todas as torpezas que tinha visto e ouvido, adormeci, acordando quando o ofício terminou. Dei-me conta que naquela noite não tinha dormido, e perturbei-me pensando que tinha, além disso, usado muitas das minhas forças. E naquela altura, saindo para o ar livre, o meu pensamento começou a ser obcecado pela recordação da rapariga.

Procurei distrair-me, e pus-me a andar depressa pelo planalto. Experimentava uma sensação de leve vertigem. Esfregava as mãos entorpecidas uma contra a outra. Batia com os pés no chão. Ainda tinha sono, e no entanto sentia-me acordado e cheio de vida. Não compreendia o que me estava acontecendo.

QUARTO DIA TERÇA

Onde Adso se debate nos padecimentos de amor, depois chega Guilherme com o texto de Venancio, que continua a permanecer indecifrável, mesmo depois de ter sido decifrado.

Na verdade, depois do meu encontro pecaminoso com a rapariga, os outros terríveis acontecimentos quase me tinham feito esquecer aquela aventura, e, por outro lado, logo depois de me ter confessado a frade Guilherme, o meu espírito tinha-se aliviado do remorso que havia sentido ao acordar depois da minha culpável cedência, de tal maneira que me parecia ter entregado ao frade, com as palavras, o próprio fardo de que elas eram a voz significativa. Para que outra coisa serve, com efeito, a benéfica purificação da confissão, senão pare descarregar o peso do pecado, e do remorso que comporta, no próprio seio de Nosso Senhor, obtendo com o perdão uma nova aérea ligeireza de alma, de forma a esquecer o corpo martirizado pela inequícia? Mas não me tinha libertado de tudo. Agora que passeava ao sol pálido e frio daquela manhã invernal, circundado pelo fervor dos homens e dos animais, começava a recorder os acontecimentos passados de modo diverso. Como se de tudo quanto tinha acontecido já não restassem o arrependimento e as palavras consoladoras da purificação penitencial, mas apenas imagens de corpos e de membros humanos. Saltava-me à mente sobreexcitada o

fantasma de Berengário inchado de água, e estremecia de nojo e de piedade. Depois como para afugentar aquele lêmure, a minha mente dirigia-se a outras imagens de que a memória fosse fresco receptáculo, e não podia deixar de ver, evidente aos meus olhos (aos olhos da alma, mas quase como se aparecesse diante dos olhos carnaís), a imagem da rapariga, bela e terrível, como exército alinhado pare a batalha.

Comprometi-me (velho amanuense de um texto nunca escrito até agora, mas que durante longos decênios falou na minha mente) a ser cronista fiel, e não só por amor da verdade, nem pelo desejo (aliás muito digno) de instruir os meus leitores futuros; mas também para libertar a minha memória ressequida e cansada de visões que durante toda a vida a têm atormentado. E por isso devo dizer tudo, com decência mas sem vergonha. E devo dizer, agora, e com todas as letras, aquilo que então pensei e quase tentei esconder a mim próprio, passeando pelo planalto, pondo-me por vezes a correr para poder atribuir ao movimento do corpo o bater improvisado do meu coração, parando para admirar as obras dos vilões e imaginando que me distraía na sua contemplação, aspirando o ar frio a plenos pulmões, como faz quem bebe vinho para esquecer temor ou dor.

Em vão. Eu pensava na rapariga. A minha carne tinha esquecido o prazer, intenso, pecaminoso e passageiro (coisa vil) que me tinha dado a união com ela; mas a minha alma não tinha esquecido o seu rosto, e não conseguia sentir como perversa essa recordação, melhor, palpitava como se naquele rosto resplandessem todas as doçuras da criação.

Percebia, de modo confuso e quase negando a mim próprio a verdade de quanto sentia, que aquela pobre, suja, impudente criatura que se vendia (quem sabe com que proterva constância) a outros pecadores, aquela filha de Eva que, frágil como todas as suas irmãs, tinha tantas vezes feito comércio com a sua própria carne, era todavia qualquer coisa de esplêndido e de mirífico. O meu intelecto sabia-a fonte de pecado, o meu apetite sensitivo percebia-a como receptáculo de toda a graça. É difícil dizer aquilo que eu sentia. Poderia tentar escrever que, ainda preso pelas tramas do pecado, desejava, culpavelmente, vê-la aparecer a todo o instante, e quase espiava o trabalho dos operários para perscrutar se, do ângulo de uma cabana, do escuro de um estábulo, aparecia a figura que me tinha seduzido. Mas não escreveria a verdade, ou então tentaria pôr um véu à verdade para atenuar a sua força e a sua evidência. Porque a verdade é que eu «via» a rapariga, via-a nos ramos da árvore despojada que palpitavam ligeiramente quando um pássaro transido voava para aí procurar refúgio; via-a nos olhos das novilhas que saíam do estábulo, e ouvi-a no balido dos cordeiros que se cruzavam com o meu errar. Era como se toda a criação me falasse dela, e desejava, sim, voltar a vê-la, mas também estava pronto a aceitar a idéia de jamais voltar a vê-la, e de jamais me unir a ela, contando que pudesse gozar do júbilo que me invadia naquela manhã, e tê-la sempre perto ainda que estivesse, e por toda a eternidade, longe de mim. Era, procuro agora compreender, como se o universo inteiro, que claramente é quase um

livro escrito pelo dedo de Deus, onde cada coisa nos fala da imensa bondade do seu criador, em que cada criatura é quase escritura e espelho da vida e da morte, em que a mais humilde rosa se faz glosa do nosso caminho terreno, como se tudo em suma, não me falasse de outra coisa senão do rosto que apenas tinha entrevisto nas sombras odorosas da cozinha. Cedia a estas fantasias porque me dizia (ou melhor, não me dizia, porque naquele momento não formulava pensamentos traduzíveis em palavras) que, se o mundo inteiro está destinado a falar-me do poder, bondade e sabedoria do criador, e se naquela manhã o mundo inteiro me falava da rapariga, que (por pecadora que fosse) sempre era ainda um capítulo do grande livro da criação, um versículo do grande salmo cantado pelo cosmo - dizia-me (agora digo) que, se isto acontecia, não podia deixar de fazer parte do grande desígnio teofânico que rege o universo, disposto em forma de citara, milagre de consonância e harmonia. Quase inebriado, gozava então da presença dela nas coisas que via, e, desejando-a nelas, à vista delas me saciava. E, no entanto, sentia como uma dor, porque, ao mesmo tempo, sorria de uma ausência, mesmo sendo feliz com tantos fantasmas de uma presença. Torna-se-me difícil explicar este mistério de contradição, sinal de que o espírito humano é bastante frágil e nunca prossegue diretamente ao longo dos caminhos da razão divina, que construiu o mundo como um pericito silogismo, mas deste silogismo colhe apenas proposições isoladas e freqüentemente desconexas, de onde a nossa facilidade em cair vítima das ilusões do maligno. Era uma ilusão do maligno a que naquela manhã tanto me emocionava? Hoje penso que era, porque era noviço, mas penso que o humano sentimento que me agitava não era mau em si, mas apenas em relação ao meu estado. Porque, em si, era o sentimento que move o homem para uma mulher a fim de que um se una com a outra, como quer o apóstolo dos gentios, e ambos sejam carne de uma só carne, e juntos procriem novos seres humanos e se assistam mutuamente da juventude à velhice. Só que o apóstolo falou assim para aqueles que procuram o remédio para a concupiscência e para quem não quer arder, recordando porém que bem mais preferível é o estado de castidade, a que eu, monge, me tinha consagrado. E assim eu sofria, naquela manhã, aquilo que era mal para mim, mas para outros talvez fosse bem, e bem dulcíssimo, pelo que agora compreendo que a minha perturbação não era devida à perversidade dos meus pensamentos, em si dignos e suaves, mas à perversidade da relação entre os meus pensamentos e os votos que tinha pronunciado. E, assim, fazia mal em gozar de uma coisa sob uma certa razão e má sob outra, e o meu direito estava em tentar conciliar com o apetite natural os ditames da alma racional. Agora sei que sofria pelo contraste entre o apetite intelectual, onde deveria manifestar-se o império da vontade, e o apetite sensitivo, sujeito das paixões humanas. Com eleito, *actus appetitus sensitivi in quantum habent transmutationem corporalem annexam, passionem dicuntur, non autem actus voluntatis*. E o meu ato apetitivo era precisamente acompanhado por um tremor de todo o corpo, por um impulso físico a gritar e a agitar-me. O angélico doutor diz que as paixões em si não são más, salvo que devem ser moderadas pela vontade guiada pela alma racional. Mas a minha alma racional estava naquela manhã adormecida de cansaço, o qual refreava o apetite irascível, que se dirige para o bem e para o mal enquanto conhecidos. Para justificar a minha irresponsável levandade de então, direi hoje, e com as palavras do

doutor angélico, que era indubitavelmente possuído de amor, que é paixão e é lei cósmica, porque também a gravidade dos corpos é amor natural. E por esta paixão era naturalmente seduzido, porque nesta paixão *appetitus tendit in appetibile realiter consequendum ut sit ibi finis motus*. Pelo que, naturalmente, *amor facit quod ipsae res quae amantur, amanti aliquo modo uniantur et amor est magis cognitivus quam cognitio*. Com efeito, eu via agora a rapariga melhor do que a tinha visto na noite anterior, e compreendia-a *intus et in cute*, porque nela compreendia-me a mim e em mim ela mesma. Pergunto-me agora se aquilo que sentia era o amor da amizade, em que o semelhante ama o semelhante e quer apenas o bem de outrem, ou amor de concupiscência, em que se quer o seu próprio bem e o incompleto quer apenas o que o completa. E creio que amor de concupiscência tinha sido o da noite, em que queria da rapariga alguma coisa que nunca tinha tido, enquanto naquela manhã da rapariga não queria nada, e queria apenas o seu bem, e desejava que ela fosse subtraída à cruel necessidade que a obrigava a dar-se por pouca comida, e fosse feliz, e não queria pedir-lhe mais nada, mas apenas continuar a pensá-la e a vê-la nas ovelhas, nos bois, nas árvores, na luz serena que envolvia de júbilo a cerca da abadia.

Agora sei que causa do amor é o bem, e o que é bem define-se por conhecimento, e não se pode amar senão aquilo que se apreendeu como bem, enquanto a rapariga a tinha apreendido, sim, como bem do apetite irascível mas como mal da vontade. Mas, então, era presa de tantos e tão contrastantes movimentos do espírito, porque aquilo que sentia era semelhante ao amor mais santo, precisamente como o descrevem os doutores: ele produzia-me o êxtase, em que amante e amado querem a mesma coisa (e, por misteriosa iluminação, eu naquele momento sabia que a rapariga, onde quer que estivesse, queria as mesmas coisas que eu próprio queria), e por ela eu sentia ciúme, mas não o mau, condenado por Paulo na primeira aos coríntios, que é *principium contentionis* e não admite *consortium in amato*, mas aquele de que fala Dionísio nos Nomes Divinos, pelo que também Deus é dito *ciumento propter multum amorem quem habet ad existentia* (e eu amava a rapariga precisamente porque ela existia, e era feliz, não invejoso, de que ela existisse). Era ciumento do modo em que, para o angélico doutor, o ciúme é *motus in amatum*, ciúme de amizade que leva a mover-se contra tudo aquilo que prejudica o amado (e eu outra coisa não fantasiava naquele instante senão libertar a rapariga do poder de quem lhe estava comprando as carnes sujando-a com as próprias paixões nefastas).

Agora sei, como diz o doutor, que o amor pode levar o amante quando é excessivo. E o meu era excessivo. Tentei explicar aquilo que então sentia, não tento de modo nenhum justificar o que sentia. Falo do que foram os meus culpáveis ardores de juventude. Eram maus, mas a verdade impõe-me que diga que, então, os percebi como extremamente bons. E que isto sirva para instruir quem, como eu, cair nas redes da tentação. Hoje, velho, conheceria mil formas de escapar a tais seduções (e pergunto-me até que ponto devo ter orgulho nisso, pois que estou liberto das tentações do demônio meridiano; mas não liberto de outras, de tal modo que me pergunto se quanto estou fazendo não será

culpável condescendência para com a paixão terrestre da rememoração, estúpida tentativa de fugir ao fluxo do tempo e à morte).

Então salvei-me quase por instinto miraculoso. A rapariga aparecia-me na natureza e nas obras humanas que me circundavam. Procurei, pois, por feliz intuição da alma, mergulhar na detalhada contemplação daquelas obras. Observei o trabalho dos vaqueiros que levavam os bois para fora do estábulo, dos porqueiros que davam comida aos porcos, dos pastores que ataçavam os cães a reunir as ovelhas, dos camponeses que levavam espelta e milho aos moinhos e saíam deles com sacos de boa comida. Mergulhei na contemplação da natureza, procurando esquecer os meus pensamentos e procurando olhar os seres apenas como nos aparecem, e olvidar-me na sua visão, jucundamente.

Como era belo o espetáculo da natureza ainda não tocada pela sabedoria, muitas vezes perversa, do homem!

Vi o cordeiro, a quem foi dado este nome quase em reconhecimento da sua pureza e bondade. Com efeito, o nome agnus deriva do fato que este animal agnoscit reconhece a sua própria mãe e reconhece a sua voz no meio do rebanho, enquanto a mãe, entre tantos cordeiros de idêntica forma e de idêntico balido, reconhece sempre e apenas o seu filho, e alimenta-o. Vi a ovelha, que oris se diz ab oblatione, porque servia desde os primeiros tempos para os ritos sacrificiais; a ovelha que, como é seu costume, ao chegar o Inverno, procura a erva com avidez e se enche de forragem antes de os pastos serem queimados pelo gelo. E os rebanhos eram vigiados pelos cães, assim chamados por canor por causa do seu latido. Animal perfeito entre os outros, com dons superiores de agudeza, o cão reconhece o seu próprio dono, e é adestrado para a caça às feras nos bosques, para a guarda dos rebanhos contra os lobos, protege a casa e os filhos do seu dono, e por vezes, em tais funções de defesa, encontra a morte. O rei Garamante, que tinha sido feito prisioneiro pelos seus inimigos, foi reconduzido à pátria por uma matilha de duzentos cães que abriram caminho no meio das fileiras adversárias; o cão de Jasão Lício, depois da morte do dono, continuou a recusar a comida até morrer de inanição; o rei Lisímaco lançou-se na fogueira do próprio dono para morrer com ele. O cão tem o poder de curar as feridas lambendo-as com a língua, e a língua dos seus cachorros pode curar as lesões intestinais. Por natureza costuma utilizar duas vezes o mesmo alimento, depois de o ter vomitado. Sobriedade que é símbolo de perfeição de espírito, tal como o poder taumatúrgico da sua língua é símbolo da purificação dos pecados obtida através da confissão e da penitência. Mas que o cão volte àquilo que vomitou é também sinal de que, depois da confissão, se volta aos mesmos pecados de antes, e esta moralidade foi-me bastante útil naquela manhã para admoestar o meu coração, enquanto admirava as maravilhas da natureza.

Entretanto, os meus passos levavam-me para os estábulos dos bois, que estavam a sair em grande número guiados pelos seus boieiros. Pareceram-me logo tal como eram e são, símbolos de amizade e de bondade, porque cada boi no trabalho volta-se para procurar o

seu companheiro de arado, se por acaso ele, naquele momento, estiver ausente, e para ele se volta com efetuosos mugidos. Os bois, obedientes, aprendem a voltar sozinhos ao estábulo quando chove, e quando se abrigam na manjedoura estendem continuamente a cabeça para olhar para fora a ver se o mau tempo cessou, porque aspiram a voltar ao trabalho. E com os bois saíam, naquele momento, os vitelinhos, que, fêmeas e machos, tiram o seu nome da palavra viriditas, ou mesmo de virgo, porque naquela idade eles são ainda frescos, jovens e castos, e mal tinha feito e fazia, disse para comigo, em ver nos seus movimentos graciosos uma imagem da rapariga não casta. Nestas coisas pensei, reconciliado com o mundo e comigo mesmo, observando o alegre trabalho da hora matutina. E não pensei mais na rapariga, ou melhor, esforcei-me por transformar o ardor que sentia por ela num sentimento de alegria interior e de paz devota.

Disse para comigo que o mundo era bom e admirável. Que a bondade de Deus se manifesta até nos animais mais horríveis, como explica Honório Augustoduniense. É verdade, há serpentes tão grandes que devoram os cercos e nadam através dos oceanos, e há a besta cenocroca, de corpo de burro, cornos de cabra-montês, peito e faces de leão, pé de cavalo mas fendido como o do boi, um corte na boca que chega até às orelhas, a voz quase humana e no lugar dos dentes um único sólido osso. E há a besta mantícora, de rosto de homem, uma tripla ordem de dentes, corpo de leão, cauda de escorpião, olhos glaucos, cor de sangue e voz semelhante ao sibilo das serpentes, ávida de carne humana. E há monstros com oito dedos em cada pé, e focinhos de lobo, unhas aduncas, pele de ovelha e latido de cão, que se tornam negros em vez de brancos com a velhice, e excedem em muito a nossa idade. E há criaturas com olhos nos ombros e dois furos no peito em vez de narinas, porque lhes falta a cabeça, e outras ainda que habitam ao longo do rio Ganges, que vivem só do odor de um certo pomo, e morrem quando se afastam dele. Mas mesmo todas estas bestas imundas cantam na sua variedade os louvores do Criador e a sua sabedoria, como o cão, o boi, a ovelha, o cordeiro e o lince. Como é grande, disse então para comigo, repetindo as palavras de Vicente Belovacense, a mais humilde beleza deste mundo, e como é agradável aos olhos da razão considerar atentamente não só os modos e os números e as ordens das coisas, tão decorosamente estabelecidos por todo o universo, mas também o volver dos tempos que incessantemente se enovelam através de sucessões e quedas, marcados pela morte daquilo que nasceu. Confesso, como pecador que sou, com a alma ainda há pouco prisioneira da carne, que fui movido então por espiritual doçura para com o criador e a regra deste mundo, e admirei com jubilosa veneração a grandeza e a estabilidade da criação.

Nesta boa disposição de espírito me encontrou o meu mestre quando, arrastado pelos meus pés e sem dar conta, completado quase o périplo da abadia, me encontrei de novo onde nos tínhamos deixado duas horas antes. Ali estava Guilherme, e o que me disse distraiu-me dos meus pensamentos e fez-me volver de novo a mente para os tenebrosos mistérios da abadia.

Guilherme parecia muito contente. Tinha na mão a folha de Venancio, que finalmente tinha decifrado. Fomos para a sua cela, longe de ouvidos indiscretos, e ele traduziu-me aquilo que tinha lido. Depois da frase em alfabeto zodiacal (secretum finis Africae manus supra idolum age primum et septimum de quatuor), eis o que dizia o texto grego:

O veneno tremendo que dá a purificação...

A arma melhor para destruir o inimigo...

Usa as pessoas humildes vis e brutas, tira prazer do seu defeito... Não devemos morrer.. Não nas casas dos nobres e dos poderosos mas das aldeias dos camponeses, depois de abundante repasto e libações.. Corpos toscos, caras disformes.

Estupram virgens e deitam-se com meretrizes, não malvados, sem temor

Uma verdade diversa, uma diversa imagem da verdade...

As veneráveis figueiras.

A pedra desavergonhada rola pela planura... Sob os olhos.

É necessário enganar e surpreender enganando, dizer as coisas ao contrario do que se acreditava, dizer uma coisa e entender outra.

Para eles as cigarras cantarão da terra.

Nada mais. Na minha opinião, demasiado pouco, quase nada. Pareciam os desvarios de um demente, e disse-o a Guilherme.

- Podia ser. E parece sem dúvida mais demente do que era por causa da minha tradução. Conheço o grego duma forma bastante aproximativa. E todavia, posto que Venancio fosse louco, ou fosse louco o autor do livro, isto não nos diria porque é que tantas pessoas, e nem todas loucas, tanto fizeram, primeiro para esconder o livro e depois para o recuperar...

- Mas as coisas que estão escritas aqui provêm do livro misterioso?

- Trata-se sem dúvida de coisas escritas por Venancio. Vê-lo também tu, não se trata de um pergaminho antigo. E devem ser notas tiradas ao ler o livro, senão Venancio não teria escrito em grego. Ele recopiou certamente, abreviando-as, frases que encontrou no volume subtraído ao finis Africae. Levou-o para o scriptorium e começou a lê-lo, anotando aquilo que lhe parecia digno de nota. Depois aconteceu qualquer coisa. Ou se sentiu mal, ou ouviu alguém subir. Então repôs o livro, com as notas, debaixo da mesa,

provavelmente prometendo-se retomá-lo na noite seguinte. Em todo o caso, é apenas partindo desta folha que poderemos reconstruir a natureza do livro misterioso, e é só da natureza daquele livro que será possível inferir a natureza do homicida. Porque em todo o delito cometido para possuir o objeto, a natureza do objeto deveria fornecer-nos uma idéia, embora pálida, da natureza do assassino. Se se mata por um punhado de ouro, o assassino será pessoa ávida, se por um livro, o assassino estará ansioso por guardar para si os segredos daquele livro. É preciso portanto saber o que diz o livro que nós não temos.

- E vós sereis capaz, por estas poucas linhas, de compreender de que livro se trata?

- Querido Adso, estas parecem as palavras de um texto sagrado, cujo significado vai para além da letra. Lendo-as esta manhã, depois de termos falado com o despenseiro, impressionou-me o fato de também aqui se fazer referência aos simples e aos camponeses como portadores de uma verdade diversa da dos sábios. O despenseiro deixou compreender que alguma estranha cumplicidade o ligava a Malaquias. Que Malaquias tivesse escondido algum perigoso texto herético que Remígio lhe tinha entregado? Então Venancio teria lido e anotado alguma misteriosa instrução respeitante a uma comunidade de homens rudes e vis em revolta contra tudo e todos. Mas...

- Mas?

- Mas dois fatos estão contra esta minha hipótese. Um é que Venancio não parecia interessado em tais questões: era um tradutor de textos gregos, não um pregador de heresias... O outro é que frases como a das Figueiras, da pedra ou das cigarras não seriam explicadas por esta primeira hipótese...

- São talvez enigmas com outro significado - sugeri. - Ou tendes outra hipótese?

- Tenho, mas é ainda confusa. Parece-me, lendo esta página, já ter lido algumas destas palavras, e voltam-me à mente frases quase semelhantes que vi algures. Parece-me que esta folha fala de algo de que já se falou nos dias anteriores... mas não me recordo o quê. Tenho de pensar nisso. Talvez tenha de ler outros livros.

- Como assim? Para saber o que diz um livro tendes de ler outros?

- Por vezes pode fazer-se assim. Muitas vezes os livros falam de outros livros. Muitas vezes um livro inócuo é como uma semente, que florescerá num livro perigoso, ou inversamente, é o fruto doce de uma raiz amarga. Não poderias, lendo Alberto, saber o que poderia ter dito Tomás? Ou, lendo Tomás, saber o que terá dito Averroes?

- É verdade - disse admirado. Até então tinha pensado que cada livro falava das coisas, humanas ou divinas, que estão fora dos livros. Agora apercebia-me que, não raro,

os livros falam dos livros, ou melhor, é como se falassem entre si. À luz desta reflexão, a biblioteca pareceu-me ainda mais inquietante. Era portanto o lugar de um longo e secular sussurro, de um diálogo imperceptível entre pergaminhos e pergaminhos, uma coisa viva, um receptáculo de poderes que uma mente humana não podia dominar, tesouro de segredos emanados de tantas mentes, e sobrevivendo à morte daqueles que os tinham produzido ou deles se tinham feito mensageiros - Mas então - disse - para que serve esconder os livros, se dos livros patentes se pode remontar aos ocultos?

- No arco dos séculos não serve de nada. No arco dos anos e dos dias serve para alguma coisa. De fato, vês como nós nos encontramos perdidos.

- E, assim, uma biblioteca não é um instrumento para distribuir a verdade, mas para retardar a sua aparição? -perguntei espantado.

- Nem sempre e não necessariamente. Neste caso é.

QUARTO DIA

SEXTA

Onde Adso vai procurar trufas e encontra os menoritas a chegar na abadia, estes têm um longo colóquio com Guilherme e Ubertino e se sabem coisas muito tristes sobre João XXII.

Depois destas considerações, o meu mestre decidiu não fazer mais nada. Já disse que tinha por vezes destes momentos de total falta de atividade, como se o ciclo incessante dos astros tivesse parado, e ele com um e outros. Assim fez naquela manhã. Estendeu-se no enxergão com os olhos abertos no vazio e as mãos cruzadas sobre o peito, movendo apenas os lábios, como se recitasse uma oração, mas de modo irregular e sem devoção.

Pensei que ele pensava, e resolvi respeitar a sua meditação. Voltei ao pátio e vi que o sol tinha enfraquecido. De bela e límpida que era, a manhã (enquanto o dia se preparava para consumir a sua primeira metade) estava a tornar-se úmida e brumosa. Grossas nuvens moviam-se de setentrião e estavam a invadir o cume do planalto, cobrindo-o de uma camada ligeira. Parecia névoa, e talvez também subisse névoa da terra, mas àquela altura, era difícil distinguir as brumas que vinham de baixo das que desciam do alto, começava a ver-se com dificuldade a mole dos edifícios mais distantes.

Vi Severino, que reunia os porquinhos e alguns dos seus animais com alegria. Disse-me que iam ao longo das faldas do monte, e ao vale, à procura de trufas. Eu não conhecia ainda aquele fruto do fundo do bosque que crescia naquela península e parecia típico das terras beneditinas, quer em Norcia - negro - quer naquelas terras - mais branco e perfumado. Severino explicou-me o que era, e como era gostoso, preparado dos modos mais variados. E disse-me que era difícilimo de encontrar, porque se escondia debaixo da

terra, mais secreto que um cogumelo, os únicos animais capazes de o encontrar, seguindo o olfato, eram os porcos. Salvo que, mal o encontrassem, queriam devorá-lo, e era preciso afastá-los logo e intervir para o desenterrar. Soube depois que muitos gentis-homens não desdenhavam entregar-se àquela caça, seguindo os porcos como se fossem sabujos muito nobres, e seguidos, por sua vez, pelos servos com as enxadas. Recordo até que, alguns anos mais tarde, um senhor das minhas terras, sabendo que eu conhecia a Itália, me perguntou como é que lá tinha visto senhores que levavam os porcos a pastar, e eu ri compreendendo que, pelo contrário, andavam à procura de trufas. Mas como eu disse àquele que estes senhores desejavam encontrar o «tar-tufo» debaixo da terra para depois o comerem, aquele compreendeu que eu dizia que procuravam «der Teufel», ou melhor, o diabo, e benzeu-se devotadamente olhando-me assombrado. Depois o equívoco desfez-se, e rimo-nos ambos. Tal é a magia das falas humanas, que por humano acordo significam muitas vezes, com sons iguais, coisas diversas.

Intrigado com os preparativos de Severino, decidi segui-lo, até porque compreendi que ele se entregava àquela busca para esquecer os tristes casos que a todos oprimiam; e eu pensei que, ajudando-o a esquecer os seus pensamentos, teria talvez, senão esquecido, pelo menos refreado os meus. E não escondo, pois que decidi escrever sempre e só a verdade, que, secretamente, me seduzia a idéia de que, descendo o vale, poderia talvez entrever alguém que não digo. Mas a mim próprio e quase em voz alta afirmei pelo contrário que, como naquele dia se esperava a chegada das duas delegações, poderia talvez avistar uma.

À medida que se desciam as curvas do monte, o ar tornava-se mais claro; não que voltasse o sol, que a parte superior do céu estava carregada de nuvens, mas as coisas distinguiam-se nitidamente, porque a névoa permanecia sobre as nossas cabeças. Melhor, tendo descido muito, voltei-me para olhar o cimo do monte, e não vi mais nada: de metade da subida em diante, o cume da colina, o planalto, o Edifício, tudo desaparecia entre as nuvens.

Na manhã da nossa chegada, quando já estávamos entre os montes, em certas curvas, era ainda possível distinguir, a pouco mais de dez milhas e talvez menos, o mar. A nossa viagem tinha sido rica de surpresas, porque, de repente, encontrávamo-nos como sobre um terraço montanhoso que dava a pique para golfos belíssimos, e não muito depois penetrava-se em gargantas profundas, onde montanhas se elevavam entre as montanhas, e uma embotava à outra a vista da costa longínqua, enquanto o sol penetrava a custo no fundo dos vales. Nunca como naquele lugar da Itália tinha visto tão estreitas e repentinas interpenetrações de mar e montes, de litorais e paisagens alpinas, e no vento que sibilava entre as gargantas podia perceber-se a luta alternada dos bálsamos marinhos e dos gélidos sopros rupestres.

Naquela manhã, porém, tudo era cinzento e quase branco-leite. Não havia horizontes mesmo quando as gargantas se abriam para as costas longínquas. Mas demoro-me em

recordações de pouco interesse para a história que nos preocupa, meu paciente leitor. Assim, não falarei das sucessivas vicissitudes da nossa busca dos «derteufel». E falarei antes da delegação dos frades menores, que fui o primeiro a avistar, correndo imediatamente para o mosteiro, para avisar Guilherme de sua chegada.

O meu mestre deixou que os recém-chegados entrassem e fossem saudados pelo Abade segundo o rito. Depois foi ao encontro do grupo, e foi uma seqüência de abraços e de saudações fraternas.

Já tinha passado a hora da refeição, mas haviam posto uma mesa para os hóspedes, e o Abade teve a delicadeza de os deixar entre si e sozinhos com Guilherme, dispensados dos deveres da regra, livres de se alimentarem e de trocarem ao mesmo tempo as suas impressões: dado que afinal se tratava, Deus me perdoe a desagradável comparação, como de um conselho de guerra a reunir-se o mais depressa possível antes que chegasse o nosso inimigo, isto é, a delegação avinhonense.

É inútil dizer que os recém-chegados também se encontraram logo com Ubertino, que todos saudaram com a surpresa, a alegria e a veneração que eram devidas à sua longa ausência, e aos temores que tinham rodeado o seu desaparecimento, e às qualidades daquele corajoso guerreiro que há décadas tinha caminhado com eles na mesma batalha.

Dos frades que compunham o grupo direi depois, falando da reunião do dia seguinte. Até porque eu falei pouquíssimo com eles, preso como estava pelo conselho a três que se estabeleceu imediatamente entre Guilherme, Ubertino e Miguel de Cesena.

Miguel devia ser um homem bem estranho: ardente na sua paixão franciscana (tinha por vezes os gestos, as inflexões de Ubertino nos seus momentos de arrebatamento místico); muito humano e jovial na sua natureza terrestre de homem das Romagne, capaz de apreciar a boa mesa e feliz por se voltar a encontrar com os amigos; sutil e evasivo, tornando-se de repente astuto e hábil como uma raposa, manhoso como uma toupeira, quando se afloravam problemas de relações entre os poderosos; capaz de grandes risadas, de fervidas tensões, de eloqüentes silêncios, hábil em desviar o seu olhar do interlocutor quando a pergunta daquele exigia que se mascarasse, com a distração, a recusa da resposta.

Dele já disse alguma coisa nas páginas precedentes, e eram coisas que tinha ouvido dizer, mas por pessoas, que por sua vez, também tinham ouvido dizer. Agora, porém, compreendia melhor muitas das suas atitudes contraditórias e as repentinas mudanças de designio político com que nos últimos anos tinha espantado os seus próprios amigos e sequazes. Ministro geral da ordem dos frades menores, era em princípio o herdeiro de São Francisco, de fato o herdeiro dos seus intérpretes: devia competir com a santidade e a sabedoria de um predecessor como Boaventura de Bagnoregio, devia garantir o respeito da regra, mas ao mesmo tempo as fortunas da ordem, tão poderosa e vasta,

devia dar ouvidos às cortes e às magistraturas citadinas das quais a ordem obtinha, seja embora sob a forma de esmolas, dons e legados, motivo de prosperidade e riqueza; e devia, ao mesmo tempo, olhar a que a necessidade de penitência não arrastasse para fora da ordem os espirituais mais acesos, dissolvendo aquela esplêndida comunidade, de que era o chefe, numa constelação de bandos de hereges. Devia agradar ao papa, ao império, aos frades de vida pobre, a São Francisco, que decerto o vigiava do céu, ao povo cristão, que o vigiava da terra. Quando João tinha condenado todos os espirituais como hereges, Miguel não tinha hesitado em entregar-lhe cinco entre os mais obstinados frades da Provença, deixando que o pontífice os mandasse para a fogueira. Mas percebendo (e não devia ter sido estranha a ação de Ubertino) que muitos na ordem simpatizavam com os sequazes da simplicidade evangélica, tinha justamente agido de modo que o capítulo de Perugia, quatro anos depois, fizesse suas as instâncias dos queimados. Naturalmente, procurando reabsorver uma necessidade, que podia ser herética, nos modos e nas instituições da ordem, e querendo que aquilo que a ordem agora queria o quisesse também o papa. Mas, enquanto esperava convencer o papa, sem cujo consenso não queria prosseguir, não tinha desdenhado aceitar os favores do imperador e dos teólogos imperiais. Ainda dois anos antes do dia em que o vi tinha intimado os seus frades, no capítulo geral de Lião, a falar da pessoa do papa apenas com moderação e respeito (e isto poucos meses depois de o papa ter falado dos menoritas protestando contra «os seus latidos, os seus erros e as suas insânias»). Mas agora estava à mesa, amicíssimo, com pessoas que do papa falavam com respeito menos que nulo.

O resto já o disse. João queria-o em Avinhão, ele queria e não queria ir, e o encontro do dia seguinte deveria decidir sobre os modos e sobre as garantias de uma viagem que não deveria aparecer como um ato de submissão nem, tão-pouco, como um ato de desafio. Não creio que Miguel tivesse alguma vez encontrado João pessoalmente, pelo menos desde que este era papa. Em todo o caso, não o via há muito tempo, e os seus amigos apressavam-se a pintar-lhe com tintas muito negras a figura daquele simoníaco.

- Uma coisa terás de aprender - dizia-lhe Guilherme -, a não te fiar nos seus juramentos, que ele mantém sempre à letra, violando-os na substancia.

- Todos sabem - dizia Ubertino - o que aconteceu no tempo da sua eleição...

- Não lhe chamaria eleição, mas sim imposição! - interveio um comensal, a quem ouvi depois chamar Hugo de Newcastle, de inflexão afim à do meu mestre. - Entretanto, já a morte de Clemente V nunca foi muito clara. O rei nunca lhe tinha perdoado por ter prometido processar a memória de Bonifácio VIII, e depois ter feito tudo para não desacreditar o seu predecessor. Como é que morreu em Carpentras, ninguém sabe bem. O fato é que, quando os cardeais confluem a Carpentras para o conclave, dele não sai o novo papa, porque (e justamente) a disputa se desloca para a escolha entre Avinhão e Roma. Não sei bem o que sucedeu naqueles dias, um massacre, dizem-me, com os cardeais ameaçados pelo sobrinho do papa morto, os seus servos trucidados, o palácio

pasto das chamas, os cardeais que apelam ao rei, este que diz que nunca quis que o papa desertasse de Roma, que tenham paciência, e que façam uma boa escolha... Depois Filipe, O Belo, morre, também ele sabe Deus como...

- Ou sabe-o o diabo - disse benzendo-se, imitado por todos, Ubertino.

- Ou sabe-o o diabo - admitiu Hugo escarninho. - Em suma, sucede-lhe outro rei, sobrevive dezoito meses, morre, morre em poucos dias também o seu herdeiro recém-nascido, seu irmão, o regente, sobe ao trono...

- E é precisamente este Filipe V que, quando ainda era conde de Poitiers, tinha voltado a reunir os cardeais que fugiam de Carpentras - disse Miguel.

- De fato - continuou Hugo - reúne-os em conclave em Lião, no convento dos dominicanos, jurando defender a sua incolumidade e não os manter prisioneiros. Porém, mal aqueles se põem à sua mercê, não só os manda fechar à chave (o que seria, afinal, o justo costumes) mas diminui-lhes os alimentos dia a dia até que tomem uma decisão. E promete a cada um apoiá-lo nas suas pretensões ao sólio. Quando depois sobe ao trono, os cardeais, cansados de estarem prisioneiros há dois anos, com temor de ali permanecerem mesmo toda a vida, comendo pessimamente, aceitam tudo, os glutões, colocando na cátedra de Pedro aquele gnomo de mais de setenta anos...

- Gnomo decerto, sim - riu Ubertino -, e de aspecto tísico, mas mais robusto e mais astuto que se julgava!

- Filho de sapateiro - resmungou um dos legados.

- Cristo era filho de carpinteiro! - repreendeu-o Ubertino. - Não é esse o fato. É um homem culto, estudou leis em Montpellier e medicina em Paris, soube cultivar as suas amizades dos modos mais apropriados para ter as sedes episcopais e o chapéu cardinalício quando lhe parecia oportuno, e quando foi conselheiro de Roberto, O Sábio, em Nápoles, espantou muitos com a sua agudeza. E como bispo de Avinhão deu todos os conselhos justos (justos digo, para aquela esquálida empresa) a Filipe, O Belo, para arruinar os Templários. E depois da eleição conseguiu fugir a um conluio de cardeais que queriam matá-lo... Mas não é isto que queria dizer, falava da sua habilidade em trair os juramentos sem poder ser inculcado de perjúrio. Quando foi eleito, e para ser eleito, prometeu ao cardeal Orsini que havia de levar novamente a sede pontifícia para Roma, e jurou sobre a hóstia consagrada que, se não mantivesse a sua promessa, nunca mais montaria um cavalo ou mulo. Pois bem, sabeis o que fez aquela raposa? Quando se fez coroar em Lião (contra a vontade do rei, que queria que a cerimônia tivesse lugar em Avinhão), viajou depois de Lião a Avinhão de barco!

Os frades riram todos. O papa era um perjuro, mas não se lhe podia negar um certo

engenho.

- É um despudorado - comentou Guilherme. - Hugo não disse que não tentou sequer esconder a sua má-fé! Não me contaste tu, Ubertino, aquilo que disse a Orsini no dia da sua chegada a Avinhão?

- Decerto - disse Ubertino -, disse-lhe que o céu de França era tão belo que não via porque devia pôr os pés numa cidade de ruínas como Roma. E que como o papa, tal como Pedro, tinha o poder de ligar e de desligar, ele exercia agora esse poder, e decidia permanecer ali onde estava e onde se encontrava tão bem. E como Orsini procurou recordar-lhe que o seu dever era viver na colina vaticana, chamou-o severamente à obediência, e cortou a discussão. Mas não acabou a história do juramento. Quando desceu do barco, devia montar uma égua branca, seguido pelos cardeais em cavalos negros, como manda a tradição. Mas, pelo contrário, foi a pé para o palácio episcopal. E não me consta que, na verdade, tenha mais alguma vez montado a cavalo. E deste homem tu, Miguel, esperas que se mantenha fiel às garantias que te der?

Miguel ficou longo tempo em silêncio. Depois disse:

- Posso compreender o desejo do papa de permanecer em Avinhão, e não o discuto. Mas ele não poderá discutir o nosso desejo de pobreza e a nossa interpretação do exemplo de Cristo.

- Não sejas ingênuo, Miguel - interveio Guilherme -, o vosso, o nosso desejo faz aparecer o seu a uma luz sinistra. Tens de te dar conta que há séculos que nunca ascenderá ao trono pontifício um homem mais ávido. As meretrizes de Babilônia contra as quais bradava em tempos o nosso Ubertino, os papas corruptos de que falavam os poetas do teu país, como o Alighieri, eram cordeiros mansos e sóbrios em confronto com João. É uma pega ladra, um usurário hebreu, em Avinhão fazem-se mais trágicos que em Florença! Soube da ignóbil transação com o sobrinho do Clemente, Bertrand de Goth, o do massacre a Carpentras (em que, entre outras coisas, os cardeais foram aliviados de todas as suas jóias): este tinha lançado a mão ao tesouro do tio, que não era pouca coisa, e a João não tinha escapado nada daquilo que tinha roubado (na Cum venerabiles enumera com precisão as moedas, os vasos de ouro e de prata, os livros, os tapetes, as pedras preciosas, os ornamentos...) João, porém, fingiu ignorar que Bertrand tinha lançado a mão a mais de um milhão e meio de florins de ouro durante o saque de Carpentras, e discutiu outros trinta mil florins que Bertrand confessava ter recebido do tio para «um propósito pio», isto é, para uma cruzada. Estabeleceu-se que Bertrand ficaria com metade da soma para a cruzada e a outra metade iria para o solio pontifício. Afinal Bertrand nunca fez a cruzada, ou pelo menos ainda não a fez e o papa não viu um florim...

- Não é afinal assim tão hábil, então - observou Miguel.

- Foi a única vez que se deixou enganar em matéria de dinheiro - disse Ubertino. - Deves saber bem com que raça de mercador tens de lidar. Em todos os outros casos tem mostrado uma habilidade diabólica para juntar dinheiro. É um rei Midas, aquilo em que toca torna-se ouro que aflui às caixas de Avinhão. De todas as vezes que entrei nos seus aposentos encontrei banqueiros, cambistas de moeda, e mesas carregadas de ouro, e clérigos que contavam e empilhavam florins uns sobre os outros... E verás que palácio mandou construir, com riquezas que noutros tempos se atribuíam apenas ao imperador de Bizâncio ou ao Grande Cão dos tártaros. E agora compreendes porque emitiu todas aquelas bulas contra a idéia da pobreza? Mas sabes bem que impeliu os dominicanos, pelo ódio à nossa ordem, a esculpirem estátuas de Cristo com a coroa real, túnica de púrpura e ouro e calçado suntuoso? Em Avinhão foram expostos crucifixos com Jesus pregado só por uma mão, enquanto com a outra toca numa bolsa presa à cintura, para indicar que Ele autoriza o uso do dinheiro para fins de religião...

- Oh, o despudorado! - exclamou Miguel. - Mas isso é pura blasfêmia!

- Acrescentou - continuou Guilherme - uma terceira coroa à tiara papal, não é verdade, Ubertino?

- Decerto. No início do milênio, o papa Hildebrando tinha adotado uma, tendo escrito Corona regni de manu Dei, o infame Bonifácio tinha-lhe acrescentado recentemente uma segunda, escrevendo nela Diadema imperii de manu Petrí, e João não fez mais que aperfeiçoar o símbolo: três coroas, o poder espiritual, o temporal e o eclesiástico. Um símbolo dos reis persas, um símbolo pagão...

Havia um frade que até então tinha permanecido em silêncio, ocupado com muita devoção a engolir os bons pratos que o Abade tinha mandado levar para a mesa. Lançava um ouvido distraído aos vários discursos, emitindo de vez em quando um riso sarcástico dirigido ao pontífice, ou um grunhido de aprovação às interjeições de indignação dos comensais. Mas, quanto ao resto, cuidava em limpar do queixo os molhos e os pedaços de carne que deixava cair da boca desdentada mas voraz, e as únicas vezes que tinha dirigido a palavra a um dos seus vizinhos tinha sido para louvar a qualidade de alguma guloseima. Soube depois que era monsenhor Jerônimo, o bispo de Caffa, que Ubertino dias antes julgava já defunto (e devo dizer que aquela idéia de que tinha morrido há dois anos circulou como notícia verdadeira por toda a cristandade por muito tempo, porque a ouvi mesmo depois; e, com efeito, morreu poucos meses depois daquele nosso encontro, e continuo a pensar que terá falecido pela grande raiva que a reunião do dia seguinte lhe terá metido no corpo: quase julguei que rebentasse súbita e imediatamente, tanto era frágil de corpo e bilioso de humor).

Intrometeu-se naquele ponto no discurso, falando com a boca cheia:

- E, depois, sabeis que o infame elaborou uma constituição sobre as taxae sacrae paenitentiariae, onde especula sobre os pecados dos religiosos para daí tirar mais dinheiro. Se um eclesiástico comete pecado carnal, com uma monja, com uma parente, ou mesmo com uma mulher qualquer (porque também isto sucede!), apenas poderá ser absolvido pagando sessenta e sete libras de ouro e doze soldos. E se cometer bestialidades serão mais de duzentas libras, mas se as cometer só com crianças ou animais, e não com fêmeas, a multa será reduzida cem libras. E uma monja que se tenha entregado a muitos homens, seja ao mesmo tempo seja em momentos diversos, fora ou dentro do convento, e depois queira ser abadessa, deverá pagar cento e trinta e uma libras de ouro e quinze soldos...

- Vamos, monsenhor Jerônimo - protestou Ubertino -, sabeis que amo pouco o papa, mas sobre isso devo defendê-lo! É uma calúnia posta a circular em Avinhão, nunca vi essa constituição!

- Existe - afirmou vigorosamente Jerônimo. - Tão-pouco eu a vi, mas existe.

Ubertino abanou a cabeça, e os outros calaram-se. Apercebi-me que estavam habituados a não levar demasiado a sério monsenhor Jerônimo, que no outro dia Guilherme tinha definido como sendo um tolo. Guilherme em todo o caso, procurou retomar a conversação:

- De qualquer maneira, quer seja verdadeiro ou falso, esse rumor diz-nos qual é o clima moral de Avinhão, onde qualquer um, explorados e exploradores, sabe que vive mais num mercado do que na corte de um representante de Cristo. Quando João subiu ao trono falava-se de um tesouro de setenta mil florins de ouro, e agora há quem diga que terá amontoado mais de dez milhões.

- É verdade - disse Ubertino. - Miguel, Miguel, não sabes que vergonhas fui obrigado a ver em Avinhão!

- Procuremos ser honestos - disse Miguel. - Sabemos que os nossos também cometeram excessos. Tive notícias de franciscanos que atacavam com armas os conventos dominicanos e desnudavam os frades inimigos para lhes imporem a pobreza... É por isso que não ousei opor-me a João no tempo dos casos da Provença... Quero chegar a um acordo com ele, não humilharei o seu orgulho, pedir-lhe-ei apenas que não humilhe a nossa humildade. Não lhe falarei de dinheiro, pedir-lhe-ei apenas que condescenda com uma sã interpretação das Escrituras. E é o que deveremos fazer com os seus legados, amanhã. Ao fim e ao cabo, são homens de teologia, e nem todos serão rapaces como João. Quando homens sábios tiverem deliberado sobre uma interpretação das Escrituras, ele não poderá...

- Ele? - interrompeu Ubertino. - Mas tu não conheces ainda as suas loucuras no campo

teológico. Ele quer ligar verdadeiramente tudo pela sua mão, no céu e na terra. Na terra vimos o que faz, Quanto ao céu.. Pois bem, ele ainda não exprimiu as idéias que te digo, não publicamente pelo menos, mas eu sei de fonte segura que murmurou com os seus fiéis. Ele está a elaborar algumas proposições loucas, se não perversas, que mudariam a própria substancia da doutrina e tirariam toda a força à nossa pregação!

- Quais? - perguntaram muitos.

- Perguntai a Berengário, ele sabe-o, foi ele que me falou disso.

Ubertino tinha-se voltado para Berengário Talloni, que tinha sido nos últimos anos um dos mais decididos adversários do pontífice na sua própria corte. Vindo de Avinhão, tinha-se reunido há dois anos ao grupo dos outros franciscanos, e com eles tinham chegado à abadia.

- É uma história obscura e quase incrível - disse Berengário. - Pois bem, parece portanto que João tem em mente defender que os justos não gozarão da visão beatífica senão depois do Juízo. Há bastante tempo que está refletindo sobre o versículo nove do capítulo sexto do Apocalipse, lá onde se fala da abertura do quinto selo: onde aparecem sob o altar aqueles que foram mortos por testemunharem a palavra de Deus e pedem justiça. A cada um é dada uma veste branca pedindo-lhes que tenham um pouco mais de paciência... Sinal, argumenta João, que eles não poderão ver Deus na sua essência senão ao cumprir-se o Juízo Final.

- Mas quem disse essas coisas? - perguntou Miguel atterrado.

- Até agora a poucos íntimos, mas a voz espalhou-se, dizem que está a preparar uma intervenção aberta, não de imediato, talvez dentro de alguns anos, está consultando os seus teólogos...

- Ah! Ah! - troçou Jerônimo mastigando.

- Não somente, parece que quer ir mais longe e defender que o inferno também não será aberto antes daquele dia... Nem sequer para os demônios.

- Jesus Senhor, ajuda-nos! - exclamou Jerônimo. - E que contaremos então aos pecadores se não podemos ameaça-los com um inferno imediato, logo após a morte?!

- Estamos nas mãos de um louco - disse Ubertino. - Mas não compreendo porque quer defender essas coisas...

- Desfaz-se em fumo toda a doutrina das indulgências - lamentou Jerônimo -, e nem mesmo ele poderá vender mais. Porque é que um padre que tenha pecado por

bestialidade deve pagar tantas libras de ouro para evitar um castigo remoto?

- Não tão remoto como isso - disse com força Ubertino -, os tempos estão próximos!

- Sabe-lo tu, caro irmão, mas os simples não o sabem. Eis como estão as coisas! - gritou Jerônimo, que já não tinha o ar de se deleitar com a sua própria comida. - Que idéia nefasta, devem ter-lha metido na cabeça esses frades pregadores... Ah! - e abanou a cabeça.

- Mas porquê? - repetiu Miguel de Cesena.

- Não creio que haja uma razão - disse Guilherme. - É uma prova que ele se concede, um ato de orgulho. Quer ser verdadeiramente aquele que decide pelo céu e pela terra. Sabia desses rumores, tinha-mo escrito Guilherme de Occam. Veremos no fim se levará a melhor o papa ou se levarão a melhor os teólogos, a voz de toda a Igreja, os próprios desejos do povo de Deus, os bispos...

- Oh, em matérias doutrinárias ele poderá dobrar até os teólogos - disse Miguel, triste.

- Não se sabe - respondeu Guilherme. - Vivemos em tempos em que os sábios em coisas divinas não têm receio de proclamar que o papa é um herege. Os sábios em coisas divinas são, a seu modo, a voz do povo cristão. Contra o qual já nem o próprio papa poderá ir.

- Pior, pior ainda - murmurou Miguel assustado. - De um lado um papa louco, do outro o povo de Deus, que, seja embora pela boca dos seus teólogos, pretenderá dentro em pouco interpretar livremente as Escrituras...

- Porquê, que fizestes vós de diferente em Perugia? - perguntou Guilherme.

Miguel estremeceu como picado ao vivo:

- Por isso quero encontrar-me com o papa. Nada podemos nós sobre aquilo com que também ele não concordar.

- Veremos, veremos - disse Guilherme de modo enigmático.

O meu mestre era na verdade muito perspicaz. Como é que conseguia prever que o próprio Miguel havia depois de decidir apoiar-se nos teólogos do império e no povo para condenar o papa? Como é que conseguia prever que, quando, quatro anos depois, João havia de enunciar pela primeira vez a sua incrível doutrina, haveria sublevação por parte de toda a cristandade? Se a visão beatífica era retardada a esse ponto, como é que poderiam os defuntos interceder pelos vivos? E onde iria parar o culto dos santos?

Precisamente os menoritas haviam de iniciar as hostilidades condenando o papa, e Guilherme de Occam havia de estar na primeira fila, severo e implacável nas suas argumentações. A luta havia de durar três anos, até que João, já próximo da morte, faria uma parcial emenda. Ouvi descrevê-lo anos depois, como apareceu no consistório de Dezembro de 1334, mais pequeno do que jamais tinha parecido até então, ressequido pela idade, monagenário e moribundo, de rosto pálido, e teria dito (a raposa, tão hábil em jogar com as palavras não só para violar os seus próprios juramentos mas também para renegar as suas próprias obstinações): «Nós confessamos e cremos que as almas separadas do corpo e completamente purificadas estão no céu, no paraíso com os anjos e com Jesus Cristo, e que elas vêem Deus na sua divina essência, claramente e face a face...», e depois, com uma pausa, nunca ninguém soube se devida à dificuldade da respiração ou à vontade perversa de sublinhar a última cláusula como adversativa, «na medida em que o estado e a condição da alma separada o permita.» Na manhã seguinte, era domingo, fez-se instalar numa cadeira de encosto e, de costas reclinadas, acolheu o beija-mão dos seus cardeais e morreu.

Mas novamente divago, e conto coisas diferentes das que devia contar. Também porque, no fundo, o resto daquela conversação à mesa não acrescenta muito à compreensão das vicissitudes que narro. Os menoritas concordaram sobre a atitude a manter no dia seguinte. Pesaram um a um os seus adversários. Comentaram com preocupação a notícia, dada por Guilherme, da chegada de Bernardo Gui. E ainda mais o fato de que a presidir à delegação avinhonense estaria o cardeal Bertrando do Poggetto. Dois inquisidores eram de mais: sinal de que se queria usar contra os menoritas o argumento da heresia.

- Tanto pior - disse Guilherme -, nós tratá-los-emos de hereges a eles.

- Não, não - disse Miguel -, procedamos com cautela, não devemos comprometer nenhum acordo possível.

- Pelo que consigo pensar - disse Guilherme -, embora tendo trabalhado para a realização deste encontro, e tu bem o sabes, Miguel, não creio que os avinhonenses venham aqui para obter algum resultado positivo. João quer-te em Avinhão sozinho e sem garantias. Mas o encontro terá ao menos uma função: fazer-te compreender isto. Teria sido pior se tu tivesses ido antes de ter esta experiência.

- Assim, tu esforçaste-te, e durante muitos meses, para realizar uma coisa que crês inútil - disse amargamente Miguel.

- Tinha-me sido pedido, por ti e pelo imperador - disse Guilherme. - E, enfim, nunca é inútil conhecer melhor os próprios inimigos.

Naquela altura vieram avisar-nos que estava a entrar nas muralhas a segunda

delegação. Os menoritas levantaram-se e foram ao encontro dos homens do papa.

QUARTO DIA

NONA

Onde chegam o cardeal do Poggetto, Bernardo Gui e os outros homens de Avinhão, e depois cada um faz coisas diversas.

Homens que já se conheciam há bastante tempo, homens que sem se conhecerem tinham ouvido falar uns dos outros saudavam-se no pátio com aparente benevolência. Ao lado do Abade, o cardeal Bertrando do Poggetto movia-se como quem tem familiaridade com o poder, como se fosse ele próprio um segundo pontífice, e distribuía a todos, especialmente aos menoritas, cordiais sorrisos, auspiciando maravilhas de entendimento para o encontro do dia seguinte, e transmitindo explicitamente os votos de paz e de felicidade (usou intencionalmente esta expressão cara aos franciscanos) da parte de João XXII.

- Muito bem, muito bem - disse-me, quando Guilherme teve a bondade de me apresentar como seu escrivão e discípulo.

Depois perguntou-me se conhecia Bolonha, e louvou-me a sua beleza, a boa comida e a esplêndida universidade, convidando-me a visitá-la, em vez de voltar um dia. disse-me, para as minhas gentes alemãs, que tanto estavam fazendo sofrer o papa nosso senhor. Depois deu-me o anel a beijar, quando já dirigia o seu sorriso para outro qualquer.

Por outro lado, a minha atenção voltou-se logo para o personagem de que mais tinha ouvido falar naqueles dias: Bernardo Gui, como lhe chamavam os franceses, ou Bernardo Guidoni ou Bernardo Guido, como lhe chamavam noutros lugares.

Era um dominicano de cerca de setenta anos, frágil mas direito de figura. Impressionaram-me os seus olhos cinzentos, frios, capazes de fixar sem expressão, em que muitas vezes, porém, havia de ver bailar lampejos equívocos, hábil tanto em ocultar pensamentos e paixões como em exprimi-los de propósito.

Na troca geral das saudações, não foi como os outros afetuoso ou cordial, mas sempre e apenas cortês. Quando viu Ubertino, que já conhecia, foi muito diferente com ele, mas fixou-o de modo tal que provocou em mim um estremecimento de inquietação. Quando saudou Miguel de Cesena, teve um sorriso difícil de decifrar, e murmurou sem calor: «Lá em baixo esperam-vos há muito tempo», frase em que não consegui colher nem um aceno de ansiedade, nem uma sombra de ironia, nem uma injunção, nem por outro lado, uma réstea de interesse. Encontrou-se com Guilherme, e, logo que soube quem era, olhou-o com educada hostilidade: mas não porque o rosto traísse os seus sentimentos secretos, tinha a certeza (embora não tivesse a certeza se ele jamais nutria sentimento

algun), mas porque certamente queria que Guilherme o sentisse hostil. Guilherme devolveu a sua hostilidade sorrindo-lhe de modo exageradamente cordial dizendo-lhe:

- Há bastante tempo que desejava conhecer um homem cuja fama me serviu de lição e de aviso para muitas importantes decisões que inspiraram a minha vida.

Sentença sem dúvida elogiosa e quase adulatora para quem não soubesse, como porém Bernardo bem sabia, que uma das decisões mais importantes da vida de Guilherme tinha sido a de abandonar o ofício de inquisidor, fiquei com a impressão de que, se Guilherme veria de boa vontade Bernardo nalguma masmorra imperial, Bernardo veria certamente com agrado Guilherme colhido de morte accidental e súbita; e, como Bernardo tinha sob o seu próprio comando naqueles dias homens de armas, temi pela vida do meu bom mestre.

Bernardo já devia ter sido informado pelo Abade acerca dos delitos cometidos na abadia. De fato, fingindo não captar o veneno contido na frase de Guilherme, disse-lhe:

- Parece que nestes dias, a pedido do Abade, e para cumprir a tarefa que me foi confiada nos termos do acordo que nos vê aqui reunidos, terei de me ocupar de casos tristíssimos em que se percebe o pestífero odor do demônio. Falo-vos disso porque sei que em tempos remotos, em que estaríeis mais próximo de mim, também vós a meu lado... e ao lado dos que são como eu... vos batestes no campo que via travar a batalha das fileiras do bem contra as fileiras do mal.

- De fato - disse calmamente Guilherme -, mas depois eu passei para o outro lado.

Bernardo agüentou valentemente o golpe:

- Podeis dizer-me alguma coisa de útil sobre estas coisas delituosas?

- Infelizmente não - respondeu urbanamente Guilherme. - Não tenho a vossa experiência em coisas delituosas.

A partir daquele momento perdi o rasto de uns e de outros. Guilherme, depois de outra conversa com Miguel e Ubertino, retirou-se para o scriptorium. Pediu a Malaquias para poder examinar certos livros, e não cheguei a ouvir-lhes o título. Malaquias olhou-o de modo estranho, mas não pôde negar-lhos. Caso curioso, não teve de os procurar na biblioteca, já estavam todos na mesa de Venancio. O meu mestre mergulhou na leitura, e decidi não o perturbar.

Desci à cozinha. Ali vi Bernardo Gui. Talvez quisesse dar-se conta da disposição da abadia, e andava por todo o lado. Ouvi-o interrogar os cozinheiros e outros servos, falando de qualquer maneira a língua vulgar do lugar (recordei-me que tinha sido

inquisidor na Itália Setentrional). Pareceu-me que pedia informações do trabalho no mosteiro. Mas, mesmo fazendo as perguntas mais inocentes, olhava o seu interlocutor com olhos penetrantes, depois fazia de repente outra pergunta, e nessa altura a sua vítima empalidecia e gaguejava. Concluí que, de algum modo singular, ele estava inquirindo, e valia-se de uma arma formidável que todo o inquisidor no exercício da sua função possui e manobra: o medo do outro. Porque, em geral, todo o inquirido diz ao inquisidor, com medo de ser suspeito de alguma coisa, aquilo que pode servir para tornar suspeito qualquer outro.

Durante todo o resto da tarde, à medida que me movia, vi Bernardo proceder assim, quer junto dos moinhos quer no claustro. Mas quase nunca abordou monges, nem sequer frades laicos ou camponeses. Ao contrário do que até então tinha feito Guilherme.

QUARTO DIA VÉSPERAS

Onde Alinardo parece dar informações preciosas e Guilherme revela o seu método para chegar a uma verdade provável através de uma série de seguros erros.

Mais tarde, Guilherme desceu do scriptorium de bom humor. Enquanto esperávamos que chegasse a hora da ceia, encontramos Alinardo no claustro. Recordando o seu pedido, desde o dia anterior que tinha arranjado grãos-de-bico na cozinha, e ofereci-lhos. Agradeceu-me, enfiando-os na boca desdentada e babosa.

- Viste rapaz - disse-me -, o outro cadáver também jazia lá onde o livro o anunciava... Espera agora a quarta trombeta!

Perguntei-lhe porque é que pensava que a chave para a seqüência dos crimes estava no livro da revelação. Olhou-me espantado:

- O livro de João oferece a chave de tudo! - E acrescentou com um trejeito de rancor: - Eu sabia-o, eu dizia-o há muito tempo... Fui eu, sabes, a propor ao Abade... ao de então, que recolhesse o maior número de comentários ao Apocalipse que fosse possível. Eu devia vir a ser bibliotecário... Mas depois o outro conseguiu que o mandassem a Silos, onde encontrou os manuscritos mais belos, e voltou com uma bagagem esplêndida... Oh, ele sabia onde procurar, falava até a língua dos infiéis... E assim ele recebeu a guarda da biblioteca, e não eu. Mas Deus puniu-o, e fê-lo entrar antes do tempo no reino das trevas. Ah, ah... - riu com maldade aquele velho que até então me tinha parecido, imerso na serenidade dos seus cabelos brancos, semelhante a um menino inocente.

- Quem era esse de quem falais - perguntou Guilherme.

Olhou para nós atônito.

- De quem falava? Não me recordo... Foi há muito tempo. Mas Deus castiga, Deus apaga, Deus ofusca até as recordações. Muitos atos de orgulho foram cometidos na biblioteca. Especialmente desde que caiu na mão dos estrangeiros. Deus castiga ainda...

Não conseguimos arrancar-lhe mais palavras e abandonamo-lo ao seu queto e rancoroso delírio. Guilherme declarou-se muito interessado por aquele solilóquio:

- Alinardo é um homem a escutar, de cada vez que fala diz qualquer coisa de interessante.

- Que disse desta vez?

- Adso - disse Guilherme -, resolver um mistério não é a mesma coisa que deduzir de princípios primeiros. E não equivale sequer a recolher muitos dados particulares para depois inferir deles uma lei geral. Significa antes encontrar-se diante de um, dois ou três dados particulares, que aparentemente não têm nada em comum, e procurar imaginar se podem ser outros tantos casos de uma lei geral que não conheces ainda e que talvez nunca tenha sido enunciada. Decerto, se sabes, como diz o filósofo, que o homem, o cavalo e o mulo são todos sem fel e todos vivem muito tempo, podes tentar enunciar o princípio pelo qual os animais sem fel vivem muito tempo. Mas imagina o caso dos animais com cornos. Porque é que têm cornos? Repentinamente apercebes-te de que todos os animais com cornos não têm dentes na mandíbula superior. Seria uma bela descoberta, se não te desses conta de que, infelizmente, há animais sem dentes na mandíbula superior e que todavia não têm cornos, como o camelo. Finalmente apercebes-te que todos os animais sem dentes na mandíbula superior têm dois estômagos. Bem, podes imaginar que quem não tem dentes suficientes mastiga mal e, portanto, tem necessidade de dois estômagos para poder digerir melhor a comida. Mas os cornos? Então tentas imaginar uma causa material dos cornos, pela qual a falta de dentes prevê o animal com um excesso de matéria óssea que tem de despotar em qualquer outro sitio. Mas é uma explicação suficiente? Não, porque o camelo não tem dentes superiores, tem dois estômagos, mas não tem cornos. E então tens de imaginar também uma causa final. A matéria óssea exterioriza-se em cornos apenas nos animais que não têm outros meios de defesa. O camelo, pelo contrário, tem uma pele duríssima e não tem necessidade de cornos. Então, a lei poderia ser...

- Mas que vêm aqui fazer os cornos? - perguntei com impaciência -, e porque vos ocupais de animais com cornos?

- Eu nunca me ocupei disso, mas o bispo de Lincoln ocupou-se muito, seguindo uma idéia de Aristóteles. Honestamente, eu não sei se as razões que encontrou são boas, e nunca controlei onde é que o camelo tem os dentes e quantos estômagos tem: mas era para te dizer que a procura das leis explicativas, nos fatos naturais, procede de modo

tortuoso. Diante de alguns fatos inexplicáveis, tu deves tentar imaginar muitas leis gerais, cuja conexão com os fatos de que te ocupas não vês ainda: e, de repente, na conexão imprevista de um resultado, um caso e uma lei, perfila-se a teus olhos um raciocínio que te parece mais convincente que os outros. Tentas aplicá-lo a todos os casos semelhantes, usá-lo para dele extrair previsões, e descobres que tinhas adivinhado. Mas, até ao fim, nunca saberás quais os predicados a introduzir no teu raciocínio e quais deixar cair. E assim faço eu agora. Alinho uns tantos elementos desconexos e imagino hipóteses. Mas tenho de imaginar muitas, e muitas delas são tão absurdas que me envergonharia de tas dizer. Vês, no caso do cavalo Brunello, quando vi as marcas, eu imaginei muitas hipóteses complementares e contraditórias: podia ser um cavalo em fuga, podia ser que naquele belo cavalo o Abade tivesse descido ao longe do declive, podia ser que um cavalo Brunello tivesse deixado os sinais sobre a neve e um outro cavalo Favello, no dia anterior, as crinas no arbusto, e que os ramos tivessem sido quebrados por homens. Eu não sabia qual era a hipótese certa enquanto não vi o despenseiro e os servos, que procuravam com ânsia. Então compreendi que a hipótese de Brunello era a única boa, e procurei provar se era verdadeira, apostrofando os monges como fiz. Venci, mas podia também ter perdido. Os outros julgaram-me sábio porque venci, mas não conheciam os numerosos casos em que fui estulto porque perdi, e não sabiam que, poucos segundos antes de vencer, eu não tinha a certeza de não perder. Ora, sobre os casos da abadia, tenho muitas e belas hipóteses, mas não há nenhum fato evidente que me permita dizer qual é a melhor. E então, para depois não parecer tolo, renuncio a parecer astuto agora. Deixa-me ainda pensar, até amanhã, ao menos.

Compreendi naquele momento qual era o modo de raciocinar do meu mestre, e pareceu-me bastante dissimil do do filósofo que raciocina sobre os princípios primeiros, de modo que o seu intelecto assume quase os modos do intelecto divino. Compreendo que, quando não tinha resposta, Guilherme se propunha muitas e muito diferentes entre si. Fiquei perplexo.

- Mas então - ousei comentar - estais ainda longe da solução...
- Estou pertíssimo - disse Guilherme -, mas não sei de qual.
- Então não tendes uma única resposta às vossas perguntas?
- Adso, se a tivesse ensinaria teologia em Paris.
- Em Paris têm sempre a resposta verdadeira?
- Nunca - disse Guilherme -, mas estão muito seguros dos seus erros.
- E vós - disse com infantil impertinência - nunca cometeis erros?

- Frequentemente - respondeu. - Mas, em vez de conceber um só, imagino muitos, assim não me torno escravo de nenhum.

Tive a impressão de que Guilherme não estava de modo nenhum interessado na verdade, que mais não é que a adequação entre a coisa e o intelecto. Ele, pelo contrário, divertia-se a imaginar o maior número de possíveis que fosse possível.

Naquele momento, confesso, desesperei do meu mestre, e surpreendi-me a pensar: «Ainda bem que chegou a inquisição.» Tomei partido pela sede de verdade que animava Bernardo Gui.

E com estas culpáveis disposições de espírito, mais perturbado que Judas na noite de Quinta-Feira Santa, entrei com Guilherme no refeitório para consumir a ceia.

QUARTO DIA COMPLETAS

Onde Salvador fala de uma magia portentosa.

A ceia para a delegação foi soberba. O Abade devia conhecer muito bem não só as fraquezas dos homens mas também os usos da corte papal (que não desagradaram, devo dizê-lo, sequer aos meninos de frei Miguel). Com os porcos mortos há pouco, devia haver chouriço de sangue à moda de Montecassino, disse-nos o cozinheiro. Mas o desgraçado fim de Venancio tinha obrigado a deitar fora todo o sangue dos porcos, enquanto não se procedesse a degolar mais. Além disso, creio que naqueles dias repugnava a todos matar criaturas do Senhor. Mas tivemos estufado de borrachinhos, marinados no vinho daquelas terras, e coelho assado, pãezinhos de Santa Clara, arroz com amêndoas daqueles montes, ou seja, o manjar-branco das vigílias, folhas tostadas de borragem, azeitonas recheadas, queijo frito, carne de ovelha com molho cru de pimentas, favas brancas, e doçarias requintadas, doce de São Bernardo, pastéis de São Nicolau, olhinhos de Santa Luzia, e vinhos, e licores de ervas que puseram de bom humor o próprio Bernardo Gui, habitualmente tão austero: licor de citronela, miolo de noz, vinho contra a gota e vinho de genciana. Parecia uma reunião de glutões, se cada gole ou cada bocado não fosse acompanhado de devotas leituras.

No fim, todos se levantaram muito alegres, alguns alegando vagos mal-estares para não descerem a completas. Mas o Abade não se ofendeu. Nem todos têm o privilégio e as obrigações que resultam de se ter consagrado à nossa ordem.

Enquanto os monges se encaminhavam, demorei-me, curioso, pela cozinha, onde estavam a preparar-se para o fecho noturno. Vi Salvador, que se escapulia para o horto com um embrulho no braço. Intrigado, segui-o e chamei-o. Ele procurou esquivar-se, depois, às minhas perguntas, respondeu que levava no embrulho

(que se movia como habitado por coisa viva) um basilisco.

- Cave basilischium! Est lo reys das serpentes, tant pleno de veneno que lhe reluz todo por fora! Que dictam, o veneno, o fedor vem-lhe para fora que te mata! Intoxica-te... Et tem manchas brancas no dorso, et caput como galo, et metade vai direita sobre a terra et metade vai por terra como as outras serpentes. E mata-o a bellula...

- A bellula?

- Oc! Bestiola parvissima est, mais comprida alguma coisa que o rato, et odeia-a o rato muchissimo. E assim a serpente et o sapo. Et quando eles a mordem, a bellula corre à fenícula ou à circerbita et a mordisca, et redet ad bellum. Et dicunt que engendra pelos oculi, mas os mais dizem que eles dizem falso.

Perguntei-lhe que fazia com um basilisco, e disse que eram assuntos seus. Disse-lhe, já picado pela curiosidade, que naqueles dias, com todos aqueles mortos, já não havia assuntos secretos, e que falaria nisso a Guilherme. Então Salvador implorou-me ardentemente que me calasse, abriu o embrulho e mostrou-me um gato de pêlo negro. Puxou-o para o pé de si e disse-me com um sorriso obsceno que não queria mais que o despenseiro ou eu, porque éramos um poderoso e o outro jovem e belo, pudéssemos ter o amor das raparigas da aldeia e ele não, porque era feio e pobretana. Que conhecia uma magia absolutamente portentosa para fazer cair qualquer mulher nas malhas do amor. Era preciso matar um gato preto e arrancar-lhe os olhos, depois metê-los dentro de dois ovos de galinha preta, um olho num ovo, um olho no outro (e mostrou-me dois ovos que me assegurou ter tirado das galinhas certas). Depois era necessário pôr os ovos a apodrecer dentro de um montão de esterco de cavalo (e tinha apontado um precisamente num cantinho do horto onde nunca passava ninguém), e dali nasceria por cada ovo, um diabinho, que depois se poria ao seu serviço proporcionando-lhe todas as delícias deste mundo. Mas, infelizmente, disse-me, para que a magia resultasse era necessário que a mulher cujo amor queria cuspi-se nos ovos antes de serem enterrados no esterco, e aquele problema angustiava-o, porque era preciso ter ao lado, naquela noite, a mulher em questão, e fazer-lhe fazer o seu ofício sem ela saber para que servia.

Fui tomado por um súbito ardor na cara, ou nas vísceras, ou em todo o corpo, e perguntei com um fio de voz se naquela noite tinha levado para a cerca a rapariga da noite anterior. Ele riu, troçando de mim, e disse que eu estava mesmo preso por um grande cio (eu disse que não, perguntava por pura curiosidade), e depois disse-me que na aldeia mulheres havia muitas, e que tinha levado uma outra, ainda mais bela que aquela de que eu gostava. Eu supus que me mentia para me afastar dele. E por outro lado, que podia eu fazer? Segui-lo durante toda a noite quando Guilherme me esperava para empresas bem diversas? E voltar a ver aquela (se acaso dela se tratava) para quem os meus apetites me impeliavam enquanto a minha razão dela me desviava - e que não devia ver nunca mais ainda que desejasse sempre vê-la outra vez? Decerto não. E, assim,

convenci-me a mim mesmo que Salvador dizia a verdade, naquilo que dizia respeito à mulher. Ou que mentia talvez sobre tudo, que a magia de que falava era uma fantasia da sua mente ingênua e supersticiosa, e que não faria nada disso.

Irritei-me com ele, tratei-o rudemente, disse-lhe que naquela noite teria feito melhor em ir dormir, porque os archeiros circulavam na cerca. Ele respondeu que conhecia a abadia melhor que os archeiros, e que, com aquele nevoeiro, ninguém veria ninguém. Mais, disse-me, agora eu escapo-me, e nem sequer tu me verás mais, ainda que estivesse ali a dois passos a divertir-me com a rapariga que desejas. Ele exprimiu-se com outras palavras, bastante mais ignóbeis, mas este era o sentido daquilo que dizia. Afastei-me indignado, porque não era próprio de um ser como eu, nobre e noviço, meter-me em despique com aquela canalha.

Fui ter com Guilherme, e fizemos aquilo que se devia. Isto é, dispusemo-nos a seguir completas, ao fundo da nave, de modo que quando o ofício acabou estávamos prontos para empreender a nossa segunda viagem (terceira para mim) nas vísceras do labirinto.

QUARTO DIA DEPOIS DE COMPLETAS

Onde se visita de novo o labirinto, se chega ao limiar do finis Africae mas não se pode aí entrar porque não se sabe o que são o primeiro e o sétimo dos quatro e por fim Adso tem uma recaída, aliás bastante doura, no seu mal de amor.

A visita à biblioteca levou-nos longas horas de trabalho. A falar, o controle que devíamos fazer era fácil, mas caminhar à luz da candeia, ler as inscrições, assinalar no mapa as passagens e as paredes plenas, registrar as iniciais, perfazer os vários percursos que o jogo das aberturas e das barreiras nos permitia foi coisa bastante longa. E fastidiosa.

Estava muito frio. A noite não era ventosa, e não se ouvia aqueles silvos sutis que nos tinham impressionado na primeira noite, mas pelas seteiras penetrava um ar úmido e gélido. Tínhamos calçado luvas de lã para poder tocar nos volumes sem que as mãos se entorpecessem. Mas eram precisamente daquelas que se usavam para escrever no Inverno com a ponta dos dedos descobertos, e por vezes tínhamos de aproximar as mãos da chama, ou metê-las no peito, ou batê-las uma contra a outra, saltitando transidos.

Por isso, não completamos toda a obra de seguida. Parávamos a vasculhar nos armários, e agora que Guilherme - com os seus novos vidros no nariz - podia demorar-se a ler os livros, a cada título que descobria irrompia em exclamações de alegria, ou porque conhecia a obra, ou porque há muito tempo a procurava, ou, enfim, porque nunca a tinha ouvido mencionar e estava sobremodo excitado e intrigado. Em suma cada livro era para ele como um animal fabuloso que encontrasse numa terra desconhecida. E

enquanto ele folheava um manuscrito, incumbia-me de procurar outros.

- Vê o que há naquele armário!

E eu, soletrando e deslocando volumes:

- Historia anglorum, de Beda... E, sempre de Beda, De aedificatione templi, De tabernáculo, De temporibus et computo et chronica et circuli Dionysi, Onographia, De ratione metrorum, Vita Sancti Cuthberti, Ars métrica...

- É natural, todas as obras do Venerável... E olha estes! De rhetorica cognatione, Locorum rhetoricomm distinctio, e aqui tantos gramáticos, Prisciano, Honorato, Donato, Máximo, Vitorino, Metrório, Eutiques, Sérvio, Focas, Asperus... Estranho, pensava à primeira vista que aqui houvesse autores da Anglia... Olhemos mais abaixo...

- Hisperica... famina, o que é?

- Um poema hibernico. Escuta:

Hoc spumans mundanas obvallat Pelagus oras terrestres amniosis fluctibus cudit margines. Sáxeas undosis molibus irrui avionias. ínfima bomboso vértice miscet glareas asprifero spergit spumas sulco, sonoreis frequenter quatitur flabris...

Eu não compreendia o sentido, mas Guilherme lia fazendo rolar as palavras na boca de tal modo que parecia ouvir o som das ondas e da espuma marinha.

- E este? É Adhelm de Malmesbury, ouvi esta página: Primitus pantomm procerum poematorum pió potissimum paterno-que presertim privilegio panegiricum poemataque passim prosatori sub polo promúlgalas... As palavras começam todas pela mesma letra!

- Os homens das minhas ilhas são todos um pouco loucos - dizia Guilherme com orgulho. - Vejamos no outro armário.

- Virgílio.

- Que faz aqui? O quê de Virgílio? As Geórgicas?

- Não. Epítomes. Nunca tinha ouvido falar.

- Mas não é o Marão! É Virgílio de Toulouse, o retórico, seis séculos depois do nascimento de Nosso Senhor. Foi reputado como um grande sábio...

- Aqui diz que as artes são poema, rethoria, grama, leporia, dialecta, geometria... Mas

que língua fala?

- Latim, mas um latim de sua invenção, que ele reputava bastante mais belo. Lê aqui: diz que a astronomia estuda os signos do zodíaco, que são: mon, man, tonte, pirón, dameth, perfellea, belgalic, margalet, lutamiron, taminon e raphalut.

- Era louco?

- Não sei, não era das minhas ilhas. Ouve ainda, diz que existem doze modos de designar o fogo: ignis, coquihabin (quia in-cocta coquendi habet dictionem), ardo, calax ex calore, fragon ex fragore flammae, rusin de rubore, fumaton, ustrax de urendo, vitius quia pene mortua membra suo vivificat, siluleus, quod de sílice siliat, unde et silex non recte dicitur, nisi ex qua scintilla silit. Y aeneon, de Aenea deo, qui in eo habitat, sive a, quo elementis flatus fertur.

- Mas não há ninguém que fale assim!

- Felizmente. Mas eram tempos em que, para esquecer um mundo mau, os gramáticos se deleitavam com abstrusas questões. Disseram-me que nessa época, durante quinze dias e quinze noites, os retóricos Gabundus e Terentius discutiram sobre o vocativo de ego, e por fim pegaram em armas.

- Mas também isto, ouvi... - Tinha agarrado num livro maravilhosamente iluminado com labirintos vegetais de cujas gavinhas assomavam macacos e serpentes. - Ouvi que palavras: cantamen, collamen, gongelamen, stemiamen, plasmamen, sonerus, alboreus, gaudifluus, glaucicomus...

- As minhas ilhas - disse de novo com ternura Guilherme. - Não sejas severo para com esses monges da longínqua Hibernia, se existe esta abadia, e se ainda falamos de sacro Império Romano, devemos-lo talvez a eles. Naquele tempo, o resto da Europa estava reduzido a um amontoado de ruínas, um dia declararam inválidos os batismos ministrados por alguns padres nas Gálias, porque aí se batizava in nomine patris et filiae, e não porque praticassem uma nova heresia e considerassem Jesus uma mulher, mas porque já não sabiam o latim.

- Como Salvador?

- Mais ou menos. Os piratas do extremo norte chegavam ao longo dos rios para saquearem Roma. Os templos pagãos caíam em ruínas e os dos cristãos não existiam ainda. E foram apenas os monges da Hibernia que nos seus mosteiros escreveram e leram, leram e escreveram, e iluminaram, e depois se lançaram em navicelas feitas de pele de animais e navegaram até estas terras e as evangelizaram como se fossem infiéis, compreendes? Estiveste em Bobbio, foi fundado por São Columbano, um deles. E,

portanto, deixa-os lá se inventavam um latim novo, visto que na Europa já não se sabia o velho. Foram grandes homens. São Brandão chegou até às ilhas Afortunadas e costeou as costas do inferno, onde viu Judas acorrentado num rochedo, e um dia aportou a uma ilha e aí desceu, e era um monstro marinho. Naturalmente eram loucos - repetiu com satisfação.

- As suas imagens são... de não acreditar nos meus olhos! E quantas cores! - disse, extasiado.

- Numa terra que cores tem poucas, um pouco de azul e muito verde. Mas não estamos a discutir sobre os monges hispânicos. Aquilo que quero saber é porque estão aqui com os anglos e com gramáticos de outros países. Vê no teu mapa, onde deveríamos estar?

- Nas salas do torreão ocidental. Também transcrevi as inscrições. Portanto, saindo da sala cega, entra-se na sala heptagonal, e há uma única passagem a uma única sala do torreão, a letra a vermelho é H. Depois passa-se de sala em sala dando a volta ao torreão e volta-se à sala cega. A sequência das letras dá... tendes razão! HIBERNIA!

- HIBERNIA, se das ala cega tornas à heptagonal, que tem como as outras três o Ade Apocalypsis. Por isso, aí estão as obras de autores da última Thule, e ainda os gramáticos e os retóricos, porque os ordenadores da biblioteca pensaram que um gramático deve estar com os gramáticos hispânicos, mesmo que seja de Toulouse. É um critério. Vês que começamos a compreender alguma coisa?

- Mas nas salas do torreão oriental por onde entramos lemos FONS... Que significa?

- Lê bem o teu mapa, continua a ler as letras das salas que se seguem pela ordem de acesso.

- FONS ADAEU...

- Não, FONS ADAE, o U é a segunda sala cega oriental, recordo-me, talvez se insira numa outra sequência. E que encontramos no Fons Adae, isto é, no paraíso terrestre (recorda-te que aí fica a sala com o altar que dá para o nascer do Sol)?

- Havia muitas Bíblias, e comentários à Bíblia, só livros de escrituras sagradas.

- E, então, vês a palavra de Deus em correspondência com o paraíso terrestre, que, como todos dizem, fica longe para oriente. E aqui a ocidente a Hibernia.

- Então o traçado da biblioteca reproduz o mapa do mundo universal?

- É provável. E os livros são aí colocados segundo os países de proveniência, ou o lugar

onde nasceram os seus autores, ou, como neste caso, o lugar onde deveriam ter nascido. Os bibliotecários disseram para consigo que Virgílio, o gramático, nasceu por engano em Toulouse e deveria ter nascido nas ilhas ocidentais. Repararam os erros da natureza.

Prosseguimos o nosso caminho. Passamos por uma sequência de salas ricas de esplêndidos Apocalipses, e uma destas era a sala onde tinha tido as visões. Assim de longe vimos de novo a candeia, Guilherme tapou o nariz e correu a apagá-la, cuspidando sobre as cinzas. E pelo sim pelo não, atravessamos a sala à pressa, mas recordava que tinha aí visto o belíssimo Apocalipse multicolor com a mulier amicta sole e o dragão. Reconstruímos a sequência destas salas a partir da última a que acedemos e que tinha como inicial a vermelho um Y. A leitura ao invés deu a palavra YSPANIA, mas o último A era o mesmo com que terminava HIBERNIA. Sinal, disse Guilherme, que restavam salas em que se recolhiam obras de caráter misto.

Em todo o caso, a zona denominada YSPANIA pareceu-nos povoada por muitos códices do Apocalipse, todos de belíssima feitura, que Guilherme reconheceu como arte hispânica. Reparámos que a biblioteca tinha talvez a mais ampla coleção de cópias do livro do apóstolo que existia na cristandade, e uma quantidade imensa de comentários sobre aquele texto. Volumes enormes eram dedicados ao comentário sobre o Apocalipse de Beato de Liébana, e o texto era mais ou menos sempre o mesmo, mas encontramos uma fantástica variedade de variações nas imagens, e Guilherme reconheceu a menção de alguns entre aqueles que ele considerava entre os maiores miniaturistas do reino das Astúrias, Magius, Facundus e outros.

Fazendo estas e outras observações, chegamos ao torreão meridional, em cujas proximidades já tínhamos passado na noite precedente. A sala S de YSPANIA - sem janelas - introduzia numa sala E, e girando sucessivamente pelas cinco salas do torreão chegamos à última, sem outras passagens, que apresentava um L a vermelho. Relemos ao contrário e encontramos LEONES.

- Leones, meridião, no nosso mapa estamos em África, hic sunt leones. E isto explica porque encontramos aqui tantos textos de autores infiéis.

- E há mais - disse rebuscando nos armários. - Canon de Avicena, e este belíssimo códice em caligrafia que não conheço...

- A julgar pelas decorações, deve ser um Corão, mas infelizmente não conheço o árabe.

- O Corão, a Bíblia dos infiéis, um livro perverso...

- Um livro que contém uma sabedoria diversa da nossa. Mas compreendes porque o puseram aqui, onde estão os leões, os monstros. Eis porque vimos aí aquele livro sobre os

animais monstruosos onde encontraste também o unicórnio. Esta zona chamada LEONES contém aqueles que para os construtores da biblioteca eram os livros da mentira. Que há além?

- São em latim, mas do árabe. Ayyub al Ruhawi, um tratado sobre a hidrofobia canina. E este é um livro dos tesouros. E este o De aspectibus, de Alhazen...

- Vês, puseram entre os monstros e as mentiras também obras de ciência das quais os cristãos tanto têm a aprender. Assim se pensava no tempo em que a biblioteca foi constituída...

- Mas porque puseram entre as falsidades também um livro com o unicórnio? - perguntei.

- Evidentemente, os fundadores da biblioteca tinham estranhas idéias. Terão considerado que este livro, que fala de animais fantásticos e que vivem em países longínquos, fazia parte do repertório de mentiras difundido pelos infiéis...

- Mas o unicórnio é uma mentira? É um animal de uma grande doçura e altamente simbólico. Figura de Cristo e da castidade, ele só pode ser capturado pondo uma virgem no bosque, de modo que o animal sentindo-lhe o odor castíssimo vá pousar a cabeça no seu colo, oferecendo-se como presa aos laços dos caçadores.

- Assim se diz, Adso. Mas muitos inclinam-se a pensar que é uma invenção fabulosa dos pagãos.

- Que desilusão - disse. - Gostaria de encontrar um atravessando um bosque. Senão, qual é o prazer de atravessar um bosque?

- Não quer dizer que não exista. Talvez seja diferente de como o representam estes livros. Um viajante veneziano andou por terras muito distantes, bastante próximas do fons paradisi de que falam os mapas, e viu unicórnios. Mas achou-os rudes e sem graça, e feíssimos e negros. Creio que terá visto animais verdadeiros com um corno à frente. Foram provavelmente os mesmos que os mestres da sabedoria antiga, nunca de todo errônea, que receberam de Deus a oportunidade de ver coisas que nós não vimos, nos transmitiram com uma primeira descrição fiel. Depois, esta descrição, viajando de autorictas em autorictas, transformou-se por sucessivas composições da fantasia, e os unicórnios tornaram-se animais graciosos e brancos e mansos. Por isso, se souberes que num bosque vive um unicórnio, não vás lá com uma virgem, porque o animal pode ser mais parecido ao testemunho veneziano que ao deste livro.

- Mas como acontece que os mestres da sabedoria antiga tiveram de Deus a revelação sobre a verdadeira natureza do unicórnio?

- Não a revelação, mas a experiência. Tiveram a ventura de nascer em terras em que viviam unicórnios ou em tempos em que os unicórnios viviam nessas mesmas terras.

- Mas, então, como podemos confiar na sabedoria antiga, cujo rastro vós procurais sempre, se ela nos é transmitida por livros mentirosos que a interpretaram com tanta licença?

- Os livros não são feitos para se crer neles, mas para serem submetidos a investigação. Diante de um livro não devemos perguntar-nos que coisa diz, mas que coisa quer dizer, idéia que foi muito clara para os velhos comentadores dos livros sagrados. O unicórnio, tal como dele falam estes livros, encerra uma verdade moral, ou alegórica, ou analógica, que permanece verdadeira, como permanece verdadeira a idéia de que a castidade é uma nobre virtude. Mas, quanto à verdade literal que sustenta as outras três, resta ver de que dado de experiência originária nasceu a letra. A letra deve ser discutida, ainda que o sentido principal permaneça certo. Num livro está escrito que o diamante se corta só com o sangue do bode. O meu grande mestre Roger Bacon disse que não era verdade, simplesmente porque ele tinha experimentado, e não tinha conseguido. Mas se a relação entre diamante e sangue caprino tivesse um sentido superior, este permaneceria intacto.

- Então, podem dizer-se verdades superiores mentindo quando à letra - disse. - E, no entanto, ainda lamento que o unicórnio, tal como é, não exista, ou não tenha existido, ou não possa existir um dia.

- Não nos é lícito pôr limites à onipotência divina, e, se Deus quisesse, poderiam existir mesmo os unicórnios. Mas consola-te, eles existem nestes livros, os quais, se não falam do ser real, falam do ser possível.

- Mas é preciso, então, ler os livros sem recorrer à fé, que é virtude teologal?

- Restam mais duas virtudes teologais. A esperança que o possível seja. E a caridade, para quem acreditou de boa-fé que o possível era.

- Mas de que vos serve o unicórnio se o vosso intelecto não crê nele?

- Serve como me serviu o rasto dos pés de Venancio sobre a neve, arrastado à cuba dos porcos. O unicórnio dos livros é como uma marca. Se há a marca, deve ter havido alguma coisa que deixou essa marca.

- Mas diferente da marca, dizeis-me.

- Decerto. Nem sempre uma marca tem a mesma forma do corpo que a imprimiu e

nem sempre nasce da pressão de um corpo. Por vezes reproduz a impressão que um corpo deixou na nossa mente, é marca de uma idéia. A idéia é sinal das coisas, e a imagem é sinal da idéia, sinal de um sinal. Mas, pela imagem, reconstruo, se não o corpo, a idéia que outros tinham dele.

- E isso basta-vos?

- Não, porque a verdadeira ciência não deve contentar-se com as idéias, que são precisamente sinais, mas deve encontrar as coisas na sua verdade singular. E, portanto, gostaria de remontar desta marca de uma marca ao unicórnio indivíduo que está no início da cadeia. Tal como gostaria de remontar dos sinais vagos deixados pelo assassino de Venancio (sinais que poderiam referir-se a muitos) a um indivíduo único, o próprio assassino. Mas nem sempre é possível em breve tempo e sem a mediação de outros sinais.

- Mas, então, posso sempre e só falar de alguma coisa que me fala de algo distinto, e assim sucessivamente, sem que exista algo final e verdadeiro?

- Mas existe, e é o indivíduo unicórnio. Não temas, passe o tempo e o encontrará, mesmo que seja negro e feio.

- Unicórnios, leões, autores árabes e mouros em geral - disse. - Sem dúvida, estou na África de que falam os monges.

- Sem dúvida, está. E se estamos, deveríamos encontrar os poetas africanos que Pacífico de Tivole aludiu.

Assim retrocedemos a sala L, encontramos um armário onde havia uma coleção de livros de Floro, Frontón, Apuleyo, Marciano Capella y Fulgencio.

- Acho que é aqui que Berengário dizia que deveria estar a explicação de certo segredo - disse.

- Quase aqui. Usou a expressão «finis Africae», e ao escutar essas palavras foi quando Malaquias se enfadou tanto. E finalmente poderia ser esta a última sala, ou bem... - lançou um grito: - Pelas sete igrejas de Clonmacnois! Não notou nada?

- Quê?

- Regressemos a sala S, é de lá que temos que partir!

Regressamos a primeira sala cega cuja inscrição dizia: Super thronos viginti quatuor.

Tinha quatro aberturas. Uma comunicava-se com a sala. E tinha uma janela aberta no octágono. A outra se comunicava com a sala P, que, seguindo a parede externa, se insertava na seqüência YSPA-NIA. A que dava para o Torreão comunicava-se com a sala E, que acabávamos de atravessar. Depois havia uma parede sem aberturas, e por último um paço que se comunicava com a segunda sala cega cuja inicial era U. A sala S era de espelho, e por sorte este se encontrava na parede situada imediatamente a minha direita, porque se não, teria novamente levado um bom susto. Olhando bem o mapa, descobri que aquela sala tinha algo especial. Como as demais salas cegas dos outros três torreões, tinha que se comunicar com a sala heptagonal central. Mas não era assim, a entrada ao heptágono deveria estar na sala cega ao lado, na U. Porém não era assim: esta última, que comunicava com uma sala T com janela no octágono interno, e com a sala S, era conhecida, tinha as restantes, três paredes cheias de armários, ou seja, sem aberturas. Olhando ao nosso redor descobrimos algo que antes não parecia evidente, também raciocinando com o mapa: por razões não só de estrita simetria, mas também de lógica, aquele torreão devia ter uma sala heptagonal, e, era esta sala que faltava.

- Não existe - disse.

- Não é que não exista. Se não existisse, as outras salas seriam maiores, enquanto são mais ou menos do formato das dos outros lados. Existe, mas não se chega lá.

-É murada?

- Provavelmente. E eis o finis Africae, eis o lugar em torno do qual giravam aqueles curiosos que estão mortos. É murada, mas não quer dizer que não exista uma passagem. Mais, existe seguramente, e Venancio tinha-a encontrado, ou tinha sabido a sua descrição através de Adelmo, e este de Berengário. Voltemos a ler os seus apontamentos. - Tirou do saio o papel de Venancio e releu: - A mão sobre o ídolo opera sobre o primeiro e sobre o sétimo dos quatro. - Olhou em torno: - Mas decerto! O ídolum é a imagem do espelho! Venancio pensava em grego, e naquela língua, mais ainda que na nossa, eidolon é tanto imagem como espectro, e o espelho devolve-nos a nossa imagem deformada, que nós mesmos, na noite passada, confundimos com um espectro! Mas que serão então as quatro supra speculum? Algo sobre a superfície refletora? Mas então deveríamos pôr-nos de um certo ponto de vista de modo a poder distinguir algo que se reflete no espelho e que corresponde à descrição dada por Venancio...

Movemo-nos em todas as direções, mas sem resultado. Para além das nossas imagens, o espelho devolvia confusos contornos do resto da sala, dificilmente iluminada pela lâmpada.

- Então - meditava Guilherme -, por supra speculum poderia querer dizer para além do espelho... O que importaria que primeiro fôssemos para além, porque certamente este espelho é uma porta...

O espelho era mais alto que um homem normal, encaixado na parede por uma robusta moldura de carvalho. Tocamo-lo de todas as maneiras, procuramos introduzir os dedos, as unhas entre a moldura e a parede, mas o espelho estava seguro como se fizesse parte da parede, pedra na pedra.

- E, se não é para além, poderia ser super speculum - murmurava Guilherme, e entretanto levantava o braço e erguia-se na ponta dos pés, e deixava escorregar a mão pelo bordo superior da moldura, sem encontrar mais que pó. - Por outro lado - refletia melancolicamente Guilherme -, se mesmo ali atrás houvesse uma sala, o livro que procuramos, e que outros procuraram, naquela sala já não está, porque o levaram, primeiro Venancio e depois, quem sabe para onde, Berengário.

- Mas talvez Berengário o tenha voltado a trazer para aqui.

- Não, naquela noite nós estávamos na biblioteca, e tudo nos leva a crer que ele tenha morrido não muito tempo depois do furto, naquela mesma noite, nos balnea. Senão teríamos voltado a vê-lo na manhã seguinte. Não importa... Por agora apuramos onde fica o finis Africae, e temos quase todos os elementos para aperfeiçoar melhor o mapa da biblioteca. Tens de admitir que muitos dos mistérios do labirinto já estão esclarecidos. Todos, diria, menos um. Creio que tirarei maior partido de uma releitura atenta do manuscrito de Venancio que de outras inspeções. Viste que o mistério do labirinto o descobrimos melhor de fora que de dentro. Esta noite, diante das nossas imagens deformadas, não chegaremos ao cabo do problema. E, por fim, a candeia está a enfraquecer. Anda, vamos pôr em ordem as outras indicações que nos servem para definir o mapa.

Percorremos outras salas, registrando sempre as nossas descobertas no meu mapa. Encontramos salas dedicadas somente a escritos de matemática e astronomia, outras com obras em caracteres aramaicos que nenhum de nós dois conhecia, outras em caracteres mais desconhecidos ainda, talvez textos da Índia. Movíamos-nos entre duas seqüências imbricadas que diziam IUDAEA e AEGYPTUS. Em suma, para não enfadar o leitor com a crônica da nossa decifração, quando mais tarde pusemos definitivamente em ordem o mapa, convencemo-nos que a biblioteca era na verdade constituída e distribuída segundo a imagem do globo terráqueo. A setentrião encontramos ANGLIA e GERMANI, que ao longo da parede ocidental se ligavam a GALLIA, para depois gerar no extremo ocidente HIBERNIA e para meridional ROMA (paraíso de clássico latinos!) e YSPANIA. Vinham depois a meridiano os LEONES, o AEGYPTUS, que para oriente se tornavam IUDAEA e FONS ADAE. Entre oriente e setentrião, ao longo da parede, ACAIA, uma boa sinédoque, como se exprimiu Guilherme, para indicar a Grécia, e de fato naquelas quatro salas havia grande abundância de poetas e filósofos da antigüidade pagã.

O modo de leitura era bizarro, por vezes procedia-se numa única direção, outras vezes andava-se ao contrário, outras vezes ainda em círculo, freqüentemente, como disse, uma letra servia para compor duas palavras diversas (e nestes casos a sala tinha um armário dedicado a um assunto e um outro a outro). Mas não havia que procurar uma regra áurea naquela disposição. Tratava-se de mero artifício mnemotécnico para permitir ao bibliotecário encontrar as obras. Dizer de um livro que se encontrava em quarta Acaiae significava que estava na quarta sala a contar daquela em que aparecia o A inicial, e quanto ao modo de a identificar supunha-se que o bibliotecário sabia de cor o percurso, ou reto ou circular, a fazer. Por exemplo, ACAIA estava distribuído por quatro salas dispostas em quadrado, o que quer dizer que o primeiro A era também o último, coisa que, aliás, também nós tínhamos apreendido em pouco tempo. Tal como logo tínhamos apreendido o jogo das barreiras. Por exemplo, vindo de oriente, nenhuma das salas de ACAIA introduzia nas salas seguintes: o labirinto terminava naquele ponto, e para chegar ao torreão setentrional era necessário passar pelos outros três. Mas, naturalmente, os bibliotecários, entrando pelo FONS, sabiam bem que para ir, supúnhamos, a ANGLIA, deviam atravessar AEGYPTUS, YSPANIA, GALLIA e GERMANI.

Com estas e outras belas descobertas terminou a nossa frutuosa exploração à biblioteca. Mas antes de dizer que, satisfeitos, nos dispusemos a sair dela (para tomar parte em outros eventos que daqui a pouco contarei), devo fazer uma confissão ao meu leitor. Disse que a nossa exploração foi conduzida, por um lado, procurando a chave do misterioso lugar e, por outro, demorando-nos de vez em quando nas salas que identificávamos quanto a colocação e assunto a folhear livros de vários gêneros, como se explorássemos um continente misterioso ou uma terra incógnita. E, de costume, esta exploração fez-se de comum acordo, eu e Guilherme demorando-nos sobre os mesmos livros, eu indicando-lhe os mais curiosos, ele explicando-me muitas coisas que não conseguia compreender.

Mas, a certa altura, e precisamente enquanto vagueávamos pelas salas do torreão meridional, chamadas LEONES, aconteceu que o meu mestre se deteve numa sala rica de obras árabes com curiosos desenhos de óptica; e, visto que naquela noite não dispúnhamos de uma mas de duas candeias, eu afastei-me por curiosidade para a sala ao lado, apercebendo-me que a sagacidade e a prudência dos legisladores da biblioteca tinham reunido ao longo de uma das suas paredes livros que, decerto, não podiam ser dados a ler a qualquer um, porque, de modos diversos, tratavam de variadas doenças do corpo e do espírito, quase sempre obras de sábios infiéis. E caíram-me os olhos num livro que não era grande, adornado de miniaturas muito diferentes (felizmente!) do tema, flores, gavinhas, animais aos pares, alguma erva medicinal: o título era Specu-lum amoris, de frei Máximo de Bolonha, e reproduzia citações de muitas outras obras, todas sobre o mal de amor. Como o leitor compreenderá, não era preciso mais para despertar a minha curiosidade doente. Assim, o próprio título bastou para reacender a minha mente, que desde manhã se tinha aquietado, excitando-a de novo com a imagem da rapariga.

Como durante todo o dia tinha rechaçado de mim os pensamentos matinais, dizendo-me que não eram de um noviço são e equilibrado, e como, por outro lado, os eventos do dia tinham sido bastante ricos e intensos para me distraírem, os meus apetites tinham-se aquietado, de modo que julgava então ter-me libertado daquilo que não tinha sido mais que uma inquietação passageira. Bastou, porém, a vista daquele livro para me fazer dizer «de te fábula narratur» e para me descobrir mais doente de amor do que eu julgava. Aprendi depois que, ao ler livros de medicina, convencemo-nos sempre que sentimos as dores de que eles falam. Foi assim que, justamente, a leitura daquelas páginas, que espreitei à pressa com receio que Guilherme entrasse na sala e me perguntasse com que estava doutamente entretido, me fez convencer que eu sofria realmente daquela doença, cujos sintomas eram tão esplendidamente descritos que, se por um lado me preocupava achar-me doente (e na escolta infalível de tantas auctoritates), por outro alegrava-me ver pintada com tanta vivacidade a minha situação; fui-me convencendo de que, se acaso estava doente, a minha doença era, por assim dizer, normal, dado que tantos outros dela tinham sofrido do mesmo modo, e os autores citados pareciam ter-me tomado precisamente a mim como modelo das suas descrições.

Assim me comovi sobre as páginas de Ibn Hazm, que define o amor como uma doença rebelde, cuja cura reside em si própria, de modo que quem está doente não quer curar-se dela e quem está enfermo não deseja melhorar (e Deus sabe se não era verdade!). Dei-me conta porque de manhã era tão excitado por tudo o que via, porque parece que o amor entra através dos olhos, como também diz Basílio d'Ancira, e - sintoma inconfundível - quem está atacado por um tal mal manifesta uma excessiva alegria, enquanto deseja ao mesmo tempo ficar à parte e privilegia a solidão (como eu tinha feito naquela manhã), enquanto outros fenômenos que o acompanham são a inquietação violenta e o aturdimento que tolhe as palavras... Assustei-me lendo que ao sincero amante, a quem se impede a vista do objeto amado, não pode senão sobrevir um estado de consumpção que muitas vezes chega a obrigá-lo a recolher ao leito, e por vezes o mal ataca o cérebro, perde-se o tino e delira-se (evidentemente não tinha atingido ainda aquele estado, porque tinha trabalhado bastante bem na exploração da biblioteca). Mas li com apreensão que, se o mal piorar, pode sobrevir a morte, e perguntei-me se a alegria que a rapariga me dava ao pensar nela valia este sacrifício supremo do corpo, à parte qualquer justa consideração sobre a saúde da alma.

Até porque encontrei outra citação de Basílio, segundo o qual «qui animam corpori per vitia conturbationesque commiscent, utrinque quod habet utile ad vitam necessarium demoluntur, animamque lucidam ac nitidam carnalium voluptatum limo per-turbant, et corporis munditiam atque nitorem hac ratione mis-centes, inutile hoc ad vitae officia ostendunt». Situação extrema em que realmente não queria encontrar-me.

Vim a saber também por uma frase de Santa Hildegarda que aquele humor melancólico que durante o dia tinha experimentado, e que atribuía a um doce sentimento de pena pela ausência da rapariga, se assemelha perigosamente ao sentimento que experimenta

quem se desvia do estado harmônico e perfeito que o homem sente no paraíso, e que esta melancolia «nigra et amara» é produzida pelo sopro da serpente e pela sugestão do diabo. Idéia também partilhada por infiéis de igual sabedoria, porque me caíram debaixo dos olhos as linhas atribuídas a Abu Bakr-Muhammad Ibn Zaka-riyya ar-Razi, que num Líber continens identifica a melancolia amorosa com a licantropia, que leva quem dela é atingido a comportar-se como um lobo. A sua descrição apertou-me a garganta: primeiro os amantes aparecem mudados no seu aspecto exterior, a vista enfraquece-lhes, os olhos tornam-se cavos e sem lágrimas, a língua seca lentamente e aparece coberta de pústulas, todo o corpo fica seco, e sofrem continuamente de sede: então passam o dia estendidos com a face por terra, no rosto e nas tíbias aparecem sinais semelhantes a mordeduras de cão, e por fim vagueiam de noite pelos cemitérios como lobos.

Não tive enfim mais dúvidas sobre a gravidade do meu estado quando li citações do grande Avicena, onde o amor é definido como um pensamento assíduo, de natureza melancólica, que nasce por força de pensar e repensar nas feições, nos gestos ou nos hábitos de uma pessoa de sexo oposto (como Avicena tinha representado com fiel vivacidade o meu caso!): ele não nasce como doença mas em doença se transforma quando, não sendo satisfeito, se torna obsessivo (e porque é que me sentia obcecado, eu que, afinal, Deus me perdoe, me tinha satisfeito tão bem?, ou será que aquilo que tinha acontecido na noite precedente não era satisfação de amor?, mas como se satisfaz então este mal?), e como consequência tem-se um movimento continuo das pálpebras, uma respiração irregular, ora se ri ora se chora, e o pulso bate (e, na verdade, o meu batia, e a respiração quebrava-se enquanto lia aquelas linhas!). Avicena aconselhava um método infalível ali proposto por Galeno para descobrir de quem uma pessoa está enamorada: segurar o pulso do doente e ir pronunciando muitos nomes de pessoas de outro sexo, até se perceber a que nome o ritmo do pulso se acelera: e eu temia que de repente entrasse o meu mestre e me agarrasse o braço e espiasse na pulsação das minhas veias o meu segredo, do que muito me teria envergonhado... Ai de mim, Avicena sugeria, como remédio, unir os dois amantes no matrimônio, e o mal seria curado. Era bem verdade que era um infiel, embora avisado, porque não tinha em conta a condição de um noviço beneditino, condenado portanto a jamais curar - ou melhor, consagrado, por sua escolha, ou por prudente escolha dos seus pais, a jamais adoecer. Felizmente, Avicena, embora não pensando na ordem clunicense, considerava o caso dos amantes que não se podem unir, e aconselhava como cura radical os banhos quentes (que Berengário quisesse curar do seu mal de amor pelo desaparecido Adelmo?, mas podia alguém sofrer de mal de amor por um ser do mesmo sexo, ou aquilo não era senão bestial luxúria?, e não era acaso bestial a luxúria da minha noite passada?, não, decerto, dizia-me imediatamente, era dulcíssima - e logo depois: enganas-te, Adso, aquilo foi ilusão do diabo, era bestialíssima, e se pecaste sendo um animal pecas ainda mais agora não querendo dar-te conta disso!). Mas depois li também que, sempre segundo Avicena, havia ainda outros meios: por exemplo, recorrer à assistência de mulheres velhas e experientes que passam o tempo a denegrir a amada - e parece que as mulheres velhas são mais experientes que

os homens nesta tarefa. Talvez esta fosse a solução, mas mulheres velhas na abadia não as podia encontrar (nem jovens, na verdade), e, portanto, deveria pedir a algum monge que me falasse mal da rapariga, mas a quem? E, depois, podia um monge conhecer bem as mulheres como as conhecia uma mulher velha e bisbilhoteira? A última solução sugerida pelo sarraceno era francamente impudica, porque postulava que se fizesse unir o amante infeliz com muitas escravas, coisa bastante inconveniente para um monge. Enfim, dizia para comigo, como pode curar de mal de amor um jovem monge, não há realmente salvação para ele? Devia talvez recorrer a Severino e às suas ervas? De fato encontrei um excerto de Arnaldo de Villanova, autor que já tinha ouvido citar com muita consideração a Guilherme, o qual fazia nascer o mal de amor de uma abundância de humores e de pneuma, isto é, quando o organismo humano se encontra em excesso de umidade e de calor, dado que o sangue (que produz o sêmen gerador), crescendo por excesso, provoca excesso de sêmen, uma «complexio venerea», e um desejo intenso de união entre homem e mulher. Há uma virtude estimativa situada na parte dorsal do ventrículo médio do encéfalo (o que é?, perguntei-me) cuja função é apreender as intenciones não sensíveis que estão nos objetos sensíveis captados pelos sentidos, e quando o desejo pelo objeto apreendido pelos sentidos se torna demasiado forte, eis que a sua faculdade estimativa é perturbada, e nutre-se apenas do fantasma da pessoa amada; então verifica-se uma inflamação de toda a alma e o corpo, com a tristeza alternando com a alegria, porque o calor (que nos momentos de desespero desce às partes mais profundas do corpo e enregela a cútis) nos momentos de alegria sobe à superfície inflamando o rosto. A cura sugerida por Arnaldo consistia em procurar perder a confiança e a esperança de alcançar o objeto amado, de modo que o pensamento se afastasse dele.

Mas então estou curado, ou em vias de cura, disse para comigo, porque tenho pouca ou nenhuma esperança de voltar a ver o objeto dos meus pensamentos, e, se o visse, de o alcançar, e, se o alcançasse, de possuí-lo de novo, e, se o voltasse a possuir, de o conservar junto de mim, tanto por cause do meu estado monacal como dos deveres que me são impostos pela categoria da minha família... Estou salvo, disse para comigo, fechei o fascículo e recompus-me, precisamente no momento em que Guilherme entrava na sala. Continuei com ele a viagem através do labirinto já desvendado (como já contei) e de momento esqueci a minha obsessão.

Como se verá, voltaria a encontrá-la dentro em breve, mas em circunstâncias (se de mim!) bem diversas.

QUARTO DIA NOITE

Onde Salvador se deixa miseravelmente descobrir por Bernardo Gui, a rapariga amada por Adso é presa e acusada de bruxaria, e todos vão para a cama mais infelizes e preocupados que antes.

Íamos de fato a descer de novo para o refeitório quando ouvimos uns clamores, e umas luzes débeis cintilarem do lado da cozinha. Guilherme apagou de repente a candeia. Seguindo as paredes, aproximamo-nos da porta que dava para a cozinha, e sentimos que o rumor provinha do exterior mas que a porta estava aberta. Depois as vozes e as luzes afastaram-se, e alguém fechou a porta com violência. Era um grande tumulto que preludiava a qualquer coisa de desagradável. Velozmente, passamos de novo pelo ossário, reaparecemos na igreja, deserta, saímos pelo portal meridional e distinguimos um reluzir de archotes no claustro.

Aproximamo-nos, e na confusão parecia que também nós tínhamos ocorrido juntamente com os muitos que já estavam no lugar, saindo quer do dormitório quer da casa dos peregrinos. Vimos que os archeiros estavam segurando Salvador, branco como o branco dos seus olhos, e uma mulher que chorava. Senti um aperto no coração: era ela, a rapariga dos meus pensamentos. Logo que me viu, reconheceu-me e lançou-me um olhar implorante e desesperado. Tive o impulso de me lançar a libertá-la, mas Guilherme deteve-me sussurrando-me alguns impropérios nada afetuosos. Os monges e os hóspedes acorriam agora de todas as partes.

Chegou o Abade, chegou Bernardo Gui, a quem o capitão dos archeiros fez um breve relatório. Eis o que tinha acontecido.

Por ordem do inquisidor, eles patrulhavam de noite toda a esplanada, com particular atenção pela avenida que ia do portal de entrada à igreja, a zona do horto e a fachada do Edifício (porquê?, perguntei-me e compreendi: evidentemente porque Bernardo tinha ouvido aos servos ou aos cozinheiros rumores sobre alguns tráficos noturnos, talvez sem saber quem eram exatamente os seus responsáveis, que tinham lugar entre o exterior da cerca e as cozinhas, e quem sabe se o estúpido Salvador, como me tinha dito a mim os seus propósitos, não teria já falado na cozinha ou nos estábulos a algum desgraçado que, atemorizado pelo interrogatório da tarde, tinha lançado à curiosidade de Bernardo esta murmuração). Girando circunspectos e no escuro no meio do nevoeiro, os archeiros tinham finalmente surpreendido Salvador, em companhia da mulher, enquanto manobrava diante da porta da cozinha.

- Uma mulher neste lugar santo! E com um monge! - disse severamente Bernardo dirigindo-se ao Abade. - Magnificentíssimo senhor - prosseguiu -, se se tratasse só da violação do voto de castidade, a punição deste homem seria coisa da vossa jurisdição. Mas, uma vez que não sabemos ainda se as manobras destes dois desgraçados têm alguma coisa a ver com a saúde de todos os hóspedes, devemos primeiro fazer luz sobre este mistério. Vamos, falo contigo, miserável - e arrancava do peito de Salvador o evidente embrulho que ele julgava ocultar -, que tens aí dentro?

Eu já o sabia: uma faca, um gato preto, que mal foi aberto o embrulho fugiu, miando

enfurecido e dois ovos, já quebrados e viscosos, que a todos pareceram sangue, ou bilis amarela, ou outra substancia imunda. Salvador estava para entrar na cozinha, matar o gato arrancar-lhe os olhos, e, sabe-se lá com que promessas, tinha convencido a rapariga a segui-lo. Com que promessas, soube-o logo. Os archeiros revistaram a rapariga, entre risadas maliciosas e meias palavras lascivas, e encontraram-lhe um galito morto, ainda por depenar. A desgraça quis que à noite, em que todos os gatos são pardos, o galo parecesse preto também, como o gato. Eu pensei, pelo contrário, que não era preciso mais nada para a atrair, a pobre esfomeada que já na noite passada tinha abandonado (e por amor de mim!) o seu precioso coração de boi...

- Ah! Ah! - exclamou Bernardo com tom de grande preocupação. Gato e galo pretos... Mas eu conheço-os, estes parafernais... - Avistou Guilherme entre os circunstantes: - Não os conheceis também vós frade Guilherme? Não fostes inquisidor em Kilkenny, há três anos, onde uma rapariga tinha comércio com um demônio que lhe aparecia sob a forma de um gato preto?

Pareceu-me que o meu mestre se calava por covardia. Agarrei-o pela manga, sacudi-o, sussurrei-lhe desesperado:

- Mas dissei-lhe que era para comer...

Ele libertou-se da minha mão e dirigiu-se educadamente a Bernardo:

- Não creio que vós tenhais necessidade das minhas antigas experiências para chegardes às vossas conclusões - disse.

- Oh, não, existem testemunhas bem mais autorizadas - sorri Bernardo. - Estevão de Bourbon conta no seu tratado sobre os sete dons do Espírito Santo como São Domingos, depois de ter pregado em Fanjeaux contra os hereges, anunciou a certas mulheres que elas veriam quem tinham servido até então. E de repente saltou no meio delas um gato medonho com as dimensões de um grande cão, com os olhos grandes e chamejantes, a língua sanguinolenta que lhe chegava ao umbigo, a cauda curta e espetada no ar de modo que, de qualquer lado que o animal se voltasse, mostrava a torpeza do seu traseiro, fétido como nenhum, como convém àquele anus que muitos devotos de Satanás, e os cavaleiros templários estão longe de ser os últimos, costumavam beijar sempre no curso das suas reuniões. E depois de ter girado em volta das mulheres durante uma hora, o gato saltou para a corda do sino e ai trepou, deixando para trás os seus restos fedorentos. E não é o gato o animal amado pelos cátaros, que, segundo Alano das Ilhas, se chamam assim precisamente de catus, porque beijam o posterior deste animal, considerando-o encarnação de Lúcifer? E não confirma também esta repugnante prática Guilherme de Alvernia no De legibus? E não diz Albelto Magno que os gatos são demônios em potência? E não refere o meu venerável irmão Jacques Fournier que no leito de morte do inquisidor Godofredo de Carcassonne apareceram dois gatos pretos, que mais

não eram que demônios que queriam escarnecer daqueles despojos mortais?

Um murmúrio de horror percorreu o grupo dos monges, muitos dos quais fizeram o santo sinal da cruz.

- Senhor Abade, senhor Abade - dizia entretanto Bernardo com ar virtuoso -, talvez a Vossa Magnificência não saiba o que costumam fazer os pecadores com estes instrumentos! Mas eu sei-o bem, não quisesse Deus! Vi mulheres de grande perversidade, nas horas mais escuras da noite, juntamente com outras da mesma laia, usarem gatos pretos para obterem prodígios que nunca puderam negar: tal como andarem a cavalo de certos animais e percorrerem com o favor noturno espaços imensos, arrastando os seus escravos, transformados em incubos de desejos loucos. E o próprio diabo se lhes mostra, ou pelo menos eles acreditam nisso firmemente, sob a forma de um galo, ou de outro animal todo negro, e com ele chegam, não me pergunteis como, a deitar-se. E sei de fonte segura que com necromancias deste gênero, não há muito, precisamente em Avinhão, se prepararam filtros e ungüentos para atentar contra a vida do próprio senhor papa, envenenando-lhe a comida. O papa pôde defender-se e identificar o tóxico apenas porque estava munido de prodigiosas jóias em forma de língua de serpente, fortificadas por admiráveis esmeraldas e rubis que, por virtude divina, serviam para revelar a presença de veneno na comida! Onze tinha-lhas oferecido o rei de França, dessas línguas preciosíssimas, graças ao céu, e só assim o nosso senhor papa pôde escapar à morte! É verdade que os inimigos do pontífice fizeram ainda mais, e todos sabem o que se descobriu do herege Bernard Délicieux, preso há dez anos: foram-lhe encontrados em casa livros de magia negra anotados precisamente nas páginas mais perversas, com todas as instruções para construir figuras de cera através das quais causar dano aos próprios inimigos. E, acreditá-lo-íeis?, em casa também lhe foram encontradas figuras que reproduziam, com arte decerto admirável, a própria imagem do papa, com pequenos círculos vermelhos nas partes vitais do corpo: e todos sabem que tais figuras, mantidas suspensas por uma corda, se põem diante de um espelho, e depois atingem-se os círculos vitais com alfinetes e... Oh, mas porque me demoro com estas misérias repugnantes? O próprio papa falou delas e descreveu-as, condenando-as, precisamente o ano passado, na sua constituição Super illius specula! E espero bem que tenhais um exemplar nesta vossa rica biblioteca, para meditar nela como se deve...

- Temos um, temos um - confirmou fervorosamente o Abade, muito perturbado.

- Está bem - concluiu Bernardo. - Agora o fato parece-me claro. Um monge seduzido, uma bruxa, e algum rito que felizmente não teve lugar. Com que fins? E o que saberemos, e quero tirar algumas horas ao sono para saber. Queira a Vossa Magnificência pôr à minha disposição um lugar onde este homem possa ser vigiado...

- Temos umas celas no subsolo do laboratório dos ferreiros - disse o Abade - que felizmente se usam bastante pouco e estão vazias há anos...

- Felizmente ou infelizmente - observou Bernardo.

E ordenou aos archeiros que pedissem para lhes indicarem o caminho e conduzissem a duas celas diferentes os cativos, e que prendessem bem o homem a algum anel fixo na parede, de modo que ele pudesse em breve descer a interrogá-lo olhando-o bem na cara. Quanto à rapariga, acrescentou, era claro o que era, e não valia a pena interrogá-la naquela noite. Outras provas a esperariam antes de ser queimada como bruxa. E, se bruxa era, não falaria facilmente. Mas o monge podia talvez ainda arrepender-se (e fixava Salvador, que tremia, como a dar-lhe a entender que lhe oferecia ainda uma possibilidade), contando a verdade e, acrescentou, denunciando os seus cúmplices.

Os dois foram arrastados para fora: um silencioso e desfeito, quase num estado febril, a outra que chorava, e dava pontapés, e gritava como um animal no matadouro. Mas nem Bernardo, nem os archeiros, nem eu mesmo entendíamos o que dizia na sua língua de camponesa. Por mais que falasse, era como se fosse muda. Há palavras que dão poder, outras que tornam uma pessoa ainda mais desamparada, e desta espécie são as palavras vulgares dos simples, a quem o Senhor não concedeu saberem exprimir-se na língua universal da sabedoria e do poder.

Mais uma vez fui tentado a segui-la, mais uma vez Guilherme, de rosto extremamente sombrio, me reteve.

- Está quieto, tolo - disse -, a rapariga está perdida, é carne queimada.

Enquanto observava aterrado a cena, num turbilhão de pensamentos contraditórios, fixando a rapariga, senti que me tocavam no ombro. Não sei porquê, mas, ainda antes de me voltar, reconheci pelo toque Ubertino.

- Tu olhas para a bruxa, não é? - perguntou-me.

E eu sabia que ele não podia saber da minha aventura, e portanto falava assim apenas porque tinha captado, com a sua terrível penetração das paixões humanas, a intensidade do meu olhar.

- Não... - esquivei-me - não olho para ela... isto é, talvez olhe para ela, mas não é uma bruxa... não sabemos, talvez esteja inocente...

- Tu olhas para ela porque é bela. É bela, não é? - perguntou-me com extraordinário calor, apertando-me o braço. - Se olhas para ela porque é bela, e ficas perturbado (mas sei que ficas perturbado, porque o pecado de que é suspeita torna-ta ainda mais fascinante), se olhas para ela e sentes desejo, por isso mesmo ela é uma bruxa. Toma cuidado, meu filho...A beleza do corpo limita-se à pele. Se os homens vissem o que está

debaixo da pele, tal como acontece com o lince da Beócia, estremece-riam de horror à visão da mulher. Toda aquela graça se compõe de mucosidades e de sangue, de humores e de bÍlis. Se se pensa naquilo que se esconde nas narinas, na garganta e no ventre, não se achará senão imundície. E se te repugna tocar no muco ou no esterco com a ponta do dedo, como é que poderemos desejar abraçar o próprio saco que contém o esterco?

Tive um acesso de vômito. Não queria escutar mais aquelas palavras. Veio em meu socorro o meu mestre, que tinha ouvido. Aproximou-se bruscamente de Ubertino, agarrou-lhe o braço e arrancou-o do meu.

- Já chega, Ubertino - disse. - Aquela rapariga estará daqui a pouco sob tortura, e depois na fogueira. Tornar-se-á exatamente como tu dizes, muco, sangue, humores e bÍlis. Mas serão os nossos semelhantes que arrancarão de baixo da sua pele aquilo que o Senhor quis que fosse protegido e adornado por aquela pele. E, do ponto de vista da matéria-prima, tu não és melhor que ela. Deixa o moço em paz.

Ubertino perturbou-se:

- Talvez tenha pecado - murmurou. - Sem dúvida que pequei. Que mais pode fazer um pecador.

Já todos estavam entrando de novo, comentando o acontecido, Guilherme demorou-se um pouco com Miguel e com os outros meninos, que lhe perguntavam as suas impressões.

- Bernardo tem agora um argumento na mão, embora equívoco. Pela abadia vagueiam necromantes, que fazem as mesmas coisas que foram feitas contra o papa em Avinhão. Não é decerto uma prova, e em primeira instância não pode ser usada para perturbar o encontro de amanhã. Esta noite procurará arrancar àquele desgraçado qualquer outra indicação, da qual, tenho a certeza, não fará uso logo amanhã de manhã. Tê-la-á de reserva, servir-lhe-á mais adiante para perturbar o andamento das discussões, se acaso tomarem um caminho que lhe desagrade.

- Poderia obrigá-lo a dizer qualquer coisa a usar contra nós? - perguntou Miguel de Cesena.

Guilherme ficou na dúvida:

- Esperemos que não - disse.

Dei-me conta de que, se Salvador dizia a Bernardo aquilo que nos tinha dito a nós sobre o seu passado e o do despenseiro, e se fazia a menor alusão à relação de ambos com Ubertino, por mais fugaz que tivesse sido, criar-se-ia uma situação bastante

embaraçosa.

- Em todo o caso, esperemos os eventos - disse Guilherme com serenidade. - Por outro lado, Miguel,
já tudo foi decidido antes. Mas tu queres provar.

- Pois quero - disse Miguel -, e o Senhor me ajudará. Que São Francisco interceda por todos nós.

- Amém - responderam todos.

- Mas não se sabe - foi o irreverente comentário de Guilherme. - São Francisco poderia estar em qualquer parte, à espera do juízo, sem ver o Senhor face a face.

- Maldito seja o herético João! - ouvi resmungar monsenhor Jerônimo enquanto cada um voltava a ir dormir. - Se agora nos tira também a assistência aos santos, onde iremos nós, pobres pecadores?

QUINTO DIA PRIMA

Onde tem lugar uma fraterna discussão sobre a pobreza de Jesus.

Com o coração agitado por mil angústias, depois da cena da noite, levantei-me na manhã do quinto dia: já soava a hora prima, quando Guilherme me sacudiu rudemente avisando-me que dentro em pouco se iam reunir as duas delegações. Olhei para fora da janela da cela e não vi nada. O nevoeiro do dia anterior tinha-se tornado um manto leitoso que dominava manifestamente o planalto.

Mal saí, vi a abadia como ainda a não vira até então; apenas algumas construções maiores, a igreja, o Edifício, a sala capitular se destacavam mesmo à distância, embora de forma imprecisa, sombras entre as sombras, mas o resto do casario só era visível a poucos passos. Parecia que as formas, das coisas e dos animais, surgiam, de improviso do nada; as pessoas pareciam emergir da bruma primeiro cinzentas como fantasmas, depois pouco a pouco e dificilmente reconhecíveis.

Nascido nos países nórdicos não era novo para mim aquele elemento, que noutros momentos me teria recordado com alguma doçura a planície e o castelo do meu nascimento. Mas naquela manhã as condições do ar pareceram-me dolorosamente afins às condições da minha alma, e a impressão de tristeza com que tinha acordado cresceu à medida que me aproximava da sala capitular.

A poucos passos da construção vi Bernardo Gui, que se despedia de outra pessoa que à

primeira não reconheci. Como depois passou a meu lado, apercebi-me que era Malaquias. Olhava em seu redor como quem não quer ser avistado enquanto comete um delito: mas já disse que a expressão deste homem era por natureza de quem esconde, ou tenta esconder, um inconfessável segredo.

Não me reconheceu, e afastou-se. Eu, movido pela curiosidade, segui Bernardo e vi que estava percorrendo com o olhar uns papéis, que talvez Malaquias lhe tivesse entregado. No limiar do capítulo chamou com um gesto o chefe dos archeiros, que estava ali perto, e murmurou-lhe algumas palavras. Depois entrou. Eu fui atrás dele.

Era a primeira vez que punha os pés naquele lugar, que por fora era de modestas dimensões e de formas sóbrias; apercebi-me que tinha sido reconstruído em tempos recentes sobre os restos de uma primitiva igreja abacial, talvez destruída em parte por um incêndio.

Entretanto de fora passava-se sob um portal à moda nova, de arco em ogiva, sem decorações e encimado por uma rosácea. Mas, no interior, encontrávamo-nos num átrio, refeito sobre os vestígios de um velho nártex. Defronte apresentava-se outro portal, com o arco à moda antiga, o tímpano em meia-lua admiravelmente esculpido. Devia ser o portal da igreja desaparecida.

As esculturas do tímpano eram igualmente belas mas menos inquietantes que as da igreja atual. Também aqui o tímpano era dominado por um Cristo no trono; mas a seu lado, em várias poses e com vários objetos nas mãos, estavam os doze apóstolos, que dele tinham recebido o mandato de irem pelo mundo a evangelizar os gentios. Sobre a cabeça de Cristo, num arco dividido em doze painéis, e aos pés de Cristo, numa procissão ininterrupta de figuras, estavam representados os povos do mundo, destinados a receber a boa nova. Reconheci pelos seus trajes os hebreus, os capadócijs, os árabes, os indianos, os frígios, os bizantinos, os armênios, os citas, os romanos. Mas, misturados com eles, em trinta medalhões que se dispunham em arco sobre o arco dos doze painéis, estavam os habitantes dos mundos desconhecidos, de que apenas nos falam o Fisiólogo e os discursos incertos dos viajantes. Muitos deles ignorava-os, outros reconheci-os: por exemplo, os brutos com seis dedos em cada mão, os faunos que nascem dos vermes que se formam entre a casca e o tronco das árvores, as sereias com a cauda escamosa, que seduzem os marinheiros, os etíopes de corpo todo negro, que se defendem do ardor do Sol escavando cavernas subterrâneas, os onocentauros, homens até ao umbigo e burros para baixo, os ciclopes com um único olho do tamanho de um escudo, Escila com cabeça e peito de rapariga, ventre de loba e cauda de golfinho, os homens peludos da Índia que vivem nos paus e no rio Epigmáride, os cinocéfalos, que não podem dizer palavra sem se interromperem e ladrar, os chápodos, que correm velozmente com a sua única perna e, quando se querem abrigar do Sol, estendem-se e erguem o grande pé como um sombreiro,

os astómatos da Grécia, privados de boca, que respiram pelas narinas e vivem só de

ar, as mulheres barbudas da Armênia, os pigmeus, os epistigios, a que alguns também chamam blêmios, que nascem sem cabeça, têm a boca no ventre e os olhos nos ombros, as mulheres monstruosas do mar Vermelho, de doze pés de altura, com cabelos que lhes chegam aos calcanhares, uma cauda bovine no fundo das costas e cascos de camelo, e aqueles que têm a planta dos pés voltada para trás, de modo que quem os seguir olhando para as suas pegadas chega sempre a donde eles vêm e nunca a onde vão, e ainda os homens com três cabeças, os olhos cintilantes como lâmpadas e os monstros da ilha de Circe, corpos humanos e cerviz dos animais mais variados...

Estes e outros prodígios estavam esculpidos naquele portal. Mas nenhum deles provocava inquietação, porque eles não queriam significar os males desta terra ou os tormentos do inferno, mas eram, pelo contrário, testemunhos do fato de que a boa nova tinha chegado a toda a terra conhecida e se estava estendendo à desconhecida, pelo que o portal era jubilosa promessa de concórdia, de conseguida unidade na palavra de Cristo, de esplêndida ecumene.

Bom auspício, disse comigo, pare o encontro que se desenrolará para lá deste umbral, em que homens tornados inimigos uns dos outros por opostas interpretações do evangelho talvez hoje se reencontrem para conciliarem as suas querelas. E disse para comigo que era um pobre pecador a padecer pelo meu cave pessoal quando iam verificar-se eventos de tanta importância para a história da cristandade. Confrontei a pequenez das minhas penas com a grandiosa promessa de paz e de serenidade encerrada na pedra do tímpano. Pedi perdão a Deus pela minha fragilidade e, mais sereno, transpuse o umbral.

Mal entrei vi os membros das duas delegações completas, que estavam frente a frente numa série de cadeirões dispostos em semicírculo, divididas as duas frentes por uma mesa a que estavam sentados o Abade e o cardeal Bertrando.

Guilherme, que eu segui para tomar notas, pôs-me do lado dos menoritas, onde estavam Miguel com os seus e outros franciscanos da corte de Avinhão: porque o encontro não devia parecer um duelo entre os italianos e franceses, mas um dispute entre defensores da regra franciscana e os seus críticos, todos unidos por uma sã e católica fidelidade à corte pontifícia.

Com Miguel de Cesena estavam frade Arnaldo da Aquitania, frade Hugo de Newcastle e frade Guilherme Alnwick, que tinham tomado parte no capítulo de Perugia, e depois o bispo de Caffa e Berengário Talloni, Bonagrazia de Bérgamo e outros menoritas da corte avinhonense. Do lado oposto estavam sentados Lourenço Decoalcone, bacharel de Avinhão, o bispo de Pádua e Jean d'Anneaux, doutor de teologia em Paris. Ao lado de Bernardo Gui, silencioso e absorto, estava o dominicano Jean de Baune, a quem na Itália chamavam Giovanni Dalbena. Este, disse-me Guilherme, tinha sido anos antes inquisidor em Narbona, onde tinha processado muitos beguinos e santanários; mas como tinha

imputado de heresia precisamente uma proposição respeitante à pobreza de Cristo, tinha-se levantado contra ele Berengário Talloni, leitor no convento daquela cidade, apelando ao papa. Então, João estava ainda inseguro sobre esta matéria, e tinha convocado ambos à corte para discutirem, sem se chegar a uma conclusão. Tanto que, pouco depois, os franciscanos tinham tomado a posição, de que já falei, no capítulo de Perugia. Enfim, do lado dos avinhonenses, estavam outros ainda, entre os quais o bispo de Alborea.

A sessão foi aberta por Abbone, que considerou oportuno resumir os fatos mais recentes. Recordou que no ano do Senhor de 1322 o capítulo geral dos frades menores, reunido em Perugia sob a direção de Miguel de Cesena, tinha estabelecido com madura e diligente deliberação que Cristo, para dar exemplo de vida perfeita, e os apóstolos, para se adequarem ao seu ensinamento, nunca tinham tido em comum coisa alguma, tanto por razões de propriedade como de senhorio, e que esta verdade era matéria de fé sã e católica, como se deduzia de várias citações dos livros canônicos. Por isso era meritória e santa a renúncia à propriedade de todas as coisas, e que a esta regra de santidade se tinham conformado os primeiros fundadores da igreja militante. Que a esta verdade se tinha conformado em 1312 o concílio de Vienne, e que o próprio papa João, em 1317, na constituição sobre o estado dos frades menores que se inicia com *Quorundam exigit*, tinha comentado as deliberações daquele concílio como santamente compostas, lúcidas, sólidas e maduras. E daí o capítulo de Perugia, considerando que aquilo que por sã doutrina a sede apostólica tinha sempre aprovado sempre se devia ter por aceite, e que de modo nenhum se devia apartar dele, não tinha feito mais que selar de novo tal decisão conciliar, pelo nome de mestres em sagrada teologia, como frade Guilherme de Inglaterra, frade Henrique da Alemanha, frade Arnaldo de Aquitania, provinciais e ministros; assim como com o selo de frade Nicolau, ministro de França, frade Guilherme Bloc, bacharel, do ministro geral e de quatro ministros provinciais, frade Tomás de Bolonha, frade Pedro da província de São Francisco, frade Fernando de Castello e frade Simão de Turónia. Porém, acrescentou Abbone, no ano seguinte o papa emitia a decretal *Ad conditorem canonum*, contra a qual apelava frade Bonagrazia de Bérgamo, considerando-a contrária aos interesses da sua ordem. O papa tinha então arrancado aquela decretal das portas da igreja maior de Avinhão, onde tinha sido pregada, e tinha-a emendado em vários pontos. Mas, na realidade, tinha-a tornado ainda mais áspera, e prova disso era que, como consequência imediata, frade Bonagrazia tinha sido mantido um ano na prisão. E não se podia ter dúvidas sobre a severidade do pontífice, porque no mesmo ano emitia a já conhecidíssima *Cum ínter nonnullos*, em que definitivamente se condenavam as teses do capítulo de Perugia.

Falou neste ponto, interrompendo cortesmente Abbone, o cardeal Bertrando, e disse que era necessário recordar como, a complicar as coisas e a irritar o pontífice, tinha intervindo em 1324 Luís, o Bávaro, com a declaração de Sachsenhausen, onde se assumiam sem qualquer razão válida as teses de Perugia (e não se compreendia, notou Bertrando com um fino sorriso, porque é que o imperador aclamava tão

entusiasticamente uma pobreza que ele estava longe de praticar), pondo-se contra o senhor papa, chamando-lhe inimicus pacis e dizendo que ele pretendia suscitar escândalos e discórdias, tratando-o por fim de herege, melhor, de heresiarca.

- Não exatamente - tentou mediar Abbone.

- Em substancia, sim - disse secamente Bertrando.

E acrescentava que tinha sido precisamente para rebater a importuna intervenção do imperador que o senhor papa tinha sido obrigado a emitir a decretal Quia quorundam, e que tinha enfim severamente convidado Miguel de Cesena a apresentar-se perante ele. Miguel tinha mandado cartas de desculpa dizendo-se doente, coisa de que ninguém duvidava, enviando em seu lugar frade João Fidanza e frade Modesto Custódio de Perugia. Mas dava-se o caso, disse o cardeal, que os guelfos de Perugia tinham informado o papa que, longe de estar doente, frei Miguel estava mantendo contatos com Luís da Baviera. E em todo o caso, tendo sido aquilo que tinha sido, agora frei Miguel parecia de belo e sereno aspecto, e esperavam-no portanto em Avinhão. Era, aliás, melhor, admitia o cardeal, ponderar antes, como se estava fazendo agora, na presença de homens prudentes de ambas as partes, o que Miguel diria depois ao papa, dado que o fim de todos sempre era, afinal, o de não agravar as coisas e compor fraternalmente uma diatribe que não tinha razão de ser entre um pai amorável e os seus filhos dedicados e que até então se tinha reacendido apenas pelas intervenções de homens do século, fossem imperadores ou vigários, os quais nada tinham a ver com as questões da Santa Madre Igreja.

Interveio então Abbone e disse que, embora sendo homem da Igreja e abade de uma ordem a que a Igreja tanto devia (um murmúrio de respeito e deferência correu de ambos os lados do semicírculo), não considerava todavia que o imperador devesse permanecer estranho a tais questões, pelas inúmeras razões que frade Guilherme de Baskerville depois diria. Mas, continuava a dizer Abbone, era todavia justo que a primeira parte do debate se desenrolasse entre os enviados pontifícios e os representantes daqueles filhos de São Francisco que, pelo próprio fato de terem intervindo neste encontro, se demonstravam filhos dedicadíssimos do pontífice. E, assim, convidava frade Miguel, ou alguém por ele, a dizer o que entendia defender em Avinhão.

Miguel disse que, com sua grande alegria e comoção, se encontrava entre eles naquela manhã Ubertino de Casale, a quem o mesmo pontífice, em 1322, tinha pedido uma fundada relação sobre a questão da pobreza. E precisamente Ubertino poderia resumir, com a lucidez, a erudição e a fé apaixonada que todos lhe reconhecíamos, os pontos capitais daquelas que já eram, e indefectivelmente, as idéias da ordem franciscana.

Levantou-se Ubertino, e mal começou a falar compreendi porque é que tinha suscitado tanto entusiasmo como pregador e como homem de corte. Apaixonado no

gesto, persuasivo na voz, fascinante no sorriso, claro e conseqüente no raciocínio, ele prendeu a si os ouvintes durante todo o tempo em que teve a palavra. Ele iniciou uma disquisição muito douta sobre as razões que confortavam as teses de Perugia. Disse que, antes de mais, se devia reconhecer que Cristo e os seus apóstolos tiveram um duplo estado, porque foram prelados da Igreja do novo testamento e deste modo possuíram, quanto a autoridade de dispensa e de distribuição, para darem aos pobres e aos ministros da Igreja, como está escrito no quarto capítulo dos Atos dos apóstolos, e sobre isto ninguém discute. Mas, secundariamente, Cristo e os apóstolos devem ser considerados como pessoas singulares, fundamento de toda a perfeição religiosa, e perfeitos desprezadores do mundo. E a este propósito propõem-se dois modos de ter, um dos quais é civil e mundano, que as leis imperiais definem com as palavras *in bonis nostris*, porque nossos são chamados os bens que estão à nossa guarda e que, sendo-nos tirados, temos o direito de reclamar. Por isso, uma coisa é defender civil e mundanamente o bem próprio daquele que no-lo quer tirar, apelando ao juiz imperial (e dizer que Cristo e os apóstolos tiveram coisas desta maneira é afirmação herética, porque, como diz Mateus no V capítulo, àquele que quer contender contido em juízo e tirar-te a túnica deixa também o manto, e Lucas não diz diversamente no VI capítulo, com cujas palavras Cristo remove de si todo o domínio e senhorio e isto mesmo impõe aos seus apóstolos, veja-se ainda Mateus, capítulo XXIV, onde Pedro diz ao Senhor que para o seguir deixaram todas as coisas); mas de outro modo podem todavia ter-se as coisas temporais, em razão da caridade fraterna comum, e deste modo Cristo e os seus tiveram bens por razão natural, a qual razão é por alguns chamada *jus poli*, isto é, razão do céu, para sustentar a natureza que sem ordenação humana é consoante à reta razão; enquanto o *jus fori* é poder que depende de humana estipulação. Anteriormente à primeira divisão das coisas, estas, quanto ao domínio, foram como agora são as coisas que não resultam entre os bens de alguém e se concedem a quem as ocupa e foram, num certo sentido, comuns a todos os homens, enquanto só depois do pecado os nossos progenitores começaram a dividir entre si a propriedade das coisas, e desde então começaram os domínios mundanos como são conhecidos hoje. Mas Cristo e os apóstolos tiveram as coisas do primeiro modo, e assim tiveram o vestuário e os pães e os peixes, e, como diz Paulo na primeira a Timóteo, temos os alimentos, e com que nos cobrirmos, e estamos contentes. Por isso, Cristo e os seus tiveram estas coisas não em posse, mas em uso, permanecendo salva a sua absoluta pobreza. O que já tinha sido reconhecido pelo Papa Nicolau II pelo decretal *Exiit qui seminat*.

Mas levantou-se do lado oposto Jean d'Anneaux e disse que as posições de Ubertino lhe pareciam contrárias não só à reta razão mas à reta interpretação das escrituras. Pois que, nos bens perecíveis com o uso, como o pão e os peixes, não se pode falar de simples direito de uso, nem se pode haver uso, sem abuso. Todos os que acreditam em comum na Igreja primitiva, como se deduz dos Atos segundo e terceiro, tinham-no como base no mesmo tipo de domínio que detinham antes da conversação; os apóstolos, depois da descida do Espírito Santo, possuíram propriedades na Judéia; o voto de viver sem propriedade não se estende àquilo de que o homem precisa necessariamente para viver,

e quando Pedro disse que tinha deixado todas as coisas não queria dizer que tivesse renunciado à propriedade; Adão teve domínio e propriedade das coisas; o servo que recebe dinheiro do seu patrão decerto não faz dele nem uso nem abuso; as palavras da Exüt qui seminal a que os menoritas se referem sempre e que estabelecem que os frades menores têm só o uso daquilo de que se servem, sem dele terem o domínio e a propriedade, devem referir-se somente aos bens que não se esgotam com o uso, e, de fato, se a Exüt compreendesse os bens perecíveis, defenderia uma coisa impossível; o uso de fato não se pode distinguir do domínio jurídico; todo o direito humano, em cuja base se possuem bens materiais, está contido nas leis dos reis; Cristo, como homem mortal, desde o instante da sua concepção, foi proprietário de todos os bens terrenos e, como Deus, teve do pai o domínio universal de tudo; foi proprietário de vestes, alimentos, dinheiro por contributos e ofertas dos fiéis, e, se foi pobre não foi porque não teve propriedade, mas porque não lhe recebia os frutos, pois que o simples domínio jurídico, separado da cobrança dos interesses, não torna rico quem o detém; e finalmente, se acaso a Exüt tivesse dito coisas diversas, o pontífice romano, pelo que se refere à fé e às questões morais, pode revogar as determinações dos seus predecessores e fazer mesmo asserções contrárias.

Foi naquele ponto que se levantou com veemência frade Jerônimo, bispo de Caffa, com a barba que lhe tremia de ira, embora as suas palavras procurassem parecer conciliadoras. E iniciou uma argumentação que me pareceu um tanto confusa.

- Aquilo que quero dizer ao santo padre, e eu mesmo lho direi, ponho desde já sob a sua correção, porque creio verdadeiramente que João é vigário de Cristo, e por esta confissão fui preso pelos sarracenos. E começarei citando um fato referido por um grande doutor, sobre a disputa que surgiu um dia entre monges sobre quem era o pai de Melquisedeque. E então o abade Copes, interrogado sobre isto, sacudiu a cabeça e disse: cuidado, Copes, porque procuras apenas as coisas que Deus não te manda procurar e és negligente naquelas que ele te manda. Pronto, como limpidamente se deduz do meu exemplo, é tão claro que Cristo e a bem-aventurada Virgem e os apóstolos não tiveram nada nem em especial nem em comum, que menos claro seria reconhecer que Jesus foi homem e Deus ao mesmo tempo, e, porém, parece-me claro que quem negasse a primeira evidência deveria depois negar a segunda!

Disse triunfante, e vi Guilherme que levantava os olhos ao céu. Suspeito que reputava o silogismo de Jerônimo um tanto defeituoso, e não posso dizer que não tinha razão, mas mais defeituosa ainda me pareceu a irritadíssima e contrária argumentação de João Dalbena, o qual disse que quem afirma alguma coisa sobre a pobreza de Cristo afirma aquilo que se vê (ou não se vê) com os olhos, enquanto para definir a sua humanidade e divindade intervém a fé, pelo que as duas proposições não podem ser igualadas. Na resposta, Jerônimo foi mais sutil que o adversário:

- Oh, não, meu caro irmão - disse -, parece-me verdade precisamente o contrário,

porque todos os evangelhos declaram que Cristo era homem e comia e bebia e, por força dos seus evidentíssimos milagres, era também Deus, e tudo isto salta mesmo aos olhos!

- Também os magos e os adivinhos fizeram milagres - disse Dalbena com insuficiência.

- Sim - rebateu Jerônimo -, mas por operação de arte mágica. E tu queres igualar os milagres de Cristo à arte mágica? - A assembléia murmurou indignada que não queria tal. - E, enfim - continuou Jerônimo, que já se sentia próximo da vitória -, o senhor cardeal do Poggetto quereria considerar herética a crença na pobreza de Cristo quando sobre esta proposição assenta a regra de uma ordem como a franciscana, de modo que não há reino onde os seus filhos não tenham andado pregando e espalhando o seu sangue desde Marrocos até à Índia?

- Santa alma de Pedro Hispano - murmurou Guilherme -, protege-nos tu.

- Irmão diletíssimo - vociferou então Dalbena, dando um passo em frente -, fala embora do sangue dos teus frades, mas não te esqueças que esse tributo foi pago também por religiosos de outras ordens...

- Salva a devida reverência ao senhor cardeal - gritou Jerônimo -, nunca dominicano algum morreu entre os infiéis, enquanto, só no meu tempo nove menoritas foram martirizados!

De rosto vermelho, levantou-se então o dominicano, bispo de Alborea:

- Então, eu posso demonstrar que, antes de os frades menores irem para a Tartária, o papa Inocêncio mandou para lá três dominicanos!

- Ah, sim? - troçou Jerônimo. - Pois bem, eu sei que há oitenta anos que os menoritas estão na Tartária e têm quarenta igrejas por todo o país, enquanto os dominicanos têm apenas cinco postos na costa e ao todo serão quinze frades! E isto resolve a questão!

- Não resolve questão nenhuma - gritou Alborea -, porque esses menoritas, que parem santanários como as cadelas parem cachorrinhos, atribuem tudo a si, gabam-se de mártires e depois têm belas igrejas, paramentos sumptuosos e compram e vendem como todos os outros religiosos!

- Não, meu senhor, não - interveio Jerônimo -, eles não compram e vendem eles próprios, mas através dos procuradores da sede apostólica, e os procuradores detêm a posse, enquanto os menoritas têm apenas o uso!

- Deveras? - escarneceu Alborea -, quantas vezes então tu vendeste sem procuradores? Sei a história de algumas propriedades que...

- Se o fiz, errei - interrompeu precipitadamente Jerônimo -, não atires para cima da ordem aquilo que pode ter sido uma fraqueza minha!

- Mas, veneráveis irmãos - interveio então Abbone -, o nosso problema não é se são pobres os menoritas mas se era pobre o Nosso Senhor...

- Pois bem - fez-se neste ponto ouvir ainda Jerônimo -, tenho sobre tal questão um argumento que corta como a espada...

- São Francisco, protege os teus filhos... - disse desanimadamente Guilherme.

- O argumento é - continuou Jerônimo - que os orientais e os gregos, bem mais familiarizados que nós com a doutrina dos santos padres, têm por certa a pobreza de Cristo. E se aqueles heréticos e cismáticos defendem tão limpidamente uma tão límpida verdade, quereremos nós ser mais heréticos e cismáticos que eles e negá-la? Esses orientais, se ouvissem alguns de nós pregar contra esta verdade lapidá-los-iam!

- Que me estas dizendo? - zombou Alborea -, e porque é que então não lapidam os dominicanos que pregam precisamente contra isso?

- Os dominicanos? Mas se nunca os vi por lá!

Alborea, de rosto violáceo, observou que este frade Jerônimo tinha estado na Grécia talvez quinze anos, enquanto ele lá tinha estado desde a infância. Jerônimo rebateu que ele, o dominicano Alborea talvez também tivesse estado na Grécia, mas a fazer vida de sociedade em belos palácios episcopais, enquanto ele, franciscano, lá tinha estado não quinze mas vinte e dois anos e tinha pregado diante do imperado: em Constantinopla. Então Alborea, à falta de argumentos, tentou atravessar o espaço que o separava dos menoritas, manifestando em voz alta, e com palavras que não ousou referir, a sua firme intenção de arrancar a barba ao bispo de Caffa, cuja virilidade punha em dúvida, e que precisamente segundo a lógica de talião queria punir, usando aquela barba como flagelo.

Os outros menoritas correram a fazer barreira em defesa do seu irmão, os avinhonenses consideraram útil dar mão forte ao dominicano, e seguiu-se (Senhor, tem misericórdia dos melhores entre os teus filhos!) uma rixa que o Abade e o cardeal tentaram em vão aplacar. No tumulto que se seguiu, menoritas e dominicanos disseram-se reciprocamente coisas muito graves, como se cada um fosse um cristão em luta com os sarracenos. Os únicos que permaneceram nos seus lugares foram de um lado Guilherme, do outro Bernardo Gui. Guilherme parecia triste e Bernardo alegre, se de alegria se podia falar pelo pálido sorriso que enrugava o lábio do inquisidor.

- Não há argumentos melhores - perguntei ao meu mestre, enquanto Alborea se

encarniçava sobre a barba do bispo de Caffa - para demonstrar ou negar a pobreza de Cristo?

- Mas tu podes afirmar ambas as coisas, meu bom Adso - disse Guilherme -, e jamais poderás estabelecer com base nos evangelhos se Cristo considerava de sua propriedade, e até que ponto, a túnica que usava e que depois provavelmente deitava fora quando estava gasta. E, se queres, a doutrina de Tomás de Aquino sobre a propriedade é mais ousada que a defendida por nós, menoritas. Nós dizemos: não possuímos nada e tudo temos em uso. Ele dizia: considerai-vos também possuidores, contanto que, se a alguém falta aquilo que vós possuís, lhe concedais o uso, e por obrigação, não por caridade. Mas a questão não é se Cristo era pobre, é se deve ser pobre a Igreja. E pobre não significa tanto possuir ou não um palácio, mas ter ou abandonar o direito de legislar sobre as coisas terrenas.

- Eis então - disse - porque o imperador se interessa tanto pelos discursos dos menoritas sobre a pobreza.

- De fato. Os menoritas fazem o jogo imperial contra o papa. Mas, para Marsílio ou para mim, o jogo é duplo, e quereríamos que o jogo do império fizesse o nosso jogo e servisse a nossa idéia do humano governo.

- E isso di-lo-eis quando tiverdes de falar?

- Se o disser, cumprio a minha missão, que era manifestar a opinião dos teólogos imperiais. Mas, se o disser, a minha missão falha, porque eu deveria facilitar um segundo encontro em Avinhão, e não creio que João aceite que eu vá ali dizer estas coisas.

- E então?

- E então estou preso entre duas forças contrárias, como um burro que não sabe de qual de dois sacos de feno comer. É que os tempos não estão maduros. Marsílio fantasia uma transformação impossível, agora, e Luis não é melhor que os seus predecessores, ainda que por agora permaneça o único baluarte contra um miserável como João. Talvez deva falar, a menos que estes não acabem antes por se matarem uns aos outros. Em todo o caso escreve, Adso, que ao menos fiquem vestígios do que está hoje acontecendo.

- E Miguel?

- Temo que perca o seu tempo. O cardeal sabe que o papa não procura uma mediação, Bernardo Gui sabe que deve fazer falhar o encontro; e Miguel sabe que irá a Avinhão em qualquer caso, porque não quer que a ordem quebre todos os vínculos com o papa. E arriscará a vida.

Enquanto assim falávamos - e na verdade não sei como podíamos ouvir-nos um ao outro -, a disputa tinha atingido o auge. Tinham intervindo os archeiros, a um sinal de Bernardo Gui, para impedir que as duas fileiras se encontrassem de vez. Mas, como assediados e assediadores de ambos os lados das muralhas de uma fortaleza, eles lançavam-se contestações e impropérios, que aqui refiro ao acaso, já sem conseguir atribuir-lhes a paternidade e ficando assente que as frases não foram pronunciadas cada uma por sua vez como sucederia numa disputa na minha terra, mas à moda mediterrânica, umas cavalgando as outras, como as ondas de um mar raivoso.

- O evangelho diz que Cristo tinha uma bolsa!

- Cala-te com essa bolsa que pintais até nos crucifixos! Que dizes então do fato de Nosso Senhor, quando estava em Jerusalém, voltar todas as noites a Betania?

- E, se Nosso Senhor queria ir dormir a Betania, quem és tu para criticar a sua decisão?

- Não, velho, cabrão, Nosso Senhor voltava a Betania porque não tinha dinheiro para pagar um albergue em Jerusalém!

- Bonagrazia, cabrão és tu! E que comia Nosso Senhor em Jerusalém?

- E tu dirias que o cavalo que recebe aveia do dono para sobreviver tem a propriedade da aveia?

- Olha que comparas Cristo a um cavalo...

- Não, és tu que comparas Cristo a um prelado simoníaco da tua corte, reservatório de esterco!

- Sim? E quantas vezes a Santa Sé teve de se meter em processos para defender os vossos bens?

- Os bens da Igreja, não os nossos! Nós tínhamos o seu uso!

- O seu uso para comer, para fazer belas igrejas com estátuas de ouro, hipócritas, baixéis de iniquidade, sepulcros caiados, sentinas de vício! Sabeis bem que é a caridade, e não a pobreza, o princípio da vida perfeita!

- Isso disse-o aquele glutão do vosso Tomás?

- Tem cuidado ímpio! Aquele a quem chamas glutão é um santo da Santa Igreja romana!

- Santo das minhas sandálias, canonizado por João para fazer arreliar os franciscanos! O vosso papa não pode fazer santos, porque é um herege! Melhor, é um heresiarca.

- Essa bela proposição já a conhecemos! É a declaração do fantoche da Baviera em Sachsenhausen, preparada pelo vosso Ubertino!

- Vê lá como falas, porco, filho da prostituta de Babilônia e de outras galdérias ainda! Tu sabes que nesse ano Ubertino não estava com o imperador mas estava precisamente em Avinhão, ao serviço do cardeal Orsini, e o papa ia enviá-lo como mensageiro a Aragão!

- Eu sei, eu sei que fazia voto de pobreza à mesa do cardeal, como o faz agora na abadia mais rica da península! Ubertino, se não estavas lá tu, quem sugeriu a Luís o uso dos teus escritos?

- Que culpa tenho eu se Luís lê os meus escritos? Decerto não pode ler os teus, que és um iletrado!

- Eu um iletrado? Era letrado o vosso Francisco, que falava com os patos?

- Blasfemaste! - És tu que blasfemas, fraticello de barrica!

- Eu nunca fiz de barrica, e tu bem sabes!!!

- Fazias sim, com os teus fraticelli, quando te enfiavas na cama com Clara de Montefalco!

- Que Deus te fulmine! Eu era inquisidor nesse tempo, e Clara já tinha expirado em odor de santidade!

- Clara expirava odor de santidade, mas tu aspiravas outro odor quando cantavas matinas às monjas!

- Continua, continua, a ira de Deus atingir-te-á, como atingirá o teu senhor, que deu abrigo a dois hereges como aquele ostrogodo do Eckhart e aquele necromante inglês que chamais Branucerton!

- Veneráveis irmãos, veneráveis irmãos! - gritavam o cardeal Bertrando e o Abade.

QUINTO DIA
TERÇA

Onde Severino fala a Guilherme de um estranho livro e Guilherme fala aos legados de

uma estranha concepção do governo temporal.

A querela continuava ainda furiosa, quando um dos noviços de guarda à porta entrou, passando por aquela confusão como quem atravessa um campo batido pelo granizo, e veio sussurrar a Guilherme que Severino lhe queria falar com urgência. Saímos para o nártex, apinhado de monges curiosos que procuravam apanhar através dos gritos e dos rumores algo do que se passava no interior. Na primeira fila vimos Aymaro de Alexandria, que nos acolheu com o seu habitual esgar de comiseração pela estultícia do mundo universal:

- É certo que, desde que surgiram as ordens mendicantes, a cristandade se tornou mais virtuosa - disse.

Guilherme afastou-o, não sem alguma rudeza, e dirigiu-se para Severino, que nos esperava num canto. Estava ansioso, queria falar-nos de parte, mas não se conseguia encontrar um lugar tranqüilo naquela confusão. Queríamos sair para o ar livre, mas da soleira da sala capitular aparecia Miguel de Cesena, que incitava Guilherme a entrar de novo, porque, dizia, a querela estava a recompor-se, e devia continuar-se a série das intervenções.

Guilherme, dividido entre estes dois sacos de feno, incitou Severino a falar, e o ervanário procurou não se fazer ouvir pelos circunstantes.

- Berengário esteve certamente no hospital antes de ir para os balnea - disse.

- Como sabes?

Alguns monges aproximaram-se, intrigados pela nossa conversa. Severino falou em voz ainda mais baixa, olhando à sua volta.

- Tu tinhas-me dito que aquele homem... devia ter alguma coisa consigo... Bem, encontrei alguma coisa no meu laboratório, confundido com os outros livros... um livro que não é meu, um estranho livro...

- Deve ser esse - disse Guilherme triunfante -, traz-mo imediatamente.

- Não posso - disse Severino -, depois explico-te, descobri... creio que descobri algo de interessante... Tens de vir tu, tenho de te mostrar o livro... com cautela...

Não continuou. Apercebemo-nos que, silencioso como era seu costume, Jorge tinha surgido quase de improviso a nosso lado. Estendia as mãos para a frente como se, não habituado a mover-se naquele lugar, procurasse compreender para onde ia. Uma pessoa normal não teria podido entender os sussurros de Severino, mas tínhamos aprendido há

muito tempo que o ouvido de Jorge, como o de todos os cegos, era particularmente agudo.

O velho pareceu, todavia, não ter ouvido nada. Moveu-se antes numa direção oposta à nossa, tocou num dos monges e perguntou qualquer coisa. Aquele pegou-lhe com delicadeza no braço e conduziu-o para fora. Naquele momento reapareceu Miguel, que de novo solicitou Guilherme, e o meu mestre tomou uma resolução:

- Peco-te - disse a Severino -, volta depressa para de onde vens. Fecha-te por dentro e espera por mim. Tu - disse-me a mim -, segue Jorge. Mesmo que tenha entendido alguma coisa, não creio que se faça conduzir ao hospital. Em todo o caso, vê se me dizes onde vai.

Fez por entrar de novo na sala, e distinguiu (como distingui também eu Aymaro, que abria caminho entre a multidão dos presentes para seguir Jorge, que saía. Aqui, Guilherme cometeu uma imprudência, porque, desta vez em voz alta, de um lado ao outro do nártex, disse a Severino, já na soleira externa:

- Toma cuidado. Não consintas a ninguém que... aqueles papéis... voltem para de onde saíram!

Eu, que me estava preparando para seguir Jorge, vi naquele instante, encostado à grade da porta exterior, o despenseiro, que tinha ouvido as palavras de Guilherme e olhava alternadamente para o meu mestre e para o ervanário, com o rosto contraído de medo. Distingui Severino, que saía para o ar livre, e seguiu-o. Eu, na soleira, temia perder de vista Jorge, que já ia a ser engolido pelo nevoeiro: mas também os outros dois, na direção oposta, iam a desaparecer na caligem. Calculei rapidamente o que devia fazer. Tinham-me ordenado que seguisse o cego, mas porque se temia que fosse para o hospital. Porém, a direção que estava tomando, com o seu acompanhante, era outra, porque estava a atravessar o claustro, direito à igreja, ou ao Edifício. Ao contrário, o despenseiro estava certamente seguindo o ervanário, e Guilherme estava preocupado com o que poderia acontecer no laboratório. Por isso, foi aqueles dois que me pus a seguir, perguntando-me entre outras coisas onde teria ido Aymaro, se acaso não tinha saído por razões bastante diversas das nossas.

Mantendo-me a uma distância razoável, não perdia de vista o despenseiro, o qual estava a abrandar o passo, porque se tinha apercebido que eu o estava seguindo. Não podia compreender se a sombra que lhe ia no encalço era eu, como eu não podia compreender se a sombra cujo encalço ia era ele, mas, como eu não tinha dúvidas sobre ele, ele não tinha dúvidas sobre mim.

Obrigando-o a controlar-me, impedi-o de apertar de perto Severino. Assim, quando a porta do hospital apareceu no nevoeiro, ela já estava fechada. Severino já tinha

entrado, fossem dadas graças ao céu. O despenseiro voltou-se mais uma vez para olhar para mim, que estava agora quedo como uma árvore do horto, depois pareceu tomar uma decisão e meteu para a cozinha. Pareceu-me ter cumprido a minha missão, Severino era um homem de bom senso, proteger-se-ia sozinho sem abrir a ninguém. Não tinha mais nada a fazer e sobretudo ardia de curiosidade para ver aquilo que acontecia na sala capitular. Por isso, decidi voltar para apresentar o meu relatório. Talvez tenha feito mal, devia ter continuado de guarda, e teríamos poupado muitas outras desventuras. Mas isso sei-o agora, não o sabia então.

Quando voltava a entrar, quase esbarrei com Bêncio, que sorria com ar cúmplice:

- Severino encontrou qualquer coisa deixada por Berengário, não foi?

- Que sabes tu disso? - respondi-lhe rudemente, tratando-o como a um coetâneo, em parte pela ira e em parte por causa do seu rosto jovem agora com uma atitude de malícia quase infantil.

- Não sou tolo - respondeu Bêncio. - Severino corre a dizer qualquer coisa a Guilherme, tu controlas que ninguém o siga...

- E tu observas-nos demasiado a nós, e a Severino - disse irritado.

- Eu? Decerto que vos observo. Desde anteontem que não perco de vista nem os balnea nem o hospital. Se pudesse, já lá teria entrado. Daria os olhos da cara para saber que coisa encontrou Berengário na biblioteca.

- Tu queres saber coisas de mais sem ter esse direito!

- Eu sou um estudante e tenho o direito de saber, eu vim dos confins do mundo para conhecer a biblioteca e a biblioteca permanece fechada como se contivesse coisas más e eu...

- Deixa-me ir - disse em tom brusco.

- Deixo-te ir, de qualquer maneira disseste-me aquilo que eu queria.

- Eu?

- Também calando se fala.

- Aconselho-te a não entrares no hospital - disse-lhe.

- Não entro, não entro, está tranqüilo. Mas ninguém me proíbe de olhar de fora.

Não o ouvi mais e voltei a entrar. Aquele curioso, pareceu-me Que não representava um grande perigo. Voltei a encostar-me a Guilherme pu-lo brevemente ao corrente dos fatos. Ele anulou em sinal de aprovação, depois fez-me sinal para me calar. A confusão já estava diminuindo. Os legados de ambas as partes já estavam trocando o beijo da paz. Alborea louvava a fé dos menoritas, Jerônimo exaltava a caridade dos pregadores todos cantavam hinos à esperança de uma Igreja não mais agitada por lutas intestinas. Uns celebrando a fortaleza dos outros, e estes a temperança daqueles, todos invocavam a justiça e apelavam à prudência. Nunca vi tantos homens tão sinceramente empenhados no triunfo das virtudes teológicas e cardinais.

Mas já Bertrando do Poggetto estava convidando Guilherme a exprimir as teses dos teólogos imperiais. Guilherme levantou-se, de má vontade: por um lado estava a ver que o encontro não tinha utilidade nenhuma, por outro tinha pressa de se ir embora, e o livro misterioso importava-lhe mais, naquela altura, que a sorte do encontro. Mas era claro que não podia subtrair-se ao seu dever.

Começou, pois, a falar entre muitos «eh» e «oh», talvez mais que de costume e mais do que devia, como para fazer compreender que estava absolutamente inseguro sobre as coisas que ia dizer, e exordiou afirmando que compreendia muito bem o ponto de vista daqueles que tinham falado antes dele, e que, por outro lado, aquela a que outros chamavam a «doutrina» dos teólogos imperiais não passava de um certo número de observações dispersas que não pretendiam impor-se como verdade de fé.

Disse então que, dada a imensa bondade que Deus tinha manifestado em criar o povo dos seus filhos, amando-os todos sem distinções, desde aquelas páginas do Gênesis em que não se fazia ainda menção de sacerdotes e de reis, considerando ainda que o Senhor tinha dado a Adão e aos seus descendentes o poder sobre as coisas desta terra, contando que obedecessem às leis divinas, era de suspeitar que ao próprio Senhor não era estranha a idéia que nas coisas terrenas o povo seja legislador e primeira causa efetiva da lei. Por povo, disse, seria bom entender a universalidade dos cidadãos, mas, visto que entre os cidadãos se devem considerar também as crianças, os obtusos, os malfeitores e as mulheres, talvez se pudesse aceder de modo razoável a uma definição de povo como a parte melhor dos cidadãos embora ele, de momento, não considerasse oportuno pronunciar-se sobre quem efetivamente pertencia a essa parte.

Tossicou, desculpou-se perante os presentes sugerindo que naquele dia a atmosfera estava indubitavelmente muito úmida, e pôs a hipótese de que a maneira como o povo poderia exprimir a sua vontade podia coincidir com uma assembléia geral eletiva. Disse que lhe parecia sensato que uma tal assembléia pudesse interpretar, mudar ou suspender a lei, porque, se é só um que faz a lei, ele poderia agir mal por ignorância ou por malícia, e acrescentou que não era necessário recordar aos presentes quantos desses casos se tinham dado recentemente. Apercebi-me que os presentes, bastante perplexos

perante as suas palavras precedentes, não podiam senão concordar com estas últimas. Pois que cada um estava evidentemente a pensar numa pessoa diversa, e cada um considerava péssima a pessoa em que pensava.

Bem, continuou Guilherme, se um só pode fazer mal as leis, não será melhor a maioria? Naturalmente, sublinhou, estava a falar-se de leis terrenas, respeitantes ao bom andamento das coisas civis. Deus tinha dito a Adão que não comesse da árvore do bem e do mal, e essa era a lei divina; mas depois tinha-o autorizado, que digo?, encorajado a dar nomes às coisas, e sobre isso tinha deixado livre o seu súdito terrestre. De fato, se bem que alguns, nos nossos dias, digam que *nomina sunt consequentia rerum*, o livro do Gênesis é, aliás, bastante claro sobre este ponto: Deus conduziu ao homem todos os animais para ver como lhes chamaria, e, fosse qual fosse a maneira como o homem tivesse chamado cada ser vivo, esse devia ser o seu nome. E, se bem que o primeiro homem tenha sido certamente tão avisado que chamou, na sua língua edênica, cada coisa e cada animal segundo a sua natureza, isso não impede que ele não exercesse uma espécie de direito soberano ao imaginar o nome que, segundo ele, melhor correspondia àquela natureza. Porque, de fato, sabe-se hoje em dia como são diversos os nomes, que os homens impõem para designar os conceitos, e iguais para todos são só os conceitos, sinais das coisas. De modo que certamente a palavra *nomen* vem de *nomos*, ou melhor, lei, dado que precisamente os *nomina* são dados pelos homens *ad placitum*, isto é, por livre e coletiva convenção.

Os presentes não ousaram contestar esta douda demonstração. Por isso, daí concluiu Guilherme, vê-se bem como a legislação sobre as coisas desta terra, e portanto sobre as coisas das cidades e dos reinos, nada tem a ver com a guarda e a administração da palavra divina, privilégio inalienável da hierarquia eclesiástica. Infelizes, pois, disse Guilherme, os infiéis, que não têm semelhante autoridade que interprete para eles a palavra Divina (e todos tiveram dó dos infiéis). Mas podemos por isto dizer, talvez, que os infiéis não têm tendência para fazer leis e para administrar as suas coisas mediante governos sejam eles, reis, imperadores ou sultões e califas? E podia negar-se que muitos imperadores romanos tinham exercido o poder temporal com sabedoria, que se pensasse em Trajano? E quem deu, a pagãos e a infiéis, essa capacidade natural de legislar e de viver em comunidades políticas? Talvez as suas divindades mentirosas que necessariamente não existem (ou não existem necessariamente, seja como for que se queira entender a negação desta modalidade)? Decerto que não. Não podia senão ter-lhe conferido o Deus dos exércitos, o Deus de Israel, pai de Nosso Senhor Jesus Cristo... Admirável prova da bondade divina, que conferiu a capacidade de julgar sobre as coisas políticas mesmo a quem desconhece a autoridade do pontífice romano e não professa os mesmos sagrados, doces e terríveis mistérios do povo cristão! Mas que mais bela demonstração, se não esta, do fato que o domínio temporal e a jurisdição secular nada têm a ver com a Igreja e com a lei de Jesus Cristo, e foram ordenados por Deus fora de qualquer confirmação eclesiástica e até antes que surgisse a nossa santa religião?

Tossiu de novo, mas não sozinho desta vez. Muitos dos circunstantes agitavam-se nos seus cadeirões e pigarreavam. Vi o cardeal passar a língua pelos lábios e fazer um gesto ansioso mas cortês, para convidar Guilherme a ir ao âmago da questão. E Guilherme afrontou aquelas que então pareciam a todos, mesmo a quem não as partilhava, as conclusões talvez desagradáveis daquele irrefutável discurso. Disse então Guilherme que as suas deduções lhe pareciam sustentadas pelo próprio exemplo de Cristo, o qual não veio a este mundo para mandar mas para se submeter segundo as condições que no mundo encontrava, pelo menos naquilo que se referia às leis de César. Ele não quis que os apóstolos tivessem mando e domínio, e por isso parecia coisa sábia que os sucessores dos apóstolos devessem ser aliviados de qualquer poder mundano e coativo.

Se o pontífice, os bispos e os padres não estivessem submetidos ao poder mundano e coativo do príncipe, a autoridade do príncipe ver-se-ia invalidada, e invalidar-se-ia com isto uma ordem que, como se tinha demonstrado antes, tinha sido disposta por Deus. Devem decerto considerar-se alguns casos muito delicados, disse Guilherme, como o dos hereges, sobre cuja heresia só a Igreja, guardiã da verdade, pode pronunciar-se, e todavia só o braço secular pode agir. Quando a Igreja detecta hereges deverá decerto assinalá-los ao príncipe, que é bom que seja informado das condições dos seus cidadãos. Mas que deverá fazer o príncipe com um herege? Condená-lo em nome da verdade divina de que não é o guarda? O príncipe pode e deve condenar o herege se a sua ação prejudica a convivência de todos, isto é, se o herege afirma a sua heresia matando ou impedindo aqueles que não a partilham. Mas nesse ponto se detém o poder do príncipe, porque ninguém sobre esta terra pode ser obrigado com suplícios a seguir os preceitos do evangelho, senão onde iria parar aquela livre vontade por cujo exercício cada um será depois julgado no outro mundo? A Igreja pode e deve avisar o herege que ele está saindo da comunidade dos fiéis, mas não pode julgá-lo na terra e obrigá-lo contra a sua vontade. Se Cristo quisesse que os seus sacerdotes obtivessem poder coativo, teria estabelecido preceitos precisos, como fez Moisés com a lei antiga. Não o fez. Portanto não o quis. Ou pretende-se sugerir a idéia que ele o queria mas que lhe faltara o tempo ou a capacidade de o dizer, em três anos de pregação? Mas era justo que não o quisesse, porque, se o tivesse querido, então o papa poderia impor a sua vontade ao rei, e o cristianismo já não seria lei de liberdade, mas intolerável escravidão.

Tudo isto, acrescentou Guilherme de rosto risonho, não é uma limitação aos poderes do sumo pontífice mas sim uma exaltação da sua missão: porque o servo dos servos de Deus está sobre esta terra para servir e não para ser servido. E, enfim, seria pelo menos bizarro se o papa tivesse jurisdição sobre as coisas do império e não sobre os outros reinos da terra. Como é sabido, aquilo que o papa diz sobre as coisas divinas vale para os súditos do rei de França como para os do rei de Inglaterra, mas deve valer também para os súditos do Grande Cão ou do sultão dos infiéis, que infiéis são precisamente porque não são fiéis a esta bela verdade. E portanto, se o papa se atribuisse a jurisdição temporal - enquanto papa - apenas sobre as coisas do império, poderia deixar suspeitar que, identificada a jurisdição temporal com a espiritual, por isso mesmo ele não só não

teria jurisdição espiritual sobre os sarracenos ou sobre os tártaros mas nem sequer sobre os franceses ou os ingleses - o que seria uma delituosa blasfêmia. Eis a razão, concluía o meu mestre, por que lhe parecia justo sugerir que a Igreja de Avinhão fazia injúria à humanidade inteira afirmando que lhe competia aprovar ou suspender aquele que tinha sido eleito imperador dos romanos. O papa não tem sobre o império maiores direitos que sobre os outros reinos, e, como não estão sujeitos à aprovação do papa nem o rei de França nem o sultão, não se vê uma boa razão para que deva estar-lhe sujeito o imperador dos alemães e dos italianos. Tal sujeição não é de direito divino, porque as escrituras não falam dela. Não é sancionada pelo direito dos gentios, em virtude das razões acima aduzidas. Quanto às relações com a disputa da pobreza, disse por fim Guilherme, as suas modestas opiniões, elaboradas em forma de afáveis sugestões por ele e por alguns como Marsílio de Pádua e João de Gianduno, levavam às seguintes conclusões: se os franciscanos Queriam permanecer pobres, o imperador não podia nem devia opor-se a um desejo tão virtuoso. Decerto que, se a hipótese da pobreza de Cristo tivesse sido provada, isso não só teria ajudado os menoritas mas teria reforçado a idéia de que Jesus não teria querido para si nenhuma jurisdição terrena. Mas tinha ouvido naquela manhã pessoas bastante sábias afirmar que não se podia provar que Jesus tinha sido pobre. E, daí, parecia-lhe mais conveniente inverter a demonstração. Visto que ninguém tinha afirmado, e teria podido afirmar, que Jesus tinha requerido para si e para os seus alguma jurisdição terrena, este afastamento de Jesus das coisas temporais parecia-lhe um indício suficiente para convidar a pensar sem pecar que Jesus tinha igualmente preferido a pobreza.

Guilherme tinha falado num tom modesto, tinha exprimido as suas certezas de modo tão dubitativo que nenhum dos presentes tinha podido levantar-se para o refutar. Isto não quer dizer que todos estivessem convencidos daquilo que tinha dito. Não só os avinhonenses se agitavam agora de rostos carregados e sussurrando comentários entre si, mas o próprio Abade parecia muito desfavoravelmente impressionado por aquelas palavras, como se pensasse que não era aquele o modo como tinha imaginado as relações entre a sua ordem e o império. E, quanto aos menoritas, Miguel de Cesena estava perplexo, Jerônimo aterrado, Ubertino pensativo.

O silêncio foi quebrado pelo cardeal do Poggetto, sempre sorridente e descontraído, que perguntou com gentileza a Guilherme se iria a Avinhão para dizer aquelas mesmas coisas ao senhor papa. Guilherme perguntou o parecer do cardeal, este disse que o senhor papa tinha ouvido pronunciar muitas opiniões discutíveis ao longo da sua vida, e era um homem amantíssimo para com todos os seus filhos, mas que, seguramente, aquelas proposições o teriam atormentado muito.

Interveio Bernardo Gui, que até então não tinha aberto a boca:

- Eu ficaria muito contente se frade Guilherme, tão hábil e eloqüente a expor as suas idéias, viesse a submetê-las ao juízo do pontífice...

- Acabais de me convencer, senhor Bernardo - disse Guilherme. - Não irei. - Depois, dirigindo-se ao cardeal, em tom de desculpa: - Sabeis, esta fluxão que me está tomando o peito desaconselha-me a empreender uma viagem tão longa nesta estação...

- Mas então porque falastes tão longamente? - perguntou o cardeal.

- Para testemunhar a verdade - disse Guilherme humildemente. - A verdade tornar-nos-á livres.

- Isso não! - explodiu nessa altura João Dalbena. - Aqui não se trata da verdade que nos fará livres, mas da excessiva liberdade que quer tornar-se verdadeira!

- Também isso é possível - admitiu Guilherme com doçura.

Senti por uma súbita intuição que estava para rebentar uma tempestade de corações e de línguas bem mais furiosas que a primeira. Mas nada aconteceu. Enquanto Dalbena falava ainda, o capitão dos archeiros tinha entrado e tinha ido sussurrar qualquer coisa ao ouvido de Bernardo, o qual se levantou de repente e com a mão pediu audiência.

- Irmãos - disse -, pode ser que esta proveitosa discussão possa ser retomada, mas agora um acontecimento de enorme gravidade obriga-nos a suspender os nossos trabalhos, com autorização do Abade. Talvez tenha superado, sem querer, as expectativas do próprio Abade, que esperava descobrir o culpado dos vários delitos dos últimos dias. Esse homem está agora nas minhas mãos. Mas, infelizmente, foi apanhado demasiado tarde, mais uma vez... Alguma coisa sucedeu além... - e indicava vagamente o exterior.

Atravessou rapidamente a sala e saiu, seguido por muitos, Guilherme entre os primeiros e eu com ele.

O meu mestre olhou para mim e disse-me:

- Temo que tenha acontecido alguma coisa a Severino.

QUINTO DIA

SEXTA

Onde se encontra Severino assassinado e já não se encontra o livro que ele tinha encontrado.

Atravessamos a esplanada a passo rápido e cheios de angústia. O capitão dos archeiros conduzia-nos em direção ao hospital, e logo que ali chegamos entrevimos na densa

penumbra umas sombras que se agitavam: eram monges e servos que acorriam, eram archeiros que estavam diante da porta e impediam o acesso.

- Aqueles homens armados foram enviados por mim para procurarem um homem que podia fazer luz sobre tantos mistérios - disse Bernardo.

- O irmão ervanário? - perguntou o Abade estupefato.

- Não, agora vereis - disse Bernardo, abrindo caminho no interior.

Penetramos no laboratório de Severino, e aqui um penoso espetáculo se ofereceu aos nossos olhos. O desventurado ervanário jazia morto num lago de sangue, com a cabeça partida. Em torno, as estantes pareciam ter sido devastadas pela tempestade: ampolas, garrafas, livros, documentos estavam espalhados por todo o lado em grande desordem e ruína. Ao lado do corpo estava uma esfera armilar, pelo menos duas vezes maior que a cabeça de um homem, de metal finamente trabalhado, encimada por uma cruz de ouro e fixada sobre um pequeno tripé decorado. Já outras vezes a tinha notado sobre a mesa à esquerda da entrada.

No outro extremo da sala, dois archeiros seguravam firmemente o despenseiro, que se debatia protestando a sua inocência e que aumentou os seus clamores quando viu entrar o Abade.

- Senhor - gritava -, as aparências são contra mim! Entrei quando Severino já estava morto e encontraram-me quando estava observando sem palavras este massacre!

O chefe dos archeiros aproximou-se de Bernardo, e com sua licença fez-lhe um relatório, diante de todos. Os archeiros tinham recebido ordem para encontrarem o despenseiro e para o prenderem, e há mais de duas horas que o procuravam pela abadia. Devia tratar-se, pensei, da disposição dada por Bernardo antes de entrar no capítulo, e os soldados, estranhos ao lugar, tinham provavelmente conduzido as buscas nos lugares errados, sem se aperceberem que o despenseiro, ignorando ainda o seu destino, estava com outros no nártex; e por outro lado o nevoeiro tinha tornado mais árdua a sua caça. Em todo o caso, pelas palavras do capitão, deduzia-se que, quando Remígio, depois de eu o ter deixado, tinha ido em direção às cozinhas, alguém o tinha visto e tinha avisado os archeiros, os quais tinham chegado ao Edifício quando Remígio se tinha afastado de novo, e há muito pouco, porque estava na cozinha Jorge, que afirmava ter acabado de lhe falar. Os archeiros tinham então explorado o planalto na direção do horto, e aqui, emergindo do nevoeiro como um fantasma, tinham encontrado o velho Alinardo, que quase se tinha perdido. Precisamente Alinardo tinha dito que tinha visto o despenseiro, pouco antes, entrar no hospital. Os archeiros tinham ido até lá, encontrando a porta aberta. Lá dentro, tinham encontrado Severino inanimado e o despenseiro, que, freneticamente, estava revistando no meio das estantes, deitando tudo ao chão, como se

estivesse procurando qualquer coisa. Era fácil compreender o que tinha sucedido, concluía o capitão. Remígio tinha entrado, tinha-se atirado ao ervanário, tinha-o morto, e estava depois procurando aquilo por que tinha matado.

Um archeiro levantou do chão a esfera armilar e estendeu-a a Bernardo. A elegante arquitetura de círculos de cobre e prata, sustentada por uma armação mais robusta de anéis de bronze, empunhada pela haste do tripé, tinha sido vibrada com força sobre o crânio da vítima, de forma que, no impacto, muitos dos círculos mais finos tinham-se quebrado ou esmagado de um lado. E que aquele era o lado que se tinha abatido sobre a cabeça de Severino revelavam-no as marcas de sangue e até os grumos de cabelo e as imundas salpicaduras de matéria cerebral.

Guilherme inclinou-se sobre Severino para verificar a sua morte. Os olhos do infeliz, velados pelo sangue que tinha corrido a jorros da cabeça, estavam arregalados, e perguntei-me se era acaso possível ler na pupila imobilizada, como se consta que aconteceu em outros casos, a imagem do assassino, último vestígio das percepções da vítima. Vi que Guilherme procurava as mãos do morto, para verificar se tinha manchas negras nos dedos, embora naquele caso a causa da morte fosse mais que evidente: mas Severino usava as mesmas luvas de pele com que algumas vezes o tinha visto manipular ervas perigosas, lagartos, insetos desconhecidos.

Entretanto, Bernardo Gui dirigia-se ao despenseiro:

- Remígio de Varagine, é este o teu nome, não é verdade?

Tinha-te mandado procurar pelos meus homens com base noutras acusações e para confirmar outras suspeitas. Agora vejo que tinha agido retamente, se bem que, e por isso me censuro, demasiado tarde. Senhor - disse ao Abade -, considero-me quase responsável por este último crime, porque desde esta manhã sabia que era necessário entregar este homem à justiça, depois de ter escutado as revelações do outro miserável preso esta noite. Mas, como também vós vistes, durante a manhã estive ocupado com outros deveres, e os meus homens fizeram o melhor que puderam...

Enquanto falava, em voz alta para que todos os circunstantes ouvissem (e a sala tinha-se entretanto apinhado, com gente que se enfiava em todos os cantos, olhando para as coisas espalhadas e destruídas, apontando para o cadáver e comentando a meia-voz o grande crime), descobri no meio da pequena multidão Malaquias, que observava sombriamente a cena. Também o descobriu o despenseiro, que precisamente naquele momento ia ser arrastado para fora. Arrancou-se das mãos dos archeiros que o prendiam e atirou-se ao irmão, agarrando-o pelo hábito e falando-lhe breve e desesperadamente cara a cara, enquanto os archeiros não voltaram a prendê-lo. Mas, quando já o levavam com brutalidade, voltou-se ainda para Malaquias gritando-lhe:

- Jura, e eu juro!

Malaquias não respondeu logo, como se procurasse as palavras adequadas. Depois, quando o despenseiro já estava ultrapassando à força o umbral, disse-lhe:

- Não farei nada contra ti.

Guilherme e eu olhamo-nos, perguntando-nos o que significava esta cena. Bernardo também a tinha observado, mas não pareceu perturbado, antes sorriu a Malaquias como para aprovar as suas palavras e selar com ele uma sinistra cumplicidade. Depois anunciou que logo depois da refeição se reuniria no capítulo um primeiro tribunal para instruir publicamente aquele inquérito. E saiu ordenando que conduzissem o despenseiro às forjas, sem o deixar falar com Salvador.

Naquele momento sentimos que Bêncio nos chamava atrás de nós:

- Eu entrei logo depois de vós - disse num sussurro -, quando a sala estava ainda meio vazia, e Malaquias não estava.

- Terá entrado depois - disse Guilherme.

- Não - assegurou Bêncio -, eu estava ao pé da porta, vi quem entrava. Digo-vos, Malaquias já estava dentro... antes.

- Antes de quê?

- Antes de entrar o despenseiro. Não posso jurá-lo, mas creio que saiu daquela cortina, quando já aqui estávamos muitos - e apontou para um amplo cortinado que protegia um leito onde habitualmente Severino punha a repousar quem tinha acabado de sofrer um tratamento.

- Queres insinuar que foi ele quem matou Severino e que se retirou ali atrás quando o despenseiro entrou? - perguntou Guilherme.

- Ou então que ali de trás tenha assistido a quanto aconteceu aqui. Senão, porque é que o despenseiro lhe teria implorado que não o prejudicasse prometendo em troca não o prejudicar a ele?

- É possível - disse Guilherme. - Em todo o caso estava aqui um livro, e deveria ainda estar, porque tanto o despenseiro como Malaquias saíram de mãos vazias.

Guilherme sabia pelo meu relatório que Bêncio sabia: e naquele momento tinha necessidade de ajuda. Aproximou-se do Abade, que observava tristemente o cadáver de Severino, e pediu-lhe que os mandasse sair a todos, porque queria examinar melhor o

lugar. O Abade consentiu e saiu ele também não sem lançar a Guilherme um olhar de cepticismo, como se o censurasse por chegar sempre tarde. Malaquias procurou ficar aduzindo várias razões, de todo vagas: Guilherme fez-lhe observar que ali não era a biblioteca e que naquele lugar não podia alegar direitos. Foi cortês mas inflexível, e vingou-se de quando Malaquias não lhe tinha consentido examinar a mesa de Venancio.

Quando ficamos os três, Guilherme libertou uma das mesas dos cacos e dos papéis que a ocupavam e disse-me que lhe passasse, uns a seguir aos outros, os livros da coleção de Severino. Pequena coleção, comparada à imensa do labirinto, mas tratava-se mesmo assim de dezenas e dezenas de volumes, de vários tamanhos, que primeiro estavam em boa ordem nas estantes e agora jaziam por terra em desordem, entre vários outros objetos, e já baralhados pelas mãos febris do despenseiro, alguns até rasgados, como se ele não procurasse um livro mas algo que devia estar entre as páginas de um livro. Alguns tinham sido despedaçados com violência, separados da sua encadernação. Apanhá-los, examinar rapidamente a sua natureza e repô-los numa pilha sobre a mesa não foi empresa fácil, e feita à pressa, porque o Abade tinha-nos concedido pouco tempo, dado que, depois, deviam entrar os monges para recomporem o corpo martirizado de Severino e para o prepararem para a sepultura. E tratava-se ainda de andar à procura por todo o lado debaixo das mesas, atrás das estantes e dos armários, se alguma coisa tivesse escapado a uma primeira inspeção. Guilherme não quis que Bêncio me ajudasse e consentiu-lhe apenas que ficasse de guarda à porta. Malgrado as ordens do Abade, muitos insistiam em entrar, servos aterrados pela notícia, monges chorando o seu irmão, noviços que chegavam com lençóis brancos e bacias de água para lavar e envolver o cadáver...

Devia, pois, proceder-se depressa. Eu agarrava nos livros, estendia-os a Guilherme, que os examinava e os punha sobre a mesa. Depois demo-nos conta que o trabalho era longo e procedemos em conjunto, isto é, eu apanhava um livro, recompunha-o se estava descomposto, lia-lhe o título, pousava-o. E em muitos casos tratava-se de folhas dispersas.

- De plantis libri tres, maldição, não é este - dizia Guilherme, e atirava o livro para a mesa.

- Thesaurus herbarum - dizia eu.

E Guilherme:

- Deixa lá esse, procuramos um livro grego!

- Este? - perguntava eu, mostrando-lhe uma obra de páginas cobertas de caracteres abstrusos.

E Guilherme:

- Não, este é árabe, tolo! Tinha razão Bacon quando dizia que o primeiro dever do sábio é estudar as línguas!

- Mas árabe, nem sequer vós sabeis! - rebatia eu, picado.

Ao que Guilherme respondia:

- Mas ao menos compreendo quando é árabe!

E eu corava, porque ouvia Bêncio a rir atrás de mim.

Os livros eram muitos, e muitos mais os apontamentos, os rolos com desenhos da esfera celeste, os catálogos de plantas estranhas, manuscritos provavelmente pelo defunto em folhas soltas. Trabalhamos muito tempo, exploramos o laboratório por todo o lado, Guilherme chegou até, com grande frieza, a desviar o cadáver, para ver se não havia qualquer coisa debaixo, e revistou-lhe o hábito. Nada.

- É indispensável - disse Guilherme. - Severino fechou-se aqui dentro com um livro. O despenseiro não o tinha...

- Não o terá acaso escondido no hábito? - perguntei.

- Não, o livro que vi na manhã passada debaixo da mesa de Venancio era grande, teríamos dado conta.

- Como estava encadernado? - perguntei.

- Não sei. Estava aberto e vi-o só por poucos segundos, o suficiente para me dar conta que era em grego, mas não me recordo de mais nada. Continuemos: o despenseiro não o levou, e Malaquias também não, creio.

- Evidentemente que não - confirmou Bêncio -, quando o despenseiro o agarrou pelo peito viu-se que não podia tê-lo debaixo do escapulário.

- Bem. Isto é, mal. Se o livro não está nesta sala, é evidente que mais alguém, além de Malaquias e do despenseiro, tinha entrado antes.

- Isto é, uma terceira pessoa que matou Severino?

- Gente de mais - disse Guilherme.

- Por outro lado - disse -, quem podia saber que o livro estava aqui?

- Jorge, por exemplo, se nos ouviu.

- Sim - disse -, mas Jorge não poderia ter morto um homem robusto como Severino, e com tanta violência.

- Certamente que não. Além disso, tu viste-o dirigir-se para o Edifício, e os archeiros encontraram-no na cozinha pouco antes de encontrarem o despenseiro. Portanto, não teria tido tempo de vir para aqui e depois de voltar para a cozinha. Calcula que, embora se mova com desenvoltura, tem todavia de avançar costeando as paredes, e não teria podido atravessar o horto e a correr...

- Deixai-me raciocinar com a minha cabeça - disse, eu que já tinha a ambição de emular o meu mestre. - Portanto, não pode ter sido Jorge. Alinardo andava nas proximidades, mas também ele se segura com dificuldade nas pernas, e não pode ter dominado Severino. O despenseiro esteve aqui, mas o tempo decorrido entre a sua saída das cozinhas e a chegada dos archeiros foi tão breve que me parece difícil que tenha podido conseguir que Severino lhe abrisse a porta, enfrentá-lo, matá-lo e depois arranjar todo este pandemônio. Malaquias podia ter precedido todos os outros: Jorge ouviu-nos no nártex, foi ao scriptorium informar Malaquias que um livro da biblioteca estava com Severino. Malaquias vem para aqui, convence Severino a abri-lhe a porta, mata-o, sabe Deus porquê. Mas, se procurava o livro, deveria tê-lo reconhecido sem revistar desta maneira porque é ele o bibliotecário! Então, quem resta?

- Bêncio - disse Guilherme.

Bêncio negou vigorosamente sacudindo a cabeça:

- Não, frade Guilherme, vós sabeis que ardia de curiosidade. Mas se tivesse entrado aqui e tivesse podido sair com o livro, agora não estaria a fazer-vos companhia, mas em qualquer outro lado a examinar o meu tesouro...

- Uma prova quase convincente - sorriu Guilherme. - Porém, também tu não sabes como é o livro. Poderias ter matado e agora estarias aqui a procurar identificá-lo.

Bêncio corou violentamente:

- Eu não sou um assassino! - protestou.

- Ninguém o é, antes de cometer o primeiro delito - disse filosoficamente Guilherme. - Em todo o caso o livro não está aqui, e esta é uma prova suficiente do fato de que tu não o deixaste aqui. E parece-me razoável que, se o tivesses apanhado antes, te terias

escapulido para fora durante a confusão. - Depois voltou-se para considerar o cadáver. Pareceu que só então se dava conta da morte do seu amigo. - Pobre Severino - disse -, também tinha suspeitado de ti e dos teus venenos. E tu esperavas a insídia de um veneno, senão não terias calçado estas luvas. Temias um perigo da terra e afinal chegou-te da esfera celeste... - Voltou a pegar na esfera, observando-a com atenção. - Quem sabe porque usaram precisamente esta arma...

- Estava ao alcance da mão.

- Pode ser. Também havia outras coisas, vasos, instrumentos de jardineiro... É um belo exemplar de arte dos metais e de ciência astronômica. Estragou-se e... Santo Deus! - exclamou.

- O que é?

- E foi atingida a terça parte do Sol e a terça parte da Lua e a terça parte das estrelas... - recitou.

Eu conhecia bem de mais o texto do apóstolo João:

- A quarta trombeta! - exclamei.

- De fato. Primeiro o granizo, depois o sangue, depois a água, e agora as estrelas... Se é assim, tudo tem de ser revisto, o assassino não agiu ao acaso, seguiu um plano... Mas será acaso possível imaginar uma mente tão malvada que mata só quando pode fazê-lo seguindo os ditames do livro do Apocalipse?

- Que acontecerá com a quinta trombeta? - perguntei aterrado. Procurei recordar-me: - E viu um astro caído do céu sobre a terra e a ele foi dada a chave do poço do abismo... Morrerá alguém afogado no poço?

- A quinta trombeta promete-nos muitas outras coisas - disse Guilherme. - Do poço sairá o fumo de uma fornalha, depois sairão gafanhotos que atormentarão os homens com um aguilhão semelhante ao dos escorpiões. E a forma dos gafanhotos será semelhante à dos cavalos com coroas de ouro na cabeça e dentes de leão... O nosso homem teria à disposição vários meios para realizar as palavras do livro... Mas não corramos atrás de fantasias. Procuremos antes recordar o que nos disse Severino quando nos anunciou que tinha encontrado o livro...

- Vós disseste-lhes que vo-lo trouxesse, e ele disse que não podia...

- De fato, depois fomos interrompidos. Porque é que não podia? Um livro pode transportar-se. E porque é que pôs as luvas? Há qualquer coisa na encadernação do livro

relacionada com o veneno que matou Berengário e Venancio? Uma insídia misteriosa, uma ponta infectada...

- Uma serpente! - disse.

- Porque não uma baleia? Não, estamos ainda a fantasiar. O veneno vimo-lo, deveria passar pela boca. Depois, não é que Severino tenha dito que não podia transportar o livro, disse que preferia mostrar-mo aqui. E pôs as luvas... De momento, sabemos que naquele livro se toca com luvas. E isto é válido também para ti Bêncio, se o encontrares como esperas. E, visto que és tão serviçal, podes ajudar-me. Volta para o scriptorium e mantém Malaquias debaixo de olho. Não o percas de vista.

- Assim se fará! - disse Bêncio, e saiu, contente pareceu-nos, com a missão.

Não pudemos reter mais tempo os outros monges, e a sala foi invadida de gente. Já tinha passado a hora do almoço e, provavelmente, Bernardo já estava reunindo no capítulo a sua corte.

- Aqui não há mais nada a fazer - disse Guilherme.

Uma idéia atravessou-me a mente:

- O assassino - disse não podia ter lançado o livro pela janela para depois ir buscá-lo atrás do hospital?

Guilherme olhou com cepticismo para as grandes janelas do laboratório, que pareciam hermeticamente fechadas.

- Tentaremos verificar - disse ele.

Sáímos e inspecionamos o lado posterior da construção, que estava quase encostado ao muro da cerca, deixando apenas uma estreita passagem. Guilherme avançou com cautela, porque naquele espaço a neve dos últimos dias tinha-se conservado intacta. Os nossos passos imprimiam sobre a crosta gelada, mas frágil, sinais evidentes, e, portando se alguém tivesse passado antes de nós, a neve ter-no-lo-ia assinalado. Não vimos nada.

Abandonamos com o hospital a minha pobre hipótese, e, enquanto atravessávamos o horto, perguntei a Guilherme se confiava verdadeiramente em Bêncio.

- Não completamente - disse Guilherme -, mas em todo o caso não lhe dissemos nada que ele não soubesse já, e inspiramos-lhe medo do livro. Finalmente, fazendo-o vigiar Malaquias fazemos com que o vigie também a ele Malaquias, o qual está evidentemente procurando o livro por sua conta.

- E o despenseiro que queria?

- Em breve o saberemos. Decerto queria qualquer coisa, e queria-a imediatamente, para evitar um perigo que o aterrorizava. Essa qualquer coisa deve ser do conhecimento de Malaquias, senão não explicaríamos a invocação desesperada que Remígio lhe dirigiu...

- De qualquer modo, o livro desapareceu...

- Esta é a coisa mais inverossímil - disse Guilherme quando já estávamos a chegar ao capítulo. - Se lá estava, e Severino disse que estava, ou o levaram ou ainda lá está.

- E como lá não está, alguém o levou - conclui.

- Não quer dizer que o raciocínio não seja feito partindo de outra premissa menor. Como tudo confirma que ninguém pode tê-lo levado...

- Então devia ainda lá estar. Mas não está.

- Um momento. Nós dizemos que não estava porque não o encontramos. Mas talvez não o tenhamos encontrado porque não o vimos onde ele estava.

- Mas olhamos por toda a parte!

- Olhamos e não vimos. Ou, então, vimos mas não reconhecemos... Adso, como é que Severino nos descreveu aquele livro, que palavras usou?

- Disse que tinha encontrado um livro que não era dos seus, em grego...

- Não. Agora me recordo. Disse um estranho livro. Severino era uma pessoa culta, e para pessoa culta um livro em grego não é estranho, ainda que essa pessoa não saiba grego, porque, pelo menos, reconheceria o alfabeto. E uma pessoa culta não definiria como estranho nem sequer um livro árabe, ainda que não conheça o alfabeto... - Interrompeu-se. - E que fazia um livro árabe no laboratório de Severino?

- Mas porque é que havia de definir como estranho um livro árabe?

- Esse é o problema. Se o definiu como estranho é porque tinha um aspecto insólito, insólito pelo menos para ele, que era ervanário e não bibliotecário... E nas bibliotecas acontece que muitos manuscritos antigos são por vezes encadernados em conjunto, reunindo num volume textos diversos e curiosos, um em grego, outro em aramaico...

- ... e outro em árabe! - gritei, fulminado por aquela iluminação.

Guilherme arrastou-me brutalmente para fora do nártex, fazendo-me correr para o hospital:

- Besta de teutão, nabo, ignorante, olhaste só para as primeiras páginas e não para o resto!

-Mas, mestre - ofegava -, fostes vós que olhastes para as páginas que vos mostrei e dissestes que era árabe e não grego!

- É verdade, Adso, é verdade, sou eu a besta, corre depressa!

Voltamos ao laboratório e tivemos dificuldade em lá entrar, porque os noviços estavam já transportando para fora o cadáver. Outros curiosos andavam pela sala. Guilherme precipitou-se sobre a mesa, levantou os volumes procurando o fatídico, ia-os atirando para o chão sob os olhos espantados dos circunstantes, depois abriu-os e reabriu-os todos duas vezes. Infelizmente, o manuscrito árabe já lá não estava. Recordava-me vagamente da velha capa, que não era robusta, bastante gasta, com finas bandas metálicas.

- Quem é que entrou aqui depois de eu ter saído? - perguntou Guilherme a um monge.

Este encolheu os ombros, era claro que tinham entrado todos e ninguém.

Procuramos considerar as possibilidades. Malaquias? Era verossímil, sabia o que queria, tinha-nos talvez vigiado, tinha-nos visto sair sem nada na mão, havia voltado com toda a segurança. Bêncio? Recordei que, quando se dera a altercação sobre o texto árabe, ele se tinha rido. Então, tinha julgado que se ria da minha ignorância, mas talvez se risse da ingenuidade de Guilherme, ele sabia bem de quantas maneiras se pode apresentar um velho manuscrito, talvez tivesse pensado naquilo que nós não tínhamos pensado logo, e que deveríamos ter pensado, isto é, que Severino não sabia árabe e que, portanto, era singular que conservasse entre os seus um livro que não podia ler. Ou, então, havia um terceiro personagem?

Guilherme estava profundamente humilhado. Procurava consolá-lo, dizia-lhe que ele estava procurando há três dias um texto em grego e que era natural que tivesse apartado no curso do seu exame todos os livros que não apareciam em grego. E ele respondia que é certamente humano cometer erros, porém existem seres humanos que cometem mais que os outros, e são chamados estultos, e ele estava entre esses, e perguntava-se se tinha valido a pena estudar em Paris e em Oxford para ser incapaz de pensar que os manuscritos também se encadernam em grupos, coisa que até os noviços sabem, mesmo os estúpidos como eu, e um par de estúpidos como nós dois teria um rico êxito nas

feiras, e era isso que devíamos fazer e não procurar resolver os mistérios, especialmente quando tínhamos diante gente muito mais astuta que nós.

- Mas é inútil chorar - concluiu depois. - Se o levou Malaquias, já o voltou a pôr na biblioteca. E só o encontraríamos se soubéssemos entrar no finis Africae. Se o levou Bêncio, terá imaginado que, mais tarde ou mais cedo, eu teria a suspeita que tive e voltaria ao laboratório, senão não teria agido tão depressa. E portanto ter-se-á escondido, e o único ponto onde decerto não se escondeu é aquele em que nós o procuraríamos imediatamente, isto é, a sua cela. Por isso voltemos ao capítulo e vejamos se durante a instrução o despenseiro dirá alguma coisa de útil. Porque, no fim de contas, não tenho ainda muito claro o plano de Bernardo, ele que procurava o seu homem antes da morte de Severino, e com outros fins.

Voltamos ao capítulo. Teríamos feito bem em ir à cela de Bêncio, porque como depois soubemos, o nosso jovem amigo não tinha realmente em tão grande estima Guilherme e não tinha pensado que voltasse tão depressa ao laboratório; por isso, julgando não ser procurado daquele lado, tinha precisamente ido esconder o livro na sua cela.

Mas sobre isto falarei depois. Entretanto aconteceram fatos tão dramáticos e inquietantes que nos fizeram esquecer o livro misterioso. E, se todavia o não esquecemos, fomos tomados por outras tarefas urgentes, relacionadas com a missão de que Guilherme continuava, apesar de tudo, encarregado.

QUINTO DIA NONA

Onde se administra a justiça e se tem a estranha impressão de que todos estão errados.

Bernardo Gui colocou-se ao centro da grande mesa de nogueira na sala do capítulo. Junto dela, um dominicano desempenhava as funções de tabelião, e dois prelados da delegação pontifícia estavam a seu lado como juízes. O despenseiro estava de pé diante da mesa, entre dois archeiros.

O Abade dirigiu-se a Guilherme, sussurrando-lhe:

- Não sei se o processo é legítimo. O concílio de Latrão de mil duzentos e quinze sancionou no seu canone trinta e sete que não se pode citar ninguém a comparecer diante de juízes que exerçam a mais de dois dias de marcha do seu domicílio. Aqui, a situação é talvez diversa, é o juiz que vem de longe, mas...

- O inquisidor está isento de qualquer jurisdição regular - disse Guilherme - e não tem de sentir as normas do direito comum. Goza de privilégio especial e não é sequer

obrigado a escutar os advogados.

Olhei para o despenseiro. Remígio estava reduzido a um estado miserável. Olhava à sua volta como um animal amedrontado, como se reconhecesse os movimentos e os gestos de uma temida liturgia. Agora sei que temia por duas razões, igualmente medonhas: uma porque tinha sido apanhado, como tudo parecia indicar, em flagrante delito, outra porque, desde o dia anterior, quando Bernardo tinha iniciado o seu inquérito, recolhendo murmúrios e insinuações, ele temia que viessem à luz os seus erros passados; e havia começado a agitar-se ainda mais quando tinha visto prender Salvador.

Se o desventurado Remígio era presa dos seus próprios terrores, Bernardo Gui conhecia por seu lado os modos de transformar em pânico o medo das suas vítimas. Ele não falava. Enquanto já todos esperavam que desse início ao interrogatório, mantinha as mãos sobre os papéis que tinha diante, fingindo ordená-los, mas distraidamente. O seu olhar estava na verdade postado sobre o acusado, e era um olhar misto de hipócrita indulgência (como a dizer: «Não temas, estás nas mãos de uma assembléia fraterna, que só pode querer o teu bem.»), de gélida ironia (como a dizer: «Não sabeis ainda qual é o teu bem, e eu daqui a pouco to direi.»), de impiedosa severidade (como a dizer: «Mas, em todo o caso, o teu único juiz aqui sou eu, e tu és coisa minha.») Tudo coisas que o despenseiro já sabia, mas o silêncio e a demora do juiz serviam para lho fazer recordar, quase saborear melhor, a fim de que - em vez de se esquecer - ele cada vez mais daí tirasse motivo de humilhação, a sua inquietação se transformasse em desespero e do juiz se tornasse coisa exclusiva, cera mole entre as suas mãos.

Finalmente, Bernardo rompeu o silêncio. Pronunciou algumas fórmulas rituais, e disse aos juizes que se procederia ao interrogatório do imputado por dois delitos igualmente odiosos, dos quais um era a todos evidente, mas não menos desprezível que o outro, porque, com efeito, o imputado tinha sido surpreendido a cometer o homicídio quando era procurado por delito de heresia.

Tinha-o dito. O despenseiro escondeu o rosto entre as mãos, que movia com dificuldade porque estavam apertadas em correntes. Bernardo deu início ao interrogatório.

- Quem és tu? - perguntou.

- Remígio de Varagine. Nasci há cinqüenta e dois anos e entrei ainda criança no convento dos menorigas de Varagine.

- E como é que acontece que te encontres hoje na ordem de São Bento?

- Há anos, quando o pontífice emitiu a bula Sancta Romana, como temia ser contagiado pela heresia dos fraticelli... embora nunca tenha aderido às suas

proposições... pensei que era mais útil à minha alma pecadora subtrair-me a um ambiente carregado de seduções e consegui ser admitido entre os monges desta abadia, onde há mais de oito anos sirvo como despenseiro.

- Subtraíste-te às seduções da heresia - ironizou Bernardo - ou melhor, subtraíste-te ao inquérito de quem estava designado para descobrir a heresia e arrancar-lhe a planta má, e os bons monges clunícenses julgaram cumprir um ato de caridade acolhendo-te a ti e a outros como tu. Mas não basta mudar de saio para apagar da alma a torpeza da depravação herética, e por isso nós estamos agora aqui para investigar o que se move pelos recessos da tua alma impenitente e o que fizeste antes de chegar a este santo lugar.

- A minha alma está inocente e não sei que coisa entendeis quando falais de depravação herética - disse cautelosamente o despenseiro.

- Vedes? - exclamou Bernardo, dirigindo-se aos outros juízes. - São todos assim! Quando um deles é preso, apresenta-se a juízo como se a sua consciência estivesse tranqüila e sem remorsos. E não sabem que este é o sinal mais evidente da sua culpa, porque o justo, no processo, apresenta-se inquieto! Perguntai-lhe se conhece a causa pela qual eu tinha predisposto a sua prisão. Conhece-la, Remígio?

- Senhor - respondeu o despenseiro -, ficaria contente em ouvi-la da vossa boca.

Fiquei surpreendido, porque me pareceu que o despenseiro respondia às perguntas de rito com palavras igualmente rituais, como se conhecesse bem as regras da instrução e as suas armadilhas e há muito tempo tivesse sido instruído para enfrentar um evento semelhante.

- Aí está - exclamava entretanto Bernardo -, a típica resposta do herege impenitente! Percorrem veredas de raposas e é muito difícil apanhá-los em falta, porque a sua comunidade admite o seu direito a mentir para evitarem a devida punição. Eles recorrem a respostas tortuosas tentando fazer cair em engano o inquisidor, que já tem de suportar o contato com gente tão desprezível. Portanto, frei Remígio, tu nunca tiveste nada a ver com os chamados fraticelli, ou frades da pobre vida, ou beguinos?

- Eu vivi as vicissitudes dos frades menores, quando longamente se discutiu sobre a pobreza, mas nunca pertenci à seita dos beguinos.

- Vedes? - disse Bernardo. - Nega que foi beguino, porque os beguinos, embora participando da mesma heresia que os fraticelli, consideram estes últimos um ramo seco da ordem franciscana e julgam-se mais puros e perfeitos que eles. Mas muitos dos comportamentos de uns são comuns aos outros. Podes negar, Remígio, ter sido visto na igreja encolhido com o rosto voltado para a parede, ou prostrado com a cabeça coberta

pelo capucho, em vez de ajoelhado de mãos postas como os outros homens?

- Também na ordem de São Bento nos prostramos por terra, nos momentos devidos...

- Eu não te pergunto o que fizeste nos momentos devidos, mas nos não devidos! Portanto, não negas ter adotado uma ou outra posição, típica dos beguinos! Mas tu não és beguino, disseste... E então diz-me: em que crês?

- Senhor, creio em tudo aquilo em que crê um bom cristão...

- Que santa resposta! E em que crê um bom cristão?

- Naquilo que ensina a Santa Igreja.

- E qual Santa Igreja? Aquela que é considerada como tal pelos crentes que se definem perfeitos, os pseudo-apóstolos, os fraticelli heréticos, ou a Igreja que eles comparam à meretriz de Babilônia e em que todos nós, pelo contrário, firmemente acreditamos?

- Senhor - disse, perdido, o despenseiro -, dissei-me vós qual acreditais que é a verdadeira Igreja...

- Eu creio que é a Igreja romana, una, santa e apostólica, dirigida pelo papa e pelos seus bispos.

- Assim eu o creio - disse o despenseiro.

- Admirável astúcia! - gritou o inquisidor. - Admirável argúcia de dicto! Ouviste-lo: ele quer dizer que ele crê que eu creio nesta Igreja e subtrai-se ao dever de dizer em que é que crê ele! Mas conhecemos bem estas artes de fuinha! Vamos à questão. Crês tu que os sacramentos foram instituídos por Nosso Senhor, que para fazer uma reta penitência é necessário confessar-se aos servos de Deus, que a Igreja romana tem o poder de desligar e ligar sobre esta terra aquilo que será ligado e desligado no céu?

- Não deveria acaso crer nisso?

- Não te pergunto em que deverias crer, mas em que crês!

- Eu creio em tudo o que vós e os outros bons doutores me ordenais que creia - disse o despenseiro, assustado.

- Ah! Mas os bons doutores a que fazes alusão não são acaso aqueles que comandam a tua seita? É isto que querias dizer quando falavas dos bons doutores? É a estes perversos mentirosos que se consideram os únicos sucessores dos apóstolos que te referes para

reconhecer os teus artigos de fé? Tu insinuas que, se eu creio naquilo em que eles crêem, então acreditarás em mim, senão acreditarás só neles?

- Eu não disse isso, senhor - balbuciou o despenseiro -, sois vós que mo fazeis dizer. Eu creio em vós, se vós me ensinais aquilo que é bem.

- Oh, arrogância! - gritou Bernardo, batendo com o punho na mesa. - Repetes de cor com torva determinação o formulário que se ensina na tua seita. Tu dizes que acreditarás em mim só se pregar aquilo que a tua seita considera o que é o bem. Assim respondes tu agora, talvez sem te aperceberes, porque reaflorem aos teus lábios as frases que um dia reensinaram para enganar os inquisidores. E é assim que te estás acusando com as tuas próprias palavras, e eu só cairia na tua armadilha se não tivesse uma longa experiência de inquisição... Mas vamos à verdadeira questão, homem perverso. Alguma vez ouvistes falar de Geraldo Segalelli de Parma?

- Ouvi falar dele - disse o despenseiro, empalidecendo, se acaso se pudesse ainda falar de palidez para aquele rosto desfeito.

- Alguma vez ouviste falar de frei Dolcino de Novara?

- Ouvi falar dele.

- Alguma vez o viste pessoalmente, conversaste com ele?

O despenseiro ficou uns instantes em silêncio, como para avaliar até que ponto lhe convinha dizer uma parte da verdade. Depois decidiu-se, e com um fio de voz:

- Vi-o e falei com ele.

-Mais alto! - gritou Bernardo -, que finalmente se possa ouvir uma palavra verdadeira sair dos teus lábios! Quando é que falaste com ele?

- Senhor - disse o despenseiro -, eu era frade num convento de província de Novara quando as gentes de Dolcino se juntaram naquelas paragens, e passaram também perto do meu convento, e a princípio não se sabia quem eram...

- Tu mentes! Como podia um franciscano de Varagine estar num convento da província de Novara? Tu não estavas no convento, tu já fazias parte de um bando de fraticelli que percorria aquelas terras vivendo de esmolas e juntaste-te aos dolcinianos!

- Como podeis afirmar isso, senhor? - disse, tremendo, o despenseiro.

- Dir-te-ei como posso, melhor, devo afirma-lo - disse Bernardo, e ordenou que

fizessem entrar Salvador.

A vista do desgraçado, que certamente tinha passado a noite num interrogatório não público e mais severo, encheu-me de piedade. O rosto de Salvador, já o disse, era habitual ente horrível. Mas naquela manhã parecia ainda mais semelhante ao de um animal. Não apresentava sinais de violência, mas o modo como o corpo se movia, acorrentado, com os membros deslocados, quase incapaz de se mover, arrastado pelos arceiros como um macaco atado à corda, patenteavam muito bem o modo como devia ter-se desenrolado o seu atroz responso.

- Bernardo torturou-o... - sussurrei a Guilherme.

- Que idéia - respondeu - Um inquisidor nunca tortura. O cuidado do corpo do imputado é confiado sempre ao braço secular.

- Mas é a mesma coisa! - disse eu.

- De modo nenhum. Não o é para o inquisidor, querem as mãos limpas, e não o é para o inquirido, que, quando vem o inquisidor, acha nele um inesperado apoio, um lenitivo para as suas penas, e abre-lhe o coração.

Olhei para o meu mestre:

- Vós estais brincando - disse assombrado.

- Parecem-te coisas sobre as quais se brinque? - respondeu Guilherme.

Bernardo estava agora interrogando Salvador, e a minha pena não consegue transcrever as palavras entrecortadas e, se acaso fosse possível, ainda mais babélicas com que aquele homem já diminuído, agora reduzido à categoria de um babuíno, respondia, compreendido com dificuldade por todos, ajudado por Bernardo, que lhe punha os quesitos de modo que ele não pudesse responder senão que sim ou não, incapaz de qualquer mentira. E o que disse Salvador pode bem o meu leitor imaginar. Contou, ou admitiu ter contado durante a noite, uma parte daquela história que eu já tinha reconstruído: as suas vagabundagens como fraticello, pastorello ou pseudo-apóstolo; e como nos tempos de frei Dolcino, ele tinha encontrado Remígio entre os dolcinianos e com ele se tinha salvado após a batalha de monte Rebello, refugiando-se depois de várias vicissitudes no convento de Casale. Além disso, acrescentou que o heresiarca Dolcino, próximo da derrota e da captura, tinha confiado a Remígio algumas cartas, para levar não sabia ele onde ou a quem. E Remígio tinha sempre trazido consigo aquelas cartas, sem ousar expedi-las, e à sua chegada à abadia, temeroso de as conservar ainda consigo mas não querendo destruí-las, tinha-as entregado ao bibliotecário, sim, a Malaquias precisamente, para que as escondesse em qualquer parte nos recessos do Edifício.

Enquanto Salvador falava, o despenseiro olhava-o com ódio, e a certa altura não pôde conter-se que não lhe gritasse:

-Serpente, macaco lascivo, fui teu pai, amigo, escudo, assim me pagas.

Salvador olhou para o seu protetor, agora necessitado de proteção, e respondeu a custo:

- Senhor Remígio, pudesse eu e seria teu. E eras-me diletíssimo. Mas tu conheces a família do alcaide. Qui non habet caballum vadat cum pede...

- Louco! -gritou-lhe ainda Remígio. - Esperas salvar-te? Não sabes que morrerás como um herege tu também? Diz que falaste sob tortura, diz que inventaste tudo!

- Que sei eu, senhor, que nome têm todas estas risias... Paterinos, gazesos, leonistas, arnaldistas, esperonistos, circuncisos... Eu não sou homo literatus, peccavi sine malitia, e o senhor Bernardo magnificentíssimo el sabe, et ispero na indulgentia sua indulgência sua in nomine patre et filio et spiritis sanctis...

- Seremos indulgentes quanto nos for concedido pelo nosso ofício - disse o inquisidor - e apreciaremos com paternal benevolência a boa vontade com que nos abristes o teu espírito. Vai, vai, volta para a tua cela a meditar e espera na misericórdia do Senhor. Agora temos de debater uma questão de alcance bem diverso. Portanto, Remígio, tu trazias contigo cartas de Dolcino e deste-as ao teu irmão que cuida da biblioteca.

- Não é verdade, não é verdade! - gritou o despenseiro, como se aquela defesa tivesse ainda alguma eficácia. E justamente Bernardo interrompeu-o:

- Mas não é de ti que nos serve uma confirmação, mas sim de Malaquias de Hildesheim.

Mandou chamar o bibliotecário, que não estava entre os presentes. Eu sabia que estava no scriptorium, ou em torno do hospital, à procura de Bêncio e do livro. Foram procurá-lo, e quando apareceu, perturbado e procurando não olhar ninguém de frente, Guilherme murmurou desapontado:

- E agora Bêncio poderá fazer o que quiser.

Mas enganava-se, porque vi o vulto de Bêncio despontar acima dos ombros de outros monges, que se apinhavam às portas da sala para seguirem o interrogatório. Apontei-o a Guilherme. Pensamos então que a curiosidade por aquele evento era ainda mais forte que a sua curiosidade pelo livro. Soubemos depois que, naquela altura, já ele tinha

concluído um seu ignóbil mercado.

Malaquias apareceu portanto diante dos juízes, sem nunca cruzar o seu olhar com o do despenseiro.

- Malaquias - disse Bernardo -, esta manhã, depois da confissão feita esta noite por Salvador, perguntei-vos se tínheis recebido do imputado aqui presente umas cartas...

- Malaquias! - bradou o despenseiro -, há pouco juraste-me que não farás nada contra mim!

Malaquias voltou-se apenas para o imputado, colocado atrás dele, e disse em voz tão baixa que quase não o ouvia:

- Não cometi perjuro. Se podia fazer alguma coisa contra ti já o fizera. As cartas tinham sido entregues ao senhor Bernardo esta manhã, antes de tu matares Severino...

- Mas tu sabes, tu deves saber que eu não matei Severino! Tu sabe-lo porque já lá estavas!

- Eu? - perguntou Malaquias. - Eu entrei ali depois de te terem descoberto.

- E, mesmo assim - interrompeu Bernardo-, que procuravas tu junto de Severino, Remígio?

O despenseiro voltou-se para olhar para Guilherme com olhos desvairados, depois olhou para Malaquias, depois ainda para Bernardo:

- Mas eu... eu ouvi esta manhã frade Guilherme aqui presente dizer a Severino que guardasse certos papéis... eu desde ontem à noite, depois da captura de Salvador, temia que se falasse daquelas cartas...

- Então tu sabes alguma coisa dessas cartas! - exclamou triunfantemente Bernardo.

O despenseiro já estava na armadilha. Encontrava-se apertado entre duas urgências, desculpar-se da acusação de heresia e afastar de si a suspeita de homicídio. Resolveu provavelmente enfrentar a segunda acusação, por instinto, porque agora agia sem regra e sem conselho:

- Falarei das cartas depois... justificarei... direi como cheguei à sua posse... Mas deixai que explique o que aconteceu esta manhã. Eu pensava que se falaria dessas cartas, quando vi Salvador cair nas mãos do senhor Bernardo, há anos que a memória dessas cartas me atormenta o coração... Então, quando ouvi Guilherme e Severino

falarem de alguns papéis... não sei, preso pelo medo, pensei que Malaquias se tinha desembaraçado delas e as tivesse dado a Severino... queria destruí-las, e por isso fui ter com Severino... a porta estava aberta e Severino estava já morto, pus-me a rebuscar entre as suas coisas para procurar as cartas... apenas tinha medo...

Guilherme sussurrou-me ao ouvido:

- Pobre estúpido, atemorizado por um perigo, atirou-se de cabeça para outro...

- Admitamos que tu dizes quase, digo quase, a verdade - interveio Bernardo. - Tu pensavas que Severino tinha as cartas e procuraste-as junto dele. E porque é que pensaste que as tinha? E porque matastes antes também os outros irmãos? Pensavas talvez que essas cartas circulavam há muito tempo pelas mãos de muitos? Talvez se use nesta abadia andar à caça das relíquias dos hereges queimados?

Vi o Abade estremecer. Não havia nada de mais insidioso que a acusação de recolher relíquias de hereges, e Bernardo era muito hábil a misturar os delitos à heresia, e o todo à vida da abadia. Fui interrompido nas minhas reflexões pelo despenseiro, que gritava que ele nada tinha a ver com os outros delitos. Bernardo indulgentemente tranqüilizou-o: não era aquela de momento a questão sobre a qual se estava discutindo, ele era interrogado por delito de heresia, e que não tentasse (e aqui a sua voz fez-se severa) desviar a atenção do seu passado herético falando de Severino ou procurando tornar suspeito Malaquias. Que se voltasse portanto às cartas.

- Malaquias de Hildesheim - disse, virado para a testemunha -, vós não estais aqui como acusado. Esta manhã respondestes às minhas perguntas e à minha petição sem tentar esconder nada. Agora repetireis aqui o que dissestes esta manhã e não tereis nada a temer.

- Repito quanto disse esta manhã - disse Malaquias. - Pouco tempo depois de ter chegado aqui, Remígio começou a ocupar-se das cozinhas, e tivemos freqüentes contatos por razões de trabalho... eu como bibliotecário estou encarregado do fecho noturno de todo o Edifício, e portanto também das cozinhas... Não tenho motivo para ocultar que nos tornamos fraternos amigos, e nem eu tinha motivo para nutrir suspeitas contra ele. E ele contou-me que tinha consigo alguns documentos de natureza secreta, confiados em confissão, que não deviam cair em mãos profanas e que não ousava ter junto de si. Como eu guardava o único lugar do mosteiro interdito a todos os outros, pediu-me que lhe conservasse aqueles papéis longe de qualquer olhar curioso, e eu consenti, não presumindo que os documentos fossem de natureza herética, e nem sequer os li, colocando-os... colocando-os no mais inatingível dos penetrais da biblioteca, e desde então tinha-me esquecido deste fato, até que esta manhã o senhor inquisidor lhes fez alusão, e então fui buscá-los e entreguei-lhos...

O Abade tomou a palavra, irritado:

- Porque não me informaste desse teu pacto com o despenseiro? A biblioteca não é reservada a coisas de propriedade dos monges!

O Abade tinha posto a claro que a abadia nada tinha a ver com aquela história.

- Senhor - respondeu Malaquias, confuso -, parecera-me coisa de pouca importância. Pequei sem malícia.

- Decerto, decerto - disse Bernardo em tom cordial -, estamos todos convencidos que o bibliotecário agiu de boa-fé, e a franqueza com que colaborou com este tribunal é a prova disso. Peço fraternalmente à Vossa Magnificência que não o culpe por aquela antiga imprudência. Nós acreditamos em Malaquias. E só lhe pedimos que nos confirme agora sob juramento que os papéis que agora lhe mostro são aqueles que ele me deu esta manhã e são aqueles que Remígio de Varagine lhe entregou há anos, depois da sua chegada à abadia.

Mostrava dois pergaminhos que tinha tirado das folhas pousadas sobre a mesa. Malaquias olhou para eles e disse com voz firme:

- Juro por Deus Pai Onipotente, pela Santíssima Virgem e por todos os santos que assim é e assim foi.

- Basta-me - disse Bernardo. - Podeis ir, Malaquias de Hildesheim.

Quando Malaquias saía de cabeça baixa, pouco antes de chegar à porta, ouviu-se uma voz elevar-se do grupo dos curiosos amontoados ao fundo da sala:

- Tu escondias-lhe as cartas e ele mostrava-te o cú dos noviços na cozinha!

Estalaram algumas risadas, Malaquias saiu rapidamente dando empurrões à direita e à esquerda, eu teria jurado que a voz era a de Aymaro, mas a frase tinha sido gritada em falsete. O Abade, de rosto violáceo, bradou que estivessem em silêncio e ameaçou tremendos castigos para todos, intimando os monges a evacuarem a sala. Bernardo sorria lubricamente, o cardeal Bertrando, do outro lado da sala, inclinava-se ao ouvido de Jean d'Anneaux e dizia-lhe qualquer coisa a que o outro reagia tapando a boca com a mão e inclinando a cabeça como se tossisse. Guilherme disse-me:

- O despenseiro não era só um pecador carnal para seu prazer mas também fazia de rufião. Mas a Bernardo nada disto importa, a não ser quanto baste para colocar em embaraço Abbone, mediador imperial...

Foi interrompido precisamente por Bernardo, que agora se dirigia a ele:

- Interessar-me-ia depois saber de vós, frade Guilherme, de que papéis estáveis falando esta manhã com Severino, quando o despenseiro vos ouviu e daí se enganou.

Guilherme susteve o seu olhar:

- Enganou-se, precisamente. Falávamos de um exemplar do tratado sobre a hidrofobia canina de Ayyub al Ruhawi, admirável livro de doutrina que vós decerto conheceis pela sua fama e que vos terá sido frequentemente de muita utilidade... A hidrofobia, diz Ayyub, reconhece-se por vinte e cinco sinais evidentes...

Bernardo, que pertencia à ordem dos domini canes, não julgou oportuno enfrentar uma nova batalha.

- Tratava-se, portanto, de coisas estranhas ao caso em questão - disse rapidamente. E prosseguiu a instrução: - Voltemos a ti, frade Remígio menorita, bem mais perigoso que um cão hidrófobo. Se frade Guilherme tivesse prestado mais atenção à baba dos hereges que à dos cães, talvez ele tivesse descoberto também que serpente se aninhava na abadia. Voltemos a estas cartas. Agora sabemos como certo que estiveram nas tuas mãos e que te preocupaste em escondê-las como se fossem um veneno perigosíssimo, e que inclusivamente mataste... - impediu com um gesto uma tentativa de negação - ...e do assassinio falaremos depois... que mataste, dizia, para que eu jamais as tivesse. Então reconheces estes papéis como coisa tua.

O despenseiro não respondeu, mas o seu silêncio era bastante eloqüente. Pelo que Bernardo prosseguiu:

- E que são estes papéis? São duas páginas redigidas pelo punho do heresiarca Dolcino, poucos dias antes de ser preso, e que ele confiava a um seu acólito para que as levasse aos seus outros sectários ainda espalhados pela Itália. Poderia ler-vos tudo aquilo que nelas se diz, e como Dolcino, temendo o seu fim iminente, confia uma mensagem de esperança, diz ele aos seus irmãos, no demônio! Ele consola-os avisando que, por mais que as datas que ele aqui anuncia não concordem com as das suas cartas precedentes, onde tinha prometido para o ano de mil trezentos e cinco a destruição completa de todos os padres por obra do imperador Frederico, todavia essa destruição não estaria longe. Mais uma vez o heresiarca mentia, porque mais de vinte anos se passaram desde aquele dia e nenhuma das suas nefastas predições se verificou. Mas não é sobre as ridículas presunções destas profecias que devemos discutir, mas sim sobre o fato de Remígio ser seu portador. Podes ainda negar, frade herético e impenitente, que tiveste comércio e contubérnio com a seita dos pseudo-apóstolos?

O despenseiro agora já não podia negar.

- Senhor - disse -, a minha juventude foi povoada de erros bem funestos. Quando soube da pregação de Dolcino, já seduzido como estava pelos erros dos frades da pobre vida, acreditei nas suas palavras e juntei-me ao seu bando. Sim, é verdade, estive com eles na província de Brescia e na província de Bérgamo, estive com eles em Como e em Valsesia, com eles me refugiei na Parede Calva e no vale de Rassa e por fim no monte Rebello. Mas não tomei parte em nenhuma malfeitoria, e quando eles cometeram saques e violências eu trazia ainda em mim o espírito de mansidão que foi próprio dos filhos de Francisco, e precisamente no monte Rebello disse a Dolcino que já não me sentia disposto a participar na sua luta, e ele deu-me licença para me ir embora, porque, disse, não queria medrosos com ele, e pediu-me apenas que lhe levasse aquelas cartas a Bolonha...

- A quem? - perguntou o cardeal Bertrando.

- A alguns dos seus sectários, cujos nomes me parece que recordo, e, como recordo, digo-vo-los, senhor - apressou-se a assegurar Remígio.

E pronunciou os nomes de alguns que o cardeal Bertrando mostrou conhecer, porque sorriu com ar de satisfação, fazendo um sinal de entendimento a Bernardo.

- Muito bem - disse Bernardo, e tomou nota daqueles nomes. Depois perguntou a Remígio:

- E porque é que agora nos entregas os teus amigos?

- Não são meus amigos, senhor, e prova seja que as cartas nunca as entreguei. Melhor, fiz mais, e digo-o agora depois de ter tentado esquecê-lo durante tantos anos: para poder deixar aqueles lugares sem ser preso pelo exército do bispo de Vercelli, que nos esperava na planície, consegui pôr-me em contato com alguns deles, e em troca de um salvo-conduto indiquei-lhes algumas passagens para poderem assaltar as fortificações de Dolcino, pelo que parte do sucesso das forças da Igreja foi devido à minha colaboração...

- Muito interessante. Isto diz-nos que não só foste herege mas também que foste vil e traidor. O que não muda a tua situação. Como hoje para te salvares tentaste acusar Malaquias, que no entanto te tinha prestado um favor, assim agora para te salvares entregaste os teus companheiros de pecado às mãos da justiça. Mas traíste os seus corpos, nunca traíste os seus ensinamentos, e conservaste estas cartas como relíquias, esperando um dia ter a coragem, e a possibilidade, sem correr riscos, de as entregar, para te tornares de novo bem aceite pelos pseudo-apóstolos.

- Não, senhor, não - dizia o despenseiro, coberto de suor, com as mãos a tremer. - Não; juro-vos que...

- Um juramento! - disse Bernardo. - Eis outra prova da tua malícia! Queres jurar porque sabes que eu sei que os hereges valdenses estão prontos a qualquer astúcia, e até à morte, do que a jurar! E se são impelidos pelo medo fingem jurar e resmungam falsos juramentos! Mas eu sei bem que tu não és da seita dos pobres de Lião, raposa maldita, e procuras convencer-me de que não és aquilo que não és a fim de que eu não diga que tu és aquilo que és! Então juras? Juras para seres absolvido, mas fica sabendo que um único juramento não me basta! Posso exigir um, dois, três, cem, quantos quiser. Sei muito bem que vós, os pseudo-apóstolos, concedeis dispensa a quem jura falso para não trair a seita. E, assim, cada novo juramento será uma nova prova da tua culpabilidade!

- Mas então que devo fazer? - bradou o despenseiro, caindo de joelhos.

- Não te prostes como um beguino! Não deves fazer nada. Agora só eu sei o que se deverá fazer - disse Bernardo com um sorriso tremendo. - Tu não deves senão confessar. E serás danado e condenado se confessares, e serás danado e condenado se não confessares, porque serás punido como per juro! Então confessa, ao menos para abreviar este dolorosíssimo interrogatório, que perturba as nossas consciências e o nosso sentido da brandura e da compaixão!

- Mas que devo confessar?

- Duas ordens de pecados. Que foste da seita de Dolcino, que partilhaste as suas proposições heréticas e os costumes e as ofensas à dignidade dos bispos e dos magistrados citadinos, que, impenitente, continuas a partilhar as suas mentiras e ilusões, mesmo depois do heresiarca ter morrido e da seita ter sido dispersa, embora não de todo debelada e destruída. E que, corrompido no íntimo do teu espírito pelas práticas que aprendeste na seita imunda, és culpado das desordens contra Deus e os homens perpetradas nesta abadia, por razões que ainda me escapam mas que não deverão sequer ser de todo esclarecidas, uma vez que se tenha luminosamente demonstrado (como estamos fazendo) que a heresia daqueles que pregaram e pregam a pobreza, contra os ensinamentos do senhor papa e das suas bulas, não pode levar senão a obras delituosas. Isto deverão aprender os fiéis e isto me bastará. Confessa.

Nesta altura foi claro o que Bernardo queria. Nada interessado em saber quem tinha matado os outros monges, queria apenas demonstrar que Remígio de certo modo partilhava as idéias propugnadas pelos teólogos do imperador. E depois de ter mostrado a conexão entre aquelas idéias, que eram também as do capítulo de Perugia e as dos fraticelli e dos dolcinianos, e de ter mostrado que um só homem, naquela abadia, participava de todas aquelas heresias e tinha sido o autor de muitos delitos, daquela maneira ele daria um golpe deveras mortal aos seus próprios adversários. Olhei para Guilherme e compreendi que tinha compreendido, mas não podia fazer nada, mesmo que o tivesse previsto. Olhei para o Abade e vi-o de rosto sombrio: dava-se conta, tarde, de

ter sido também ele arrastado para uma armadilha e de que a sua própria autoridade de mediador se estava esboroando, agora que ia aparecer como o senhor de um lugar em que todas as infâmias do século tinham marcado encontro. Quanto ao despenseiro, agora já não sabia qual era o delito de que podia ainda desculpar-se. Mas talvez naquele momento ele não fosse capaz de nenhum cálculo, o grito que saiu da sua boca era o grito da sua alma, e com ele descarregava anos de longos e secretos remorsos. Ou então, depois de uma vida de incertezas, entusiasmos e decepções, vilezas e traições, posto diante da inelutabilidade da sua ruína, ele decidia professar a fé da sua juventude, sem já se perguntar se era certa ou errada, mas quase para mostrar a si mesmo que era capaz de alguma fé.

- Sim, é verdade - gritou -, estive com Dolcino e partilhei dos seus delitos, licenças, talvez eu estivesse louco, confundia o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo com a necessidade de liberdade e o ódio aos bispos, é verdade, pequei, mas estou inocente de quanto aconteceu na abadia, juro!

- Entretanto obtivemos alguma coisa - disse Bernardo. - Portanto admities ter praticado a heresia de Dolcino, da bruxa Margarida e dos seus comparsas. Admites ter estado com eles quando, perto de Trivero, enforcavam muitos fiéis de Cristo, entre os quais um menino inocente de dez anos? E quando enforcaram outros homens na presença das suas mulheres e dos pais porque não queriam entregar-se ao arbítrio daqueles cães? E porque é que, então, cegos pela vossa fúria e pela vossa soberba, defendíeis que ninguém se podia salvar se não pertencesse à vossa comunidade? Fala!

- Sim, sim, acreditei nessas coisas e pratiquei aquelas!

- E estavas presente quando capturaram alguns fiéis dos bispos e deixaram morrer alguns de fome no cárcere, e cortaram a uma mulher grávida um braço e uma mão, deixando-a depois dar à luz uma criança que morreu logo sem batismo? E estavas com eles quando deitaram por terra e pegaram fogo às aldeias de Mosso, Trivero, Cossila e Flecchia, e muitas outras localidades da zona de Crepacorio e muitas casas em Mortiliano e em Quorino, e incendiaram a igreja de Trivero, sujando primeiro as imagens sagradas, arrancando as lápides dos altares, quebrando um braço à estátua da Virgem, saqueando os cálices, os paramentos e os livros, destruindo o campanário, quebrando os sinos, apropriando-se de todos os vasos da confraria e dos bens do sacerdote?

- Sim, sim, eu estava lá, e já ninguém sabia o que fazia, queríamos antecipar o momento do castigo, éramos as vanguardas do imperador mandado pelo céu e pelo papa santo, devíamos apressar o momento da descida do anjo de Filadélfia, e então todos receberiam a graça do Espírito Santo e a Igreja seria renovada, e depois da destruição de todos os perversos apenas reinariam os perfeitos!

O despenseiro parecia possuído e iluminado ao mesmo tempo, parecia que agora o

dique do silêncio e da simulação se tinha quebrado, que o seu passado voltava não só em palavras mas por imagens e que ele voltava a experimentar as emoções que o tinham exaltado em tempos.

- Então - instava Bernardo -, tu confessas que honrastes como mártir Gerardo Segalelli, que negastes toda a autoridade à Igreja romana, que afirmáveis que nem o papa nem autoridade alguma podia prescrever-vos um modo de vida diferente do vosso, que ninguém tinha o direito de excomungar-vos, que desde o tempo de São Silvestre todos os prelados da Igreja tinham sido prevaricadores e sedutores, salvo Pedro de Morrone, que os leigos não são obrigados a pagar as décimas aos padres que não pratiquem um estado de absoluta perfeição e pobreza como o praticaram os primeiros apóstolos, que as décimas, portanto, deviam ser pagas só a vós, os únicos apóstolos e pobres de Cristo, que para rezar a Deus uma igreja consagrada não vale mais que um estábulo, que percorríeis as aldeias e seduzíeis as gentes gritando «penitenziagite», que cantáveis o *Salve Regina* para atrair perfidamente as multidões, e que vos fazíeis passar por penitentes levando uma vida perfeita aos olhos do mundo, e que depois vos concedíeis todas as licenças e todas as luxúrias, porque não acreditáveis no sacramento do matrimônio, nem em qualquer outro sacramento, e, considerando-vos mais puros que os outros, podíeis permitir-vos toda a sujeira e toda a ofensa do vosso corpo e do corpo dos outros? Fala!

- Sim, sim, eu confesso a verdadeira fé em que então tinha acreditado com toda a alma, confesso que abandonamos as nossas vestes em sinal de espoliação, que renunciámos a todos os nossos bens, enquanto vós, raça de cães, jamais renunciastes a eles, que desde então deixamos de aceitar dinheiro de qualquer pessoa e nem o trazíamos conosco, e vivemos de esmolas e não guardávamos nada para o dia de amanhã, e quando nos acolhiam e nos punham a mesa comíamos e partíamos deixando sobre a mesa quanto tinha sobejado...

- E incendiastes e saqueastes para vos apoderardes dos bens dos bons cristãos!

- E incendiámos e saqueamos, porque tínhamos eleito a pobreza como lei universal e tínhamos o direito de nos apropriarmos das riquezas ilegítimas dos outros e queríamos atingir no coração a trama de avidez que se estendia de paróquia em paróquia, mas nunca saqueamos para possuir, nem matamos para saquear, matávamos para punir, para purificar os impuros através do sangue, talvez estivéssemos dominados por um desejo desmedido de justiça, também se peca por excesso de amor de Deus, por superabundância de perfeição, nós éramos a verdadeira congregação espiritual convidada pelo Senhor e reservada à glória dos últimos tempos, procurávamos o nosso prêmio no paraíso antecipando os tempos da vossa destruição, só nós éramos os apóstolos de Cristo, todos os outros tinham traído, e Gerardo Segalelli tinha sido uma planta divina, planta *Dei pullulans in radice fidei*, a nossa regra vinha-nos diretamente de Deus, não de vós, cães danados, pregadores mentirosos que espalhais em redor o odor do

enxofre e não o do incenso, cães vis, carcaças pútridas, corvos, servos da puta de Avinhão, prometidos como estais à perdição! Então eu acreditava, e também o nosso corpo se tinha redimido, e éramos a espada do Senhor, era preciso matar mesmo inocentes para poder matar-vos a todos o mais depressa possível. Nós queríamos um mundo melhor, de paz e de gentileza, e a felicidade para todos, nós queríamos matar a guerra que vós trazíeis com a vossa avidez, porque nos repreendeis se para estabelecer a justiça e a felicidade tivemos de derramar um pouco de sangue... é... é que não faltava muito, para agir depressa, e valia bem a pena tingir de vermelho toda a água do Carnasco, naquele dia em Stavello, era também sangue nosso, não nos poupávamos, sangue nosso e sangue vosso, muito depressa, muito depressa, os tempos da profecia de Dolcino urgiam, era preciso apressar o curso dos acontecimentos...

Tremia todo, passava as mãos pelo hábito como se quisesse limpá-las do sangue que evocava.

- O glutão tornou-se um puro - disse-me Guilherme.

- Mas é esta a pureza? - perguntei, horrorizado.

- Deve existir também de outro tipo - disse Guilherme -, mas, qualquer que ela seja, faz-me sempre medo.

- O que é que mais vos aterroriza na pureza? - perguntei.

- A pressa - respondeu Guilherme.

- Basta, basta - dizia agora Bernardo -, pedíamos-te uma confissão, não um apelo ao massacre. Está bem, não só foste herege mas ainda o és. Não só foste assassino mas continuaste a matar. Então diz-nos como mataste os teus irmãos nesta abadia, e porquê.

O despenseiro deixou de tremer, olhou em seu redor como se saísse de um sonho:

- Não - disse -, com os delitos da abadia nada tenho a ver. Confessei tudo aquilo que fiz, não me façais confessar aquilo que não fiz...

- Mas que resta ainda que tu não possas ter feito? Agora dizes-te inocente? Ó cordeiro, ó modelo de mansidão! Vós ouviste-lo, teve em tempos as mãos sujas de sangue e agora está inocente? Talvez nos tenhamos enganado, Remígio de Varagine é um modelo de virtudes, um filho fiel da Igreja, um inimigo dos inimigos de Cristo, sempre respeitou a ordem que a mão vigilante da Igreja se esforçou por impor a aldeias e cidades, a paz dos comércios, as oficinas dos artesãos, os tesouros das igrejas. Ele está inocente, não cometeu nada, vem aos meus braços, irmão Remígio, que eu te possa consolar das acusações que os malvados levantaram contra ti! - E enquanto Remígio olhava para ele

com olhos desvairados, como se de repente estivesse acreditando numa absolvição final, Bernardo recompôs-se e dirigiu-se em tom de comando ao capitão dos archeiros. - Repugna-me recorrer a meios que a Igreja sempre criticou quando são praticados pelo braço secular. Mas há uma lei que domina e dirige mesmo os meus sentimentos pessoais. Pedi ao Abade um lugar onde se possam preparar os instrumentos de tortura. Mas que não se proceda imediatamente. Que fique três dias numa cela, a ferros de pés e mãos. Depois, que lhe mostrem os instrumentos. Somente. E ao quarto dia que se proceda. A justiça não é movida pela pressa, como acreditavam os pseudo-apóstolos, e a de Deus tem séculos à sua disposição. Que se proceda devagar e por graus. E, sobretudo, recordai quanto foi dito repetidamente: que se evitem as mutilações e o perigo de morte. Uma das graças providenciais que este processo reconhece ao ímpio é precisamente que a morte seja saboreada, e esperada, mas não venha antes que a confissão seja plena, e voluntária, e purificadora.

Os archeiros inclinaram-se para levantarem o despenseiro, mas este fincou os pés em terra e fez resistência, indicando que queria falar. Obtida licença, falou, mas as palavras saíam-lhe a custo da boca, e o seu discurso era como o entaramelar de um bêbado e tinha algo de obsceno. Só à medida que falava recuperou aquela espécie de energia selvagem que tinha animado a sua confissão pouco antes.

- Não, senhor. A tortura não. Eu sou um homem vil. Traí então, reneguei durante onze anos neste mosteiro a minha fé de outrora, cobrando as décimas de vinhateiros e de camponeses, inspecionando as cavalariaças e os estábulos para que florescessem para enriquecer o Abade, colaborei de bom grado na administração desta fábrica do Anticristo. E achava-me bem, tinha esquecido os dias da revolta, deleitava-me nos prazeres da gula e noutros ainda. Eu sou um vil. Vendi hoje os meus antigos irmãos de Bolonha, vendi então Dolcino. E como vil, disfarçado como um dos homens da cruzada, assisti à captura de Dolcino e de Margarida, quando os levaram no sábado santo para o castelo de Bugello. Vagueei em torno de Vercelli durante três meses, até que chegou a carta do papa Clemente com a ordem da condenação. E vi Margarida cortada em pedaços diante dos olhos de Dolcino, e gritava, massacrada como estava, pobre corpo que uma noite tinha tocado eu também... E, enquanto o seu cadáver dilacerado ardia, foram sobre Dolcino e arrancaram-lhe o nariz e os testículos com tenazes em brasa, e não é verdade aquilo que disseram depois, que não lançou sequer um gemido. Dolcino era alto e robusto, tinha uma grande barba de diabo e os cabelos ruivos que lhe caíam em anéis sobre os ombros, era belo e poderoso e quando nos guiava com um chapéu de abas largas, e a pluma, e a espada cingida sobre a veste talar, Dolcino fazia medo aos homens e fazia gritar de prazer as mulheres... Mas, quando o torturaram, também ele gritava de dor, como uma mulher, como um vitelo, perdia sangue de todas as feridas enquanto o levavam de um canto para outro, e continuavam a feri-lo pouco, para mostrarem quão longamente podia viver um emissário do demônio, e ele queria morrer, pedia que acabassem com ele, mas morreu demasiado tarde, quando chegou à fogueira, e era apenas um amontoado de carne ensangüentada. Eu seguia-o e alegrava-me comigo

mesmo por ter fugido àquela prova, tinha orgulho na minha astúcia, e aquele patife do Salvador estava comigo, e dizia-me: como fizemos bem, irmão Remígio, em comportar-nos como pessoas avisadas, não há nada mais terrível que a tortura! Eu teria abjurado mil religiões, naquele dia. E há anos, muitos anos, que digo a mim mesmo como fui vil, como fui feliz por ser vil, e todavia esperava sempre poder mostrar a mim mesmo que não era assim tão vil. Hoje, tu deste-me essa força, senhor Bernardo, foste para mim aquilo que os imperadores pagãos foram para os mais vis dos mártires. Deste-me a coragem de confessar aquilo em que acreditei com a alma, enquanto o corpo se retraía. Porém, não me imponhas demasiada coragem, mais que pode suportar esta minha carcaça mortal. A tortura não. Direi tudo aquilo que tu quiseres, mais vale a fogueira logo, morre-se sufocado antes de arder. A tortura, como a Dolcino, não. Tu queres um cadáver, e para o teres tens necessidade que assuma em mim a culpa por outros cadáveres. Cadáver serei em breve, em todo o caso. E assim te dou quanto pedes. Matei Adelmo de Otranto por ódio à sua juventude e à sua habilidade em jogar com monstros iguais a mim, velho, gordo, pequeno e ignorante. Matei Venancio de Salvemec porque era demasiado sabedor e lia livros que eu não compreendia. Matei Berengário de Arundel por ódio à sua biblioteca, eu que fiz teologia espancando os párocos demasiado gordos. Matei Severino de Sant'Emmerano... porquê?, porque colecionava ervas, eu que estive no monte Rebello, onde, as ervas, as comíamos sem nos interrogarmos sobre as suas virtudes. Na verdade, poderia matar também os outros, incluindo o nosso Abade: com o papa ou com o império, ele faz sempre parte dos meus inimigos e sempre o odiei, mesmo quando me dava de comer porque lhe dava de comer. Basta-te? Ah, não, queres saber também como matei toda aquela gente... Mas matei-os... vejamos... invocando as potências infernais, com a ajuda de mil legiões que consegui comandar com a arte que me ensinou Salvador. Para matar alguém não é necessário ferir, o diabo fá-lo por vós, se souberdes comandar o diabo.

Olhava para os circunstantes com ar cúmplice, rindo. Mas era então o riso de um demente, embora, como me fez depois observar Guilherme, este demente tivesse tido a perspicácia de arrastar na sua ruína Salvador, para se vingar da sua delação.

- E como podias comandar o diabo? - instava Bernardo, que assumia este delírio como legítima confissão.

- Sabe-lo tão bem como eu, não se faz comércio tantos anos com os endemoninhados sem assumir o seu hábito! Sabe-lo tão bem como eu, torturador de apóstolos! Pegas num gato preto, não é verdade?, que não tenha sequer um pêlo branco (e tu bem sabes), e atas-lhe as quatro patas, depois leva-lo à meia-noite a uma encruzilhada, então gritas em voz alta: ó grande Lúcifer, imperador do inferno, eu te tomo e te introduzo no corpo do meu inimigo tal como agora tenho prisioneiro este gato, e se levares o meu inimigo à morte, no dia seguinte à meia-noite, neste mesmo lugar, eu te oferecerei este gato em sacrifício, e tu farás quanto te ordeno pelos poderes da magia que eu agora exerço segundo o livro oculto de São Cipriano, em nome de todos os chefes das maiores legiões

do inferno, Adramelch, Alastor e Azazele, que eu agora invoco com todos os seus irmãos... - O lábio tremia-lhe, os olhos pareciam saídos das órbitas, e começou a rezar... ou melhor, parecia que rezava, mas elevava as suas implorações a todos os barões das legiões infernais... - Abigor, pecca pro nobis... Amón, miserere nobis... Samael, libera nos a bono... Belial aleyson... Focalor, in corruptionem meam intende... Haborym, damnamus dominum... Zaebos, anum meum aperies... Leonardo, asperge me spermate tuo et inquinabor...

- Basta, basta! - bradavam os presentes, benzendo-se.

- Oh, Senhor, perdoa-nos a todos!

O despenseiro agora calava-se. Depois de ter pronunciado os nomes de todos estes diabos, caiu de face por terra, deitando saliva esbranquiçada pela boca torcida e pela fiada dos dentes, que rangia. As suas mãos, embora mortificadas pelas correntes, abriam-se e apertavam-se de modo convulsivo, os seus pés davam de vez em quando pontapés irregulares para o ar. Percebendo que eu tinha sido tomado por uma tremura de horror, Guilherme pousou-me a mão na cabeça, quase me agarrou pela nuca, apertando-ma e dando-me de novo a calma:

- Aprende - disse-me -, sob tortura, ou ameaçado de tortura, um homem não só diz aquilo que fez mas também aquilo que queria ter feito, embora o não soubesse. Remígio agora quer a morte com toda a sua alma.

Os archeiros levaram dali o despenseiro, ainda tomado por convulsões. Bernardo reuniu os seus papéis. Depois fixou os circunstantes, imóveis, presos por grande perturbação.

- O interrogatório acabou. O imputado, réu confesso, será conduzido a Avinhão, onde terá lugar o processo definitivo, com escrupulosa salvaguarda da verdade e da justiça, e só depois desse processo regular será queimado. Ele, Abbone, já não vos pertence, nem já me pertence a mim, que fui apenas o humilde instrumento da verdade. O instrumento da justiça está noutro sitio, os pastores fizeram o seu dever, agora é a vez dos cães, que separem a ovelha infecta do rebanho e a purifiquem com o fogo. O miserável episódio que viu este homem culpado de tantos delitos atrozes está concluído. Agora, que a abadia viva em paz. Mas o mundo... - e aqui elevou a voz e dirigiu-se ao grupo dos legados - o mundo ainda não encontrou paz, o mundo é dilacerado pela heresia, que encontra abrigo até nas salas dos palácios imperiais! Que os meus irmãos recordem isto: um cingulum diaboli liga os perversos sectários de Dolcino aos honrados mestres do capítulo de Perugia. Não o esqueçamos, diante dos olhos de Deus as divagações daquele miserável que acabamos de entregar à justiça não são diferentes das dos mestres que se banqueteiavam à mesa do alemão excomungado de Baviera. A fonte nefanda dos hereges brota de muitas pregações, embora honradas, ainda impunes. É dura paixão e humilde

calvário o de quem foi chamado por Deus, como a minha pessoa pecadora, a reconhecer a serpente da heresia onde quer que se aninhe. Mas cumprindo esta obra santa aprende-se que não é herético apenas quem pratica a heresia às claras. Os defensores da heresia podem reconhecer-se através de cinco indícios probantes. Primeiro, aqueles que os visitam às escondidas enquanto são mantidos na prisão; segundo, aqueles que choram a sua captura e foram seus amigos íntimos em vida (é difícil, de fato, que não saiba da atividade do herege quem o freqüentou durante muito tempo); terceiro, aqueles que defendem que os hereges foram condenados injustamente, mesmo quando tenha sido demonstrada a sua culpa; quarto, aqueles que vêem com maus olhos e criticam aqueles que perseguem os hereges e pregam com êxito contra eles, e pode-se deduzi-lo pelos olhos, pelo nariz, pela expressão que procuram esconder, mostrando odiar aqueles por quem sentem amargura e amar aqueles cuja desgraça tanto lhes dói. Quinto sinal é, por fim, o fato de se recolherem as cinzas dos hereges queimados e de se fazer disso objeto de veneração... Mas eu atribuo altíssimo valor também a um sexto sinal, e considero manifestamente amigos dos hereges aqueles em cujos livros (ainda que eles não ofendam abertamente a ortodoxia) os hereges tenham encontrado as premissas para os seus silogismos perversos.

Falava, e olhava para Ubertino. Toda a delegação franciscana compreendeu bem a que aludia Bernardo. A partir de então, o encontro tinha falhado, ninguém mais ousaria retomar a discussão da manhã, sabendo que cada palavra seria escutada pensando nos últimos e desgraçados acontecimentos. Se Bernardo tinha sido enviado pelo papa para impedir uma recomposição entre os dois grupos, tinha-o conseguido.

QUINTO DIA VÉSPERAS

Onde Ubertino se põe em fuga, Bêncio começa a observar as leis e Guilherme faz algumas reflexões sobre os vários tipos de luxúria encontrados naquele dia.

Enquanto a assembléia dispersava lentamente da sala capitular Miguel aproximou-se de Guilherme, e a ambos reuniu-se Ubertino. Todos juntos saímos para o ar livre, discutindo em seguida no claustro, protegidos pelo nevoeiro, que não dava sinais de diminuir, antes tornava-se ainda mais denso com as trevas.

- Creio que não é necessário comentar quanto aconteceu - disse Guilherme. - Bernardo derrotou-nos. Não me pergunteis se aquele imbecil dolciniano é verdadeiramente culpado de todos aqueles delitos. Por aquilo que me é dado compreender, não, sem dúvida alguma. O fato é que estamos como antes. João quer-te sozinho em Avinhão, Miguel, e este encontro não te forneceu as garantias que procurávamos. Pelo contrário, deu-te uma imagem de como cada palavra tua, lá, poderia ser desvirtuada. Daqui se deduz, parece-me, que tu não deves ir.

Miguel abanou a cabeça:

- Ainda irei. Não quero um cisma. Tu, Guilherme, hoje falaste claro e disseste o que querias. Pois bem, não é o que eu quero, e dou-me conta que as deliberações do capítulo de Perugia foram usadas pelos teólogos imperiais para além das nossas intenções. Eu quero que a ordem franciscana seja aceita, nos seus ideais de pobreza, pelo papa. E o papa terá de compreender que só se a ordem assumir em si o ideal da pobreza se poderão reabsorver as suas ramificações heréticas. Eu não penso na assembléia do povo ou no direito das gentes. Eu tenho de impedir que a ordem se dissolva numa pluralidade de fraticelli. Irei a Avinhão e, se for necessário, farei ato de submissão a João. Transigirei em tudo, menos sobre o princípio de pobreza.

Interveio Ubertino:

- Sabes que arriskas a vida?

- Assim seja - respondeu Miguel -, é melhor que arriscar a alma.

Arriscou seriamente a vida e, se João estava na verdade (o que eu ainda não creio), também perdeu a alma. Como todos sabem, Miguel foi ter com o papa, na semana que se seguiu aos fatos que agora narro. Fez-lhe frente durante quatro meses, até que, em Abril do ano seguinte, João convocou um consistório em que o tratou de louco, temerário, teimoso, tirano, promotor de heresia, serpente nutrida pela Igreja no seu próprio seio. E há que pensar que, então, segundo o modo como ele via as coisas, João tinha razão, porque, naqueles quatro meses, Miguel tornara-se amigo do amigo do meu mestre, o outro Guilherme, o de Occam, e perfilhava as suas idéias - não muito diferentes, talvez ainda mais extremistas, daquelas que o meu mestre perfilhava com Marsílio e tinha expresso naquela manhã. A vida destes dissidentes tornou-se precária, em Avinhão, e, no fim de Maio, Miguel, Guilherme de Occam, Bonagrazia de Bérghamo, Francisco d'Ascoli e Henri de Talheim puseram-se em fuga, seguidos pelos homens do papa em Nice, Toulon, Marselha e Aigues Morres, onde se lhes juntou o cardeal Pierre de Arrablay, que procurou em vão induzi-los a voltar, sem vencer as suas resistências, o seu ódio para com o pontífice, o seu medo. Em Junho chegaram a Pisa, acolhidos em triunfo pelos imperiais, e nos meses seguintes Miguel havia de denunciar João publicamente. Demasiado tarde, porém. A fortuna do imperador estava a diminuir, de Avinhão João manobrava para dar aos menoritas um novo superior geral, obtendo por fim a vitória. Melhor teria feito Miguel naquele dia em não decidir ir ter com o papa: teria podido cuidar de perto da resistência dos menoritas, sem perder tantos meses à mercê do seu inimigo, enfraquecendo a sua posição... Mas talvez assim o tivesse predisposto a onipotência divina - e agora já nem sei quem de todos eles estava na verdade, e depois de tantos anos também o fogo das paixões se extingue, e com ele aquilo que se julgava ser a luz da verdade. Quem de nós é já capaz de dizer se tinham razão Heitor ou Aquiles, Agamémnon ou Príamo, quando se debatiam pela beleza de uma mulher que agora é

cinza de cinzas?

Mas perco-me em melancólicas divagações. Devo, em vez disso, dizer o fim daquele triste colóquio. Miguel tinha decidido, e não houve modo de o convencer a desistir. À parte que se punha agora um outro problema, e Guilherme enunciou-o sem embargo: já nem o próprio Ubertino estava em segurança. As frases que lhe tinha dirigido Bernardo, o ódio que por ele já nutria o papa, o fato de que, enquanto Miguel representava ainda um poder com o qual tratar, Ubertino, pelo contrário, tinha permanecido sozinho, como partidário de si próprio...

- João quer Miguel na corte e Ubertino no inferno. Se bem conheço Bernardo, até amanhã, e com a cumplicidade do nevoeiro, Ubertino será morto. E, se alguém se perguntar por quem, a abadia bem poderá suportar outro delito, e dir-se-á que eram diabos invocados pelo Remígio com os seus gatos pretos, ou algum dolciniano supérstite que ainda vagueia por estas muralhas...

Ubertino estava preocupado:

- E então? - perguntou.

- Então - disse Guilherme -, vai falar com o Abade. Pede-lhe uma cavalgada, provisões, uma carta para alguma abadia distante, para lá dos Alpes. E aproveita o nevoeiro e o escuro para partires imediatamente.

- Mas os archeiros não guardam ainda as portas?

- A abadia tem outras saídas, e o Abade conhece-as. Basta que um servo te espere numa das curvas inferiores com uma cavalgada, e, saindo por alguma passagem da cerca, terás apenas de percorrer um pedaço de bosque. Deves fazê-lo imediatamente, antes que Bernardo se refaça do êxtase do seu triunfo. Eu tenho de me ocupar de mais alguma coisa, tinha duas missões, uma falhou, que ao menos não falhe a outra. Quero deitar a mão a um livro e a um homem. Se tudo correr bem, tu estarás fora daqui ainda antes que eu me preocupe contigo. Portanto adeus.

Abriu os braços. Comovido, Ubertino estreitou-o nos seus:

- Adeus, Guilherme, és um inglês louco e arrogante, mas tens um grande coração. Voltaremos a ver-nos?

- Voltaremos a ver-nos - tranqüilizou-o Guilherme. - Deus há-de querer.

Deus, afinal, não quis. Como já disse, Ubertino morreu misteriosamente assassinado dois anos depois. Vida dura e aventureira a deste velho combativo e ardente. Talvez não

tenha sido um santo, mas espero que Deus tenha premiado aquela sua adamantina certeza de o ser. Quanto mais envelheço e mais me abandono à vontade de Deus, menos aprecio a inteligência que quer saber e a vontade que quer fazer: e reconheço como único elemento de salvação a fé, que sabe esperar pacientemente sem interrogar demasiado. E Ubertino teve certamente muita fé no sangue e na agonia de Nosso Senhor crucificado.

Talvez eu pensasse também então nestas coisas, e o místico velho apercebeu-se disso, ou adivinhou que as havia de pensar um dia. Sorriu-me com doçura e abraçou-me, sem o ardor com que me tinha apertado algumas vezes nos dias anteriores. Abraçou-me como um avô abraça o neto, e com o mesmo espírito lho retribuí. Depois afastou-se com Miguel para procurar o Abade.

- E agora? - perguntei a Guilherme.

- E agora voltamos aos nossos delitos.

- Mestre - disse -, hoje sucederam coisas muito graves para a cristandade e falhou a vossa missão. E no entanto pareceis mais interessado na solução deste mistério que no reencontro entre o papa e o imperador.

- Os loucos e as crianças dizem sempre a verdade, Adso. Será porque, como conselheiro imperial, o meu amigo Marsílio é mais dotado que eu, mas como inquisidor o mais dotado sou eu. Até mais dotado que Bernardo Gui, Deus me perdoe. Porque a Bernardo não interessa descobrir os culpados, mas sim queimar os imputados. E eu, pelo contrário, encontro o maior deleite, a maior alegria em deslindar uma meada bem intrincada. E será ainda porque, no momento em que, como filósofo, duvido que o mundo tenha uma ordem, me consola descobrir, se não uma ordem, pelo menos uma série de conexões em pequenas porções dos assuntos do mundo. Por fim há provavelmente outra razão: é que nesta história talvez estejam em jogo coisas maiores e mais importantes que a batalha entre João e Luís...

- Mas é uma história de roubos e de vinganças entre monges de pouca virtude! - exclamei duvidando.

- A volta de um livro proibido, Adso, à volta de um livro proibido - respondeu Guilherme.

Os monges estavam-se encaminhando agora para a ceia. A refeição já ia em meio quando se sentou a nosso lado Miguel de Cesena, avisando-nos que Ubertino tinha partido. Guilherme soltou um suspiro de alívio.

No fim da ceia evitamos o Abade, que estava conversando com Bernardo, e

localizamos Bêncio, que nos saudou com um meio-sorriso, tentando chegar à porta. Guilherme alcançou-o e obrigou-o a seguir-nos para um canto da cozinha.

- Bêncio - perguntou-lhe Guilherme -, onde está o livro?

- Qual livro?

- Bêncio, nenhum de nós dois é tolo. Falo do livro que procurávamos hoje no laboratório de Severino e que eu não reconheci e que tu reconheceste muito bem e foste buscar depois...

- Que vos faz pensar que eu o tenha levado?

- Penso que é assim e tu também pensas. Onde está?

- Não posso dizê-lo.

- Bêncio, se não mo dizes, falarei com o Abade.

- Não posso dizê-lo por ordem do Abade - disse Bêncio com ar virtuoso. - Hoje, depois de nos termos visto, aconteceu alguma coisa que tendes de saber. Depois da morte de Berengário, faltava um ajudante-bibliotecário. Hoje à tarde, Malaquias propôs-me tomar o seu lugar. Precisamente há meia hora, o Abade concordou, e a partir de amanhã de manhã, espero, serei iniciado nos segredos da biblioteca. É verdade, peguei no livro esta manhã, e tinha-o escondido no enxergão da minha cela sem sequer olhar para ele, porque sabia que Malaquias me vigiava. E a certa altura Malaquias fez-me a proposta que eu vos disse. E agora fiz aquilo que deve fazer um ajudante-bibliotecário: entreguei-lhe o livro.

Não pude impedir-me de intervir, e com violência.

- Mas, Bêncio, ontem, e antes de ontem, tu... vós dizíeis que ardíeis de curiosidade de conhecer, que não queríeis que a biblioteca encerrasse mais mistérios, que um estudante deve saber...

Bêncio calava-se, corando, mas Guilherme deteve-me:

- Adso, já há algumas horas que Bêncio passou para o outro lado. Agora ele é o guarda daqueles segredos que queria conhecer, e enquanto os guarda terá todo o tempo que quiser para os conhecer.

- Mas os outros? - perguntei. - Bêncio falava em nome de todos os sábios!

- Antes - disse Guilherme.

E arrastou-me consigo, deixando Bêncio na maior confusão.

- Bêncio - disse-me depois Guilherme - é vítima de uma grande luxúria, que não é a de Berengário nem a do despenseiro. Como muitos estudiosos, tem a luxúria do saber. Do saber em si mesmo. Excluído de uma parte deste saber, queria apoderar-se dele. Agora apoderou-se dele. Malaquias conhecia o seu homem e usou o melhor meio para reaver o livro e selar os lábios de Bêncio. Tu perguntar-me-ás de que serve controlar tanta reserva de saber se se aceita não o pôr à disposição de todos os outros. Mas é precisamente por isso que falei de luxúria. Não era luxúria a sede de conhecimento de Roger Bacon, que queria empregar as ciências para tornar mais feliz o povo de Deus, e portanto não procurava o saber pelo saber. A de Bêncio é apenas curiosidade insaciável, orgulho do intelecto, um modo como qualquer outro, pare um monge, de transformar e apaziguar os desejos da sua carne, ou o ardor que fez de outro um guerreiro da fé ou da heresia. Não existe apenas a luxúria da carne. É luxúria a de Bernardo Gui, desvairada luxúria de justiça que se identifica com uma luxúria de poder. É luxúria de riqueza a do nosso santo e já não romano pontífice. Era luxúria de testemunho e de transformação e de penitência e de morte a do despenseiro quando jovem. E é luxúria de livros a de Bêncio. Como todas as luxúrias, como a de Onan, que espalhava o seu próprio sêmen por terra, é luxúria estéril, e nada tem a ver com o amor, nem sequer com o carnal...

- Eu sei - murmurei sem querer.

Guilherme fingiu que não ouviu. Mas, como continuando o seu discurso, disse:

- O amor verdadeiro quer o bem do amado.

- Não será que Bêncio quer o bem dos seus livros (que agora são também seus) e pensa que o seu bem é ficarem longe de mãos rapaces? - perguntei.

- O bem de um livro reside em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem um olho que o leia, um livro é portador de signos que não produzem conceitos, e portanto é mudo. Esta biblioteca nasceu talvez para salvar os livros que contém, mas agora vive para os sepultar. Por isso tornou-se fonte de impiedade. O despenseiro disse que traíra. Assim fez Berengário. Traiu. Oh, que dia horrível, meu bom Adso! Cheio de sangue e de ruína. Por hoje já chega. Vamos nós também a completas, e depois vamos dormir.

Saindo da cozinha, encontramos Aymaro. Perguntou-nos se era verdade aquilo que se murmurava, que Malaquias tinha proposto Bêncio como seu ajudante. Não pudemos senão confirmar.

- Este Malaquias fez muitas coisas boas, hoje - disse Aymaro com o seu habitual esgar de desprezo e de indulgência. - Se houvesse justiça, o diabo viria buscá-lo esta noite.

QUINTO DIA COMPLETAS

Onde se escuta um sermão sobre a vinda do Anticristo e Adso descobre o poder dos nomes próprios.

O ofício de vésperas tinha tido lugar de modo confuso, ainda durante o interrogatório do despenseiro, com os noviços curiosos que tinham escapado à alçada do seu mestre para seguirem por janelas e aberturas quanto se passava na sala capitular. Era necessário agora que toda a comunidade rezasse pela boa alma de Severino. Pensava-se que o Abade falaria a todos, e perguntava-se o que diria. Pelo contrário, depois da ritual homilia de São Gregório, o responsório e os três salmos prescritos, o Abade subiu ao púlpito, mas apenas para dizer que naquela noite se calaria. Demasiadas desventuras tinham afligido a abadia, disse, para que mesmo o pai comum pudesse falar com o tom de quem censura e admoesta. Era necessário que todos, sem excluir ninguém, fizessem um severo exame de consciência. Mas, visto que era preciso que alguém falasse, propunha que a admoestação viesse de quem, por ser o mais velho de todos e já próximo da morte, fosse de todos o menos envolvido nas paixões terrestres que tinham ocasionado tantos males. Por direito de idade, a palavra caberia a Alinardo de Grottaferrata, mas todos sabiam como a saúde do venerável irmão era frágil. Logo depois de Alinardo, na ordem estabelecida pelo volver inexorável dos tempos, vinha Jorge. A ele dava o Abade agora a palavra.

Ouvimos um murmúrio do lado das estalas onde se sentavam habitualmente Aymaro e os outros italianos. Imaginei que o Abade tivesse confiado o sermão a Jorge sem consultar Alinardo. O meu mestre fez-me notar a meia-voz que o fato de não falar tinha sido para o Abade uma prudente decisão: porque fosse o que fosse que ele dissesse seria sopesado por Bernardo e pelos outros avinhonenses presentes. O velho Jorge, pelo contrário, limitar-se-ia a algum dos seus vaticínios místicos, e os avinhonenses não lhe dariam grande peso.

- Porém, eu não - acrescentou Guilherme -, porque não creio que Jorge tenha aceite, e talvez pedido para falar, sem um objetivo bem preciso.

Jorge subiu ao púlpito, amparado por alguém. O seu rosto era iluminado pelo trípode que, sozinho, dava luz à nave. A luz da chama punha em evidência a treva que pesava sobre os seus olhos, que pareciam dois buracos negros.

- Irmãos diletíssimos - começou ele -, e vós todos nossos hóspedes muito caros, se quisedes escutar este pobre velho... As quatro mortes que afligiram a nossa abadia

(para não falar dos pecados, remotos e recentes, dos mais desgraçados entre os vivos) não devem, vós bem sabeis, atribuir-se aos rigores da natureza que, implacável nos seus ritmos, administra a nossa jornada terrena desde o berço à cova. Todos vós pensareis talvez que, por mais que vos tenha perturbado de dor, esta triste história não envolve a vossa alma, porque todos, menos um, estais inocentes, e quando esse for punido restar-vos-á decerto chorar a ausência dos desaparecidos, mas não tereis que vos justificar a vós mesmos de nenhuma imputação diante do tribunal de Deus. Assim pensais vós. Loucos! - gritou com voz terrível -, loucos e temerários que vós sois! Quem matou suportará diante de Deus o fardo das suas culpas, mas apenas porque aceitou tornar-se intermediário dos decretos de Deus. Tal como era necessário que alguém traísse Jesus para que o mistério da redenção se cumprisse, e todavia o Senhor decretou condenação e vitupério para quem o traiu, assim alguém nestes dias pecou trazendo morte e ruína, mas eu digo-vos que esta ruína foi, se não querida, pelo menos permitida por Deus para humilhação da nossa soberba!

Calou-se e dirigiu o olhar vazio para a sombria assembléia, como se com os olhos pudesse captar-lhe as emoções, enquanto de fato com o ouvido saboreava o seu consternado silêncio.

- Nesta comunidade - continuou - serpenteia há muito tempo a áspide do orgulho. Mas que orgulho? O orgulho do poder num mosteiro isolado do mundo? Não, decerto. O orgulho da riqueza? Meus irmãos, antes que no mundo conhecido ressoassem os ecos de longas querelas sobre a pobreza e sobre a posse, desde os tempos do nosso fundador, nós, mesmo quando tivemos tudo, não tivemos nada, sendo a nossa única verdadeira riqueza a observância da regra, a oração e o trabalho. Mas do nosso trabalho, do trabalho da nossa ordem, em particular do trabalho deste mosteiro faz parte (é substancia, aliás) o estudo, e a guarda do saber. A guarda, digo, não a busca, porque é próprio do saber, coisa divina, ser completo e definido desde o início, na perfeição do verbo que se exprime a si próprio. A guarda, digo, não a busca, porque é próprio do saber, coisa humana, ter sido definido e completado no arco dos séculos que vai da pregação dos profetas à interpretação dos padres da Igreja. Não há progresso, não há revolução de eras, na aventura do saber, mas, no máximo contínua e sublime recapitulação. A história humana marcha com movimento irreprimível desde a criação, através da redenção, em direção ao retorno do Cristo triunfante, que aparecerá circundado de um nimbo para julgar os vivos e os mortos, mas o saber divino e humano não segue este curso: firme como uma rocha inamovível, ele permite-nos, quando nos fazemos humildes e atentos à sua voz, seguir, predizer este curso, mas não é por ele corrompido. Eu sou aquele que é, disse o Deus dos hebreus. Eu sou o caminho, a verdade e a vida, disse Nosso Senhor. Aqui está, o saber não é mais que o atônito comentário destas duas verdades. Tudo quanto se disse a mais foi proferido pelos profetas, pelos evangelistas, pelos padres e pelos doutores para tornar mais claras estas duas sentenças. E por vezes um oportuno comentário também lhes veio dos pagãos, que as ignoravam, e as suas palavras foram assumidas pela tradição cristã. Mas, para além disto, não há mais

nada a dizer. Há a remeditar, glosar, conservar. Este era e deveria ser o ofício desta nossa abadia com a sua esplêndida biblioteca, nada mais. Diz-se que um califa oriental um dia pegou fogo à biblioteca de uma cidade famosa e gloriosa e orgulhosa e que, enquanto aqueles milhares de volumes ardiam, disse que eles podiam e deviam desaparecer: porque ou repetiam aquilo que já dizia o Corão, e portanto eram inúteis, ou contradiziam aquele livro sagrado para os infiéis, e portanto eram perniciosos. Os doutores da Igreja, e nós com eles, não raciocinaram assim. Tudo aquilo que soa a comentário e clarificação da escritura deve ser conservado, porque aumenta a glória das escrituras divinas; tudo aquilo que as contradiz não deve ser destruído, porque só conservando-o poderá por sua vez ser contradito, por quem possa e tenha esse ofício, nos modos e nos tempos que o Senhor quiser. Daqui a responsabilidade da nossa ordem através dos séculos, e o fardo da nossa abadia hoje: orgulhosos da verdade que proclamamos, humildes e prudentes em guardar as palavras inimigas da verdade, sem por elas nos deixarmos sujar. Ora, meus irmãos, qual é o pecado de orgulho que pode tentar um monge estudioso? O de entender o seu próprio trabalho não como guarda mas como busca de alguma notícia que não tenha ainda sido dada aos humanos, como se a última não tivesse já ressoado nas palavras do último anjo que fala no último livro das escrituras: «Agora declaro a quem quer que escute as palavras de profecia deste livro que, se alguém lhe acrescentar alguma coisa, Deus porá sobre ele as pragas escritas neste livro, e se alguém retirar alguma coisa às palavras de profecia deste livro Deus lhe retirará a sua parte do livro da vida e da cidade santa e das coisas que estão escritas neste livro.» Pois bem... não vos parece, meus desventurados irmãos, que estas palavras mais não refletem do que quanto aconteceu recentemente entre estas muralhas, enquanto tudo quanto aconteceu entre estas muralhas mais não reflete do que as próprias vicissitudes do século em que vivemos, tendence na palavra como nas obras, nas cidades como nos castelos, nas soberbas universidades e nas igrejas catedrais a procurar com afã descobrir novos codicilos às palavras da verdade, deformando o sentido daquela verdade já rica de todos os escólios, e necessitando apenas de intrépida defesa e não de estólido incremento? Este é o orgulho que serpenteou ou ainda serpenteia por estas muralhas: e eu digo a quem se afadigou e se afadiga em quebrar os sigilos dos livros que não lhe são devidos que é este o orgulho que o Senhor quis punir e que continuará a punir se ele não diminuir e não se humilhar, porque ao Senhor não é difícil encontrar, ainda e sempre, por causa da nossa fragilidade, os instrumentos da sua vingança.

- Ouviste, Adso? - murmurou-me Guilherme. - O velho sabe mais do que aquilo que diz. Que tenha ou não as mãos nesta história, ele sabe, e adverte que se os monges curiosos continuarem a violar a biblioteca a abadia não recuperará a sua paz.

Jorge agora, depois de uma longa pausa, recomeçava a falar.

- Mas quem é afinal o próprio símbolo deste orgulho, de quem os orgulhosos são figura e mensageiros, cúmplices e estandartes? Quem em verdade agiu e age talvez entre estas muralhas, de modo a avisar-nos que os tempos estão próximos, e a consolar-nos, porque,

se os tempos estão próximos, os sofrimentos serão decerto insustentáveis, mas não infinitos no tempo, dado que o grande ciclo deste universo está para se cumprir? Oh, vós compreendeste-lo muito bem, e receais dizer o seu nome, porque é também o vosso, e vós tendes medo dele, mas, se vós tendes medo, não o tereis eu, e esse nome di-lo-ei em voz bem alta, a fim de que as vossas vísceras se torçam de pavor, e os vossos dentes batam até vos cortarem a língua, e o gelo que se formará no vosso sangue faça descer um véu escuro sobre os vossos olhos... Ele é a besta imunda, ele é o Anticristo!

Fez outra longuíssima pausa. Os circunstantes pareciam mortos. A única coisa móvel em toda a igreja era a chama do tripode, mas até as sombras que ela formava pareciam ter-se enregelado. O único rumor, rouco, era o arquejar de Jorge, que enxugava o suor da fronte. Depois, Jorge continuou:

- Quereis vós talvez dizer-me: não, esse não está ainda para vir, onde estão os sinais da sua vinda? Insipiente quem o dissesse! Mas se as temos diante dos olhos, dia após dia, no grande anfiteatro do mundo, e na imagem reduzida da abadia, as catástrofes anunciadoras... Foi dito que, quando o momento estiver próximo, se levantará no ocidente um rei estrangeiro, senhor de imensas fraudes, ateu, matador de homens, fraudulento, sedento de ouro, hábil na astúcia, malvado, inimigo dos fiéis e seu perseguidor, e no seu tempo não se terá em conta a prata mas ter-se-á em apreço somente o ouro! Eu sei bem: vós que me escutais apressais-vos agora a fazer os vossos cálculos para saber se aquele de que falo se assemelha ao papa ou ao imperador ou ao rei de França ou a quem quiserdes, para poder dizer: ele é o meu inimigo e eu estou do lado bom! Mas não sou tão ingênuo que vos indique um homem, o Anticristo quando vier vem em todos e para todos, e cada um é parte dele. Estará nos bandos de salteadores que saquearão cidades e regiões, estará em imprevistos sinais do céu onde aparecerão de improviso arco-íris, cornos e fogos, enquanto se ouvirão mugidos de vozes e o mar ferverá. Disse-se que os homens e os animais gerarão dragões, mas queria dizer-se que os corações conceberão ódio e discórdia, não olheis em redor para descobrir os animais das iluminuras que vos deleitam nos pergaminhos! Disse-se que as jovens há pouco desposadas parirão meninos já capazes de falar perfeitamente, os quais portarão o anúncio da maturidade dos tempos e pedirão para serem mortos. Mas não procureis entre as aldeias do vale, os meninos demasiado sábios já foram mortos entre estas muralhas! E como os das profecias, tinham o aspecto de homens já encanecidos, e da profecia eles eram os filhos quadrúpedes, e os espectros, e os embriões que deveriam profetizar no ventre das mães pronunciando encantamentos mágicos. E tudo foi escrito, sabeis? Foi escrito que muitas serão as agitações nas seitas, nos povos, nas igrejas; que se levantarão pastores inócuos, perversos, cheios de desprezo, ávidos, desejosos de prazeres, amantes do lucro, contentando-se com vãos discursos, fanfarrões, soberbos, gulosos, protervos, imersos na sensualidade, à procura de vanglória, inimigos do evangelho, prontos a repudiar a porta estreita, a desprezar a palavra verdadeira, e terão ódio a todo o caminho de piedade, não se arrependerão do seu pecar, e por isso no meio dos povos dilatarão a incredulidade, o ódio fraterno, a maldade, a dureza, a inveja, a

indiferença, o latrocínio, a embriaguez, a intemperança, a lascívia, o prazer carnal, a fornicção e todos os outros vícios. Serão escassos a aflição, a humildade, o amor da paz, a pobreza, a compaixão, o dom das lágrimas... Vamos, coragem, não vos reconheceis, todos vós aqui presentes, monges da abadia e poderosos vindos de fora?

Na pausa que se seguiu ouviu-se um roçar ligeiro. Era o cardeal Bertrando, que se agitava no seu cadeirão. No fundo, pensei, Jorge estava procedendo como grande pregador, e enquanto fustigava os seus irmãos não poupava sequer os visitantes. E teria dado não sei o quê para saber o que passava naquele momento pela cabeça de Bernardo, ou dos gordos avinhonenses.

- E será nesse justo momento, que é justamente este - troou Jorge -, que o Anticristo terá a sua blasfema parusia, macaco que quer ser de Nosso Senhor. Nesses tempos (que são estes) serão subvertidos todos os reinos, haverá fome e pobreza, e penúria de meses, e Invernos de excepcional rigor. E os filhos desse tempo (que é este) já não terão quem administre os seus bens e conserve nos seus depósitos os alimentos e serão vexados nos mercados de compra e de venda. Bem-aventurados então aqueles que não viverem, ou que, vivendo, conseguirem sobreviver! Chegará então o filho da perdição, o adversário que se glorifica e se incha, exibindo múltiplas virtudes para enganar toda a terra e para prevalecer sobre os justos. A Síria cairá e chorará os seus filhos. A Cilícia levantará a cabeça até que apareça aquele que é chamado a julgá-la. A filha de Babilônia levantar-se-á do trono do seu esplendor para beber do cálice da amargura. A Capadócia, a Lícia e a Licaônia dobrarão a espinha porque multidões inteiras se verão destruídas na corrupção da sua iniquidade. Acampamentos de bárbaros e carros de guerra aparecerão por toda a parte para ocuparem as terras. Na Arménia, no Ponto e na Bitínia, os adolescentes perecerão ao fio da espada, as meninas cairão prisioneiras, os filhos e as filhas consumarão incestos, a Pisídia, que se exalta na sua glória, será prostrada, a espada passará no meio da Fenícia, a Judéia vestir-se-á de luto e preparar-se-á para o dia da perdição por causa da sua impureza. De toda a parte então aparecerão desprezo e desolação, o Anticristo vencerá o Ocidente e destruirá as vias de tráfico, terá nas mãos espada e fogo ardente e queimará com furor de violência de chama: sua força será a blasfêmia, engano a sua mão, a direita será ruína, a esquerda portadora de trevas. Estes são os traços que o distinguirão: a sua cabeça será de fogo ardente, o seu olho direito injetado de sangue, o seu olho esquerdo de um verde felino, e terá duas pupilas, e as suas pálpebras serão brancas, o seu lábio inferior grande, terá débil o fêmur, grossos os pés, o polegar achatado e alongado!

- Parece o seu retrato - escarneceu Guilherme num fio de voz.

Era uma frase muito ímpia, mas agradeci-lhe, porque se me eriçavam os cabelos na cabeça. Contive a custo uma risada, enchendo as bochechas e deixando sair um fio de ar dos lábios fechados. Rumor que, no silêncio que se tinha seguido às últimas palavras do velho, se ouviu perfeitamente, mas por sorte todos pensaram que fosse alguém que

tossia ou que chorava, ou estremecia, e todos tinham bem de quê.

- É o momento - dizia agora Jorge - em que tudo cairá no arbítrio, os filhos levantarão as mãos contra os pais, a mulher tramará contra o marido, o marido chamará a juízo a mulher, os patrões serão desumanos com os servos e os servos desobedecerão aos patrões, já não haverá reverência pare com os velhos, os adolescentes pedirão o comando, o trabalho parecerá a todos uma inútil fadiga, por toda a parte se elevarão cânticos de glória à licença, ao vício, à dissoluta liberdade dos costumes. E, depois disto, estupros, adultérios, perjúrios, pecados conconatura seguir-se-ão em grandes vagas, e males, e adivinhações, e encantamentos, e aparecerão no céu corpos volantes, surgirão no meio dos bons cristãos falsos profetas, falsos apóstolos, corruptores, impostores, bruxos,

estupradores, avaros, perjuros e falsificadores, os pastores transformar-se-ão em lobos, os sacerdotes mentirão, os monges desejarão as coisas do mundo, os pobres não acorrerão em ajuda dos chefes, os poderosos serão sem misericórdia, os justos far-se-ão testemunhas de injustiça. Todas as cidades serão sacudidas por terremotos, haverá pestilências em todas as regiões, tempestades de vento erguerão a terra, os campos serão contaminados, o mar segregará humores negros, novos desconhecidos prodígios terão lugar na Lua, as estrelas abandonarão a sua curva normal, outras (desconhecidas) sulcarão o céu, nevará no Verão e fará um calor tórrido no Inverno. E serão chegados os tempos do fim e o fim dos tempos... No primeiro dia, à hora terça, elevar-se-á no firmamento uma voz grande e potente, uma nuvem purpúrea avançará de setentrião, trovões e relâmpagos a seguirão, e sobre a terra descerá uma chuva de sangue. No segundo dia, a terra será arrancada do seu lugar e o fumo de um grande fogo passará através das portas do céu. No terceiro dia, os abismos da terra retumbarão dos quatro cantos do cosmo. Os pináculos do firmamento abrir-se-ão, o ar encher-se-á de pilares de fumo, e haverá fedor de enxofre até à hora décima. No quarto dia, de manhã cedo, o abismo liquefar-se-á e emitirá estrondos, e cairão os edifícios. No quinto dia, à hora sexta, ver-se-ão desfeitas as potências de luz e a roda do Sol, e haverá trevas no mundo até à noite, e as estrelas e a Lua cessarão o seu ofício. No sexto dia, à hora quarta, o firmamento fender-se-á de oriente a ocidente, e os anjos poderão olhar para a terra através da fenda dos céus e todos aqueles que estão sobre a terra poderão ver os anjos que olham do céu. Então, todos os homens se esconderão nas montanhas pare fugirem ao olhar dos anjos justos. E no sétimo dia chegará o Cristo na luz de seu pai. E haverá então o juízo dos bons e a sua ascensão na beatitude eterna dos corpos e das almas. Mas não é sobre isto que meditareis esta noite, irmãos orgulhosos! Não é aos pecadores que caberá ver a alba do oitavo dia, quando se elevará do oriente uma voz doce e terna, no meio do céu, e manifestar-se-á aquele Anjo que tem poder sobre todos os outros anjos santos, e todos os anjos avançarão juntamente com ele, sentados sobre um carro de nuvens, cheios de alegria, correndo velozes pelo ar, para libertarem os eleitos que tiverem acreditado, e todos juntos se regozijarão, porque a destruição deste mundo terá sido consumada! Não é com isto que devemos, nós, orgulhosamente regozijar-nos esta noite! Meditaremos em vez disso sobre as palavras que o Senhor pronunciará para expulsar de si

quem não mereceu salvação: ide para longe de mim, malditos, para o fogo eterno que vos foi preparado pelo diabo e pelos seus ministros! Vós próprios bem o merecestes, e agora gozai-o! Afastai-vos de mim, descendo nas trevas exteriores e no fogo inextinguível! Eu dei-vos forma, e vós fizeste-vos sequazes de um outro! Fizeste-vos servos de um outro senhor, ide morar com ele na escuridão, com ele, a serpente que não repousa, no meio do ranger de dentes! Dei-vos o ouvido para prestardes atenção às escrituras, e vós escutastes as palavras dos pagãos! Modelei-vos uma boca para glorificardes a Deus, e vós usaste-la para as falsidades dos poetas e para os enigmas dos histriões! Dei-vos os olhos para que visseis a luz dos meus preceitos, e vós usaste-os para perscrutar na treva! Eu sou um juiz humano, mas justo. A cada um darei aquilo que merece. Queria ter misericórdia de vós, mas não encontro óleo nos vossos vasos. Seria impelido a apiedar-me, mas as vossas lâmpadas estão fumadas. Afastai-vos de mim... Assim falará o Senhor. E aqueles... e nós talvez, desceremos ao eterno suplício. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

- Amém! - responderam todos a uma voz.

Todos em fila, sem um sussurro, foram os monges para os seus catres. Sem desejo de se falarem desapareceram os menoritas e os homens do papa, aspirando ao isolamento e ao repouso. O meu coração estava pesado.

- Para a cama, Adso - disse-me Guilherme, subindo as escadas do albergue dos peregrinos. - Não é uma noite para ficar fora. A Bernardo Gui poderia vir em mente antecipar o fim do mundo começando pelas nossas carcaças. Amanhã procuraremos estar presentes a matinas, porque logo a seguir partirão Miguel e os outros menoritas.

- Também partirá Bernardo com os seus prisioneiros? - perguntei com um fio de voz.

- Seguramente, não tem mais nada a fazer aqui. Quererá preceder Miguel em Avinhão, mas de modo que a chegada deste coincida com o processo ao despenseiro, menorita, herético e assassino. A fogueira do despenseiro iluminará como archote propiciatório o primeiro encontro de Miguel com o papa.

- E que acontecerá a Salvador... e à rapariga?

- Salvador acompanhará o despenseiro, porque deverá testemunhar no seu processo. Pode ser que em troca deste serviço Bernardo lhe conceda a vida. Poderá mesmo deixá-lo escapar para depois o mandar matar. Ou talvez o deixe ir verdadeiramente, porque um tipo como Salvador não interessa a um tipo como Bernardo. Quem sabe, talvez acabe como estrangulador nalguma floresta do Languedoc...

- E a rapariga?

- Já te disse, é carne queimada. Mas arderá primeiro, pelo caminho, para edificação de alguma aldeota cátera ao longo da costa. Ouvi dizer que Bernardo se deve encontrar com o seu colega Jacques Fournier (recorda-te deste nome, por agora queima albigenses, mas visa mais alto), e uma bela bruxa sobre a pira aumentará o prestígio e a fama de ambos...

- Mas não se pode fazer nada para os salvar? - gritei. - Não pode intervir o Abade?

- Por quem? Pelo despenseiro, réu confesso? Por um miserável como Salvador? Ou tu pensas na rapariga?

- E se assim fosse? - ousei. - No fundo, é dos três a única verdadeiramente inocente, vós sabeis que não é uma bruxa...

- E crês que o Abade, depois daquilo que sucedeu, quererá arriscar o pouco prestígio que lhe resta por uma bruxa?

- Mas assumiu a responsabilidade de deixar fugir Ubertino!

- Ubertino era um dos seus monges e não era acusado de nada. E, depois, que tolices me estás a dizer, Ubertino era uma pessoa importante, Bernardo só o poderia atingir pelas costas.

- Então o despenseiro tinha razão, os simples pagam sempre por todos, mesmo por aqueles que falam a seu favor, mesmo por aqueles, como Ubertino e Miguel, que com as suas palavras de penitência os impeliram à revolta!

Estava desesperado, e não considerava sequer que a rapariga não era um fraticello seduzido pela mística de Ubertino. No entanto, era uma camponesa, e pagava por uma história que não lhe dizia respeito.

- Assim é - respondeu-me tristemente Guilherme. - E, se realmente procuras um raio de justiça, dir-te-ei que um dia os cães grandes, o papa e o imperador, para fazerem a paz, passarão sobre o corpo dos cães mais pequenos que se encarniçaram ao seu serviço. E Miguel ou Ubertino serão tratados como hoje é tratada a tua rapariga.

Agora sei que Guilherme profetizava, ou melhor, silogizava, com base em princípios de filosofia natural. Mas naquele momento as suas profecias e os seus silogismos não me consolaram absolutamente nada. A única coisa certa era que a rapariga seria queimada. E sentia-me co-responsável, porque era como se na fogueira ela expiasse também o pecado que eu tinha cometido com ela.

Sem pudor algum, desatei aos soluços e fugi para a minha cela, onde durante toda a

noite mordi o enxergão e gemi impotente, porque nem sequer me era concedido - como tinha lido nos romances de cavalaria com os meus companheiros de Melk - lamentar-me invocando o nome da amada.

Do único amor terreno da minha vida não sabia, e jamais soube, o nome.

SEXTO DIA MATINAS

Onde os príncipes sederunt, e Malaquias desaba por terra.

Descemos a matinas. Aquela última parte da noite, quase a primeira do novo dia iminente, estava ainda enevoadada. À medida que atravessava o claustro, a umidade penetrava-me até ao fundo dos ossos, moídos pelo sono inquieto. Embora a igreja estivesse fria, foi com um suspiro de alívio que me ajoelhei sob aquelas abóbadas, ao abrigo dos elementos, confortado pelo calor dos outros corpos, e da oração.

O canto dos salmos tinha-se iniciado há pouco, quando Guilherme me indicou um lugar vazio nas estalas à nossa frente, entre Jorge e Pacífico de Tivoli. Era o lugar de Malaquias, que de fato se sentava sempre ao lado do cego. E não éramos nós os únicos que nos tínhamos apercebido daquela ausência. De um lado surpreendi um olhar preocupado do Abade, que decerto já sabia bem como aquelas faltas eram portadoras de sombrias notícias. E do outro reparei numa singular inquietação que agitava o velho Jorge. O seu rosto, habitualmente tão indecifrável por causa dos seus olhos brancos privados de luz, estava quase inteiramente imerso na sombra, mas as suas mãos estavam nervosas e irrequietas. De fato, várias vezes tateou o lugar a seu lado, como para verificar se estava ocupado. Fazia e voltava a fazer o gesto a intervalos regulares, como esperando que o ausente reaparecesse de um momento para o outro, mas temesse não o ver reaparecer.

- Onde estará o bibliotecário? - sussurrei a Guilherme.

- Malaquias - respondeu Guilherme - era agora o único que tinha o livro nas mãos. Se não é ele o culpado dos delitos, então poderia não conhecer os perigos que aquele livro encerrava...

Não havia mais nada a dizer. Devia-se apenas esperar. E esperamos, nós, o Abade, que continuava a fixar a estala vazia, Jorge, que não cessava de interrogar o escuro com as mãos.

Quando se chegou ao fim do ofício, o Abade recordou aos monges e aos noviços que era necessário prepararem-se para a grande missa natalícia e que, por isso, como de costume, se empregaria o tempo antes de laudas experimentando o afinamento da

comunidade inteira na execução de alguns dos cantos previstos para aquela ocasião. Aquela fileira de homens devotos estava com efeito harmonizada como um só corpo e uma só voz, e por um longo cortejo de anos reconhecia-se unida, como uma única alma, no canto.

O Abade convidou a entoar o Sederunt:

Sederunt principes et adversus me loquebantur, iniqui. Persecuti sunt me. Adjuva me, Domine, Deus meus salvum me fac propter magnam misericordiam tuam.

Perguntei-me se o Abade não teria escolhido mandar cantar aquele gradual precisamente naquela noite, quando ainda estavam presentes à função os enviados dos príncipes, para recordar como há séculos a nossa ordem estava pronta a resistir à perseguição dos poderosos, graças à sua privilegiada relação com o Senhor, Deus dos exércitos. E na verdade o início do canto deu uma grande impressão de poder.

Com a primeira sílaba se começou um coro lento e solene de dezenas e dezenas de vozes, cujo som baixo encheu as naves e pairou sobre as nossas cabeças, e todavia parecia surgir do coração da terra. E não se interrompeu, porque, enquanto outras vozes começavam a tecer, sobre aquela linha de profundidade e continua, uma série de vocalizos e de melismos, ele - telúrico - continuava a dominar, e não cessou durante todo o tempo que é necessário a um recitante de voz cadenciada e lenta pare repetir doze vezes a Ave-Maria. E, como libertas de todo o temor pela confiança que aquela obstinada sílaba, alegoria da duração eterna, dava aos orantes, as outras vozes (e acima de todas as dos noviços) sobre aquela base pétrea e sólida elevavam cúspides, colunas, pináculos de neumas liquescentes e pontiagudos. E enquanto o meu coração entontecia de doçura ao vibrar de um climacus ou de um porrectus, de um torculus ou de um salicus, aquelas vozes pareciam dizer-me que a alma (a dos orantes e a minha que os escutava), não podendo suportar a exuberância do sentimento, através deles se dilacerava pare exprimir a alegria, a dor, o louvor, o amor, com impulso de sonoridades suaves. Entretanto, o obstinado afinco das vozes atônicas não cedia, como se a presença ameaçadora dos inimigos, dos poderosos que perseguiam o povo do Senhor, permanecesse irresoluta. Até que aquele netúnico tumultuar de uma só nota pareceu vencido, ou pelo menos convencido e cativo do júbilo aleluiático de quem se lhe opunha, e desvaneceu-se num majestoso e perfeitíssimo acordo e num neuma supino.

Pronunciado com dificuldade quase obtusa o «sederunt», elevou-se no ar o «príncipes», numa grande e seráfica calma. Deixei de me perguntar quem eram os poderosos que falavam contra mim (contra nós), tinha desaparecido, tinha-se dissipado a sombra daquele fantasma sentado e ameaçador.

E outros fantasmas, acreditei então, se dissiparam naquela altura, porque olhando de novo para a estala de Malaquias, depois de a minha atenção ter sido absorvida pelo

canto, vi a figura do bibliotecário entre as dos outros orantes, como se jamais tivesse faltado. Olhei para Guilherme e vi uma ligeira expressão de alívio nos seus olhos, a mesma que distingi de longe nos olhos do Abade. Quanto a Jorge, tinha de novo estendido as mãos e, encontrando o corpo do seu vizinho, tinha-as prontamente retirado. Mas, quanto a ele, não saberia dizer que sentimentos o agitavam.

Agora o coro estava entoando festivamente o «adjuva me», cujo a claro se espalhava alegremente pela igreja, e mesmo o u não parecia sombrio, como o de «sederunt», mas cheio de santa energia. Os monges e os noviços cantavam, como quer a regra do canto, com o corpo direito, a garganta livre, a cabeça olhando para o alto, o livro quase à altura dos ombros de modo que se possa ler sem que, baixando a cabeça, o ar saia com menor energia do peito. Mas a hora era ainda noturna e, apesar de ressoarem as trombetas da jubilação, a caligem do sono insidiava muitos dos cantores que, perdidos talvez na emissão de uma longa nota, confiantes na própria onda do cântico, por vezes reclinavam a cabeça, tentados pela sonolência. Então, os vigilantes, mesmo naquela circunstancia, exploravam os rostos com a lanterna, um a um, para os reconduzirem justamente à vigília, do corpo e da alma.

Foi pois um vigilante o primeiro que descobriu Malaquias a cabecear de modo estranho, a oscilar como se de repente tivesse caído outra vez nas névoas cimérias de um sono que provavelmente naquela noite não tinha dormido. Aproximou-se dele com a lâmpada, iluminando-lhe o rosto e atraindo assim a minha atenção. O bibliotecário não reagiu. O vigilante tocou-lhe, e ele caiu pesadamente para a frente. O vigilante mal teve tempo de o sustar antes que ele se precipitasse no solo.

O canto abrandou, as vozes extinguiram-se, houve um breve alvoroço.

Guilherme tinha imediatamente saltado do seu lugar e tinha-se precipitado para onde já Pacifico de Tivoli e o vigilante estavam estendendo por terra Malaquias, inanimado.

Alcançamo-los quase ao mesmo tempo que o Abade, e à luz da lâmpada vimos o rosto do infeliz. Já descrevi o aspecto de Malaquias, mas naquela noite, àquela luz, ele era então a própria imagem da morte. O nariz afilado, os olhos cavos, as têmporas encovadas, as orelhas brancas e contraídas com os lobos voltados para fora, a pele da cara já estava rígida, tesa e seca, a cor das faces amarelada e coberta de uma sombra escura. Os olhos ainda estavam abertos e uma respiração difícil saía daqueles lábios requeimados. Abriu a boca e, inclinado para trás de Guilherme, que se tinha inclinado sobre ele, vi agitar-se na fiada dos seus dentes uma língua já negra. Guilherme levantou-o, abraçando-o pelos ombros, com a mão limpou-lhe um véu de suor que lhe tornava lívida a fronte. Malaquias sentiu um toque, uma presença, olhou fixamente diante de si, certamente sem ver, seguramente sem reconhecer quem estava à sua frente. Levantou uma mão trêmula, agarrou Guilherme pelo peito, puxando-lhe a cara até quase tocar a sua; depois, débil e roucamente, proferiu algumas palavras: - Tinha-mo dito... na

verdade... tinha o poder de mil escorpiões...

- Quem to tinha dito? - perguntou-lhe Guilherme. - Quem?

Malaquias tentou ainda falar. Depois foi sacudido por um grande tremor e a cabeça caiu-lhe de novo para trás. O rosto perdeu toda a cor, toda a aparência de vida. Estava morto.

Guilherme levantou-se. Descobriu a seu lado o Abade, e não lhe disse uma palavra. Depois viu, atrás do Abade, Bernardo Gui.

- Senhor Bernardo - perguntou Guilherme -, quem matou este, se vós tão bem encontrastes e encarcerastes os assassinos?

- Não mo pergunteis a mim - disse Bernardo. - Nunca disse ter entregue à justiça todos os malvados que vagueiam por esta abadia. Tê-lo-ia feito de boa vontade, se pudesse - e olhou para Guilherme. - Mas os outros agora deixo-os à severidade... ou à excessiva indulgência do senhor Abade.

Disse, enquanto o Abade empalidecia em silêncio. E afastou-se.

Naquele entretanto ouvimos como um pipilar, um soluço abafado. Era Jorge, dobrado sobre o seu genuflexório, segurado por um monge que devia ter-lhe descrito o acontecido.

- Jamais acabará - disse com voz entrecortada. - Oh, Senhor, perdoa-nos a todos!

Guilherme inclinou-se ainda um momento sobre o cadáver. Agarrou-lhe os pulsos, voltando-lhe para a luz as palmas das mãos. As pontas dos primeiros dedos da mão direita estavam escuras.

SEXTO DIA LAUDAS

Onde é eleito um novo despenseiro, mas não um novo bibliotecário.

Era já a hora de laudas? Era mais cedo ou mais tarde? A partir daquele momento perdi a noção do tempo. Passaram talvez horas, talvez menos, em que o corpo de Malaquias esteve estendido na igreja sobre um catafalco, enquanto os irmãos se dispunham em leque. O Abade dava disposições para as próximas exéquias. Ouvi-o chamar a si Bêncio e Nicolau de Morimondo. No espaço de menos de um dia, disse, a abadia tinha sido privada do bibliotecário e do despenseiro.

- Tu - disse a Nicolau - assumirás as funções de Remígio. Conheces o trabalho de muitos, aqui na abadia. Põe alguém em teu lugar de guarda às forjas, provê às necessidades imediatas de hoje, na cozinha, no refeitório. Estás dispensado dos ofícios. Vai. - Depois, a Bêncio: - Precisamente ontem à noite foste nomeado ajudante de Malaquias. Provê à abertura do scriptorium e vigia que ninguém suba sozinho à biblioteca.

Bêncio fez timidamente observar que ainda não tinha sido iniciado nos segredos daquele lugar. O Abade fixou-o com severidade:

- Ninguém disse que o serás. Tu vigia que o trabalho não pare e seja vivido como oração pelos irmãos mortos... e por aqueles que morrerão ainda. Cada um trabalhará apenas sobre os livros que já lhe foram entregues, quem quiser poderá consultar o catálogo. Nada mais. Estás dispensado das vésperas, porque àquela hora fecharás tudo.

- E como sairei? - perguntou Bêncio.

- É verdade, fecharei eu as portas de baixo depois da ceia. Vai.

Saiu com eles, evitando Guilherme, que procurava falar-lhe. No coro ficavam, em pequeno grupo, Alinardo, Pacífico de Tivoli, Aymaro de Alexandria e Pedro de Sant'Albano. Aymaro escarnecia.

- Agradeçamos ao Senhor - disse. - Morto o alemão, corríamos o risco de termos um novo bibliotecário mais bárbaro ainda.

- Quem pensais que será nomeado para o seu lugar? - perguntou Guilherme.

Pedro de Sant'Albano sorriu de modo enigmático:

- Depois de tudo o que aconteceu nestes dias, o problema já não é o bibliotecário, mas sim o Abade...

- Cala-te - disse-lhe Pacífico.

E Alinardo, sempre com o seu olhar absorto:

- Vão cometer outra injustiça... como nos meus tempos. É preciso impedi-los.

- Quem? - perguntou Guilherme.

Pacífico pegou-lhe confidencialmente por um braço e acompanhou-o para longe do velho, em direção à porta.

- Alinardo... tu bem sabes, amamo-lo muito, representa para nós a antiga tradição e os dias melhores da abadia... Mas por vezes fala sem saber o que diz. Todos nós estamos preocupados por causa do novo bibliotecário. Deverá ser digno, e maduro, e sábio... Eis tudo.

- Deverá conhecer o grego? - perguntou Guilherme.

- E o árabe, assim quer a tradição, assim exige o seu ofício. Mas há muitos entre nós com estes dotes. Eu, humildemente, e Pedro, e Aymaro...

- Bêncio sabe grego?

- Bêncio é demasiado jovem. Não sei porque é que Malaquias o escolheu ontem como seu ajudante, mas...

- Adelmo conhecia o grego?

- Creio que não. Aliás, não, sem dúvida.

- Mas conhecia-o Venancio. E Berengário. Está bem, agradeço-te.

Saímos para ir tomar qualquer coisa à cozinha.

- Porque querieis saber quem conhecia o grego? - perguntei.

- Porque todos aqueles que morrem com os dedos negros conhecem o grego. Portanto não será mal esperarmos o próximo cadáver entre aqueles que sabem grego. Eu incluído. Tu estás salvo.

- E que pensais das últimas palavras de Malaquias?

- Tu ouviste-as. Os escorpiões. A quinta trombeta anuncia entre outras coisas a saída dos gafanhotos que atormentarão os homens com um agulhão semelhante ao do escorpião, bem o sabes. E Malaquias fez-nos saber que alguém lho tinha anunciado.

- A sexta trombeta - disse eu - anuncia cavalos com cabeças de leões de cuja boca sai fumo e fogo e enxofre, montados por homens cobertos de couraças cor de fogo, jacinto e enxofre.

- Coisas de mais. Mas o próximo delito poderia ter lugar perto das cavaliças. Será preciso tê-las debaixo de olho. E preparemo-nos para o sétimo ressoar. Mais duas pessoas, portanto. Quem são os candidatos mais prováveis? Se o objetivo é o segredo do

finis Africae, aqueles que o conhecem. E, que eu saiba, existe só o Abade. A menos que a trama não seja ainda outra. Como ouviste, há pouco, estavam conjurando para depor o Abade, mas Alinardo falou no plural...

- Será preciso prevenir o Abade? - disse eu.

- De quê? Que o matarão? Não tenho provas convincentes. Eu procedo como se o assassino raciocinasse como eu. Mas se perseguisse um outro desígnio? E se, sobretudo, não houvesse um assassino?

- Que pretendeis dizer?

- Não sei exatamente. Mas, como te disse, é preciso imaginar todas as ordens possíveis, e todas as desordens.

SEXTO DIA
PRIMA

Onde Nicola conta muitas coisas enquanto se visita a cripta do tesouro.

Nicolau de Morimondo, no seu novo papel de despenseiro, estava dando ordens aos cozinheiros, e estes estavam a dar-lhe informações sobre os usos da cozinha. Guilherme queria falar-lhe, e ele pediu-nos que esperássemos alguns minutos. Depois, disse, deveria descer à cripta do tesouro para vigiar o trabalho de limpeza das custódias, que ainda lhe competia, e ali teria mais tempo para conversar.

Pouco depois, de fato, convidou-nos a segui-lo, entrou na igreja, passou por trás do altar-mor (enquanto os monges estavam dispendo um catafalco na nave, para velar os despojos mortais de Malaquias), e fez-nos descer uma escada estreita, aos pés da qual nos encontramos numa sala de abóbadas muito baixas sustentadas por grossas pilastras de pedra não trabalhada. Estávamos na cripta em que se guardavam as riquezas da abadia, lugar de que o Abade era muito cioso e que se abria apenas em circunstancias excepcionais e para hóspedes de muito respeito.

A toda a volta havia custodias de diferentes tamanhos, no interior das quais a luz das rochas (acesas por dois ajudantes da confiança de Nicolau) fazia resplandecer objetos de maravilhosa beleza. Paramentos dourados, coroas de ouro com incrustações de gemas, escrínios de vários metais historiados com figuras, trabalhos de nielo, marfins. Nicolau mostrou-nos, extasiado, um evangeliário cuja encadernação ostentava admiráveis placas de esmalte que compunham uma variedade unidade de compartimentos regulares, divididos por filigranas de ouro e fixados, como pregos, por pedras preciosas. Indicou-nos uma delicada edícula com duas colunas de lápis-lazúli e ouro que enquadravam uma deposição do sepulcro representada em delicado baixo-relevo de prata encimada por

uma cruz de ouro com treze diamantes incrustados sobre um fundo de ônix variado, enquanto o pequeno frontão era armado em ágata e rubis. Depois vi um díptico criselefantino dividido em cinco partes, com cinco cenas da vida de Cristo, e ao centro um cordeiro místico composto de alvéolos de prata dourada com massa de vidro, única imagem policroma sobre um fundo de cérea brancura.

O rosto, os gestos de Nicolau, à medida que nos indicava estas coisas, iluminavam-se de orgulho. Guilherme louvou as coisas que tinha visto, depois perguntou a Nicolau que espécie de pessoa era Malaquias.

- Estranha pergunta - disse Nicolau -, tu também o conhecias.

- Sim, mas não o bastante. Nunca compreendi que pensamentos ocultava... e... - hesitou em pronunciar juízos sobre alguém que há pouco tinha desaparecido - ...e se os tinha.

Nicolau umedeceu um dedo, passou-o sobre uma superfície de cristal que não estava perfeitamente polida e respondeu com um meio-sorriso, sem olhar Guilherme no rosto:

- Vês que não tens necessidade de fazer perguntas... É verdade, no dizer de muitos, Malaquias parecia bastante pensativo, mas era, pelo contrário, um homem muito simples. Segundo Alinardo, era um idiota.

- Alinardo guarda rancor a alguém por um acontecimento remoto, quando lhe foi negada a dignidade de bibliotecário.

- Também eu ouvi falar disso, mas trata-se de uma velha história, remonta há pelo menos cinquenta anos. Quando eu aqui cheguei era bibliotecário Roberto de Bobbio, e os velhos murmuravam sobre uma injustiça cometida em prejuízo de Alinardo. Então não quis aprofundar, porque me parecia falta de respeito para com os mais velhos e não queria prestar-me a murmurações. Roberto tinha um ajudante, que depois morreu, e em seu lugar foi nomeado Malaquias, ainda muito jovem. Muitos disseram que não tinha mérito algum, que afirmava saber grego e árabe e não era verdade, era apenas um bom imitador que copiava em bela caligrafia os manuscritos naquelas línguas mas sem compreender o que copiava. Dizia-se que um bibliotecário deve ser bastante mais douto. Alinardo, que então era ainda um homem cheio de força, disse coisas duríssimas sobre essa nomeação. E insinuou que Malaquias tinha sido posto naquele lugar para fazer o jogo do seu inimigo, mas não compreendi de quem falava. Eis tudo. Sempre se murmurou que Malaquias defendia a biblioteca como um cão de guarda mas sem bem compreender aquilo que ela encerrava. Por outro lado, também se murmurou contra Berengário, quando Malaquias o escolheu como seu ajudante. Dizia-se que ele também não era mais hábil que o seu mestre, que era apenas um intriguista. Também se disse... mas, aliás, também tu deves ter ouvido estas murmurações... que havia uma estranha relação entre

Malaquias e ele... coisas velhas, depois sabes que se murmurou de Berengário e de Adelmo, e os copistas jovens diziam que Malaquias sofria em silêncio um ciúme atroz... E depois também se murmurava das relações entre Malaquias e Jorge, não, não no sentido que podes imaginar... nunca ninguém murmurou sobre a virtude de Jorge! Mas Malaquias, como bibliotecário, por tradição, devia ter eleito o Abade como seu confessor, enquanto todos os outros se confessam a Jorge (ou a Alinardo, mas o velho já está quase demente)... Pois bem, dizia-se que, apesar disso, Malaquias conversava com demasiada frequência com Jorge, como se o Abade dirigisse a sua alma, mas Jorge regulasse o seu corpo, os seus gestos, o seu trabalho. Por outro lado, tu sabe-lo, viste-o, provavelmente: se alguém queria uma indicação sobre um livro antigo e esquecido, não a pedia a Malaquias, mas a Jorge. Malaquias guardava o catálogo e subia à biblioteca, mas Jorge sabia o que significava cada título...

- Porque é que Jorge sabia tantas coisas sobre a biblioteca?

- Era o mais velho, depois de Alinardo, está aqui desde a sua juventude. Jorge deve ter mais de oitenta anos, diz-se que está cego há pelo menos quarenta anos ou talvez mais...

- Como é que conseguiu tornar-se tão sabedor antes da cegueira?

- Oh, existem lendas sobre ele. Parece que já em criança era tocado pela graça divina, e lá, em Castela, ainda impúbere, lia livros dos árabes e dos doutores gregos. E depois, mesmo após a cegueira, mesmo agora, senta-se longas horas na biblioteca, pede que lhe recitem o catálogo, pede que lhe tragam livros, e um noviço lê para ele em voz alta durante horas e horas. Ele lembra-se de tudo, não é desmemoriado como Alinardo. Mas porque me perguntas todas estas coisas?

- Agora que Malaquias e Berengário estão mortos, quem mais possui os segredos da biblioteca?

- O Abade, e o Abade deverá agora transmiti-los a Bêncio... se quiser...

- Porquê se quiser?

- Porque Bêncio é jovem, foi nomeado ajudante quando Malaquias ainda era vivo, ser ajudante-bibliotecário é diferente de ser bibliotecário. Por tradição, o bibliotecário torna-se depois Abade...

- Ah, é assim... Por isso o lugar de bibliotecário é tão cobiçado. Mas então Abbone foi bibliotecário?

- Não, Abbone não. A sua nomeação teve lugar antes de eu aqui chegar, deve haver

agora trinta anos. Antes era abade Paulo de Rimini, um homem curioso de quem se contam estranhas histórias: parece que era um leitor insaciável, conhecia de cor todos os livros da biblioteca, mas tinha uma estranha enfermidade, não conseguia escrever, chamavam-lhe Abbas agraphicus... Tornou-se abade muito jovem, dizia-se que tinha o apoio de Algirdas de Cluny, o Doctor Quadratus... Mas isto são velhos falatórios dos monges. Em suma, Paulo veio a ser abade, Roberto de Bobbio tomou o seu lugar na biblioteca, mas era minado por um mal que o consumia, sabia-se que não poderia presidir aos destinos da abadia, e quando Paulo de Rimini desapareceu...

- Morreu?

- Não, desapareceu, não sei como, um dia partiu para uma viagem e não voltou mais, foi talvez morto pelos ladrões no decurso da viagem... Em suma, quando Paulo desapareceu, Roberto não podia tomar o seu lugar, e houve tramas obscuras. Abbone, diz-se, era filho natural do senhor desta região, tinha crescido na abadia de Fossanova, dizia-se que ainda moço tinha assistido São Tomás quando ali morreu e tinha velado pelo transporte daquele grande corpo descendo a escada de uma grande torre por onde o cadáver não conseguia passar... aquela era a sua glória, murmuravam as más línguas daqui... O fato é que foi eleito abade, embora não tivesse sido bibliotecário, e foi instruído por alguém, Roberto, creio, nos mistérios da biblioteca.

- E Roberto porque foi eleito?

- Não sei. Sempre procurei não investigar demasiado sobre estas coisas: as nossas abadias são lugares santos, mas em torno da dignidade abacial são tecidas, por vezes, horríveis tramas. Eu interessava-me pelos meus vidros e pelos meus relicários, não queria ser misturado com estas histórias. Mas agora compreendes porque não sei se o Abade quer instruir Bêncio, seria como designá-lo seu sucessor, um rapaz irrefletido, um gramático quase bárbaro, do extremo norte, como poderia saber deste país, da abadia e das suas relações com os senhores do lugar...

- Mas Malaquias também não era italiano, nem Berengário, e no entanto foram postos à frente da biblioteca.

- Eis um fato obscuro. Os monges murmuram que de há meio século a esta parte a abadia abandonou as suas tradições. Por isso, há mais de cinquenta anos, e talvez antes, Alinaldo aspirava a dignidade de bibliotecário. O bibliotecário sempre tinha sido italiano, não faltam os grandes engenhos nesta terra. E depois vês... - e aqui Nicolau hesitou, como se não quisesse dizer aquilo que ia dizer - ...vês, Malaquias e Berengário estão mortos, talvez para que não viessem a ser abades. - Sacudiu-se, agitou a mão diante do rosto como para afugentar idéias pouco honestas, depois fez o sinal da cruz. - Que coisa estou eu dizendo? Vês, neste país há muitos anos que se passam coisas vergonhosas, mesmo nos mosteiros, na corte papal, nas igrejas... Lutas para conquistar o poder,

acusações de heresia para tirar uma prebenda a alguém... Que horror, eu estou a perder a confiança no gênero humano, vejo conluios e conjures palacianas por toda a parte. A isto devia reduzir-se também esta abadia, um ninho de víboras surgido por magia oculta naquilo que era uma custódia de membros santos. Olha, o passado deste mosteiro!

Apontava-nos os tesouros espalhados a toda a volta, e, deixando de lado cruzes e outras alfaias sagradas, levou-nos a ver os relicários que constituíam a glória daquele lugar.

- Olhai - dizia -, esta é a ponta da lança que trespassou o lado do Salvador!

Era uma caixa de ouro, com tampa de cristal, onde sobre uma almofadinha de púrpura repousava um pedaço de ferro de forma triangular, já roído pela ferrugem mas agora trazido a um vivo esplendor por um longo trabalho de óleos e de ceras. Mas isto ainda não era nada. Porque numa outra caixa de prata com incrustações de ametista, e cuja parede anterior era transparente, vi um pedaço do lenho venerando da santa cruz, trazido para aquela abadia pela própria rainha Helena, mãe do imperador Constantino, depois de ter ido como peregrina aos lugares santos e de ter exumado a colina do Gólgota e o santo sepulcro, construindo nesse lugar uma catedral.

Depois Nicolau fez-nos admirar outras coisas, e não saberia falar de todas, pela sua quantidade e pela sua raridade. Estava, numa custódia toda de águas-marinhas, um prego da cruz. Estava numa ampola, pousado num ninho de pequenas rosas murchas, uma parte da coroa de espinhos, e noutra caixa, sempre sobre um tapete de flores secas, um pedacinho amarelecido da toalha da última ceia. E depois estava a bolsa de São Mateus, em malha de prata, e num cilindro, atado com uma fita violeta roída pelo tempo e selado de ouro, um osso do braço de Santa Ana! Vi, maravilha das maravilhas, encimada por um sino de vidro e sobre uma almofada vermelha bordada de pérolas, um pedaço da manjedoura de Belém, e um palmo da túnica purpúrea de São João Evangelista, duas das correntes que apertaram os tornozelos do apóstolo Pedro em Roma, o crânio de Santo Adalberto, a espada de Santo Estêvão, uma tíbia de Santa Margarida, um dedo de São Vital, uma costela de Santa Sofia, o queixo de Santo Eobano, a parte superior da omoplata de São Crisóstomo, o anel de noivado de São José, um dente do Baptista, a vara de Moisés, uma rendinha rasgada e finíssima do vestido nupcial da Virgem Maria.

E depois outras coisas que não eram relíquias mas representavam mesmo assim testemunhos de prodígios e de seres prodigiosos de terras longínquas, trazidos para a abadia por monges que tinham viajado até aos extremos confins do mundo: um basilisco e um hidra empalhados, um corno de unicórnio, um ovo que um eremita tinha encontrado dentro de outro ovo, um pedaço do maná que nutriu os hebreus no deserto, um dente de baleia, uma noz de coco, o úmero de um animal pré-diluviano, a presa de marfim de um elefante, a costela de um golfinho. E depois ainda outras relíquias que não

reconheci, cujos relicários eram talvez mais preciosos, e algumas (a avaliar pela fatura dos seus recipientes de prata enegrecida) antiqüíssimas, uma série infinita de fragmentos de ossos, de tecido, de madeira, de metal, de vidro. E frascos com pós escuros, um dos quais soube que continha os detritos calcinados da cidade de Sodoma, e outro cal dos muros de Jericó. Tudo coisas, mesmo as mais modestas, pelas quais um imperador daria mais de um feudo, e que constituíam uma reserva não só de imenso prestígio mas também de verdadeira riqueza material para a abadia que nos hospedava.

Continuava a vaguear estupefato, enquanto Nicolau já tinha deixado de nos ilustrar os objetos, que aliás eram descritos cada um por uma etiqueta, já livre de passear quase ao acaso por aquela reserva de maravilhas inestimáveis, por vezes admirando aquelas coisas em plena luz, outras vezes entrevendo-as na semiobscuridade, quando os acólitos de Nicolau se afastavam para outro ponto da cripta com as suas tochas. Estava fascinado por aquelas cartilagens amarelecidas, místicas e repugnantes ao mesmo tempo, transparentes e misteriosas, por aqueles farrapos de vestidos de época imemorial, descorados, desfiados, por vezes enrolados num frasco como um manuscrito desbotado, por aquelas matérias em migalhas que se confundiam com o tecido que lhes servia de leito, detritos santos de uma vida que foi animal (e racional) e agora, aprisionados por edifícios de cristal ou de metal que mimavam na sua minúscula dimensão a ousadia das catedrais de pedra, com as suas torres e as suas agulhas, pareciam transformados também eles em substância mineral. Assim, então, os corpos dos santos esperam sepultos a ressurreição da carne? Destes estilhaços se haveriam de recompor aqueles organismos que no fulgor da visão divina, readquirindo toda a sua sensibilidade natural, haviam de perceber, como escrevia Piperno, até as mínimas differentias odorum?

Sacudiu-me das minhas meditações Guilherme, que me tocava no ombro:

- Eu vou-me embora - disse. - Subo ao scriptorium, ainda tenho de consultar uma coisa...

- Mas não se poderão obter livros - disse eu - Bêncio recebeu ordem...

- Tenho só de examinar ainda o livro que lia no outro dia, e ainda estão todos no scriptorium sobre a mesa de Venancio. Tu, se quiseres, fica aqui. Esta cripta é um belo epítome aos debates sobre a pobreza a que assististe nestes dias. E agora sabes por que coisa se esganam estes teus irmãos, quando aspiram à dignidade abacial.

- Mas vós acreditais naquilo que vos sugeriu Nicolau? Os delitos têm a ver então com uma luta pela investidura?

- Já te disse que por agora não quero arriscar hipóteses em voz alta. Nicolau disse muitas coisas. E algumas interessaram-me. Mas agora vou seguir uma outra pista ainda. Ou talvez a mesma, mas por outro lado. E tu não te encantes demasiado com estas

custódias. Fragmentos da cruz vi muitos outros, noutras igrejas. Se todos fossem autênticos, Nosso Senhor não teria sido supliciado sobre duas hastes cruzadas, mas sobre uma floresta inteira.

- Mestre! - disse eu escandalizado.

- É assim, Adso. E há tesouros ainda mais ricos. Há tempos, na catedral de Colônia, vi o crânio de João Baptista com a idade de doze anos.

- Verdade? - exclamei admirado. Depois, preso por uma dúvida: - Mas o Baptista foi morto em idade mais avançada!

- O outro crânio deve estar noutro tesouro - disse Guilherme com ar sério.

Eu nunca compreendia quando gracejava. Na minha terra, quando se brinca, diz-se uma coisa e depois ri-se com muito barulho, de modo que todos participem na piada. Guilherme, pelo contrário, ria só quando dizia coisas sérias, e ficava muito sério quando presumivelmente gracejava.

SEXO DIA

TERÇA

Onde Adso, escutando o Dies irae, tem um sonho ou visão, como se lhe queira chamar.

Guilherme saudou Nicolau e subiu ao scriptorium. Eu já tinha visto bastante do tesouro, e decidi ir para a igreja rezar pela alma de Malaquias. Nunca tinha gostado daquele homem, que me fazia medo, e não escondo que durante muito tempo o tinha julgado culpado de todos os delitos. Agora tinha ouvido que talvez fosse um pobre homem, oprimido por paixões insatisfeitas, vaso de barro entre vasos de ferro, ensombrado porque desorientado, silencioso e evasivo porque consciente de nada ter a dizer. Sentia um certo remorso em relação a ele, e pensei que a oração pelo seu destino sobrenatural poderia aquietar os meus sentimentos de culpa.

A igreja estava agora iluminada por uma claridade tênue e lívida, dominada pelos despojos do desventurado, habitada pelo sussurro uniforme dos monges que recitavam o ofício dos mortos.

No mosteiro de Melk tinha assistido várias vezes ao trespasse de um irmão. Era uma circunstancia que não posso dizer alegre mas que me parecia todavia serena, regulada pela calma e por um sentido difuso de justiça. Cada um se revezava na cela do moribundo, confortando-o com boas palavras, e cada um pensava no seu coração como o moribundo era feliz, porque estava prestes a coroar uma vida virtuosa e dentro em pouco se uniria ao coro dos anjos, no júbilo que jamais tem fim. E parte desta serenidade, a

fragrância daquela santa inveja, comunicava-se ao moribundo, que no fim falecia sereno. Quão diversas tinham sido as mortes daqueles últimos dias! Eu tinha finalmente visto de perto como morria uma vítima dos diabólicos escorpiões do finis Africae, e certamente também tinham morrido assim Venancio e Berengário, procurando conforto na água, com o rosto já desfeito como o de Malaquias...

Sentei-me no fundo da igreja, enrosquei-me sobre mim mesmo para combater o frio. Senti um pouco de calor, movi os lábios para me unir ao coro dos meus irmãos orantes. Seguia-os quase sem dar conta do que diziam os meus lábios, com a cabeça que me descaía e os olhos que se me fechavam. Passou muito tempo, creio ter adormecido e acordado pelo menos três ou quatro vezes. Depois o coro entoou o Dies irae... O salmodiar invadiu-me como um narcótico. Adormeci de todo. Ou talvez, mais que adormecer, caí exausto num agitado torpor, dobrado sobre mim mesmo, como uma criatura ainda encerrada no ventre da mãe. E naquela névoa da alma, encontrando-me como numa região que não era deste mundo, tive uma visão ou sonho, tanto faz.

Penetrava por uma escada estreita num beco subterrâneo, como se entrasse na cripta do tesouro, mas acedia, descendo sempre, a uma cripta mais ampla, que eram as cozinhas do Edifício. Eram certamente as cozinhas, mas não só operavam fornos e potes mas também foles e martelos, como se também ali tivessem marcado encontro os ferreiros de Nicolau. Era tudo um relampejar vermelho de fogões e de caldeiras, e panelas a ferver que lançavam fumo enquanto à superfície dos seus líquidos subiam grossas bolhas crepitantes que se abriam, depois de repente com rumor surdo e contínuo. Os cozinheiros agitavam espetos pelo ar, enquanto os noviços, todos ali reunidos, davam saltos para capturar os frangos e outras aves enfiadas naqueles ferros em brasa. Mas, ao lado, os ferreiros martelavam com tal força que todo o ar ensurdecia, e nuvens de centelhas levantavam-se das bigornas confundindo-se com as que expeliam os dois fornos.

Não compreendia se me encontrava no inferno ou num paraíso como poderia tê-lo concebido Salvador, gotejante de molhos e palpitante de chouriços. Mas não tive tempo para me perguntar onde estava, porque um bando de homenzinhos, de anõezinhos de cabeça grande em forma de panela, entraram a correr e, arrastando-me no seu ímpeto, impeliram-me para a soleira do refeitório, obrigando-me a entrar.

A sala estava adornada para uma festa. Grandes tapeçarias e estandartes pendiam das paredes, mas as imagens que as adornavam não eram aquelas que habitualmente fazem apelo à piedade dos fiéis ou celebram as glórias dos reis. Elas pareciam mais inspiradas nos marginalia de Adelmo e, das suas imagens, reproduziam as menos tremendas e as mais grotescas: lebres que dançavam em redor do mastro de cocanha, rios sulcados por peixes que se lançavam espontaneamente na frigideira, segura por macacos vestidos de bispos-cozinheiros, monstros de ventre gordo que dançavam em redor de marmitas fumegantes.

Ao centro da mesa estava o Abade, vestido de festa, com um largo hábito de púrpura bordada, empunhando o seu garfo como um cetro. A seu lado, Jorge bebia de uma grande caneca de vinho, e o despenseiro, vestido como Bernardo Gui, lia virtuosamente por um livro em forma de escorpião as vidas dos santos e as passagens do evangelho, mas eram histórias que falavam de Jesus, que gracejava com o apóstolo recordando-lhe que era uma pedra e sobre aquela pedra desavergonhada que rolava pela planura fundaria a sua Igreja, ou a história de São Jerônimo, que comentava a Bíblia dizendo que Deus queria desnudar o traseiro a Jerusalém. E, a cada frase do despenseiro, Jorge ria batendo com o punho na mesa e gritava: «Tu serás o próximo abade, ventre de Deus!», dizia assim mesmo, Deus me perdoe.

A um sinal divertido do Abade entrou a teoria das virgens. Era uma fulgurante fila de mulheres ricamente vestidas, no centro das quais me pareceu à primeira vista distinguir minha mãe, depois dei-me conta do engano, porque se tratava certamente da rapariga terrível como exército alinhado para a batalha. Salvo que trazia na cabeça uma coroa de pérolas brancas, em duas fiadas, e outras duas cascatas de pérolas desciam de cada lado do seu rosto, confundindo-se com outras duas fiadas de pérolas que lhe pendiam sobre o peito, e a cada pérola estava preso um diamante grande como uma ameixa. Além disso, de ambas as orelhas descia uma fiada de pérolas azuis que se uniam em gorjeira na base do pescoço, branco e ereto como uma torre do Líbano. O manto era cor de múrice, e na mão tinha uma taça de ouro com incrustações de diamantes, a qual vim a saber, não sei como, que continha o unguento mortal roubado um dia a Severino. Seguiam esta mulher, bela como a aurora, outras figuras femininas, uma vestida de um manto branco bordado sobre uma veste escura adornada por uma dupla estola de ouro semeada de flores do campo; a segunda tinha um manto de damasco amarelo sobre uma veste rosa-pálido constelada de folhas verdes e com dois grandes quadrados fiados em forma de labirinto escuro; e a terceira tinha o manto vermelho e a veste esmeralda salpicada de pequenos animais vermelhos, e trazia nas mãos uma estola bordada e branca; e, quanto às outras, não observei as suas vestes, porque procurava compreender quem eram aquelas que acompanhavam a rapariga, que agora se parecia com a Virgem Maria; e como se cada uma trouxesse na mão ou lhe saísse da boca uma etiqueta, soube que eram Rute, Sara, Susana e outras mulheres da sagrada escritura.

Naquela altura, o Abade gritou: «Traete, filii de puta!», e entrou no refeitório outra fileira bem ordenada de personagens sagrados, que reconheci logo, austera e esplendidamente vestidos, e no centro da fila estava um sentado no trono, que era Nosso Senhor mas era ao mesmo tempo Adão, vestido com um manto de púrpura e um grande diadema vermelho e branco de rubis e pérolas a fechar o manto sobre os ombros, na cabeça uma coroa semelhante à da rapariga, na mão uma taça maior, cheia de sangue dos porcos. Outros santíssimos personagens de que falarei, todos bem meus conhecidos, faziam círculo à sua volta, mais uma fila de archeiros do rei de França, vestidos quer de verde quer de vermelho, com um escudo esmeraldino sobre o qual ressaltava o

monograma de Cristo. O chefe daquela brigada dirigiu-se a prestar homenagem ao Abade estendendo-lhe a taça, dizendo: «Sao ko kelle terre per kelle fine ke ki kontene, trenta anni le possette parte sancti Benedicti.» Ao que o Abade respondeu: «Age primum et septimum de quatuor», e todos entoaram: «In finibus Africae, amen.» Em seguida todos sederunt.

Dispersas assim as duas fileiras opostas, a uma ordem do Abade Salomão começou a pôr a mesa, Tiago e André trouxeram um molho de feno, Adão acomodou-se no centro, Eva deitou-se sobre uma folha, Caim entrou arrastando um arado, Abel veio com um balde para mungir Brunello, Noé fez uma entrada triunfal remando de pé sobre a arca, Abraão sentou-se debaixo de uma árvore, Isaac deitou-se sobre o altar de ouro da igreja, Moisés agachou-se sobre uma pedra, Daniel apareceu sobre um estrado fúnebre pelo braço de Malaquias, Tobias estendeu-se sobre um leito, José atirou-se sobre um alqueire, Benjamim estendeu-se sobre um saco, e depois ainda, mas aqui a visão tornava-se confusa, David ficou de pé sobre um montinho, João por terra, Faraó na areia (naturalmente, disse para comigo, mas porquê?), Lázaro sobre a mesa, Jesus na borda do poço, Zaqueu nos ramos de uma árvore, Mateus sobre um escabelo, Raab sobre a estopa, Rute sobre a palha, Tecla sobre o parapeito da janela (aparecendo do exterior o rosto de Adelmo, que advertia que se podia mesmo cair no fundo do despenhadeiro), Susana no horto, Judas no meio dos túmulos, Pedro na cátedra, Tiago numa rede, Elias numa sela, Raquel sobre um fardo. E Paulo apóstolo, pousada a espada, escutava Esaú, que resmungava, enquanto Job gemia no esterco e acorriam em seu auxílio Rebeca com uma veste, Judite com um cobertor, Agar com um lençol mortuário, e alguns noviços traziam um grande caldeirão fumegante do qual saltava Venancio de Salvemec, todo vermelho, que começava a distribuir chouriços de sangue de porco.

O refeitório apinhava-se agora cada vez mais, e todos comiam à tripa-forra, Jonas trazia para a mesa abóboras, Isaías legumes, Ezequiel amoras, Zaqueu flores de sicômoro, Adão limões, Daniel tremoços, Faraó pimentos, Caim cardos, Eva figos, Raquel maçãs, Ananias ameixas grandes como diamantes, Lia cebolas, Aarão azeitonas, José um ovo, Noé uvas, Simeão caroços de pêssegos, enquanto Jesus cantava o Dies irae e alegremente espalhava sobre todos os alimentos vinagre que espremia de uma pequena esponja que tinha tirado da lança de um dos archeiros do rei de França.

«Meus filhos, ó minhas ovelhinhas», disse então o Abade já ébrio, «não podeis cear assim vestidos como pedintes, vinde, vinde.» E percutia o primeiro e o sétimo dos quatro que saíam, disformes como espectros, do fundo do espelho, o espelho voava em estilhaços e dele se precipitavam por terra, ao longo das salas do labirinto, vestes multicores incrustadas de pedras, todas sujas e rasgadas. E Zaqueu tomou uma veste branca, Abraão uma cor de pardal, Lot uma cor de enxofre, Jonas azulada, Tecla carmim, Daniel leonina, João irisada, Adão uma de peles, Judas de moedas de prata, Raab escarlata, Eva cor da árvore do bem e do mal, e uns tomavam-na colorida, outros cor de esparto, uns cor de cardo e outros azul-marinho, uns verde-árvore e outros

purpúrea, ou então cor de ferrugem e negra e jacinto e cor de fogo e enxofre, e Jesus pavoneava-se numa veste cor lumbina e rindo acusava Judas de jamais saber gracejar em santa alegria.

E naquela altura Jorge, depois de tirar os vitra ad legendum, acendeu uma sarça ardente com a lenha que Sara tinha trazido, Jefte tinha apanhado, Isaac tinha descarregado, José tinha cortado, e, enquanto Jacob abria o poço e Daniel se sentava junto ao lago, os servos traziam água. Noé vinho, Agar um odre, Abraão um vitelo que Raab atou a um poste enquanto Jesus estendia a corda e Elias lhe atava os pés: depois Absalão prendeu-o pelos cabelos, Pedro estendeu a espada, Caim matou-o, Herodes derramou o seu sangue, Sem deitou-lhe fora as entranhas e o esterco, Jacob pôs o azeite, Molessadão o sal, Antíoco pô-lo ao fume, Rebeca cozinhou-o e Eva foi a primeira a prová-lo e caiu-lhe mal, mas Adão dizia que não pensasse nisso e batia nas costas de Severino, que aconselhava que lhe juntassem ervas aromáticas. Em seguida, Jesus partiu o pão, distribuiu peixes, Jacob gritava porque Esaú lhe tinha comido as lentilhas todas, Isaac devorava sozinho um cabrito no forno e Jonas uma baleia fervida, e Jesus ficou em jejum durante quarenta dias e quarenta noites.

Entretanto, todos entravam e saíam trazendo caça escolhida de todas as formas e cores, de que Benjamim ficava sempre com a parte maior e Maria com a parte melhor, enquanto Marta se queixava de ter sempre que lavar a louça toda. Depois dividiram o vitelo, que entretanto se tinha tornado enorme, e João ficou com a cabeça, Absalão a cerviz, Aarão a língua, Sansão a mandíbula, Pedro a orelha, Holofernes a cabeça, Lia o cú. Saul o colo, Jonas o ventre, Tobias o fel, Eva a costela, Maria o seio, Isabel a vulva, Moisés a cauda, Lot as pernas e Ezequiel os ossos. Entretanto, Jesus devorava um burro, São Francisco um lobo, Abel uma ovelha, Eva uma moréia, o Baptista um gafanhoto, Faraó um polvo (naturalmente, disse pare comigo, mas porquê?), e David comia cantáride atirando-se sobre a rapariga nigra sed formosa enquanto Sansão ferrava os dentes no lombo de um leão e Tecla fugia bradando perseguida por uma aranha grande e peluda.

Já estavam evidentemente todos ébrios, e havia uns que escorregavam no vinho, que caíam nas panelas ficando só com as pernas de fora cruzadas como dois paus, e Jesus tinha os dedos todos negros e estendia folhas de livro dizendo tomaí e comeí, estes são os enigmas de Sinfósio, entre os quais o do peixe que é filho de Deus e vosso salvador. E todos a beber, Jesus vinho de passes, Jonas ultramarino, Faraó sorrentino (porquê?), Moisés gaditano, Isaac cretense, Aarão adriano, Zaqueu arbustino, Tecla queimado, João albano, Abel campano, Maria signing, Raquel florentino.

Adão gorgulhava voltado para trás e o vinho saía-lhe da costela, Noé maldizia no sono Cam, Holofernes ressonava sem suspeita, Jonas dormia como uma pedra, Pedro vigiava até ao canto do galo, e Jesus acordou de repente ouvindo Bernardo Gui e Bertrando do Poggerto que resolviam queimar a rapariga; e gritou, pai, se é possível, que passe de

mim este cálice! E havia quem deitava mal, quem bebia bem, quem morria a rir e quem ria ao morrer, quem trazia frascos e bebia pelo copo dos outros. Susana gritava que jamais cederia o seu belo corpo branco ao despenseiro e a Salvador por um mísero coração de boi, Pilatos girava pelo refeitório como uma alma penada pedindo água para as mãos, e frei Dolcino, de pluma no chapéu, levava-lha, depois abria a veste chacoteando e mostrava as pudenda vermelhas de sangue, enquanto Caim fazia pouco dele abraçando a bela Margarida de Trento: e Dolcino punha-se a chorar e ia pousar a cabeça no ombro de Bernardo Gui chamando-lhe papa angélico, Ubertino consolava-o com uma árvore da vida, Miguel de Cesena com uma bolsa de ouro, as Marias aspergiam-no de unguentos e Adão convencia-o a fincar o dente numa maçã acabada de colher.

E então abriram-se as abóbadas do Edifício e desceu do céu Roger Bacon sobre uma máquina voadora, unico homine regente. Depois, David tocou a cítara e Salomé dançou com os seus sete véus, e a cada véu que caía soava uma das sete trombetas e mostrava um dos sete selos até que ficou unicamente amicta sole. Todos diziam que nunca se tinha visto uma abadia tão alegre, e Berengário levantava a cada um a veste, homens e mulheres, beijando-os no traseiro. E teve início uma dança, Jesus vestido de maestro, João de guarda, Pedro de reciário, Nemrod de caçador, Judas de delator, Adão de jardineiro, Eva de tecedeira, Caim de ladrão, Abel de pastor, Jacob de bedel, Zacarias de sacerdote, David de red, Jubal de citarista, Tiago de pescador, Antíoco de cozinheiro, Rebeca de aguadeiro, Molessadão de estúpido, Marta de serve, Herodes de doido furioso, Tobias de médico, José de carpinteiro, Noé de bêbado, Isaac de camponês, Job de homem triste, Daniel de juiz, Tamar de prostituta, Maria de patroa, e ordenava aos servos que trouxessem mais vinho porque o insensato do seu filho não queria transformar a água.

Foi então que o Abade perdeu as estribeiras porque, dizia, ele tinha organizado uma festa tão bonita e ninguém lhe doava nada: e todos competiram então para lhe levarem presentes e tesouros, um touro, uma ovelha, um leão, um camelo, um veado, um vitelo, uma jumenta, um carro solar, o queixo de Santo Eobano, a cauda de Santa Morimonda, o útero de Santa Arundalina, a nuca de Santa Burgosina, cinzelada como uma taça com a idade de doze anos, e uma cópia do Pentagonum Salomonis. Mas o Abade pôs-se a gritar que assim fazendo procuravam distrair a sua atenção, e de fato saqueavam-lhe a cripta do tesouro, onde agora nos encontrávamos todos, e que lhe tinham tirado um livro preciosíssimo que falava dos escorpiões e das sete trombetas, e chamava os archeiros do rei de França para que revistassem todos os suspeitos. E foram encontrados, para vergonha de todos, um tecido multicolor sobre Agar, um selo de ouro sobre Raquel, um espelho de prata no seio de Tecla, um sifão para beber debaixo do braço de Benjamim, uma coberta de seda entre as vestes de Judite, uma lança na mão de Longino e a mulher de outro nos braços de Abimeleque. Mas o pior aconteceu quando encontraram um galo negro à rapariga, negra e belíssima como um gato da mesma cor, e lhe chamaram bruxa e pseudo-apóstolo, de modo que todos se lançaram sobre ela para a punirem. O Baptista decapitou-a, Abel esganou-a, Adão expulsou-a, Nabucodonosor escreveu-lhe com uma

mão em brasa signos zodiacais no seio, Elias raptou-a num carro de fogo, Noé mergulhou-a na água, Lot transformou-a numa estátua de sal, Susana acusou-a de luxúria, José traiu-a com outra, Ananias meteu-a numa fornalha, Sansão acorrentou-a, Paulo flagelou-a, Pedro crucificou-a de cabeça para baixo, Estevão lapidou-a, Lourenço queimou-a na grelha, Bartolomeu esfolou-a, Judas denunciou-a, o despenseiro queimou-a, e Pedro negava tudo. Depois, todos se lançaram sobre aquele corpo cobrindo-o de excrementos, pisando-lhe a cara, urinando-lhe na cabeça, vomitando-lhe no seio, arrancando-lhe os cabelos, golpeando-lhe as nádegas com fachos ardentes. O corpo da rapariga, tão belo e tão doce em tempos, estava agora a descarnar-se, subdividindo-se em fragmentos que se dispersavam pelas custódias e pelos relicários de cristal e de ouro da cripta. Ou melhor, não era o corpo da rapariga que ia povoar a cripta, eram os fragmentos da cripta que redemoinhando pouco a pouco se compunham para formar o corpo da rapariga, agora coisa mineral, e depois de novo se decompunham dispersando-se, poeira sagrada de segmentos acumulados por uma insensata impiedade. Era agora como se um único corpo imenso se tivesse ao longo dos milênios dissolvido nas suas partes e estas partes se tivessem disposto para ocupar toda a cripta, mais resplandecente mas não dessemelhante do ossário dos monges defuntos, e como se a forma substancial do próprio corpo do homem, obra-prima da criação, se tivesse fragmentado em formas acidentais múltiplas e separadas, tornando-se assim imagem do seu contrário, forma já não ideal mas terrena, de pó e estilhaços nauseabundos, apenas capazes de significar morte e destruição...

Já não encontrava agora os personagens do banquete, nem os presentes que tinham trazido, era como se todos os hóspedes do simpósio estivessem agora na cripta, cada um mumificado num detrito próprio, cada um diáfana sinédoque de si mesmo, Raquel como um osso, Daniel como um dente, Sansão como um maxilar, Jesus como um farrapo de veste purpurina. Como se no fim do banquete, tendo-se a festa transformado no massacre da rapariga, este se tivesse tornado o massacre universal e aqui visse o seu resultado final, os corpos (que digo?, a totalidade do corpo terrestre e sublunar daqueles comensais famélicos e sequiosos) transformados num único corpo morto, dilacerado e atormentado como o corpo de Dolcino depois do suplício, transformado num imundo e resplandecente tesouro, estendido em toda a sua superfície como a pele de um animal esfolado e dependurado que porém contivesse ainda petrificados, com o couro, as vísceras e os órgãos todos, e os próprios traços do rosto. A pele com cada uma das suas pregas, rugas e cicatrizes, com os seus planos aveludados, com a floresta dos pêlos, da cútis, do peito, e das pudenda, convertidas num suntuoso damasco, e os seios, as unhas, as formações córneas sob o calcanhar, os filamentos das pestanas, a matéria aquosa dos olhos, a polpa dos lábios, a frágil espinha dorsal, a arquitetura dos ossos, tudo reduzido a farinha arenosa, sem que nada porém tivesse perdido a própria figura e disposição recíproca, as pernas esvaziadas e frouxas como um escarpim, a sua carne disposta ao lado como um casulo com todos os arabescos vermelhos das veias, o amontoado cinzelado das vísceras, o intenso e mucoso rubi do coração, a teoria nacarada dos dentes todos iguais dispostos em colar, com a língua como um brinco rosa e azul, os dedos

alinhados como círios, o selo do umbigo a reatar os fios deslocados do tapete do ventre... De toda a parte, na cripta, agora escarnecia de mim, sussurrava-me, convidava-me à morte este macrocorpo subdividido em custódias e relicários e todavia reconstruído na sua vasta e irracional totalidade, e era o mesmo corpo que na ceia comia e cabriolava obsceno e que me aparecia no entanto já fixado na intangibilidade da sua ruína surda e cega. E Ubertino, agarrando-me pelo braço até me enterrar as unhas na carne, sussurrava-me: «Vês, é a mesma coisa, aquele que antes triunfava na sua loucura e que se deleitava no seu jogo agora está aqui, punido e premiado, liberto da sedução das paixões, imobilizado pela eternidade, entregue ao gelo eterno que o conserve e que o purifique, subtraído à corrupção através do triunfo da corrupção, porque já nada poderá reduzir a pó aquilo que já é pó e substancia mineral, mors est quies viatoris, finis est omnis laboris...»

Mas de repente entrou na cripta Salvador, flamejante como um feio diabo, e gritou: «Estúpido! Não vês que esta é a grande besta liotarda do livro de Job? De que tens medo, meu patrãozinho? Aqui tens o pastelzinho de queijo!» E repentinamente a cripta iluminou-se de clarões avermelhados e era de novo a cozinha, mas, mais que uma cozinha, era o interior de um grande ventre, mucoso e viscoso, e ao centro estava um animal negro como um corvo e com mil mãos, acorrentado a uma grande grelha, que alongava os seus membros para prender todos aqueles que se encontravam em seu redor, e como o vilão que quando tem sede espreme o cacho de uvas assim aquele animal enorme apertava aqueles que tinha capturado, de tal modo que os quebrava todos com as mãos, a uns as pernas, a outros a cabeça, fazendo depois com eles uma grande barrigada, arrotando um fogo que parecia mais fedorento que o enxofre. Mas, mistério altamente admirável, aquela cena já não me incutia pavor, e surpreendia-me a olhar com familiaridade para aquele «bom diabo» (assim pensei) que ao fim e ao cabo não era outro senão Salvador, porque, agora, do corpo humano mortal, dos seus padecimentos e da sua corrupção sabia tudo e não temia mais nada. De fato, à luz daquela chama, que agora parecia gentil e acolhedora, revi todos os hóspedes da ceia, agora restituídos à sua figura, que cantavam afirmando que de novo tudo recomeçava, e entre eles a rapariga, íntegra e belíssima, que me dizia: «Não é nada, não é nada, verás que depois volto mais bela que antes, deixa que vá só um momento arder na fogueira, depois voltaremos a ver-nos aqui dentro!» E mostrava-me, Deus me perdoe, a sua vulva, na qual entrei, e encontrei-me numa caverna belíssima, que parecia o vale ameno da idade de ouro, orvalhado de águas e frutos e árvores sobre as quais cresciam os pasteizinhos de queijo. E todos estavam agradecendo ao Abade pela bela festa, e manifestavam-lhe o seu afeto e bom humor dando-lhe empurrões, pontapés, arrancando-lhe a veste, atirando-o por terra, dando-lhe vergastadas na verga, enquanto ele ria e pedia que não lhe fizessem mais cócegas. E a cavalo em cavalos que lançavam nuvens de enxofre pelas narinas entraram os frades de vida pobre, que traziam à cinta bolsas cheias de ouro com as quais convertiam os lobos em cordeiros e os cordeiros em lobos, e coroavam-nos imperadores com o beneplácito da assembléia do povo, que cantava hinos à infinita onipotência de Deus. « Ut cachinnis dissolvatur, torquea-tur rictibus! », Gritava Jesus agitando a coroa

de espinhos. Entrou o papa João imprecando contra a confusão e dizendo: «Por este andar não sei onde iremos parar!» Mas todos se riam dele e, com o Abade à cabeça, saíram com os porcos à procura de trufas na floresta. Eu estava para os seguir quando vi num canto Guilherme, que saía do labirinto e tinha na mão o magnete, que o arrastava velozmente para setentrião. «Não me deixeis, mestre!», gritei. «Também eu quero ver o que há no finis Africae!»

«Já viste!», respondeu-me Guilherme já longe. E acordei quando terminavam na igreja as últimas palavras do canto fúnebre:

Lacrimosa dies illa qua resurge! ex favilla iudicandus homo reus: huic ergo parce deus!
Pie lesu domine dona eis réquiem.

Sinal que a minha visão, se não tinha durado, fulminante como todas as visões, mais do que dura um amém, tinha durado pouco menos que um Dies irae.

SEXTO DIA DEPOIS DE TERÇA

Onde Guilherme explica a Adso o seu sonho.

Saí estonteado pelo portal principal e encontrei-me diante de uma pequena multidão. Eram os franciscanos que partiam, e Guilherme tinha descido para os saudar.

Juntei-me ao adeus, aos abraços fraternos. Depois perguntei a Guilherme quando partiriam os outros, com os prisioneiros. Disse-me que já tinham partido meia hora antes, enquanto nós estávamos no tesouro, talvez, pensei, enquanto eu já estava sonhando.

Por um momento fiquei consternado, depois refiz-me. Antes assim. Não teria podido suportar a visão dos condenados (digo o pobre desgraçado despenseiro, Salvador... e decerto digo também a rapariga), arrastados para longe e para sempre. E, depois, estava ainda tão perturbado pelo meu sonho que os meus próprios sentimentos se tinham como que enregelado.

Enquanto a caravana dos meninos se encaminhava para a porta de saída da cerca, Guilherme e eu ficamos diante da igreja, ambos melancólicos, embora por razões diversas. Depois decidi contar o sonho ao meu mestre. Por mais que a visão tivesse sido multiforme e ilógica, recordava-a com extraordinária lucidez, imagem por imagem, gesto por gesto, palavra por palavra. E assim a contei, sem transcurar nada, porque sabia que os sonhos são muitas vezes mensagens misteriosas em que as pessoas dotas podem ler claríssimas profecias.

Guilherme escutou-me em silêncio, depois perguntou-me:

- Tu sabes o que sonhaste?

- Aquilo que vos disse... - respondi desconcertado.

- Decerto, eu compreendi. Mas sabes que, em grande parte, aquilo que tu me contaste já foi escrito? Tu inseriste pessoas e acontecimentos destes dias num quadro que já conhecias, porque a trama do

sonho já a leste em qualquer parte, ou contaram-ta em criança, na escola, no convento. E a Coena Cypriani.

Fiquei perplexo por um instante. Depois recordei-me. Era verdade! Talvez me tivesse esquecido do título, mas que monge adulto ou jovem monge irrequieto não sorriu ou riu sobre as várias visões, em prosa ou em rima, desta história que pertence à tradição do rito pascal e dos ioca monachorum? Proibida ou vituperada pelos mais austeros de entre os mestres dos noviços, não há todavia convento em que os monges não a tenham sussurrado em voz baixa, diversamente resumida e arranjada, enquanto alguns piamente a transcreviam, afirmando que sob o véu da jocosidade ela escondia segredos ensinamentos morais; e outros encorajavam a sua difusão, porque, diziam, através do jogo os jovens podiam mais facilmente aprender de cor os episódios da história sagrada. Uma versão em verso tinha sido escrita para o pontífice João VIII, com a dedicatória: « Ludere me libuit, ludentem, Papa Johannes, accipe. Ridere, si placel, ipse potes.» E dizia-se que o próprio Carlos, o Calvo, tinha posto em cena, a modo de jocosíssimo mistério sagrado, uma versão rimada para divertir a cela os seus dignitários:

Ridens cadit Gaudericus Zacharias admiratur, supinus in lectulum docet Anastasius...

E quantas repreensões tinha apanhado da parte dos mestres, quando eu e os meus companheiros recitávamos passagens dela. Recordava-me de um velho monge de Melk que dizia que um homem virtuoso como Cipriano não tinha podido escrever uma coisa tão indecente, uma semelhante e sacrílega paródia das escrituras, mais digna de um infiel e de um bufão que de um santo mártir... Há anos que tinha esquecido aqueles jogos infantis. Como é que naquele dia a Coena tinha voltado a aparecer tão viva no meu sonho? Sempre tinha pensado que os sonhos eram mensagens divinas, ou que no máximo eram absurdos balbuciamientos da memória adormecida à volta de coisas acontecidas durante o dia. Apercebia-me agora que também se podem sonhar livros, e que, portanto, se podem sonhar sonhos.

- Queria ser Artemidoro para interpretar retamente o teu sonho - disse Guilherme. - Mas parece-me que mesmo sem a sapiência de Artemidoro é fácil compreender aquilo que sucedeu. Tu viveste nestes dias, meu pobre rapaz, uma série de acontecimentos em que qualquer reta regra parece ter-se dissipado. E esta manhã reaflorou à tua mente

adormecida a recordação de uma espécie de comédia em que, embora talvez com outros intentos, o mundo se punha de cabeça para baixo. Aí inseriste as tuas recordações mais recentes, as tuas ânsias, os teus temores. Partiste dos marginalia de Adelmo para reviver um grande carnaval em que tudo parece andar às avessas, e todavia, como na Coena, cada um faz aquilo que verdadeiramente faz na vida. E no fim perguntaste-te, no sonho, qual é o mundo errado, e que quer dizer prosseguir de cabeça para baixo. O teu sonho já não sabia onde era o alto e onde o baixo, onde a morte e onde a vida. O teu sonho duvidou dos ensinamentos que recebeste.

- Eu não - disse virtuosamente -, mas sim o meu sonho. Mas então os sonhos não são mensagens divinas, são divagações diabólicas e não contêm nenhuma verdade!

- Não sei, Adso - disse Guilherme. - Temos já tantas verdades nas mãos que no dia em que chegasse também um a pretender extrair uma verdade dos nossos sonhos então estariam deveras próximos os tempos do Anticristo. E, todavia, quanto mais penso no teu sonho mais o acho revelador. Talvez não para ti, mas para mim. Desculpa-me se me apodero dos teus sonhos para desenvolver as minhas hipóteses, eu sei, é uma coisa vil, não se deveria fazer... Mas creio que a tua alma adormecida compreendeu mais coisas do que compreendi eu em seis dias, e acordado...

- Deveras?

- Deveras. Ou talvez não. Acho o teu sonho revelador porque coincide com uma das minhas hipóteses. Mas deste-me uma grande ajuda. Obrigado.

- Mas que havia no meu sonho que vos interessa tanto? Era sem sentido, como todos os sonhos!

- Tinha outro sentido, como todos os sonhos, e as visões. Deve ler-se alegoricamente ou anagoricamente...

- Como nas escrituras?

- Um sonho é uma escritura, e muitas escrituras não são mais que sonhos.

SEXTO DIA

SEXTA

Onde se reconstrói a história dos bibliotecários e se tem algumas notícias mais sobre o livro misterioso.

Guilherme quis voltar a subir ao scriptorium, de onde tinha acabado de descer. Pediu a Bêncio para consultar o catálogo, e folheou-o rapidamente.

- Deve estar por estes lados - dizia -, tinha-o visto precisamente há uma hora... -
Deteve-se sobre uma página. - Cá está - disse -, lê este título.

Sob uma única referência (finis Africae!) estava uma série de quatro títulos, sinal que se tratava de um único volume que continha vários textos. Li:

I. ar. de dictis cujusdam stulti

II. syr. libellus alchemicus aegypt

III. Expositio Magistri Alcofribae de cena beati Cypriani Cartaginensis Episcopi.

IV. Liber acephalus de stupris virginum et meretricum amoribus

- De que coisa se trata? - perguntei.

- E o nosso livro - sussurrou-me Guilherme. - Eis porque o teu sonho me sugeriu alguma coisa. Agora tenho a certeza que é este. E de fato... - folheava rapidamente as páginas imediatamente precedentes e as seguintes - eis de fato os livros em que pensava, todos juntos. Mas não é isto o que

queria verificar. Escuta. Tens a tua tabuinha? Bem, devemos fazer um cálculo, e procura recordar-te bem quer do que nos disse Alinardo no outro dia quer do que ouvimos esta manhã a Nicolau. Ora, Nicolau disse-nos que ele chegou aqui há cerca de trinta anos e Abbone já tinha sido nomeado abade. Antes era abade Paulo de Rimini. Certo? Digamos que esta sucessão tem lugar à volta de mil duzentos e noventa, mais ano, menos ano, não importa. Depois Nicolau disse-nos que, quando ele chegou, Roberto de Bobbio já era bibliotecário. Está bem? Morre depois, e o lugar é dado a Malaquias, digamos no início deste século. Escreve. Há porém um período que precede a vinda de Nicolau em que Paulo de Rimini é bibliotecário. Desde quando o era? Não no-lo disseram, poderíamos examinar os registos da abadia, mas imagino que estão na posse do Abade, e de momento não queria pedir-lho. Ponhamos a hipótese que Paulo foi eleito bibliotecário há sessenta anos, escreve. Porque é que Alinardo se queixa do fato que, há cerca de cinquenta anos, lhe devia tocar a ele o lugar de bibliotecário e, ao contrário, foi dado a outro? Aludia a Paulo de Rimini?

- Ou a Roberto de Bobbio! - disse eu.

- Pareceria. Mas observa agora este catálogo. Sabes que os títulos são registrados, disse-no-lo Malaquias no primeiro dia. pela ordem das aquisições. E quem os escreve neste catálogo? O bibliotecário. Portanto seguindo a mudança de caligrafia nestas páginas, podemos estabelecer a sucessão dos bibliotecários. Agora observemos o catálogo pelo fim, a última caligrafia é a de Malaquias, muito gótica, como vês. E enche

poucas páginas. A abadia não adquiriu muitos livros nestes últimos trinta anos. Depois começa uma série de páginas escritas com uma caligrafia trêmula, leio aí claramente a assinatura de Roberto de Bobbio, doente. Também aqui são poucas páginas, Roberto permanece no cargo provavelmente não muito. E eis o que encontramos agora: páginas e páginas de outra caligrafia, direita e segura, uma série de aquisições (entre as quais o grupo de livros que examinava há pouco) verdadeiramente impressionante. Quanto deve ter trabalhado Paulo de Rimini! Demasiado, se pensares que Nicolau nos disse que se tornou abade em idade muito jovem. Mas suponhamos que em poucos anos este leitor voraz enriqueceu a abadia com tantos livros... Não nos foi dito que lhe chamavam Abbas agraphicus por causa daquele estranho defeito, ou doença, devido ao qual não conseguia escrever? E então quem escrevia aqui? Eu diria o seu ajudante-bibliotecário. Mas se, por acaso, este ajudante-bibliotecário tivesse sido depois nomeado bibliotecário, eis que teria continuado a escrever ele, e compreenderíamos porque há aqui tantas páginas redigidas com a mesma caligrafia. Então teríamos, entre Paulo e Roberto, outro bibliotecário, eleito há cerca de cinquenta anos, que é o misterioso concorrente de Alinardo, o qual esperava suceder ele, mais velho, a Paulo. Depois este desaparece e de qualquer modo, contra as expectativas de Alinardo e de outros, para o seu lugar é eleito Malaquias.

- Mas porque estais tão seguro que esta é a seqüência exata? Mesmo admitindo que esta seja a caligrafia do bibliotecário sem nome, porque é que, ao contrário, não poderiam ser de Paulo os títulos das páginas ainda precedentes?

- Porque entre essas aquisições estão registradas todas as bulas e as decretais, que têm uma data precisa. Quero dizer, se tu encontras aqui, como encontras, a Firma cautela de Bonifácio sétimo, datada de mil duzentos e noventa e seis, sabes que este texto não entrou antes desse ano, e podes pensar que não terá chegado muito depois. Com isto, eu tenho como que marcos miliários dispostos ao longo dos anos, pelo que, se concedo que Paulo de Rimini se torna bibliotecário em mil duzentos e sessenta e cinco e abade em mil duzentos e setenta e cinco, e encontro depois que a sua caligrafia, ou a de qualquer outro que não é Roberto de Bobbio, dura de mil duzentos e sessenta e cinco a mil duzentos e oitenta e cinco, descubro uma diferença de dez anos.

O meu mestre era verdadeiramente muito perspicaz.

- Mas que conclusões tirais dessa descoberta? - perguntei então.

- Nenhuma - respondeu-me -, apenas premissas.

Depois levantou-se e foi falar com Bêncio. Este estava corajosamente no seu posto, mas com um ar muito pouco seguro. Estava ainda à sua velha mesa e não tinha ousado ocupar a de Malaquias junto do catálogo. Guilherme abordou-o com uma certa distância. Não esquecíamos a desagradável cena da noite anterior.

- Embora te tenhas tornado tão potente, senhor bibliotecário, quererás dizer-me uma coisa, espero. Naquela manhã em que Adelmo e os outros discutiram aqui sobre os enigmas argutos, e Berengário fez a primeira referência ao finis Africae, alguém nomeou a Coena Cypriani?

- Sim - disse Bêncio -, não to tinha dito? Antes de se falar dos enigmas de Sinfósio, foi precisamente Venancio que se referiu à Coena, e Malaquias irritou-se, dizendo que era uma obra ignóbil e recordando que o Abade tinha proibido a todos a sua leitura...

- O Abade, hem? - disse Guilherme. - Muito interessante. Obrigado, Bêncio.

- Esperai - disse Bêncio -, quero falar-vos.

Fez-nos sinal para o seguirmos para fora do scriptorium, para a escada que descia às cozinhas, de modo que os outros não o ouvissem. Tremiam-lhe os lábios.

- Tenho medo, Guilherme - disse. - Também mataram Malaquias. Agora eu sei demasiadas coisas. E depois sou malvisto pelo grupo dos italianos... Não querem mais um bibliotecário estrangeiro... Eu penso que os outros foram eliminados precisamente por isso... Eu nunca vos falei do ódio de Alinardo por Malaquias, dos seus rancores...

- Quem é que lhe tirou o lugar, há anos?

- Isso não sei, ele fala sempre disso de modo vago, e depois é uma história remota. Devem estar todos mortos. Mas o grupo dos italianos à roda de Alinardo fala muitas vezes... falava muitas vezes de Malaquias como de um homem de palha, posto aqui por qualquer outro com a cumplicidade do Abade... Eu, sem dar conta disso... entrei no jogo oposto de duas facções... Só o compreendi esta manhã... A Itália é uma terra de conjuras, envenenam os papas, imaginemos um pobre rapaz como eu... Ontem não o tinha compreendido, julgava que tudo dizia respeito àquele livro, mas agora já não tenho a certeza, aquele foi o pretexto: vistes que o livro foi encontrado e Malaquias morreu na mesma... Eu devo... quero... queria fugir. Que me aconselhais?

- Que estejas calmo. Agora queres conselhos, não é verdade? Mas ontem à noite parecias o dono do mundo. Tolo, se me tivesses ajudado ontem teríamos impedido este último delito. Foste tu que deste a Malaquias o livro que o levou à morte. Mas diz-me ao menos uma coisa. Tu aquele livro tiveste-o nas mãos, tocaste-lhe, leste-o? E porque é que então não estás morto?

- Não sei. Juro, não lhe toquei, ou melhor, toquei-lhe para pegar nele no laboratório, sem o abrir, escondi-o sob a túnica e fui metê-lo na cela debaixo do enxergão. Sabia que Malaquias me vigiava e voltei imediatamente para o scriptorium. E depois, quando

Malaquias me ofereceu que me tornasse seu ajudante, conduzi-o à minha cela e entreguei-lhe o livro. É tudo.

- Não me digas que nem sequer o abriste.

- Sim, abri-o, antes de o esconder, para ter a certeza de que era verdadeiramente aquele que também vós procuráveis. Começava com um manuscrito árabe, depois um que creio em sírio, depois havia um texto latino e por fim um em grego...

Recordei-me das siglas que tínhamos visto no catálogo. Os primeiros dois títulos eram indicados como ar. e syr. Era o livro! Mas Guilherme insistia:

- Portanto tocaste-lhe e não morreste. Então não se morre ao tocá-lo. E do texto grego que me sabes dizer? Olhaste para ele?

- Muito pouco, o bastante para compreender que era sem título, começava como se lhe faltasse uma parte...

- Liber acephalus... - murmurou Guilherme.

- ...procurei ler a primeira página, mas na verdade eu conheço o grego muito mal, teria tido necessidade de empregar mais tempo. E por fim intrigou-me um outro pormenor, precisamente a propósito das folhas em grego. Não as folheei de todo porque não consegui. As folhas estavam, como dizer, impregnadas de umidade, não se separavam bem umas das outras. E isto porque o pergaminho era estranho... mais macio que os outros pergaminhos, o modo como a primeira página estava corroída, e quase se desfazia, era... em suma, estranho.

- Estranho: a expressão também usada por Severino - disse Guilherme.

- O pergaminho não parecia pergaminho... Parecia tecido, mas fino... - continuava Bêncio.

- Charta lintea, ou pergaminho de pano - disse Guilherme. - Nunca o tinhas visto?

- Ouvi falar, mas não creio tê-lo visto. Diz-se que é muito cara, e frágil. Por isso se usa pouco. Fazem-na os árabes, não é verdade?

- Foram os primeiros. Mas também a fazem aqui em Itália, em Fabriano. E também... Mas com certeza, claro, com certeza! - Os olhos de Guilherme cintilavam. - Que bela e interessante revelação, muito bem, Bêncio, agradeço-te! Sim, imagino que aqui na biblioteca a charta lintea seja rara, porque não vos chegaram manuscritos muito recentes. E depois muitos temem que não sobreviva à passagem dos séculos como o

pergaminho, e talvez seja verdade. Podemos imaginar se aqui queriam algo que não fosse mais peregrino que o bronze... Pergaminho de pano, hem? Bem, adeus. E está tranquilo. Tu não corres perigo.

- Verdade, Guilherme, asseguraís-mo?

- Asseguro-to. Se estiveres no teu lugar. Já arranjaste bastantes sarilhos.

Afastamo-nos do scriptorium deixando Bêncio, se não completamente sereno, mais calmo.

- Estúpido! - disse Guilherme entre dentes enquanto vínhamos para fora. - Podíamos já ter resolvido tudo se não se tivesse metido pelo meio...

Encontramos o Abade no refeitório. Guilherme encarou-o e pediu-lhe um colóquio. Abbone não pôde tergiversar e marcou-nos encontro, dentro em pouco, na sua casa.

SEXTO DIA

NONA

Onde o Abade se recusa a escutar Guilherme, fala da linguagem das gemas e manifesta o desejo de que não se indague mais sobre aqueles tristes acontecimentos.

A casa do Abade ficava por cima do capítulo, e pela janela da sala, grande e suntuosa, em que ele nos recebeu, podiam ver-se, no dia sereno e ventoso, para lá do teto da igreja abacial, as formas do Edifício.

O Abade, em pé diante de uma janela, estava precisamente a admirá-lo, e indicou-no-lo com um gesto solene.

- Admirável fortaleza - disse -, que resume nas suas proporções a regra áurea que presidiu à construção da arca. Estabelecida sobre três andares, porque três é o número da trindade, três foram os anjos que visitaram Abraão, os dias que Jonas passou no ventre do grande peixe, os que Jesus e Lázaro passaram no sepulcro; as vezes que Cristo pediu ao Pai que o cálice amargo se afastasse dele, aquelas que se afastou a rezar com os apóstolos. Três vezes o renegou Pedro, e três vezes se manifestou aos seus depois da ressurreição. Três são as virtudes teológicas, três as línguas sagradas, três as partes da alma, três as classes de criaturas intelectuais, anjos, homens e demônios, três as espécies do som, vox, flatus e pulsus, três as épocas da história humana, antes, durante e depois da lei.

- Maravilhoso concerto de correspondências místicas - conveyo Guilherme.

- Mas também a forma quadrada - continuou o Abade - é rica de ensinamentos espirituais. Quatro são os pontos cardeais, as estações, os elementos, e o calor, o frio, o úmido e o seco, o nascimento, o crescimento, a maturidade e a velhice, e as espécies celestes, terrestres, aéreas e aquáticas dos animais, as cores constitutivas do arco-íris e o número dos anos que é necessário para fazer um bissexto.

- Oh, decerto - disse Guilherme -, e três mais quatro são sete, número místico como nenhum outro, enquanto três multiplicado por quatro são doze, como os apóstolos, e doze vezes são cento e quarenta e quatro, que é o número dos eleitos.

E, a esta última manifestação de místico conhecimento do mundo hiperurano dos números, o Abade não teve mais nada a acrescentar. O que permitiu a Guilherme entrar no assunto.

- Deveríamos falar dos últimos fatos, sobre os quais refleti longamente - disse.

O Abade voltou as costas para a janela e encarou Guilherme com rosto severo:

- Demasiado longamente, talvez. Confesso-vos, frade Guilherme, que esperava mais de vós. Desde que aqui chegastes que se passaram quase seis dias, quatro monges morreram, além de Adelmo, dois foram presos pela inquisição... foi justiça, decerto, mas poderíamos ter evitado esta vergonha se o inquisidor não tivesse sido obrigado a ocupar-se dos delitos precedentes... e por fim o encontro de que eu era mediano, e precisamente por causa de todos estes crimes, deu penosos resultados... Convireis que podia esperar um desfecho diverso de todos estes acontecimentos quando vos pedi para investigardes sobre a morte de Adelmo...

Guilherme calou-se embaraçado. Decerto que o Abade tinha razão. Disse no início deste relato que o meu mestre gostava de espantar os outros com a prontidão das suas deduções, e era lógico que o seu orgulho ficasse ferido quando o acusavam, e nem sequer injustamente, de lentidão.

- É verdade - admitiu -, não satisfiz as vossas expectativas, mas dir-vos-ei porquê, Vossa Sublimidade. Estes delitos não derivam de uma rixa ou de qualquer vingança entre os monges, mas dependem de fatos que têm por sua vez origem na história remota da abadia...

O Abade olhou-o com inquietação:

- Que pretendeis dizer? Também eu compreendo que a chave não está na desventurada história do despenseiro, que se cruzou com outra. Mas essa outra, essa outra que talvez eu conheça mas da qual não posso falar... esperava que ela se vos tivesse tornado clara, e que dela me falaríeis vós...

- Vossa Sublimidade pensa em algum acontecimento de que veio a saber em confissão... - O Abade dirigiu o olhar para o outro lado, e Guilherme continuou: - Se Vossa Magnificência quer saber se eu sei, sem o saber de Vossa Magnificência, se houve relações desonestas entre Berengário e Adelmo, e entre Berengário e Malaquias, pois bem, isto todos o sabem na abadia...

O Abade corou violentamente:

- Não creio que seja útil falar de coisas semelhantes na presença deste noviço. E não creio, uma vez terminado o encontro, que vós ainda tenhais necessidade dele como escrivão. Sai, rapaz - disse-me em tom imperioso.

Humilhado, saí. Mas, curioso como era, agachei-me atrás da porta da sala, que deixei entreaberta, de modo a poder seguir o diálogo.

Guilherme recomeçou a falar:

- Então, essas relações desonestas, se acaso tiveram lugar, tiveram um escasso papel nestes dolorosos acontecimentos. A chave é outra, e pensava que vós o imaginásseis. Tudo se desenrola em torno do furto e da posse de um livro, que estava escondido no finis Africae, e que agora voltou para lá por obra de Malaquias, sem que, porém, bem o vistes, a seqüência dos crimes se tenha interrompido.

Houve um longo silêncio, depois o Abade recomeçou a falar com voz entrecortada e insegura, como de pessoa surpreendida por inesperadas revelações.

- Não é possível... Vós... Vós como conseguis saber do finis Africae? Violastes o meu interdito e entrastes na biblioteca?

Guilherme deveria ter dito a verdade, e o Abade ter-se-ia irado desmesuradamente. Não queria evidentemente mentir. Escolheu responder à pergunta com outra pergunta:

- Não me disse Vossa Magnificência, durante o nosso primeiro encontro, que um homem como eu, que tinha descrito tão bem Brunello sem nunca o ter visto, não teria dificuldade em raciocinar sobre lugares a que não podia aceder?

- É assim então - disse o Abade. - Mas porque pensais aquilo que pensais!

- Como lá cheguei, é longo de contar. Mas foi cometida uma série de delitos para impedir a muitos de descobrirem algo que não se queria que fosse descoberto. Ora todos aqueles que sabiam alguma coisa dos segredos da biblioteca, ou por direito ou por fraude, estão mortos. Resta apenas uma pessoa, vós.

- Quereis insinuar... quereis insinuar...

O Abade falava como alguém a quem estivessem inchando as veias do pescoço.

- Não me interpretais mal - disse Guilherme, que provavelmente tinha também tentado insinuar -, digo que há alguém que sabe e que quer que mais ninguém saiba. Vós sois o último a saber, vós poderíeis ser a próxima vítima. A menos que não me digais o que sabeis sobre aquele livro interdito e, sobretudo, quem é que na abadia poderia saber tanto como vós sabeis, e talvez mais, sobre a biblioteca.

- Está frio aqui - disse o Abade. - Saíamos.

Eu afastei-me rapidamente da porta e esperei-os ao cimo da escada que vinha de baixo. O Abade viu-me e sorriu-me.

- Quantas coisas inquietantes deve ter ouvido este jovem monge nestes dias! Vamos, rapaz, não te deixes perturbar demasiado. Parece-me que se imaginaram mais tramas que aquelas que existem...

Levantou uma mão e deixou que a luz do dia iluminasse um esplêndido anel que usava no anular, insígnia do seu poder. O anel cintilou em todo o fulgor das suas pedras.

- Reconhece-lo, não é verdade? - disse-me. - Símbolo da minha autoridade mas também do meu fardo. Não é um ornamento, é uma esplêndida síntese da palavra divina de que sou guarda. - Tocou com os dedos a pedra, ou melhor, o triunfo das pedras variegadas que compunham aquela admirável obra-prima da arte humana e da natureza. - Eis a ametista - disse -, que é espelho de humildade e nos recorda a ingenuidade e a doçura de São Mateus; eis a calcedônia, insígnia de caridade, símbolo da piedade de José e de São Tiago Maior; eis o jaspe, que augura a fé, associado a São Pedro; e a sardônica, sinal de martírio, que nos recorda São Bartolomeu; eis a safira, esperança e contemplação, pedra de Santo André e de São Paulo; e o berilo, são doutrina, ciência e longanimidade, virtudes próprias de São Tomás... Como é esplêndida a linguagem das gemas - continuou, absorto na sua visão mística -, que os lapidários da tradição traduziram do racional de Aarão e da descrição da Jerusalém celeste no livro do apóstolo. Por outro lado, as muralhas de Sião estavam cheias das mesmas jóias, que ornavam o peitoral do irmão de Moisés, salvo o carbúnculo, a ágata e o ônix, que, citados no Êxodo, são substituídos no Apocalipse pela calcedônia, pela sardônica, pelo crisoprázio e pelo jacinto. - Guilherme fez menção de abrir a boca, mas o Abade fê-lo calar levantando uma mão e continuou o seu discurso: - Recordo um livro de litânias em que cada pedra era descrita e rimada em honra da Virgem. Aí se falava do seu anel de noivado como de um poema simbólico resplandecente de verdades superiores manifestadas na linguagem lapidar das pedras que o embelezavam. Jaspe para a fé,

calcedônia para a caridade, esmeralda para a pureza, sardônica para a placidez da vida virginal, rubi para o coração a sangrar no calvário, crisólito cuja cintilação multiforme recorda a maravilhosa variedade dos milagres de Maria, jacinto para a caridade, ametista, com a sua mistura de rosa e azul, para o amor de Deus... Mas no engaste estavam incrustadas outras substâncias não menos eloqüentes, como o cristal que remete para a castidade da alma e do corpo, o ligúrio, que se assemelha ao âmbar, símbolo de temperança, e a pedra magnética, que atrai o ferro, tal como a Virgem toca as cordas dos corações penitentes com o arco da sua bondade. Tudo substâncias que, como vedes, também ornaram, embora em mínima e humilíssima medida, a minha jóia. - Movia o anel e deslumbrava os meus olhos com o seu fulgor, como se quisesse aturdir-me. - Maravilhosa linguagem, não é verdade? Para outros padres, as pedras significam outras coisas ainda, para o papa Inocêncio terceiro o rubi anuncia a calma e a paciência e a granada a caridade. Para São Bruno a água-marinha concentra a ciência teológica na virtude dos seus puríssimos reflexos. A turquesa significa alegria, a sardônica evoca os serafins, o topázio os querubins, o jaspe os tronos, o crisólito as dominações, a safira as virtudes, o ônix as potestades o berilo os principados, o rubi os arcanjos e a esmeralda os anjos. A linguagem das gemas é multiforme, cada uma exprime mais verdade, segundo o contexto em que aparecem. E quem decide qual é o nível de interpretação e qual o justo contexto? Tu bem o sabes, rapaz, ensinaram-to: é a autoridade, o comentador entre todos mais seguro e mais investido de prestígio, e portanto de santidade. Senão, como interpretar os sinais multiformes que o mundo põe sob os nossos olhos de pecadores, como não tropeçar nos equívocos com que nos atrai o demônio? Repara, é singular como a linguagem das gemas repugna ao diabo, como testemunha Santa Hildegarda. A besta imunda vê nisso uma mensagem que se ilumina por sentidos ou níveis de sapiência diversos, e ele queria desvirtuá-la, porque ele, o inimigo, descobre no esplendor das pedras o eco das maravilhas que tinha em seu poder antes da queda e compreende que estes fulgores são produzidos pelo fogo, que é o seu tormento. - Deu-me o anel a beijar, e eu ajoelhei-me. Acariciou-me a cabeça. - E portanto tu, rapaz, esquece as coisas sem dúvida errôneas que ouviste nestes dias. Tu entraste na ordem maior e mais nobre entre todas, desta ordem eu sou um Abade, tu estás sob minha jurisdição. E, portanto, ouve a minha ordem: esquece, e que os teus lábios se selem para sempre. Jura.

Comovido, subjugado, teria decerto jurado. E tu, meu bom leitor, não poderias agora ler esta minha crônica fiel. Mas naquela altura interveio Guilherme, e não talvez para impedir de jurar mas por reação instintiva, por enfado, para interromper o Abade, para quebrar aquele encanto que ele tinha certamente criado.

- Que tem a ver o rapaz? Eu fiz-vos uma pergunta, eu adverti-vos de um perigo, eu pedi-vos que me dissésseis um nome... Quereis agora que também eu beije o anel e que jure esquecer quanto soube ou quanto suspeito?

- Oh, vós... - disse melancolicamente o Abade. - Não espero de um frade mendicante que compreenda a beleza das nossas tradições, ou que respeite a discricção, os segredos,

os mistérios de caridade... sim, de caridade, e o sentido da honra, e o voto do silêncio que rege a nossa grandeza... Vós falaste-me de uma estranha história, de uma história incrível. Um livro interdito, pelo qual se mata em cadeia, alguém que sabe aquilo que só eu deveria saber... Patranhas, inferência que carecem de todo sentido. Falai, se quiserdes, ninguém acreditará em vós. E se acaso algum elemento da vossa fantástica reconstrução fosse verdadeira, pois bem, agora tudo recai sob o meu controle e a minha responsabilidade. Controlarei, tenho os meios, tenho autoridade para isso. Fiz mal desde o início em pedir a um estranho, por mais sábio, por mais digno de confiança que fosse, que indagasse sobre coisas que são somente da minha competência. Mas vós compreendeste-lo, haveis-mo dito, eu considerava no início que se tratava de uma violação do voto de castidade, e queria (imprudente que eu fui) que mais alguém me dissesse aquilo que tinha ouvido dizer em confissão. Bem, agora haveis-mo dito. Estou-vos muito grato por aquilo que fizestes ou tentastes fazer. O encontro das delegações teve lugar, a vossa missão aqui está terminada. Imagino que vos esperam com ansiedade na corte imperial, as pessoas não se privam por muito tempo de um homem como vós. Dou-vos licença para deixardes a abadia. Hoje talvez seja tarde, não quero que viajais depois do sol-posto, as estradas são inseguras. Partireis amanhã de manhã, cedo. Oh, não me agradeçais, foi uma alegria ter-vos como irmão entre os irmãos e honrar-vos com a nossa hospitalidade. Podereis retirar-vos com o vosso noviço de modo a preparardes a bagagem. Saudar-vos-ei ainda amanhã ao romper da alba. Obrigado, de todo o coração. Naturalmente, não é necessário que continueis a conduzir as vossas investigações. Não perturbeis mais os monges. Ide, pois.

Era mais que uma despedida, estava a pôr-nos fora. Guilherme saudou e descemos as escadas.

- Que significa? - perguntei.

Não compreendia mais nada.

- Tenta formular uma hipótese. Deverias ter aprendido como se faz.

- Se é assim, aprendi que devo formular ao menos duas, uma em oposição à outra, e ambas inacreditáveis. Bem, então... - Degluti: pôr hipóteses deixava-me pouco à vontade. - Primeira hipótese, o Abade já sabia tudo e imaginava que vós não teríeis descoberto nada. Tinha-vos encarregado do inquérito antes, quando morreu Adelmo, mas pouco a pouco compreendeu que a história, era muito mais complexa, em volve-ode certo modo a ele, e não quer que vós ponhais a nu esta trama. Segunda hipótese, o Abade nunca suspeitou de nada (de quê, afinal, não sei, porque não sei em que vós estais agora pensando). Mas em todo o caso continuava a pensar que tudo fosse devido a um litígio entre... entre monges sodomitas... Agora porém vós abriste-lhe os olhos, ele compreendeu de repente algo de terrível, pensou num nome, tem uma idéia precisa sobre o responsável dos delitos. Mas, sendo assim, quer resolver a questão sozinho e quer

afastar-vos, para salvar a honra da abadia.

- Bom trabalho. Começas a raciocinar bem. Mas já vês que em ambos os casos o nosso Abade está preocupado com a boa reputação do seu mosteiro. Assassino ou vítima designada que seja, não quer que transpirem para além destas montanhas notícias difamatórias sobre esta santa comunidade. Mata-lhe os monges, mas não lhe toques na honra desta abadia. Ah, por... - Guilherme estava agora a ficar furioso. - Aquele bastardo de feudatário, aquele pavão que ficou célebre por ter feito de coveiro ao Aquinate, aquele odre inchado que existe só porque usa um anel grande como o cú de um copo! Raça de soberbo, raça de soberbos sois vós todos, os clunicenses, piores que príncipes, mais barões que os barões!

- Mestre... - ousei, picado, em tom de censura.

- Cala-te, tu, que és da mesma massa. Vós não sois simples, nem filhos de simples. Se vos calha um camponês acolhei-lo, talvez, mas, como vi ontem, não hesitais em entregá-lo ao braço secular. Mas um dos vossos não, é preciso cobrir, Abbone é capaz de encontrar o desgraçado e de o apunhalar na cripta do tesouro, e de lhe distribuir os rojões pelos seus relicários, contanto que a honra da abadia seja salva... Um franciscano, um plebeu menorita que descobre o ninho de vermes desta santa casa? Isso não, este Abbone não pode permiti-lo a nenhum preço. Obrigado, frade Guilherme, o imperador precisa de vós, vistes que belo anel que eu tenho, até mais ver. Mas agora o desafio não é apenas entre mim e Abbone, é entre mim e toda esta história, eu não saio desta cerca antes de ter sabido. Quer que eu parta amanhã de manhã? Bem, ele é o dono da casa, mas até amanhã de manhã eu devo saber. Devo.

- Deveis? Quem vo-lo impõe, agora?

- Ninguém nos impõe que saibamos, Adso. Deve-se, eis tudo, mesmo a custo de compreender mal.

Ainda estava confuso e humilhado pelas palavras de Guilherme contra a minha ordem e os seus abades. E tentei justificar em parte Abbone formulando uma terceira hipótese, arte em que me tinha tornado, parecia-me, habilíssimo:

- Não considerastes uma terceira possibilidade, mestre - disse. - Notamos nestes dias, e esta manhã pareceu-nos claro, depois das confidências de Nicolau e das murmurações que captamos na igreja, que há um grupo de monges italianos que suportavam mal a sequência dos bibliotecários estrangeiros, que acusam o Abade de não respeitar a tradição e que, pelo que compreendi, se escondem atrás do velho Alinardo, empurrando-o à sua frente como um estandarte, para pedir um diverso governo da abadia. Estas coisas compreendi-as bem, porque mesmo um noviço ouviu no seu mosteiro muitas discussões, e alusões, e conluios desta natureza. E então talvez o Abade tema que as

vossas revelações possam oferecer uma arma aos seus inimigos, e quer resolver toda a questão com grande prudência...

- É possível. Mas permanece um odre inchado, e far-se-á assassinar.

- Mas vós que pensais das minhas conjecturas?

- Dir-te-ei mais tarde.

Estávamos no claustro. O vento era cada vez mais furioso, a luz menos clara, mesmo se pouco passava de nona. O dia aproximava-se do ocaso e restava-nos bem pouco tempo. Às vésperas certamente o Abade avisaria os monges que Guilherme já não tinha nenhum direito de fazer perguntas e de entrar em toda a parte.

- É tarde - disse Guilherme -, e quando se tem pouco tempo o pior é perder a calma. Devemos agir como se tivéssemos a eternidade diante de nós. Tenho um problema a resolver, como penetrar no finis Africae, porque lá deveria estar a resposta final. Depois devemos salvar uma pessoa, ainda não decidi qual. Por fim devemos esperar qualquer coisa do lado das cavaliças, que tu terás debaixo de olho... Olha quanto movimento...

De fato, o espaço entre o Edifício e o claustro tinha-se singularmente animado. Um noviço, pouco antes, proveniente da casa do Abade, tinha corrido para o Edifício. Agora saía de lá Nicolau, que se dirigia aos dormitórios. Num canto, o grupo da manhã, Pacífico, Aymaro e Pedro, estavam falando insistentemente com Alinardo, como para o convencerem de qualquer coisa.

Depois pareceram tomar uma decisão. Aymaro segurou Alinardo, ainda relutante, e encaminhou-se com ele para a residência abacial. Já iam a entrar ali, quando do dormitório saiu Nicolau, que conduzia Jorge na mesma direção. Viu os dois que entravam, sussurrou qualquer coisa ao ouvido de Jorge, o velho sacudiu a cabeça, e prosseguiram mesmo assim para o capítulo.

- O Abade toma conta da situação... - murmurou Guilherme com cepticismo.

Do Edifício estavam saindo outros monges que deveriam estar no scriptorium, seguidos logo depois por Bêncio, que veio ao nosso encontro cada vez mais preocupado.

- Há efervescência no scriptorium - disse-nos -, ninguém trabalha, todos falam animadamente entre si... Que acontece?

- Acontece que as pessoas que até esta manhã pareciam as mais suspeitas estão todas mortas. Até ontem todos se guardavam de Berengário, tolo e infiel e lascivo, depois do despenseiro, herege suspeito, por fim de Malaquias, tão antipático a todos... Agora já

não sabem de quem se guardar, e têm necessidade urgente de encontrar um inimigo, ou um bode expiatório. E cada um suspeita do outro, alguns têm medo, como tu, outros decidiram meter medo a qualquer outro. Estais todos demasiado agitados. Adso, dá de vez em quando uma olhadela às cavalariaças. Eu vou descansar.

Deveria ter-me espantado: ir descansar, quando tinha poucas horas ainda à disposição, não parecia a resolução mais sábia. Mas agora conhecia o meu mestre. Quanto mais o seu corpo estava descontraído mais a sua mente estava em efervescência.

SEXTO DIA ENTRE VÉSPERAS E COMPLETAS

Onde em breves palavras se contam longas horas de desvario.

Torna-se-me difícil contar aquilo que aconteceu nas horas que se seguiram, entre vésperas e completas.

Guilherme estava ausente. Eu vagueava à volta das cavalariaças, mas sem notar nada de anormal. Os estribeiros estavam fazendo entrar os animais, inquietos por causa do vento, mas quanto ao resto tudo estava tranqüilo.

Entrei na igreja. Já todos estavam nos seus lugares nas estalas, mas o Abade notou a ausência de Jorge. Com um gesto atrasou o início do ofício. Chamou Bêncio para que fosse procurá-lo. Bêncio não estava. Alguém fez observar que estava provavelmente dispondo o scriptorium para fechar. O Abade disse, irritado, que se tinha estabelecido que Bêncio não fechasse nada, porque não conhecia as regras. Aymaro de Alexandria levantou-se do seu lugar:

- Se Vossa Paternidade consente, vou eu chamá-lo...

- Ninguém te pediu nada - disse o Abade bruscamente.

E Aymaro voltou para o seu lugar, não sem ter lançado um olhar indefinível a Pacifico de Tivoli. O Abade chamou Nicolau, que não estava. Recordaram-lhe que estava dando as ordens para a ceia, e ele teve um gesto de contrariedade, como se lhe desagradasse mostrar a todos que se encontrava num estado de excitação.

- Quero Jorge aqui - gritou -, procurai-o! Vai tu - ordenou ao mestre dos noviços.

Um outro fez-lhe notar que faltava também Alinardo.

- Eu sei - disse o Abade -, está enfermo.

Encontrava-me perto de Pedro de Sant'Albano e ouvi-o dizer ao seu vizinho, Gunzo de Nola, numa língua vulgar da Itália Central que em parte eu compreendia:

- Imagino. Hoje quando saiu depois do colóquio o pobre velho estava transtornado. Abbone comporta-se como a puta de Avinhão!

Os noviços estavam desorientados, com a sua sensibilidade de crianças ignaras pressentiam todavia a tensão que estava reinando no coro, como a pressentia eu. Passaram-se alguns longos momentos de silêncio e de embaraço. O Abade ordenou que se recitassem alguns salmos, e indicou ao acaso três, que não eram prescritos pela regra para vésperas. Olharam todos uns para os outros, depois recomeçaram a rezar em voz baixa. Voltou o mestre dos noviços seguido de Bêncio, que ocupou o seu lugar de cabeça baixa. Jorge não estava no scriptorium e não estava na sua cela. O Abade ordenou que o ofício tivesse início.

No fim, antes de descerem todos para a ceia, fui chamar Guilherme. Estava estendido no seu catre, vestido, imóvel. Disse que não pensava que fosse tão tarde. Contei-lhe brevemente quanto tinha sucedido. Sacudiu a cabeça.

À porta do refeitório vimos Nicolau, que poucas horas antes tinha acompanhado Jorge. Guilherme perguntou-lhe se o velho tinha entrado logo nos aposentos do Abade. Nicolau disse que tivera de esperar longamente à porta, porque na sala estavam Alinando e Aymaro de Alexandria. Depois, Jorge tinha entrado, tinha ficado algum tempo dentro, e ele tinha-o esperado. Em seguida tinha saído e tinha-se feito acompanhar à igreja, uma hora antes de vésperas, ainda deserta.

O Abade avistou-nos quando falávamos com o despenseiro.

- Frade Guilherme - censurou -, estais ainda inquirindo?

Fez-lhe sinal para se sentar à sua mesa, como habitualmente. A hospitalidade beneditina é sagrada.

A ceia foi mais silenciosa que de costume, e triste. O Abade comia sem vontade, oprimido por sombrios pensamentos. No fim disse aos monges que se apressassem para completas.

Alinando e Jorge estavam ainda ausentes. Os monges apontavam para o lugar vazio do cego, sussurrando. No fim do rito, o Abade convidou todos a recitarem uma especial oração pela saúde de Jorge de Burgos. Não ficou claro se falava da saúde corporal ou da saúde eterna. Todos compreenderam que uma nova desgraça estava prestes a abater-se sobre aquela comunidade. Depois, o Abade ordenou a cada um que se apressasse, com maior diligência que de costume, para o seu catre. Ordenou que ninguém, e carregou

sobre a palavra ninguém, ficasse a circular fora do dormitório. Os noviços, assustados, foram os primeiros a sair, com o capucho sobre o rosto, a cabeça inclinada, sem trocarem as piadas, as cotoveladas, os sorrisinhos, as maliciosas e ocultas rasteiras com que costumavam provocar-se (porque o noviço, embora jovem monge, não deixa de ser uma criança, e de pouco valem as repreensões do seu mestre, que não pode impedir que eles muitas vezes se comportem como crianças, como quer a sua tenra idade).

Quando saíram os adultos segui, sem me fazer notar, atrás do grupo que já se caracterizava aos meus olhos como o dos «italianos». Pacífico estava murmurando a Aymaro:

- Achas que Abbone não sabe verdadeiramente onde está Jorge?

E Aymaro respondia:

- Podia muito bem saber, e saber que de onde está não voltará mais. O velho quis talvez demasiado, e Abbone não o queria mais a ele...

Enquanto eu e Guilherme fingíamos retirar-nos para o albergue dos peregrinos, avistamos o Abade, que entrava de novo no Edifício pela porta do refeitório ainda aberta. Guilherme aconselhou que esperássemos um pouco, depois, quando a esplanada ficou livre de qualquer presença, convidou-me a segui-lo. Atravessamos rapidamente os espaços vazios e entramos na igreja.

SEXTO DIA

DEPOIS DE COMPLETAS

Onde, quase por acaso, Guilherme descobre o segredo para entrar no finis Africae.

Postamo-nos, como dois sicários, perto da entrada, atrás de uma coluna, de onde se podia observar a capela das caveiras.

- Abbone foi fechar o Edifício - disse Guilherme. - Quando tiver trancado as portas por dentro não poderá sair senão pelo ossário.

- E depois?

- E depois veremos o que faz.

Não pudemos saber o que fazia. Uma hora depois ainda não tinha saído. Foi ao finis Africae, disse eu. É possível, respondeu Guilherme. Preparado para formular muitas hipóteses, acrescentei: talvez tenha saído de novo pelo refeitório e tenha ido procurar Jorge. E Guilherme: também isso é possível. Talvez Jorge já esteja morto, imaginei

ainda. Talvez esteja no Edifício e está a matar o Abade. Talvez estejam ambos noutra sítio e alguém mais os espere numa emboscada. Que queriam os «italianos»? e porque é que Bêncio estava tão assustado? Não seria acaso uma máscara que tinha posto no rosto para nos enganar? Porque é que se tinha demorado no scriptorium durante vésperas, se não sabia nem como fechar nem como sair? Queria tentar a via do labirinto?

- Tudo é possível - disse Guilherme. - Mas uma única coisa se dá, se deu, ou se está dando. E enfim a misericórdia divina nos está locupletando com uma luminosa certeza.

- Qual? - perguntei cheio de esperança.

- Que frade Guilherme de Baskerville, o qual tem agora a impressão de ter compreendido tudo, não sabe como entrar no finis Africae. Às cavalariças, Adso, às cavalariças.

- E se nos encontra o Abade?

- Fingiremos ser dois espectros.

Não me pareceu uma solução praticável, mas calei-me. Guilherme estava a ficar nervoso. Saímos pelo portal setentrional e passámos através do cemitério, enquanto o vento sibilava com força, e pedi ao Senhor que não nos fizesse encontrar dois espectros a nós, que de almas penadas, naquela noite, na abadia não havia penúria. Chegamos às cavalariças e sentimos os cavalos cada vez mais inquietos por causa da fúria dos elementos. O portão principal da construção tinha, à altura do peito de um homem, um amplo gradeamento de metal, de onde se podia ver o interior. Entrevimos na obscuridade as silhuetas dos cavalos, reconheci Brunello porque era o primeiro à esquerda. À sua direita, o terceiro animal da fila levantou a cabeça sentindo a nossa presença e relinchou. Sorri:

- Tertius equi - disse eu.

- O quê? - perguntou Guilherme.

- Nada, recordava-me do pobre Salvador. Queria fazer sabe-se lá que magia com aquele cavalo, e no seu latim designava-o como tertius equi. Que seria o u.

- O u? - perguntou Guilherme, que tinha seguido o meu devaneio sem lhe prestar muita atenção.

- Sim, porque tertius equi quereria dizer não o terceiro cavalo mas o terceiro do cavalo, e a terceira letra da palavra cavalo é o u. Mas é uma tolice...

Guilherme olhou para mim, e no escuro pareceu-me distinguir-lhe o rosto alterado:

- Deus te abençoe, Adso! - disse. - Mas decerto, *suppositio materialis*, o discurso assume-se de dicto e não de re... Que estúpido que eu sou! - Deu uma grande palmada na testa, com a mão aberta, de tal modo que se ouviu um estalo, e creio que se tenha magoado. - Meu rapaz, é a segunda vez hoje que pela tua boca fala a sabedoria, primeiro em sonhos e agora durante a vigília! Corre, corre à tua cela e traz a candeia, aliás, aquelas duas que temos escondidas. Não te deixes ver, e vem ter comigo depressa à igreja! Não faças perguntas, vai!

Fui sem fazer perguntas. As lâmpadas estavam debaixo do meu enxergão, cheias de azeite, porque já tinha provido a alimentá-las. Tinha o fuzil no saio. Com os dois preciosos instrumentos no peito corri para a igreja.

Guilherme estava sob o trípode e estava relendo o pergaminho com os apontamentos de Venancio.

- Adso! - disse-me -, *primum et septimum de quatuor* não significa o primeiro e o sétimo dos quatro, mas do quatro, da palavra quatro!

Ainda não compreendia, depois tive uma iluminação:

- *Super thronos viginti quatuor*! A inscrição! O versículo! As palavras que estão gravadas sobre o espelho!

- Vamos! - disse Guilherme -, talvez possamos ainda salvar uma vida.

- De quem? - perguntei, enquanto ele estava já manobrando à volta das caveiras e abrindo a passagem para o ossário.

- De um que não merece - disse.

E estávamos já no túnel subterrâneo, com as candeias acesas, em direção à porta que conduzia à cozinha.

Já disse que naquele ponto se empurrava uma porta de madeira e nos achávamos na cozinha por trás da chaminé, aos pés da escada de caracol que introduzia no scriptorium. E, precisamente quando empurrávamos a porta, ouvimos à nossa esquerda rumores surdos no muro. Vinham da parede ao lado da porta, sobre a qual terminava a fila dos nichos com as caveiras e os ossos. Naquele ponto, no lugar do último nicho, havia um pedaço de parede plena, de grandes blocos de pedra quadrados, com uma velha lápide ao centro, que tinha gravados monogramas quase apagados. As pancadas vinham, parecia, de trás da lápide, ou então de cima da lápide, em parte atrás da parede, em

parte quase sobre a nossa cabeça.

Se um acontecimento semelhante se tivesse produzido na primeira noite teria pensado imediatamente nos monges mortos. Mas agora estava pronto a esperar pior da parte dos monges vivos.

- Quem será? - perguntei.

Guilherme abriu a porta e saiu por trás da chaminé. As pancadas ouviam-se também ao longo da parede que costeava a escada de caracol, como se alguém estivesse prisioneiro no muro, ou melhor, na espessura daquela parede (verdadeiramente vasta) que se podia presumir que compreendia o muro interno da cozinha e o exterior do torreão meridional.

- Está alguém fechado aqui dentro - disse Guilherme. - Sempre me tinha perguntado se não existia outro acesso ao finis Africae, neste Edifício tão cheio de passagens. Evidentemente que há; do ossário, antes de subir à cozinha, abre-se um troço de parede e sobe-se por uma escada paralela a esta, escondida no muro, desembocando diretamente na sala murada.

- Mas quem está agora lá dentro?

- A segunda pessoa. Uma está no finis Africae, outra procurou alcançá-la, mas a de cima deve ter bloqueado o mecanismo que regula ambas as entradas. Assim, o visitante foi apanhado na ratoeira. E deve agitar-se muito porque, imagino, para aquele tubo não passará muito ar.

- E quem é? Salvemo-lo!

- Quem é vê-lo-emos dentro em pouco. E, quanto a salvá-lo, poder-se-á fazê-lo apenas desbloqueando o mecanismo do alto, porque deste lado não conhecemos o segredo. Portanto subamos depressa.

Assim fizemos, subimos ao scriptorium, e dali ao labirinto, e alcançamos em breve o torreão meridional. Tive de, por duas vezes, refrear o meu ímpeto, porque o vento que naquela noite penetrava pelas seteiras criava correntes que, insinuando-se por aquelas aberturas, percorriam as salas gemendo, soprando sobre as folhas espalhadas sobre as mesas, e tinha de proteger a chama com a mão.

Em breve chegamos à sala do espelho, já preparados para o jogo deformante que nos esperava. Levantamos as lâmpadas e iluminamos os versículos que encimavam a moldura, Super thronos viginti quatuor... Agora o segredo estava esclarecido: a palavra quatuor tem sete letras, era preciso acionar sobre o q e o r. Pensei, excitado, fazê-lo eu: pousei

rapidamente a lâmpada sobre a mesa no centro da sala, executei o gesto nervosamente, a chama foi lambar a encadernação de um livro que ali estava pousado.

- Atenção, tolo! - gritou Guilherme, e com um sopro apagou a chama. - Queres pegar fogo à biblioteca?

Desculpei-me e fiz por reacender a candeia.

- Não importa - disse Guilherme -, basta a minha. Toma-a e dá-me luz, porque a inscrição é demasiado alta e tu não chegarias lá. Façamos depressa.

- E se estivesse lá dentro alguém armado? - perguntei, enquanto Guilherme, quase às apalpadelas, procurava as letras fatais, erguendo-se na ponta dos pés, alto como era, para tocar o versículo apocalíptico.

- Dá-me luz, pelo demônio, e não temas, Deus está conosco! - respondeu-me bastante incoerentemente.

Os seus dedos estavam tocando no q de quatuor, e eu, que estava uns passos atrás, via melhor que ele aquilo que estava fazendo. Já disse que as letras dos versículos pareciam entalhadas ou gravadas no muro: evidentemente as da palavra quatuor eram constituídas por silhuetas de metal, por trás das quais estava encaixado e murado um prodigioso mecanismo. Porque, quando foi empurrado para a frente, o q fez ouvir como que um golpe seco, e o mesmo aconteceu quando Guilherme acionou o r. A moldura inteira do espelho teve como que um sobressalto, e a superfície vítrea saltou para trás. O espelho era uma porta, articulada do lado esquerdo. Guilherme inseriu a mão na abertura que se tinha criado entre o bordo direito e o muro e puxou para si. Chiando, a porta abriu-se para nós. Guilherme insinuou-se na abertura e eu deslizei atrás dele, elevando a candeia sobre a cabeça.

Duas horas depois de completas, no fim do sexto dia, no coração da noite que dava início ao sétimo dia, tínhamos penetrado no finis Africae.

SÉTIMO DIA NOITE

Onde, para resumir as revelações prodigiosas de que aqui se fala, o título deveria ser tão longo como o capítulo, o que é contrário aos costumes.

Encontramo-nos no umbral de uma sala semelhante na forma às outras três salas cegas heptagonais, em que dominava um forte odor a fechado e a livros macerados pela umidade. A candeia que mantinha alta iluminou primeiro a abóbada, depois movi o braço para baixo, para a direita e para a esquerda, e a chama despediu vagos clarões sobre as

estantes afastadas, ao longo das paredes. Por fim vimos no centro uma mesa, coberta de papéis, e por trás da mesa uma figura sentada, que parecia esperar-nos imóvel no escuro, se acaso ainda estava viva. Ainda antes que a luz iluminasse o seu rosto, Guilherme falou.

- Boa noite, venerável Jorge - disse. - Esperavas-nos?

A lâmpada agora, avançando nós alguns passos, iluminava o rosto do velho, que nos olhava como se visse.

- És tu, Guilherme de Baskerville? - perguntou. - Esperava-te desde hoje à tarde antes de vésperas, quando vim fechar-me aqui. Sabia que chegarias.

- E o Abade? - perguntou Guilherme. - É ele que se agita na escada secreta?

Jorge teve um momento de hesitação:

- Ainda está vivo? - perguntou. - Julgava que já lhe tivesse faltado o ar.

- Antes de começarmos a falar - disse Guilherme - queria salvá-lo. Tu podes abrir deste lado.

- Não - disse Jorge com cansaço -, já não posso. O mecanismo manobra-se de baixo carregando sobre a lápide, e aqui em cima salta uma alavanca que abre uma porta lá ao fundo, por trás daquele armário - e apontou para trás de si. - Poderias ver ao lado do armário uma roda com uns contrapesos, que governa o mecanismo aqui de cima. Mas quando daqui ouvi a roda girar, sinal de que Abbone tinha entrado por baixo, dei um esticão à corda que sustém os pesos, e a corda quebrou-se. Agora a passagem está fechada de ambos os lados, e não poderias reatar os fios daquele engenho. O Abade está morto.

- Porque o mataste?

- Hoje, quando me mandou chamar, disse-me que, graças a ti, tinha descoberto tudo. Não sabia ainda o que é que eu tinha procurado proteger, nunca compreendeu exatamente quais eram os tesouros, e os fins da biblioteca. Pediu-me que lhe explicasse aquilo que não sabia. Queria que o finis Africae fosse aberto. O grupo dos italianos tinha-lhe pedido que pusesse fim àquilo que eles chamam o mistério alimentado por mim e pelos meus predecessores. São agitados pela cupidez de coisas novas...

- E tu deves ter-lhe prometido que virias aqui e porias fim à tua vida como tinhas posto fim às dos outros, de modo que a honra da abadia fosse salva e ninguém soubesse de nada. Depois indicaste-lhe o caminho para vir, mais tarde, verificar. Afinal, esperava-

lo para o matares a ele. Não pensavas que pudesse entrar pelo espelho?

- Não, Abbone é pequeno de estatura, não seria capaz de chegar sozinho ao versículo. Indiquei-lhe esta passagem, que só eu ainda conhecia. É aquela que usei eu por tantos anos, porque era mais simples, no escuro. Bastava chegar à capela e depois seguir os ossos dos mortos, até ao fim da passagem.

- Assim fizeste-o vir aqui sabendo que o matarias...

- Não podia confiar sequer nele. Estava assustado. Tinha-se tornado célebre porque em Fossanova tinha conseguido fazer descer um corpo ao longo de uma escada de caracol. Injusta glória. Agora está morto porque já não conseguiu fazer subir o seu.

- Usaste-o durante quarenta anos. Quando te apercebeste que estavas a ficar cego e não poderias continuar a controlar a biblioteca, trabalhaste cautamente. Fizeste eleger abade um homem em quem podias confiar, e fizeste nomear bibliotecário primeiro Roberto de Bobbio, que podias instruir a teu bel-prazer, depois Malaquias, que tinha necessidade da tua ajuda e não dava um passo sem te consultar. Durante quarenta anos foste o senhor desta abadia. É isto o que o grupo dos italianos tinha compreendido, é isto o que Alinardo repetia, mas ninguém lhe dava ouvidos porque o consideravam há largo tempo um demente, não é verdade? Porém, tu ainda me esperavas a mim, e não poderias bloquear a entrada do espelho, porque o mecanismo está murado. Porque me esperavas, como tinhas a certeza que eu chegaria?

Guilherme perguntava, mas pelo seu tom compreendia-se que ele adivinhava já a resposta, e que a esperava como um prêmio à sua habilidade.

- Desde o primeiro dia compreendi que tu compreenderias. Pela tua voz, pelo modo como me conduziste a debater sobre aquilo de que eu não queria que se falasse. Eras melhor que os outros, chegarias lá de qualquer maneira. Sabes, basta pensar e reconstruir na própria mente os pensamentos do outro. E depois ouvi que fazias perguntas aos outros monges, todas justas. Mas nunca fazias perguntas sobre a biblioteca, como se já conhecesses todos os seus segredos. Uma noite fui bater à tua cela, e tu não estavas. Estavas certamente aqui. Tinham desaparecido duas lâmpadas da cozinha, ouvi dizer a um servo. E enfim, quando Severino veio falar-te de um livro, no outro dia no nártex, tive a certeza que estavas na mesma pista que eu.

- Mas conseguiste tirar-me o livro. Foste ter com Malaquias, que até então não tinha compreendido nada. Agitado pelo seu ciúme, o estulto continuava a ser obcecado pela idéia que Adelmo lhe tinha arrebatado o seu adorado Berengário, que então queria carne mais jovem que a sua. Não compreendia que tinha a ver Venancio com esta história, e tu confundiste-lhe ainda mais as idéias. Disseste-lhe que Berengário tinha tido uma relação com Severino, e que para o compensar lhe tinha dado um livro do finis Africae. Não sei

exatamente que coisa lhe disseste. Malaquias foi ter com Severino, louco de ciúme, e matou-o. Depois não teve tempo de procurar o livro que tu lhe tinhas descrito, porque chegou o despenseiro. Foi assim?

- Mais ou menos.

- Mas tu não querias que Malaquias morresse. Ele provavelmente nunca tinha olhado para os livros do finis Africae, confiava em ti, obedecia aos teus interditos. Ele limitava-se a dispor à noite as ervas para assustar os eventuais curiosos. Fornecia-lhas Severino. Por isso naquele dia Severino deixou entrar Malaquias no hospital, era a sua visita diária para levar as ervas frescas, que ele preparava todos os dias por ordem do Abade. Adivinhei?

- Adivinhaste. Não queria que Malaquias morresse. Disse-lhe que encontrasse o livro, de qualquer modo, e que o voltasse a pôr aqui, sem o abrir. Disse-lhe que tinha o poder de mil escorpiões. Mas pela primeira vez o insensato quis agir segundo a sua própria iniciativa. Não o queria morto, era um executor fiel. Mas não me repitas o que sabes, eu sei que sabes. Não quero alimentar o teu orgulho, disso já te encarregas tu mesmo. Ouvi-te esta manhã no scriptorium interrogar Bêncio sobre a Coena Cypriani. Estavas pertíssimo da verdade. Não sei como descobriste o segredo do espelho, mas quando soube pelo Abade que lhe tinhas referido o finis Africae tinha a certeza que em breve chegarias. Por isso te esperava. E agora que queres?

- Quero ver - disse Guilherme - o último manuscrito do volume encadernado que reúne um texto árabe, um sírio e uma interpretação ou transcrição da Coena Cypriani. Quero ver aquela cópia em grego, feita provavelmente por um árabe, ou por um espanhol, que tu encontraste quando, ajudante de Paulo de Rimini, obtiveste que te mandassem ao teu país para recolher os mais belos manuscritos do Apocalipse de Leão e Castela, um espólio que te tornou famoso e estimado aqui na abadia e te fez obter o posto de bibliotecário, quando respeitava a Alinardo, dez anos mais velho que tu. Quero ver aquela cópia grega escrita em papel de pano, que então era muito rara, e que se fabricava precisamente em Silos, perto de Burgos, tua pátria. Quero ver o livro que tu tiraste de lá, depois de o teres lido, porque não querias que outros o lessem, e que escondeste aqui, protegendo-o de modo avisado, e que não destruístes, porque um homem como tu não destrói um livro, mas guarda-o somente e provê a que ninguém lhe toque. Quero ver o segundo livro da Poética de Aristóteles, aquele que todos consideravam perdido ou jamais escrito, e do qual tu guardas talvez a única cópia.

- Que magnífico bibliotecário terias sido, Guilherme - disse Jorge, com um tom simultaneamente de admiração e de mágoa. - Então sabes mesmo tudo. Vem, creio que há um escabelo desse lado da mesa. Senta-te, eis o teu prêmio.

Guilherme sentou-se e pousou a candeia, que eu lhe tinha passado, iluminando de

baixo o rosto de Jorge. O velho pegou num volume que tinha diante de si e passou-lho. Eu reconheci a encadernação, era aquele que tinha aberto no hospital, julgando-o um manuscrito árabe.

- Lê, então, desfolha, Guilherme - disse Jorge. - Ganhaste.

Guilherme olhou para o volume, mas não lhe tocou. Tirou do saio um par de luvas, não as suas, com as pontas dos dedos descobertas, mas as que usava Severino quando o tínhamos encontrado morto. Abriu lentamente a encadernação gasta e frágil. Eu aproximei-me e inclinei-me sobre o seu ombro. Jorge, com o seu ouvido finíssimo, ouviu o rumor que eu fazia. Disse:

- Também estás aí, rapaz? Far-to-ei ver também a ti... depois.

Guilherme percorreu rapidamente as primeiras páginas.

- É um manuscrito árabe sobre os ditos de algum louco, segundo o catálogo - disse. - De que se trata?

- Oh, néscias lendas dos infiéis, onde se julga que os estultos têm ditos espirituosos que espantam mesmo os seus sacerdotes e entusiasma os seus califas...

- O segundo é um manuscrito siríaco, mas segundo o catálogo traduz um libelo egípcio de alquimia. Como é que se encontra reunido aqui?

- É uma obra egípcia do terceiro século da nossa era. Coerente com a obra que se segue, mas menos perigosa. Ninguém daria ouvidos às divagações de um alquimista africano. Atribui a criação do mundo ao riso divino... - Levantou o rosto e recitou, com a sua prodigiosa memória de leitor que desde há quarenta anos repetia a si mesmo coisas lidas quando tinha ainda o bem da vista: - Apenas Deus riu nasceram sete deuses que governaram o mundo, apenas desatou a rir apareceu a luz, à segunda risada apareceu a água, e no sétimo dia que ele ria apareceu a alma... Loucuras. E também o escrito que vem depois, de um dos inúmeros estúpidos que se puseram a glosar a Coena... Mas não são estes os que te interessam.

Guilherme, de fato, tinha feito passar rapidamente as páginas e tinha chegado ao texto grego. Vi logo que as folhas eram de matéria diversa e mais mole, quase arrancada a primeira, com uma parte da margem comida, salpicada de manchas pálidas, como de costume o tempo e a umidade produzem em outros livros. Guilherme leu as primeiras linhas, primeiro em grego, depois traduzindo em latim e continuando nesta língua, de modo que também eu pude apreender como começava o livro fatal.

No primeiro livro tratamos da tragédia e de como ela, suscitando piedade e medo,

produz a purificação de tais sentimentos. Como tínhamos prometido, tratamos agora da comédia (mas também da sátira e do mimo) e de como, suscitando o prazer do ridículo, ela chega à purificação de tal paixão. De como tal paixão é digna de consideração já dissemos no livro sobre a alma, na medida em que - único entre todos os animais - o homem é capaz de rir. Definiremos portanto de que tipo de ações a comédia é imitação, em seguida examinaremos os modos como a comédia suscita o riso, e estes modos são os fatos e o elóquio. Mostraremos como o ridículo dos fatos nasce da assimilação do melhor ao pior e vice-versa, do surpreender enganando, do impossível e da violação das leis da natureza, do irrelevante e do inconseqüente, do abaixamento dos personagens, do uso das pantomimas grotescas e vulgares, da desarmonia, da escolha das coisas menos dignas. Mostraremos em seguida como o ridículo do elóquio nasce dos equívocos entre palavras semelhantes para coisas diversas e diversas para coisas semelhantes da loquacidade e da repetição, dos jogos de palavras, dos diminutivos, dos erros de pronúncia e dos barbarismos...

Guilherme traduzia com dificuldade, procurando as palavras justas, detendo-se a espaços. Traduzindo, sorria, como se reconhecesse coisas que esperava encontrar. Leu em voz alta a primeira página, depois parou, como se não lhe interessasse saber mais nada, e folheou à pressa as páginas seguintes: mas depois de algumas folhas encontrou uma resistência, porque sobre a margem lateral superior, e ao longo do corte, as folhas estavam unidas umas às outras, como acontece quando - umedecidas e deterioradas - a matéria do papel forma uma espécie de glute colante. Jorge percebeu que o roçar das folhas viradas tinha cessado e incitou Guilherme.

- Vamos, lê, desfolha. É teu, bem o mereceste.

Guilherme riu, e parecia bastante divertido:

- Então não é verdade que me consideras tão sutil como isso, Jorge! Tu não vês, mas tenho as luvas. Com os dedos assim embaraçados não consigo separar as folhas umas das outras. Deveria proceder de mãos nuas, umedecer os dedos com a língua, como me aconteceu fazer esta manhã lendo no scriptorium, de modo que de repente também este mistério se me tornou claro, e deveria continuar a desfolhar assim enquanto uma boa dose de veneno não me tivesse passado para a boca. Digo o veneno que tu um dia, há muito tempo, tiraste do laboratório de Severino, talvez já então preocupado, porque tinhas ouvido alguém no scriptorium manifestar uma certa curiosidade ou sobre o finis Africae ou sobre o livro perdido de Aristóteles, ou sobre ambos. Creio que tu conservaste a ampola durante longo tempo, reservando-te de fazer uso dela quando percebesses um perigo. E percebeste-o há dias, quando por um lado Venancio chegou demasiado perto do tema desse livro, e Berengário, por leviandade, por vanglória, para impressionar Adelmo, se revelou menos secreto do que tu esperavas. Então vieste e preparaste a tua ratoeira. Mesmo a tempo, porque algumas noites depois Venancio penetrou aqui, levou o livro, desfolhou-o com ansiedade, com voracidade quase física. Em breve se sentiu mal, e

correu a procurar auxílio na cozinha. Onde morreu. Engano-me?

- Não, continua.

- O resto é simples. Berengário encontra o corpo de Venancio na cozinha, teme que daí nasça um inquérito, porque no fundo Venancio estava de noite no Edifício como consequência da sua primeira revelação a Adelmo. Não sabe o que fazer, carrega o corpo às costas e lança-o na calha do sangue, pensando que todos se convenceriam que se tinha afogado.

- E tu como sabes que aconteceu assim?

- Também tu o sabes, vi como reagiste quando encontraram um pano sujo de sangue na cela de Berengário. Com o pano aquele irrefletido tinha limpo as mãos depois de ter metido Venancio no sangue. Mas, uma vez que tinha desaparecido, Berengário não podia senão ter desaparecido com o livro, que agora o tinha intrigado também a ele. E tu esperavas que o encontrassem em qualquer parte, não ensangüentado, mas sim envenenado. O resto é claro. Severino encontra o livro, porque Berengário tinha ido primeiro ao hospital para o ler ao abrigo de olhos indiscretos. Malaquias mata Severino instigado por ti, e morre quando volta aqui para saber o que havia de tão proibido no objeto que o tinha feito tornar-se um assassino. Eis que temos uma explicação para todos os cadáveres... Que estúpido...

- Quem?

- Eu. Por causa de uma frase de Alinardo tinha-me convencido que a série dos delitos seguia o ritmo das sete trombetas do Apocalipse. O granizo para Adelmo, e era um suicídio; o sangue para Venancio, e tinha sido uma idéia bizarra de Berengário; a água para o próprio Berengário, e tinha sido um fato casual; a terça parte do céu para Severino, e Malaquias tinha ferido com a esfera armilar porque era a única coisa que tinha encontrado à mão. Por fim, os escorpiões para Malaquias... Porque lhe disseste que o livro tinha a força de mil escorpiões?

- Por tua causa. Alinardo tinha-me comunicado a sua idéia, depois tinha ouvido a alguém que tu também a tinhas achado persuasiva... Então convenci-me que um plano divino regulava estes desaparecimentos de que eu não era responsável. E anunciei a Malaquias que se fosse curioso pereceria segundo o mesmo plano divino, como de fato aconteceu.

- É assim então... Fabriquei um esquema falso para interpretar as manobras do culpado, e o culpado adequou-se a ele. E foi precisamente este esquema falso que me pôs na tua pista. Nos nossos dias, todos estão obcecados pelo livro de João, mas tu parecias-me aquele que mais meditava nele, e não tanto por causa das tuas especulações

sobre o Anticristo mas porque vinhas do país que produziu os Apocalipses mais esplêndidos. Um dia alguém me disse que os códices mais belos deste livro, na biblioteca, tinham sido trazidos por ti. Depois, um dia, Alinardo divagou sobre um misterioso inimigo que tinha ido procurar livros a Silos (intrigou-me o fato de dizer que tinha voltado antes do tempo para o reino das trevas: de momento podia pensar-se que queria dizer que tinha morrido jovem, afinal aludia à tua cegueira). Silos fica perto de Burgos, e esta manhã encontrei no catálogo uma série de aquisições que diziam respeito a todos os Apocalipses hispânicos no período em que tu tinhas sucedido ou ias suceder a Paulo de Rimini. E naquele grupo de aquisições estava também este livro. Mas não podia ter a certeza de quanto tinha reconstruído enquanto não soube que o livro era em papel de pano. Então recordei-me de Silos e tive a certeza. Naturalmente, à medida que tomava forma a idéia deste livro e do seu poder venenoso malograva-se a idéia do esquema apocalíptico, e no entanto não conseguia compreender como o livro e a seqüência das trombetas levassem ambos a ti, e compreendi melhor a história do livro precisamente na medida em que, orientado pela seqüência apocalíptica, era obrigado a pensar em ti e nas tuas discussões sobre o riso. De modo que, esta noite, quando já não acreditava no esquema apocalíptico, insisti em controlar as cavalições, de onde esperava o toque da sexta trombeta, e precisamente nas cavalições, por outro acaso, Adso forneceu-me a chave para entrar no finis Africae.

- Não te sigo - disse Jorge. - Tens orgulho em me mostrar como, seguindo a tua razão, chegaste até mim, e no entanto demonstras-me que chegaste lá seguindo uma razão errada. Que me queres dizer?

- Nada, a ti. Estou desconcertado, eis tudo. Mas não importa. Estou aqui.

- O Senhor tocava as sete trombetas. E tu, embora no teu erro, ouviste um eco confuso daquele som.

- Isso já o disseste na tua prédica de ontem à noite. Procuras convencer-te que toda esta história procedeu segundo um desígnio divino para ocultares a ti mesmo o fato que és um assassino.

- Eu não matei ninguém. Cada um caiu seguindo o seu destino, por causa dos seus pecados. Eu fui apenas um instrumento.

- Ontem disseste que também Judas foi um instrumento. Isto não impede que tenha sido condenado.

- Aceito o risco da condenação. O Senhor me absolverá, porque sabe que agi para a sua glória. O meu dever era proteger a biblioteca.

- Ainda há poucos momentos estavas pronto a matar-me também a mim, e mesmo este

rapaz...

- És mais sutil, mas não melhor que os outros.

- E agora que acontecerá, agora que fiz gorar a insídia?

- Veremos - respondeu Jorge. - Não quero necessariamente a tua morte. Talvez consiga convencer-te. Mas diz-me primeiro, como adivinhaste que se tratava do segundo livro de Aristóteles?

- Não me teriam bastado decerto os teus anátemas contra o riso, nem o pouco que soube da discussão que tiveste com os outros. Fui ajudado por alguns apontamentos deixados por Venancio. Não compreendia à primeira vista que coisa queriam dizer. Mas havia algumas referências a uma pedra desavergonhada que rola pela planura, às cigarras que cantarão de baixo da terra, aos venerandos figos. Já tinha lido qualquer coisa do gênero: verifiquei nestes dias. São exemplos que Aristóteles já dava no primeiro livro da Poética, e na Retórica. Depois recordei-me que Isidoro de Sevilha define a comédia como qualquer coisa que conta stupra virginum et amores meretricum... Pouco a pouco desenhou-se-me na mente este segundo livro como deveria ter sido. Poderia contar-to quase todo sem ler as páginas que deveriam infetar-me. A comédia nasce nas komai, ou seja, nas aldeias dos camponeses, como celebração jocosa depois de uma refeição ou de uma festa. Não fala dos homens famosos e potentes, mas de seres vis e ridículos, não malvados, e não termina com a morte dos protagonistas. Atinge o efeito de ridículo mostrando, dos homens comuns, os defeitos e os vícios. Aqui, Aristóteles vê a disposição para o riso como uma força boa, que pode ter também um valor cognitivo, quando através de enigmas argutos e metáforas inesperadas, embora dizendo-nos as coisas diferentes daquilo que são, como se mentisse, de fato obriga-nos a observá-las melhor, e faz-nos dizer: aí está, as coisas eram mesmo assim, e eu não sabia. A verdade atingida através da representação dos homens, e do mundo, piores do que são ou do que os julgamos, piores em todo o caso de como os poemas heróicos, as tragédias, as vidas dos santos no-los mostraram. É assim?

- Quase. Reconstruíste-o lendo outros livros?

- Sobre muitos dos quais estava trabalhando Venancio. Creio que Venancio andava há muito à procura deste livro. Deve ter lido no catálogo as indicações que eu também li e deve ter-se convencido que aquele era o livro que ele procurava. Mas não sabia como entrar no finis Africae. Quando ouviu Berengário falar dele a Adelmo, então lançou-se como o cão na pista de uma lebre.

- Foi assim, dei-me conta imediatamente. Compreendi que tinha chegado o momento em que deveria defender a biblioteca com unhas e dentes...

- E aplicaste o unguento. Deve ter sido difícil... no escuro.

- Hoje em dia vêem melhor as minhas mãos que os teus olhos. A Severino também tinha tirado um pincel. E também eu usei as luvas. Foi uma bela idéia, não foi? Levaste muito tempo a chegar lá...

- Sim. Eu pensava num engenho mais complexo, num dente envenenado ou algo de semelhante. Devo dizer que a tua solução era exemplar, a vítima envenenava-se sozinha, e precisamente na medida em que queria ler...

Dei-me conta, com um arrepio, que naquele momento aqueles dois homens, enfrentando-se numa luta mortal, se admiravam mutuamente, como se cada um tivesse agido apenas para obter o aplauso do outro. A minha mente foi atravessada pelo pensamento que as artes desenvolvidas por Berengário para seduzir Adelmo e os gestos simples e naturais com que a rapariga tinha suscitado a minha paixão e o meu desejo não eram nada, quanto a astúcia e frenética habilidade em conquistar o outro, em face da aventura de sedução que se desenrolava sob os meus olhos, naquele momento, e que se tinha estendido ao longo de sete dias, cada um dos interlocutores dando, por assim dizer, misteriosos encontros ao outro, cada um aspirando secretamente à aprovação do outro, que temia e odiava.

- Mas agora diz-me - estava dizendo Guilherme - porquê? Porque quiseste proteger este livro mais que tantos outros? Porque escondias, mas não a preço do delito, tratados de necromancia, páginas em que se blasfemava, talvez, o nome de Deus, mas por estas páginas condenaste os teus irmãos e te condenaste a ti próprio? Há tantos outros livros que falam da comédia, tantos outros ainda que contêm o elogio do riso. Porque é que este te incutia tanto pavor?

- Porque era do Filósofo. Cada um dos livros daquele homem destruiu uma parte da sapiência que a cristandade tinha acumulado ao longo dos séculos. Os padres tinham dito aquilo que era necessário saber sobre a potência do Verbo, e bastou que Boécio comentasse o Filósofo para que o mistério divino do Verbo se transformasse na paródia humana das categorias e do silogismo. O livro do Gênesis diz aquilo que é preciso saber sobre a composição do cosmo, e bastou que se redescobrissem os livros físicos do Filósofo para que o universo fosse repensado em termos de matéria surda e viscosa e para que o árabe Averroes quase convencesse todos da eternidade do mundo. Sabíamos tudo sobre os nomes divinos, e o dominicano sepultado por Abbone... seduzido pelo Filósofo... voltou a nomeá-los seguindo os caminhos orgulhosos da razão natural. Assim, o cosmo, que para o Aeropagita se manifestava a quem soubesse olhar para o alto da cascata luminosa da causa primeira exemplar, tornou-se uma reserva de indícios terrestres dos quais se remonta para nomear uma abstrata eficiência. Primeiro olhávamos para o céu, dignando-nos lançar um olhar carregado à lama da matéria, agora olhamos para a terra e cremos no céu sobre o testemunho da terra. Cada palavra do Filósofo, sobre quem hoje

em dia juram mesmo os santos e os pontífices, subverteu a imagem do mundo. Mas ele não tinha conseguido subverter a imagem de Deus. Se este livro se tornasse... se tivesse tornado matéria de aberta interpretação, teríamos franqueado o último limite.

- Mas que coisa te assustou neste discurso sobre o riso? Não eliminas o riso eliminando este livro.

- Não, decerto. O riso é a fraqueza, a corrupção, a sensaboria da nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o avinhado, mesmo a Igreja na sua sabedoria concedeu o momento da festa, do carnaval, da feira, desta poluição diurna que descarrega os humores e entrava outros desejos e outras ambições... Mas assim o riso permanece coisa vil, defesa para os simples, mistérios desconsagrados para a plebe. Também o dizia o apóstolo: em vez de arder, casai-vos. Em vez de vos rebelardes à ordem querida por Deus, ride e deleitai-vos com as vossas imundas paródias da ordem, no fim da refeição, depois de terdes esvaziado as canecas e os garrafões. Elegei o rei dos imbecis, perdi-vos na liturgia do asno e do porco, jogai a representar as vossas saturnais de cabeça para baixo... Mas aqui, aqui... - agora Jorge batia com o dedo na mesa, perto do livro que Guilherme tinha à sua frente - aqui inverte-se a função do riso, eleva-se a uma arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos, faz-se dele objeto de filosofia e de pérvida teologia... Tu viste ontem como os simples podem conceber, e pôr em prática, as mais obscuras heresias, desconhecendo quer as leis de Deus quer as leis da natureza. Mas a Igreja pode suportar a heresia dos simples, os quais se condenam por si mesmos, arruinados pela sua ignorância. A inculta insensatez de Dolcino e dos seus pares jamais porá em crise a ordem divina. Pregará violência e morrerá de violência, não deixará marcas, consumir-se-á como se consome o carnaval, e não importa se durante a festa se produziu na terra, e por breve tempo, a epifania do mundo às avessas. Basta que o gesto não se transforme em desígnio, que este vulgar não encontre um latim que o traduza. O riso liberta o vilão do medo do diabo, porque na festa dos tolos o próprio diabo aparece pobre e tolo, portanto controlável. Mas este livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é sapiência. Quando ri, enquanto o vinho lhe borbulha na garganta, o vilão sente-se senhor, porque subverteu as relações de senhoria: mas este livro poderia ensinar aos doutos os enigmas argutos, e a partir daquele momento ilustres, com que legitimar a subversão. Então transformar-se-ia em operação do intelecto aquilo que no gesto irrefletido do vilão é ainda e felizmente operação do ventre.

Que o riso seja próprio do homem é sinal dos nossos limites de pecadores. Mas deste livro quantas mentes coruptas como a tua extrairiam o extremo silogismo, pelo qual o riso é a finalidade do homem! O riso desvia, por alguns instantes, o vilão do medo. Mas a lei impõe-se através do medo, cujo nome verdadeiro é temor de Deus. E deste livro poderia partir a centelha luciferina que transmitiria ao mundo inteiro um novo incêndio: e o riso designar-se-ia como a arte nova, ignorada até de Prometeu, para anular o medo. Ao vilão que ri, naquele momento, não importa morrer: mas depois, cessada a sua licença, a liturgia impõe-lhe de novo, segundo o desígnio divino, o medo da morte. E

deste livro poderia nascer a nova e destruidora aspiração a destruir a morte através da libertação do medo. E que seríamos nós, criaturas pecadoras, sem o medo, talvez o mais provido e afetuoso dos dons divinos? Durante séculos, os doutores e os padres segregaram perfumadas essências de santo saber para redimir, através do pensamento daquilo que é alto, a miséria e a tentação daquilo que é baixo. E este livro, justificando como miraculoso remédio a comédia, a sátira e o mimo, que produziriam a purificação das paixões através da representação do defeito, do vício, da fraqueza, induziria os falsos sábios a tentar redimir (com diabólica reviravolta) o alto através da aceitação do baixo. Deste livro derivaria o pensamento que o homem pode querer sobre a terra (como sugeria o teu Bacon a propósito da magia natural) a própria abundância do país de Cocanha. Mas é isto que não devemos nem poderemos ter. Olha para os jovens monges que perdem a vergonha na paródia burlesca da Coena Cyprians. Que diabólica transfiguração da sagrada escritura! E no entanto, ao fazê-lo, sabem que isso é mal! Mas no dia em que a palavra do Filósofo justificasse os jogos marginais da imaginação desregrada, oh, então, verdadeiramente, aquilo que estava à margem saltaria para o centro, e do dentro perder-se-ia qualquer rasto. O povo de Deus transformar-se-ia numa assembléia de monstros expelidos dos abismos da terra incógnita, e naquele momento a periferia da terra conhecida tornar-se-ia o coração do império cristão, os arimaspos no trono de Pedro, os blemos nos mosteiros, os anões de ventre grande e de cabeça enorme de guarda à biblioteca! Os servos a ditarem as leis, nós (mas então tu também) a obedecermos à ausência de qualquer lei. Disse um filósofo grego (que o réu Aristóteles aqui cita, cúmplice e imunda auctoritas) que se deve dismantelar a seriedade dos adversários com o riso, e o riso adversário com a seriedade. A prudência dos nossos padres fez a sua escolha: se o riso é o deleite da plebe, que a licença da plebe seja refreada e humilhada, e atemorizada com a severidade. E a plebe não tem armas para afinar o seu riso até o fazer tornar instrumento contra a seriedade dos pastores que devem conduzi-la à vida eterna e subtraí-la às seduções do ventre, das pudenda, da comida, dos seus sórdidos desejos. Mas se alguém, um dia, agitando as palavras do Filósofo, e portanto falando como filósofo, levasse a arte do riso à condição de arma sutil, se à retórica da convicção se substituísse a retórica da irrisão, se à tópica da paciente e salvadora construção das imagens da redenção se substituísse a tópica da impaciente demo lição e do desvirtuamento de todas as imagens mais santas e veneráveis... oh, nesse dia também tu e toda a tua sapiência, Guilherme, sérieis arrasados!

- Porquê? Bater-me-ia, a minha argúcia contra a argúcia alheia. Seria um mundo melhor que aquele em que o fogo e o ferro em brasa de Bernardo Gui humilham o fogo e o ferro em brasa de Dolcino.

- Então estarias preso tu também na trama do demônio. Combaterias do outro lado do campo do Armagedão, onde terá lugar o reencontro final. Mas para esse dia a Igreja deve saber impor uma vez mais a regra do conflito. Não nos fez medo a blasfêmia, porque mesmo na maldição de Deus reconhecemos a imagem extraviada da ira de Jeová, que

maldiz os anjos rebeldes. Não nos fez medo a violência de quem mata os pastores em nome de qualquer fantasia de renovação, porque é a mesma violência dos princípios que procuraram destruir o povo de Israel. Não nos faz medo o rigor do donatista, a loucura suicida do circuncelião, a luxúria do bogomilo, a orgulhosa pureza do albigense, a necessidade de sangue do flagelante, a vertigem do mal do irmão de espírito livre: conhecemo-los a todos, e conhecemos a raiz dos seus pecados, que é a mesma raiz da nossa santidade. Não nos fazem medo e sobretudo sabemos como destruí-los, melhor, como deixar que se destruam por si levando orgulhosamente ao zênite a vontade de morte que nasce dos próprios abismos do seu nadir. Aliás, queria dizer, a sua presença é-nos preciosa, inscreve-se no desígnio de Deus, porque o seu pecado incita a nossa virtude, a sua blasfêmia encoraja o nosso canto de louvor, a sua desregrada penitência regula o nosso gosto do sacrifício, a sua impiedade faz resplandecer a nossa piedade, tal como o príncipe das trevas foi necessário, com a sua rebelião e a sua desesperação, para melhor fazer refulgir a glória de Deus, princípio e fim de toda a esperança. Ma se um dia... e já não como exceção plebéia mas como ascese do douto, confiada ao testemunho indestrutível da escritura... se fizesse aceitável, e aparecesse como nobre, e liberal, e já não mecânica, a arte da irrisão, se um dia alguém pudesse dizer (e não ser escutado): eu rio da Encarnação... então não teríamos armas para deter essa blasfêmia, porque ela apelaria às forças obscuras da matéria corporal, aquelas que se afirmam no peido e no arroto, e no arroto e o peido arrogariam para si o direito que é só do espírito, de soprar onde quer!

- Licurgo tinha mandado erigir uma estátua ao riso.

- Leste isso no libelo de Clorício, que tentou absolver os mimos da acusação de impiedade, que diz como um doente foi curado por um médico que o tinha ajudado a rir. Porque era preciso curá-lo, se Deus tinha estabelecido que a sua jornada terrena tinha chegado ao fim?

- Não creio que o tenha curado do mal. Ensinou-o a rir do mal.

- O mal não se exorciza. Destrói-se.

- Com o corpo do doente.

- Se for necessário.

- Tu és o diabo - disse então Guilherme.

Jorge pareceu não compreender. Se ele pudesse ver, eu diria que teria fixado o seu interlocutor com olhar atônito.

- Eu? - disse.

- Sim, mentiram-te. O diabo não é o príncipe da matéria, o diabo é a arrogância do espírito, a fé sem sorriso, a verdade que nunca é a florada pela dúvida. O diabo é sombrio porque sabe para onde vai, e, andando, vai sempre para o lugar de onde veio. Tu és o diabo, e como o diabo vives nas trevas. Se querias convencer-me, não o conseguiste. Eu odeio-te, Jorge, e se pudesse conduzir-te-ia lá para baixo, pelo planalto, nu, com penas de voláteis enfiadas no olho do cú e a cara pintada como um malabarista e um bufão, para que todo o mosteiro se risse de ti e não mais tivesse medo. Gostaria de te barrar de mel e depois enrolar-te nas plumas, levar-te à trela pelas feiras, para dizer a todos: este anunciava-vos a verdade e dizia-vos que a verdade tem o sabor da morte, e vós não acreditáveis na sua palavra, mas sim na sua triste figura. E agora eu digo-vos que, na infinita vertigem dos possíveis, Deus também vos consente que imagineis um mundo em que o presumível intérprete da verdade não seja mais que um melro desajeitado, que repete palavras aprendidas há muito tempo.

- Tu és pior que o diabo, menorita - disse então Jorge. - És um jogral, como o santo que vos pariu. És como o teu Francisco, que de toto corpore fecerat linguam, que fazia sermões dando espetáculos como os saltimbancos, que confundia o avaro metendo-lhe na mão moedas de ouro, que humilhava a devoção das freiras recitando o Miserere em vez da prédica, que mendigava em francês, e imitava com um pedaço de madeira os movimentos de quem toca violino, que se vestia de vagabundo para confundir os frades glutões, que se lançava nu sobre a neve, falava com os animais e as ervas, transformava o próprio mistério da natividade em espetáculo de aldeia, invocava o cordeiro de Belém imitando o balido da ovelha... Foi uma boa escola... Não era menorita aquele frade Deustesalve de Florença?

- Sim - sorriu Guilherme. - Aquele que foi ao convento dos pregadores e disse que não aceitaria comida se primeiro não lhe dessem um pedaço da túnica de frei João, para conservar como relíquia, e quando lhe deram limpou a ela o traseiro e depois lançou-a na estrumeira, e com uma vara enrolava-a no esterco gritando: ai de mim, ajudai-me irmãos, porque perdi na latrina as relíquias do santo!

- Diverte-te esta história, parece-me. Talvez queiras contar-me também aquela do outro menorita, frade Paulo Milmoscas, que um dia caiu ao comprido sobre o gelo, e os seus cidadãos troçaram dele, e um perguntou-lhe se não queria ter algo de melhor debaixo de si, e ele respondeu-lhe: sim, a tua mulher... Assim vós procurais a verdade.

- Assim Francisco ensinava a gente a olhar para as coisas de outra maneira.

- Mas disciplinamo-vos. Viste-os ontem, os teus irmãos. Reentraram nas nossas fileiras, já não falam como os simples. Os simples não devem falar. Este livro justificaria a idéia que a língua dos simples é portadora de uma certa sabedoria. Era necessário impedir isso, foi o que eu fiz. Tu dizes que eu sou o diabo: não é verdade. Eu fui a mão de Deus.

- Há limites para além dos quais não é permitido ir. Deus quis que sobre certos papéis fosse escrito: hic sunt leones.

- Deus também criou os monstros. Mesmo a ti. E de tudo quer que se fale.

Jorge alongou as mãos trêmulas e puxou para si o livro. Tinha-o aberto, mas ao contrário, de modo que Guilherme continuasse a vê-lo pelo lado justo.

- Então porque é que - disse - deixou que este texto andasse perdido ao longo do curso dos séculos, e se salvasse só uma cópia, que a cópia daquela cópia, que foi parar sabe-se lá onde, permanecesse sepultada durante anos nas mãos de um infiel que não conhecia o grego e depois jazesse abandonada no reduto de uma velha biblioteca onde eu, não tu, eu fui chamado pela providência a encontrá-la, e a trazê-la comigo, e a escondê-la durante mais anos ainda? Eu sei, sei como se o visse escrito em letras de diamante, com os meus olhos que vêem coisas que tu não vês, eu sei que esta era a vontade do Senhor, segundo a qual eu agi. Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

SÉTIMO DIA NOITE

Onde sobrevêm a ectirose e por causa da demasiada virtude prevalecem as forças do inferno.

O velho calou-se. Conservava ambas as mãos abertas sobre o livro, como se lhe acariciasse as páginas, como se estivesse estendendo as folhas para o ler melhor, ou quisesse protegê-lo de uma presa rapace.

- Tudo isto não serviu afinal de nada - disse-lhe Guilherme. - Agora acabou-se, encontrei-te, encontrei o livro, e os outros morreram em vão.

- Não em vão - disse Jorge. - Talvez em excesso. E, se acaso te servia uma prova de que este livro é maldito, tiveste-a. Mas não devem ter morrido em vão. E, a fim de que não tenham morrido em vão, uma morte não será de mais.

Disse, e começou com as suas mãos descarnadas e diáfanas a rasgar lentamente, aos pedaços e às tiras, as páginas moles do manuscrito, metendo-os à boca aos bocados e mastigando-os lentamente como se consumisse a hóstia e quisesse fazê-la carne da sua própria carne.

Guilherme olhava-o fascinado e parecia não se dar conta do que se passava. Depois sacudiu-se e debruçou-se para a frente, gritando:

- Que fazes?

Jorge sorriu, descobrindo as gengivas exangues, enquanto uma baba amarela lhe corria dos lábios pálidos sobre a penugem branca e rala do queixo.

- És tu que esperavas o som da sétima trombeta, não é verdade? Escuta agora o que diz a voz: sela aquilo que disseram os sete trovões e não o escrevas, toma-o e devora-o, isso amargará ao teu ventre mas à tua boca será doce como o mel. Vês? Agora selo aquilo que não devia ser dito, na trombeta em que me torno.

Riu, precisamente ele, Jorge. Pela primeira vez o ouvi rir... Riu com a garganta, sem que os lábios adquirissem uma expressão de alegria, e quase parecia que chorava:

- Não esperavas, Guilherme, esta conclusão, verdade? Este velho pela graça do Senhor, ainda vence, não é verdade?

E, como Guilherme procurava tirar-lhe o livro, Jorge, que pressentiu o gesto percebendo a vibração do ar, retrocedeu, apertando o volume ao peito com a mão esquerda enquanto com a direita continuava a rasgar-lhe as páginas e a metê-las à boca.

Estava do outro lado da mesa, e Guilherme, que não conseguia tocar-lhe, tentou bruscamente contornar o obstáculo. Mas fez cair o seu banco, enredando nele a veste, de modo que Jorge teve ocasião de perceber o alvoroço. O velho riu ainda, desta vez mais alto, e com insuspeitada rapidez estendeu a mão direita, localizando às apalpadelas a candeia, guiado pelo calor atingiu a chama e carregou-lhe em cima com a mão, sem temer a dor, e a chama apagou-se. A sala mergulhou na obscuridade, e ouvimos pela última vez a risada de Jorge, que gritava:

- Encontra-me agora, porque agora sou eu que vejo melhor!

Depois calou-se e não se fez ouvir mais, movendo-se com aqueles passos silenciosos que tornavam sempre tão inesperadas as suas aparições, e só ouvíamos por momentos, em pontos diversos da sala, o rumor do papel que se rasgava.

- Adso! - gritou Guilherme -, fica à porta, não o deixes sair!

Mas tinha falado demasiado tarde, porque eu, que já há alguns segundos fremia com o desejo de me lançar sobre o velho, ao cair da treva tinha-me atirado para a frente, procurando contornar a mesa do lado oposto àquele em que se tinha movido o meu mestre. Demasiado tarde compreendi que tinha dado espaço a Jorge de alcançar a porta, porque o velho sabia dirigir-se no escuro com extraordinária segurança. E de fato ouvimos um rumor de papel rasgado atrás de nós, e bastante atenuado, porque já provinha da sala contígua. E ao mesmo tempo ouvimos outro rumor, um rangido forçado

e progressivo, um gemer de gonzo.

- O espelho! - gritou Guilherme. - Está a fechar-nos cá dentro!

Guiados pelo rumor, ambos nos atiramos para a entrada, eu tropecei num escabelo e contundi uma perna, mas não fiz caso, porque num relâmpago compreendi que, se Jorge nos tivesse encerrado, nunca mais sairíamos: no escuro não encontraríamos o modo de abrir, não sabendo daquele lado o que se devia manobrar e como.

Creio que Guilherme se movia com a mesma desesperação que eu, porque o senti a meu lado enquanto ambos, alcançada a soleira, nos empurrávamos contra a parte de trás do espelho que se estava fechando sobre nós. Chegamos a tempo, porque a porta deteve-se e pouco depois cedeu, reabrindo-se. Evidentemente, Jorge, advertindo que o jogo era desigual, tinha-se afastado. Saímos da sala maldita, mas agora não sabíamos para onde se tinha dirigido o velho, e a escuridão continuava a ser total. De repente lembrei-me:

- Mestre, mas eu tenho comigo o fuzil!

- Então que esperas? - gritou Guilherme -, procura a lâmpada e acende-a!

Eu lancei-me no escuro, voltando ao finis Africae, procurando a candeia, às apalpadelas. Consegui logo, por milagre divino, rebusquei no escapulário, encontrei o fuzil, as mãos tremiam-me e falhei duas ou três vezes antes de o acender, enquanto Guilherme ofegava da porta.

- Depressa, depressa! - e finalmente fiz luz. - Depressa - incitou-me ainda Guilherme -, senão aquele come o Aristóteles todo!

- E morre! - gritei eu angustiado, alcançando-o e pondo-me com ele à procura.

- Não me importa que morra, o maldito! - gritava Guilherme, cravando os olhos em redor e movendo-se de modo desordenado. - De qualquer maneira com aquilo que comeu o seu destino já está marcado. Mas eu queria o livro! - Depois parou, e acrescentou com mais calma: - Pára. Se fizermos assim, nunca mais o encontramos. Calados e quietos um instante.

Imobilizamo-nos em silêncio. E no silêncio ouvimos não muito longe o rumor de um corpo que chocava com um armário e o estrépido de alguns livros que caíam.

- Por ali! - gritamos ao mesmo tempo.

Corremos na direção dos rumores, mas logo nos demos conta que devíamos abrandar o

passo. De fato fora do finis Africae, a biblioteca era atravessada naquela noite por rajadas de ar que sibilavam e gemiam na proporção do vento forte do exterior.

Multiplacadas pelo nosso ímpeto, elas ameaçavam apagar a candeia, tão duramente reconquistada. Não podendo nós acelerar, seria mister abrandar Jorge. Mas Guilherme teve a intuição oposta e gritou:

- Apanhamos-te, velho, agora temos a luz!

E foi sábia resolução, porque a revelação pôs provavelmente em agitação Jorge, que deve ter acelerado o passo, comprometendo o equilíbrio daquela sua mágica sensibilidade de vidente das trevas. De fato, pouco depois ouvimos um outro rumor e, quando, segundo o som, entramos na sala Y de YSPANA, vimo-lo, caído por terra, o livro ainda nas mãos, enquanto procurava levantar-se no meio dos volumes que se tinham precipitado da mesa em que ele tinha chocado e que havia virado. Procurava levantar-se mas continuava a rasgar as páginas, como para devorar o mais depressa possível a sua presa.

Alcançamo-lo quando já se tinha levantado, e sentindo a nossa presença enfrentava-nos recuando. O seu rosto, à claridade vermelha da candeia, pareceu-nos agora horrendo: as feições alteradas, um suor maligno estriava-lhe a fronte e as faces, os olhos habitualmente brancos de morte tinham-se injetado de sangue, da boca saíam-lhe farrapos de pergaminho como a uma fera famélica que se tivesse empanurrado de mais e já não conseguisse tragar a sua comida. Desfigurado pela ansiedade, pelo ataque do veneno que agora já lhe serpenteava abundantemente nas veias, pela sua desesperada e diabólica determinação, aquela que tinha sido a figura venerável do velho parecia agora repugnante e grotesca: noutros momentos poderia mover ao riso, mas também nós estávamos reduzidos ao estado de animais, a cães que perseguem a caça.

Poderíamos tê-lo agarrado com calma, em vez disso precipitamo-nos sobre ele com ênfase, ele debateu-se, apertou as mãos sobre o peito defendendo o volume, eu segurava-o com a mão esquerda enquanto com a direita procurava manter alta a candeia, mas rocei-lhe o rosto com a chama, ele pressentiu o calor, emitiu um som sufocado, um rugido, quase, deixando cair da boca pedaços de papel, abandonou a mão direita com que agarrava o livro, moveu a mão para a candeia e arrebatou-a de repente, lançando-a para a frente...

A candeia foi cair precisamente no monte de livros caídos da mesa, amontoados uns sobre os outros com as páginas abertas. O azeite entornou-se, o fogo pegou-se logo a um pergaminho fragilíssimo que ardeu como um feixe de galhos secos. Tudo aconteceu em poucos instantes, uma grande labareda elevou-se dos volumes, como se aquelas páginas milenares anelassem há séculos pelo ardor e se alegrassem em satisfazer de repente uma imemorial sede de ecpirose. Guilherme apercebeu-se de quanto estava acontecendo e

abandonou a presa sobre o velho - o qual, sentindo-se livre, recuou alguns passos -, hesitou um tanto, decerto de mais, sem saber se havia de voltar a agarrar Jorge ou lançar-se a apagar a pequena fogueira. Um livro mais velho que os outros ardeu quase de repente, lançando para o alto uma língua de fogo.

As finas lamelas do vento, que podiam apagar uma débil chamazinha, encorajavam pelo contrário uma mais forte e vivaz, e faziam mesmo brotar dela línguas de fogo errantes.

- Apaga aquele fogo, depressa! - gritou Guilherme. - Aqui arde tudo!

Eu lancei-me em direção à fogueira, depois parei, porque não sabia o que fazer. Guilherme moveu-se ainda em direção a mim, para vir em meu auxílio. Estendemos as mãos para o incêndio, procuramos com os olhos qualquer coisa com que o sufocar, eu tive como uma inspiração, tirei a veste despindo-a pela cabeça e procurei lança-la sobre o braseiro. Mas as labaredas eram agora demasiado altas, morderam a minha veste e dela se alimentaram. Retirei as mãos, que se tinham queimado, voltei-me para Guilherme e vi, mesmo por trás dele, Jorge, que se tinha aproximado de novo. O calor era agora tão forte que ele sentiu-o perfeitamente, soube com absoluta certeza onde estava o fogo, e para aí atirou o Aristóteles.

Guilherme teve um gesto de ira e deu um empurrão violento ao velho, que chocou com um armário, batendo com a cabeça contra uma esquina e caindo por terra... Mas Guilherme, a quem creio ter ouvido pronunciar uma horrível blasfêmia, não se preocupou com ele. Voltou aos livros. Demasiado tarde. O Aristóteles, ou melhor, quanto dele tinha restado da refeição do velho, já estava a arder.

Entretanto algumas chamas tinham subido pelas paredes e já os volumes de um outro armário se encontravam encarquilhando sob o ímpeto do fogo. A partir de então, não um mas dois incêndios abrasavam a sala.

Guilherme compreendeu que não poderíamos apaga-los com as mãos, e resolveu salvar os livros com os livros. Agarrou num volume que lhe pareceu melhor encadernado que os outros, e mais compacto, e procurou usá-lo como uma arma para sufocar o elemento inimigo. Mas, batendo com a encadernação guarnecida de tachas sobre a pira dos livros a arder, não fazia mais que suscitar novas centelhas. Procurou dispersá-las com os pés, mas obteve o efeito oposto, porque se levantaram no ar pedaços de pergaminho quase reduzido a cinzas que esvoaçavam como morcegos pelo ar aliado ao seu aéreo companheiro os enviava a incendiar a matéria terrestre de outras folhas.

A desventura quisera que aquela fosse uma das salas mais desordenadas do labirinto. Das prateleiras dos armários pendiam manuscritos enrolados, outros livros já desligados deixavam despontar das suas capas, como de lábios hiantes, línguas de velo ressequido

pelos anos, e a mesa devia ter contido uma quantidade grande de escritos que Malaquias (então sozinho há alguns dias) tinha descuido arrumar. De maneira que a sala, depois da ruína provocada por Jorge, estava invadida de pergaminhos que não esperavam mais que transformar-se noutro elemento.

Em muito pouco tempo a sala ficou um braseiro, uma carca ardente. Também os armários participavam naquele sacrifício e começaram a crepitar. Dei-me conta que todo o labirinto não era mais que uma imensa pira sacrificial, preparada à espera da primeira fagulha...

- Água, é preciso água! - dizia Guilherme, mas depois acrescentava. - E onde se encontra água neste inferno?

- Na cozinha, em baixo, na cozinha! - gritei.

Guilherme olhou-me perplexo, com o rosto avermelhado por aquele furioso clarão.

- Sim, mas antes que desçamos e voltemos a subir... Ao diabo! - gritou depois -, em qualquer caso esta sala está perdida, e talvez também a seguinte. Descíamos imediatamente, eu procuro água, e tu vai dar o alarme, é preciso muita gente!

Encontramos o caminho da escada, porque a conflagração iluminava também as salas sucessivas, embora cada vez mais debilmente, de modo que percorremos as últimas duas salas quase às apalpadelas. Em baixo, a luz da noite iluminava palidamente o scriptorium, e dali descemos ao refeitório. Guilherme correu à cozinha, eu à porta do refeitório, manobrando para a abrir do interior, o que consegui depois de não pouco trabalho, porque a agitação me tornava desajeitado e inábil. Sai para o planalto, corri para o dormitório, depois compreendi que não poderia acordar os monges um a um, tive uma inspiração, fui à igreja, procurando o caminho para a torre do campanário. Logo que aí cheguei, agarrei-me a todas as cordas, tocando a rebate. Puxava com força, e a corda do sino maior, subindo de novo, arrastava-me consigo. As mãos na biblioteca tinham-se-me queimado nas costas, ainda tinha as palmas sãs, de modo que as queimei fazendo-as deslizar ao longo das cordas, até que sangraram e tive de largar tudo.

Mas já tinha feito bastante barulho, precipitei-me para o exterior, a tempo de ver os primeiros monges que saíam do dormitório, enquanto de longe se ouviam as vozes dos servos que estavam assomando à soleira dos seus alojamentos. Não pude explicar-me bem, porque estava incapaz de formular palavras, e as primeiras que me vieram aos lábios foram na minha língua materna. Com a mão ensangüentada indicava as janelas da ala meridional do Edifício das quais transparecia, através do alabastro, um clarão anormal. Dei-me conta, pela intensidade da luz, que, enquanto descia e tocava os sinos, o fogo se tinha propagado já a outras salas. Todas as janelas da África e toda a fachada entre esta e o torreão oriental reluziam agora com clarões desiguais.

- Água, trazei água! - gritava eu.

A primeira ninguém compreendeu. Os monges estavam tão habituados a considerar a biblioteca um lugar sagrado e inacessível que não conseguiam capacitar-se de que ela fosse ameaçada por um acidente vulgar, como uma cabana de camponeses. Os primeiros que elevaram o olhar para as janelas benzeram-se murmurando palavras de espanto, e compreendi que acreditavam em novas aparições. Agarrei-me às suas vestes, implorei-lhes que compreendessem, até que alguém traduziu os meus soluços em palavras humanas.

Era Nicolau de Morimondo, que disse:

- A biblioteca está a arder!

- Pois - murmurei, deixando-me cair desfalecido por terra.

Nicolau deu prova de grande energia, gritou ordens aos servos, deu conselhos aos monges que o rodeavam, enviou alguém a abrir as outras portas do Edifício, impeliu outros a procurarem baldes e recipientes de toda a espécie, orientou os presentes para as nascentes e os depósitos de água da cerca. Ordenou aos vaqueiros que usassem os mulos e os burros para transportarem cântaros... Se tivesse sido um homem dotado de autoridade a dar estas disposições teria sido imediatamente obedecido. Mas os servos estavam habituados a receber ordens de Remígio, os copistas de Malaquias, todos do Abade. E nenhum dos três estava, infelizmente, presente. Os monges procuravam com os olhos o Abade, à procura de indicações e de conforto, e não o encontravam, e só eu sabia que ele estava morto, ou estava morrendo naquele momento, murado num túnel asfíxiante que agora se estava transformando num forno, num touro de Faláride.

Nicolau empurrava os vaqueiros para um lado, mas algum outro monge, animado de boas intenções, empurrava-os para o outro. Alguns irmãos tinham evidentemente perdido a calma, outros estavam ainda entorpecidos pelo sono. Eu procurava explicar, porque já tinha recuperado o uso da palavra, mas é necessário recordar que estava quase nu, tendo deitado a túnica às chamas, e a vista do rapaz que eu era, ensangüentado, de rosto enegrecido pela fuligem de corpo indecentemente imberbe, atarantado agora pelo frio, não devia decerto inspirar confiança.

Finalmente, Nicolau conseguiu arrastar alguns irmãos e outra gente para a cozinha, que entretanto alguém tinha tornado acessível. Mais alguém teve o bom senso de trazer tochas. Encontramos o local em grande desordem, e compreendi que Guilherme devia tê-lo posto em desalinho para procurar água e recipientes adequados para a transportar.

Vi naquele entretanto o próprio Guilherme, que desembocava da porta do refeitório,

com o rosto chamuscado, o hábito fumegante, na mão tinha uma grande marmita, e senti piedade dele, pobre alegoria da impotência. Compreendi que, se acaso tinha conseguido transportar ao segundo andar uma panela de água sem a entornar, e se acaso o tinha feito mais de uma vez, devia ter obtido bem pouco. Lembrei-me da história de Santo Agostinho, quando vê uma criança que tenta transvasar a água do mar com uma colher: a criança era um anjo, e fazia isso para brincar com o santo, que pretendia penetrar os mistérios da natureza divina. E como o anjo me falou Guilherme, apoiando-se exausto ao pé direito da porta:

- É impossível, jamais conseguiremos, nem sequer com todos os monges da abadia. A biblioteca está perdida.

Contrariamente ao anjo, Guilherme chorava.

Eu apertei-me a ele, enquanto ele arrancava de uma mesa um pano e tentava cobrir-me. Paramos a observar, já derrotados, aquilo que acontecia a nossa volta.

Era um acorrer desordenado de gente, alguns subiam de mãos vazias e cruzavam-se pela escada de caracol com quem de mãos vazias, impelido por estúpida curiosidade, já tinha subido e agora descia a procurar recipientes. Outros mais avisados procuravam logo panelas e bacias, para perceberem que na cozinha não havia água bastante. De improviso, a enorme sala foi invadida por alguns mulos que transportavam cântaros, e os vaqueiros que os empurravam descarregaram-nos e fizeram menção de transportar a água para cima. Mas não sabiam o caminho para subir ao scriptorium, e foi preciso tempo antes que algum dos copistas os instruissem, e quando subiam chocavam com os que desciam aterrorizados. Alguns dos cântaros quebraram-se e espalharam a água pelo chão, outros foram passados ao longo da escada de caracol por mãos diligentes. Segui o grupo e achei-me no scriptorium: do acesso à biblioteca provinha um fumo denso, os últimos que tinham tentado subir até ao torreão oriental já voltavam, tossindo, com os olhos vermelhos, e declaravam que já não se podia penetrar naquele inferno.

Vi então Bêncio. De rosto alterado, com um enorme recipiente subia do andar inferior. Ouvi aquilo que diziam os foragidos e apostrofou-os:

- O inferno engolir-vos-á a todos, covardes! - Voltou-se como para procurar auxílio e viu-me:

- Adso - gritou -, a biblioteca... a biblioteca...

Não esperou pela minha resposta. Correu para os pés da escada e penetrou ousadamente no fumo. Foi a última vez que o vi.

Ouvi um rangido que provinha de cima. Das abóbadas do scriptorium caíam pedaços de

pedra misturados com cal. Uma chave de abóbada esculpida em forma de flor soltou-se e quase me caía na cabeça. O pavimento do labirinto estava cedendo.

Desci a correr ao rés-do-chão e saí para o ar livre. Alguns servos diligentes tinham trazido escadas com as quais tentavam alcançar as janelas dos andares altos e fazer passar a água por aquela via. Mas as escadas mais altas mal chegavam às janelas do scriptorium, e quem ali tinha subido não podia abri-las do exterior. Mandaram dizer que as abrissem do interior, mas já ninguém agora ousava subir.

Entretanto, eu observava as janelas do terceiro andar. A biblioteca toda devia ter-se tornado já um único braseiro fumegante, e o fogo agora corria de sala em sala, abrindo-se rápido nos milhares de páginas secas. Todas as janelas estavam agora iluminadas, um fumo negro saía pelo teto: o fogo já se tinha comunicado às traves de cobertura. O Edifício, que parecia tão sólido e tetrágono, revelava naquela circunstância a sua fraqueza, as suas fendas, os muros comidos a partir do interior, as pedras esboroadas que permitiam à chama atingir as estruturas de madeira onde quer que elas estivessem.

De repente, algumas janelas despedaçaram-se como comprimidos por uma força interna, as centelhas saíram para o ar livre salpicando de luzes errantes o escuro da noite. O vento, primeiro forte, tinha-se tornado mais leve, e foi desventura porque, forte, teria talvez apagado as centelhas, leve transportava-as, excitando-as, e com elas fazia voar no ar pedaços de pergaminho que um facho interno tornara mais finos. Naquela altura ouviu-se um estrondo: o pavimento do labirinto tinha cedido nalguns pontos, precipitando as suas traves chamejantes no andar inferior, porque então vi línguas de chama levantarem-se do scriptorium, também ele povoado de livros e de armários, e de papéis soltos, espalhados pelas mesas, prontas para a solicitação das centelhas. Ouvi gritos de desespero provenientes de um grupo de copistas que se arrancavam os cabelos e ainda se propunham subir heroicamente, para recuperarem os seus tão amados pergaminhos. Em vão, que a cozinha e o refeitório eram agora uma encruzilhada de almas perdidas que se agitavam em todas as direções, onde cada um fazia obstáculo aos outros. A gente chocava, caía, quem tinha um recipiente entornava-lhe o salvífico conteúdo, os mulos que tinham penetrado na cozinha tinham percebido a presença do fogo e pateando precipitavam-se para as saídas, chocando com os humanos e os seus próprios assustadíssimos palafreneiros. Via-se bem que, de qualquer modo, aquela turba de vilões e de homens devotos e sábios, mas extremamente inábeis, não dirigida por alguém estava estorvando mesmo os socorros que acaso tivessem podido chegar.

Todo o planalto era dominado pela desordem. Mas estava-se apenas no início da tragédia. Porque, saindo pelas janelas e pelo teto, a nuvem agora triunfante das centelhas, encorajada pelo vento, estava caindo por todo o lado, tocando as coberturas da igreja. Não há quem não saiba quantas esplêndidas catedrais foram vulneráveis à mordedura do fogo: porque a casa de Deus aparece bela e bem defendida como a

Jerusalém celeste por causa da pedra de que faz gala, mas as muralhas e as abóbadas são sustentadas por uma frágil, embora admirável, arquitetura de madeira, e se a igreja de pedra recorda as florestas mais veneráveis pelas suas colunas que se ramificam no alto das abóbadas, ousadas como carvalhos, do carvalho tem muitas vezes o corpo-como tem igualmente de madeira todo o seu recheio, os altares, os coros, as tábuas pintadas, os bancos, os cadeirões, os candelabros. Assim aconteceu à igreja abacial de portal belíssimo que tanto me tinha fascinado no primeiro dia. Ela incendiou-se em brevíssimo tempo. Os monges e toda a população do planalto compreenderam então que estava em jogo a própria sobrevivência da abadia, e todos se puseram a correr ainda mais arrojada e desordenadamente para fazer frente ao perigo.

Decerto que a igreja era mais acessível e portanto mais fácil de defender que a biblioteca. A biblioteca tinha sido condenada pela sua própria impenetrabilidade, pelo mistério que a protegia, pela avareza dos seus acessos. A igreja, aberta maternalmente a todos na hora da oração, a todos estava aberta na hora do socorro. Mas não havia mais água, ou pelo menos muito pouca se podia encontrar depositada em quantidade suficiente, as nascentes forneciam-na com natural parcimônia e com lentidão não proporcional à urgência da tarefa. Todos poderiam ter apagado o incêndio da igreja, ninguém sabia agora como. Além disso, o fogo tinha-se comunicado por cima, onde era difícil içar-se para combater as chamas ou sufocá-las com terra e trapos. E, quando as chamas chegaram de baixo, era já inútil deitar-lhes terra ou areia que o teto ruía agora sobre os que traziam socorro, derrubando não poucos.

Assim, aos gritos de lamento pelas muitas riquezas que ardiam estavam agora a unir-se os gritos de dor pelos rostos queimados, os membros esmagados, os corpos desaparecidos sob um repentino precipitar de abóbadas.

O vento tinha-se feito de novo impetuoso e mais impetuosamente alimentava o contágio. Logo depois da igreja incendiaram-se os estábulos e as cavalariças. Os animais aterrorizados, quebraram as suas cordas, derrubaram as portas, espalharam-se pelo planalto relinchando, mugindo, balindo, grunhindo horripelantemente. Algumas centelhas atingiram as crinas de muitos cavalos, e viu-se a esplanada percorrida por criaturas infernais, por corcéis flamejantes que derrubavam tudo no seu caminho que não tinha nem meta nem trégua. Vi o velho Alinardo, que errava perdido sem ter compreendido o que acontecia, derrubado pelo magnífico Brunello, aureolado de fogo, transportado para o pó e aí abandonado, pobre coisa informe. Mas não tive nem modo nem tempo de o socorrer, nem de chorar o seu fim, porque cenas como aquela repetiam-se agora por toda a parte.

Os cavalos em chamas tinham transportado o fogo para onde o vento não o tinha ainda feito: agora ardiam também as oficinas e a casa dos noviços. Bandos de pessoas corriam de um lado para o outro da esplanada, sem meta ou com metas ilusórias. Vi Nicolau, com a cabeça ferida, o hábito em farrapos, que já vencido, de joelhos na alameda de acesso,

maldizia a maldição divina. Vi Pacífico de Tivoli, que, renunciando a qualquer idéia de socorro, estava procurando agarrar à passagem um mulo à desfilada, e como conseguiu gritou-me que também eu fizesse a mesma coisa e que fugisse, para escapar àquele torvo simulacro de Armagedão.

Perguntei-me onde estava Guilherme e temi que tivesse sido derrubado por um desabamento. Encontrei-o depois de longa busca nas proximidades do claustro. Tinha na mão a sua saca de viagem: quando o fogo já se comunicava à casa dos peregrinos tinha subido à sua cela para salvar ao menos as suas preciosíssimas coisas. Tinha trazido também a minha saca, onde encontrei alguma coisa com que me vestir. Detivemo-nos ofegantes a observar o que acontecia em redor.

Agora a abadia estava condenada. Quase todos os seus edifícios estavam, uns mais outros menos, atingidos pelo fogo. Os que estavam ainda intactos não o seriam dentro em pouco, porque tudo agora, desde os elementos naturais à obra confusa dos que socorriam, colaborava para propagar o incêndio. Permaneciam salvas as partes não edificadas, o horto, o jardim diante do claustro... Não se podia fazer mais nada para salvar as construções, mas bastava abandonar a idéia de salvá-las para se poder observar tudo sem perigo, estando em zona aberta.

Olhamos para a igreja, que agora ardia lentamente, porque é próprio destas grandes construções arder logo nas partes lenhosas e depois agonizar durante horas, por vezes durante dias. Diversamente ardia agora o Edifício. Aqui, o material combustível era muito mais rico, o fogo já propagado de todo pelo scriptorium tinha agora invadido o andar da cozinha. Quanto ao terceiro andar, onde outrora e durante centenas de anos tinha sido o labirinto, estava agora praticamente destruído.

- Era a maior biblioteca da cristandade - disse Guilherme. - Agora - acrescentou - o Anticristo está verdadeiramente próximo, porque nenhuma sapiência lhe fará mais de barreira. Por outro lado vimos o seu vulto esta noite.

- O vulto de quem? - perguntei, aturdido.

- Jorge, quero eu dizer. Naquele rosto devastado pelo ódio contra a filosofia vi pela primeira vez o retrato do Anticristo, que não vem da tribo de Judas, como pretendem os seus anunciadores, nem de um país longínquo. O Anticristo pode nascer da própria piedade, do excessivo amor de Deus ou da verdade, como o herege nasce do santo e o endemoninhado do vidente. Teme, Adso, os profetas e aqueles que estão dispostos a morrer pela verdade, que de costume fazem morrer muitíssimos com eles, freqüentemente antes deles, por vezes em seu lugar. Jorge cumpriu uma obra diabólica porque amava de modo tão lúbrico a sua verdade que ousava tudo com a condição de destruir a mentira. Jorge temia o segundo livro de Aristóteles porque ele ensinava talvez a deformar deveras o rosto de toda a verdade, a fim de que não nos tornássemos

escravos dos nossos fantasmas. Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir da verdade, fazer rir a verdade, porque a única verdade é aprender a libertar-nos da paixão insana pela verdade.

- Mas, mestre - arrisquei dolente -, vós agora falais assim porque estais ferido no mais profundo da vossa alma. Porém há uma verdade, aquela que descobristes esta noite, aquela a que chegastes interpretando as pistas que lestes nos últimos dias. Jorge venceu, mas vós vencestes Jorge, porque puseste a nu a sua trama...

- Não havia uma trama - disse Guilherme -, e eu descobri-a por engano.

A afirmação era autocontraditória, e não compreendi se verdadeiramente Guilherme queria que o fosse.

- Mas era verdade que as pegadas sobre a neve remetiam para Brunello - disse eu -, era verdade que Adelmo se tinha suicidado, era verdade que Venancio não se tinha afogado no cântaro, era verdade que o labirinto era organizado tal como o havíeis imaginado, era verdade que se entrava no finis Africae tocando a palavra quator, era verdade que o livro misterioso era de Aristóteles... Poderia continuar a enumerar todas as coisas verdadeiras que vós haveis descoberto valendo-vos da vossa ciência...

- Nunca duvidei da verdade dos signos, Adso, são a única coisa de que o homem dispõe para se orientar no mundo. Aquilo que eu não compreendi foi a relação entre os signos. Cheguei até Jorge através de um esquema apocalíptico que parecia reger todos os delitos, e no entanto era casual. Cheguei a Jorge procurando um autor de todos os crimes, e descobrimos que cada crime tinha no fundo um autor diferente, ou então nenhum.

Cheguei a Jorge perseguindo o desígnio de uma mente perversa e raciocinante, e não havia desígnio algum, ou melhor, mesmo Jorge tinha sido dominado pelo próprio desígnio inicial, e depois tinha-se iniciado uma cadeia de causas e de causas concomitantes, e de causas em contradição entre si, que tinham procedido por conta própria, criando relações que não dependiam de desígnio algum. Onde está toda a minha sabedoria? Comportei-me como um obstinado, perseguindo um simulacro de ordem, quando bem devia saber que não há uma ordem no universo.

- Mas imaginando ordens erradas encontrastes mesmo assim alguma coisa...

- Disseste uma coisa bela, Adso, agradeço-te. A ordem que a nossa mente imagina é como uma rede, ou uma escada, em que se constrói para alcançar qualquer coisa. Mas depois deve-se deitar fora a escada, porque se descobre que, se acaso servia, era privada de sentido. Er muoz gelíchesame die Leiter abewerfen, so Er an ir ufgestigen ist... Diz-se assim?

- Soa assim na minha língua. Quem o disse?

- Um místico da tua terra. Escreveu-o em qualquer parte, não me recordo onde. E não é necessário que alguém um dia encontre esse manuscrito. As únicas verdades que servem são instrumentos para deitar fora.

- Vós não podeis censurar-vos nada, fizestes o melhor que podíeis.

- E o melhor dos homens que é pouco. É difícil aceitar a idéia que não pode haver uma ordem no universo, porque ofenderia a livre vontade de Deus e a sua onipotência. Assim, a liberdade de Deus é a nossa condenação, ou pelo menos a condenação da nossa soberba.

Ousei, pela primeira e última vez na minha vida, uma conclusão teológica:

- Mas como pode existir um ser necessário totalmente tecido de possível? Que diferença há então entre Deus e o caos primigênio? Afirmar a absoluta onipotência de Deus e a sua absoluta disponibilidade a respeito das suas próprias escolhas não equivale a demonstrar que Deus não existe.

Guilherme olhou para mim sem que qualquer sentimento transparecesse dos traços do seu rosto, e disse:

- Como poderia um sábio continuar a comunicar o seu saber se respondesse sim à tua pergunta?

Não compreendi o sentido das suas palavras:

- Quereis dizer - perguntei - que não haveria mais saber possível e comunicável se faltasse o próprio critério da verdade, ou então que já não poderíeis comunicar aquilo que sabeis porque os outros não vo-lo consentiriam?

Naquele momento, uma parte dos tetos do dormitório desabou com imenso fragor soprando para o alto uma nuvem de centelhas. Uma parte das ovelhas e das cabras, que erravam pelo pátio, passaram por nós lançando atroz balidos. Uns servos passaram em tropel a nosso lado, gritando, e quase nos pisaram.

- Há aqui demasiada confusão - disse Guilherme. - Non in commotione, non in commotione Dominus.

ULTIMO FÓLIO

A abadia ardeu durante três dias e durante três noites, e de nada valeram os últimos esforços. Já na manhã do sétimo dia da nossa permanência naquele lugar, quando os supérstites se tinham apercebido que mais nenhum edifício podia ser salvo, quando desabaram os muros externos das construções mais belas, e a igreja, enrolando-se quase sobre si mesma, engoliu a sua torre, naquela altura faltou a todos a vontade de combater contra o castigo divino. Cada vez mais frouxas foram as corridas aos poucos baldes de água que restavam, enquanto ainda ardia pacificamente a sala capitular com a soberba casa do Abade. Quando o fogo atingiu o lado extremo das várias oficinas, os servos já há muito tempo que tinham salvo a maior quantidade de utensílios que podiam, e preferiram bater a colina para recuperarem ao menos parte dos animais, fugidos para fora da cerca na confusão da noite.

Vi alguns dos servos que se aventuraram no interior daquilo que restava da Igreja: imaginei que procurassem penetrar na cripta do tesouro para roubarem, antes da fuga, algum objeto precioso. Não sei o que conseguiram, se a cripta não se tinha já afundado, se os velhacos não se afundaram nas vísceras da terra na tentativa de a atingirem.

Subiam entretanto homens da aldeia, a prestar socorro, ou a procurarem também eles reunir algum espólio. Os mortos ficaram na maioria entre as ruínas ainda ardentes. No terceiro dia, tratados os feridos, sepultados os cadáveres que ficaram a descoberto, os monges e todos os outros recolheram as suas coisas e abandonaram o planalto ainda fumegante, como um lugar maldito. Não sei para onde se dispersaram.

Guilherme e eu deixamos aqueles lugares em duas cavalgaduras encontradas perdidas no bosque e que então consideramos res nullius. Dirigimo-nos para oriente. Chegando de novo a Bobbio, soubemos más notícias do imperador. Chegando a Roma, tinha sido coroado pelo povo. Considerada então impossível qualquer conciliação com João, tinha eleito um antipapa, Nicolau V. Marsílio tinha sido nomeado vigário espiritual de Roma, mas por culpa sua, ou por sua fraqueza, aconteciam naquela cidade coisas bastante tristes de referir. Torturavam-se sacerdotes fiéis ao papa que não queriam dizer missa, um prior dos agostinianos tinha sido atirado à fossa dos leões no Capitólio. Marsílio e João de Jandun tinham declarado João herege, e Luís tinha-o feito condenar à morte. Mas o imperador governava mal, estava atraindo a si a hostilidade dos senhores locais, subtraía dinheiro ao erário público. À medida que ouvíamos estas notícias, retardávamos a nossa descida para Roma, compreendi que Guilherme não queria ver-se como testemunha de eventos que humilhavam as suas esperanças.

Quando chegamos a Pomposa, soubemos que Roma se tinha rebelado contra Luís, o qual tinha subido de novo para Pisa, enquanto na cidade papal voltavam a entrar triunfalmente os legados de João.

Entretanto, Miguel de Cesena tinha dado conta que a sua presença em Avinhão não levava a qualquer resultado, aliás, temia pela sua vida, e tinha fugido, juntando-se a

Luís em Pisa. O imperador tinha entretanto perdido também o apoio de Castruccio, senhor de Luca e Pistóia, que tinha morrido.

Em resumo, prevendo os eventos, e sabendo que o Bávaro se dirigia para Munique invertamos o caminho e decidimos precedê-lo ali, até porque Guilherme advertia que a Itália se estava tornando insegura para ele. Nos meses e nos anos que se seguiram, Luís viu desfazer-se a aliança dos senhores gibelinos, no ano seguinte Nicolau antipapa entregar-se-ia a João, apresentando-se-lhe com uma corda ao pescoço.

Logo que chegamos a Munique da Baviera eu tive de me separar, no meio de muitas lágrimas, do meu bom mestre. A sua sorte era incerta, os meus parentes preferiram que eu voltasse a Melk. Desde a trágica noite em que Guilherme me tinha patenteado o seu desanimo diante das ruínas da abadia, como por tácito acordo, não tínhamos falado mais daquela história. E nem aludimos mais a ela no curso da nossa dolorosa despedida.

O meu mestre deu-me muitos e bons conselhos para os meus estudos futuros, e ofereceu-me as lentes que lhe tinha fabricado Nicolau, tendo ele agora de novo as suas. Eu era ainda jovem, disse-me, mas um dia ser-me-iam úteis (e, na verdade, tenho-as sobre o nariz, agora que escrevo estas linhas). Depois abraçou-me fortemente, com a ternura de um pai, e disse-me adeus.

Não o vi mais. Soube muito mais tarde que tinha morrido durante a grande epidemia de peste que infligiu a Europa por volta da metade deste século. Rezo sempre para que Deus tenha acolhido a sua alma e lhe tenha perdoado os muitos atos de orgulho que a sua altivez intelectual lhe tinha feito cometer.

Anos depois, homem já bastante maduro, tive ocasião de fazer uma viagem à Itália por mandado do meu Abade. Não resisti à tentação e no regresso fiz um longo desvio para visitar aquilo que tinha restado da abadia.

As duas aldeias nas faldas do monte tinham-se despovoado, as terras em volta estavam incultas. Subi ao planalto, e um espetáculo de desolação e de morte se apresentou aos meus olhos umedecidos de lágrimas.

Das grandes e magníficas construções que adornavam aquele lugar restavam ruínas dispersas, como já tinha acontecido aos monumentos dos antigos pagãos na cidade de Roma. A hera tinha revestido os pedaços dos muros, as colunas, as raras arquitraves que ficaram intactas. Ervas selvagens invadiam o terreno por todo o lado, e nem sequer se compreendia onde tinham sido outrora o horto e o jardim. Só o lugar do cemitério era reconhecível, por alguns túmulos que ainda afloravam no terreno. Único sinal de vida, grandes aves de rapina caçavam lagartos e serpentes que, como basiliscos, se escondiam entre as pedras ou deslizavam pelos muros. Do portal da igreja tinham ficado poucos vestígios corroídos de bolor. O tímpano sobrevivia pela metade, aí descobri ainda,

dilatado pelas intempéries o enlanguescido de sórdidos líquenes, o olho sinistro do Cristo no trono, e qualquer coisa do vulto do leão.

O Edifício, à parte o muro meridional, derrocado, parecia ainda estar em pé e desafiar o curso do tempo. Os dois torreões externos, que davam para o despenhadeiro, pareciam quase intactos, mas por toda a parte as janelas eram olheiras vazias cujas lágrimas viscosas eram trepadeiras pútridas. No interior, a obra da arte, destruída, confundia-se com a da natureza, e por largos espaços da cozinha o olhar corria pelo céu aberto, através do rasgão dos andares superiores e do teto, derrubados como anjos caídos. Tudo aquilo que não era verde de musgo estava ainda negro do fumo de tantos decênios antes.

Revolvendo entre os escombros encontrava de vez em quando pedaços de pergaminho, precipitados do scriptorium e da biblioteca e sobrevivendo como tesouros sepultos na terra; e comecei a recolhê-los, como se devesse recompor as folhas de um livro. Depois apercebi-me que de um dos torreões subia ainda, periclitante e quase intacta, uma escada de caracol para o scriptorium, e dali trepando por um declive de escombros, podia-se chegar à altura da biblioteca: a qual era, porém, apenas uma espécie de galeria rente às muralhas externas que dava em todos os pontos para o vazio.

Ao longo de um pedaço de muro encontrei um armário milagrosamente de pé ao longo da parede, não sei como escapado ao fogo, podre de água e de insetos. Dentro dele havia ainda algumas folhas. Outras tiras encontrei-as vasculhando nas ruínas de baixo. Pobre messe foi a minha, mas passei um dia inteiro a recolhê-la, como se daquelas disiecta membra da biblioteca devesse chegar-me uma mensagem. Alguns pedaços de pergaminho estavam descorados, outros deixavam entrever a sombra de uma imagem, às vezes o fantasma de uma ou mais palavras. Algumas vezes encontrei folhas em que eram legíveis frases inteiras, mais facilmente encadernações ainda intactas, defendidas por aquilo que tinham sido brochas de metal... Larvas de livros, aparentemente ainda sãs de fora mas devoradas por dentro: e no entanto algumas vezes tinha-se salvo uma meia-folha, transparecia um incipit, um título...

Recolhi todas as relíquias que pude encontrar, e enchi com elas duas sacas de viagem, abandonando coisas que me eram úteis para salvar aquele mísero tesouro.

Ao longo da viagem de regresso e depois em Melk passei muitas e muitas horas a tentar decifrar aqueles vestígios. Muitas vezes reconheci por uma palavra ou por uma imagem resídua de que obra se tratava. Quando, com o tempo, encontrei outros exemplares daqueles livros, estudei-os com amor, como se o fado me tivesse deixado aquele legado, como se o ter-lhe descoberto o exemplar destruído tivesse sido um claro sinal do céu que dizia tolle et lege. No fim da minha paciente recomposição desenhou-se-me como uma biblioteca menor, sinal da maior, desaparecida, uma biblioteca feita de trechos, citações, períodos incompletos cotos de livros.

Quando mais leio este elenco mais me convenço que ele é feito do acaso e não contém qualquer mensagem. Mas estas páginas incompletas acompanharam-me por toda a vida que desde então me restou viver, muitas vezes as consultei como oráculo, e quase tenho a impressão de que quanto escrevi nestas folhas, que tu agora lerás, ignoto leitor, mais não é que um centão, um carne figurado, um imenso acróstico que não diz nem repete mais que aquilo que aqueles fragmentos me sugeriram, e já nem sei se eu falei até agora deles ou se falaram eles pela minha boca. Mas, em qualquer dos casos, quanto mais recito a mim mesmo a história que daí saiu menos consigo compreender se nela há uma trama que vai para além da seqüência natural dos eventos e dos tempos que os relacionam entre si.

E é coisa dura para este velho monge, às portas da morte, não saber se a letra que escreveu contém algum sentido oculto, e se contém mais de um, muitos, ou nenhum.

Mas esta minha inabilidade para ver é talvez efeito da sombra que a grande treva que se avizinha está lançando sobre o mundo encanecido.

Est ubi gloria nunc Babylonia? Onde estão as neves de outrora? A terra dança a dança de macabré, parece-me por momentos que o Danúbio percorrido por batéis carregados de loucos que vão para um lugar obscuro.

Não me resta senão calar-me. O quam salubre, quam iucundum et suave est sedere in solitudine et tacere et loqui cum Deo! Dentro em pouco reunir-me-ei ao meu principio, e já não creio que seja o Deus da glória de que me tinham falado os abades da minha ordem, ou de alegria, como julgavam os menoritas de então, talvez nem sequer de piedade. Gott ist ein lautes Nichts, ihn rührt kein Nun noch Hier... Em breve me entranharei neste deserto amplíssimo, perfeitamente plano e incomensurável, em que o coração verdadeiramente pio sucumbe bem-aventurado. Afundar-me-ei na treva divina, num silêncio mudo e numa união inefável, e neste afundar-se se perderá toda a igualdade e toda a desigualdade, e nesse abismo o meu espírito se perderá a si mesmo, e não conhecerá nem o igual nem o desigual, nem mais nada: e serão esquecidas todas as diferenças, estarei no fundamento simples, no deserto silencioso onde jamais se vê diversidade, no íntimo onde ninguém se encontra no seu próprio lugar. Cairei na divindade silenciosa e desabitada onde não há obra nem imagem.

Está frio no scriptorium, dói-me o polegar. Deixo esta escritura, não sei para quem, já não sei a propósito de quê: *stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus*.

ÍNDICE

NATURALMENTE, UM MANUSCRITO.

PRÓLOGO.

PRIMEIRO DIA

PRIMA. Onde se chega aos pés da abadia e Guilherme dá prova de grande agudeza.

TERÇA. Onde Guilherme tem uma instrutiva conversa com o Abade.

SEXTA. Onde Adso admira o portal da igreja e Guilherme reencontra Ubertino de Casale.

CERCA DE NONA. Onde Guilherme tem um diálogo doutíssimo com Severino, o ervanário.

DEPOIS DE NONA. Onde se visita o scriptorium e se conhecem muitos estudiosos, copistas e rubricadores, assim como um velho cego que espera o Anticristo.

VÉSPERAS. Onde se visita o resto da abadia, Guilherme tira algumas conclusões sobre a morte de Adelmo, se fala com o irmão vidreiro de vidros para ler e de fantasmas para quem quer ler demasiado.

COMPLETAS. Onde Guilherme e Adso gozam da alegre hospitalidade do Abade e da irritada conversação de Jorge.

SEGUNDO DIA

MATINAS. Onde poucas horas de mística felicidade são interrompidas por um sanguinosíssimo evento.

PRIMA. Onde Bêncio de Upsala confia algumas coisas, outras confia-as Berengário de Arundel, e Adso aprende o que é a verdadeira penitência.

TERÇA. Onde se assiste a uma rixa entre pessoas vulgares, Aymaro de Alexandria faz algumas alusões e Adso medita sobre a santidade e sobre o esterco do demônio. Depois, Guilherme e Adso voltam ao scriptorium, Guilherme vê qualquer coisa de interessante, tem uma terceira conversa sobre a legitimidade do riso, mas, em definitivo, não pode olhar para onde queria.

SEXTA. Onde Bêncio conta uma estranha história, por onde se ficam a saber coisas pouco edificantes sobre a vida da abadia.

NONA. Onde o Abade se mostra orgulhoso das riquezas da sua abadia e temeroso dos hereges, e no fim Adso receia ter feito mal em andar pelo mundo.

DEPOIS DE VÉSPERAS. Onde, apesar do capítulo ser breve, o velho Alinardo diz coisas bastante interessantes sobre o labirinto e sobre o modo de ai entrar.

COMPLETAS. Onde se entra no Edifício, se descobre um visitante misterioso, se encontra uma mensagem secreta com sinais de necromante, e desaparece, mal é encontrado, um livro que depois será procurado por muitos outros capítulos e vicissitude que não é a última é o furto das preciosas lentes de Guilherme.

NOITE. Onde se penetra finalmente no labirinto, se têm estranhas visões e, como acontece nos labirintos, ali a gente se perde.

TERCEIRO DIA

DE LAUDAS E PRIMA. Onde se encontra um pano sujo de sangue na cela de Berengário desaparecido, e é tudo.

TERÇA. Onde Adso reflete no scriptorium sobre a história da sua ordem e sobre o destino dos livros.

SEXTA. Onde Adso recebe as confidências de Salvador, que não se podem resumir em poucas palavras mas que lhe inspiram muitas e preocupantes meditações.

NONA. Onde Guilherme fala a Adso do grande rio herético, da função dos simples na Igreja, das suas dúvidas sobre a cognoscibilidade das leis gerais, e quase por acaso conta como decifrou os sinais necromanticos deixados por Venancio.

VÉSPERAS. Onde se fala ainda com o Abade, Guilherme tem algumas idéias mirabolantes para decifrar o enigma do labirinto, e o consegue de modo mais razoável. Depois come-se queijo em pasteizinhos.

DEPOIS DE COMPLETAS. Onde Ubertino conta a Adso a História de frei Dolcino, Adso evoca ou lê outras histórias na biblioteca por sua conta e depois sucede que tem um encontro com uma rapariga bela e terrível como um exército alinhado para a batalha.

NOITE. Onde Adso, transtornado, se confessa a Guilherme e medita sobre a função da mulher no plano da criação, porém, descobre depois o cadáver de um homem.

QUARTO DIA

LAUDAS. Onde Guilherme e Severino examinam o cadáver de Berengário, descobrem que tem a língua negra, coisa singular para um afogado. Depois discutem sobre venenos dolorosíssimos e sobre um furto remoto.

PRIMA. Onde Guilherme induz primeiro Salvador e depois o despenseiro a confessar o seu passado; Severino encontra as lentes roubadas, Nicolau traz as novas e Guilherme com seis olhos vai decifrar o manuscrito de Venancio.

TERÇA. Onde Adso se debate nos padecimentos de amor, depois chega Guilherme com o texto de Venancio, que continua a permanecer indecifrável, mesmo depois de ter sido decifrado.

SEXTA. Onde Adso vai procurar trufas e encontra os menoritas a chegar, estes têm um longo colóquio com Guilherme e Ubertino e se sabem coisas muito tristes sobre João XXII.

NONA. Onde chegam o cardeal do Poggetto, Bernardo Gui e os outros homens de Avinhão, e depois cada um faz coisas diversas.

VÉSPERAS. Onde Alinardo parece dar informações preciosas e Guilherme revela o seu método para chegar a uma verdade provável através de uma série de seguros erros.

COMPLETAS. Onde Salvador fala de uma magia portentosa.

DEPOIS DE COMPLETAS. Onde se visita de novo o labirinto, se chega ao limiar do finis Africae mas não se pode ai entrar porque não se sabe o que são o primeiro e o sétimo dos quatro, e por fim Adso tem uma recaída, aliás bastante douda no seu mal de amor.

NOITE. Onde Salvador se deixa miseravelmente descobrir por Bernardo Gui, a rapariga amada por Adso é presa como bruxa, e todos vão para a cama mais infelizes e preocupados que antes.

QUINTO DIA

PRIMA. Onde tem lugar uma fraterna discussão sobre a pobreza De Jesus.

TERÇA. Onde Severino fala a Guilherme de um estranho livro e Guilherme fala aos legados de uma estranha concepção do governo temporal.

ULTIMO FÓLIO

SEXTA. Onde se encontra Severino assassinado e já não se encontra o livro que ele tinha encontrado.

NONA. Onde se administra a justice e se tem a embaraçosa impressão de que todos estão errados.

VÉSPERAS. Onde Ubertino se põe em fuga, Bêncio começa o observar das leis e

Guilherme fez algumas reflexões sobre os vários tipos de luxúria encontrados naquele dia.

COMPLETAS. Onde se escuta um sermão sobre a vinda do Anticristo e Adso descobre o poder dos nomes próprios.

SEXTO DIA

MATINAL. Onde os príncipes sederunt, e Malaquias desaba por terra.

LAUDAS. Onde é eleito um novo despenseiro, mas não um novo bibliotecário.

PRIMA. Onde Nicolau conta muitas coisas enquanto se visita a cripta do tesouro.

TERÇA. Onde Adso, escutando O Dies irae, tem um sonho ou visão, como se lhe queira chamar.

DEPOIS DE TERÇA. Onde Guilherme explica a Adso o seu sonho.

SEXTA. Onde se reconstrói a historia dos bibliotecários e se tem algumas noticias mais sobre o livro misterioso.

NONA. Onde o Abade se recusa a escutar Guilherme, fala da linguagem das gemas e manifesta o desejo de que não se indague mais sobre aqueles tristes acontecimentos.

ENTRE VÉSPERAS E COMPLETAS. Onde em breves palavras se contam longas horas de desvario.

DEPOIS DE COMPLETAS. Onde, quase por acaso, Guilherme descobre o segredo para entrar no finis Africae.

SÉTIMO DIA

NOITE. Onde, para resumir as revelações prodigiosas de que aqui se fala, o titulo deveria ser tão longo como o capitulo, o que é contrário aos costumes. Noite. Onde sobrevêm a ecpirose e por cause da demasiada virtude prevalecem as forças do inferno.